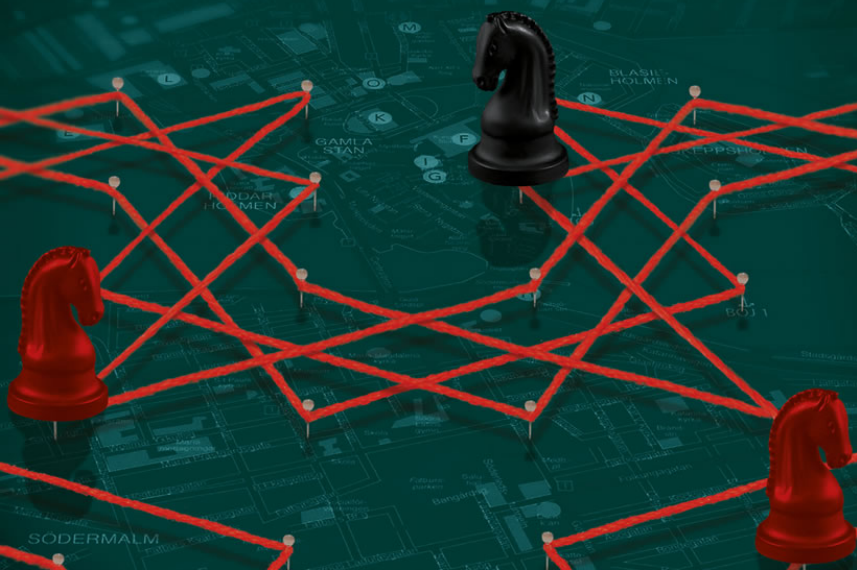


BESTSELLER INTERNACIONAL

**30 MILHÕES
DE LIVROS
VENDIDOS**

CAMILLA
LÄCKBERG
HENRIK **FEXEUS**
A SEITA



SUMA
de livros

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BESTSELLER INTERNACIONAL

**30 MILHÕES
DE LIVROS
VENDIDOS**

CAMILLA
LÄCKBERG
HENRIK **FEXEUS**
A SEITA



CAMILLA LÄCKBERG E HENRIK FEXEUS

A SEITA

Tradução de
ELIN BAGINHA



Índice

A Seita

Créditos

A Seita

Sobre este livro

Sobre os autores



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Edição em formato digital: setembro de 2023

A SEITA

Título original: *Kult*

© 2022, Camilla Läckberg & Henrik Fexeus

Publicado por acordo com Nordin Agency AB, Suécia

© desta edição:

2023, Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Suma de Letras é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda. apoia a proteção do *copyright*. Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Tradução: Elin Baginha

Revisão: Rui Augusto

Capa: André Cardoso

ISBN: 978-989-787-394-2

Composição digital: acatia.es

Composição digital PRHGE: Luís Gomes

Site: penguinlivros.pt

Twitter: @PenguinLivrosPT

Facebook: sumadeletrasportugal

Instagram: penguinlivros

PRIMEIR A SEMANA

Pela que poderá ser a centésima vez, Fredrik verifica que nada está visível através do saco de plástico; não quer revelar a surpresa antes do tempo. O sol de verão queima-lhe o rosto, devem estar vinte e nove graus lá fora, mas, apesar do calor, escolhe caminhar desde o escritório em Skanstull até ao jardim de infância de Ossian, perto da zona de Zinkensdamm. Apesar de ser quarta-feira, conseguiu sair do escritório um pouco mais cedo do que o habitual. Ninguém tem paciência para pensar em horários de trabalho rigorosos quando está tanto calor; os seus colegas, ou grande parte deles, também já devem estar sentados numa esplanada à sombra, com uma cerveja gelada na mão.

Embora a caminhada demore apenas cerca de vinte minutos, Fredrik lembra-se de que devia ter trazido uma garrafa de água, tendo em conta o calor intenso. Já teve de despir o *blazer* e arregaçar as mangas da camisa; tem o tecido colado às costas devido ao suor. Mas não se importa, hoje tudo corre precisamente como o previsto.

Verifica o saco de plástico novamente. A caixa com o *kit Lego Technic* é tão grande que chega quase às alças do saco. É um *McLaren Senna GTR*. O fascínio de Ossian por carros continua a ser um mistério; tanto Fredrik como Josefin têm um desinteresse quase militante por carros, mas o bichinho dos legos é partilhado entre pai e filho.

A indicação da faixa etária na caixa é 10+, e Ossian só tem cinco anos, mas Fredrik sabe que o filho vai resolver aquilo sem problemas, é um miúdo esperto. Às vezes, ainda mais esperto do que o pai, pensa Fredrik, e ri-se alto, virado para o sol. Um pai tão inteligente que acaba de comprar uma surpresa que implica horas de atividade dentro de casa, num dos melhores dias de verão do ano. Mas pronto, agora não há nada a fazer, amanhã de certeza que também estará bom tempo.

Além do mais, Ossian já passou o dia todo ao ar livre, algo de que realmente precisa. Quando não está concentrado nos seus legos, quase

trepa as paredes de casa. Por vezes, Josefin pergunta-se se o filho não deveria ser observado para que se chegasse a um diagnóstico, mas não faz tenção disso, pelo menos por enquanto. O nível de atividade de Ossian é, até agora, algo que veem como positivo, especialmente quando o comparam com aquelas crianças do jardim de infância que, aos cinco anos, deitam logo a mão aos telemóveis dos pais assim que eles os vão buscar. Trágico.

Ao chegar ao jardim de infância situado no bairro de Backen, Fredrik olha para o relógio e constata que, apesar do calor, caminhou tão depressa que chegou antes da hora. Provavelmente, ainda estarão a brincar no parque de Skinnarvik.

— *Hey, sexy lady...* — murmura Fredrik, enquanto sobe a colina por trás do jardim de infância.

Gangnam Style é a nova canção favorita de Ossian, e o melhor é não tentar resistir, pensa Fredrik, rindo para consigo. Até já treinaram a coreografia da música juntos.

No topo da colina há um grande parque infantil e algumas árvores, onde as crianças podem brincar. Para Ossian, é uma verdadeira floresta, e ele adora florestas.

— *Oppa Gangnam Style!* — canta Fredrik, e algumas crianças, que quase nem lhe chegam aos joelhos, olham para ele perplexas, antes de continuarem com as suas brincadeiras.

As crianças estão vestidas com coletes amarelos com logotipos de diversas escolas. É um parque infantil muito popular. Os gritos e as gargalhadas das crianças impregnam o ar, o *Lego Technic* provavelmente terá de ficar para outra altura; este dia parece feito especialmente para brincar às escondidas atrás das árvores. Também não têm pressa de ir para casa; Josefin prometeu tratar do jantar. Fredrik olha à sua volta e vê Tom, um dos educadores do jardim de infância de Backen.

— Olá! — diz Fredrik, sorrindo a Tom, que está ocupado a limpar ranho espesso do nariz de uma das crianças.

— *Opp, opp, opp, opp* — responde Tom alegremente, numa melodia bem familiar. — Adivinhe quem é que escolheu a música da aula de dança hoje?

— Eu avisei-vos, vão ter trinta crianças a dançar o *Gangnam Style* antes do final da semana! E sabe onde é que o astro da dança está? Não o vejo.

Tom acaba de limpar o nariz à criança e reflete por alguns segundos.

— Procure nos baloiços — diz. — Ele gosta de ficar lá sentado.

Claro, quando Ossian não está na fase hiperativa, gosta de andar de baloiço. Ou melhor, adora estar sentado no baloiço; é uma espécie de santuário onde pode pensar nas coisas importantes sem ser perturbado.

Fredrik vai até aos baloiços. Estão todos ocupados, mas Ossian não se encontrava em nenhum deles. Felicia, uma das amigas um pouco mais velhas de Ossian do jardim de infância, vai a afastar-se e Fredrik apressa-se para a alcançar.

— Olá, Felicia. Viste o Ossian?

— Não, só antes.

Fredrik franze a testa; uma leve sensação de que algo está errado começa insidiosamente a emergir. Sabe que é um sentimento irracional, que resulta de um radar parental demasiado protetor, que é acionado assim que algo possa estar errado, e que não se importa minimamente se existem provas disso ou não. Algo que certamente teria sido um bom instinto de sobrevivência na savana, mas que ali é completamente injustificado. Racionalmente, Fredrik sabe que é disso que se trata, mas a racionalidade não o ajuda de todo, a sensação continua a enrolar-se desconfortavelmente à volta do seu pescoço, como uma brisa fria. A grande caixa de legos que até ali lhe parecera tão emocionante agora está sobretudo a estorvá-lo, enquanto se apressa a voltar para junto de Tom.

— Ele também não está nos baloiços — diz Fredrik.

— Que estranho...

Tom olha para uma lista com nomes de crianças.

— Ele devia estar... Ah, sim, espere. A Jenya foi lá para dentro com o grupo dos mais novos. O Ossian deve ter ido com eles, para ir à casa de banho, e depois ficou por lá. Desculpe, a Jenya devia ter dito que o levou com ela... mas sabe como é...

Sim, Fredrik sabe como é, e a sensação de que algo está errado desaparece. Solta um suspiro de alívio; tanto Tom como Jenya são educadores muito competentes, mas as crianças também têm vontade própria, assim como uma capacidade infalível de não estarem onde se espera que estejam. Sente pena de Tom quando vê como ele está envergonhado, pois, quando uma pessoa tem à sua responsabilidade crianças pequenas, não se pode descuidar; de certeza que outros pais teriam feito uma cena por menos.

— Claro que sim — responde. — Bom fim de semana, Tom, vemo-nos na segunda-feira. *Oppa, oppa!*

Fredrik desce a colina quase a correr, de regresso ao edifício do jardim de infância. A porta está aberta; Fredrik entra para o corredor onde estão os cabides com os nomes de cada criança e as caixas com mudas de roupa. O cabide de Ossian está vazio. Isso por si só não significa grande coisa; se Ossian voltou para dentro para ir à casa de banho, o seu casaco pode perfeitamente ter ficado esquecido no chão da casa de banho. Ou mesmo no parque infantil, tendo em conta o calor que se faz sentir. Fredrik nem sequer devia ter vestido o casaco ao filho num dia como aquele, que despassarado. Ossian provavelmente passou o dia cheio de calor.

Fredrik não se dá ao trabalho de descalçar os sapatos antes de entrar.

— Ossian? — chama e bate na primeira das duas portas da casa de banho. — Ossian, estás aqui?

Jenya vem a andar pelo corredor, na sua direção. Atrás dela, as crianças de dois anos atiram tinta umas às outras, enquanto soltam

gritos tanto de excitação como de nojo.

— Olá, Fredrik — diz Jenya. — Esqueceram-se de alguma coisa? O Ossian está lá em cima no parque com o Tom.

A sensação de que algo não está bem volta com tanta força que quase o derruba. Agora já não é uma leve brisa na nuca, agora é um murro no estômago.

— Ele não está no parque — diz Fredrik. — Acabei de vir de lá e o Tom disse que ele devia estar contigo.

— Não, ele aqui dentro não está. Já foi ver nos baloiços?

— Sim, já disse que ele não está lá. Merda!

Fredrik vira as costas e sai a correr novamente. Já aconteceu crianças fugirem do jardim de infância. Como Felicia, que uma vez conseguiu fazer todo o caminho até casa, antes de os educadores se aperceberem de que tinha desaparecido. Os seus pais devem viver permanentemente com um aperto no estômago desde esse dia. Fredrik pergunta-se se seria possível habituar-se a essa sensação. Odeia-a.

Corre colina acima, com a maldita caixa de legos a bater-lhe na perna. Há crianças por todo o lado, procura desesperadamente entre elas, ao mesmo tempo que tenta acalmar-se. Nada ficará melhor, nem será mais fácil, se entrar em pânico. Porém, Ossian não se encontra entre aquelas crianças.

Nenhuma delas é o seu filho.

Tom arregala os olhos quando vê que Fredrik está de volta. Parece compreender a situação de imediato.

— Ele tem de estar aqui — diz Fredrik, e larga o saco para poder mover-se mais rapidamente pelo parque.

Tom pergunta às crianças que estão mais próximas se viram Ossian. As casinhas de madeira. Ossian pode ter-se escondido nas casinhas de madeira. Fredrik corre para elas, mas, já de longe, consegue ver que estão vazias. Onde mais poderá... Certamente que não estará entre as árvores. Pelo menos sozinho. Alguém daria conta se fosse esse o caso.

Felicia.

Felicia disse que tinha visto Ossian antes.

Fredrik corre de volta para junto de Tom e das outras crianças. Tem a garganta a arder do esforço físico e o suor escorre-lhe da testa e ao longo das costas. Felicia está ali a construir um castelo de areia com um balde. Como se nada de especial estivesse a acontecer. Como se o mundo não estivesse a desabar.

— Felicia — diz Fredrik, esforçando-se por não soar tão descontrolado como se sente por dentro. — Disseste que viste o Ossian antes. Quando é que isso foi?

— Quando ele estava a falar com a senhora má — responde Felicia, sem desviar os olhos da sua construção de areia.

— A senhora má... — repete Fredrik, e a sua garganta transforma-se imediatamente em lixa. — Era uma senhora velha?

Felicia abana decididamente a cabeça, enquanto achata o castelo com uma pá.

— Não era velha — responde. — Era como a minha mãe. Ela fez anos, por isso agora já tem trinta e cinco.

Fredrik engole em seco. Alguém esteve ali. Alguém esteve ali e falou com o seu filho. Alguém que não era um educador ou um pai. Um desconhecido. Fredrik agacha-se ao lado de Felicia, resistindo ao impulso de a sacudir.

— Sabes quem era essa senhora? — pergunta-lhe, esforçando-se por não levantar a voz. — E porque é que dizes que ela era má?

Felicia levanta o olhar do castelo de areia com lágrimas nos olhos. Fredrik dá um passo atrás para não perder o equilíbrio. Vê-o no olhar de Felicia, já sabe muito bem o que aconteceu, aquilo que nunca deve acontecer. Aquilo que nunca *pode* acontecer.

— Eu não quis saber dos carrinhos de brincar dela para nada — diz Felicia. — O Ossian gostou deles, eu não. Mas eu também queria dar festas aos câezinhos; ela disse que estavam dentro do carro, mas que

eu não podia ir, só o Ossian é que podia ir vê-los. E depois foram-se embora.

Um buraco negro abre-se no peito de Fredrik, por onde ele cai de cabeça.

Mina colocara-se à porta de entrada, a inspecionar o local. Não estava muita gente no ginásio naquela tarde. Ainda bem. E as poucas pessoas que lá estavam eram na maioria mais velhas. Os jovens do ensino secundário, as mulheres do *crossfit* e os homens musculados já lá tinham estado. Às três da tarde de um dia de semana, eram os seniores que reinavam no ginásio, pelo menos durante uma hora. O que era bom para Mina, porque eram consideravelmente mais cuidadosos com a limpeza das máquinas, depois de as utilizarem, bem como depois dos brutamontes suados que lá tinham estado antes. Não que Mina pensasse correr qualquer risco: no bolso do casaco de treino trazia, como sempre, um par de luvas finas descartáveis, dois pequenos frascos de *spray* desinfetante, panos de microfibras e um saco de plástico com fecho, onde podia colocar tudo o que utilizasse.

No programa de treino de hoje estavam as pernas e o tronco. Mina calçou as luvas e dirigiu-se para uma das máquinas de exercícios de pernas que estava livre, onde começou a pulverizar minuciosamente todas as peças. Já tinha reparado que algumas pessoas só borrifavam os manípulos das máquinas, ou pior, apenas o assento, mas a sujidade e as bactérias das outras pessoas podiam ir parar a todo o lado. Não conseguia compreender tanto descuido.

Dobrou o pano ao meio, colocou-o no saco de plástico com fecho e pegou num novo. Entrar no ginásio era como entrar num potencial foco de infeções, e por isso seria impossível treinar no ginásio da esquadra; Mina sabia muito bem a quantidade de javardos que por lá pululavam. Aqui, pelo menos, não precisava de olhar para a javardice.

Idealmente, teria preferido treinar com máscara de proteção, dado o que provavelmente se espalhava pelo ar ali dentro. Já tinha ouvido dizer que quem levantava pesos muitas vezes se descuidava com o esforço, e até ficava com dificuldade em respirar quando pensava nas bactérias fecais que corriam pelo sistema de ventilação. No entanto, treinar de máscara só chamaria a atenção, o que era desnecessário. Por outro lado, talvez pudesse arranjar uma máscara de simulação de altitude, como as que algumas pessoas usavam para exercitar os

músculos respiratórios.

— Vai treinar ou vai fazer limpezas? Se já tiver acabado, eu gostava de usar essa máquina.

Mina sobressaltou-se e levantou os olhos do apoio das costas que estava a limpar. Um homem na casa dos setenta anos, com óculos redondos pequenos e cabelo grisalho, estava à sua frente com ar inquisidor. Vestia uma *T-shirt* vermelha, não uma *T-shirt* desportiva feita de material respirável, mas uma *T-shirt* normalíssima de algodão. Com uma enorme mancha escura de suor no peito. Mina estremeceu.

— Sabe quão pouco higiénica essa *T-shirt* de algodão é? — perguntou-lhe. — Fica encharcada em suor, que depois passa para as máquinas. Não devia ser permitido treinar com esse tipo de roupa.

O homem lançou-lhe um olhar assassino; depois abanou a cabeça e foi-se embora. Aparentemente, Mina não valia o seu tempo. Não que ela se importasse minimamente com isso. Passou o pano mais algumas vezes no encosto, antes de o enfiar no saco de plástico, juntamente com as luvas. Sentou-se então na máquina e ajustou os pesos. O homem com a *T-shirt* vermelha estava a fazer exercícios de braços na barra suspensa, de costas para ela. Claro que também tinha uma enorme mancha de suor nas costas, e Mina torceu o nariz: se a escolha era entre ser popular e permanecer saudável, então era óbvio que, para ela, a questão nem se colocava. As pessoas que ficassem com as suas bactérias e o seu olhar reprovador.

Mina estava habituada a que os outros pensassem nela como um extraterrestre, mas não precisava deles na sua vida; aquela história de sentimentos de pertença a um grupo era provavelmente um mito, como o das almas gémeas, o amor verdadeiro e outros conceitos irreais comercializados por Hollywood, o que só provocava ansiedade nas pessoas normais. Até sabia de estudos que demonstravam que era realmente assim; tinha lido algures que as pessoas classificavam as suas relações e os seus parceiros como menos positivos depois de assistirem a comédias românticas. Porque nenhuma relação da vida real podia corresponder à ideia inventada de «amor eterno».

Ela própria não se sentira ligada a rigorosamente ninguém nos últimos tempos. Nem em tempos passados, aliás, com a exceção do pouco tempo que passara com a sua filha. No entanto, o homem com quem em tempos vivera não evocava propriamente sentimentos calorosos. Não, não havia nada de «pertença» ali, com ninguém.

A não ser...

Com ele.

O mentalista.

Mas isso já tinha sido há muito tempo.

Mina vira o anúncio ao novo espetáculo de Vincent no Facebook. E estivera quase para comprar um bilhete. Mas não o fizera. Não sabia como reagiria se o visse num palco. E se ele não a reconhecesse na plateia?

E se a reconhecesse?

Mina franziu a testa. Era melhor manter a distância, pelo sim, pelo não. Afinal de contas, ele nem sequer voltara a contactá-la. Claro que Mina percebia porquê. Para começar, Vincent tinha uma família, e Mina não estranhava que a sua mulher se tivesse perguntado o que é que ele e Mina tinham andado a fazer naquela altura, há quase dois anos. Vincent contara-lhe que Maria era uma pessoa extremamente ciumenta, e os acontecimentos na ilha dificilmente teriam sido benéficos nesse aspeto. Mina quase morrera, juntamente com Vincent. Seria razoável que a mulher de Vincent a odiasse depois disso. Não que a culpa tivesse sido sua; de qualquer forma, Mina é que era a agente de autoridade.

Além disso, ela e Vincent tinham partilhado algo que não era possível explicar a outras pessoas. E os acontecimentos em Lidö uniram-nos ainda mais do que antes. Ao mesmo tempo, era precisamente essa ligação que tornara difícil manterem o contacto. Tinham-se tornado muito próximos um do outro, mais próximos do que Mina conseguira suportar. Por isso, era melhor assim. Mantendo-se sozinha, estava dentro do seu forte, estava segura. E Vincent

provavelmente sentia o mesmo.

Mas, ainda assim.

— Lembrem-se de uma coisa — disse Vincent —, aquilo que vão ver agora não é real. É uma demonstração de como se pode apresentar capacidades sobrenaturais sem se ter de facto alguma. E acreditem em mim: eu não tenho, de todo, essas capacidades!

Vincent ergueu uma sobrancelha num silencioso «ou terei?». Cerca de metade do público riu-se, mas foi um riso forçado, um riso inseguro. O que era precisamente a sua intenção.

A sala de concertos e congressos de Linköping estava esgotada, apesar de ser um dia de semana. Mil e duzentas pessoas, vindas tanto da cidade como das localidades vizinhas, para verem o Mestre Mentalista, a uma quarta-feira à noite. Na realidade, era um público demasiado numeroso para o seu gosto, mas a sua participação na investigação dos homicídios há quase dois anos gerara muita atenção mediática. Se antes não era ainda uma figura pública, isso mudou certamente depois. Não ele próprio, claro. Ninguém sabia quem Vincent era. Mas o Mestre Mentalista, a figura que a comunicação social adorava. E o público também. Os bilhetes vendidos tinham duplicado depois da notícia de que Vincent quase morrera num tanque de água.

Não obstante, Umberto conseguira manter os detalhes mais privados sobre o envolvimento de Vincent no caso fora da comunicação social. O que era a única razão pela qual ainda tinha uma carreira. O público provavelmente teria olhado para ele com outros olhos se soubesse que, por sua causa, ainda que indiretamente, três pessoas tinham sido assassinadas. Claro que Vincent era inocente, pelo menos no que dizia respeito aos homicídios, mas inocência era sempre um termo relativo para a imprensa. Por esse motivo, ele e o seu agente tinham feito os possíveis para manter em segredo tanto quem Jane era como a sua motivação, algo que fora facilitado pelo facto de Jane e Kenneth terem desaparecido da face da Terra.

O jornal *Expressen* fizera uma tentativa de investigar a história da sua mãe, mas Umberto descobrira e acabara com os inquéritos de imediato. Ameaçara que o jornal nunca mais receberia nenhum

comunicado de imprensa, ou qualquer entrevista com os artistas que ele representava, se publicassem alguma coisa. Estariam realmente dispostos a sacrificar a porta de entrada para metade do mundo do entretenimento na Suécia só por uma história sensacionalista? A resposta foi «não», obviamente. Vincent assumiu que o temperamento latino de Umberto também teria ajudado.

O detalhe de que os assassinos tinham associado as letras do seu nome às datas dos homicídios, no entanto, espalhara-se pela comunicação social. Era uma história demasiado boa para não ganhar vida própria. Depois disso, as pessoas começaram a enviar enigmas, charadas e quebra-cabeças para Vincent, sem pensar em quão insensível isso realmente era. Por outro lado, se as pessoas fossem fáceis de compreender, ele nunca se teria tornado mentalista.

— Aquilo que eu vou fazer agora pode parecer uma coisa saída do século passado — continuou. — Mas os mesmos métodos ainda são utilizados para iniciar movimentos religiosos. E seitas, inclusive.

O palco estava decorado como um salão do final do século XIX, e Vincent usava trajes desse período. Duas poltronas de couro estofadas tinham sido colocadas de frente uma para a outra; numa delas estava sentado um homem, visivelmente nervoso.

Vincent perguntara anteriormente se havia alguém na plateia com formação em medicina, ou que pelo menos soubesse medir a pulsação, e o homem fora uma das pessoas que levantara o braço. Quando Vincent o convidara a subir ao palco, o homem mostrara-se completamente calmo; na verdade, até se rira. Porém, depois de Vincent o convencer a assinar um papel que declarava que o homem não tinha qualquer responsabilidade, médica ou legal, pelo que ia acontecer, e que Vincent assumia a total responsabilidade pelas suas ações, o homem ficara consideravelmente mais nervoso. E não só ele, todo o público também. Vincent adorava aquilo. O contrato assinado era uma forma fácil de criar uma situação dramática, mas, quando pedia a assinatura de alguém, Vincent também se recordava de que o número poderia realmente correr mal.

— Então, Adrian — disse, sentando-se na poltrona vazia, ligeiramente na diagonal em relação ao homem. — Vamos tentar entrar em contacto com o outro lado. Com o mundo dos mortos. Tem algum parente falecido com quem deseje entrar em contacto? Estou a ter uma sensação de saudade do seu lado, mas acho que não é da sua avó materna... porque sinto que ela ainda está viva... mas talvez... o seu avô? Sente falta dele?

O homem riu-se, um pouco nervoso, e contorceu-se na poltrona.

— Sim, a minha avó Elsa ainda está viva — respondeu. — Mas o meu avô Arvid morreu há dez anos. Avô materno, portanto.

Era um truque simples, qualquer médium conseguia fazer aquilo. Era uma dedução básica; o homem parecia ter pouco menos de trinta anos, o que queria dizer que os pais deviam ter entre os cinquenta e os sessenta anos. E os pais deles, por sua vez, entre os oitenta e os noventa. Uma vez que a esperança média de vida das mulheres é superior à dos homens, era estatisticamente mais provável que a avó estivesse viva, mas não o avô. Em qualquer outro contexto, Vincent teria sentido vergonha por ter usado aquele *bluff*, principalmente quando viu como o homem à sua frente ficou comovido. Mas aquele truque era precisamente sobre como se enredava alguém, como se conquistava a sua confiança e, finalmente, o seu dinheiro. Assim sendo, todos os meios eram permitidos.

— Então, vamos lá tentar encontrar o seu avô Arvid — disse Vincent. Depois olhou para a plateia. — E, mais uma vez, isto não será real. — Virou-se para Adrian com ar sério. — Agora vou entrar em contacto com o outro lado — anunciou-lhe. — Mas, para o conseguir fazer, primeiro preciso eu próprio de... passar.

Vincent pegou num cinto e levantou-o para que toda a gente o pudesse ver. Depois, enrolou-o à volta do pescoço e passou a ponta através da fivela para criar um laço. Estendeu o braço esquerdo para o homem, que começava a parecer cada vez mais pálido.

— Meça a minha pulsação — pediu-lhe. — E vá batendo com o pé

ao ritmo dos meus batimentos cardíacos, de forma que todos o possam ouvir.

O homem agarrou-lhe o pulso e passou alguns segundos a procurar a pulsação com os dedos indicador e médio até estar satisfeito. Depois começou a bater ritmicamente com o pé no chão, a acompanhar os batimentos cardíacos de Vincent. Vincent olhou-o nos olhos.

— Vemo-nos quando eu voltar — disse. — Assim espero. Continue sempre a seguir o meu pulso com o pé.

Depois apertou o cinto à volta do pescoço e fez um esgar. Aquela parte não precisava de fingir, magoava-o de verdade. Continuou a manter o cinto apertado, enquanto Adrian batia com o pé no chão ao ritmo da sua pulsação. Ao fim de alguns segundos, o bater do pé de Adrian começou a abrandar.

Vincent fechou os olhos e deixou a cabeça pender para a frente, mas sem largar o cinto. Adrian bateu o pé mais algumas vezes, antes de parar. Um burburinho nervoso e de choque percorreu o público. Adrian continuava a segurar-lhe o pulso, mas já não batia com o pé. O significado daquilo era claro como a água, Vincent já não tinha pulsação. Acabara de se estrangular a si próprio.

Vincent esperou até ouvir as pessoas na plateia começarem a contorcer-se nas cadeiras. Esse era o sinal de que estavam a ficar verdadeiramente assustadas. Então, ergueu lentamente a cabeça e largou o cinto. Depois virou-se para Adrian e olhou para ele com os olhos enevoados.

— Adrian — murmurou.

Adrian sobressaltou-se.

— Um espírito está aqui na sala e diz que se chama Arvid — continuou Vincent com a voz rouca. — Vamos confirmar que se trata mesmo do seu avô. Pergunte-lhe alguma coisa que só você e ele poderiam saber, talvez algo sobre a sua infância. O Arvid diz... o Arvid diz que o ensinou a andar de bicicleta? Talvez algo sobre isso?

Adrian assentiu com a cabeça, claramente confuso.

— Pergunte-lhe onde é que eu me magoei — disse.

Vincent ficou em silêncio durante alguns segundos, como se estivesse a escutar uma voz que só ele podia ouvir.

— Fez uma ferida no joelho — disse. — E combinaram que não iam dizer nada à sua mãe. Ainda hoje tem uma cicatriz.

Adrian soltou o braço de Vincent, com uma expressão visivelmente chocada. A verdade era que a maioria das pessoas tinha a memória de ter esfolado o joelho na infância. A restante conversa de Vincent fora um puro palpite. Porém, as memórias eram coisas vulneráveis; mesmo que não tivesse acontecido tal como ele disse, na cabeça de Adrian seria assim, a partir de agora.

— O Arvid tem uma mensagem para si — continuou Vincent. — Ele diz... diz que tem de ser persistente e acreditar em si próprio. Que tudo vai correr pelo melhor, só vai demorar um pouco mais do que tinha planeado. Mas que não pode perder a esperança. Percebe o significado disto?

Adrian assentiu com a cabeça, em silêncio.

— Está a falar sobre o meu negócio — respondeu. — Foi a última coisa de que falámos, antes de ele morrer. Ainda não consegui avançar.

— Ele também diz que se arrepende do que aconteceu. O que é que isso quer dizer?

— Não falámos muito nos últimos anos — respondeu Adrian em voz baixa. — Tivemos uma discussão.

— Sim, ele está arrependido. Também diz que o amava nessa altura e continua a amá-lo agora.

As lágrimas começaram a correr pelo rosto de Adrian. Vincent criava um grande impacto com aquela parte do espetáculo, mas, ao mesmo tempo, detestava ver a força com que aquilo afetava as pessoas. Limitava-se a aproveitar-se do chamado efeito Barnum, que consistia em fazer declarações que soavam específicas, mas que eram extremamente abertas à interpretação e que se adequavam à grande

maioria das pessoas. O truque clássico que os médiuns utilizavam era deixar o cliente chegar ao significado daquilo que os «espíritos» lhe diziam, porque assim o médium nunca podia estar errado. Quando algo não fazia sentido, podiam simplesmente dizer que era o cliente que não estava a fazer a associação de ideias correta.

— O contacto está a ficar mais fraco — disse Vincent, em esforço.
— Tem alguma coisa para dizer, antes que seja tarde demais?

— Apenas... obrigado — sussurrou Adrian. — Obrigado.

Vincent esticou o braço e deixou a cabeça pender novamente para a frente, visivelmente inconsciente. O silêncio era total na sala. Hesitante, Adrian pegou-lhe novamente no pulso e procurou os seus batimentos cardíacos com os dedos. Ao fim de algum tempo, começou a bater levemente com o pé no chão do palco. Lentamente e sem ritmo, ao início. Depois, numa batida cada vez mais regular e com mais força, até a pulsação de Vincent regressar ao normal.

Vincent abriu os olhos e pegou na mão de Adrian com um sorriso cauteloso. Aquele número nunca arrancava grandes aplausos do público; as pessoas ficavam demasiado abaladas pela experiência, demasiado inseguras sobre o que realmente tinham presenciado. Mas Vincent sabia que era algo de que iriam falar durante meses.

— Lembrem-se — disse para o público, as mesmas palavras com que havia começado, mas agora num tom muito mais suave. As pessoas estavam vulneráveis e Vincent tinha de respeitar isso. — Eu não consigo contactar espíritos nenhuns. Na verdade, acho que ninguém o consegue fazer, porque não acredito que os espíritos existam. O que consigo fazer, na verdade, é dar a ideia de que isso acontece, tal como um médium, que pode ser igualmente convincente. As mesmas técnicas psicológicas e verbais usadas há cento e cinquenta anos ainda são usadas hoje em dia, para dar a impressão de que alguém que cobra muito dinheiro à hora pode entrar em contacto com os vossos entes queridos que já não estão entre nós. Como sempre, quando alguma coisa parece demasiado boa para ser verdade, geralmente é. Obrigado por terem vindo esta noite.

Vincent abandonou o palco antes de o público começar a aplaudir. Queria deixá-los em reflexão, desta vez.

Sentia a garganta dorida, aquele maldito cinto magoava-o. Tinha de ter mais cuidado. Além de que hoje também parara a pulsação durante demasiado tempo. O contacto com os espíritos podia ser falso, mas parar a pulsação era real. Apesar de o fazer através de outro método que não com o cinto e de o estrangulamento da pulsação acontecer apenas no braço e não no corpo todo. O facto de haver técnicas para parar a pulsação em certas partes do corpo era um dos segredos mais bem guardados do mentalismo, e Vincent nunca revelara a ninguém como o fazia. Porém, era indiferente ser apenas no braço; ao fim de trinta segundos, tornava-se igualmente muito perigoso. Na maior parte das vezes, as pessoas largavam o seu braço assim que a pulsação parava, mas Adrian continuara a segurá-lo. Pelo que Vincent não tivera escolha. Não via a hora de terminar esta temporada de espetáculos; não era nada bom bloquear o fluxo sanguíneo no corpo tantas vezes.

Desceu para o *green room* e viu as garrafas de água mineral em cima da mesa. Três garrafas. Cerrou os maxilares; a visão das três garrafas era como ouvir um tom dissonante. Abriu o frigorífico rapidamente e retirou outra garrafa, de forma a restarem quatro. Só então é que os seus maxilares relaxaram. Depois encheu um copo com água da torneira, sentou-se no sofá e soltou um suspiro profundo.

O público continuava a aplaudir lá fora, mas Vincent não deu importância. Seria demasiado fácil voltar ao palco, sorrir abertamente e transformar a experiência em algo inofensivo; pelo contrário, ele preferia que ficassem perplexos, de volta dos seus pensamentos.

Descansaria um pouco e depois mudaria de roupa. Andava a praticar não se deitar no chão depois de cada apresentação; por vezes resultava, normalmente não. Pegou no telemóvel. Sains Bergander, o amigo de Vincent que construía ilusões e o ajudara na investigação do homicídio de Tuva e dos outros homicídios associados, estava na plateia, e Vincent tinha curiosidade em saber o que ele achara do novo

espetáculo. Sains enviara-lhe uma mensagem no preciso momento em que Vincent deixara o palco — constatou-o na notificação. Mas a mensagem de Sains teria de esperar; talvez outras pessoas o tivessem contactado.

Mais especificamente, outra pessoa.

Vincent acedeu à aplicação das mensagens e, tal como pensara, tinha algumas por ler. Mas não a que estivera à procura, aquela que viria da pessoa que mudara a sua vida quando se tornara parte dela. Aquela com quem ousara partilhar o seu eu mais íntimo. E que depois desaparecera da sua vida tão depressa como entrara.

Fora em outubro que a vira pela última vez. Depois viera o inverno, a primavera, o verão, o outono... O verão chegara entretanto. Não falava com ela há mais de um ano e meio. Quase dois. Não que Vincent tivesse tentado contactá-la, por muito que quisesse. Mas ele e Maria tinham começado a fazer terapia de casal e Vincent queria evitar que os ciúmes da sua mulher fossem acicatados desnecessariamente. Acabariam por abandonar as sessões de terapia, uma vez que não os ajudara tanto como seria de esperar. Mas nessa altura já tinha passado demasiado tempo, e Vincent não queria intrometer-se depois de vários meses de silêncio. Sabia que ela defendia a sua privacidade e tinha de respeitar isso. Mesmo que sentisse falta da intimidade.

Claro que também não havia motivo para ela entrar em contacto com ele. Ela deixara claro que preferia cuidar de si própria, e Vincent não fazia a menor ideia de como a sua vida era hoje em dia. Talvez estivesse casada, tivesse constituído família. Talvez vivesse no estrangeiro.

Porém, não conseguia evitá-lo. A primeira vez que a vira, tinha sido depois de um espetáculo. Desde então, continuava a procurá-la todas as vezes que saía do palco. Não obstante, a lista de mensagens no seu telemóvel falava por si.

Mina também não o contactara esta noite.

Amanda retirou os óculos e sorriu para ele. Depois, cruzou uma perna sobre a outra e inclinou-se para a frente na cadeira. Estavam sentados de frente um para o outro, sem nenhuma mesa pelo meio. Ao início, Ruben achara aquilo extremamente desconfortável, sentia-se exposto. Mas depois habituara-se. De tal maneira que nem tentava olhar-lhe para o decote quando ela se inclinava. Já não. E Amanda estava muito longe de ser pouco atraente.

— Quer dizer que estou pronto? — perguntou Ruben, e olhou para o relógio.

Só estava ali há meia hora, mas Amanda já parecia pronta para terminar o encontro.

— Pronto acho que nunca ninguém está — respondeu ela. — Mas já não vejo razão para continuar a vir aqui, a não ser que surja algo novo. Mas isso não me cabe a mim decidir. O que é que o Ruben sente?

Ruben olhou para Amanda, a psicóloga com quem se encontrava duas quintas-feiras por mês, há mais de um ano. O que é que sentia? Outra pergunta de merda, mas que já não o irritava tanto como ao princípio.

— O que eu sinto?... Podemos deixar isso para o Freud — respondeu. — Se há alguma coisa que aprendi aqui, foi que as minhas emoções não precisam de ser aquilo que eu penso que são. Aquilo sobre o que eu escolho *agir* já não são as minhas emoções, mas sim os meus pensamentos racionais. Tal como me absteve de ter sexo durante meio ano. Por mais que o meu lado emocional queira ir para a cama com alguém.

Amanda ergueu uma sobrancelha num questionamento silencioso.

— Não, não tenho andado no engate, de todo — confirmou Ruben. — Tal como combinámos. É isso que quero dizer, não vou abster-me completamente; afinal, sou um homem na flor da idade, mas já não me parece tão essencial, o centro de tudo, agora que compreendo a necessidade que esse comportamento tentava colmatar.

— E qual era essa necessidade?

Ruben suspirou. Voltavam ao mesmo, afinal. Aos malditos sentimentos.

— Dava-me uma sensação de poder, saber que conseguia engatá-las, às mulheres. Mas também satisfazia uma necessidade mais profunda de poder... — Suspirou novamente. — De sentir proximidade com alguém — acabou por dizer, contrariado. — Satisfeita?

Sentir proximidade. Era uma expressão que jamais imaginara dizer em voz alta. Soava tão apanascado. Mas mesmo uma reflexão desse tipo era um mecanismo de defesa, já tinha aprendido isso. Merda. O seu colega Gunnar e os outros da velha guarda morreriam a rir se soubessem que Ruben andava numa psicóloga. Gunnar era feito de madeira do Norte, como ele próprio costumava dizer. A sua solução para todos os problemas era ir para a floresta com um garrafão de bagaço. Os homens iam provavelmente pintar-lhe o capacete de cor-de-rosa se ouvissem as coisas que ele dizia a Amanda. Lançou outro olhar para o relógio na parede. Passava um pouco das oito e meia, já devia estar na sede da Polícia àquela hora, antes que alguém começasse a perguntar-se o que é que ele andava a fazer certos dias de manhã. A sua desculpa habitual, que fora obrigado a levar algum engate da noite anterior a casa, só podia ser usada um número limitado de vezes.

Engate, pois sim. Já mal se lembrava como se fazia. Claro que tentara automaticamente engatar Amanda nas primeiras vezes que se encontraram. Não tinha corrido lá muito bem.

— Só tenho de fazer mais uma coisa — disse. — Quero encontrar-me com a Ellinor.

— Ruben — disse Amanda, em tom de advertência. — Recorde-se daquilo que dissemos sobre seguir em frente. A Ellinor tem pairado sobre si como um fantasma durante todos estes anos, e o seu comportamento foi uma reação a isso. Liberte-se dela. O trabalho que desenvolveu aqui no consultório não ficará concluído enquanto não se

livrar desse fantasma.

— Eu sei, mas é exatamente por isso que quero encontrar-me com ela. Para lhe pôr um ponto final. Prometo que só pretendo dizer-lhe olá. Desmanchar o pedestal em que a coloquei. Para que o velho Ruben fique sem combustível.

— Isso parece-me... invulgarmente lúcido, vindo de si — disse Amanda, semicerrando os olhos para ele. — Tem a certeza?

— O pior que pode acontecer é ter de lhe pagar por precisar de mais algumas horas de terapia — respondeu Ruben, a rir.

Mas a verdade era que estava completamente seguro. Era um Ruben melhor agora do que há um ano. Gunnar bem podia fechar a matraca.

Levantaram-se os dois e Ruben apertou a mão de Amanda. Pela centésima vez, resistiu à tentação de lhe perguntar se queria ir beber um copo com ele. O pensamento não era problemático, desde que não passasse disso. Afinal de contas, continuava a ser Ruben. Além do mais, tinha outras coisas para fazer. Descobrira onde Ellinor vivia, ia ser só um rápido «olá». Ver como ela estava. E um pedido de desculpas. Depois, estaria pronto.

Vincent inspirou profundamente antes de entrar para preparar o pequeno-almoço. Maria, a sua mulher, andava às voltas na cozinha há mais de uma hora. Vincent sabia que o cheiro que o iria atingir naquele momento seria igualmente avassalador e intrusivo. E assim foi. Diferentes variedades de velas perfumadas, misturas de ervas em sacos de pano, sabonetes e ambientadores formavam uma barragem de odor que o envolveu como um cobertor molhado.

— Querida, durante quanto tempo é que vamos ter todas estas coisas cá em casa? — perguntou ao retirar uma chávena do armário da cozinha.

Calhou-lhe uma com o texto «Eu não sou infantil, tu é que és um cocó de cão». Serviu-se de café da cafeteira, antes de se sentar à mesa da cozinha.

— Não te lembras de nada do que a terapeuta disse? — perguntou Maria, sentada no chão. — Sobre ser importante tu apoiares o meu empreendedorismo e as minhas ideias de negócio?

A sua mulher nem se virou para ele, ali onde estava, sentada de costas, a embalar cuidadosamente pequenos anjos de cerâmica numa grande caixa.

— Sim, lembro-me, claro. E sabes que eu te apoio em tudo o que quiseses fazer. A loja *online* em que te lançaste é uma... ah... ideia interessante... só acho que seria melhor se guardasses a tua mercadoria... num armazém?

Maria suspirou profundamente. Continuava de costas.

— Como o Kevin explicou, os armazéns são caros de arrendar — respondeu. — E tendo em conta que o teu novo espetáculo ainda não rendeu aquilo que custou produzir, bem, então tenho de ser eu a adulta da família e assumir a responsabilidade pelas nossas despesas.

Vincent olhou fixamente para ela. Era o argumento mais lúcido que ouvia da sua mulher há anos. Aqueles cursos de «faça você mesmo» que ela frequentara talvez não tivessem sido um desperdício, afinal. Mesmo que, para ser sincero, estivesse cansado de ouvir o nome

daquele formador, Kevin, ser mencionado por tudo e por nada.

Vincent sabia que Maria era uma pessoa sempre em busca de algo, fazia parte da sua natureza encontrar alguém que pudesse seguir. Mas que o seu guru mais recente viesse a ser um consultor de negócios?... Isso ele não estava à espera.

— Responsabilidade? — disse Rebecka, que acabara de aparecer na cozinha. — Isso é só uma maneira de torrar dinheiro. Quem é que compra essas merdas?

Nos últimos tempos, Rebecka parecia ter permanentemente colada ao rosto uma expressão mal-humorada. Com ar de quem se sentia repugnado, levantou uma grande placa branca de madeira e leu o texto em voz alta.

— «Vive, ri, ama.» Oh, pá, por favor. Devia era ser: «Morre, chora, odeia.»

— Não sejas mazinha — advertiu Vincent.

Porém, lá no fundo, até concordava com a filha.

— O Kevin diz que eu tenho um instinto fantástico para detetar coisas com potencial comercial — respondeu Maria, com um olhar irritado para a enteada.

Rebecka ignorou-a e foi até ao frigorífico, abrindo a porta.

— Mas que merda?! Aston!!

Rebecka gritou na direção da sala de estar e recebeu um berro de volta.

— O QUE FOI?!

— Acabaste com o leite nos teus cereais e voltaste a guardar o pacote vazio no frigorífico?

— NÃO ESTÁ NADA VAZIO. AINDA HÁ UM RESTINHO!

A voz de Aston ecoou entre as paredes. Rebecka lançou um olhar ostensivo para Vincent enquanto virava lentamente o pacote de leite ao contrário. Caíram três pequenas gotas ao chão.

— Mas o que é que estás a fazer? — perguntou Maria, e levantou-se.

— Limpa isso!

Ao levantar-se, deixou cair o anjo de cerâmica que tinha no colo. A figura estilhaçou-se em mil pedaços. Aparentemente, o material era fino como cristal.

— Oh, não! Vê só o que fizeste, Rebecka!

— Eu?! — reclamou a adolescente. — A culpa dessa merda não é minha! Tu é que és uma desajeitada e estás a tentar pôr as culpas em cima de mim. O que também já é costume, a culpa é sempre minha. E tu, pai, nunca dizes uma palavra em minha defesa; simplesmente, permites que ela me trate como lhe apetece. Não tenho paciência para isto, não aguento estar aqui. Vou para casa do Denis.

Vincent abriu a boca para responder, mas tarde demais; Rebecka já estava a caminho da porta da rua.

— Vens para casa o mais tardar às oito da noite! — advertiu Maria atrás dela. — Hoje ainda é quinta-feira!

— Estou de férias! — gritou Rebecka de volta, agarrando no fino casaco de verão e batendo a porta com força.

— Obrigadinha pela ajuda — disse Maria, olhando para Vincent com os braços cruzados. — Leva mas é o Aston para o ATL, vão chegar atrasados.

Vincent voltou a fechar a boca, era melhor não dizer nada. Continuava sem saber como lidar com aquelas tempestades emocionais; o que quer que dissesse, corria sempre o risco de ser a coisa errada. Portanto, a sua nova estratégia era não dizer mesmo nada.

Percorreu as suas memórias para se lembrar de algo que a terapeuta de casais dissesse, algo que lhe pudesse ser útil naquele momento. Não era uma tarefa simples, pois tinha sido difícil receber ajuda de alguém cuja área profissional ele conhecia melhor. Não obstante, tentara sempre manter-se humilde.

Ao início, levantara-se a questão de Vincent também fazer terapia a título individual, para processar os acontecimentos relacionados com a

sua mãe quando era pequeno, acontecimentos esses que Vincent passara quarenta anos a reprimir. Mas Vincent recusara-se, não ousava deixar ninguém andar ali a esgravatar. Havia uma sombra dentro de si que guardava aquele lugar com muito cuidado; não havia ninguém em quem ele confiasse o suficiente que pudesse ali deixar entrar.

Vincent tivera esperança de que a terapia funcionasse como uma espécie de cura milagrosa, em que ele e Maria pudessem encontrar o caminho de volta um para o outro, ao permitir-lhe a ele começar a compreender a maneira de ela pensar, como fizera em tempos. E a ela a não se deixar consumir pelos ciúmes de cada vez que ele se encontrava noutra cidade, o que era incrivelmente cansativo para os dois, uma vez que o trabalho de Vincent era precisamente andar de terra em terra. E tinham realmente tentado. Acima de tudo, Maria tinha tentado.

A terapeuta sugerira o óbvio, que a raiz dos ciúmes se encontrava na falta de autoestima de Maria. E talvez também nas circunstâncias em que Vincent e Maria se tinham juntado, quando ele deixara a sua então mulher Susanne pela irmã mais nova desta, Maria. No entanto, Vincent sabia que não era assim tão simples. Havia algo mais em Maria que nem ela nem a terapeuta tinham conseguido identificar, e que a punha em modo de ataque assim que Vincent prestava atenção a alguma coisa ou alguém fora do lar e da família. No fundo, sabia que não era realmente culpa de Maria reagir da forma como reagia, era o seu instinto. O mesmo instinto que agora fazia com que olhasse para ele como se Vincent fosse um extraterrestre. E, como tantas vezes antes, Vincent só desejava conseguir perceber o que Maria queria dele.

Tinha sido tão fácil ao início. Quando a paixão os levava a deixar o resto para trás, a ignorar tudo e todos, a não pensar em nada que não tivesse que ver com o seu amor. Vincent ainda se lembrava dessa sensação, continuava a existir algures dentro dele. A memória de como concluíam as frases um do outro, de como conseguiam comunicar apenas com o olhar. Porém, era como se, de ano para ano, fossem perdendo a capacidade de perceber a linguagem um do outro.

Como se se compreendessem cada vez menos, embora devesse ser ao contrário. Vincent nunca quis que fosse assim; simplesmente, não sabia o que fazer para conseguir voltar a alcançá-la. Como fazer para se encontrarem *um ao outro* novamente.

Era evidente que Maria estava à espera de que ele dissesse alguma coisa. E talvez fosse possível socorrer-se de uma pérola de sabedoria das sessões de terapia. A terapeuta sugerira que Vincent mostrasse sempre consideração por Maria quando ela ficasse enervada, mesmo que achasse que ela estava a ser injusta, para criar uma sensação de segurança. Essa segurança, por seu lado, daria a Maria uma base melhor para exprimir os seus sentimentos de uma forma mais construtiva, antes de os sentimentos se transformarem em raiva. Não costumava correr muito bem, mas também não lhe custava nada tentar.

— Maria, amor, estou a ver que estás zangada — disse Vincent com um tom de voz deliberadamente suave e calmo. — Mas sabes que a raiva não é boa para o teu corpo. De certeza que já reparaste que estás com os músculos contraídos, as articulações... mas assim a circulação sanguínea também abranda e o equilíbrio natural fica perturbado, tanto ao nível do sistema nervoso central como na vertente cardiovascular e hormonal. Além disso, a pressão arterial aumenta juntamente com a frequência cardíaca e os níveis de testosterona, e também produzes um excesso de bÍlis, que vai parar a zonas do corpo onde não devia estar.

Maria olhou para ele com as sobranceiras erguidas. Os conselhos da terapeuta pareciam estar a surtir efeito.

— Quando te zangas, a atividade no teu cérebro também se altera — continuou Vincent. — Principalmente nos lobos temporal e frontal. Portanto, como te disse, não te faz bem zangares-te. Talvez possas tentar comunicar com a Rebecka de uma forma mais construtiva?

Vincent calou-se e ousou fazer um sorriso cauteloso. Maria estava a olhar para ele. Depois retorceu a boca como se tivesse dado uma dentada num limão, virou as costas e foi-se embora.

A felicidade de estar de regresso ao trabalho fez com que os seus olhos se enchessem de lágrimas. Julia nunca pensara que fosse possível ansiar tanto por voltar a estar entre as quatro paredes da (para ser sincera) bastante feia sede da Polícia, em Kungsholmen. Para tornar o dia ainda mais memorável, estava um calor tipo sauna, e o sistema de ventilação parecia ter-se avariado mesmo a tempo de Estocolmo experienciar o verão mais quente de que havia memória. Julia abanou-se com uma folha de papel e abriu a porta da sala de reuniões. Para os colegas, aquela talvez fosse apenas uma quinta-feira como as outras, mas para ela era o paraíso.

Pelo menos até ter de lhes contar o porquê de se encontrarem ali.

— Julia! — exclamou um homem de barba com o olhar radiante quando ela entrou na sala.

Espantada, Julia percebeu que era Peder.

— Não é uma barba de *hipster*, é uma barba de pai — disse Peder, satisfeito, ao ver a expressão de Julia.

— É uma barba de *hipster*, digas o que disseres — resmungou Ruben, que entrou logo a seguir a Julia. — A nossa sorte é que está demasiado calor para continuares a usar aquela boinazinha que usaste a primavera toda.

Claramente, tudo era como dantes, mas, se não estava enganada, Mina e Christer também pareciam relativamente contentes por voltar a vê-la.

— Parabéns atrasados — murmurou Christer.

Bosse, o *Golden Retriever*, estava deitado ao seu lado a ofegar, precisamente no mesmo lugar em que Julia o vira pela última vez, seis meses antes. Porém, desta vez, o cão estava demasiado acalorado e sem energia para a cumprimentar adequadamente. Em vez disso, Julia recebeu um olhar de felicidade e um breve latido.

— Sim, parabéns! — disse Mina, olhando aterrorizada para o *blazer* de Julia.

Julia olhou para o ponto no seu ombro esquerdo onde o olhar de

Mina parecia ter-se fixado e praguejou em voz alta.

— Porra, não há uma única merda de uma peça de roupa sem manchas de vomitado?!

Despiu rapidamente o *blazer* e estava prestes a pendurá-lo nas costas da cadeira quando, olhando para Mina, se deteve; então, pendurou-o num cabide junto à porta.

— Por enquanto, é só papa — disse Peder, com um sorriso compreensivo. — Isso sai facilmente. Espera só até ser banana ou aquelas mistelas num boião. Mas só funciona embebendo as nódoas em *Vanish*; aquele em pó é o melhor, vem numas embalagens cor-de-rosa. E depois tens de lavar tudo a noventa graus, de preferência com lixívia, por isso, na verdade, só devíamos usar roupa branca ao início...

— Vou ter isso em mente — disse Julia, com a mão levantada num gesto a indicar que ele ficasse por ali. — E bom dia para vocês também.

Já andava suficientemente ocupada com o trabalho hercúleo de ter de cuidar de um bebé de seis meses. Não precisava de começar a sofrer por antecipação com as fases seguintes.

— Então... É bom estar de volta e é ótimo ver-vos a todos aqui. Claro que continuei a acompanhar o vosso trabalho de perto durante o tempo que estive ausente, e vocês deixam-me orgulhosa. Mina, a tua liderança durante este período merece um elogio, mas agora estou feliz por estar de novo aqui, pronta e ansiosa para recomeçar. Talvez não tenha descansado o suficiente desde ontem, mas não se pode ter tudo.

Julia soltou uma gargalhada pouco entusiasmada. Em parte, queria contar-lhes sobre as discussões que a tinham levado a entrar hoje pela porta da sede da Polícia. Como tinham sido as discussões que a levaram a compreender que a relação de igualdade de género em que acreditara viver afinal fora apenas uma ilusão, uma ilusão que sobrevivera durante tanto tempo simplesmente porque ainda não

tinha sido submetida à pressão de cuidar de uma criança. Os argumentos com que fora confrontada tinham sido precisamente os mesmos argumentos que, em tempos, a haviam feito suspirar quando os ouvia das suas amigas. Que ela estava biologicamente mais preparada para cuidar de um bebé. Que era absolutamente impossível para Torkel ausentar-se do trabalho; aparentemente, tudo iria desmoronar-se se o fizesse. A empresa iria falir, o PIB da Suécia cairia a pique, o euro entraria em colapso, a catástrofe espalhar-se-ia pelo mundo todo e causaria a destruição imediata da Terra.

Porém, o que mais a revoltava era o facto de terem feito um acordo. Tinham combinado que Julia ficaria em casa os primeiros seis meses, e Torkel os seis meses seguintes. Ambos tinham pedido licenças parentais e ambas foram concedidas. Aquilo de que Julia não se apercebera era que, da parte de Torkel, não passara tudo de uma encenação. Torkel nunca acreditara que ela queria realmente dividir a licença por igual. Julia ainda conseguia ver a sua expressão de choque quando, na semana anterior, o recordara de que iria voltar ao trabalho na quinta-feira. Aparentemente, Torkel pensara que ela «ia acabar por se aperceber de que queria continuar em casa com o Harry, que não iria *querer* voltar para o trabalho», fim de citação.

Tinham ficado sem se falar durante vários dias.

Quando se preparara para sair, há apenas uma hora, era como se um estranho estivesse à sua frente. Com um olhar de pânico e raiva e o cabelo no ar, a divagar sobre «apego», «herança biológica» e que «tinha de falar com o chefe». Por fim, Julia limitara-se a passar-lhe Harry para os braços e apressara-se a sair pela porta. Ainda não tinha tido coragem de olhar para o telemóvel.

— Bem-vinda de volta — disse Ruben, sorrindo para ela como um lobo.

Julia tentou ignorar o facto de ele parecer estar com dificuldade em tirar os olhos do seu peito. Deixara de amamentar há uma semana, mas os seus seios pareciam não ter recebido a mensagem. As suas copas B eram mais uma coisa que ansiava por voltar a ver; ela e as

copas E nunca tinham chegado a tornar-se amigas.

— Mas olha, se estás exausta agora, tenho aqui a melhor coisa para te animar antes de começarmos — disse Peder alegremente, e pegou no telemóvel.

— Outra vez não — gemeram Mina, Christer e Ruben em unísono.

Peder pareceu não reparar neles. Colocou o telemóvel na mão de Julia e mostrou-lhe um vídeo.

— São as trigémeas — anunciou num guincho. — Estão a cantar a música do Anis Don Demina do Festival da Eurovisão! Não são a coisa mais fofa?!

Julia viu três crianças de fralda, a balançar-se entusiasticamente fora de ritmo, à frente de uma enorme televisão. Assumiu que eram superfofinhas, só que tinha alguma dificuldade em apreciá-las naquele dia em particular, quando a última coisa que queria era ver mais crianças pela frente.

— Espera, vou aumentar o volume — disse Peder. — Elas também cantam.

Os gemidos dos outros na sala tornaram-se ainda mais altos.

— Obrigada, acho que já percebi — disse Julia, e devolveu-lhe o telemóvel. — Muito fofinhas. Seja como for, sugiro que comecemos de imediato. Ontem à tarde recebemos uma queixa sobre uma criança raptada, de seu nome Ossian Walthersson, cinco anos de idade. No entanto, houve um engano e a queixa não foi classificada como prioritária. O erro só foi detetado esta manhã.

— Oh, meu Deus! — exclamou Peder. — Isso assim não pode ser.

— Pois não, mas aconteceu. De qualquer forma, a direção atribuiu-nos o caso; teremos de lhe dar prioridade máxima.

Mina assentiu com a cabeça e bebeu um grande trago de água de uma garrafa. Quando pousou a garrafa em cima da mesa, pareceu fazer um esforço para colocá-la o mais longe possível da barba de Peder. Bosse também pareceu reparar no gesto; levantou-se e

aproximou-se de Mina com um olhar agradecido e a língua pendurada.

— Christer! — disse Mina. — Se o cão tem de estar aqui, certifica-te de que lhe dás água. Se ele se aproximar mais um centímetro da minha garrafa, vais comprar-me uma nova.

— Não seas exagerada — suspirou Christer. — Na verdade, as línguas dos cães são muito limpas. Mas, realmente, mais vale trazer para aqui uma tigela com água, tendo em conta o tempo que vamos passar nesta sala agora. Isto também não é divertido para o *Bosse*, sabem?

Christer fez sinal ao cão, que olhou para Mina com um ar extremamente reprovador antes de se sentar de novo aos pés do dono. Julia ponderou explicar a Christer que as línguas dos cães não eram nada limpas, que tinham uma flora bacteriana completamente diferente da dos humanos e que algumas dessas bactérias eram simplesmente perigosas. Mas o olhar amoroso que Christer fez a *Bosse* levou-a a desistir.

— Já me tinha esquecido de que isto mais parece uma creche — comentou. — Vamos lá concentrar-nos e começar a trabalhar o mais rápido possível. O nosso grupo também vai ser reforçado por uma pessoa com experiência num caso semelhante, um negociador... do grupo de negociação... bem, é um bocado irritante não se decidirem por um nome, mas vocês sabem do que é que estou a falar.

Julia fez uma pausa e viu as expressões de espanto na sala.

— De facto, porque é que o departamento deles não tem nome? — perguntou Peder.

— É pura psicologia — respondeu Julia. — Se não tiverem nome, então não existem enquanto grupo. E assim torna-se mais difícil para os criminosos saberem quem eles são.

— Uau! — exclamou Peder, erguendo as sobrancelhas.

— Enfim, ele já não faz parte dessa equipa e vai ser um suplemento bem-vindo ao nosso pequeno grupo. Além disso, também tem algumas ideias sobre o caso Ossian. Deve estar a chegar.

— Precisamos mesmo de mais pessoas? — perguntou Mina, franzindo a testa.

— Estás a dizer que já te chega aturar-nos a nós? — retorquiu Christer, rindo-se e fazendo um gesto com o cotovelo na direção de Mina.

Obviamente, Christer conhecia a colega o suficiente para evitar o contacto visual direto. Mas Julia antecipara a reação de Mina; Mina Dabiri não era fã de mudanças. Principalmente se implicassem novos relacionamentos humanos. Mas se alguém podia beneficiar disso, era Mina. Desde que o caso relacionado com Vincent terminara, no outono de há dois anos, Julia não vira Mina falar com mais ninguém, ou sobre mais alguém, além dos seus colegas. E assumia que Mina não teria florescido socialmente de repente, durante os meses em que Julia estivera de licença de maternidade. Não haveria mal nenhum em aumentar um pouco o círculo de contactos entre os colegas de Mina.

— Deve ter sido mais uma invenção da chefia por motivos políticos — comentou Christer, ao mesmo tempo que coçava o queixo de *Bosse*, de quem recebeu um olhar afetuoso em troca.

— A igualdade de género e a diversidade estão muito na moda agora. Mas, como já temos duas fêmeas, deve ser um panasca ou mercadoria importada!

— Christer! — sibilou Peder bruscamente, lançando um olhar severo ao colega mais velho. — Foi por causa desses comentários que fizeram com que tu viesses aqui parar. Será que nenhum dos cursos financiados pela Autoridade Policial surtiu qualquer efeito em arrancar-te da Idade da Pedra?

Christer suspirou e coçou as orelhas de *Bosse*.

— Oh, estava só a brincar — disse, envergonhado. — As pessoas são tão suscetíveis hoje em dia, não se pode dizer nada. Além de que não fiz nenhum juízo de valor, coisa que devias saber se tivesses feito o mesmo curso que eu.

— Mas a escolha de certas palavras tem claramente...

Um discreto bater na porta interrompeu Peder, fazendo-os todos virarem-se na mesma direção.

— *Timing* perfeito — disse Julia, estendendo o braço para a porta.

— Deixem-me apresentar-vos o nosso novo membro, Adam Balondemu Blom.

— Que pronúncia impressionante! — exclamou o homem, ao entrar na sala com um sorriso. — Mas Adam Blom chega perfeitamente.

A senhora é muito, muito má. Disse que tinha cãezinhos, mas não tem. Mas o carro dela é um carro de corridas a sério; parece-se com os brinquedos que ela tem, mas é um carro grande e a sério.

Quando ela veio à escola ontem, perguntou-me se eu queria experimentar sentar-me no carro de corridas, e eu queria. Mas depois ela começou a andar, disse que íamos voltar, que só íamos andar um minuto para eu sentir que o carro de corridas era rápido. Mas não voltámos. Não voltámos para a escola.

Então, fiquei com medo. Com muito medo.

Senti a barriga como quando a água desaparece da banheira num remoinho. Como se estivesse a ser sugada para baixo e para dentro.

Contei-lhe que me sentia assim, mas ela não respondeu.

Depois andámos muito tempo no carro. E agora estamos na casa dela. Quero ir ter com a minha mãe e o meu pai, não quero estar aqui. A senhora diz «daqui a pouco». É sempre «daqui a pouco». E depois diz para eu parar de chorar.

Também estão aqui outras pessoas. Outros crescidos. Não conheço nenhum deles e tenho medo. Entram e saem, dizem que eu posso jogar Roblox no tablet o tempo que quiser, mas eu não quero. Isto é esquisito e não cheira como na nossa casa.

Durante a noite olho para o teto o tempo todo. Está completamente escuro, não há luz nenhuma.

Chamo pelo meu pai. E depois pela minha mãe. Mas nenhum deles vem.

*— Ossian, só vais estar aqui algum tempo — diz a senhora de manhã.
— Uns dias. Depois podes voltar para casa.*

Dão-me comida, mas é nojenta e também não quero comer. Pergunto-lhe porque é que tenho de estar aqui, mas ela não me responde. Ninguém responde. Só me dizem para parar de chorar. Que vai ficar tudo bem.

As vozes deles são simpáticas, mas os olhares não são simpáticos.

Mina observou com curiosidade o novo acrescento ao grupo, mas tentou fazê-lo de forma discreta. Nem todos eram igualmente discretos. Ruben, por exemplo, olhava de forma fixa e desinibida, e não sem uma certa hostilidade. Mina não se espantou com a reação do colega; Adam Blom era um magnífico exemplar em termos físicos, com bíceps bem desenvolvidos e músculos abdominais que se destacavam claramente através da sua *T-shirt* branca justa. Divertida, reparou que Ruben, inconscientemente, se endireitou e encolheu a barriga.

Ela, pela parte que lhe tocava, não se interessava particularmente por corpos musculados e esculturais; preferia um corpo masculino esguio e elegante, com uma postura orgulhosa e um físico mais seco do que encorpado. De preferência, vestido com um fato bonito e com... Mina sobressaltou-se, irritada. Por vezes, os seus pensamentos corriam nas direções mais estranhas. Obrigou-se a concentrar-se e escutou o que Julia estava a dizer, junto ao quadro branco. Julia mantinha uma expressão séria, que indicava que estava prestes a dizer algo importante.

— Como já referi, coube-nos investigar o desaparecimento do Ossian Walthersson.

— Cinco anos de idade — disse Peder, com um tom de voz atormentado.

Mina compreendeu porquê; uma criança desaparecida era o pior pesadelo de todos os pais, e não era possível uma pessoa distanciar-se, nem sequer um polícia experiente. Além de que Peder também tinha filhas pequenas. Embora Mina estivesse estado nessa situação há já muito tempo, era extremamente fácil colocar-se no mesmo lugar.

— Exato. Suspeita-se que o Ossian tenha sido sequestrado ontem, do jardim de infância em Södermalm. Claro que temos de interrogar todas as pessoas envolvidas o mais depressa possível, mas também há algumas semelhanças entre o desaparecimento do Ossian e um caso anterior. Os chefes pediram-nos que prestássemos atenção a isso.

Julia virou-se para o novo membro do grupo.

— Adam, talvez possas explicar melhor este último aspeto?

Adam aclarou a garganta. Julia sentou-se e, com o olhar, encorajou Adam a tomar o seu lugar. Adam levantou-se e colocou-se à frente do quadro branco, com confiança. Mina invejou a facilidade com que o novo colega parecia ser capaz de se colocar à frente de um grupo de pessoas desconhecidas e, provavelmente, céticas. No que lhe dizia respeito, sentia-se sempre ligeiramente desconfortável, mesmo em contextos em que deveria sentir-se à vontade.

— Primeiro, gostava de falar um pouco de mim e de onde venho.

Christer lançou um olhar insinuante a Peder. Se estivesse com ideias de perguntar a Adam se estava a referir-se ao Quénia ou à Gâmbia, Mina expulsaria pessoalmente o velho da sala. Com o cão e tudo.

— Venho da equipa de negociação — continuou Adam. — Estivemos envolvidos desde muito cedo no caso da menina Lilly Meyer, aberto há um ano. Tínhamos motivos para acreditar que o desaparecimento dela estava relacionado com uma disputa de custódia extremamente hostil entre os pais. Supôs-se que alguém da família a teria levado, e por isso fui chamado, para o caso de haver necessidade de negociar com o raptor.

— Foi encontrada morta mais tarde, certo? — perguntou Peder, com a voz abafada.

Mina recordava-se perfeitamente do caso, apesar de já ter passado um ano desde o trágico acontecimento. Explodira como uma bomba; a menina fora encontrada sob uma lona, numa doca na zona de Hammarby Sjöstad, a escassos metros de um quiosque de gelados muito frequentado. A comunicação social atirara-se com unhas e dentes aos investigadores responsáveis por não terem sido capazes de encontrar um suspeito do crime, apesar de a criança ter sido identificada imediatamente. Os pais tinham feito declarações à imprensa. O caso continuava a ser um assunto tóxico no seio da Polícia de Estocolmo. E, acima de tudo, era um caso que ficara por

resolver.

Bosse pareceu aperceber-se do estado de espírito de Peder; esgueirou-se por baixo da mesa até ao lugar dele e pressionou o focinho contra o seu joelho. Enojada, Mina viu a mancha húmida que o nariz do cão lhe deixou nas calças.

— Precisamente. A Lilly desapareceu e foi encontrada morta no início do verão. Encontraram-na no Lugnets Terrass, o grande cais de madeira com zona de piqueniques em Hammarby Sjöstad, na outra margem do porto de Norra Hammarby.

— Mas não tinham chegado à conclusão de que estava mesmo relacionado com a disputa da custódia? — perguntou Ruben com um tom ligeiramente agressivo. — Tal como disseste? Então, o que tem isso que ver com o nosso caso? E a que propósito é que havíamos de precisar de alguém da equipa de negociações?

Mina reparou que Ruben continuava a encolher a barriga; devia estar verdadeiramente desconfortável.

— Sim e não. Ainda não foi identificado nenhum perpetrador, e a única descrição que temos é de um casal mais velho que se encontrava nas proximidades. Esse relato foi feito por uma educadora do jardim de infância altamente perturbada, que também não olhou para eles com muita atenção. E, claro, as suspeitas de que se tratou de alguém da família permaneceram e não foram de forma alguma afastadas da investigação. Mas... pessoalmente, acho que não tem que ver com a família, sobretudo agora, que temos um *modus operandi* quase idêntico no caso do sequestro do Ossian.

— Como assim, idêntico? — perguntou Mina com a testa franzida.

— Foi levado do jardim de infância por um estranho que ninguém viu — respondeu Adam. — São coisas que acontecem com muito menos frequência do que as chamadas séries de crimes realistas na televisão nos querem fazer acreditar. Quando alguém é raptado na vida real, geralmente são os familiares que estão por trás. Às vezes, o plano é levar a criança de volta para um país de origem. Outras vezes,

é um dos pais que tenta ficar com a criança, depois de uma disputa de custódia. Mas isto assim, com perpetradores desconhecidos tanto por nós na Polícia como pelos funcionários das escolas? Diria inclusive que nunca tinha acontecido. Aconteceu agora, porém, duas vezes. E a direção considera que os conhecimentos que eu tenho do caso da Lilly podem ser úteis à vossa equipa. Mas não temos muito tempo; posso partilhar de forma rápida e eficiente tudo o que tenho, tanto aquilo que está escrito nos relatórios como aquilo que só se encontra nas entrelinhas.

— Estou completamente de acordo com a direção em relação a o Adam ser um complemento valioso a esta investigação — disse Julia, fixando o olhar em Ruben. — Portanto, podemos avançar agora? Ruben, o que dizes?

Ruben murmurou algo impercetível, mas assentiu com a cabeça.

— A Lilly foi encontrada ao fim de três dias, não foi? — perguntou Christer, limpando o suor da testa com a manga da camisa.

O calor dentro da sala de reuniões era opressivo. Mina tentou controlar os sentimentos de desconforto.

— Então, se o Ossian desapareceu ontem, e repetindo-se o mesmo procedimento, provavelmente não temos muito tempo para o encontrar — continuou Christer.

— Esperem lá — interveio Peder. — Estão a dizer que a mesma pessoa atacou outra vez?

— Por enquanto, não temos nenhuma teoria — respondeu Julia, aclarando a garganta. — Mas, como dissemos, o procedimento parece ser o mesmo. Portanto, estamos a trabalhar no pressuposto de que temos muito pouco tempo. Na verdade, pediram-me para fazer uma conferência de imprensa já esta tarde. Até lá, quero que o Adam e o Ruben entrevistem os funcionários do jardim de infância do Ossian. Mina e Peder, vocês falam com os pais.

— Não pode ser o Adam e o Christer a ir à escola? — perguntou Ruben, olhando para o relógio. — Tenho um compromisso daqui a um

bocado.

— Preciso do Christer para dar uma vista de olhos na base de dados de agressores sexuais — respondeu Julia. — Quero uma lista de todos os que foram libertados no último ano. Só para jogarmos pelo seguro. E, Ruben, segundo me consta, tu ainda és agente da Polícia. Neste momento, esta é a tua prioridade máxima.

— Parece que os teus encontros do Tinder vão ter de esperar — comentou Mina.

— A base de dados será — suspirou Christer. — Outra vez.

— Eu nem sequer tenho conta no Tinder — bufou Ruben. — Não preciso disso para nada. Ao contrário de ti, Mina. A solteirona que preferia ir para um convento.

Mina pegou no seu telemóvel e segurou-o à frente do rosto de Ruben. Depois procurou ostensivamente na lista de aplicações e transferiu o Tinder de forma que Ruben pudesse vê-lo.

— Está melhor assim? — perguntou. — A tua preocupação com o meu bem-estar já foi mais ou menos mitigada para que possas fazer o teu trabalho?

Mina planeava apagar a aplicação assim que a reunião terminasse.

— Ordem na turma, por favor — pediu Julia em voz alta. — Vamos ao trabalho. Este é um caso sério.

Adam estava ao seu lado, com ar de quem não sabia muito bem onde se meter.

— Como podes ver — disse Julia com um suspiro ao virar-se para ele —, provavelmente não somos o grupo mais... disciplinado com que já trabalhaste. Mas somos bons. A maior parte do tempo.

— Ainda bem — respondeu Adam com ar sério. — Porque, como tu própria disseste, já passou um dia. O tempo urge.

Christer não aguentava trabalhar no seu gabinete abafado, pelo que levou o computador para a zona de *open space*. Pegou no telemóvel e olhou fixamente para os sessenta e quatro quadrados pretos e brancos no ecrã. Na realidade, o jogo acabara há muito tempo, ele é que tinha dificuldade em aceitá-lo.

Christer sempre tivera a ideia de que era relativamente bom jogador de xadrez. Não porque tivesse jogado muitas partidas ao longo da sua vida, mas achava que *deveria* ser bom no jogo. Era uma coisa que andava de par com os restantes atributos da sua vida, o *whisky*, a solidão, a música *jazz*. Bem, deixara de estar totalmente sozinho desde que *Bosse* entrara na sua vida, mas o cão também se integrava bem naquela imagem.

Não obstante, a perceção que tinha das suas próprias habilidades no xadrez alterara-se no mesmo dia em que encontrara uma aplicação gratuita do jogo. Desde então, jogava quase diariamente, tanto no telemóvel como no computador. Começara há quase seis meses e continuava no nível de principiante. E ainda não ganhara uma única partida. Christer suspirou, assinalou a derrota na aplicação e voltou a pousar o telemóvel. Não valia a pena continuar a adiar o que realmente tinha de fazer.

Mina apareceu e sentou-se ao seu lado com um computador portátil.

— Posso ajudar-te, se quiseres. Começemos? — perguntou-lhe. — Não temos tempo a perder.

— Sim, vamos lá então — respondeu Christer, desalentado. — Que bom, a base de dados dos agressores sexuais. Viva!

Desanimado, olhou para a sua chávena de café. Estava frio. E parecia estar ali há bastante tempo. Suspirou alto, o que fez *Bosse* inclinar a cabeça para o lado, preocupado.

— Deita-te, rapaz. O pai vai só trabalhar um bocadinho ao computador. Tens aí água e a tua cama.

Coçou o cão atrás das orelhas. Satisfeito com a atenção, *Bosse* deitou-se na cama depois de dar três voltas ritualizadas sobre si

próprio.

— E pronto — disse Christer, abrindo o programa. — Vamos lá ver que escumalha é que desencantamos aqui.

Sentia-se sempre dividido em relação àquele trabalho. Ficar sentado hora após hora, página atrás de página, à procura de uma agulha num palheiro. Uma tarefa ingrata e fatigante que lhe era repetidamente atribuída a ele. Pronto, tudo bem, Mina estava ali para o ajudar, o que era simpático da parte dela. Mas, a maior parte das vezes, tinha de o fazer sozinho.

Já ninguém lhe perguntava se queria ir apanhar arruaceiros no centro da cidade. Não que Christer quisesse fazê-lo, mas, ainda assim, seria bom perguntarem-lhe de vez em quando. Nem que fosse apenas como uma cortesia entre colegas. Como um pequeno reconhecimento da sua experiência e todos os seus anos de patrulha. Claro que preferia não ter de o fazer, mas, ainda assim.

— Vou ver se houve algum mandado de captura na mesma altura do desaparecimento da Lilly — disse Mina. — Para o caso de estarmos mesmo a lidar com um reincidente. Enquanto isso, podes confirmar quem está em liberdade.

— Parece-me bem — respondeu Christer, e começou a procurar.

Coluna atrás de coluna, numa longa lista de escória humana. Se as pessoas em geral soubessem quantos indivíduos horrendos há por aí, nunca saíam de casa. E partidos como o Futuro da Suécia enganavam as pessoas com a conversa de que os únicos indivíduos perigosos com que precisavam de ter cuidado chamavam-se Ahmed ou Mohammed, mas ali estava Christer, lendo linha atrás de linha nomes como «Sven Westin», «Karl-Erik Johansson» e «Peter Lundberg». Brancos como a neve, todos. E gostavam de atacar crianças. Todos tinham aquele tipo de aspeto que, mais tarde, levava as pessoas a fazer declarações como «Ele era tão simpático. Nunca ninguém teria pensado que...». Ou: «Deve ter havido algum mal-entendido, ele foi sempre tão amável com os meus filhos».

Bosse ganiu, a sonhar, e mexeu as patas como se estivesse a correr. Christer perguntou-se o que é que o cão estaria a perseguir. De qualquer forma, não deviam ser pedófilos. Mesmo que valesse a pena persegui-los. Que horror! Esperava que Julia estivesse enganada, que os homens e as mulheres que passavam agora no seu monitor não tivessem nada que ver com o desaparecimento de Ossian. O mundo não precisava de se tornar ainda pior do que já era.

Christer olhou à sua volta pelas outras mesas. O *open space* estava mais vazio do que o normal. Período de férias. Muitos colegas estavam provavelmente a emborcar cervejas em Sandhamn nalgum veleiro, ou a fotografar as formações rochosas na ilha de Gotland ou a fazer pequenos trabalhos de marcenaria numa cabana na floresta.

Mina levantou-se.

— Preciso de beber café — anunciou. — Por mais quente que esteja aqui dentro. Queres que traga para ti também? Só te posso ajudar durante mais um bocado, depois tenho de ir com o Peder entrevistar os pais do Ossian.

Christer assentiu com a cabeça, sombrio. O tempo continuava a passar e tinham de encontrar os sequestradores de Ossian. Christer quase conseguia ouvir os ponteiros do relógio a marcarem os segundos. Tinha muitas horas de pesquisa pela frente, à volta dos nomes dos cabrões mais doentios dos registos policiais. Sem dúvida que precisava de mais cafeína.

— Somos nós as pessoas indicadas para fazer isto? — perguntou Peder, e engoliu em seco.

Mina apercebeu-se de que ele não queria dizer «nós», mas sim «eu». Como «eu, que tenho filhos».

— Se achas que não vais conseguir, podes ficar aqui — respondeu Mina, com brandura. — Posso ir sozinha. Por mim, não há problema nenhum.

Peder abanou a cabeça.

— Não, não, faz parte do trabalho. Eu sei. Vamos lá despachar isto.

Dirigiram-se para um dos carros-patrolha na garagem e Mina deixou Peder sentar-se no lugar do condutor. Conduzir dar-lhe-ia outra coisa em que se concentrar que não aquilo que tinham pela frente. Para jogar pelo seguro, Mina também desviou o tema de conversa para as filhas de Peder, uma manobra de diversão que funcionava sempre. Olhou através da janela do carro e deixou os seus pensamentos vaguearem livremente, enquanto Peder falava pelos cotovelos ao seu lado.

— ... e depois, esta manhã, assim de repente, a Meja saiu-se com «flocos de aveia» — ouviu Peder dizer, obviamente a meio de uma história. — Já viste que inteligente que é a miúda? Só tem três anos e a maior parte das crianças de três anos diria «papa», mas ela diz claramente «flocos de aveia». Acho que vamos ter de a pôr numa escola para sobredotados. Já ouvi pessoas dizerem que pode ser um desafio tão grande ter filhos sobredotados como ter filhos com outros desafios, mas vamos ter de lidar com isso quando for a altura, tanto eu como a Anette dizemos o mesmo. E depois temos a Majken, que achamos que vai singrar no desporto; devias vê-la subir aos baloiços na creche. Bem, o equilíbrio que ela tem, e a força, sim, acho que vai ser uma atleta de elite, por isso já estamos a preparar-nos psicologicamente para ter de a levar de um lado para o outro por causa dos torneios e coisas assim. E a Molly, então, o jeito que ela tem com animais é absolutamente incrível. No outro dia levou para casa

um pássaro com a asa partida e tivemos de lhe fazer uma cama numa caixa de sapatos cheia de algodão, e ela cuidou dele como uma verdadeira mãe pássaro. Infelizmente, o passarinho acabou por morrer, mas a sensibilidade para os animais... é como se conseguisse falar com eles, a sério, por isso há que contar com uma futura veterinária, é o que eu digo, talvez no parque Kolmården, ou nalgum jardim zoológico, e também acho que...

Mina olhou novamente pela janela e deixou o entusiasmo de Peder entrar por um ouvido e sair pelo outro. Passaram pela praça Stureplan, que estava repleta de gente com óculos de sol caros, roupas elegantes e bronzeados perfeitos. A esplanada do restaurante Sturehof estava lotada e os copos de rosé brilhavam ao sol. Mina invejou os momentos despreocupados ao sol e o modo como as pessoas pareciam ter todo o tempo do mundo. Já ela estava ali sentada com o coração apertado, a caminho de uma conversa com um casal de pais desesperados que não sabiam onde estava o seu filho de cinco anos. E o tempo talvez estivesse rapidamente a esgotar-se. Como acontecera com Lilly.

Tom, o educador do jardim de infância, parecia mais infeliz do que Ruben pensava ser possível para um homem adulto. A colega de Tom, Jenya, e a diretora da escola, Mathilda, também estavam sentadas na pequena sala dos professores da creche de Backen. Com Ruben e Adam, a sala ficou sobrelotada. As janelas estavam todas abertas para trás, o que não parecia ajudar em nada, pensou Ruben. O suor na testa de Tom parecia prestes a escorrer-lhe pelo nariz e pelas faces.

Ruben tentou recompor-se. Quando Julia começara a reunião da manhã, a cabeça de Ruben já estava na casa de Ellinor, a ponderar o que iria dizer-lhe. Ruben pensara que iria ser uma reunião rápida para desejar as boas-vindas a Julia e que depois poderia meter-se no carro, a caminho. Em vez disso, caíra-lhes o caso de Ossian em cima da mesa, e Ruben tinha de se concentrar nisso agora. Não na ideia de que, em breve, iria encontrar-se com alguém que o perseguia como um fantasma há mais de dez anos. Teria todo o tempo do mundo para pensar em Ellinor a seguir, quando despachasse o assunto que o levara ali. Mas Ossian tinha de ser encontrado de imediato; Ossian precisava que ele, Ruben, fizesse o seu trabalho.

Afastou Ellinor dos seus pensamentos e olhou para as restantes pessoas enfiadas como sardinhas em lata naquela sala de professores do jardim de infância. Porém, antes de ter tempo de dizer alguma coisa, Adam começou a falar.

— Então... — disse o seu novo colega. — Em relação aos acontecimentos de ontem. Como é que ninguém reparou que o Ossian desapareceu?

Por amor de deus, que maneira mais drástica de ir direto ao assunto! Não era suposto Adam ser um especialista em negociações? Até Ruben sabia que não se podia iniciar uma entrevista com uma acusação! Aquelas pessoas já pareciam estar a pensar que iam acabar todas na prisão; ele e Adam nunca conseguiriam obter nada de significativo da parte delas se se sentissem pressionadas. Tom olhava fixamente para os desenhos que estavam pendurados numa das paredes, onde as crianças, com diferentes graus de sucesso, pareciam

ter feito retratos dos seus educadores.

— Estamos apenas a tentar determinar onde cada pessoa se encontrava quando o Ossian foi levado — disse Ruben no tom mais amigável que conseguiu.

Tom parecia querer afundar-se num buraco no chão. Retirou um lenço de papel de uma caixa de cartão que estava em cima da mesa e limpou o rosto.

— As crianças andam por todo o lado quando estamos lá em cima no parque de Skinnarvik — acabou por responder. — Não as conseguimos ver a todas o tempo todo. E as crianças mais velhas não precisam da mesma supervisão que as mais pequenas. Mas elas sabem que não podem sair do parque sem avisar, e costumamos contá-las de quando em quando. O facto de não ter visto o Ossian durante alguns minutos não seria nada de anormal.

Tom fez uma pausa e olhou novamente para os desenhos. Um deles representava uma figura masculina surpreendentemente detalhada, pintada dentro de um grande coração. Na camisola do homem havia um «T» verde. No canto do desenho viam-se as palavras *opp opp* escritas numa letra irregular mas cuidada, assim como a assinatura do artista. Ossian. Subitamente, Ruben sentiu um nó na garganta e precisou de engolir em seco.

— O mundo deles... — disse Tom com a voz rouca. — O *nosso* mundo costuma ser um lugar seguro.

— Sim, nós compreendemos — disse Adam. — Mas o facto é que vocês falharam tanto em termos de segurança como de atenção.

Mas que raio! Ruben começou a compreender por que motivo Adam tinha deixado a equipa de negociações. As lágrimas caíam pelo rosto de Tom.

— O que é perfeitamente normal, errar é humano — continuou Adam. — Não estou a fazer nenhum juízo de valor com esta afirmação. Mas vocês têm de compreender que é esta a atitude que vão enfrentar. Principalmente da parte dos outros pais. Quanto mais

soubemos sobre o que realmente aconteceu, mais fácil será ajudar-vos a transformarem as atitudes dos outros em empatia. — Adam desviou os olhos de Tom e focou-se em Mathilda, a responsável. — O que seria do vosso interesse, tendo em conta que vieram tão poucas crianças para a creche hoje — acrescentou.

Pronto, Adam talvez não fosse assim tão inútil, afinal. Mas isto não era nenhuma negociação, era uma conversa, algo em que Adam obviamente não tinha grande experiência. Ruben não conseguiu deixar de se sentir satisfeito; Adam bem podia ficar ali sentado com os seus abdominais perfeitos e os seus quase dois metros de altura. No final, cabia-lhe a ele, Ruben, gerir a situação.

— O que queremos saber — disse — é se vocês viram, ou sabem, de alguma coisa que nos possa ajudar nas buscas. Por exemplo, sabem quem era a mulher que o veio buscar?

Jenya abanou a cabeça. Não parecia de todo tão transpirada como Tom, apesar de estar a usar hijabe. Ruben resistiu ao impulso de lhe perguntar se não sentia um calor dos diabos com o tecido à volta da cabeça. Assumiu que ela já teria ouvido essa pergunta mais vezes do que as que conseguia contar.

— Falámos com os miúdos todos — disse Jenya. — É impressionante quão bem eles conhecem tanto os pais uns dos outros como os irmãos mais velhos. Mas ninguém tinha visto aquela mulher antes.

Adam levantou-se e foi até à janela que dava para a colina de onde Ossian tinha desaparecido. Parecia estar a ponderar algo. Depois, foi novamente sentar-se.

— Então, estamos de volta onde começámos — disse Adam. — Como é que nenhum de vocês a viu? Tendo em conta que as crianças a viram... Não vos parece um bocado estranho?

— Espero que não esteja a insinuar que a minha equipa tem alguma coisa que ver com isto — disse Mathilda, com os olhos arregalados. — Ou que estão a esconder alguma coisa. Posso garantir que tanto o Tom

como a Jenya são os melhores educadores de infância com que alguma vez trabalhei. Têm o meu apoio total; não sei se faz muito sentido continuarmos esta conversa sem representação legal, se está a pensar ficar aí sentado a acusar-nos.

Ruben abriu os braços num gesto dissuasor. Que belo trabalho, a meter advogados na conversa, só lhes faltava essa. Se Adam continuasse a cavar buracos como este onde estavam a enfiar-se, Ruben teria de se lembrar de trazer uma pá, no futuro. Na verdade, não se importava muito; até gostaria de assistir quando Adam caísse nas armadilhas que ele próprio montara. Porém, não quando os escassos resultados pudessem manchar também a sua reputação.

— Parece-nos simplesmente que ela não queria ser vista — disse Ruben com mais cuidado. — Então, esperou pela altura certa. Isto não aconteceu por acaso, ninguém está a acusar-vos de nada.

A conversa pareceu tranquilizar um pouco Mathilda.

— Uma última pergunta — acrescentou Adam. — Uma coisa que não estou a conseguir perceber. Isto de ele ter saído do parque com ela de livre vontade. O Ossian costuma confiar em pessoas que não conhece?

— Não, mas é fascinado por carros de corrida — respondeu Tom em voz baixa. — *Lamborghini, Koenigsegg, Porsche*, conhece as marcas todas e os modelos. Não interessa se são verdadeiros ou feitos de cartão. Desde que pareçam ser rápidos. E, de preferência, vermelhos.

— E esta mulher tinha carros, já percebi — constatou Adam, assentindo com a cabeça.

— Pelo menos foi o que disse à Felicia. Carros e cachorrinhos. Não há nenhum motivo para a Felicia ter inventado isso. Se os cachorros existiam ou não, isso é outra história. A Felicia não chegou a vê-los.

— E ninguém viu a mulher antes — repetiu Ruben, olhando para os seus apontamentos. — O que não quer dizer que ela não conheça o Ossian. Notaram alguma diferença no comportamento dele nos últimos tempos? Ou no dos pais, já agora?

Tom abanou a cabeça.

— Não, tem sido tudo como de costume. Uma semana de verão como outra qualquer. Até... até ontem, portanto.

— Muito bem — disse Adam, e levantou-se. — Obrigado pela vossa ajuda. Acho que é tudo.

Mathilda levantou-se para os acompanhar à saída. Ruben sentiu-se ligeiramente impressionado com ela. Normalmente, as pessoas eram demasiado submissas para ousarem tomar a iniciativa na presença da Polícia. Mas Mathilda não. Quando fora preciso, comportara-se como uma leoa a defender o seu grupo. Além de que também tinha uma aparência bastante decente. A questão era se seria igualmente dominante entre os lençóis. Em tempos, Ruben teria tido todo o prazer em descobrir a resposta, mas agora teria de contentar-se em ficar sem saber. Maldita psicóloga.

— Claro que também vamos fazer uma investigação interna rigorosa — disse Mathilda, e estendeu-lhe a mão. — Vocês têm toda a informação de que dispomos neste momento. Agradecia que nos mantivessem informados sobre as buscas. Estamos bem cientes da nossa responsabilidade nesta situação, não tenham qualquer dúvida.

Ruben e Adam apertaram a mão aos três funcionários. Tom estendeu uma mão frouxa; estava com ar de quem se sentia realmente mortificado. Iria provavelmente demorar algum tempo a conseguir regressar ao trabalho.

— Bem jogado, Ruben — disse Adam quando saíram. — Fazer um *good cop, bad cop*. Ficámos rapidamente a saber tudo o que eles sabiam. E a rapidez é um fator realmente importante agora.

Ruben olhou fixamente para o novo colega. Será que todos os negociadores pensavam que estavam num filme? Daquilo que Ruben sabia, a equipa de negociações era especialista em construir relações pessoais e em fazer com que os rufias confiassem neles. Adam agira de forma totalmente oposta. Ao mesmo tempo, Ruben tinha de dar a mão à palmatória; haviam realmente conseguido obter toda a informação

que era possível obter.

— Mas, da próxima vez, quero ser eu o *good cop* — acrescentou Adam.

Pois, claro que sim. Ruben teria de se lembrar de levar a tal pá.

Vincent olhou pela janela do escritório da ShowLife Productions, na avenida Strandvägen. O sol da tarde estava alto no céu e cintilava magnificamente na água do arquipélago. Mas Vincent não apreciava naquele momento o efeito dos raios de sol contra a superfície da água. Em vez disso, estava completamente ocupado a tentar imaginar-se a si próprio a ser projetado por uma catapulta ou a rastejar através de uma sala cheia de insetos. Vestido com roupa de ginástica justa ao corpo. Vincent estremeceu, as imagens que tinha na cabeça eram tudo menos apelativas.

— Não sejas tão relutante — disse Umberto atrás das suas costas. — Isto vai ser bom para a tua imagem. Precisamos de mostrar o teu lado mais... mais humano. Se for possível.

Vincent deixou a janela e sentou-se novamente. Desta vez, os biscoitos caseiros primavam pela sua ausência da mesa do agente. Isso poderia significar que ele e Umberto tinham voltado a ter um relacionamento mais próximo e informal, mas também poderia significar que Umberto estava a ficar farto dele. Não obstante, os quatro brigadeiros de fabrico industrial que se encontravam em cima da mesa sinalizavam que ainda não estava completamente entregue à sua sorte.

— Mas, a sério, o *Prisioneiros do Forte*? — perguntou Vincent com ceticismo, pegando num brigadeiro assim que viu que Umberto estava prestes a fazer o mesmo. Ficaram duas bolinhas no prato. Alguma ordem tinha de tentar manter. — Tem de haver outro programa de televisão qualquer que seja mais... mais eu. Se é que tenho mesmo de aparecer na televisão.

Umberto suspirou e inclinou-se para a frente, o queixo apoiado nas pontas dos dedos.

— Vincent, *amico mio*, escuta-me. O meu trabalho é garantir que o maior número de pessoas compre bilhetes para os teus espetáculos e apresentações. O que é que acontece se não o fizerem?

— Tu ficas sem rendimentos — respondeu Vincent.

— Exatamente. Mas, acima de tudo, ficas *tu* sem rendimentos. É muito simples, na verdade, é economia do mais básico que há. Para poderes continuar a sustentar-te com aquilo que fazes, precisamos de vender mais bilhetes, tendo em conta que os nossos custos aumentaram. E eu sei, a vida correu-nos de feição durante algum tempo, graças ao que aconteceu com a Jane. Mas esse interesse não vai perdurar por tempo indeterminado. O que significa que mais pessoas precisam de ser lembradas da tua existência e, mais importante ainda, de preocupar-se contigo. O que, por sua vez, significa que tens de ser disparado de um canhão na televisão, de vez em quando.

Vincent tentou não mostrar quão stressado tudo aquilo o deixava. O *Prisioneiros do Forte*, portanto. P N P. Letras com as posições 16, 4 e 6. 1646. Quando Benjamin era pequeno, Vincent comprara-lhe um conjunto de legos com peças misturadas. As pessoas que levavam os modelos de Lego a sério, o que Vincent costumara fazer primeiro com Benjamin e, mais recentemente, com Aston, mencionavam sempre os números dos artigos dos modelos, pois podia haver vários conjuntos de construção que representavam a mesma coisa. E tinha quase a certeza de que a caixa de peças de Benjamin tinha o número de artigo 1646. O que, evidentemente, era uma ligação puramente aleatória entre o *Prisioneiros do Forte* e o Lego. Por outro lado, as letras «L», «E», «G», «O» tinham as posições 12, 5, 7 e 15 do alfabeto. E # 125715 era o código de cor hexadecimal para o verde-musgo. Aproximadamente a mesma cor verde-água à volta do Fort Boyard, onde o programa *Prisioneiros do Forte* era gravado. Pelo menos na maré vazia. Tudo está interligado. Quando realmente se quer.

— Vincent! — disse Umberto num tom rígido. — Para onde é que foste?

Pelo tom de voz, parecia que Umberto já tinha chamado o nome de Vincent algumas vezes sem que ele o ouvisse.

— Lego — respondeu-lhe.

Umberto abanou a cabeça.

— Tens de fazer isto — insistiu o agente.

Vincent assentiu devagar com a cabeça, sem saber realmente o que teria acontecido para estar ali sentado sequer a considerar a proposta. No entanto, Umberto tinha provavelmente razão, e Vincent teria de começar a treinar a sério. Não havia dúvidas de que o *Prisioneiros do Forte* exigiria mais dele fisicamente do que aquilo que ele conseguia dar neste momento. O exercício físico também era uma boa maneira de se manter ocupado durante o verão, para que os pensamentos não se desviassem para as coisas erradas.

Para Mina, por exemplo.

Umberto pegou num dos dois brigadeiros que restavam e Vincent suspirou. Nem sequer lhe apetecera o primeiro que tinha comido, quanto mais um segundo. Porém, não tinha escolha. Um único brigadeiro no prato seria uma coisa praticamente obscena, simplesmente não era possível. Pegou no último e reparou num sorriso no canto da boca do seu agente. Maldito Umberto. Fizera aquilo de propósito.

— Então, imaginemos que aceitamos participar no programa — disse Vincent. — Quando é que começariam as gravações?

— Daqui a cerca de um mês.

Vincent engasgou-se com um pedaço da bolinha de chocolate. Cerca de um mês? Teria de contratar um treinador pessoal já para esta tarde.

Eles dizem para ele não ter medo. Que coisa mais esquisita de dizer; como é que ele não ia ter medo? Não o deixam ir para os pais e não lhe querem dizer onde é que os pais estão. Se calhar, aconteceu alguma coisa ao papá e à mamã.

A Ebba da creche tem uma mãe que morreu. O avô e a avó da Ebba foram buscá-la e os educadores disseram que a Ebba tinha de ir para casa. A mamã dela tinha morrido com uma coisa chamada canco.

E se o pai e a mãe também tivessem canco?

E se tivessem morrido?

E é por isso que o foram buscar à escola. Mas porque não foram o avô ou a avó a ir buscá-lo então? Encolhe-se no colchão, que tem um cheiro esquisito. Tudo tem um cheiro esquisito ali.

Já deixou de chuchar no dedo há muito tempo, na verdade. É um menino crescido agora, não precisa de chuchar no dedo. Além de que os dentes podem ficar tortos se puser o polegar na boca durante muito tempo, foi o que a avó disse.

Mas agora precisa do polegar.

O corpo está cansado e pesado, não dormiu a noite toda. Só pensou na mamã e no papá e no canco. Ouve vozes muito ao longe, mas não parecem ser do papá e da mamã.

Fecha os olhos. Se dormir um bocado, talvez eles estejam ali quando acordar.

O apartamento na rua Bellmansgatan era pequeno, mas acolhedor. Tudo evidenciava o facto de que vivia ali uma criança. Por entre os sapatos à porta, estava um saco de plástico com uma caixa de legos por abrir. Era um carro de corridas. Havia brinquedos espalhados um pouco por todo o lado no *hall* de entrada. Era claramente uma família ativa. Desenhos afixados na porta do frigorífico, juntamente com fotografias de férias, restos do pequeno-almoço de uma criança permaneciam na mesa, flocos ressequidos numa tigela de plástico.

— Desculpem a confusão. Nós...

A mãe de Ossian, Josefin, não terminou a frase. O seu olhar parecia ausente, e Mina assumiu que estava sob o efeito de um potente calmante. Mas Fredrik, o pai de Ossian, tinha um olhar firme e focado. Um ligeiro tremor da mão ao apontar para um conjunto de sofás brancos do IKEA foi a única coisa que revelou o que se passava no seu interior.

— Anda, meu amor, vamos para aqui.

Fredrik tocou suavemente no braço de Josefin e puxou-a com cuidado em direção ao sofá. Josefin seguiu-o e, mais do que sentar-se, deixou-se cair. Acariciou o tecido com a mão. Via-se uma grande mancha no tecido claro.

— Devíamos ter pensado duas vezes antes de comprarmos sofás brancos quando tínhamos acabado de ter um filho. Mas pensávamos... pensávamos que ia ser como nas revistas para mães e nos programas da televisão. Um bebé contente e balbuciente que está sempre a dormir. Pensámos... que não íamos ter problemas nenhuns. Eu e o Fredrik fizemos equitação quando éramos adolescentes, pensámos que, para quem já tinha tomado conta de cavalos temperamentais e caprichosos, uma criança não traria dificuldade nenhuma. Mas depois... veio ele...

— Josefin, não precisamos de...

Fredrik pousou a mão no braço da mulher, mas Josefin afastou-a a soluçar.

— Ele nasceu e só gritava e gritava e gritava. Constantemente. O dia todo. Estava tão zangado... E eu não conseguia perceber porque é que ele estava sempre tão zangado o tempo todo. Era como se ele odiasse o mundo, nos odiasse a nós. E eu queria... eu desejei... às vezes desejei que nunca o tivéssemos tido, que tudo voltasse ao que era antes de ele nascer, que nos tivéssemos contentado só um com o outro. Eu sei que não se pode dizer estas coisas, que nunca nos podemos arrepender de ter filhos. Mas nós tínhamos uma vida tão boa, Fredrik. Lembras-te de como a nossa vida era boa?

Josefin virou-se para o marido, que assentiu com a cabeça.

— Josefin, estás em estado de choque, sentes-te culpada e só queres encontrar uma explicação — disse Fredrik. — Não faças isso. Mas, sim, lembro-me. — Tentou novamente colocar-lhe a mão no braço, e, desta vez, Josefin não o afastou. — Lembro-me de que foi realmente difícil, no início — confirmou Fredrik. — Nisso tens razão. Mas depois ultrapassámos as dificuldades, não foi? Ultrapassámos. Juntos. Ele deixou de estar sempre tão zangado, é uma criança contente e satisfeita. *Oppa Gangnam Style*, não é? Claro que às vezes se zanga, mas a maior parte do tempo está contente. E fica tão concentrado quando está a construir os legos. Não é, querida?

Josefin assentiu com a cabeça, em silêncio e sem olhar para o marido.

— Sim, é uma criança feliz. Mas pensa na quantidade de vezes, ao início, que eu desejei que ele não existisse. Imagina que o *karma* se acumulou, que alguém me ouviu e achou que era mesmo verdade, e agora... agora vieram cobrar.

O rosto de Fredrik contorceu-se. Soltoou o braço de Josefin e olhou fixamente para o tapete branco estampado.

— Não é nada disso, sabes perfeitamente. E ele vai voltar, eu sei que vai. Ele vai voltar. Só se foi... embora... durante algum tempo. — Fredrik olhou para o relógio. Depois ergueu o olhar e encarou Mina. — Não é assim? Não costumam sempre ser encontrados? Só passou

um dia, precisamente um dia. Deve estar quase a voltar para casa, não é?

Mina engoliu em seco. Ela melhor que ninguém soubesse que as pessoas desapareciam. E que não voltavam. Mas ela desaparecera por vontade própria. O que não era o caso de Ossian.

— A maior parte das pessoas desaparecidas volta logo ao fim de algumas horas — respondeu Mina. — O Ossian está desaparecido há um dia, o que é um pouco mais do que o normal, mas por enquanto não temos motivos para acreditar que não vai ser encontrado rapidamente. É a nossa prioridade máxima, neste momento.

Mina evitou mencionar que as crianças que voltavam ao fim de algumas horas normalmente estavam apenas perdidas ou tinham ido para casa de algum amigo sem avisar ninguém. Não costumavam ter sido raptadas da escola por mulheres com o carro cheio de brinquedos. Mina também conseguia sentir o *stress* por Ossian ainda não ter sido encontrado em cada célula do seu corpo.

— Falem-nos sobre a manhã em que ele desapareceu — pediu Peder aos pais. — Houve alguma coisa que vos tenha chamado a atenção? Não viram nada quando o deixaram no jardim de infância? Talvez uma pessoa que não tenham visto antes na zona...

— Eu é que o levei — disse Josefin, continuando a acariciar a nódoa no sofá. — Sabem que os anúncios não são verdade? Dos detergentes que conseguem livrar-se de tudo... Já experimentei com todos os produtos disponíveis no mercado, pré-tratamentos... lavei com detergente para roupa branca a noventa graus... e mesmo assim não sai. Acho que esta mancha em particular é de chocolate. Deixei-o comer um ovo *Kinder* no sofá, mas ele queria apanhar um brinquedo, então pousou as metades de chocolate ao lado dele. Lembras-te disso, Fredrik? Acho que era um pequeno robô de cinco peças; ele não desistiu enquanto...

A voz de Josefin desapareceu no vazio.

— Querida — disse Fredrik, e Mina notou o esforço enorme que

estava a fazer para se controlar. — Querida, concentra-te. A Polícia precisa de saber se viste alguma coisa ontem quando o foste deixar. Qualquer coisa... seja o que for... que os possa ajudar a encontrar a pessoa que levou o Ossian.

— Nada. Não vi nada. Estava tudo como de costume. Pais, crianças. Eu sou aquela mãe que nunca fixa os nomes dos outros pais. Que nem sequer sabe quem é de quem.

— Josefin...

Fredrik acariciou-lhe o braço e Josefin sacudiu-se como um cão molhado.

— Também sou aquela mãe que nunca se lembra quando há reuniões de pais, ou dias de passeio, ou dias temáticos, ou... como ontem de manhã. Ele devia ter levado lanche de casa, mas eu esqueci-me. Como sempre. Ele gostava de panquecas frias. Enroladas. Se eu me tivesse lembrado, poderia ter sido diferente? Será que ele teria...

Josefin calou-se.

— Tenho pena de não podermos ajudar-vos mais — disse Fredrik.

— Há uma coisa que podem fazer por nós — disse Mina. — Com a vossa autorização, queríamos tornar pública a busca pelo Ossian numa conferência de imprensa daqui a algumas horas. O público pode ser uma grande ajuda às vezes.

Fredrik olhou para a mulher, que estava de novo a olhar fixamente para o sofá. Josefin assentiu com a cabeça em silêncio.

— Fazemos o que for preciso. — Levantou-se e foi até ao frigorífico na cozinha, de onde retirou algumas das fotografias afixadas com ímanes coloridos. — Aqui estão algumas fotografias do Ossian — disse, ao regressar. — Creio que vos poderão ser úteis.

Mina reparou que Fredrik segurava as fotografias com a parte de trás voltada para a mulher, para que ela não precisasse de as ver. Josefin sufocou um soluço, um soluço que continha mais tristeza do que a que deveria poder existir numa única pessoa.

— Obrigado — disse Peder. — Lembrem-se de que isto vai estar bastante presente na comunicação social. É por uma boa causa, mas talvez seja melhor evitarem os jornais e a televisão durante uns dias.

— Uma última pergunta — disse Mina. — Não há ninguém à vossa volta que instigue a mínima dúvida sobre querer fazer-vos mal, a vocês ou ao Ossian? Ou que pudesse ter algum motivo para querer levá-lo?

Fredrik ponderou a pergunta, mas depois abanou a cabeça decididamente.

— Se tivéssemos pensado nalguma coisa, por mais pequena que fosse, qualquer coisa que achássemos que pudesse ser do vosso interesse, teríamos dito. Mas nós somos... somos pessoas absolutamente normais. Eu trabalho como diretor artístico numa agência de publicidade e a Josefin é coordenadora numa editora de livros. Nós... tivemos infâncias normais, famílias normais, amigos normais... Temos... temos uma vida normal... quero dizer, tínhamos.

Mina viu que a fachada controlada de Fredrik estava prestes a estilhaçar-se. Trocou um olhar com Peder e levantaram-se os dois.

— Nós compreendemos — disse Mina. — O Peder tem três filhas de três anos e eu, eu tenho... — Interrompeu-se a tempo e inspirou profundamente; fora por um triz. Conseguiu sentir o olhar questionador de Peder, mas evitou confrontá-lo. — Vamos fazer tudo o que pudermos para encontrar o Ossian — concluiu.

Josefin continuou sentada no sofá, mas levantou a cabeça e olhou para Mina.

— Nunca compre um sofá branco — disse.

Mina assentiu com a cabeça. Quando saíram pela porta, desviou deliberadamente o olhar dos sapatos de criança no *hall* de entrada.

Julia sentiu um aperto no peito só de se aproximar da porta do apartamento. Uma coisa engraçada, aquilo dos reflexos condicionados. Inspirou profundamente antes de agarrar a maçaneta. Do interior do apartamento, ouviu Harry gritar.

— Olá! — chamou com um tom de voz propositalmente alegre e descontraído.

Ficou sem resposta. Chamou mais uma vez, mas também não obteve reação, exceto pelos gritos de um bebê extremamente insatisfeito.

A caminho do quarto, passou pela cozinha. Parecia que lá tinha explodido uma bomba. Frascos de comida de bebê vazios, pratos sujos, cascas de banana, folhas de papel de cozinha amachucadas e um número infinito de chávenas de café meio cheias. Interessante, ainda assim. Quando era ela que ficava em casa com Harry, recebia sempre alguma indireta sarcástica quando Torkel regressava do trabalho e a cozinha estava naquele estado. O marido nunca perdera uma oportunidade de lhe perguntar o que ela realmente fazia quando ficava em casa o dia todo.

Cuidadosamente, abriu a porta do quarto.

Harry estava deitado no berço, o rosto vermelho de raiva. Estava a fazer uso total das suas capacidades vocais, que não eram inteiramente insignificantes. Torkel dormia na cama de casal ao lado. Ressonava alto e deitara-se em cima da colcha, completamente vestido.

Julia olhou para o relógio e praguejou em voz baixa. Na verdade, não tinha realmente tempo para estar em casa, mas precisara urgentemente de ir trocar de roupa antes da conferência de imprensa; a roupa que tinha vestida estava encharcada em suor. E também queria poder dar beijinhos nas bochechas gordas de Harry. O dilúvio de mensagens escritas de Torkel durante o dia também tinha acabado por conseguir afetá-la e deixá-la de consciência pesada. Apesar de saber que não devia sentir-se assim.

Tirou Harry do berço, que se calou imediatamente ao seu colo, ao

mesmo tempo que Julia percebeu o motivo da gritaria. Cheirava intensamente a cocó. Julia levou-o para o trocador na casa de banho para lhe mudar a fralda. Harry arrulhou de felicidade depois de Julia o limpar e esticou os braços para as figuras penduradas de um móbil por cima do trocador. Teletubbies. As figuras coloridas pareciam ser droga pura para bebés, tendo em conta a sua imensa popularidade.

— Vamos lá, pequerrucho, podes ficar a fazer companhia à mamã enquanto troco de roupa, mas depois vamos ter de acordar o papá, porque a mãe tem de voltar para o trabalho outra vez. Algures por aí há outro menino, percebes, meu amor?, que deve estar muito triste e assustado. E está pacientemente à espera de que a mamã o encontre.

Harry balbuciou e respondeu tentando puxar-lhe o cabelo. Os seus pequenos e gorduchos punhos de bebé tinham uma capacidade inigualável e frequente de agarrar alguns fios de cabelo precisamente junto às orelhas, onde doía mais, e depois puxá-los com uma força surpreendente.

— Au, au, au, não magoes a mamã — disse Julia com um esgar de dor, tentando abrir cuidadosamente os punhos cerrados de Harry.

Julia colocou-o na espreguiçadeira enquanto mudava de roupa. Primeiro um banho a fingir — aplicar desodorizante sem se lavar — e depois uma camisa e calças limpas. Agora estava pronta para continuar o tempo que fosse preciso.

Quando terminou, tirou Harry da espreguiçadeira, enterrou o rosto no seu pescoço cheio de pregas e inspirou o cheiro da sua pele de bebé. Harry gargalhou e agitou os braços no ar. Julia sentiu algo dissolver-se dentro de si e um calor espalhar-se pelo seu interior.

Até agora tinha conseguido manter as duas coisas separadas. O desaparecimento de uma criança e a sua própria parentalidade. Conseguira manter Ossian e Harry separados. Agora, ambos se misturavam em imagens rápidas.

Ossian.

Harry.

Ossian.

Harry.

Um maior, outro pequeno. O filho de alguém. O filho deles. O filho dela. Uma criança desaparecida. Uma criança ali, no seu colo.

Era precisamente por Harry que tinha de se apressar a voltar para o trabalho. O dia ainda não tinha terminado. Apertou-o junto ao peito com mais força e sentiu a sua pequena mão macia contra o seu pescoço. Julia inspirou profundamente antes de voltar para o quarto de casal. Deitou Harry ao lado de Torkel e sacudiu o marido levemente. Torkel estremeceu e olhou à sua volta, confuso.

— O quê? O que foi? O que é que se passa?

— Sou eu. Vim só mudar de roupa, mas tenho de sair outra vez. Mudei a fralda ao Harry, mas acho que ele está a ficar com fome.

Torkel saltou rapidamente da cama e olhou para ela com uma expressão selvagem.

— Sair?! Vais sair outra vez? Então e eu? Estive com ele o dia todo, pensei que pelo menos à noite estivesses em casa. Nem sequer te dignaste a responder às minhas mensagens. Sabes, Julia, isto não vai funcionar, já me ligaram do trabalho, tenho milhares de *e-mails* e...

Julia saiu imediatamente do quarto, enquanto as palavras de Torkel continuavam a ser cuspidas para as suas costas. À sua frente, viu o rosto de Ossian. E, por cima dele, o de Harry.

Pegou na mala e dirigiu-se para a porta de entrada. Atrás de si, a voz de Torkel continuou a ecoar pelas paredes.

O computador portátil no colo de Vincent tinha a bateria quase cheia. Fizera questão de o carregar, não queria arriscar perder alguma coisa por a bateria acabar de repente. Um relógio no monitor mostrava quantos minutos e segundos faltavam para as dezassete horas e a transmissão em direto na página da Polícia começar. No comunicado de imprensa só aparecera o nome de Julia, uma vez que seria ela a responsável pela conferência, e Vincent nem sequer sabia se Mina ainda fazia parte do grupo policial, mas a esperança era a última a morrer.

Se tivesse sorte, conseguiria vê-la.

Se tivesse sorte.

A sombra dentro dele moveu-se. Depois do que acontecera com a sua mãe, naquele verão quando ainda era criança, a sombra tomara-o de assalto e vivia dentro dele desde essa altura. Porém, Vincent aprendera desde muito cedo a mantê-la sob controlo através de alguns comportamentos; por exemplo, contando coisas ou estabelecendo ligações através de padrões. Claro que às vezes era difícil ver a diferença entre os padrões reais e os que ele próprio inventava, mas isso nem sempre era o mais importante. Como naquele preciso momento, quando reparou que a sua mulher tinha feito uma armadilha de vespas com uma garrafa de plástico no parapeito da janela ao mesmo tempo que ele próprio estava à espera do início da conferência de imprensa. E «abelha em marinada»[1] era um anagrama de «Mina Dabiri». O importante era que mantivesse o seu pensamento lógico e analítico ativo; assim os sentimentos sombrios não tinham tanto espaço para se moverem.

Por fim, Vincent tornara-se tão eficiente a ignorar a sombra que quase deixara de pensar que ela existia. A família também tinha sido uma grande ajuda; quando precisava de se lembrar de preparar a lancheira de Aston ou de se preocupar se os amigos de Rebecka eram falsos, simplesmente não restava espaço para qualquer tipo de escuridão espiritual. E quando conhecera Mina, a escuridão desaparecera completamente. Com ela, sentira-se normal.

Mas depois tudo acabara.

Ele e Mina tinham deixado de se encontrar.

E a sombra regressara, com mais força do que anteriormente. As ações da sua irmã tinham-na despertado outra vez, e, agora, a família não era suficiente para fazê-la desaparecer. Vincent não estava preocupado que ela o dominasse por completo; a escuridão fazia parte dele há demasiado tempo para isso. Continuava a ser mais como um pendura. Ou um mau amigo. Um que começava a tornar-se cada vez mais barulhento.

Porém, a ideia de que Mina poderia aparecer na conferência de imprensa afastara momentaneamente a escuridão. O relógio em contagem decrescente no monitor desapareceu e foi substituído pela imagem de uma sala. No meio da imagem via-se uma tribuna, mas ainda não havia ninguém a ocupá-la. Ouviu-se um murmúrio de vozes e o farfalhar de pessoas irrequietas a remexerem-se. O som vinha provavelmente dos jornalistas reunidos na sala, sentados precisamente atrás do ângulo da câmara de filmar. Colocados no púlpito, cinco microfones esticavam o pescoço, à espera de que chegasse um orador. Vincent suspirou; nem sequer a Polícia conseguia manter alguma ordem, aparentemente. Pegou numa caneta e encostou-a ao monitor do computador, para que parecesse haver seis microfones.

Muito melhor assim.

Ao fim de mais um minuto, Julia entrou em cena e dirigiu-se para a tribuna. Vários *flashes* de máquinas fotográficas dispararam e o murmúrio geral silenciou-se.

— Obrigada por terem vindo — disse Julia. — Vou direto ao assunto. Ontem à tarde, entre as quinze e trinta e as dezasseis horas, Ossian Walthersson, de cinco anos, desapareceu do jardim de infância de Backen em Zinkensdamm, no bairro de Södermalm, em Estocolmo.

Mais ninguém do grupo policial apareceu. Vincent tivera tanta esperança de ver Mina que sentiu uma dor no peito quando percebeu que ela não estava presente. Mas talvez aparecesse dali a um bocado.

Precisava de se acalmar.

Ossian.

Começava por «O».

«Ómega», no alfabeto grego. Também era a última das vinte e quatro letras gregas, o que lhe dera um significado simbólico. Segundo o cristianismo antigo, o ómega implicava o final derradeiro, o apocalipse. E que melhor forma poderia haver de o iniciar do que começar por sequestrar uma criança? Vincent notou que não estava a respirar de forma minimamente mais calma.

— Temos indícios que apontam para que o Ossian tenha sido raptado — continuou Julia. — Portanto, além do Ossian, também estamos à procura de uma mulher entre os trinta e cinco e os quarenta e cinco anos, que se terá encontrado no local por volta desta hora. Infelizmente, não temos nenhuma descrição, apenas sabemos que terá deixado o local num carro desportivo. Possivelmente, também teria alguns cachorros com ela. Mas não sabemos de que raça seriam.

Julia parou de falar e exibiu uma fotografia de Ossian. Parecia ter sido tirada no parque de diversões de Gröna Lund. Ossian, com o cabelo ondulado e louro do sol de verão, sorria alegremente para a câmara, com metade do rosto enterrado em algodão-doce. Vincent ergueu os olhos do monitor do computador e olhou para a porta do quarto de Aston, atrás da qual o seu filho mais novo brincava. Tivera de argumentar com ele meia hora para o convencer a fazer algo sozinho durante algum tempo. Aston preferia sempre a companhia da mãe à de Vincent, claro, mas precisamente hoje o conflito fora particularmente intenso. Não obstante, por mais que discutissem, Vincent amava o seu filho imensamente; nem conseguia imaginar como seria se Aston desaparecesse de repente. Só de pensar nessa possibilidade, ficou nauseado; não queria sequer pensar no que os pais de Ossian estariam a passar naquele momento.

— Receberam esta fotografia por *e-mail* — disse Julia para os jornalistas ali reunidos. — Toda e qualquer informação sobre onde o

Ossian, principalmente, mas também a mulher poderão estar será recebida e tratada com a máxima prioridade. Não preciso de explicar que é um assunto de extrema urgência.

Os *flashes* das câmaras começaram novamente a brilhar no monitor.

— O que é que dizem os pais? — perguntou alguém fora da imagem.

— Os pais do Ossian precisam da vossa ajuda — respondeu Julia. — Mas neste momento estão numa condição demasiado frágil para poderem enfrentar a comunicação social e pedem a vossa compreensão. No entanto, enviaram uma mensagem.

A fotografia de Ossian passou a cobrir todo o monitor do computador, juntamente com um texto.

Este é o Ossian, ele gosta de dançar e cantar. O Ossian é tudo para nós, o nosso mundo. Ajudem-nos a recuperar a música no nosso mundo.

E, de seguida, um número de telefone e os endereços das redes sociais.

— Apelamos a todo o tipo de informação — insistiu Julia. — A Polícia pode ser contactada através do Facebook e do Instagram. E, claro, também por telefone e *e-mail*. Gostaríamos igualmente que vocês na imprensa fornecessem as vossas próprias informações de contacto, quando escreverem sobre o caso. Às vezes pode parecer mais fácil telefonar para o *Expressen* do que para a Polícia.

— Têm alguma teoria? — perguntou alguém.

Julia olhou durante bastante tempo na direção de onde a pergunta viera. O seu rosto tornou-se tenso; Vincent pensou que talvez lhe devesse oferecer um curso intensivo de controlo da linguagem corporal. Realmente, não era má ideia de todo, oferecer formação à Polícia. Assim talvez Mina também aparecesse. Não que Mina precisasse de frequentar um curso; a sua linguagem corporal fora sempre impecavelmente clara. Uma memória de como Mina se movia surgiu-lhe no pensamento e algo dentro dele estremeceu. Vincent teve de fazer um esforço para suprimir a memória. Na verdade, não o

queria fazer, mas seria estúpido perder parte da conferência de imprensa. Julia pareceu relaxar um pouco no monitor e os seus ombros descaíram.

— Para dizer a verdade, não — respondeu à pergunta feita anteriormente.

O tom de voz de Julia sinalizou que a conferência de imprensa estava terminada. Os jornalistas teriam de fazer a maior parte do trabalho, desta vez. E Mina, aparentemente, não ia aparecer. Talvez fosse pelo melhor; Vincent não sabia como teria reagido se a visse de repente ali.

A porta da frente abriu-se e Maria entrou. Despiu o casaco com um suspiro e depois deixou-se cair no sofá, ao lado de Vincent.

— Então, não me interpretes mal, sinto-me incrivelmente grata por ele querer ajudar-me — disse Maria, e espreguiçou-se. — Mas agora estou completamente exausta.

Depois do curso monte-o-seu-próprio-negócio, Kevin oferecera-se para continuar a ajudar Maria em privado. Vincent, para dizer a verdade, tinha alguma dificuldade em ver quanta ajuda adicional era possível dar. Ou receber. Afinal de contas, tratava-se de uma loja *online* a vender anjos de cerâmica e sabonetes. Não era exatamente um concorrente da Amazon. Vincent olhou discretamente para o relógio e constatou que Maria estivera fora três horas.

— É mesmo preciso tantas horas de consultoria? — perguntou-lhe. — Vocês encontram-se quase todas as tardes. O Aston pergunta constantemente por ti.

Vincent arrependeu-se da pergunta imediatamente. Na verdade, queria ser solidário e generoso; Maria precisava de fazer algo que fosse só dela. Algo onde pudesse brilhar e desenvolver-se nos seus próprios termos. E encontrara-o. Ele próprio recebia demasiada atenção no seu trabalho, tinha uma audiência, um público, uma massa sem rosto que o elogiava e felicitava. Maria não tinha nada disso. Se Vincent fizesse uma introspeção honesta, ele próprio provavelmente

também não lhe dava a atenção que ela merecia. Pensou dizer algo, mas ficou em silêncio. Sem um manual, estava de mãos atadas.

[1] «*Bi i marinad*» no original. (*N. da T.*)

Mina colocou a chave na fechadura e abriu a porta. Súbita e inesperadamente, a ligeira resistência no trinco transportou Mina de volta para outro apartamento. Por momentos, foi aquele *hall* de entrada que viu à sua frente, e não o do seu apartamento em Årsta. Tentou afastar os pensamentos; retornar às memórias era algo que tentava a todo o custo evitar há muitos anos. Se o trinco do seu apartamento sempre estivera perdoado, porque a fizera pensar noutro tempo, noutra vida, precisamente hoje? Mina tentou libertar-se dessa sensação, mas, uma vez instalada, não era assim tão fácil.

O outro apartamento, o do bairro de Vasastan, era mais pequeno do que aquele que tinha agora. Mas acomodaram-se lá o melhor que puderam, ela e o marido.

E Nathalie.

Nathalie era pequena e dormiam os três na mesma cama. A súbita memória era tão dolorosa que ficou com falta de ar. A manta azul favorita. Nathalie ficava inconsolável quando a manta era lavada e ela tinha de dormir com outra, pelo que compraram três mantas idênticas.

Não penses nisso, não te deixes levar.

Não pensar no que tinha perdido. Em tudo o que o seu vício estragara e destruíra. Ao mesmo tempo, na altura em que frequentara os Alcoólicos Anónimos, tinha trabalhado arduamente em aprender a perdoar-se a si própria. Nunca imaginara que os analgésicos que lhe tinham sido prescritos por causa da operação depois do parto se transformariam numa avalanche, uma avalanche que a enterrara por completo durante muitos anos. Pequenos comprimidos brancos que pareciam tão inocentes na palma da sua mão, mas que lhe roubaram tudo o que era importante na vida.

Mina passara demasiado tempo a tentar perceber por que motivo ela, justamente ela, se tornara viciada; qual seria o gene defeituoso que a fizera cair no vício tão rapidamente. Porém, sabendo quem era a sua mãe, não devia ter ficado surpreendida; embora tivessem escolhido drogas diferentes, tinham caído com a mesma facilidade. E

deitaram a perder as mesmas coisas.

Descalçou os sapatos em cima do tapete da entrada e reparou numa pequena pedra que se soltara de uma das solas e caiu para o chão. Ela que fora tão cuidadosa a raspar os sapatos à entrada do prédio. Pegou na pedra com o polegar e o indicador e deu-lhe um piparote porta fora. Depois trancou-a, foi rapidamente para a casa de banho e lavou as mãos de imediato. Fora forçada a segurar tanto uma chave suja como uma pedra; teria de lavar as mãos duas vezes. De seguida, despiu-se, deitou as cuecas para o caixote do lixo e tomou um duche com água gelada. Tinha sido um dia longo; normalmente, teria tomado banho com água a esquentar, para se livrar de toda a sujidade no corpo, mas o calor dentro do apartamento faria com que começasse a transpirar assim que saísse do duche, e queria adiar essa sensação arrefecendo o corpo o máximo que aguentasse com a água fria.

Continuou a fazer um grande esforço para afastar as memórias, mas estava a ser difícil. Como a do restaurante grego, dois andares abaixo do apartamento em Vasastan. Não ia lá há quinze anos, mas ainda conseguia evocar o cheiro de azeitonas, alho e carne grelhada.

Depois de tomar duche, abriu um novo pacote de dez cuecas de algodão e um pacote de camisolas interiores e vestiu-se. Depois foi para a sala só de cuecas e camisola interior e sentou-se no sofá.

Havia dias em que era fácil manter o passado lá atrás, mas não todos. E por isso não queria deixar ninguém entrar, nem na sua casa, nem na sua vida. Já eram espaços demasiado apertados. O pior era que tinha sido ela própria que o escolhera, ela própria que abandonara. Na altura, julgara-se altruísta, considerando que a sua escolha melhorava a vida dos outros. Como podia ter sido tão ingénua, tão egoísta?

Pressionou os dedos contra os olhos para travar as lágrimas, que trariam consigo sujidade interior, e não queria ter de lavar o rosto com álcool-gel. Da última vez que o fizera, a pele ardera-lhe com uma intensidade inesperada.

Naquela altura era jovem. E não queria ser como a mãe. Depois odiara o seu ex-marido durante muitos anos, por ele a ter obrigado a escolher. Porém, sabia que não era verdade. A única coisa que ele fizera fora garantir que ela cumpria a sua própria promessa.

E Mina cumprira-a. Quase. À exceção do breve encontro que teve com Nathalie no jardim do Kungsträdgården há dois anos, em que não lhe revelou quem era, mantendo-se afastada. Não a contactara, só a observara de longe. Não obstante, passara inúmeros finais de dia a seguir o pequeno ponto na aplicação que estava ligada ao transmissor na mochila de Nathalie.

Mina foi até à secretária e olhou para a fotografia da filha. Abriu a gaveta e leu a mensagem que Vincent lhe escrevera naquele verão.

Não te vou perguntar nada. Mas quando te sentires preparada para falar, eu estou aqui para ouvir.

P.S.: Desculpa pelo cubo.

Mina fechou novamente a gaveta. «Quando te sentires preparada para falar»... Isso nunca iria acontecer.

Voltou para a porta de entrada e confirmou que estava realmente trancada. Ninguém podia entrar.

Vincent sentia o corpo dorido. Tinha um novo espetáculo já esta noite. Normalmente, só as peças representadas ao ar livre é que estavam em cena nos teatros durante o verão, mas tinha havido uma procura tão grande pelo seu espetáculo que a *tourné* fora prolongada pelos meses de verão. Umberto estava eufórico com a receita de bilheteira, mas Vincent começava a arrepender-se do acréscimo. Porém, restavam-lhe apenas duas semanas de apresentações, depois poderia descansar durante algum tempo. Talvez pudesse levar a família de férias. Isto se conseguisse juntar a família em casa por tempo suficiente para saírem todos juntos.

Quando entrou na cozinha, Benjamin já estava a meio do pequeno-almoço. Comia sempre a mesma coisa: duas fatias de pão torrado (a manteiga tinha de derreter em cima do pão antes de juntar as duas fatias) e uma fatia de fiambre no meio. A única novidade era que, há algum tempo, Benjamin também começara a beber café. Desde que Vincent investira numa máquina de café em cápsulas, o consumo dessa bebida em casa aumentara vertiginosamente.

Enquanto Vincent retirava duas cápsulas da caixa e carregava a máquina com uma delas, olhou de relance para a cafeteira antiga, que costumava estar sempre a ferver àquela hora da manhã. Continuava em cima da bancada da cozinha, agora coberta por uma fina camada de pó. Vincent sentiu que algo se perdera. Ligou a máquina, murmurou um «bom dia» para o filho mais velho e depois dirigiu-se para o quarto de Aston.

— Pequeno-almoço! — chamou, abrindo a porta e espreitando para dentro do quarto.

O filho de nove anos gemeu em desagrado e puxou o cobertor sobre a cabeça.

— Não quero ir ao ATL.

— Pois, quem é que quereria isso? Mas hoje já é sexta-feira; amanhã é fim de semana e podes dormir o tempo que quiseres. Anda lá tomar o pequeno-almoço.

Aston esticou uma perna para fora da cama, como se quisesse testar o mundo exterior. Depois puxou-a para dentro novamente.

— Tens três minutos — disse-lhe Vincent.

Regressou para a cozinha e carregou a máquina com a segunda cápsula de café; as manhãs exigiam sempre uma dose dupla. Além disso, só pessoas loucas é que utilizavam um número ímpar de cápsulas.

Maria estava a colocar tigelas em cima da mesa.

— Podias ter posto a mesa para toda a gente — murmurou para Benjamin.

— Lamento, não tive tempo, tenho de estar preparado para a abertura.

— Mas a bolsa não abre antes das nove, ou abre? — comentou Vincent com um olhar expressivo. — Mais vale admitires, não tens empatia pela tua família.

Maria pousou a chávena de chá com um baque em cima da mesa.

— Não gosto nada que andes a fazer *day trading* — disse para Benjamin. — Parece-me profundamente imoral ganhar dinheiro à conta de especulação financeira. Desde quando é que te tornaste um capitalista empedernido?

Vincent evitou mencionar que Maria também abandonara os estudos de sociologia para fazer um curso de empreendedorismo e abrir uma loja. O desprezo da sua mulher pelo passatempo de Benjamin devia-se provavelmente mais ao facto de o filho ganhar bastante dinheiro, talvez até mais do que Maria alguma vez ganharia com os seus anjos, velas perfumadas e quadros com palavras de sabedoria.

— Aston, levanta-te! — chamou, ao invés. — Temos cereais novos!

— Não! — gritou Aston do seu quarto, em resposta. Depois acrescentou: — Está bem! Há compota?

Aston deixara de comer iogurte com pedaços de maçã alguns meses

antes e, por volta da mesma altura, também deixara de comer praticamente todos os alimentos que não fossem à base de pão ou farinha de trigo. Atualmente, a sua dieta era composta por hambúrgueres, *pizzas* e cachorros-quentes. Em vez de fruta no iogurte, Aston comia agora *Cheerios*. Normalmente, despejava uma montanha de flocos na tigela, tão alta que metade caía para o chão.

Aston saiu do seu quarto com um bocejo. Sentou-se à mesa da cozinha e, como esperado, começou a despejar uma respeitável pirâmide daqueles flocos redondos para dentro da tigela. Maria virou ostensivamente o olhar para a janela.

— Bem, ouçam lá... vocês conhecem o programa *Prisioneiros do Forte*... — começou Vincent a dizer lentamente.

— Alguém viu a Rebecka? — interrompeu Maria, junto à janela. — Ela já acordou?

Aparentemente, a sua mulher nem se apercebera de que ele tinha começado a falar. E talvez até fosse pelo melhor; Vincent em calças de licra talvez não fosse o tema de conversa adequado à mesa do pequeno-almoço.

— Ela não dormiu em casa — respondeu Benjamin, e bebericou ruidosamente o café. — Não enviou uma mensagem ao pai a avisar?

Vincent deteve-se a meio de um movimento, a caminho da embalagem de cereais de Aston.

— Não recebi mensagem nenhuma — disse.

— Sim, acho que recebeste — insistiu Benjamin. — Mas o teu telemóvel continua ligado ao carregador, por isso não a deves ter visto.

— Está em casa do tal Dennis? — perguntou Vincent, agarrando rapidamente a embalagem de cereais antes que se esvaziasse por completo.

— Pai! — gritou Aston.

— Ele chama-se *Denis* — suspirou Benjamin. — É de França. Vê lá

se acompanhas.

— *Oui, monsieur* — respondeu Vincent com um sotaque exageradamente francês, e pousou a embalagem de cereais longe de Aston.

Vincent ainda não interiorizara o facto de que a filha tinha dezassete anos e começava a fazer o que queria. Já tentara impor que, enquanto vivessem na mesma casa, eram as suas regras que se aplicavam, que isso até estava regulamentado por lei, mas suspeitava que Rebecka já não o respeitava por aí além enquanto figura de autoridade da família. O que talvez até fosse normal. Estranhamente, Maria não se mostrava de todo tão preocupada. Pelo contrário até, a sua mulher parecia apreciar que Rebecka passasse menos tempo em casa.

— Denis, *l'homme mystérieux* — disse Vincent, levantando o lábio superior e encolhendo os ombros, numa versão caricatural e preconceituosa de um gesto francês. — Quando é que o vamos conhecer, *eh?* Ele existe mesmo? *C'est réel?*

— É precisamente essa a razão pela qual ela não o traz cá a casa — respondeu Benjamin com um suspiro, antes de deixar a mesa.

— Desde que ela se proteja — comentou Maria, passando a caneca de chá por água no lava-louça.

Vincent tossiu alto; parecia que o pudor de Maria tinha desaparecido momentaneamente. Vincent recordou-se de nunca perguntar à mulher o que ela tinha feito aos dezassete anos.

— A Rebecka precisa de um penso rápido? — disse Aston com a boca cheia de *Cheerios*.

Alguns dos flocos escaparam-lhe da boca e aterraram na pilha que já havia no chão.

— Não, aquele Denis é que precisa — respondeu Maria. — O teu pai explica-te.

Vincent enterrou o rosto nas mãos. Se era demasiado cedo para uma conversa sobre o *Prisioneiros do Forte*, não havia qualquer dúvida de

que era demasiado cedo para uma discussão sobre sementinhas e cegonhas.

— Continuo a não querer ir para a escola — disse Aston, mudando de assunto, para deleite de Vincent.

— Não vais para a escola, vais para o ATL — respondeu ao filho. — E são só mais alguns dias, depois começam as férias de verão a sério.

— Meu Deus, que calor que está! — exclamou Maria, abrindo a janela. — E ainda nem sequer são nove horas. Vou buscar o protetor solar do Aston.

Enquanto Maria foi à casa de banho, Vincent pegou no pano de cozinha para limpar os flocos pegajosos do chão. Agachou-se e, ao mesmo tempo, limpou as primeiras gotas de suor da testa com o braço. Subitamente, teve uma visão de uma sala arejada e fresca, com paredes em cinzento-claro, onde tudo estava em perfeita ordem e onde não havia nem iogurte no chão, nem possíveis mal-entendidos no ar.

O apartamento de Mina.

Vincent só lá estivera duas vezes. E nenhuma das ocasiões estivera isenta de problemas. Na primeira, Mina mostrara-se inconsolável, após um encontro com Nathalie. Da segunda, acusara-o praticamente de homicídio. Porém, não fazia diferença; Vincent tinha saudades do seu apartamento bem arrumado. A sua antiga colega de trabalho não fazia ideia do luxo em que vivia.

Já tinha visto aquela mulher antes. Embora não conseguisse recordar-se de onde, tinha a certeza de que a mulher lhe era familiar. Nathalie olhou por cima do ombro. Tinha dormido em casa de uma amiga, mas era a única delas que ia para o centro da cidade de manhã; as amigas estavam do outro lado da plataforma.

— Olá.

Nathalie sobressaltou-se. A mulher dirigira-se a ela. Ponderou se deveria responder ou não; estava dividida entre todas as advertências que recebera enquanto criança sobre não falar com estranhos e todos os reparos sobre ter de ser educada com os adultos. E a mulher não parecia minimamente perigosa, pelo contrário. Para uma pessoa tão velha, era linda. Cabelo comprido e claro, penteado para trás e preso num rabo de cavalo direito na nuca. Sem maquilhagem, mas com pestanas compridas e verdadeiras, que emolduravam um par de olhos azul-claros, e uma tez sem muitas rugas. Nathalie teve dificuldade em estimar a idade da mulher. No geral, tinha dificuldade em estimar a idade de pessoas velhas. Talvez tivesse uns... sessenta?

— Olá — respondeu Nathalie, ligeiramente hesitante, no momento em que o metropolitano chegou à estação.

A mulher entrou atrás dela. Nathalie sentou-se num assento vazio de quatro lugares. A carruagem estava praticamente vazia, apesar de ser uma sexta-feira de manhã; os passageiros regulares como que desapareciam durante os meses de verão.

A mulher sentou-se no lugar à sua frente e Nathalie olhou pela janela. A situação parecia-lhe estranha. O comboio deixou a estação e foi aumentando cada vez mais a velocidade. Nathalie limpou umas gotas de humidade da testa enquanto observava discretamente a mulher à sua frente. Ela própria estava completamente transpirada depois da curta caminhada até à estação do metropolitano; o calor parecia uma muralha e a carruagem arrefecida era uma pausa bem-vinda da temperatura opressiva de verão. Porém, a mulher parecia fresca, sem manchas de suor na blusa branca ou na saia.

A mulher olhou-a nos olhos, e Nathalie, envergonhada, voltou a olhar pela janela. Sabia que não se devia olhar fixamente para estranhos, mas havia algo de familiar na mulher. O cérebro de Nathalie procurava febrilmente nos recantos da memória algo que pudesse ajudá-la a identificar aquele rosto, que julgava reconhecer. Muito lentamente, algo começou a mover-se nas margens da sua consciência, algo que queria soltar-se, avançar, e tentava emergir com cada vez mais força. Estava mesmo ali, embora fora de alcance, e, sempre que tentava capturar a memória, esta escapava-se.

A explicação talvez fosse simples, talvez fosse alguém que tivesse visto na televisão e que, por isso mesmo, lhe parecia tão estranhamente familiar, como podia acontecer por vezes com as celebridades, apesar de nunca as termos conhecido. Todos os dias, pessoas na rua cumprimentavam alegremente o pai de Nathalie, para depois ficarem com ar envergonhado quando se apercebiam de que não era ninguém que conheciam pessoalmente, mas alguém que tinham acabado de ver no noticiário.

Ouviu-se o sinal dos altifalantes e a voz feminina anunciou a paragem seguinte.

Gullmarsplan.

A mulher levantou-se. Nathalie tentou não olhar para ela, mas algo a obrigou a desviar o olhar da janela para a figura que agora estava muito próxima. A mulher estendeu-lhe a mão.

— Nathalie, não precisas de ter medo de mim — disse a mulher suavemente. — Sou a tua avó materna. Não me reconheces?

Todas as peças do *puzzle* se encaixaram ao mesmo tempo. Nathalie nunca tinha conhecido a avó, pelo menos que se conseguisse lembrar. Na verdade, nem sabia que tinha uma avó materna ainda viva. Mas sabia o que tinha visto, reconhecera algo de si própria naquele rosto gentil. A sensação foi avassaladora, era como se estivesse a conhecer uma parte de si mesma que não sabia que tinha. E com essa sensação veio uma convicção da sua verdade.

Aquela mulher era realmente a sua avó.

Nathalie olhou para a mão estendida. À volta do pulso tinha um elástico azul e uma marca vermelha na pele que indicava que o elástico estava demasiado apertado. Era difícil sentir-se ameaçada por uma senhora mais velha com um elástico no pulso.

— Anda comigo, por favor — disse a avó, e fez um gesto convidativo com a mão. — Quero mostrar-te uma coisa. Esperei muito tempo para o poder fazer.

Quando acordo, sento-me com as costas para a parede. Assim posso ver se alguém vier fazer alguma coisa má. Porque não acho que eles sejam bons. Mesmo que me tenham deixado comer gelado ao jantar e tenham dito que posso ver os filmes da Lego as vezes que quiser.

Não acredito na senhora má. Não acredito que me vão deixar ir para casa. Odeio o filme da Lego.

Já estou aqui há muito tempo. Há cem dias. Mas sei que só passaram dois.

Já quase não consigo chorar. Perguntei muitas vezes se a mamã e o papá morreram com canco, mas eles não me respondem. Só quero ir para casa.

Disse-lhes ontem, muitas, muitas vezes, que quero que me levem para casa. Acabei por ficar com tantas dores de barriga que já não consegui dizer mais vezes.

Devia estar no jardim de infância. Não fui lá ontem, nem no dia antes de ontem. Íamos construir uns foguetes para o projeto do espaço. O meu foguete ia ser um Ferrari. E ia mostrar aos meus amigos como se dança o Gangnam Style. E agora não fiz isso. E a culpa é da senhora.

Ao fim de algum tempo, a senhora vem outra vez e diz que posso comer mais gelado, mas eu não respondo. Penso que ela não existe.

O quarto não existe.

Os adultos maus não existem.

Nada existe.

Eu não existo.

— Bom dia a todos — disse Julia.

Mina acenou com a mão, sem muito entusiasmo. Julia estava junto ao quadro, na frente da sala, e Mina notou que parecia muito cansada.

— Recebemos inúmeras chamadas depois da conferência de imprensa, ontem — continuou Julia. — Uma criança desaparecida atrai sempre muita atenção; as linhas de denúncias não têm parado. Ao mesmo tempo, não nos podemos esquecer de que esta tarde vai fazer dois dias que o Ossian desapareceu, portanto tornemo-lo um dia significativo. Por cada hora que passa, a probabilidade de o encontrarmos diminui.

Bosse soltou um latido breve. O cão abandonara temporariamente o seu dono e estava agora deitado em cima dos pés de Peder. Parecia estar a fazer muito calor, mas Peder não fez qualquer tentativa de mover o cão, e Mina suspeitou que ele não ousava fazê-lo; não devia querer correr o risco de receber um olhar de soslaio de Christer. Ninguém perturbava o grande amor de Christer impunemente. Por outro lado, o som agudo e repentino ajudou Mina a concentrar-se.

— As informações que recebemos não se afastaram do habitual — disse Julia. — Uma mistura saudável de maluquinhos, desejos de vingança, pura especulação e esperanças vãs. O Ossian foi avistado em todo o lado, desde Kiruna até Ystad, e recebemos inclusive alguns relatos da Noruega e da Dinamarca de que foi visto lá. Vai ser como procurar uma agulha num palheiro, quando formos separar o trigo do joio, para misturar as expressões. Mas também não é nada que não tenhamos feito antes. O Christer já começou a verificar que criminosos sexuais estão em liberdade neste momento, e temos connosco a Sara, do departamento de análise, para nos ajudar.

Sara acenou brevemente com a cabeça para o grupo. A sua ajuda fora inestimável quando precisaram de analisar as comunicações móveis no caso da irmã de Vincent, e era um elemento muito bem-vindo quando se tratava de classificar todos os dados.

Mina reparou que Ruben parecia evitar olhar para Sara.

Interessante. Ele que costumava olhar para todas as mulheres tão intensamente que roçava o assédio. Mina recordava-se de que, já da primeira vez que Sara os ajudara, tinha havido uma tensão entre eles, e não pôde deixar de se perguntar se acontecera algo entre os dois. O que certamente era o caso, tendo em conta que se tratava de Ruben. Mas, fora isso, Mina até achava que Ruben se acalmara um pouco ao longo do último ano. Claro que ainda lançava uns piropos, mas havia algo na sua atitude que tinha mudado.

— Peder, tu és um mestre a olhar para listas, por isso estou a pensar que tu e a Sara podem fazer uma análise sistematizada de todas as informações que entraram e categorizá-las. Uma pilha de não definitivos, uma pilha com os talvez e outra com coisas que pareçam promissoras. Mas sejam generosos com a divisão; não queremos que alguma coisa que seja uma dica real mais tarde tenha acabado na pilha dos não por engano. Não nos podemos dar ao luxo de cometer asneiras.

Mina gostava de Sara, era uma analista perspicaz, e Peder também parecia satisfeito; provavelmente apreciava poder trabalhar com alguém que era tão obcecado por estatísticas como ele. Peder parecia estar a tentar mover os pés, mas *Bosse* ganiu no sono e, em vez de se afastar, aproximou-se ainda mais das pernas de Peder.

— Ruben, junta-te ao Christer e vejam se há alguma coisa a que tenhamos de prestar atenção redobrada.

— Sem problemas — respondeu Ruben, assentindo com a cabeça.

— Muito bem — prosseguiu Julia —, vamos lá ao trabalho. Lembrem-se de que o Ossian não se encaixa no padrão habitual de crianças desaparecidas por períodos mais longos. As crianças raptadas são quase sempre levadas por um dos pais, ou por alguém que lhes seja familiar. O perpetrador costuma ser conhecido. Desta vez, não temos rigorosamente nada que nos aponte para um presumível culpado. A única coisa que temos por onde pegar são as semelhanças com o homicídio da Lilly Meyer, em que passaram três dias entre o sequestro e o corpo ser encontrado. Apenas podemos rezar para que os

casos não sejam tão semelhantes. Mas não nos podemos dar ao luxo de arriscar; o Ossian desapareceu há dois dias, por isso temos de o encontrar. Hoje. Não existe outra opção.

Ruben esfregou o rosto com as duas mãos e suspirou.

— Não percebo porque é que temos de ser dois a fazer isto — queixou-se.

— Porque assim é duas vezes mais rápido — respondeu Christer. — Ou melhor, seria mais rápido se ligasses o teu computador.

Ruben não tinha qualquer vontade de estar ali sentado a olhar para o registo de agressores sexuais. Estava demasiado inquieto para isso.

O plano tinha sido ir a casa de Ellinor já ontem. Porém, isso não acontecera. Claro que compreendia que Ellinor podia esperar e Ossian não, mas algo dentro de si entrara em ação, e era difícil abrandar. Precisava de estar em movimento.

— Vou ter com o Peder e a tal Sara — disse, e levantou-se. — Pode ser que eles já tenham alguma coisa a que nós nos possamos agarrar. E aproveito para trazer café no caminho de volta.

Primeiro pareceu que Christer iria protestar, mas foi seguramente a promessa de café que o fez assentir com a cabeça.

— A Julia não vai ficar satisfeita contigo — murmurou. — Vê lá se trazes duas canecas bem cheias.

Ruben dirigiu-se para o gabinete de Peder e espreitou para o seu interior. Peder estava sentado com auscultadores nas orelhas a tomar notas das gravações da linha de denúncias, enquanto Sara examinava o que parecia ser uma pilha de *e-mails* impressos.

— Que sorte que vocês estão aqui e não no departamento de análise — disse Ruben, com um sorriso para Sara.

Cruzara-se brevemente com ela algumas vezes e ficava sempre com a impressão de que ela não gostava dele. Ruben não sabia o que tinha feito para merecer isso, mas estava determinado a mudar a situação. Sara era bonita, com curvas acentuadas, apesar de ter a mesma idade que ele e, portanto, ser alguns anos mais velha do que as mulheres que ele costumava engatar. Mas era o que «costumava» fazer, no pretérito, em tempos passados, como Amanda o teria recordado.

— Não sei se teria sobrevivido à viagem até lá com este calor — comentou.

Sara olhou-o de cima a baixo.

— O exercício não te faria mal nenhum — respondeu Sara friamente.

Mas que raio? Aparentemente, aquele calor estava a deixar toda a gente irritadiça.

— Têm alguma coisa interessante? — perguntou, deixando de tentar ser simpático.

Sara estendeu-lhe umas folhas de papel.

— Isto é o que queremos marcar como prioritário agora — disse Sara. — Espero que encontremos mais coisas, mas as denúncias, na maioria, são demasiado improváveis, infelizmente. Claro que não quer dizer que não possam ser verdadeiras, mas agarramos nas mais prováveis primeiro.

Ruben folheou os papéis. Não eram mais de cinco páginas. O raptor de Ossian tinha feito um bom trabalho em manter-se invisível. De repente, deteve-se numa das denúncias; alguém no bairro de Östermalm ouvira uma criança através da parede. O relato era muito parecido com os outros, mas havia algo com aquela morada. A rua Danderydsgatan. Por que motivo lhe seria familiar?

Pegou no telemóvel e enviou uma mensagem a Christer. «Pesquisa a rua Danderydsgatan no registo de criminosos sexuais e eu levo a cafeteira toda», escreveu.

— Sabes que estou sentado aqui mesmo, não sabes? — disse Christer do fundo do corredor. — Podes falar comigo normalmente.

Sara riu-se, e Peder levantou a cabeça.

— Ruben? — perguntou, confuso, retirando os auscultadores das orelhas. — Precisas de alguma coisa?

— Demasiado tarde — respondeu Ruben por cima do ombro ao deixar o gabinete. — Sorte a tua que tens ajuda. E obrigado, Sara.

Dobrou a esquina do corredor a caminho da cozinha e da cafeteira quando Julia estava a sair do seu gabinete, passando por ele na direção oposta. O telemóvel apitou com uma mensagem de Christer. «Sem resultados. Há *whisky* para acompanhar o café?» Sempre aprendia alguma coisa, o velhote.

Julia tinha o telemóvel encostado ao ouvido e pareceu nem o ver. A sua postura revelava que não estava no seu melhor humor. Mas não havia nada a fazer, o café de Christer teria de esperar.

— Julia, espera — chamou, e correu para a alcançar. — Olha, tenho aqui uma coisa que...

— São as fraldas *Up&Go*, já sabes disso — sibilou para o telefone. — Se queres usar as de pano, vais tu lavá-las.

Julia desligou a chamada e olhou para Ruben.

— O que é? — perguntou-lhe a abanar-se com a mão.

O ar no corredor estava completamente parado.

— Sim, eu... Como é que estás, já agora? Na verdade, só te vi por trás, mas está tudo bem?

Julia olhou para ele com os olhos semicerrados.

— Por trás? Se isso foi uma indireta sexual, não a percebo.

— Não, só queria dizer... Deixa lá — disse Ruben. — Acabei de ler uma das denúncias que recebemos, de Östermalm. Da rua Danderydsgatan. Alguém que ouviu uma criança lamentar-se através da parede e diz que o vizinho do apartamento do lado não é do tipo de ter filhos.

— Pois, infelizmente recebemos muitas denúncias dessas — suspirou Julia. — Temos muitos pais de crianças pequenas com vizinhos nervosos nesta cidade.

— Talvez seja isso, mas há alguma coisa na denúncia que fez disparar o alarme. O Christer não encontrou nada no registo de criminosos sexuais, mas, mesmo assim, aquela morada não me sai da cabeça.

Julia olhou para ele com uma vincada ruga de preocupação entre as sobrancelhas. Ruben não conseguiu deixar de reparar que algo parecia ter começado a escorrer por baixo da blusa de Julia, apesar de ter feito um grande esforço para não olhar para os seus seios.

— Isto nem parece teu, Ruben — comentou a sua chefe. — Seguir uma intuição dessa maneira.

— Eu sei. Mas, Julia, acho que... acho que há ali qualquer coisa. Não consigo explicar porquê, ainda não, mas acho que... acho não, *sei* que há aqui qualquer coisa.

Julia olhou para ele durante um longo momento.

— Tudo bem — acabou por responder. — Dou-te uma hora para o provares. Mais do que isso não te posso dispensar. Temos demasiadas denúncias para rever.

Uma hora. Ruben sabia que tinha razão, a única questão era como poderia convencer o resto do grupo da mesma coisa sem algo de concreto por onde começar. Não obstante, *sabia* que já tinha ouvido a rua Danderydsgatan ser mencionada antes. Fora há muito tempo, há vários anos. A memória era como um fantasma no seu subconsciente, quase invisível, mas sem dúvida nenhuma que estava lá. Tinha uma hora. Uma hora para descobrir uma forma de salvar Ossian.

— Não precisavas de ter vindo. Que parvoíce!

Miriam Blom protestara em voz alta durante todo o trajeto de carro desde Åkersberga, mas Adam ignorara-a. Adorava o som da sua voz, mesmo quando ela estava zangada. Miriam sempre falara sueco com ele, desde que ele era pequeno, mas o timbre do suaíli permanecia e dava ao sueco uma melodia que era mais bela do que a original.

— Tens mais que fazer — insistiu. — Estás com imenso trabalho, não tens tempo para tirar folgas.

Adam encontrou um lugar no estacionamento em frente ao serviço de oncologia do hospital Karolinska. Esperou para responder até acabar de manobrar cuidadosamente o carro, mas o lugar era demasiado estreito.

— Espera aí, eu ajudo-te.

Apressou-se a contornar o carro; se não o fizesse, sabia que ela tentaria sair sozinha.

— Oh, meu Deus, que *piquinhices*.

— Picuinhice, queres dizer.

— Não corrijas a tua velha mãe — disse Miriam, dando-lhe uma palmada brincalhona na cabeça.

Acostumado, Adam desviou-se rapidamente. Quando era pequeno, por vezes era a colher de pau que saía da gaveta, se ele estivesse a ser malcomportado. Ou um chinelo. Nesses casos, normalmente não tinha tempo de se desviar.

— Devias encontrar outra pessoa para as tuas *piquinhices* — disse Miriam. — Quando é que vais arranjar uma namorada?

Adam suspirou. Já começava a ser uma conversa rotineira e bastante desgastada.

— Não é uma boa altura para falar nisso — respondeu. — Com tudo o que se passa no trabalho e...

— Não há problema se ela for branca, já sabes disso — disse a mãe. — Desde que seja inteligente. E que tenha ancas largas para poder

dar-me muitos netos.

Miriam agarrou-se pesadamente ao seu braço.

— Então é disso que se trata — retorquiu Adam, rindo-se. — Não estás nada interessada na minha vida amorosa, só queres é ser avó.

— Obviamente — respondeu Miriam. — Quero ter alguém a quem dar muitos doces!

Desde que Adam se conseguia lembrar, Miriam sempre fora forte. Quando era criança, adorava enfiar-se nos braços dela e deixar-se envolver pelo seu calor. Miriam fora sempre a representação da segurança para ele, o seu fulcro, a pessoa que o centrava e o fazia acreditar no mundo como um lugar bom, apesar de tudo o que via no seu trabalho.

— Já tenho uma mulher na minha vida, como bem sabes — disse-lhe. — É verdade que as coisas na Polícia estão um bocado intensas neste momento, mas eles arranjam-se bem sem mim durante algumas horas. Mas eu não passaria sem ti se acontecesse alguma coisa. Prometo que vou diretamente para o trabalho depois de te deixar em casa.

— Oh, eu posso apanhar um táxi — respondeu Miriam.

— Não tens dinheiro para um táxi — disse Adam. — Eu sei que adoras o teu trabalho, mas também sei quanto é que ganhas a trabalhar na segurança social. Eu espero por ti e levo-te a casa.

— Mas que rapaz mais teimoso — murmurou Miriam, limpando o suor da testa com um lenço.

— Pergunto-me a quem terei saído? — comentou Adam, e abriu a porta da receção para a mãe. — E sabes que os teus netos vão ser iguaizinhos.

Adam tentou não olhar muito para a placa no telhado. Serviço de oncologia. Palavras em que nunca pensara muito antes, mas que agora odiava profundamente com cada célula do seu corpo.

— Temos uma consulta marcada com a doutora Stårngren —

informou Adam no balcão da recepção.

— Podem sentar-se e esperar pela chamada — disse a mulher mais velha atrás do vidro, apontando para uma sala de espera.

Aquele tipo de ambiente deixava-o sempre ligeiramente nauseado. Ajudou Miriam a sentar-se numa cadeira e depois foi buscar dois copos de água. Felizmente, a sala de espera estava fresca, e sentiu o suor começar a secar debaixo dos braços. Adam observou o rosto da mãe de perfil, enquanto ela bebia avidamente o copo de água. Quando o pousou, Adam pegou-lhe na mão. Surpreendida, Miriam olhou fixamente para ele e puxou a mão de volta. Depois levantou o braço e deu-lhe outra palmada na cabeça.

— *Simama!*

— O que foi? Não posso demonstrar um pouco de amor pela minha mãe?

Adam riu-se e Miriam bufou.

— Só me deixas mais preocupada. *Simama!*

Adam agarrou-lhe a mão novamente, e, desta vez, Miriam deixou que ele o fizesse.

Mina estava sentada ao lado de Christer, em frente ao computador do colega, a observar os rostos do registo que passavam continuamente pelo monitor. Tantos predadores, tantas pessoas que estavam dispostas a arruinar a vida de uma criança apenas para experimentar um momento de poder. Ou de satisfação sexual. Mina sabia que não podia pensar nos agressores sexuais como pessoas racionais, que a maior parte deles tinha um diagnóstico de doença mental e, por isso, não tinham controlo sobre as suas ações. Enquanto polícia, sabia que tinha de pensar neles com base nisso, mas também conseguia imaginar abrir uma exceção à lei que proibia a pena de morte para certos tipos de crime.

Ruben estava de pé ao seu lado, com os braços cruzados sobre o peito, enquanto Christer, desanimado, percorria mais uma vez o registo a pedido de Ruben, que estava convencido de ter encontrado algo. As manchas de suor nas axilas de Ruben eram inquietantemente visíveis, apesar dos braços cruzados. Mina estremeceu por dentro e Christer estendeu uma pequena ventoinha a pilhas para Ruben. Tinha encontrado uma loja que vendia ventoinhas a dez coroas cada e, a julgar pelo tamanho da pilha à sua frente, comprara pelo menos cinquenta. Christer ergueu uma sobrancelha questionadora para Mina, que se limitou a abanar a cabeça. A última coisa que queria era fazer esvoaçar as partículas de suor de Ruben e Christer, que por esta altura certamente já estavam espalhadas numa camada grossa por toda a sala, para o seu próprio rosto. Por mais calor que tivesse.

Christer chegou ao fim do registo.

— Nenhuma das pessoas com moradas registadas em Estocolmo está sequer nas proximidades da rua Danderydsgatan — suspirou. — Já verificámos. Também já fizemos uma busca por todos os nomes que moram no número 12 da rua Danderydsgatan, de onde a denúncia foi feita, nos registos da Polícia. Não deu em nada. E que tal começarmos a concentrar-nos nas outras denúncias?

— Não — respondeu Ruben firmemente, abanando a cabeça. — É esta, eu sei que é esta. Poderá o raptor ter identidade protegida e ser

por isso que não aparece no registo?

— Isso já é completamente rebuscado. A única razão pela qual daríamos uma identidade falsa a um pedófilo era se ele corresse perigo de vida. E não consigo encontrar nenhum caso desses hoje em dia, principalmente um que diga respeito a uma mulher. E sabemos que o Ossian foi levado por uma mulher.

— Mas isso não quer dizer que ainda esteja com ela — retorquiu Ruben.

Mina pegou no telemóvel e limpou-o com uma toalhita desinfetante. Depois abriu o Google Maps e procurou a rua Danderydsgatan. Quando a imagem de satélite apareceu, girou-a até ficar com uma ideia mais clara sobre o aspeto do quarteirão.

— Também já verificaram todos os inquilinos dos números 10 e 14? — perguntou aos colegas.

— Não. Porque é que havíamos de fazer isso? — perguntou Christer, desviando os olhos do computador.

— Porque o número 12 fica no meio de outros dois prédios. Dependendo da localização do apartamento de onde chegou a denúncia, o tal vizinho pode perfeitamente viver tanto no número 12 como no 10 ou no 14.

Mina mostrou-lhes o mapa no telemóvel. Christer suspirou e pesquisou os números dos prédios ao lado no registo normal de moradas.

— Rua Danderydsgatan, número 14. Vivem lá um Mats Pal, uma Ingrid Börjesson e um Gerhard Frisk. O resto são empresas. Algum dos nomes vos parece familiar?

Ruben abanou a cabeça.

— E aqui temos o número 10 — continuou Christer. — Também não tem muitos apartamentos privados. Andreas Wilander, Lenore Silver, Matti...

— Alto! — gritou Ruben. — Essa! A Lenore. Porra, consegues

arranjar uma fotografia dela?

Christer fez algumas pesquisas rápidas no Google.

— Que estranho — disse, de seguida. — Parece que não está em nenhuma rede social. Tem uma página de Facebook, mas parece que não faz nenhuma atualização há mais de cinco anos. A última coisa que fez foi alterar a fotografia de perfil.

— Cinco anos — disse Ruben, inclinando-se para o monitor. — Acho que faz sentido.

Observou a página de Facebook que Christer tinha aberto e apontou para a última fotografia de Lenore.

— Mas claro que é ela! — exclamou. — Outra cor de cabelo, outro corte, menos... ah, mamas. Mas é ela, é.

Mina não fazia a mínima ideia do que Ruben estava a falar.

— Vocês sabem que eu nunca me esqueço de uma cara — acrescentou ele. — É um dos meus muitos superpoderes. Não sou tão bom com moradas, mas uma coisa destas não se esquece. Pelo menos se forem como eu.

— E para quem não for como tu — disse Christer pacientemente —, será que podias elucidar as massas ignorantes sobre o teu brilhantismo?

— Com todo o prazer. Lembram-se daquele escândalo da rede de tráfico, há cinco anos? Dez pessoas foram condenadas por sequestro e tráfico de seres humanos. Operavam no centro de Estocolmo, e havia imensos vizinhos que nunca deram por nada.

Mina recordava-se perfeitamente do caso. O tribunal fora muito duro devido à idade das crianças que tinham sido vendidas e classificara o caso como exploração humana agravada. Os envolvidos foram condenados a penas entre os quatro e os dez anos de prisão. Mina teria preferido que as penas fossem muito mais duras do que isso.

— A pessoa identificada como líder da operação era um tal de

Kaspar Silver — continuou Ruben. — Mas a irmã testemunhou a favor dele no julgamento, alegando que ele estava completamente inocente e que era outra pessoa que estava por trás de tudo. Só que não tinha nenhum nome para oferecer quando a pressionaram sobre o assunto.

— E, de qualquer forma, não ajudou — comentou Christer, assentindo com a cabeça. — O Kaspar foi condenado à pena mais dura de todos os envolvidos.

— A irmã passou à clandestinidade depois da revolta mediática — disse Ruben, voltando a apontar para o monitor do computador. — Aparentemente, mudou de estilo e também deixou de usar as redes sociais passado algum tempo. Mas não mudou a aparência o suficiente para que eu não a reconhecesse. Apresento-vos a Lenore, irmã do Kaspar Silver. A irmã que alegou que havia outra pessoa por trás dos sequestros das crianças. Outra pessoa... como ela própria, por exemplo. Acho que a Lenore simplesmente recomeçou onde tinha parado.

Subitamente, a ventoinha na mão de Christer soltou uns pequenos estalidos e deixou de funcionar. Christer atirou-a para a pilha das outras que já se tinham estragado.

— Vou contactar a Julia imediatamente — disse Mina. — Ruben, fala com a equipa de intervenção e diz que precisamos de ir ao número 10 da rua Danderydsgatan o mais depressa possível.

Vincent olhou para os peixes que nadavam pelo aquário, enquanto dobrava o papel amarelo e tentava recordar-se das instruções. A apresentação daquela noite era finalmente em Estocolmo, portanto, restavam-lhe algumas horas até ter de sair de casa.

Quando os filhos eram pequenos, tinham pedido um animal de estimação «a sério», o que no mundo deles queria dizer um animal ao qual pudessem dar festas. Tinha jurado por tudo o que lhes era mais sagrado que seriam eles a tomar conta do animal, mas Vincent sabia que essas promessas teriam sido cumpridas durante cerca de uma semana. Por esse motivo, tinham arranjado peixes. Vincent encontrara uma espécie chamada «peixe-cão americano», um nome que Aston, ainda hoje, considerava histericamente engraçado, e os peixes gostavam de vir buscar a comida à mão quando eram alimentados. Claro que não era a mesma coisa que dar festas a um cão de verdade, mas era o suficiente.

Fora uma surpresa para toda a família, incluindo para ele próprio, que tivesse sido Vincent a pessoa a afeiçoar-se realmente aos peixes. Havia dias em que sentia que eles eram os seus únicos amigos. Nos dias em que a sombra o dominava. Tinha começado a ter mais dias desses, dias em que parecia que carregava aquilo a que os astrónomos chamavam umbra, a região de um corpo celeste que estava permanentemente na escuridão, onde nenhuma luz jamais alcançava. A mãe de todas as sombras.

Quem era a mãe da sua sombra já Vincent sabia.

Largou o papel acabado de dobrar e pegou noutra. Hoje era o dia de aniversário da sua mãe, mas Vincent não contara nada à família. Quanto menos perguntas lhe fizessem sobre o seu passado, melhor. Fez as últimas dobras no papel e depois juntou as duas partes no animal que deviam formar. O modelo era demasiado complicado para poder ser feito com uma única folha de papel. Agora só faltavam as pintas, e o leopardo em versão *origami* estaria pronto. Tinha feito um igual no ano anterior, como presente de aniversário para a mãe, e provavelmente continuaria a fazer um todos os anos. Como uma

pequena homenagem à sua aparência no último aniversário que tinham comemorado juntos. O problema era que o leopardo também o fazia pensar em Jane. Um pensamento com o qual Vincent preferia não ter de lidar, de momento.

O melhor era concentrar-se nos peixes-cão, da família *Umbridae*, em latim. A partir dessas letras conseguia formar as palavras Dubai, *radium* e Burma. Porém, por mais que se esforçasse, não conseguia criar nenhum anagrama completo com as letras, ou sequer encontrar alguma ligação significativa. Abanou a cabeça; havia dias em que os padrões simplesmente não queriam revelar-se. Alguns dias era como se fosse ele sozinho com os peixes a enfrentar o mundo todo.

Quando a casa estava momentaneamente vazia, como naquele momento, às vezes podia convencer-se de que a sua família era inventada, que eram uma alucinação da sua mente. E só quando Rebecka chegava a casa com o telemóvel colado aos olhos, ou quando Aston abria abruptamente a porta da frente e ia a correr para a casa de banho com os sapatos calçados, é que conseguia relaxar por completo outra vez.

Ao mesmo tempo, quando estavam todos em casa, tinha de se esforçar para tentar corresponder à imagem deles do que um pai e um marido aceitável devia ser. Desconfiava que deixava bastante a desejar nesse aspeto.

Despejou um pouco de comida de peixe na palma da mão.

Mas com Mina... tinha sido ele próprio com Mina. Não tinha feito esforço nenhum para ser ninguém.

Já revisitara esses pensamentos muitas vezes antes e sabia que não eram construtivos. Porque Mina pertencia ao passado. E Vincent tinha de aceitar isso. Mina era um antes, não um agora. Nem sequer tinha estado presente na conferência de imprensa do dia anterior, provavelmente seguira em frente com a sua vida.

Porém, era um facto inegável que Vincent se sentira bem, e *apenas* bem, com Mina.

Enquanto os peixes lhe faziam cócegas na mão, ponderou sobre o significado disso.

— Porque é que eu nunca te conheci antes? Foi o meu pai que não quis? Ou foste tu?

Nathalie observou com curiosidade a mulher que era a sua avó materna. Uma avó que nem sabia que existia. Bem, claro que tinha percebido que devia ter uma avó, assim como tivera uma mãe. Porém, de alguma forma, limitara-se a assumir que a avó estava morta, tal como a sua mãe. O pai nunca falara sobre aquela parte da sua família, nem sequer quando ela lhe perguntara. Por isso mesmo, a suposição mais razoável tinha sido que não lhe restava nenhuma família do lado da sua mãe. Talvez ela própria tivesse escolhido pensar assim; já fora suficientemente difícil sentir saudades de uma mãe da qual mal se recordava, não havia espaço para mais saudades. Não obstante, ali estava ela. A sua avó materna. Ines. O que levou Nathalie a questionar tudo o que julgava saber.

— Não tarda, vou responder a todas as tuas perguntas — disse a mulher mais velha.

— Que sítio é este? — perguntou Nathalie, curiosa.

Tinham ido da praça Gullmarsplan para a zona de Slussen e, de lá, apanharam um autocarro até Värmdö. O centro da cidade estava agora muito para trás. À sua volta, avançando por um pequeno caminho, só havia vegetação, campos com ovelhas a pastar e umas poucas casas espalhadas.

— Isto é a minha casa — disse a avó.

Nathalie ajeitou a alça da mala que trazia a tiracolo. Sentiu o telemóvel vibrar no bolso. Outra vez. O pai, provavelmente. Estava a ligar-lhe constantemente há mais de uma hora; Nathalie dissera-lhe que iria diretamente para casa. Mas era bem feito que estivesse preocupado; a raiva que sentia por ter tido uma avó aqueles anos todos sem ele lhe ter dito nada sobre o assunto fê-la cerrar os maxilares. O pai controlara-a toda a vida. Para a proteger, dissera ele. Na prática, prendera-a. E, quando Nathalie ia a algum lado, sabia que os guarda-costas nunca estavam longe. Nem sempre os via, mas sentia-

os. E depois o pai ainda tivera o descaramento de lhe perguntar por que motivo tinha tanta dificuldade em fazer amigos. Estúpido.

Quando decidira ir com a avó, enviara uma mensagem ao pai. «Estou com a minha avó», escrevera-lhe. «Percebeste, a minha avó MATERNA. Não vou jantar a casa.»

Depois acrescentara um *emoji* com o dedo médio esticado. Sentiu um ligeiro aperto no estômago ao pensar no que tinha feito, nunca desafiara tão abertamente o seu pai. Em parte compreendia o motivo pelo qual ele era tão protetor, tinham sido apenas eles os dois, depois do acidente com a mãe; não era estranho que ele se esforçasse para que nada acontecesse à filha.

A única diferença era que Nathalie agora sabia que não tinham nada sido apenas eles os dois. Nathalie passara tanto tempo a ansiar por uma família maior, por alguém que pudesse partilhar com ela algumas lembranças de uma mãe que era quase só uma sombra na sua mente, e afinal essa pessoa existia. A sua avó. E o pai não lhe dissera nada. Ele que fosse à merda.

— É só subir esta colina e estamos lá.

A avó apontou para uma pequena subida, com uma placa no cimo: Epicura.

— O que é isto? Parece o nome de um local de conferências. Vives num sítio desses? — Nathalie franziu a testa, mas o seu olhar iluminou-se de imediato quando subiram um pouco a colina e viu o edifício que assomava à frente delas. — Uau...

— É bonito, não é? — perguntou a avó, com orgulho. — Sim, é aqui que eu moro, mas não fazemos conferências, organizamos cursos.

— Que sítio é este?

Nathalie sentiu a transpiração escorrer pelas costas e formar uma grande mancha molhada na sua *T-shirt*.

— Posso fazer-te uma visita guiada e explicar-te. É mais fácil mostrar.

Nathalie parou no topo da colina para recuperar o fôlego. Apercebeu-se de que estava mais ofegante do que a avó, que parecia forte e em forma para uma pessoa tão velha.

A casa à sua frente brilhava sob os raios de sol. Era de um branco deslumbrante, num estilo moderno, com uma ala comprida de cada lado.

— Uau! — exclamou Nathalie novamente. — Só de pensar que podia ter passado as minhas férias de verão aqui, em vez de com o meu pai na cidade...

A avó sorriu. Depois puxou o elástico azul que tinha no pulso e soltou-o. Quando a borracha lhe atingiu o pulso com um estalo sonoro, apertou os olhos com força por uma fração de segundo.

— Isso não magoa? — perguntou Nathalie, perplexa.

— É mais ou menos essa a intenção — respondeu a avó. — Depois explico-te. Mas olha à tua volta, sentes a energia? Aqui não há nada além de energia positiva. Aqui é possível respirar. Consegues sentir?

A avó fechou os olhos e inspirou profundamente com a barriga toda. Nathalie sentiu-se um pouco ridícula, mas, por algum motivo, queria agradar à mulher mais velha, portanto fez o mesmo. Quando fechou os olhos, tudo à sua volta parou. A única coisa que ouviu foi o som da própria respiração e o sangue a pulsar-lhe nas veias. O ar nos seus pulmões estava limpo e fresco, o vento sussurrava nas árvores.

Nathalie apercebeu-se de uma coisa, não havia homens com auriculares nas orelhas escondidos por entre os troncos das árvores. Não havia ali ninguém para a levar para casa. Por algum motivo, os seguranças não a tinham seguido. A única explicação que encontrava era o pai ter-lhes dito para a deixarem em paz. O que, por sua vez, queria dizer que ele conhecia a sua avó. Claro que Nathalie tinha dificuldade em acreditar que o pai teria assim tanta confiança na avó, tendo em conta que nunca mencionara a sua existência, mas não conseguia encontrar outra razão. Não que estivesse muito interessada no motivo, para dizer a verdade; o importante era que eles não

estavam ali. Pela primeira vez na sua vida, Nathalie estava livre.

Sentiu uma mão tocar a sua.

— Anda, vou mostrar-te a minha casa.

Sentiu um calor espalhar-se pelo corpo, vindo da mão da avó. O telemóvel começou a vibrar novamente na mala. Ignorou-o.

A carrinha da equipa de intervenção estacionou na rua Engelbrektsgatan, a um quarteirão de distância do apartamento de Lenore Silver. Não havia motivos para a fazer desconfiar, principalmente porque não tinham nada mais do que simples indícios. E a total convicção de Ruben, claro. Adam tivera esperança de que Ruben não os acompanhasse na carrinha; na última vez que trabalharam juntos, quando foram ao jardim de infância de Ossian, houvera alguns percalços. Ao mesmo tempo, precisavam de todos os reforços possíveis, uma vez que diferentes equipas da Polícia já andavam espalhadas pela cidade a investigar o maior número possível de denúncias relacionadas com Ossian.

— Com que então, a Lenore Silver?! — exclamou Gunnar, rindo-se.

Ruben apresentara rapidamente os homens na carrinha a Adam e sussurrara-lhe que podia começar a contar os segundos até Gunnar mencionar que ele certamente era feito de madeira nortenha.

— Porra, a Lenore! Lembro-me bem dela — disse Gunnar. — Sobretudo dos marmelos. Obrigado por me trazerem!

Gunnar levantou as mãos em concha à frente do peito, para que não restassem dúvidas a ninguém sobre o que queria dizer. Os colegas na carrinha abanaram a cabeça, mas os seus sorrisos enviesados revelavam que não tinham nada contra a imagem que Gunnar conseguira evocar. Adam suspirou; parecia que havia uma lei que determinava que tinha sempre de haver alguém como Gunnar.

— Mas disseste que agora estão mais pequenas, Ruben? — continuou Gunnar. — Que pena! Algumas pessoas não sabem dar valor àquilo que têm. Mas se calhar ela está interessada em madeira do Norte na mesma.

Gunnar piscou o olho, insinuante.

— Também não tinhas hipótese com esse barril... — rebateu Ruben com uma pequena palmada na barriga de Gunnar. — Mas o uniforme ajuda. Acredita em mim, eu sei do que estou a falar.

Ruben deixou a última afirmação pairar no ar, até que todos na

carrinha compreendessem precisamente o que ele queria dizer. Adam não acreditou nem por um instante que Ruben tivesse estado sequer próximo de Lenore, mas Gunnar só se riu alto e deu uma pancada nas costas de Ruben.

— Pois, já devia ter percebido — disse Gunnar, ainda a rir-se. — Tu atiras-te a tudo o que mexe.

Adam estabeleceu contacto visual com Ruben por um breve segundo, e o que viu surpreendeu-o. O olhar de Ruben poderia ser descrito quase como atormentado. No entanto, não era nem o momento nem o local para esse tipo de conversa; tinham um trabalho para fazer e o tempo continuava a avançar.

— Concentração agora — disse Adam. — Temos de nos focar no motivo pelo qual estamos aqui. Não sabemos ao certo se a Lenore tem o Ossian, ou se pode haver outras pessoas no local. Temos de ter a certeza da situação antes de podermos agir. E não nos podemos dar ao luxo de arriscar, por isso é que convocámos este contingente, para o caso de o Ossian estar lá. Mas também não queremos assustá-la e afugentá-la. Vai ser um equilíbrio difícil. A Julia tem sido a comandante da operação até aqui, mas, como não pode estar presente, porque tem outras pistas para acompanhar, sou eu que vou assumir o comando agora.

Ouviu-se um grunhido de insatisfação de Gunnar, mas Adam ignorou-o. Não tinha paciência sequer para pensar se a insatisfação se devia à sua cor de pele ou se era por não se ter rido do comentário sobre os seios de Lenore. Ou se se devia ao facto de terem uma mulher como comandante de operações.

— Graças à Julia, temos agentes à paisana do outro lado da rua a observar — continuou Adam. — De acordo com o administrador do condomínio, a porta da frente do prédio é a única entrada, ou seja, a única saída. Embora haja uma porta para o pátio das traseiras, esse jardim está rodeado de outros prédios e não tem saída para a rua. No entanto, também temos lá pessoal a observar, para jogar pelo seguro.

— E qual é o plano? — perguntou Gunnar. — Atacamos?

— Não. Eu vou entrar e falar com ela.

— O quê, falar com ela? — perguntou Ruben. — Vais *negociar* pelo Ossian? Eu sei que disseste que querias ser tu o *good cop* da próxima vez, mas acho que esta situação não é a ideal para isso.

Adam fixou o olhar em Ruben. Não precisava de uma competição de testosterona, qualquer que fosse a situação.

— Eu não negoceio com pessoas como a Lenore — respondeu secamente. — Mas sou suficientemente bom para a fazer pensar que sou outra pessoa e induzi-la a baixar a guarda. Isso dá-me a possibilidade de fazer uma avaliação da situação no interior. Se nos tivermos enganado no apartamento, não queremos revelar aos verdadeiros suspeitos que estamos tão perto, se eles estiverem noutro apartamento. Sabes que é isto que eu faço, não sabes? Que é com estas coisas que eu trabalho diariamente enquanto negociador e que foi nisto que me formei? Mas talvez queiras tentar outra coisa, se achas que podes fazer melhor sozinho...

Algo brilhou nos olhos de Ruben, e os seus músculos faciais relaxaram. Adam provocara-o deliberadamente; tinha assumido que era uma linguagem que Ruben compreendia. E, de facto, parecia respeitá-lo.

— O palco é todo teu — disse Ruben.

Adam assentiu com a cabeça. Vestiu uma camisola com o logotipo de uma empresa de reparações bordado no peito, pegou numa pasta preta e numa caneta e saiu para a rua. Dobrou a esquina do quarteirão em passo rápido; o administrador do condomínio estava à sua espera à porta do prédio de Lenore. Depois de os agentes à paisana que estavam em posição do outro lado da rua sinalizarem que parecia estar tudo bem, a restante equipa da força de intervenção veio a correr totalmente equipada. Quanto menos tempo estivessem visíveis na rua, melhor. Quando os polícias entraram no prédio, espalharam-se silenciosamente pelos primeiros degraus das escadas. Adam continuou

para o segundo andar e identificou a porta de Lenore imediatamente.

Adam fechou os olhos. A adrenalina começara a correr-lhe pelo corpo. Uma pequena dose de adrenalina só lhe fazia bem, mas, se fosse demais, não conseguiria fazer o seu trabalho.

Inspirou profundamente pelo nariz e soltou a respiração pela boca, enquanto fingia estar a confirmar algo na sua pasta, caso estivessem a observá-lo através do óculo da porta.

Abrandou o fôlego novamente, inspirando pelo nariz e expirando pela boca.

Depois, tocou à campainha.

Lenore abriu ao fim de sete segundos. Foi relativamente rápido, mas não suficientemente rápido para não ter tido tempo de esconder alguma coisa. Ou alguém. Reconheceu-a de imediato da página de Facebook. Estava descalça, vestia calções e uma camisola de alças. Não era roupa apropriada para desatar a fugir; claramente, não contava com a aparição dele.

Adam lançou-lhe um sorriso que sabia ser capaz de derreter um icebergue.

— Olá — disse num tom amigável. — Venho da parte da administração do condomínio. Como deve saber, estamos a tratar da fuga de água no quarto andar.

Adam não se apressou a tentar olhar para o interior do apartamento atrás de Lenore. Se se mostrasse demasiado interessado, isso poderia desmascará-lo. Em vez disso, olhou-a nos olhos e continuou a sorrir, à espera de que ela mordesse o isco. Utilizara a expressão «como deve saber» precisamente para que ela se perguntasse o que ele queria dizer.

— Não sei nada sobre isso — respondeu Lenore com a testa franzida.

Os seus olhos revoltearam, perscrutando enquanto refletia. Era aquela a abertura por que Adam esperara. Manteve o olhar alinhado com os olhos de Lenore, mas moveu-o um centímetro para o lado, de

forma a poder ver para trás dela. Lenore estava à frente de um longo corredor. No final do corredor havia uma cozinha. Adam só conseguia ver uma parte do espaço, mas reparou numa torradeira da marca *Smeg* e numa adegas encastrada na parede. Nada que se destacasse, nada que lhe parecesse não pertencer ali ou que fosse minimamente estranho.

Baixou o olhar e fingiu procurar algo nos seus papéis. Em vez disso, examinou o chão do corredor em busca de sapatos de criança. Viu três pares de sapatos de salto alto da marca *Jimmy Choo*, alinhados junto à parede. Mas nada que pudesse servir a uma criança. Levantou novamente a cabeça e viu alguns casacos e gabardinas pendurados no cabide ao lado de Lenore. Reparou que o espelho precisava de ser limpo. Fora isso, nada.

Este procedimento demorara no máximo três segundos. E, até agora, não havia qualquer sinal da possível presença de uma criança no apartamento. Precisava de ver mais para o interior.

— Hum... vejo aqui que era suposto ter recebido um *e-mail* — disse Adam. — Bem, também não faz mal. Houve uma fuga de água bastante grande no quarto andar há dois dias e estamos agora a registar os danos no resto do edifício. Poderá usar o nosso relatório para contactar a sua companhia de seguros. Permite-me que entre e dê uma vista de olhos na sua casa de banho?

Adam inclinou ligeiramente o corpo para a frente. Um passo para diante teria sido demasiado intrusivo.

— Acho que... agora não é a melhor altura — respondeu Lenore, lançando um olhar rápido por cima do ombro. — Eu... estava mesmo de saída.

Porra! Lenore começava a duvidar dele. Ou então estava a tentar proteger alguma coisa; Adam tinha dificuldade em acreditar que ela estava prestes a sair descalça. A única questão era saber o que estaria a guardar. De qualquer forma, agora perdera a oportunidade. Tinha de recuar, dar-lhe o máximo de espaço possível para extinguir a suspeita que ganhara força no seu olhar.

— Não há problema nenhum — disse Adam, sorrindo mais uma vez, e guardou a caneta no bolso. — Vamos andar a inspecionar o edifício hoje e amanhã. De certeza que me verá aqui de um lado para o outro. Quando lhe der jeito, é só dizer. Só lhe peço que também dê uma vista de olhos na sua casa de banho quando tiver tempo. Até à próxima, então.

Acenou com a mão a Lenore e recuou ainda antes de ela ter tempo de responder. A última coisa que viu quando ela fechou a porta foi o espelho sujo do *hall*. Coberto de pequenas mas compridas manchas gordurosas. Depois, a porta fechou-se.

Manchas pequenas mas compridas.

Cinco, umas ao lado das outras.

A cerca de um metro de altura.

Como se... como se fossem dedos de criança.

Era realmente muito pouco para avançar.

Mas, e se...? Se...?

Desceu as escadas dois degraus de cada vez e deu o sinal assim que chegou lá abaixo.

O telemóvel apitou com cinco novas mensagens de Torkel. Julia começara seriamente a considerar a ideia de bloquear o número de telemóvel dele. Mas isso era algo que não podia fazer. Não podia bloquear o seu próprio marido. O pai do seu filho.

Ou podia?

A verdade era que ele estava a perturbar o seu trabalho. Cada vez que o número no círculo vermelho aumentava com mais uma mensagem, Julia sentia-se desequilibrada. Começava a perguntar-se o que queria ele desta vez e se poderia realmente ser importante. O que nunca era o caso. As perguntas irritantes de Torkel roubavam-lhe tempo e concentração, que Julia não podia dispensar. Principalmente tendo em conta que o dia de trabalho estava longe de terminar. Talvez a solução fosse arranjar outro telemóvel, com um novo número que só Torkel tivesse. Um telemóvel que Julia depois poderia guardar no fundo da mala.

Enquanto percorria o menu de definições do telemóvel para ver como se bloqueava um número, apenas por mera curiosidade, o aparelho começou a tocar. Era Adam.

Julia atendeu e escutou com atenção. Colocou uma pergunta. Depois desligou e saiu para o *open space* onde Mina, Peder e Christer se encontravam sentados uns ao lado dos outros a verificar as denúncias mais recentes. Fazia demasiado calor para que qualquer um deles conseguisse estar no seu próprio gabinete, mas o ar na zona de trabalho comum também não era muito melhor. Christer tinha pelo menos providenciado uma pequena ventoinha a pilhas a cada um dos colegas. Até Mina estava a segurar uma, ao mesmo tempo que fazia um esgar de sofrimento. Apontava a ventoinha para todo o lado, exceto para o seu rosto.

— Como é que isso está a correr? — perguntou Julia.

— Não muito bem — disse Mina, pegando numa toalhita desinfetante, com que limpou o rato do computador. — Até agora, as denúncias só nos levaram a famílias com crianças pequenas em casas

com paredes demasiado finas. E isto foi das vezes que nos levaram a sítio algum. E tu com a equipa de intervenção?

Mina atirou a toalhita para o cesto de lixo, onde aterrou em cima de uma pequena montanha de toalhitas usadas.

— O Adam acabou de me ligar — respondeu Julia. — Encontraram uma criança de cinco anos no número 10 da rua Danderydsgatan. Na casa da Lenore Silver. E tudo aponta para que a criança esteja lá sequestrada. Se calhar, o Ruben devia receber algum tipo de medalha pela sua intuição.

Mina, Peder e Christer ficaram paralisados a olhar fixamente para Julia.

— Graças a deus que isto terminou — exclamou Peder com ar de quem ia começar a chorar de alívio. — Encontrámo-lo. Já posso voltar a dormir descansado.

Porém, Julia abanou a cabeça.

— É essa a questão — disse-lhes. — Não foi o Ossian que encontraram. Era uma rapariga.

— Em casa a esta hora. Só são quatro da tarde? — comentou Anette. — Será que o giraço vem com esperança de se enroscar numa sexta-feira à noite com a sua cara-metade?

— Quem me dera — respondeu Peder à mulher. — Só vim a casa para uma visita de médico.

Peder abraçou Anette com força e inspirou o seu cheiro, que era uma mistura do perfume *Chloé*, o seu favorito, e... bolos? Peder ficou surpreso quando viu vestígios de queques na cozinha.

— Tiveram tempo de fazer bolos? — perguntou. — Mas não acabaram de chegar a casa?

— Era impossível pará-las — respondeu Anette. — Têm um educador novo na creche com qualidades sobrenaturais na cozinha, por isso não tive escolha e passámos no supermercado no caminho para casa.

— Tu és uma supermulher — disse Peder, abanando a cabeça. — Mas vou ter uma conversa com esse educador sobre modelos irrealistas. Onde é que estão as miúdas?

— Plantadas em frente à televisão a ver o *Winx Club*.

— Novos episódios?

— Não, os mesmos de sempre, mas não digas nada às trigémeas. Estão muito ansiosas por a Bloom estar outra vez em apuros.

— Pegou fogo a alguma coisa?

Anette semicerrou os olhos para o marido.

— Não sei se acho *sexy* ou preocupante que tu saibas tanto sobre desenhos animados infantis com fadas — comentou.

— Estou a trabalhar numa combinação — sorriu Peder, dirigindo-se para a sala de estar. — Preocupantemente *sexy*!

Peder fez o seu melhor por manter o tom brincalhão, mas até aos seus ouvidos não soou muito convincente.

Pisou cuidadosamente o campo minado de brinquedos em que o chão estava transformado. A má consciência pesava sobre ele: dias

como aquele, em que praticamente vivia no escritório, eram pesados para Anette aguentar sozinha. A sua mulher tinha de lidar todos os dias com três crianças de dois anos e meio e, ao mesmo tempo, dedicar-se ao seu trabalho como professora de escola secundária. Peder prometeu a si próprio deixar Anette dormir o fim de semana inteiro.

— Papá!

Três pequenas vozes gritaram em uníssono quando as trigêmeas se levantaram de um pulo. Era um grande feito para ele, conseguir fazê-las largar as peripécias mágicas da fada Bloom.

Três pares de braços abraçaram-se fortemente ao seu pescoço; Peder engoliu em seco para afastar as lágrimas. Os seus corpos quentes recordavam-no do porquê de ter de estar longe delas. Teria Ossian emitido este calor quando abraçava os seus pais? Provavelmente.

— Tenho de me ir embora daqui a nada — disse Peder às filhas, apertando-as com mais força. — Só queria vir a casa dar um abraço às minhas princesas.

— Mas, papá, nós não somos princesas. Somos fadas! Como as *Winx*!

— Desculpem, o papá esqueceu-se. Obviamente. Mas acontece que eu gosto muito de... *comer fadas*!

Peder soltou um rugido e mordiscou-as, enquanto as trigêmeas gritavam de excitação. Depois aconteceu algo ainda mais dramático com as personagens animadas na televisão, que fez com que as meninas se atirassem para o chão outra vez, com os olhos colados ao ecrã. Peder ficou de pé a olhar para elas algum tempo, antes de regressar para junto de Anette na cozinha. Só tinha de tomar banho, trocar de roupa e regressar para o trabalho, mas também precisava de um momento para respirar. Nem que fosse uns minutos. Apesar do caos que geralmente reinava na sua casa, era ali com Anette e as crianças que Peder conseguia recuperar a energia. Energia muito necessária para conseguir lidar com os horrores que o seu trabalho às

vezes acarretava.

— Como é que está a correr?

Anette olhou para ele através da franja, começando a limpar o caos pós-queques na cozinha. Não parecia ser uma tarefa nada fácil. Peder hesitou, mas acabou por lhe contar sobre a menina que tinham encontrado naquela tarde. Claro que estava a quebrar regras éticas da Polícia ao partilhar detalhes de acontecimentos no trabalho, mas, se não pudesse partilhar com Anette, nunca conseguiria aguentar. Ela era a sua válvula de escape, e, por vezes, Peder perguntava-se se estava a ser injusto ao arrastá-la para a sua escuridão. Mas Anette nunca reclamava. E Peder precisava demasiado dela.

— Então ainda não sabem onde é que o rapaz está? — perguntou Anette, enchendo todas as tigelas sujas que estavam no lava-louça com água e detergente. — Já agora, queres um?

Anette apontou para um monte de queques, entusiasticamente decorados com as cores do arco-íris.

— Não, obrigado. Como qualquer coisa no trabalho — respondeu Peder, e pegou num pano para a ajudar.

— Deixa estar, eu faço isto.

Anette tirou-lhe o pano da mão. Peder não protestou. Em vez disso, cruzou os braços e encostou-se à bancada da cozinha.

— Respondendo à tua pergunta, não, ainda não o encontrámos. E o tempo está a esgotar-se. Se é que não se esgotou já.

— Vocês estão a fazer tudo o que podem, ninguém vos pode exigir mais do que isso.

Anette limpou eficientemente os restos de massa e cobertura e pepitas coloridas da grande ilha da cozinha.

— Estaremos mesmo? — comentou Peder com um suspiro. — Sinceramente, não sei. Nenhum de nós parece fazer a menor ideia de como agir ou onde procurar. A única pista que tínhamos deu noutra coisa. Andamos aos tropeções no escuro, e por esta hora amanhã pode

relevar-se que andámos aos tropeções nos sítios errados.

— Vocês estão a fazer aquilo que podem — repetiu Anette. — E, como tu disseste, encontraram uma menina.

Anette passou o pano da louça por água, pendurou-o na torneira, secou as mãos molhadas numa toalha e abraçou o marido.

— Não venhas muito tarde para casa, amor — disse Anette, pressionando o rosto no pescoço de Peder. — A oferta de mimos de sexta-feira dura até à meia-noite. — Depois começou a espirrar. Levantou a cabeça e olhou para ele com ar sério. — E quando isto acabar — advertiu —, vamos ter uma conversa sobre essa barba.

— Que sítio mais fixe! — exclamou Nathalie, olhando em volta com os olhos arregalados. — Vives aqui?

Tinham entrado no edifício principal pela porta da frente, e, por todo o lado para onde olhava, havia vidro, vidro e mais vidro.

— Sim, vivo aqui.

— Que fixe! Mas os pássaros não voam contra o vidro?

A avó franziu um pouco os lábios.

— Sim, às vezes acontece. Mas não com muita frequência.

Nathalie assentiu com a cabeça. Sentia-se quase desorientada com tudo o que acontecera em apenas algumas horas. Tinha conhecido a avó materna. Estava naquele lugar, no meio do nada. Libertara-se das suas correntes, pelo menos por algum tempo.

— Queres que te faça uma visita guiada? — perguntou a avó, olhando para ela com ar inquiridor.

Nathalie assentiu com a cabeça, entusiasmada. Estava tudo tão calmo ali, tão pacífico. Apesar de ter visto várias pessoas e, por isso, saber que não estavam sozinhas, o silêncio era completo. Parecia que todos tinham aprendido a não fazer barulho nenhum quando se moviam. Também ainda ninguém falara com ela, tinham apenas acenado com a cabeça e sorrido abertamente. Como se fossem as pessoas mais felizes do mundo.

— O que é que vocês fazem aqui? — perguntou Nathalie.

A avó avançou à sua frente. A mochila começava a ficar pesada e Nathalie pousou-a, encostada a uma parede, antes de seguir a avó. Não lhe parecia um lugar onde alguém fosse roubar alguma coisa.

— Trabalhamos com desenvolvimento de gestão e liderança. Maioritariamente. A Nova, a nossa presidente e proprietária, é uma das principais especialistas nessa área; faz *coaching* a alguns dos gestores de topo do país. E a não sei quantos diretores. Também organizamos aqui cursos de desenvolvimento pessoal, redução de níveis de *stress*, processos de luto, bem, até de desprogramação

sectária. A Nova é uma das poucas pessoas na Suécia com conhecimentos nessa área. Até do estrangeiro a contratam.

Nathalie arregalou os olhos.

— Uau... *Stress* e seitas, isso soa mesmo... fixe! — foi a única coisa que conseguiu dizer.

Depois sentiu-se envergonhada por ter feito um comentário tão tipicamente adolescente. Não queria que a avó pensasse que ela era uma tontinha, mas não encontrou realmente palavras para descrever o que estava a ver.

O edifício não se assemelhava a nada que alguma vez tivesse visto. Era tudo tão branco, tão limpo, tão... transparente. A forma como a casa fora construída contrastava verdadeiramente com o ambiente verde à volta, com árvores, pastagens e flores.

— A casa foi construída nos anos setenta — disse a avó, como se tivesse percebido o que Nathalie estava a pensar. — Pelo avô da Nova. Ele geria vários hotéis espalhados pela Suécia, e isto aqui foi precisamente pensado como um local para conferências. Quando ele morreu, a Nova herdou o hotel e, desde então, tem vindo a deixar a sua própria marca nele e em todo o negócio.

Nathalie deteve-se em frente a um retrato de um homem com barba comprida e olhos amigáveis.

— É ele? — perguntou.

— Sim, é o Baltzar Wennhagen. — A avó parou ao seu lado e também observou o retrato. — A Nova era a menina dos olhos dele. O pai dela era filho único, por isso a Nova era a única neta. Aliás, foi o Baltzar quem lhe ensinou sobre o epicurismo, a filosofia em que a Nova baseou todas as atividades.

— Epi... o quê?

Nathalie procurou na sua memória dos livros escolares e de todas as horas que passou nas salas de aula, mas a palavra não lhe era familiar. Não conseguia recordar-se de a ter ouvido antes.

— Anda, vamos até ao jardim lanchar e eu conto-te tudo.

A avó pegou-lhe na mão e Nathalie sentiu um impulso de se soltar. Não estava habituada a que lhe tocassem. Sabia que o pai a amava, mas ele não era o tipo de pessoa de dar abraços. Nem sequer de lhe segurar a mão. Não fora assim que Nathalie crescera. E não se recordava de como fora com a mãe, só tinha cinco anos quando esta morrera.

Mas agora poderia perguntar à avó sobre isso! Sobre como era a sua mãe. Nathalie deixou a avó continuar a segurar-lhe a mão e seguiu-a por um corredor cheio de luz, que se abriu para um grande jardim. Não estavam sozinhas ali, mas a presença das outras pessoas quase passava despercebida. A vida na cidade não poderia ser mais diferente. As pessoas à sua volta falavam umas com as outras em voz baixa, tão baixa que não se sobrepunha a nenhum dos sons da natureza. Nathalie conseguia ouvir o vento através das árvores, o chilrear dos pássaros e as abelhas a zumbirem à volta de uma roseira junto à parede branca.

— Temos bolo caseiro — disse a avó. — Podes servir-te à vontade. Bebes café? Ou preferes um sumo?

A avó fez um gesto com a cabeça para uma mesa onde as coisas estavam servidas.

— Um sumo, por favor. E bolo também agradeço.

A avó serviu-se de café, um copo de sumo para Nathalie e sentou-se a uma mesa, enquanto observava Nathalie a escolher entre os bolos. Quando Nathalie se sentou, a avó deixou-a comer um pouco antes de começar a falar.

— O avô da Nova, Baltzar, estudou filosofia grega quando era jovem e, como mencionei anteriormente, focou-se no epicurismo. É uma filosofia antiga que enfatiza a importância da serenidade de espírito.

— Serenidade de espírito — repetiu Nathalie, saboreando a expressão.

Tinha um gosto adulto. E Nathalie apreciava que a avó falasse com

ela assim, como se estivesse a falar com um adulto. Mesmo que o assunto fosse bastante entediante.

— Epicurismo significa que a ataraxia, a paz da mente e do corpo, é alcançada através da eliminação do medo da morte. Outro objetivo importante é a aponia, a ausência definitiva de dor física.

Nathalie bebeu um pouco do sumo. Era sumo natural de morango, doce e saboroso.

— Há quatro pilares fundamentais no epicurismo — continuou a avó. — Podemos vê-los como regras que as pessoas devem seguir, de forma a alcançar o que consideramos ser o objetivo da vida. Que é atingir a serenidade de espírito e a felicidade. De acordo com o epicurismo, a melhor maneira de conseguir isso é evitar coisas que provocam ansiedade, como a política, por exemplo. Mas também viver em tranquilidade entre amigos. Tal como nós fazemos aqui. Também se deve procurar coisas que promovam o desejo, não uma satisfação a curto prazo, mas aquilo que leva à felicidade duradoura. O quarto pilar do epicurismo é ao mesmo tempo o mais simples e também o mais difícil. Diz-nos que a ausência de dor física é o bem supremo.

— Ausência de dor... — repetiu Nathalie, pensativa. — Mas e o elástico que tens no pulso? Não te magoa?

A avó assentiu com a cabeça; depois puxou o elástico e soltou-o novamente, produzindo o mesmo estalo. Estremeceu quando a borracha lhe atingiu o pulso, mas Nathalie também vislumbrou um pequeno sorriso nos cantos da boca da avó.

— Tens toda a razão — disse a avó. — Magoa. Mas só durante um segundo. Às vezes, temos de nos sujeitar a certas coisas para podermos sair delas. A dor também tem uma função importante na vida. E provavelmente seria presunçoso da minha parte acreditar que já alcancei o bem supremo.

Nathalie assentiu com a cabeça. Não tinha percebido metade do que a avó acabara de dizer, mas, de qualquer forma, não queria que aquele momento chegasse ao fim. A avó era tão bonita e a sua voz tão

quente. O jardim abraçava-as com os seus perfumes e sons. E o açúcar dos bolos era tão suave na sua língua. Todos sorriam para ela, com olhares amigáveis e abertos.

E não tinha ninguém, absolutamente *ninguém*, a vigiá-la.

Provavelmente, era apenas uma questão de tempo até que o pai aparecesse para a vir buscar, por isso Nathalie planeava aproveitar cada segundo até lá.

— Avó — disse avidamente. — Posso... posso ficar aqui? Só até amanhã...

A avó olhou para ela com os seus olhos azuis cheios de amor. O sol atrás dela fazia o seu cabelo claro brilhar como uma auréola. Depois assentiu com a cabeça.

— Vou ver o que posso fazer. Mas, nesse caso, terás de ficar por tua conta esta noite. Eu e a Nova vamos participar num programa de televisão.

Mina reparou que Peder não estava tão animado como anteriormente. O Peder cansado que se encontrava agora sentado à mesa da sala de reuniões com a cabeça entre as mãos lembrava mais o colega na fase em que as trigémeas eram recém-nascidas. Peder pegou numa lata de bebida energética e abriu-a com um som sibilante. Era um comportamento que Mina reconhecia.

Ruben e Adam também pareciam cansados, os dois encostados à parede. A adrenalina da operação da tarde em casa de Lenore Silver começara claramente a desaparecer. Era um caso que já não estava sob a responsabilidade da equipa; outra unidade fora encarregada de assumir a investigação sobre a criança encontrada, enquanto o grupo de Julia se concentrava em prosseguir as buscas por Ossian.

Em cima da mesa havia um monte de sanduíches embaladas em papel. Eram um fraco substituto de jantar, mas, por outro lado, ninguém parecia estar com muita fome.

As olheiras de Julia estavam praticamente negras, mas Mina presumiu que não se deviam apenas ao trabalho, considerando a forma como a sua chefe, com uma expressão resoluta no rosto, ignorava as novas mensagens que iluminavam constantemente o ecrã do seu telemóvel. Julia desligara o som do telefone, mas não as notificações, e Mina conseguia ver que todas as mensagens vinham de um número que Julia gravara como «O chato de merda».

A única pessoa que não aparentava estar cansada era Christer, que parecia uma nuvem de trovoadas a mastigar freneticamente uma das sanduíches. *Bosse* encontrava-se deitado aos seus pés e olhava ansiosamente para o dono.

— Então, resumindo — disse Julia. — Para começar, quero que saibam que fizeram um ótimo trabalho nos últimos dias; têm perseguido todas as pistas possíveis e até fizeram uma rusga, que levou a que uma criança sequestrada fosse encontrada.

— Sabemos quem ela é? — perguntou Adam, endireitando-se ligeiramente.

— Ainda não — respondeu Peder com um bocejo. — Estão a analisar todas as participações de crianças desaparecidas recebidas nos últimos dois meses, tanto em Estocolmo como no resto do país. Também contactámos a Interpol, para saber se ela poder ter sido raptada no estrangeiro. Vão encontrá-la, é só uma questão de tempo. A Lenore não tem a mínima hipótese.

— Gentalha de merda — murmurou Christer, e limpou a boca. — Atacarem crianças. Tira-me do sério, pá!

Bosse soltou um latido curto, como se quisesse mostrar que concordava com o dono.

— Excelente trabalho em relação à Lenore, Ruben — disse Julia.

Ruben parecia estar prestes a lançar um dos seus sorrisos proibidos a menores, mas pareceu arrepender-se e mudou de ideias. Tinha claramente sido um dia cansativo para ele também.

— Infelizmente, não estamos mais próximos de localizar o Ossian — continuou Julia. — É como se a sequestradora tivesse desaparecido da face da Terra.

— Inaceitável! — disse Peder, pousando a lata da bebida energética vazia em cima da mesa. Estava a falar consideravelmente mais depressa do que poucos minutos antes. — Amanhã é sábado e já terão passado três dias. Se isto for realmente como o caso da Lilly...

Peder não precisava de terminar a frase; Mina sabia exatamente o que ele queria dizer, assim como os outros colegas. Se este fosse como o caso de Lilly, Ossian seria encontrado morto no dia seguinte, se eles não fizessem nada. A questão era saber o quê. Mina pegou num frasco de álcool-gel e limpou as mãos. Não porque precisasse, acabara de se lavar, mas tinha de fazer alguma coisa, fosse o que fosse.

— Como já disse — prosseguiu Julia —, não há nada que aponte para que os casos estejam relacionados; estamos quase de certeza a lidar com dois perpetradores diferentes. Dito isto, claro que, teoricamente, há espaço para que se trate de alguém a copiar o caso da Lilly do verão passado. Não podemos descartar hipótese nenhuma.

Por isso, concordo contigo, Peder, é inaceitável, só não sei que mais podemos fazer.

Mina perguntou-se, como tantas vezes ao longo do último ano, se teria feito alguma diferença se Vincent estivesse ali com eles. Se ele poderia tê-los ajudado. Mas provavelmente não. Não tinham nada em que se basear para um perfil psicológico, nenhuma ligação a ilusões, nenhum complexo padrão oculto para desvendar. Só tinham uma criança sequestrada. Que ainda não haviam salvado.

— Temos de manter a esperança de que alguém tenha visto alguma coisa — concluiu Julia. — Costumam ser bons nisso. Todos vocês fizeram o que podiam, hoje. Há outros colegas aqui na casa que vão continuar a trabalhar com as denúncias que chegarem durante o resto da tarde e da noite. Mesmo que as denúncias já não sejam tantas, claro que vamos investigá-las a todas. A Sara vai dar-lhes assistência e manter contacto constante comigo. Vão para casa e tentem dormir um bocado.

— Como raios é que conseguirei fazer isso?! — resmungou Christer.
— Eu e o *Bosse* ficamos aqui mais algum tempo.

— Eu também — disse Peder. — Posso ficar a ajudar a Sara.

Julia abriu os braços num gesto resignado. A força que normalmente emanava tinha desaparecido; em vez disso, Mina achou que Julia fazia lembrar um balão que lentamente perdia ar. Mais uma notificação de mensagem de texto iluminou o telemóvel de Julia.

— Mas que merda?!... — disse a olhar para o telemóvel. — Pronto, claro, façam como quiserem, não vos vou forçar a nada. Eu talvez fique mais um bocado, quem sabe? Peder, pede ajuda à Sara e pesquem todas as pessoas que tiveram contacto com a Lenore Silver; pode ser que tenhamos sorte. Ela pode estar envolvida na mesma, tendo em conta que é tão... empreendedora. Adam, tu que conheces melhor o caso da Lilly, faz uma análise detalhada de todos os pormenores relacionados com o rapto para ver se consegues encontrar algo mais que se assemelhe ao caso do Ossian. Quero todas as

conclusões que possam ser tiradas em cima da minha secretária... para ontem. Mina e Ruben, vocês podem rever os interrogatórios com os pais do Ossian e o pessoal da escola. Talvez haja lá uma pista. Christer, volta a confirmar se algum dos agressores sexuais que conhecemos da base de dados mudou subitamente de padrão de comportamento nos últimos dias. Eu sei que esse trabalho já foi feito, mas peço-te que o faças de novo. Não se esqueçam de que também temos de estar todos alerta e focados amanhã de manhã. O Peder pode distribuir bebidas energéticas por todos, se for preciso. Porque não fazemos a mínima ideia do que é que vai acontecer amanhã.

A televisão na parede mostrava a apresentadora Tilde de Paula Eby a fazer perguntas a alguém que era obviamente conhecido por alguma coisa. Vincent não fazia a mínima ideia de quem se tratava. Apesar de ele próprio ser uma figura pública, mantinha-se embaraçosamente pouco a par de outras pessoas conhecidas, o que dera azo a situações embaraçosas ao longo dos anos; por exemplo, quando em diferentes eventos era apresentado a pessoas que era suposto ele conhecer, mas que, na verdade, lhe eram totalmente desconhecidas.

Depois de uma ocasião particularmente embaraçosa, em que confundira a antiga atleta Kajsa Bergqvist com uma cenógrafa com quem trabalhara uma vez num espetáculo, Vincent prometera à mulher que iria começar a ler revistas cor-de-rosa para aprender quem era quem. Não tinha corrido bem, não porque não se interessasse por outras pessoas, mas porque tinha dificuldade em sentir qualquer entusiasmo pela vida das celebridades.

Tinha visto uma apresentação daquele programa e reparara que uma colega sua, que também dava palestras, iria participar. Vincent não vira o programa em direto, uma vez que estivera em palco, mas procurara-o nos programas gravados praticamente assim que chegara a casa. Tinha esperança de pelo menos reconhecer a sua colega; apesar de tudo, era mais do que apenas uma conhecida, era uma daquelas pessoas que só se precisava de dizer o primeiro nome para muita gente na Suécia saber de quem se estava a falar.

Tilde de Paula Eby sorriu para as câmaras de televisão.

— A minha próxima convidada no sofá provavelmente não precisa de grandes apresentações — disse ela, pondo em palavras os pensamentos de Vincent. — Pelo menos, para quem tenha uma conta nas redes sociais. Ou para quem tenha aberto as páginas de uma revista nos últimos anos. Nova, bem-vinda ao estúdio! E bem-vinda também, Ines Johansson!

Duas mulheres sentaram-se no sofá do estúdio. Uma delas, Nova, tinha cabelo castanho-escuro e uma aparência que a comunicação social adorava descrever como «exótica». O que, na verdade, queria

dizer que, além de ser bonita, também parecia poder ser originária de qualquer parte do mundo. Estava na casa dos quarenta anos, enquanto a mulher ao seu lado, chamada Ines, parecia ser pelo menos vinte anos mais velha.

A mulher mais velha era elegante, com o cabelo entre o louro e o grisalho apanhado num rabo de cavalo aprumado, e uma tez quase translúcida. Vincent cruzara-se várias vezes com Nova ao longo dos anos em conferências, e era sempre interessante ouvir o que ela tinha para dizer. Mas foi Ines quem o fez suster a respiração. Além de ser pálida como uma criatura de contos de fadas, era extremamente parecida com Mina. As mesmas feições, os mesmos olhos, apenas numa versão mais velha. E de cabelos claros.

Ou então estava apenas a imaginar coisas.

Ao olhar mais de perto, as semelhanças desapareceram assim que a mulher ajeitou o rabo de cavalo claro. Vincent abanou a cabeça e sentiu-se envergonhado; era uma sorte Maria estar com a cabeça enfiada no telemóvel no sofá ao seu lado e não ter visto como ele corou. Aparentemente, a esperança de ver Mina na conferência de imprensa do dia anterior tinha sido mais forte do que quisera admitir para si próprio. Tanta que o seu cérebro agora lhe mostrava Mina a cada oportunidade, até no rosto de uma mulher muito mais velha. Com a cor de cabelo errada. Um cérebro normal provavelmente teria reagido ao contrário ao fim de quase dois anos e feito questão de enfraquecer as associações à agente da Polícia. Em vez de as reforçar. Vincent suspirou; vinte meses era realmente demasiado tempo para continuar a tê-la tão presente nos lobos frontais.

— Começamos por ti, Nova — disse Tilde, virando-se para a mulher de cabelos escuros. — És um verdadeiro fenómeno no Instagram e noutras redes sociais, onde partilhas pensamentos e ideias através de filmagens bem produzidas sobre como viver bem a vida. És uma conferencista muito requisitada, e hoje em dia vemos o teu rosto constantemente em jornais e sentada em sofás de estúdios de televisão. Diz aqui nas minhas notas que publicas vídeos todas as

semanas há cinco anos. Isso são... muitas filmagens. Mas também tens mais de um milhão de seguidores; até no estrangeiro parece que as pessoas te seguem, e não é só aqui no Ocidente. Três por cento dos teus seguidores vivem no Brasil.

— Um milhão? — perguntou Nova com um sorriso tímido. — São assim tantos? Bem, se tu o dizes.

Vincent não conhecia Nova pessoalmente, mas era uma mulher sempre simpática e, além disso, competente no que fazia; Vincent apreciara todas as palestras que ouvira dela. Era mais do que merecido estar sentada no sofá da TV4 no famoso programa das sextas-feiras. A única coisa chata em relação a Nova era que gostava de dar abraços em vez de apertar a mão. Até a pessoas que não conhecia.

— Mas não estás aqui para falar da tua conta de Instagram — disse Tilde, e levantou um livro para a câmara. — Vamos falar sobre este livro que escreveste, intitulado *Épico*. Daquilo que percebi, este é o passo seguinte de uma jornada tua, de uma viagem que começaste logo em nova, quando sofreste um acidente de carro. Correto?

Maria desviou os olhos do telemóvel e fez um gesto com a cabeça para a televisão.

— Esta conversa não é um bocado esotérica?

Vincent abriu a boca para responder, mas fechou-a imediatamente. O facto de Maria, com os seus anjos, livros de autoajuda e cursos, chamar à filosofia de vida de Nova «esotérica» fez com que não soubesse bem o que dizer.

Maria encolheu os ombros e concentrou-se novamente no telemóvel. Parecia estar a ler um artigo sobre o chamado *marketing* selvagem, obviamente enviado por Kevin. Vincent não tinha a certeza se essa seria a melhor tática para as figuras de cerâmica de Maria, mas não fazia tenções de se intrometer. Não desejava nada mais do que o sucesso dos negócios da mulher, só não tinha a certeza se ela teria escolhido a direção certa. Vincent viu uma mensagem de texto brilhar no ecrã do telemóvel e reparou que o nome do remetente tinha sido

atualizado para «Kevin-Guru». Um sorriso passou rapidamente pelo rosto de Maria. Vincent voltou a direcionar a atenção para o programa de televisão. Uma sensação desconfortável espalhou-se-lhe pela barriga, mas forçou-se a não deixar os pensamentos irem para aquele lugar onde havia uma fricção; ao invés, concentrou-se na televisão.

— E continuas a viver com dores crónicas nas pernas desde o acidente, não é? — continuou Tilde de Paula Eby no ecrã da televisão. — Um acidente de carro que, além de te ter deixado com sequelas físicas para a vida, também te deixou órfã.

Vincent recordava-se das manchetes dos jornais, apesar de já ter passado tanto tempo. O pai de Nova — John, se a memória não lhe falhava — tinha uma enorme quinta, que um dia começara a arder. Todos os animais da quinta morreram queimados. Durante a fuga do incêndio, o pai de Nova despistara-se com o carro e morrera. Apenas Nova sobrevivera. Porém, a cirurgia após o acidente não correria bem e Nova vira-se condenada a tomar analgésicos potentes para o resto da vida. A história tinha sido recontada muitas vezes na comunicação social ao longo dos anos.

— Mas sabes uma coisa, Tilde? Acho que todos nós andamos por aqui com dores crónicas — disse Nova com uma expressão séria. — Se não for no corpo, é na alma. Mas, como o meu pai costumava dizer, tudo é sofrimento, a dor purifica. Pode parecer paradoxal, mas, às vezes, as provações fazem-nos bem. Para depois podermos livrar-nos delas. E é aí que entra o *Épico*. Não é só um livro, é uma filosofia e um estilo de vida de que muita gente beneficiaria em seguir hoje em dia. A maior parte das coisas que eu escrevo nas redes sociais vem daí, e agora, com o meu livro, quero dar a todos a oportunidade de fazer do epicurismo uma parte das suas vidas.

— A propósito de dor, como é que fazes para não te sentires amargurada em relação aos médicos que não tiveram sucesso em operar-te como deviam depois do acidente?

— *Hamiltonian paths* — respondeu Nova, e voltou a sorrir.

Porém, desta vez, a tristeza foi visível no seu olhar.

— É um conceito matemático — explicou quando viu o ar confuso de Tilde. — Refere-se a uma maneira de deslocação entre pontos de forma geométrica, fazendo com que se visite cada ponto apenas uma vez. Tento viver a minha vida dessa forma. Cada vez que remoemos um assunto, estamos a visitar um ponto onde já estivemos. De forma totalmente desnecessária. Se a escolha for entre reviver o passado e criar novas experiências, é mais saudável escolher a última opção.

Tilde assentiu com a cabeça, mas tinha a testa levemente franzida, como se achasse que aquilo que Nova acabara de dizer não era tão evidente como ela fazia soar. Contudo, não colocou mais perguntas sobre o tema. Vincent assumiu que o tempo do programa começava a chegar ao fim, e, até ao momento, só Nova é que falara.

— Está mais do que na hora de te trazer para a conversa, Ines — disse Tilde, virando-se para a mulher de cabelos claros. — Se bem percebi, tu e a Nova iniciaram uma organização juntas?

— Exatamente — respondeu Ines com uma voz profunda e envolvente. — Comecei como aprendiz da Nova, mas agora trabalhamos juntas. Oferecemos cursos concebidos de forma personalizada sobre liderança e gestão em epicurismo. Treinamos pessoas de todo o mundo. E o conteúdo dos cursos pode ser aplicado a todas as vertentes da vida, não apenas ao mundo empresarial.

— Esoterismos — comentou Maria com o nariz colado ao telemóvel. — Esoterismos do pior.

Vincent não concordava totalmente. O epicurismo era uma filosofia estabelecida, uma filosofia em que ele encontrava muitas coisas sensatas. Porém, às vezes não se tratava da filosofia em si, mas da forma como ela era recebida e interpretada. Vincent tinha participado como orador convidado em cursos de desenvolvimento pessoal suficientes para saber que a atmosfera de grande entusiasmo muitas vezes podia aproximar-se de um fervor quase religioso, juntamente com uma convicção total de que os participantes iriam mudar as suas

vidas para sempre. Vincent também sabia que essa sensação costumava desaparecer um quarto de hora depois de o curso terminar.

Dito isso, também considerava que o epicurismo era bastante mais saudável do que muitos métodos e filosofias de pacotilha que os gurus modernos de autoajuda vendiam caro a pessoas perdidas. Aliás, até achava que o epicurismo era quase tão astuto como o estoicismo. As pessoas podiam facilmente gastar o seu dinheiro em coisas muito piores do que o livro ou o curso de Nova. Ela era competente e, na sua opinião, séria, o que nem sempre era uma evidência naquele ramo.

— Então, só nos resta agradecer à Nova e à Ines — disse Tilde para concluir o programa. — Estivemos aqui com a Nova, a falar do seu livro, *Épico*, que, ouvi dizer, já tem milhares de exemplares pré-encomendados. Parabéns antecipados, é o que tenho a dizer.

Maria levantou a cabeça e olhou sugestivamente para Vincent.

— Estás a ver? É possível vender mais livros do que tu pensas. Se ouvisses os meus conselhos e escrevesses coisas um bocado mais acessíveis, também podias conseguir. Um policial, talvez?

Vincent suspirou; investigações policiais fictícias estavam muito em baixo na sua lista de interesses. Aquelas que existiam na realidade chegavam-lhe perfeitamente.

Está a fazer um tempo aceitável, a velocidade média ronda seis minutos e meio por quilómetro. Melhor do que ontem. Mas o calor também diminuiu ligeiramente este sábado de manhã; até sente uma agradável brisa soprar enquanto corre ao longo da água. Ainda assim, não conseguiu bater o tempo de há um ano. O divórcio afetou-a não só a nível psíquico, mas também a nível físico. Mais uma coisa na longa lista de coisas que ele lhe roubou.

Fora tão estúpida. Devia ter sido mais esperta.

É uma mulher comprovadamente inteligente, tem formação superior, uma posição elevada na hierarquia num dos maiores bancos da Suécia e costuma acertar a maior parte das respostas dos concursos televisivos. Mas, mesmo assim, não percebeu. Apesar de todos os sinais que podiam fazer parte de um manual sobre como saber se um marido era infiel terem estado presentes. *Porsche* vermelho, confere. Interesse súbito em ir ao ginásio, confere. Começar a pintar o cabelo, confere. Ficar até tarde no escritório, confere. Novo estilo de roupa, confere.

Confere, confere, confere.

Claro que tinha reparado em tudo aquilo, não era assim *tão* estúpida. No entanto, interpretara-o como uma crise de meia-idade e achara que estava relacionado com a celebração dos cinquenta anos.

De certa forma, tinha razão. Só não sabia que ele se apaixonara por uma princesa, que fora convidada pelo embaixador da Suécia na Nigéria para a festa dos cinquenta anos. Tinha de ser uma coisa chique, claro, como sempre quando se tratava de Rolf.

O que a mais a atormenta agora no rescaldo é que estivera realmente disposta a fazer-se desentendida em relação à infidelidade dele. Mesmo depois de a informação sobre a princesa nigeriana lhe ter chegado aos ouvidos. Porém, Rolf limitara-se a olhar para ela com uma expressão de incompreensão completa quando ela generosamente lhe sugerira esquecer, perdoar e seguir em frente.

— Isto é a sério! — exclamara ele. — É a sério!

Como se os vinte anos que tinham passado juntos tivessem sido uma farsa. Uma espécie de antecâmara do amor verdadeiro.

Continua a correr ao longo do trajeto que ladeia os barcos ancorados na ilha de Skeppsholmen. Em casos normais, teria de furar pelos outros corredores da moda que fazem a sua corrida matinal à volta da frondosa ilha. No entanto, com o avançar do período de férias de verão, esses corredores desapareceram e foram substituídos por alguns turistas de olhar vazio, que arrastam os filhos para um passeio demasiado cedo. O calor também fez a sua parte para manter os praticantes de *jogging* afastados.

Chega à parte sul da ilha, atravessa a pequena ponte para Kastellholmen a correr e segue a curvatura da ilha no caminho de regresso à parte norte.

Só quando chega ao *af Chapman*, o belo veleiro de três mastros que funciona como albergue e ponto de atração turística, é que se permite parar. Planeara correr todo o caminho de enfiada, mas sente necessidade de se hidratar. Tira a garrafa de água da mochila pequena e leve que carrega sempre consigo quando corre. Sente os dedos rígidos e a tampa parece não querer ceder um milímetro. Usa toda a sua força, mas, ainda assim, não a consegue abrir. Um homem que vai a passar olha para ela com ar inquiridor, mas ela evita olhar para ele; nem pensar que vai pedir ajuda a um homem. Pensa inclusive em desistir de abrir a garrafa; é apenas mais um daqueles pequenos contratempos que a vida parece acumular. Mais cedo ou mais tarde, aparecerá algo extremamente trivial que a empurrará para lá do seu limite. Como o chocolate de menta em *O Sentido da Vida*, dos Monty Python.

No entanto, está com demasiada sede para desistir. Finalmente, consegue abrir a tampa e bebe praticamente a garrafa toda com tragos profundos e agradecidos, enquanto observa o grande navio branco à sua frente, *af Chapman*. Já leu algures que o barco foi construído no final do século XIX, para ser utilizado na Austrália. Porém, acabou ali em Estocolmo. *Albergue*, pensa ela, revirando os olhos. Rolf de certeza

que nem sabe o que é um albergue. Ela pelo menos já fez um *inter-rail* até Berlim, quando tinha dezanove anos.

O sol produz sombras por baixo da prancha de embarque que vai desde o passadiço onde ela se encontra até ao navio, mas algo não está como devia. Põe a mão em pala sobre os olhos para tentar ver melhor. Pode ser uma ilusão de ótica, deve ser isso, mas parece-lhe que algo está entalado no cais, precisamente onde a prancha de embarque assenta no chão. Dirige-se até lá e posiciona-se de forma a bloquear o sol com o corpo, para conseguir ver melhor.

É um sapato de criança.

Algun dos pais turistas não deve ter reparado quando a sua cria insatisfeita, provavelmente presa num carrinho, descalçou o sapato. A ideia de aquilo poder acontecer sempre a deixara ansiosa, e foram *inúmeras* as vezes que tinha discutido sobre isso com Rolf, quando os filhos deles eram pequenos.

Inclina-se para a frente para soltar o sapato. Se o deixar no meio do passadiço, os pais terão mais hipóteses de o encontrar. Mas está preso. Puxa com mais força, até o sapato se soltar e ficar com ele na mão. Só então vê o pequeno pé e a perna que continuam por baixo da prancha de embarque.

Vincent seguiu o caminho pavimentado que serpenteava pelo jardim do cemitério, em direção às campas. Saíra muito cedo de manhã, enquanto a família dormia; não fazia sentido acordá-los quase de madrugada ao fim de semana. Além de que os filhos estavam de férias de verão.

Vincent fizera um requerimento para que Jane e Kenneth fossem declarados falecidos, um ano depois dos acontecimentos em Lidön. Não para se vingar, mas para proporcionar à irmã alguma forma de final digno. Jane vivera toda a sua vida na sombra; o mínimo que Vincent podia fazer era dar-lhe alguma visibilidade na morte. O corpo de Jane nunca fora encontrado, mas Vincent sabia que ela já não estava viva. Embora não conseguisse explicar exatamente como. Simplesmente... sentia-o.

Uma vez que não tinham sido encontrados, não estavam oficialmente mortos, e, de acordo com a lei, os óbitos só poderiam ser declarados no mínimo um ano após o desaparecimento. Por esse motivo, Vincent fizera o pedido precisamente no dia em que tinha passado um ano desde que vira a irmã pela última vez. Por outro lado, era necessário haver «um alto grau de probabilidade» de que a pessoa em questão estivesse morta, e isso realmente verificava-se. Mesmo que Vincent não tivesse uma convicção quase absoluta de que eles já não existiam, era completamente improvável que Jane e Kenneth tivessem conseguido abandonar a ilha e permanecer escondidos por tanto tempo. Não, tinham garantidamente caído à água e morrido afogados. E, mesmo que tivessem conseguido fugir, nem o estado de saúde de Kenneth nem o de Jane lhes teria permitido sobreviver sozinhos por muito tempo. Porém, a autoridade tributária tinha tido uma opinião inicial diferente e informaram-no de que teria de esperar mais quatro anos até que a declaração de morte fosse oficial.

Apesar de Jane ter tentado matá-lo, tanto a ele como a Mina, Vincent ficara desiludido com a decisão. A sua irmã merecia um ponto final. Se não na vida, pelo menos na morte.

Depois, por algum motivo, a autoridade tributária mudara de ideias.

Jane e Kenneth tinham sido declarados mortos e coubera a Vincent tratar de todos os aspetos práticos.

Chegou à zona das lápides e começou a andar entre as fileiras. A mãe estava enterrada em Kvibille, na região de Halland. Quando ela morrera, a paróquia tentara entrar em contacto com Erik, o pai de Vincent, mas sem sucesso. No final, o funeral fora organizado pelo município onde ela morrera. Mas Vincent não quisera colocar Jane na mesma campa que a mãe, queria ter a irmã perto dele. A vida que transformara Jane e a enchera de ódio não era algo que ela tivesse procurado, e, apesar de tudo o que tinha acontecido, ela continuava a ser sua irmã. Então escolhera o novo cemitério da igreja de Tyresö, nos arredores de Estocolmo.

Vincent deteve-se diante de uma lápide plana, enterrada no chão. «Jane Boman e Kenneth Bengtsson», lia-se na inscrição. Ano de nascimento e ano da morte. Nada mais do que isso. Quaisquer outras palavras que tivesse escolhido colocar na lápide teriam sido mentira. Vincent agachou-se e passou a mão pela superfície quente e polida. «Jane» tinha quatro letras, isso era bom. Porém, «Kenneth» tinha sete. Não era de estranhar que Vincent nunca tivesse gostado dele.

Uma pequena aranha andava pelo «J» gravado de «Jane», nas suas oito pernas. Vincent tentou imaginar o mundo da perspectiva da aranha. Naquele preciso momento, o seu mundo consistia apenas numa ravina suavemente curvada, um abrigo temporário do sol abrasador. Mas a ravina também era um obstáculo, uma depressão da qual teria de sair. Uma vez no topo, o mundo transformar-se-ia numa planície escorregadia de pedra polida. Se a aranha fosse corajosa o suficiente para atravessar a planície, desprotegida de intempéries e de predadores, o mundo tornar-se-ia mais tarde um labirinto de novas ravinas quando chegasse ao «A».

Porém, a aranha não faria a mínima ideia de que a forma das duas ravinas significava alguma coisa, que estavam unidas num padrão consideravelmente maior. Ou que esse padrão era uma palavra que representava uma pessoa que, em tempos, tinha estado viva e, por

isso, também representava tudo por que ela passara, todas as pessoas que conhecera e influenciara. Para a aranha, nenhum desses contextos existia. Para a aranha, só havia mudanças temporárias no seu ambiente, mudanças às quais ela tinha de se adaptar para sobreviver. E depois esquecer, quando chegasse ao desafio seguinte.

Vincent começou a sentir dor nos joelhos e levantou-se. Por vezes perguntava-se se a sua vida era como a da aranha. Se as suas experiências, na verdade, faziam parte de algo muito maior, algo tão grande que ficaria louco se, por acaso, visse o que era.

Não era de estranhar que as pessoas se tornassem crentes, ou mesmo profundamente religiosas. Mas, mesmo que tentasse, Vincent não conseguia acreditar na existência de um ser onisciente que tivesse criado tudo e que tivesse um grande plano que incluía as ações humanas. Algo assim não era necessário para explicar a realidade. Navalha de Ockham, como diria Benjamin.

A aranha alcançara o fim das letras e estava a descer em direção à relva. Mais uma mudança radical da realidade do pequeno animal. Vincent sabia o que isso era.

Adam olhou fixamente para as pequenas pernas nuas que se projetavam por baixo da prancha de embarque. No local onde o corpo desaparecia nas sombras, via-se um par de calções com as Tartarugas Ninja.

— Aquele pé não calça mais do que o tamanho trinta — disse Mina ao seu lado. — Sem ter visto mais nada, infelizmente talvez tenhamos encontrado o Ossian. Era precisamente isto que não podia acontecer.

Adam sentiu um nó na garganta e virou a cara. Já lhe acontecera situações com reféns correrem da pior forma. Já vira de perto pessoas inocentes sofrerem sem ele poder evitá-lo, por vezes de forma violenta. As pernas por baixo da prancha de embarque tinham um ar quase pacífico em comparação.

No entanto, pertenciam a uma criança.

Adam sentia que tinha falhado. Que *tinham* falhado. Não tinham feito o que deviam, nem suficientemente depressa nem de forma suficientemente inteligente. Depois de todo o trabalho duro e intenso dos últimos dias, mesmo assim não conseguiram encontrar o raptor de Ossian a tempo. E Ossian teve de pagar o preço. Era um fracasso catastrófico e imperdoável.

Os técnicos forenses estavam em processo de documentar o máximo possível do local onde o corpo se encontrava. Todos os elementos de prova tinham de ser recolhidos e salvaguardados, e a médica-legista também estava a caminho para medir a temperatura corporal e recolher corpo vítreo dos olhos, antes de o cadáver poder finalmente ser colocado no saco mortuário e enviado para o instituto de medicina legal.

Os responsáveis pelo transporte de cadáveres eram muitas vezes personagens peculiares, que frequentemente queriam fazer amizade com os técnicos forenses. Adam já ouvira muitas histórias sobre casos em que, no âmbito de transporte de cadáveres, tinham encontrado elementos de prova que os técnicos forenses deixavam escapar.

Adam obrigou-se a concentrar-se novamente no pequeno rapaz à

sua frente. Os mecanismos de defesa do cérebro tentavam fazê-lo dispersar-se noutros pensamentos, longe da criança morta no chão. Inspirou profundamente e focou-se no trabalho que tinha pela frente, tentando absorver o máximo possível do ambiente à volta.

O corpo não estava propriamente escondido, mas também não estava completamente visível. Tivera de ser uma corredora matinal atenta a encontrá-lo por acaso. Inicialmente, a corredora tentara soltar o corpo, mas depois, quando vira as manchas de hipóstase na pele, reconsiderara e chamara a Polícia. Já tinham feito uma recolha do seu ADN, dada a probabilidade de serem encontrados vestígios no corpo.

Adam tapou a boca com a mão. Simplesmente, não sabia como haveria de continuar. Adam era um negociador, as suas competências especializadas implicavam falar com pessoas armadas, talvez até lidar com situações de reféns e resolvê-las sem que ninguém ficasse ferido. Mas tratava-se sempre apenas de falar, isto era algo completamente diferente.

Adam não tinha filhos, o que neste caso era uma sorte. Se tivesse, provavelmente não teria sido capaz de continuar ali. Mas a sua irmã tinha, uma criança de cinco anos, como Ossian. Podiam inclusive ter frequentado o mesmo jardim de infância.

Os técnicos forenses tinham vedado uma boa parte da ilha de Skeppsholmen. A última coisa que precisavam era de espectadores, de alguém que se lembrasse de publicar fotografias das operações nas redes sociais. Começaram a levantar a prancha de embarque com cuidado para conseguirem chegar ao corpo.

Adam reconheceu o rosto de Ossian imediatamente das fotografias dos pais. O rapaz parecia estar a dormir, exceto pelo tom de pele, que era completamente anormal — estava cinzento. Com manchas. E o maxilar inferior afundara-se. Que horror.

— Há mais qualquer coisa aqui em baixo — disse um dos técnicos, apontando para algo junto ao corpo, que até então estivera escondido pela prancha.

Era uma mochila de criança com um boneco do My Little Pony impresso. Estava tão suja quanto Ossian.

A mochila tinha um grande impacto naquele cenário. Adam podia convencer-se a si próprio de que o corpo era um boneco, ou um adereço de uma série policial na televisão, mas aquela pequena mochila tornava tudo muito mais real. Era ali que Ossian tinha a sua garrafa de água. A lancheira para quando faziam passeios fora da escola. O seu sobrinho costumava levar sanduíches de *Nutella*.

Os compartimentos laterais estavam provavelmente cheios com pedras; todas as crianças de cinco anos pareciam fazer coleção de pedras. No fundo da mochila, adivinhou que se esconderia um boneco de peluche esquecido. O seu sobrinho tinha uma girafa já bastante gasta. Subitamente, as lágrimas começaram a cair descontroladamente pelo rosto de Adam. Já não conseguia continuar a ver a mochila e o pequeno corpo; em vez disso, virou o olhar para a água, enquanto limpava as lágrimas com as costas da mão. A vista da ilha de Skeppsholmen parecia inapropriadamente bela perante a perversidade do que estava a apenas alguns metros de distância dele. Pequenos barcos balançavam por entre as ondas cintilantes sob o sol da manhã. Em frente, para lá da água, via-se a ilha de Gamla Stan, o centro histórico de Estocolmo, com os seus telhados de cobre esverdeados.

— Este local, com o veleiro e o cais, faz-me lembrar uma coisa — disse Mina. — Assumo que tu, melhor que ninguém, te lembras de como a Lilly foi encontrada?

Adam não reparara que Mina viera ter com ele.

— Num pontão — respondeu, assentindo com a cabeça. — Eu sei. Isto é desconfortavelmente semelhante ao que aconteceu com ela. *Demasiado* semelhante. E, tal como então, tivemos três dias. Três dias desperdiçados.

Mina assentiu com a cabeça e seguiu o olhar de Adam sobre a água.

Ruben colocou-se do seu outro lado.

— Vens? — perguntou o colega. — Temos os dois de falar com o

peçoal de bordo. E acordar para a vida o peçoal de mochila às costas que passou aqui a noite. Talvez um turista tenha visto alguma coisa. Isto se não estivessem demasiado bêbedos ou drogados.

Adam assentiu com a cabeça, agradecido. Finalmente, tinha uma tarefa, ia poder fazer aquilo em que realmente era bom. Ia poder fazer a diferença. Qualquer coisa era melhor do que ficar ali, impotente, a olhar.

— Vamos encontrar a pessoa que fez isto — disse-lhe Mina, antes de Adam ir atrás de Ruben. — Pela Lilly e pelo Ossian. E, acima de tudo, para que nunca mais volte a acontecer.

Adam deteve-se e arregalou os olhos para Mina.

— Achas que pode voltar a acontecer?

— Na verdade, não acho nada — respondeu Mina, limpando a testa com uma toalhita.

A leve brisa que se fizera sentir de manhã tinha agora desaparecido e o calor estava de volta com toda a sua força. Adam sentiu um ligeiro cheiro a limão e ponderou dizer que as toalhitas secavam ainda mais a pele, mas optou por não o fazer.

— Só sei que este calor deixa as pessoas loucas — continuou Mina. — Sabias que um estudo americano demonstrou que basta a temperatura estar acima dos vinte e nove graus para que os crimes violentos aumentem quase seis por cento?

Adam olhou rapidamente para o seu *smartwatch*, que lhe indicou que já estavam trinta e dois graus.

— E o verão ainda agora começou — comentou.

— Já todos sabem o que aconteceu — disse Julia.

Nenhum dos presentes abriu a boca. A única coisa que se ouviu foi o barulho do ar condicionado e os gemidos silenciosos de *Bosse* junto à sua nova tigela de água, no canto da sala. Até Torkel parecia ter tido o bom senso de a deixar em paz; não lhe enviara uma única mensagem a manhã toda.

— O Ossian foi encontrado há duas horas e meia — continuou Julia.

— Claro que ainda temos de esperar pela identificação definitiva do corpo, mas, na realidade, não restam dúvidas. O Adam e o Ruben ainda estão em Skeppsholmen para interrogar todas as pessoas que estavam no albergue *af Chapman* e também os moradores mais próximos, para o caso de uma pessoa qualquer ter visto alguma coisa. Estão hospedadas quase cem pessoas no barco, por isso espero que tenhamos sorte, mas temos de ser rápidos, porque a maior parte normalmente não fica lá mais do que uma noite. Como a Mina e o Peder falaram com os pais do Ossian na quinta-feira, o mais apropriado seria eles irem lá outra vez para os informar. Mas acho que não...

Julia parou de falar e olhou de relance para Peder, que piscava freneticamente os olhos para afastar as lágrimas. Julia não queria sujeitá-lo a mais um encontro com os pais se pudesse evitá-lo. Talvez fosse pouco profissional, mas isso não tinha importância.

— Christer, podes ir tu, por favor? — perguntou. — Já que a Mina tem de ir falar com a Milda.

Christer suspirou profundamente e cruzou os braços.

— Como de costume — respondeu. — Quando se trata de morte, vem sempre parar ao meu colo. Não sei se vocês acham que eu sou unha com carne com a Velha Ceifeira ou assim. Mas, claro, alguém tem de fazer o trabalho duro, e percebo o que queres dizer. Acho que é melhor se o Peder verificar o que temos em termos de vigilância em Skeppsholmen e arredores. Câmaras de videovigilância e tudo o mais.

Julia reparou no olhar rápido que Christer lançou a Peder. O colega

mais velho do grupo podia ser carrancudo, mas, quando era preciso, tinha um bom coração.

— Era precisamente isso que tinha pensado sugerir — respondeu Julia. — Como agradecimento, vamos oferecer-te ração de qualidade superior para o *Bosse*.

— E uma tigela para a comida aqui na sala?

— E uma tigela de comida na sala — confirmou Julia.

O ar condicionado produziu um som repentino muito alto e depois ficou em silêncio absoluto. Julia sentiu imediatamente uma gota de suor começar a escorrer pelo peito e ansiou por voltar para casa. Não apenas para poder tomar um duche frio, mas, acima de tudo, porque precisava de sentir Harry perto de si. Inspirar o seu cheiro e sentir a pele do bebé contra a sua. Confirmar que estava vivo, que estava bem. Torkel podia sair e encontrar-se com os amigos ou fazer o que quisesse.

Peder aclarou a garganta.

— Só uma coisa — disse. — Assumo que já não estamos a considerar que as semelhanças com o caso da Lilly são mera coincidência. E, nesse caso, temos de investigar se a tragédia que aconteceu com o Ossian foi levada a cabo por alguém que copiou o caso da Lilly, talvez depois de ter lido sobre ele nos jornais, ou se os crimes são realmente da responsabilidade do mesmo perpetrador. Nenhuma criança nesta cidade estará segura enquanto não tivermos a resposta a essa questão.

Julia assentiu com a cabeça.

— Mina, vai ter com a Milda o mais rapidamente que conseguires e pergunta-lhe se ela tem alguma coisa a dizer sobre a autópsia da Lilly — pediu Julia. — Vou telefonar-lhe a pedir que tenha o relatório disponível quando chegares.

Peder abriu uma porta que Julia sabia, há já vários dias, que estavam prestes a atravessar, simplesmente não quisera admitir a possibilidade de ser a mesma pessoa que tinha voltado a atacar. A

pessoa que não conseguiram encontrar antes. E, nesse caso, a culpa da morte de Ossian era deles.

Por vezes, Milda Hjort perguntava-se se existia uma enorme balança que regulava o equilíbrio da vida. Que assegurava que as porções de felicidade não se tornassem demasiado grandes. Que se certificava de que o azar compensava a sorte, para que nunca houvesse um excesso nem de um, nem do outro. No seu caso, essa balança parecia funcionar de forma que, quando uma situação difícil na vida era resolvida, surgia logo outra a seguir.

O seu filho Conrad superara finalmente o seu período conturbado. Estava a estudar na escola técnica, tinha uma namorada e, pelo menos daquilo que Milda conseguia ver, parecia ter deixado tudo o resto para trás. Então, a balança pendera para o outro lado e o seu irmão Adi contactara-a novamente.

— Podes vir suturar? Já acabei.

Milda fez um gesto com a cabeça para o corpo deitado no metal brilhante à sua frente. Vinte e cinco anos, suicídio. Tinha detetado marcas de outras tentativas falhadas no corpo; desta vez, alcançara o objetivo. Enforcamento. Encontrada pela mãe na cave da casa da família. Uma visão que uma mãe nunca conseguiria apagar da cabeça. Estaria para sempre ali, no seu banco de memórias, juntamente com os primeiros passos, o primeiro dente caído, o primeiro dia de escola. Tudo aquilo que fazia parte da vida ficaria agora e para sempre misturado com a memória da morte.

E ali estava Milda, numa tarde ensolarada de sábado que não anunciava qualquer preocupação no mundo, prestes a tornar-se a última pessoa a ver aquela rapariga antes de também o seu corpo físico deixar de existir.

Milda descalçou as luvas e deitou-as para o caixote do lixo. O seu assistente, Loke, tinha a tarefa de costurar cuidadosamente a incisão que Milda abria no corpo, uma linha direita ao longo do tronco. Normalmente, preferia ser ela própria a fazer aquela parte, apesar de ser uma tarefa dos assistentes, mas tinha demasiadas coisas a ocupar-lhe a mente naquele momento para conseguir concentrar-se. Além de que Loke fazia suturas mais finas. A precisão era um dos pontos fortes

de Loke enquanto assistente. Quase doentiamente pedante talvez fosse a descrição mais apropriada.

Milda terminou o ritual de limpeza para de seguida, depois de mudar de roupa, voltar para o seu gabinete. Quando abriu a porta, foi atingida pelo calor abrasador. Primeiro, deu um passo atrás, mas depois inspirou profundamente e entrou. A cadeira ficou colada ao seu rabo assim que se sentou, e, pesarosa, Milda observou o estado lastimável das plantas no parapeito da janela. Sentia-se como se fosse uma delas.

O telefonema de Adi não devia ter sido um choque, e o facto de o ter sido era a razão pela qual estava furiosa consigo própria, mais do que com ele. A relação com Adi era como a fábula sobre o escorpião que se sentou às costas de um sapo para atravessar o rio. O escorpião picou o sapo quando iam a meio do rio, resultando que ambos em breve se afogariam. Quando o sapo perguntou por que motivo o escorpião fizera aquilo, o escorpião respondeu que era simplesmente da sua natureza.

Era precisamente isso que acontecia com Adi. Desde que eram pequenos, o seu irmão sempre tivera apenas as suas próprias necessidades em mente. Parecia nem ser capaz de interiorizar que as outras pessoas tinham necessidades. Ou direitos. Tudo era dele. Nenhuma das tentativas dos seus pais de ensinar a Adi sobre o que era certo ou errado, meu e teu, dera o mínimo resultado. Por esse motivo, Milda ficara inegavelmente surpreendida quando Adi a deixara ficar a morar na casa do pais, que ambos tinham herdado após as suas mortes, com os seus filhos depois do divórcio. Além de ter adiado receber a sua quota-parte da casa.

Milda convencera-se de que aquilo era um sinal de que o irmão também teria amadurecido, que teria desenvolvido alguma empatia. Com o passar dos anos, Milda reprimira a situação e dissera para si própria que, provavelmente, as coisas iriam continuar como estavam. Que se tinham tornado *statu quo*. Era o seu amor infalível pelo *statu quo*. Porém, Adi telefonara-lhe no dia anterior. Distante, frio.

Raramente se ouviam quaisquer emoções na voz de Adi, a não ser quando estava zangado ou se sentia ofendido.

Adi queria receber a sua parte da casa. Imediatamente. Já tentara fazer aquilo uma vez, há quase dois anos. Nessa altura, Milda recebera uma carta do «advogado» de Adi com um ultimato: ou saía da casa dos pais, ou pagava a Adi a parte que lhe correspondia, ou abdicava da sua metade da herança da casa do avô Mykolas quando ele morresse. Milda assumiu que ele quisera pressioná-la para que não conseguisse pensar racionalmente.

Em vez disso, Milda fora ter com os colegas na Polícia e mostrara-lhes a carta. Parecera-lhe estranhíssimo assinar um contrato sobre a herança do avô ainda antes de ele morrer. E a sua intuição estivera correta; Adi não tinha qualquer direito a negociar a herança do avô Mykolas antecipadamente. A Polícia estava preparada a acusá-lo de extorsão se Adi não recuasse. Quando, além disso, também descobriram que aquele advogado nem sequer acabara o curso e, por isso, se apresentava como advogado ilegalmente, o seu irmão desaparecera com o rabo entre as pernas.

Não obstante, Adi tinha a lei do seu lado, a casa em que Milda estava a morar pertencia aos dois, e o irmão tinha todo o direito de lhe exigir que ela comprasse a sua parte se quisesse continuar a viver lá. O que era precisamente o que tinha feito. Milda ainda tentara explicar-lhe que não dispunha dos meios para comprar a sua parte e que sabia que o irmão também não precisava do dinheiro; Adi ganhara bastante bem toda a vida. Se pudesse esperar mais alguns anos, só até os filhos terem saído de casa, ela ficaria realmente agradecida. E odiara o tom suplicante da sua própria voz, detestava o efeito que ele sempre tivera sobre ela, como a fazia encolher-se, tornar-se invisível, subserviente. Mas ainda antes de Adi responder, Milda já sabia o que ele ia dizer. E amaldiçoara-se a si própria por se ter permitido esquecer que ela é que era o sapo. E ele o escorpião.

Um toque na porta fê-la sobressaltar-se.

— Entra — autorizou; apercebeu-se de que a voz lhe falhou e

aclarou a garganta.

— Estou a incomodar?

Mina espreitou pela porta com uma expressão interrogativa.

— Queria falar contigo sobre a Lilly Meyer. E rever o relatório da autópsia.

Milda abanou a cabeça.

— Não incomodas nada. Bem-vinda à minha sauna.

Mina olhou com preocupação para as plantas no parapeito da janela de Milda. Pareciam estar prestes a sucumbir ao calor opressivo do pequeno escritório, e Milda parecia estar ainda mais acalorada do que ela. Mina lera algures que a transpiração era não só a forma que o corpo tinha de manter a temperatura baixa, como também servia para limpar a sujidade e libertar toxinas. Só de pensar nisso ficava arrepiada, e teve de lutar contra o instinto de arrancar ali mesmo a roupa que tinha no corpo. Se ao menos pudesse tomar um duche refrescante. Porém, não podia resolver essa questão ali no gabinete de Milda.

— Já as reguei, mas parece que a água se evapora mais rápido do que elas têm tempo de beber — disse Milda com ar abatido, apontando para as plantas murchas.

Mina observou a colega. Algo não estava bem. Mina lançou um olhar rápido para a cadeira à frente da secretária e ponderou se deveria sentar-se. Porém, o plástico do assento parecia-lhe quente e pegajoso, e tinha a certeza de que as bactérias prosperavam naquela superfície brilhante.

— Toma, aqui está o que procuras — disse Milda ao abrir uma gaveta. — A Julia ligou há bocado, contou-me que vocês vão estar todos de serviço durante o fim de semana.

Milda retirou uma pasta da gaveta e entregou-a a Mina, mas não antes de pegar numa toalhita desinfetante e limpá-la.

Mina sorriu-lhe em agradecimento e abriu a pasta. Toda a informação relacionada com a autópsia de Lilly estava cuidadosamente impressa e ordenada.

— És inabalável, Milda — disse Mina com sinceridade. — Nunca estás de folga?

Milda era sempre a personificação da calma. Uma patologista forense confiante, objetiva, competente e tranquila. Sim, tranquila era provavelmente a palavra que, na maior parte dos casos, descreveria Milda da melhor forma. No entanto, justamente hoje, não parecia

tranquila.

Mina ponderou se deveria perguntar-lhe alguma coisa, mas não sabia exatamente o quê. Não tinham uma relação que se estendesse para o plano pessoal, por isso sentia-se insegura sobre que palavras utilizar. Subitamente, percebeu como Vincent deveria sentir-se. Na maior parte das situações e com a maior parte das pessoas.

— Leiam isso com calma — disse Milda. — Estarei aqui para responder a todas as vossas perguntas. Mas acham mesmo que está relacionado com o rapaz que encontraram?

— Sinceramente, não sei — respondeu Mina, apertando a pasta contra o peito. — Mas o Adam Blom parece convencido disso.

O tecido da sua blusa colou-se desconfortavelmente ao peito. Precisava realmente de tomar um duche em breve. E de mudar de roupa.

Gerou-se um momento de silêncio; o rosto de Milda parecia sombrio, desconcentrado, como se estivesse a reprimir alguma coisa. Algo à espera de poder explodir. Mina abriu a boca. Depois fechou-a novamente e dirigiu-se para a porta com um breve «obrigada» para trás das costas.

Christer estacionou na rua Hornsgatan, muito perto da praça Mariatorget. Não havia necessidade de anunciar para onde se dirigia estacionando o carro da Polícia precisamente à porta. Além de que a curta caminhada até à rua Bellmansgatan lhe daria a oportunidade de pôr as ideias em ordem.

Christer não podia censurar Julia por o ter enviado ali. Um agente da Polícia tinha de ser capaz de, às vezes, se desligar das suas emoções. E um bom agente da Polícia também tinha de ser capaz de as descartar quando se tornavam demasiado fortes. Então, coubera-lhe novamente fazer a visita. Pelo menos não precisava de ser ele a dar-lhes a notícia, um agente fardado acompanhado por um padre já o tinha feito.

Encontrou o endereço correto e tocou à campainha. Quando chegou ao andar certo, a porta do apartamento estava aberta. Uma mulher, que devia ser a mãe de Ossian, estava parada à porta de braços cruzados. A postura queria ser desafiadora, mas os seus ombros estavam descaídos.

— Não percebo qual é a vantagem disto — disse ela. — Não pode ter sido o Ossian que vocês encontraram. O que é que ele havia de estar a fazer em Skeppsholmen?

— É precisamente isso que queremos esclarecer — respondeu Christer calmamente e com empatia. — A propósito, fui eu que lhe liguei há bocado. Chamo-me Christer, não sei se está recordada...

O rosto da mãe de Ossian estava completamente pálido, exceto pelos círculos negros à volta dos olhos. Provavelmente, não dormia desde quarta-feira, o dia em que o menino desaparecera. E agora estava em negação, o primeiro dos cinco estádios do luto. Com o tempo, passaria ao estágio seguinte, o da raiva. Seria nessa altura que os pais de Ossian o repreenderiam, a ele e ao resto da força policial, por não terem feito o seu trabalho, talvez até os ameaçassem com ações judiciais ou com declarações à comunicação social. Claro que cada pessoa lidava com aquilo de forma diferente, mas, fosse qual fosse a expressão de raiva de Fredrik e Josefin, teriam razão. Christer

concordaria com eles, a Polícia não tinha feito o seu trabalho. Evidentemente que as condições para encontrarem Ossian a tempo tinham sido praticamente impossíveis, mas, ainda assim. Deram todos o seu melhor, mas não fora bom o suficiente. Nem de longe.

Até ao momento, porém, Josefin ainda estava a tentar aceitar a informação de que perdera o filho. Alguns pais nunca passavam dessa fase.

O pai de Ossian apareceu atrás da mulher.

— Não é melhor irmos consigo? — perguntou. — Para podermos vê-lo e confirmar que não é o Ossian?

Christer compreendeu o seu desejo — enquanto Fredrik e Josefin não tivessem visto Ossian com os seus próprios olhos, a ideia de que provavelmente não era ele podia continuar a existir. Que se tratava de um erro de alguém. E esse pensamento poderia certamente levar uma pessoa à loucura. Não obstante, por mais desumano que fosse, Christer tinha de lhes pedir que aguardassem.

— Vão poder vê-lo em breve — respondeu. — Mas agora os técnicos forenses têm de poder fazer o seu trabalho.

Não havia necessidade de entrar em detalhes sobre o que isso implicava. Ossian estava prestes a ser autopsiado, o filho daquele casal iria ser aberto por uma lâmina. Christer preferia manter esses pensamentos o mais longe possível de Josefin e Fredrik, mas eles pareceram compreender. Josefin ficou ainda mais pálida, se é que era possível, e escondeu o rosto com as mãos. Perdeu momentaneamente a força nas pernas e Fredrik segurou-a pelos braços, embora mal parecesse capaz de ele próprio se manter de pé.

— Se o Ossian tiver um passaporte eletrónico, podemos identificá-lo por meio das impressões digitais — disse Christer. — Caso contrário, uma escova de dentes também serve, para retirarmos uma amostra de ADN.

— Vou buscar a escova de dentes dele — disse Fredrik, soando quase aliviado por lhe terem dado uma tarefa.

Depois desapareceu para o interior do apartamento.

— A roupa e a mochila dele também fazem parte da investigação, por agora — explicou Christer. — Espero que compreendam.

— A mochila dele? — repetiu Josefin, parecendo confusa. — Para que é que quer a mochila dele?

Apontou para uma mochila amarela de tamanho infantil entre os sapatos no *hall* de entrada. Era uma pequena mochila da marca *Fjällräven*.

— Ele devia ter levado uma lancheira na quarta-feira, quando... quando... — A voz de Josefin desvaneceu. — Por uma vez que fosse, lembrei-me de lhe preparar a lancheira e guardei tudo na mochila dele. Mas acabei por esquecer-me dela aqui.

Christer forçou-se a não olhar para a pequena mochila por mais tempo do que o necessário. Sentiu o nó no estômago aumentar.

— Ele não tem outra? — perguntou. — Uma do My Little Pony?

O olhar de Josefin permaneceu fixo na pequena mochila amarela. Parecia já não estar a ouvir Christer.

— Que pergunta tão estranha — disse Fredrik, que regressara com uma pequena escova de dentes dentro de um saco de plástico. — Mas não, não temos nenhuma mochila dessas.

Christer franziu a testa. Ossian fora encontrado com uma mochila. Mas, se não era dele, então era de quem? Algo não batia certo.

O gabinete de Milda no instituto de medicina legal estava extremamente quente, mas ali, na sede da Polícia, não estava nem um pouco mais fresco; pelos vistos, ainda ninguém aparecera para consertar o sistema de ar condicionado avariado. Provavelmente, tinham tirado folga. A única solução era fugir para o exterior e tentar encontrar um lugar à sombra, onde pudesse estar um pouco mais fresco.

Com a pasta debaixo do braço, Mina saiu pela entrada principal e dobrou a esquina do edifício, onde deparou com um mar de beatas de cigarros no chão. Era obviamente ali o ponto de encontro dos fumadores secretos da Polícia. A maior parte deles tinha provavelmente parceiros que poderiam jurar a pés juntos que o seu companheiro não era fumador. Mina ficava fascinada com quão pouco as pessoas realmente sabiam umas sobre as outras, mesmo as que tinham uma vida em comum. Às vezes perguntava-se se era sequer possível conhecer verdadeiramente outra pessoa ou se todos eram como uma pequena bolha, nunca mostrando totalmente o seu verdadeiro eu a ninguém. Imaginou que Vincent teria muito a dizer sobre esse assunto.

Custava-lhe ter de se sentar, mas seria impossível folhear a pasta com a devida atenção se ficasse de pé, por isso retirou o seu equipamento da mala: toalhitas, *spray* antibacteriano e álcool-gel. Limpou minuciosamente o pequeno banco, estrategicamente colocado mesmo ao lado de um caixote de lixo a transbordar. Mina tentou evitar olhar para lá, algumas vespas voavam à volta do caixote, mas ela não tinha medo de vespas, eram um perigo que podia ver. Eram os perigos que não se conseguiam ver a olho nu que a assustavam.

Quando terminou, sentou-se cuidadosamente e pousou a pasta de documentos ao seu lado, em cima do banco. Estava misericordiosamente fresco à sombra, e uma ligeira brisa entranhou-se por baixo da sua blusa fina e secou-lhe o suor. Mina respirou profundamente algumas vezes. Longe do calor opressivo, parecia que os pulmões e as vias respiratórias voltavam a abrir-se.

Com os pulmões cheios de oxigênio, abriu a pasta. O relatório da autópsia era o primeiro documento. Soubera de antemão que aquela iria ser uma tarefa difícil; nem mesmo os policiais mais calejados conseguiam ficar indiferentes a crianças mortas. E Lilly só tinha à data da sua morte cinco anos. Desta vez, o clichê dos livros policiais batera certo: um homem a passear um cão encontrara o corpo por baixo de uma lona.

Mina obrigou-se a pegar nas fotografias detalhadas e colocou-as umas ao lado das outras no banco. A menina tinha cabelo comprido, escuro e ondulado, espalhado como um leque à volta da cabeça, contra o metal brilhante da mesa de autópsias. Parecia serena, como se estivesse a dormir.

A causa da morte fora asfixia, isso Mina já sabia. Porém, como o caso não lhes fora atribuído, não estava a par de mais detalhes. Curiosa, pegou no relatório da autópsia e começou a ler devagar; não queria arriscar que alguma informação vital lhe escapasse. Em investigações de homicídio, era muitas vezes o detalhe mais ínfimo que podia mostrar-se decisivo.

Uma vespa pousou no meio da folha de papel e Mina afugentou-a com a mão, irritada. A vespa regressou, despreocupada com a evidente superioridade de tamanho de Mina, e pousou na folha novamente. A coragem da vespa fascinou-a; a maior parte dos animais tinha um respeito natural por espécies que eram maiores do que eles, mas as vespas não. As vespas exibiam uma certa arrogância e pareciam pensar que o seu ferrão as transformava em vencedoras incontestadas, independentemente do tamanho do adversário. Isso lembrava a Mina alguns homens que conhecera ao longo da vida.

Voltou a afugentá-la com a mão. Desta vez, a vespa percebeu a mensagem e voou para um papel de gelado no caixote do lixo.

O relatório de Milda estava, como sempre, bem estruturado e era de fácil compreensão. A informação nele disponibilizada é que era mais difícil de dominar. A causa da morte era enganadoramente simples: asfixia, hipoxia. O cérebro é privado de oxigênio até deixar de

funcionar e as funções corporais cessam. Mina continuou a ler. Não havia nada preso nas vias respiratórias que pudesse ter causado a asfixia, apenas pequenos restos de fibras. Também não havia água nos pulmões, o que queria dizer que morte por afogamento não era uma hipótese. No entanto, Milda escreveu que havia marcas nos pulmões, como se as costelas tivessem sido pressionadas com força contra eles. Mina franziu a testa. O que poderia ter causado esse tipo de pressão contra o corpo?

Sabia que corpos encontrados em águas profundas podiam apresentar o mesmo tipo de ferimentos; mas, mais uma vez, não havia água nos pulmões. Poderiam ter sido pancadas? Não, Milda também excluía essa hipótese no seu relatório, constatou Mina ao continuar a ler. Pancadas teriam causado sangramentos sob a pele, e isso não se verificava.

Uma queda? Mina já vira inúmeros corpos que tinham caído de grandes alturas, tanto de forma involuntária como intencional. Porém, nesses casos, costumava haver lesões menos localizadas do que apenas na caixa torácica, algo que Milda efetivamente também confirmava no relatório. Aquilo que Milda indicava como mais provável era pressão. Com a especificação de que a pressão não podia ter sido rápida e forte, uma vez que isso também teria provocado sangramentos sob a pele. Em vez disso, considerava que devia ter havido uma pressão uniforme sobre o corpo, durante um longo período de tempo. Mina coçou a cabeça, pensativa. Não conseguia de forma alguma imaginar qual poderia ser a causa.

Morte por pressão?

O momento da morte também era extremamente relevante, sobretudo agora, à luz dos acontecimentos com Ossian. Como Christer salientara, Lilly estivera desaparecida quase precisamente três dias, desde o momento em que fora levada até que o seu corpo fora encontrado. A avaliação de Milda era que a menina fora mantida viva todos esses dias e que não fora submetida a violência física. Pelo contrário, o conteúdo do estômago mostrava que os sequestradores

tinham-na mantido bem alimentada. Sempre era alguma coisa. Lilly fora morta muito pouco tempo antes de ser encontrada.

Mina voltou a concentrar-se no relatório. Fez a ligação de toda a informação que recebera de Milda com aquilo que chegara da investigação forense. Os técnicos forenses tinham encontrado algumas fibras na axila direita e, de acordo com a análise, eram da mesma variedade que os restos no pescoço: fibra de lã.

A vespa regressou, se é que era a mesma. Voltou a pousar no meio dos papéis que Mina estava a ler, e, desta vez, a sua paciência esgotou-se. Tirou uma toalhita da mala, aproximou-a cuidadosamente da vespa e apertou-a à sua volta. Imaginou o inseto a tentar ferrar alguma coisa às cegas, ali dentro do papel, numa ofensiva furiosa que, no final, seria completamente inútil. Mais uma vez, surgiu-lhe o pensamento sobre homens que conhecera. Desdobrou a toalhita e olhou para a vespa. Não havia dúvidas sobre a causa da morte: lesões por esmagamento. Dobrou a toalhita novamente e atirou-a para o caixote do lixo.

Depois de acabar de ler o relatório da autópsia, retirou a última coisa que havia na pasta. As fotografias da roupa e pertences de Lilly, que tinham sido encontrados com o corpo. De acordo com os pais, nada estava em falta, e encontraram as mesmas peças de roupa que a menina tinha usado quando desaparecera. Alguns tesouros pessoais dos seus bolsos, uma pedra branca lisa, um marcador de livros com brilhantes, um pequeno *troll* de plástico com olhos enormes e uma borracha roxa com a forma de um gato. Mina sorriu, apesar de ainda conseguir ver a fotografia da menina em cima da mesa da autópsia pelo canto do olho. Havia algo na felicidade desenfreada das crianças de cinco anos com qualquer coisa extra ou fofa. Purpurinas, cavalos, cachorros, cor-de-rosa, penas, flamingos, gatinhos e lantejoulas. Coisas que depois, em adulto, se perdia a capacidade de apreciar plenamente. A não ser quando era a final do Festival Eurovisão da Canção ou em marchas do orgulho.

Mina juntou cuidadosamente tudo pela mesma ordem em que

estava de início, fechou a pasta, levantou-se e inspirou profundamente como forma de se preparar para regressar ao calor. Olhou para o relógio; o dia estava quase a chegar ao fim. Contava com mais informação agora, mas sentia que tinha ainda mais perguntas; não encontrara nada que pudesse ajudá-los a descobrir o assassino de Ossian ou de Lilly. Até ao momento, andavam a cambalear às cegas por um beco sem saída. E um assassino continuava algures à solta.

Vincent estava sentado no seu escritório. Maria precisara de ir ter com Kevin novamente para ajustar a sua estratégia de vendas; Vincent cruzara-se com ela à porta de casa, quando regressara do cemitério. Aparentemente, Kevin tivera uma ideia tão boa que não podia esperar. Rebecka tinha ido ao cinema com Aston, algo que há apenas um mês teria sido impensável, mas Aston começara subitamente a idolatrar a irmã mais velha e Rebecka não parecia ter nada contra passear com o seu irmão sete anos mais novo. Apesar de ter um namorado. Devia ser o calor que estava a deixá-los confusos, mas uma sala de cinema com ar condicionado a meio do dia parecia-lhe uma escolha inteligente.

Benjamin estava no seu quarto, a fazer fosse lá o que fosse que rapazes de vinte e um anos faziam fechados nos seus quartos. A procurar apartamentos na internet, esperava Vincent.

O resultado era que tinha a tarde de sábado toda para si. Em tempos, Vincent tinha sido razoavelmente capaz de ficar sozinho com os seus pensamentos, mas agora já não. Não desde que Jane trouxera tudo sobre a sua mãe para a superfície. Depois dessa experiência, Vincent precisava de se distrair para manter os pensamentos controlados. Tinha receio de onde eles podiam ir parar se lhes desse rédea solta.

Retirou um cubo mágico da estante atrás da secretária e girou-o entre os dedos. Era aquele que Mina lhe tinha dado. Já tentara resolvê-lo antes, mas as peças estavam demasiado folgadas para que ousasse virá-las. Perguntou-se mais uma vez o que ela teria feito com o cubo; parecia quase que se teria partido e que ela o voltara a montar. O cubo evocou memórias para as quais Vincent não estava preparado. A sala de estar de Mina, onde ele vira o cubo em cima da secretária. Mina inconsolável no sofá. Sentiu um aperto no peito e apercebeu-se de que os pensamentos estavam a desviar-se muito depressa precisamente para o local que ele tentava evitar. Abriu a gaveta da secretária para guardar o cubo longe da vista. O seu olhar recaiu sobre um envelope com um autocolante do Pai Natal que estava no interior da gaveta. Ao fim de alguns segundos de hesitação, pegou

nele.

Era um postal de Natal que recebera pouco mais de dois meses depois de terminar a sua colaboração com a Polícia. Um dos muitos mistérios e quebra-cabeças caseiros que o público lhe enviara depois de o seu envolvimento no caso se tornar conhecido. A verdade era que ele realmente se divertira a resolver muitos deles, assim que se apercebeu de que não eram novas ameaças de morte. Alguns deles eram bastante rudimentares, outros consideravelmente mais complicados. Como o postal que tinha agora na mão. Dentro do envelope, além de um postal de Natal vulgar que podia ser comprado em qualquer supermercado e que não estava assinado, havia pedaços de papel coloridos recortados no formato de peças de *Tetris*.

Vincent despejou os pedaços de papel em cima da secretária e foi invadido pela mesma sensação que tivera da primeira vez que os viu. Nessa altura, apercebera-se de imediato de que aquele quebra-cabeças era diferente, não conseguia explicá-lo de forma racional, mas a visão das peças recortadas enchera-o de uma vaga e indefinida ansiedade, e essa sensação era tão forte agora como então.

Havia texto escrito no papel, algumas letras em cada peça recortada, e era evidente que tinham de ser encaixadas de forma correta para se poder ler a mensagem. Porém, o remetente conseguira fazê-lo cair numa armadilha cognitiva da primeira vez que tentara resolver o enigma. Vincent sorriu para si próprio; não era frequente alguém conseguir enganá-lo, e apreciara o esforço. Uma vez que o formato das peças fazia lembrar o jogo *Tetris*, Vincent tentara encaixá-las canto com canto, sem deixar qualquer espaço entre elas. Como era suposto fazer-se no jogo. Porém, por mais que tentasse girar as peças de maneiras diferentes, a mensagem permanecera ilegível.

Finalmente, apercebera-se de que a associação com o jogo era uma pista falsa. E o postal, na verdade, não dizia que eram peças de *Tetris*. As formas e as cores familiares é que tinham levado o seu cérebro automaticamente para esse caminho, o que Vincent compreendeu que fora deliberado, um indício de que o remetente estava bem informado

sobre Vincent e o seu passado ligado a truques de magia. A técnica de desviar a atenção do público fazendo com que se concentrasse na coisa errada era uma pedra basilar de todos os truques de magia. *Misdirection*, era como se chamava na linguagem mágica.

Ao mesmo tempo, isso significava que o quebra-cabeças vinha de alguém que pesquisara sobre ele. O que não era um pensamento muito agradável. Depois de compreender o seu erro, conseguira montar a mensagem em poucos segundos, concentrando-se apenas no texto. E só havia uma solução.

Agarrou nos pedaços em cima da mesa e começou a juntá-los como já fizera muitas outras vezes. O texto que apareceu continuava a ser incompreensível. Uma vez colocado em ordem, podia ler-se: «Saudações, Tim ganancioso!» A primeira vez que o lera, Vincent sentira-se insultado; não era uma pessoa gananciosa e nem sequer se chamava Tim. Depois apercebera-se de que a saudação era, muito provavelmente, um código. A questão era saber de que tipo.

Vincent tentara procurar diferenças na mensagem manuscrita, mas estava tudo cuidadosamente escrito e as letras eram todas iguais. O que excluía a chave baconiana, que normalmente exigia dois tipos diferentes de letras. Também tentara aplicar a cifra ROT13 e outras cifras de troca mais comuns, em que cada letra do alfabeto corresponde a outra, mas esses métodos raramente criavam palavras tão completas como as da mensagem que recebera. A mesma coisa se aplicava a todas as demais variantes em que se trocava umas letras por outras.

Vincent foi até à sala de estar e pôs a tocar o álbum *Pollen*, de AES Dana. Como fazia sempre antes de colocar o disco de vinil no leitor, cheirou a capa.

A família inteira costumava revirar os olhos perante a sua insistência em utilizar objetos audiovisuais físicos. Mas os livros de capa dura e os discos de vinil tinham um cheiro característico. Um cheiro que prometia aventuras e descobertas inesperadas. Os serviços de *streaming* eram práticos, mas não tinham cheiro rigorosamente

nenhum. Tal como no caso da máquina de café em cápsulas. Vincent compreendia o seu valor prático; porém, continuava a sentir que algo na própria experiência se perdia.

Quando se ouviram as primeiras notas nas colunas, Vincent aumentou o volume para conseguir ouvir a música do escritório. Podia dizer-se o que se quisesse sobre os franceses, mas de música eletrônica sabiam eles. Rebecka talvez não estivesse assim tão mal servida com aquele Denis, afinal.

Regressou e olhou para a enigmática mensagem em cima da secretária. Tinha de haver uma camada mais profunda que ainda não encontrara. A única solução que restava era aquilo ser um anagrama, em que as letras maiúsculas e a pontuação deveriam ser ignoradas e as letras reposicionadas de forma a chegar à mensagem correta. No entanto, havia milhões de maneiras diferentes de combinar dezoito letras, e sem uma pista nem sequer fazia sentido tentar.

Vincent suspirou e voltou a guardar as peças dentro do envelope. Claro que havia a possibilidade de o quebra-cabeças ser uma coisa sem sentido nenhum, e que ele tivesse sobrestimado em muito o seu criador. Afinal de contas, já recebera coisas sem sentido no passado. No entanto, havia duas coisas que contrariavam essa ideia. A primeira era que aquela ansiedade inicial instintiva que sentira recusava-se a desaparecer. A segunda era que, no ano seguinte, há apenas seis meses, recebera um novo postal de Natal. Com novas peças.

Mina tivera pesadelos a noite toda, mas não conseguia lembrar-se sobre o que tinham sido. Quando acordara, estava tão transpirada que a rotina de higiene matinal demorara o dobro do tempo, o que fizera com que se atrasasse para o trabalho. Julia ia dar início à reunião de equipa muito em breve; o trabalho de domingo dependeria do que os outros tivessem descoberto no dia anterior. Mina tinha esperança de que algum dos colegas tivesse conseguido pistas melhores do que aquilo que ela própria conseguira.

Quando saiu do prédio, deteve-se repentinamente. Um carro enorme, preto e brilhante estava estacionado mesmo à sua porta, e Mina percebeu de imediato quem era. O seu coração começou a bater à velocidade das asas de um colibri. A que propósito é que estaria a contactá-la? Precisamente agora? Era quase como se o tivesse evocado ao pensar no apartamento de Vasastan, alguns dias antes. Correu até ao carro e abriu bruscamente uma das portas de trás.

— O que é que aconteceu?

— Senta-te — respondeu ele, secamente.

Com aquela única ordem, conseguiu fazer com que as memórias a inundassem. Nunca tinha sido generoso com as palavras, e o pouco que dizia soava sempre autoritário, num tom imperativo. Algo que, dada a sua posição, era extremamente apropriado. Nem sequer ao início, quando moravam juntos e ele começara a subir na carreira, tinha soado diferente. Era como se o seu ponto de partida sempre tivesse sido impor-se aos outros.

Mina entrou no carro e sentou-se, não sem antes inspecionar o assento. Impecavelmente limpo. Obviamente. De certeza que tinha pessoas cuja única função era manter o carro nas melhores condições.

— Aconteceu alguma coisa? — voltou a perguntar, lançando um olhar ao motorista.

Era estranho ter um homem completamente desconhecido com eles no carro enquanto conversavam, mas os óculos de sol espelhados do motorista não revelaram nada quando ela olhou para ele através do

espelho retrovisor. O homem olhava fixamente em frente. Claro que fazia parte das suas tarefas manter-se cego e surdo nos momentos certos.

Mina voltou a olhar para o homem ao seu lado no assento traseiro. A ansiedade continuava a fazer o seu coração palpitar. Porque é que ela estava ali sentada, naquele carro não muito discreto?

Ele não queria tê-la na sua vida. Na sua e na de Nathalie. Mina percebia isso. E aceitava-o. Fora essa a exigência que ele lhe fizera. Se ela os deixasse, todos os elos seriam cortados, fora esse o acordo. E assim acontecera durante muitos anos. Ele não se aproximava dela, e ela não se aproximava dele. Fácil. Descomplicado. Até ela ter sido apanhada, há dois verões. Não ouvira mais nada depois disso e fora rigorosa a manter a distância. Deixara-se de vigilâncias na plataforma do metropolitano. Nada de convites para cafés no jardim de Kungsträdgården. Mas agora. Agora ele estava subitamente ali.

À porta do seu apartamento, ainda por cima.

Mina concentrou-se num ponto do encosto à sua frente, numa pequena, ínfima, irregularidade na superfície perfeita de couro.

Respirar.

Respirar.

Depois virou-se para ele outra vez. Ele olhou-a nos olhos. Fixamente. Mas Mina detetou um instante de preocupação nos seus olhos azuis límpidos. Tão parecidos com outro par de olhos. Sentiu um aperto no peito.

— Ela entrou em contacto — disse ele. — Era suposto seres tu a mantê-la à distância.

Mina não precisava de perguntar a quem ele se referia.

— Não falo com a minha mãe há muito tempo — respondeu.

— A Nathalie está com ela. Desde sexta-feira. Claro que pessoas que trabalham para mim assistiram a esse contacto, mas eu disse-lhes para não intervirem.

Mina pensou no encontro, dois verões antes, quando não conseguira resistir a tomar um café proibido com Nathalie e os guardas tinham levado a sua filha quase antes de ela sequer ter tempo de se sentar.

— Nunca tiveste problemas em intervir imediatamente antes — disse Mina.

— Eu sei — respondeu ele. — Mas isso também fez com que a minha relação com a Nathalie se tenha tornado um pouco... tensa. E não a queria agravar desnecessariamente. Não é que eu não saiba onde é que aquela quinta fica, além de que ela agora também é mais velha do que... na altura. Seja como for. A Nathalie enviou-me uma mensagem primeiro a dizer que tinha conhecido a avó. Depois recebi outra mensagem à noite a dizer que ela ia ficar lá a dormir. Isto na sexta-feira. Desde aí que não responde nem às chamadas nem às mensagens. E hoje é domingo. Ela que seja uma adolescente rebelde, mas há limites.

Mina mordeu a língua. Tinha o hábito de seguir Nathalie através do telemóvel; o pequeno transmissor de GPS que escondera na mochila da filha devia ter ido parar a algum compartimento pouco utilizado, pois os seus movimentos mostravam que Nathalie ainda não o descobrira. Porém, o caso de Ossian tomara todo o tempo de Mina nos últimos dias, e não verificava o paradeiro de Nathalie desde a manhã de quarta-feira. E, nessa altura, ela estivera em casa do pai. Mina sentiu vergonha; se tivesse dado mais atenção à filha, já saberia aquilo que agora estava a ouvir pela primeira vez.

— Então, porque é que não vais simplesmente buscá-la? — perguntou. — Sabes com quem é que ela está.

Mina viu um lampejo de insegurança no seu rosto. E já o vira antes. Aparecia sempre em momentos muito curtos, tão curtos que, quando Mina olhava para trás, nunca tinha a certeza se realmente os vira. Porém, agora a insegurança perdurava.

— Não sei — respondeu ele. — Temos um contrato que estipula zero contacto. Mas também é a avó dela. E já passaram tantos anos...

Não sei o que hei de fazer.

As palavras permaneceram suspensas no silêncio entre eles. Mina voltou a olhar para o espelho retrovisor à sua frente; o motorista continuava com o olhar fixo em frente, sem mexer um único músculo facial por trás dos óculos de sol.

Mina compreendia o dilema; o pai de Nathalie tinha receio da imagem que passaria na comunicação social se se soubesse que mantinha a filha separada dos seus familiares mais próximos.

— Assumo que queiras que eu faça alguma coisa?

Ele abanou a cabeça. Parecia procurar as palavras certas. Essa era uma das suas principais características, pensou Mina, nunca falava de forma precipitada ou irrefletida. Era uma das coisas que o tinham alcandorado à posição que ocupava hoje.

As pessoas que passavam pelo carro olhavam para ele, curiosas. Era algo que se destacava, ali estacionado à frente de um prédio de habitação vulgar, e os vidros escurecidos provavelmente só aumentavam a curiosidade sobre quem se esconderia lá dentro.

— Quero que fales com a tua mãe — acabou por dizer. — Sem que a Nathalie saiba. A tua mãe não me dará ouvidos, mas talvez te ouça a ti. Temos de lidar com isto discretamente.

Mina obrigou-se a respirar fundo para se acalmar. Por dentro, reinava um turbilhão de emoções. Memórias, momentos, ocasiões que se esforçara tanto por reprimir. Tudo aquilo que aprendera a não ter na sua vida.

— Estou a meio de uma investigação urgente — disse.

— A criança desaparecida — disse ele, assentindo com a cabeça. — Vi a conferência de imprensa. As minhas fontes dizem que encontraram o menino morto ontem de manhã.

— Então percebes que me encontro um pouco ocupada com outras coisas. E não estou preocupada com a segurança da Nathalie.

O olhar dele fixou-se de novo em Mina.

— Pois não, mas talvez devesse estar preocupada com o que ela poderá ouvir — respondeu ele.

A ansiedade dominou-a. Claro que ele tinha razão. Tinham chegado a um acordo, ele e ela. Mas, na prática, esse acordo não era mais sólido do que um castelo de cartas. Por cada segundo que Nathalie passasse com a avó, esse castelo de cartas corria o risco de desmoronar. E, se isso acontecesse, não só enterraria Mina, como também a sua filha.

— Posso tentar — disse em voz baixa.

Ele estendeu o braço para o banco da frente e o motorista passou-lhe um bloco e uma caneta. Com a mesma caligrafia familiar, anotou rapidamente algumas linhas no bloco, rasgou o papel e deu-lho. A expressão de insegurança desaparecera por completo; agora estava calmo, contido, controlado.

Mina abriu a boca para dizer algo. Havia tanto para dizer. Tanto que queria perguntar. Porém, fechou a boca novamente e puxou o manípulo da porta. Fora ela própria que renunciara ao direito de fazer perguntas.

Quando o carro preto desapareceu na esquina, Mina ficou parada a olhar nessa direção. Depois olhou para o papel que tinha na mão. Agarrou no telemóvel e marcou o número que lá estava rabiscado. Se não o fizesse imediatamente, nunca o conseguiria fazer. A chamada foi atendida por um gravador. Depois de inspirar profundamente, Mina deixou uma mensagem. Depois voltou para a porta do prédio, inseriu o código de acesso mecanicamente e subiu as escadas até ao seu apartamento. Só quando fechou bem a porta atrás de si é que se permitiu soltar um grito bem lá do fundo da garganta.

O sol da manhã brilhava nos telhados das moradias de Vallentuna. Quando Ruben lá vivera, as casas eram castanhas, mas, entretanto, tinham todas sido pintadas de cores diferentes. Ruben planeava lá ir há vários dias, mas as buscas por Ossian tinham sido prioritárias. No dia anterior falara com todos os hóspedes do navio-albergue *af Chapman*, assim como com os funcionários do Museu Nacional e da Academia Real de Belas-Artes, que ficavam nas proximidades. Ninguém tinha visto nada. Obviamente. Adam oferecera-se para palmilhar o resto da ilha no domingo. Se o assassino lá tivesse chegado de barco, havia a possibilidade de algum dos outros barcos da ilha terem reparado. Ruben dissera que precisava de fazer uma coisa primeiro, mas que iria ter com ele a seguir. Então, de repente, achou que preferia ter ido diretamente para Skeppsholmen. Mas não podia ser, tinha de fazer aquilo.

O caso de Ossian também o deixara desorientado, e precisava de sentir que pertencia a alguma coisa. Ou, pelo menos, que pertencera. O companheirismo que partilhava com Gunnar e os outros veteranos não era a mesma coisa; essa relação tinha tanto de competição como de camaradagem. Competição sobre quem tinha a melhor história para contar, quem tinha visto as maiores mamãs no fim de semana, dado a maior coça a um rufia da cidade, pancadinhas nas costas, e mais pancadinhas nas costas. Confiaria cegamente neles se a situação o exigisse, mas, naquele momento, precisava de outra coisa.

Não tinha tido qualquer dificuldade em encontrar Ellinor. No fim de contas, ela continuava a viver na mesma casa que tinham partilhado. Ruben ficou sentado no carro, no parque de estacionamento, a olhar para as casas abaixo. A amarela era a de Ellinor. Saiu do carro e percorreu o caminho de gravilha até à rua, passando por um grupo de crianças a brincar no pequeno parque infantil rodeado pelas casas.

Crianças.

Essa possibilidade nem lhe ocorrera. E se Ellinor fosse casada e tivesse filhos? Ainda por cima era domingo, provavelmente estaria a família toda em casa. Se fosse o seu marido a abrir a porta, Ruben

diria apenas que se enganara na casa.

Quando se aproximou da casa amarela, viu realmente uma bicicleta de criança caída no jardim da frente. Como se a tivesse evocado com os seus pensamentos. E não era uma daquelas bicicletas com rodinhas, era uma maior. Ellinor constituíra família há já algum tempo. Aquela visita estava cada vez mais a parecer-lhe uma má ideia, mas o melhor agora era despachar o assunto. Senão, passaria o resto da vida a questionar-se.

Subiu as pequenas escadas e tocou à campainha. Quando ouviu alguém aproximar-se da porta do lado de dentro, recuou alguns passos para não parecer invasivo.

Ellinor abriu a porta.

— Sim?

A primeira coisa que lhe ocorreu foi quão mais bela Ellinor estava agora do que quando o deixara. Não havia dúvida de que era uma beldade já nessa altura também, mas agora tinha mais dez anos. Mais dez anos de sensatez, mais dez anos de experiência, mais dez anos de vivência. De ser mãe. De ter vivido uma vida própria. Tudo isso era claramente visível nela. E Ruben ficou sem fôlego.

Ellinor demorou alguns segundos a processar quem ele era. Depois, franziu as sobrancelhas.

— Ruben Höök — disse. — O que estás aqui a fazer?

O tom de voz não era o de alguém quer queria dizer: «Que bom verte ao fim destes anos todos!» Antes pelo contrário, era mais: «Sai daqui antes que eu chame o meu marido!»

— Olá — disse Ruben com a maior suavidade que conseguiu. — Desculpa aparecer assim, mas pensei que... Podemos falar?

Ruben viu que alguém se moveu atrás dela e tentou ver quem era, mas Ellinor deslocou-se de maneira a bloquear a abertura da porta.

— Astrid, não é nada — asseverou para dentro de casa. — Já volto.

Ruben viu no rosto de Ellinor precisamente quanto mal lhe fizera

em tempos e quão pouca vontade ela tinha de o recordar.

— Astrid? — perguntou.

— Não devias estar aqui — disse Ellinor. — Vai-te embora antes que eu chame a Polícia.

Ruben atreveu-se a fazer um sorriso.

— Mas, Ellie, eu *sou* a Polícia.

— Sabes perfeitamente o que quero dizer. E não me chames isso. Não voltes a aparecer aqui, por favor.

Uma pequena figura surgiu de repente ao lado das pernas de Ellinor.

— Olá! Eu sou a Astrid. Como é que te chamas?

— Ele vai-se embora agora, Astrid — disse Ellinor com severidade. — Adeus.

Ellinor empurrou a menina para trás e fechou a porta com estrondo na cara de Ruben. Depois trancou a porta por dentro. Ruben recuou mais alguns passos e ficou parado no relvado, sem saber o que fazer. Mas não podia ficar ali, os vizinhos iriam começar a questionar-se. Não que ele se importasse com isso, mas Ellinor talvez sim.

Começou a caminhar de volta para o carro. Merda para aquilo! A psicóloga Amanda tinha razão, aquela fora uma das suas piores ideias de todos os tempos. A Ellinor por quem ele estivera apaixonado e com quem vivera, a Ellinor que ele traía, essa Ellinor já não existia. A única coisa que restava eram algumas memórias desagradáveis dele. Ellinor seguira em frente. Tinha uma família. Não era culpa sua que ele não tivesse feito o mesmo.

Ruben entrou no carro e ficou alguns momentos lá sentado, antes de ligar o motor. Era estranho ver Ellinor com uma criança. A filha tinha os olhos da mãe, mas a boca de outra pessoa. Ellinor sempre tivera uns lábios macios e carnudos, que tinham um sabor salgado no verão, quando transpirava. Forçou-se a parar de pensar nos lábios de Ellinor; não podia dar-se ao luxo de se afogar nessas memórias outra vez.

O nome da rapariga era Astrid. Como a avó paterna de Ruben.

Ellinor adorava a avó dele, e a avó nutria os mesmos sentimentos por Ellinor; perguntava-lhe muitas vezes por aquela linda noiva que ele tivera. Ruben nunca fora capaz de lhe dar uma resposta. Mas iria encontrar-se com ela já amanhã, para o café habitual das segundas-feiras, uma rotina que tinha com a avó desde que ela se mudara para o lar, que felizmente ficava apenas a cinco minutos do seu trabalho. Amanhã contar-lhe-ia que Ellinor parecia estar bem e que tinha uma filha com o mesmo nome que ela. A avó iria certamente ficar feliz por saber isso.

Ruben suspirou profundamente e ligou o motor. Estava feito. Assunto arrumado. Amanda ficaria orgulhosa dele.

— Havia várias coisas estranhas no relatório da autópsia da Lilly — disse Mina ao telefone. A garganta ainda estava inflamada dos gritos. — Mas nada que nos pudesse ajudar em relação ao caso do Ossian. Acho que vamos ter de esperar pela autópsia dele.

Ouviu Julia suspirar profundamente do outro lado da linha.

— Os interrogatórios do Adam e do Ruben ainda não nos deram pistas nenhuma — disse a sua chefe. — E o Peder não encontrou câmaras de videovigilância ao longo do passadiço.

— Então é a ponte para Skeppsholmen? Ou no *af Chapman*; eles devem ter câmaras, não?

— Há câmaras no Museu Nacional, mesmo antes da ponte, mas não apanham nada àquela distância. E se o perpetrador veio de barco, nem sequer precisou de cruzar a ponte. Realmente, podia-se pensar que o *af Chapman* tivesse uma câmara junto à prancha de embarque, mas só conta com vigilância dentro do próprio barco. Por isso, não temos nada. Tinha esperança de que tivesses encontrado alguma coisa.

— Até agora não. Como disse, o relatório tinha coisas interessantes, mas nada que nos sirva no caso do Ossian. Mas acho que o Adam tem razão, temos de rever toda a documentação do caso da Lilly.

Julia suspirou novamente.

— Pronto, vou ter de telefonar ao Peder a dizer-lhe para voltar e tornar-me ainda mais impopular do que já sou junto da mulher dele — queixou-se Julia. — Com um pouco de sorte, ainda conseguimos encontrar a mãe da Lilly hoje. Sei que o pai está em viagem. Mas tu provavelmente já não consegues fazer mais nada hoje. Liga-me se te lembrares de alguma coisa, senão vemo-nos amanhã.

— Claro que sim.

Mina desligou a chamada. O encontro inesperado com o pai de Nathalie abalara-a de tal forma que não conseguira ir à reunião de equipa. Sentira-se como se estivesse prestes a estilhaçar-se e, se isso acontecesse, não queria que fosse na sede da Polícia. Dissera a Julia que estava com dores de garganta e que não queria arriscar

contaminar ninguém, no caso de ser algum vírus. Tendo em conta que acabara de gritar até ficar rouca, não soava inteiramente a mentira.

Começou a percorrer o apartamento de um lado para o outro, inquieta. Julia dera-lhe algumas tarefas que podia fazer a partir de casa, mas já as terminara e não haviam aliviado a sensação de estar demasiado longe do centro dos acontecimentos. De repente, as paredes familiares já não lhe transmitiam segurança. Precisava de se distrair. Tanto Nathalie como Ossian andavam às voltas de maneira ininterrupta na sua cabeça e impediam-na de chegar a pensamentos construtivos.

Não tinham encontrado Ossian a tempo. Era preciso aceitar isso. E Mina não tinha nada por onde pegar. Porém, por mais que se atormentasse, isso não a levaria a mais pistas do que tinham agora. Estava consciente disso. Ao mesmo tempo, sentia-se agradecida por Julia não lhe ter pedido para ir à esquadra; ainda estava demasiado abalada com o encontro com o pai de Nathalie.

Como se não bastasse que aquilo que acontecera com Ossian estivesse a passar em *repeat* na sua cabeça, agora também tinha de lidar com o facto de a sua própria filha estar com a avó. A mãe de Mina. Ines continuava sem atender o telefone, apesar de o número que o pai de Nathalie escrevera no papel estar, sem dúvida nenhuma, certo. Claro que seria fácil ver no localizador GPS onde é que elas estavam e ir lá na sua função de polícia. Mas isso dificilmente melhoraria alguma coisa. Não tinha escolha senão esperar. E preocupar-se com o que Ines podia estar a contar a Nathalie. Essa ideia deixara-a decididamente paralisada de medo. Havia segredos que não deviam ser desvendados, segredos que não *podiam* ser desvendados. Tanta coisa fora construída sobre eles que, sem essa base, tudo se desmoronaria. E afetá-los-ia a todos. Ninguém sairia ileso do caos que se seguiria. Não obstante, não havia nada que pudesse fazer sobre esse assunto naquele momento. Nathalie estava com Ines, e Mina só podia esperar.

Mina não era boa a esperar. E como já tinha completado as tarefas

que Julia lhe dera, agora estava apenas sentada ansiosamente à espera de novas instruções e tarefas. O que queria dizer que precisava de uma distração. Pegou no telemóvel e percorreu as aplicações. Já tinha respondido a todos os *e-mails* e às poucas mensagens escritas que recebera naquele dia. Talvez houvesse outra coisa, algum artigo importante ou... Parou de mexer no aparelho quando viu uma chama branca contra um fundo avermelhado. O Tinder. Maldito Ruben. Porque é que a convencera a fazer aquilo? Bem, para dizer a verdade, Ruben não tinha feito nada. Fora ela que transferira a aplicação apenas para o calar. Porém, Ruben não estava sentado ao seu lado agora, não estava ali para forçá-la a abri-la. Ao mesmo tempo, talvez até fosse a distração estupidificante perfeita. E quem é que lhe dizia que *não* devia usar o Tinder? Aparentemente, era assim que as pessoas modernas faziam. As pessoas normais. E Mina não era nenhuma freira. Além de que os homens na aplicação não saberiam que ela estava a olhar para eles. Isso tornava tudo um pouco mais fácil. Não muito, mas o suficiente.

Pelo menos, era o que esperava.

Para se preparar para o que iria ver, abriu primeiro o computador e leu alguns artigos *online*. Aparentemente, os homens eram aconselhados a utilizar fotografias com os seus animais de estimação, com os amigos — ou, melhor ainda, com a família —, assim como fotografias de atividades físicas. Porque evidentemente era com isso que as mulheres se entusiasmavam, de acordo com a autora do artigo. E, claro, Mina conseguia compreender os aspetos psicológicos de mostrar que se era uma pessoa carinhosa, empática, com uma vida social, ativa, assim como com interesses próprios.

O problema era que centenas de milhares de pessoas tinham lido o mesmo artigo que ela, o que muito provavelmente removia qualquer tipo de autenticidade das imagens que deviam mostrar precisamente isso.

Mina inspirou profundamente, borrifou o ecrã do telemóvel com álcool, abriu a aplicação e criou uma conta de utilizador.

O primeiro homem que apareceu no ecrã estava orgulhosamente, *demasiado* orgulhoso na opinião de Mina, a segurar um enorme peixe que ele próprio supostamente pescara. Mina não esperara aquilo e não sabia bem como filtrar aquela informação; seria suposto o peixe ser um animal de estimação, uma atividade ou uma prova de força? Ou um membro da família? Assumiu que devia simbolizar masculinidade, a capacidade de caçar e matar o seu próprio alimento. O homem na fotografia estava a usar óculos de sol, portanto, a única coisa em que Mina poderia basear uma análise da sua personalidade era o próprio peixe.

E o facto de o estar a segurar com as mãos nuas.

Mina estremeceu. Que mulher no seu perfeito juízo deixaria que aquelas mãos, que seguravam orgulhosamente um enorme e pegajoso animal, depois lhe tocassem no corpo? Mina ficou fortemente nauseada só de pensar nisso e precisou de borrifar e limpar o ecrã novamente. Depois cheirou os dedos; era quase como se conseguisse sentir o cheiro a peixe.

Não teve vontade de ver mais nada e deslizou o dedo rapidamente para a esquerda.

Um olhar rápido para o perfil seguinte e repetiu o movimento do dedo.

Depois de repetir o movimento umas dezenas de vezes, tornou-se evidente que todos os homens de todo o mundo tinham lido os mesmos artigos que ela. Mina perdera a conta ao número de fotografias de homem-com-avô-idoso, homem-com-animal-de-estimação-estranho, homem-no-ginásio, e até homem-com-almofada, que tinha visto. Para não falar da quantidade completamente desproporcional de homens no Tinder que consideravam que a coisa mais atraente que podiam mostrar de si próprios era precisamente segurar um enorme peixe. Palavra de honra, o que é que se passava com os homens e os peixes? Mais uma grande captura e corria o risco de ter de lavar os olhos com soda cáustica.

Ruben poderia rir-se dela à vontade, mas não aguentava mais.

Subitamente, parou de deslizar o dedo. Um par de olhos castanhos olhavam para ela a partir do ecrã. Um homem de cabelo escuro e ondulado, puxado para trás e apanhado numa espécie de *manbun*, mas meio solto. Barba densa mas bem cuidada no rosto e no queixo. Era um homem bem parecido, mas não excessivamente. Até parecia um pouco cansado. Um pouco... verdadeiro. A fotografia não era uma coisa de estúdio, era uma *selfie* tirada sem muita preocupação. Não que fosse desleixada, continuava a ser uma boa fotografia, mas era despretensiosa. Na fotografia seguinte estava sentado a uma secretária, com a cabeça apoiada nas mãos. Não estava a olhar para a câmara, mas para alguém fora da imagem. Camisa branca, mangas arregaçadas. A fotografia podia ter sido tirada no trabalho. Mais do que isso, não havia nem fotografias em ginásios nem peixes. Mina suspirou de alívio e leu a descrição.

«O meu nome é Amir e sou jurista», escrevera. «Não tenho muitos *hobbies* ou interesses por causa do meu trabalho, mas a minha ideia é mudar isso. Talvez possamos fazê-lo juntos?»

Um jurista. Sem interesses. Mas tinha um ar simpático. E, ao contrário dos outros, não parecia ser tão... cagão, foi a única palavra que Mina encontrou.

Ja ensinar uma lição a Ruben, pensou Mina ao decidir contactar Amir. Não porque se fossem encontrar, obviamente, havia limites. Além de que tinha de pensar em Ossian. Mas seria uma chapada tão forte na cara de Ruben que até ficaria dorido. E nunca mais poderia voltar a dizer nada sobre fobias sociais e solteironas.

Mina pousou o dedo no ecrã e hesitou um segundo. Depois deslizou-o rapidamente para a direita, antes que se arrependesse.

— Prometi à Anette ficar com as trigémeas esta tarde — disse Peder. — Ela já combinou sair com umas amigas.

Peder e Julia abriram caminho às cotoveladas através das hordas de turistas que pareciam não ter aprendido a melhor forma de avançar por um passeio repleto de gente.

— Então diz à tua mulher que vai ter de esperar até encontrarmos o assassino do Ossian — respondeu Julia bruscamente. Arrependeu-se de imediato; tinha sido desnecessariamente dura. Era evidente que ainda estava irritada com Torkel. — Olha... ah... desculpa — pediu. — Foi um comentário estúpido.

Peder limitou-se a assentir com a cabeça.

— Felizmente, a mãe da Lilly mora perto da esquadra — acrescentou Julia. — Não devemos demorar muito tempo; podes ir logo para casa a seguir. A Anette vai ter tempo de ir ter com as amigas. Sou a última pessoa a querer privar uma mãe de passar tempo livre, acredita em mim.

Julia pegou no telemóvel e abriu a aplicação das mensagens. Duas novas mensagens de Torkel. Julia fechou-as sem as ler.

— A mãe da Lilly mora na rua... Garvargatan, número 7 — leu de seguida. — É do outro lado da praça Kungsholmstorg. Estamos perto. Vamos arriscar e ver se ela está em casa.

Peder deteve-se subitamente à frente de um homem de calções beges, sandálias e uma *T-shirt* que proclamava orgulhosamente «I love Hjo». O homem estava parado no meio do passeio, a olhar em volta com ar confuso, e tiveram de o contornar.

— Merda de turistas — resmungou Peder sob a barba. — Não conhecem o conceito de «manter-se à direita» em Hjo, ou quê?

— Então, Peder — disse Julia com um sorriso irónico. — Não costumas gabar-te de que as trigémeas te ensinaram a ter uma paciência de anjo? Ou está reservada para as crianças?

— É verdade — respondeu Peder. — Acho que só estou com inveja destas pessoas, que parecem não ter uma única preocupação na vida.

Uma terceira mensagem de casa apareceu no ecrã do telemóvel antes de Julia ter tempo de o enfiar no bolso.

— Se me atrasar, posso sempre subornar a Anette com um *Aperol Spritz* enquanto ela muda de roupa — comentou Peder. — E também saio a ganhar, ela fica *supersexy* quando bebe em roupa interior.

— Demasiada informação, Peder — respondeu Julia, continuando a andar.

Uma parte dela sentiu quase vontade de lhe bater. Era tão injusto; não conseguia imaginar que Torkel lhe servisse sequer um copo de sumo de pacote se ela estivesse prestes a deixá-lo sozinho com Harry à noite. O que provavelmente só aconteceria porque teria de trabalhar. *Cocktails* era uma realidade que já não existia na sua vida, nem aos domingos, nem noutro dia qualquer. Tinham desaparecido, tal como qualquer vestígio de se sentir minimamente sensual à frente de Torkel.

— Vamos mas é concentrar-nos nos pais da Lilly agora — acrescentou. — Daquilo que percebi, a mãe continua de baixa; obviamente que o desaparecimento da Lilly a afetou de forma terrível. Mas do que tive tempo de ler sobre a disputa da custódia, ela talvez também não fosse a pessoa mais fácil de se lidar antes. Portanto, vamos proceder com cautela.

A rua Garvargatan contava com sombra, e Peder e Julia abrandaram o passo para poderem aproveitar a temperatura mais fresca por alguns momentos, antes de chegarem ao prédio número sete. Tocaram à campainha e apanharam o elevador até ao apartamento de Jenny e Anders Holmgren. Um homem na casa dos trinta e cinco anos abriu-lhes a porta, enquanto empurrava um *chihuahua* irado a rosnar à volta das suas pernas com o pé.

— Olá, chamo-me Julia Hammarsten. Fui eu que vos liguei — disse Julia, estendendo-lhe a mão.

A mão de Anders estava macia de suor quando apertou a dela.

— Entrem, entrem. E não liguem à *Mollberg*, ela só faz barulho. Está convencida de que é um pastor-alemão. A Jenny está ali, sentada na

sala.

Anders foi à frente deles para o interior do apartamento com *Mollberg* a guinchar nos seus calcanhares. A divisão onde entraram era uma sala de estar com cozinha em plano aberto. Muito aconchegante. Todas as janelas estavam abertas e, se se esticasse o pescoço, era possível vislumbrar a baía de Riddarfjärden.

— Sentem-se, por favor. Querem um chá gelado?

Peder assentiu com a cabeça, agradecido, assim como Julia, e Anders foi para a zona da cozinha. A mãe de Lilly estava sentada no sofá, o olhar fixo no vazio. Estava morbidamente magra e emanava uma energia nervosa. Um dos pés tamborilava rápida e ritmicamente contra o chão.

— Assumo que estejam aqui por causa do rapaz que desapareceu — disse Jenny, acendendo um cigarro.

— Não era suposto fumares cá dentro. Não foi o que tínhamos combinado?

Anders olhou para trás enquanto tirava cubos de gelo do congelador, com uma ruga profunda entre as sobrancelhas. Jenny não respondeu, limitando-se a dar uma passa profunda no cigarro e a soprar lentamente anéis de fumo para o ar.

— Precisamente — respondeu Peder à pergunta de Jenny sobre o rapaz. — Chama-se Ossian Walthersson.

Jenny deu mais algumas passas profundas no cigarro enquanto Anders fazia uns copos tilintarem na zona da cozinha.

— Não nos vemos desde o funeral. Sabiam? Eu e o Mauro, o pai da Lilly. Mas claro que vocês sabem isso. Não nos vemos, não nos falamos. E porque é que havíamos de o fazer? Ele conseguiu aquilo que queria, queria tirar-me a minha filha.

Jenny apagou furiosamente o cigarro num pires que estava em cima da mesa.

— Amor, já falámos sobre isso. Tu sabes que aquilo que o Mauro

realmente queria era guarda partilhada — comentou Anders, mas pareceu arrepende-se imediatamente de ter aberto a boca.

— Guarda partilhada!! — gritou Jenny. — Então eu ia perder metade da vida da minha filha?! Quando foi ele que escolheu deixá-la! Foi ele que escolheu abandonar a família, abandonar a Lilly, por uma loura burra qualquer!

— A Cecilia é morena — disse Anders em voz baixa.

— Eu juro, foi o Mauro que matou a Lilly — continuou Jenny. — Ele e aquela maldita família de psicopatas teriam feito qualquer coisa para eu não conseguir ficar com ela, para ela não poder ficar com a mãe. Em vez disso, queria que aquela bimba de merda brincasse às mamãs! Com a minha filha!

Julia tinha consultado a decisão do tribunal de família. Jenny estivera perto de nem conseguir a guarda partilhada de Lilly; não fora considerada mentalmente estável para cuidar da filha. O comentário surpreendera Julia; nas disputas de custódia, os tribunais estavam quase sempre do lado da mãe, independentemente da situação anterior. Disputas da custódia dos filhos eram talvez a única situação social em que ser homem era uma desvantagem. Porém, aquela mulher agressiva sentada no sofá fez com que Julia percebesse as reservas do tribunal.

— Há grandes semelhanças entre o desaparecimento da vossa filha e o desaparecimento do Ossian na quarta-feira passada — disse Julia, calma e objetiva. — É por isso que queremos falar consigo outra vez. Lamento muito que isto abra feridas antigas.

Julia aceitou com gratidão o copo que Anders lhe entregou. Grandes cubos de gelo flutuavam no líquido dourado, que tinha um aroma doce e fresco. Julia bebeu um trago profundo; era evidente que Anders sabia o que estava a fazer. Peder bebeu o seu copo todo de um trago.

— A Polícia investigou cuidadosamente todas as alegações de que alguém da família estaria por trás do sequestro da Lilly — disse Peder, aclarando a garganta. — E também as vossas acusações na justiça

contra o Mauro. Mas não encontrámos nada que sustentasse...

— Provas — bufou Jenny. — Era a única coisa que sabiam dizer!

Anders voltou a encher o copo de Peder com chá gelado antes de se sentar ao lado da mulher no sofá. O cão também saltou para cima do sofá e pousou a cabeça na perna do dono. Parecia ter aceitado a presença de Julia e Peder, de momento. Pelo menos estava calado.

— Tu também sabes disso — disse Jenny para o marido. — Sempre que vinha da casa do Mauro, estava vermelha entre as pernas! Levei-a ao médico várias vezes para lhes mostrar. Mas os médicos hoje em dia... estão sempre cheios de medo de cometer erros. Diziam que eu é que tinha comprado cuecas demasiado pequenas para ela e que lhe deixavam marcas na pele. Que nojo!

O cabelo escuro e comprido caiu-lhe sobre o rosto. Julia pensou que Jenny devia ter sido uma mulher bonita, antes de a amargura ter transformado o seu rosto numa máscara de raiva.

— Jenny — disse Anders num tom apaziguador —, tu sabes que isso não é verdade. O Mauro seria a última pessoa a fazer mal à Lilly. Ele amava-a tanto como tu. — Jenny olhou pela janela e acendeu outro cigarro. — Hoje não é um bom dia — disse Anders sem desviar o olhar da mulher.

— Não há mais nada de que se lembrem sobre o dia em que ela desapareceu? — perguntou Peder.

Jenny abanou a cabeça com veemência.

— Eu percebi logo que o Mauro a tinha levado. Que estava a escondê-la em algum lado.

— Mas os funcionários do jardim de infância disseram que não foi o pai dela que a foi buscar — interveio Julia com determinação. — Disseram que tinham visto um casal mais velho.

— O Mauro pode ser muita coisa — bufou Jenny em resposta —, mas não é estúpido. É evidente que não ia levá-la pessoalmente, mandou outra pessoa por ele. De certeza alguém da família. Os pais estão mortos, mas outro velho qualquer. São completamente tarados, a

pandilha toda. Psicóticos!

A voz de Jenny subiu em falsete. O cão estremeceu e levantou a cabeça.

— Sabes que isto não é construtivo — disse Anders. — De certeza que tomaste a medicação hoje?

— Construtivo — repetiu Jenny, imitando o marido com uma voz rabugenta. — A minha filha está morta e passou por um inferno antes disso. Eu fiz tudo o que podia para salvá-la dele, daquele maldito... monstro! E mesmo assim... mesmo assim, ela morreu...

Jenny começou a tremer de raiva. Acendeu um novo cigarro na beata do anterior e sugou-o com uma avidez como se quisesse fumá-lo todo de uma só vez.

— Mas agora acontece que temos um novo caso, com outra criança — disse Julia devagar e o mais claramente possível. — Em circunstâncias semelhantes às da Lilly, como disse. E é por isso...

— Ele acha-se tão esperto — interrompeu Jenny, batendo com dois dedos na têmpora, enquanto se balançava para a frente e para trás. — Tenho a certeza de que ainda está com medo de que o apanhem pelo que fez à Lilly. Então, o que é que faz? Pois é, vai desviar as atenções dele próprio, da Lilly, e tentar fazer-vos acreditar que estão a lidar com um daqueles... — Estalou os dedos no ar, à procura da palavra. — Um daqueles... assassinos em série.

— É isso que pensam que aconteceu? — perguntou Anders suavemente, enquanto acariciava o pelo de *Mollberg*.

Peder lançou um olhar questionador a Julia, que abanou a cabeça discretamente, antes de responder.

— Infelizmente, não podemos dizer muita coisa neste momento — disse Peder. — Estamos a investigar todas as possibilidades. Como dissemos, é por isso que estamos aqui.

Jenny revirou os olhos e apontou para Peder com o cigarro na mão. A coluna de cinza estava demasiado comprida, soltou-se do cigarro e queimou o tapete claro. Julia viu que os olhos de Anders seguiram o

percurso da cinza ainda incandescente e que o seu olhar se contraiu quando a viu aterrar. Mas não disse nada, limitou-se a afagar o cão com mais intensidade.

— Vocês caíram nas histórias de merda dele da última vez e vão voltar a cair. Eu sei disso. Ele é um demónio, o Mauro, mas é esperto. Porra, já não aguento falar mais com vocês. — Jenny levantou-se bruscamente e foi para a varanda, onde ficou de costas para eles e deixou as palavras continuarem a fluir. — Falem com o Mauro e vão ver. É só isso que vos digo. Ele e a merda da família dele. Malditos tarados.

Julia e Peder levantaram-se e Anders acompanhou-os à porta sem dizer nada. Quando a porta se fechou atrás deles, ouviram *Mollberg* começar novamente a ladrar.

— Olá!

Nathalie sobressaltou-se. Uma bela mulher de cabelos escuros aproximou-se dela exibindo um grande sorriso e Nathalie percebeu de imediato quem era.

— Posso sentar-me?

Nova sentou-se à sua frente sem esperar por resposta. Nathalie encolheu os ombros; a avó deixara-a sozinha ao almoço, depois de alguém ter aparecido e sussurrado algo ao seu ouvido. O almoço tinha sido uma sopa, servida com o melhor pão acabado de sair do forno que Nathalie alguma vez tinha comido. Com a comida não havia realmente problema nenhum, embora não tivesse recusado um *cheeseburger* com batatas fritas; as porções no Epicura é que eram um pouco pequenas para ela.

As pessoas ali estavam constantemente a solicitar a avó. De certa forma, isso deixava-a orgulhosa; a avó Ines era obviamente uma pessoa importante. Até aparecia na televisão. Porém, às vezes também fazia Nathalie sentir-se um pouco perdida e abandonada. E ainda não tinha obtido respostas a todas as perguntas que fizera. «Paciência», fora tudo o que a avó respondera.

A avó não tinha voltado, e o dia estava quase a chegar ao fim. Não que Nathalie tivesse alguma coisa contra estar sozinha no Epicura, só queria era encontrar algo para comer. Até tinha procurado os bolos que haviam comido quando lá chegaram dois dias antes, que primavam pela sua ausência.

— Como é que te sentes junto de nós? — perguntou Nova, assentindo com a cabeça para uma mulher que se aproximou com uma chávena de chá.

Mas nem sinal das bolachas.

— Sentes-te bem, ou achas que isto é tudo esquisito?

— As duas coisas — respondeu Nathalie, desarmada pela franqueza de Nova.

— Compreendo — disse Nova. — Tentamos quebrar padrões e viver

de uma forma que foi esquecida pela nossa sociedade moderna. E claro que isso pode parecer estranho, mas, na verdade, aquilo que fazemos aqui é que é natural.

— A minha avó disse que vem tudo do teu avô.

— Sim, é verdade. O meu avô era um homem muito culto e inteligente, que não se coíbia de fazer perguntas difíceis. Procurava um sentido para a vida; talvez se possa dizer assim, sem que pareça demasiado esotérico.

— Sinceramente, tudo neste lugar é um bocado esotérico.

Nova soltou uma gargalhada. Era um riso caloroso.

— Sabes uma coisa? — disse. — Tens toda a razão. Isto é mesmo superesotérico. Mas muita gente encontrou um sentido aqui. Para a vida. Para si próprio. Para a sociedade.

— Os teus pais também eram como o teu avô?

— O meu pai sim, era alguém sempre à procura, como o pai dele. Às vezes, os caminhos de ambos cruzavam-se, outras vezes não. Mas tinha muito jeito para a escrita, o meu pai. Na verdade, foi ele que escreveu várias das citações que se veem nas paredes, aqui no recinto. Estudou o epicurismo durante muito tempo, lado a lado com o meu avô. Depois precisou de procurar as suas próprias respostas. Isso foi alguns anos antes de...

Nova ficou em silêncio e uma sombra cobriu-lhe o rosto.

— Antes de quê?

Nova piscou os olhos.

— Antes de morrer — respondeu. — Claro que és muito nova para conhecer essa história. E acho que é melhor guardá-la para outro dia.

— A minha mãe também morreu quando eu era pequena — disse Nathalie, melancólica.

— Quantos anos tinhas? — perguntou Nova.

Nathalie hesitou.

— O mais estranho é que não sei ao certo. O meu pai, quando lhe

pergunta, só diz que eu era pequena. Mas não podia ser assim tão pequena, porque me lembro dela. Ou de alguém. Lembro-me de um cheiro, de uma sensação, vejo uma silhueta na porta, ouço um riso, lembro-me... Ou então não são memórias e são só sonhos sobre ela... — Nathalie aclarou a garganta antes de continuar. — Por isso, reconheço essa vontade de procurar respostas. Era bom poder ter respostas. Mas ninguém mas quer dar, nem o meu pai, nem a minha avó agora. Quero dizer, isto aqui é muito giro, mas não tarda o meu pai vai passar-se e vem buscar-me no seu enorme carro preto, quer eu queira quer não. E gostava de pelo menos ver os animais antes de isso acontecer.

Nathalie apercebeu-se do tom de desafio na sua voz e arrependeu-se de imediato. A última coisa que queria era soar como uma miúda mimada. Todas as pessoas ali tinham sido amáveis, fora ela que escolhera ficar.

Nova levantou-se da mesa. Felizmente, não parecia ter levado o comentário a mal.

— Vou falar com a tua avó — disse-lhe. — Sei que ela preparou uma coisa especial para ti, mas nem eu sei exatamente o que é. E claro que vais poder ver os animais. Achas que podes telefonar ao teu pai e dizer que ficas cá mais algum tempo? Tenho de ir para uma reunião na cidade agora, mas também gostava de voltar a conversar contigo.

Nathalie assentiu com a cabeça.

Nova sorriu e deixou-a. Nathalie olhou para o telemóvel. Já sabia que não ia ligar ao pai, obviamente; era melhor enviar uma mensagem. Porém, a última que lhe enviara não fora propriamente simpática, pelo que não sabia bem como se exprimir agora sem piorar ainda mais a situação. Suspirou e guardou o telemóvel. Podia enviar a mensagem mais tarde, não precisava de ser precisamente agora. Mais um dia não faria mal nenhum.

SEGUNDA SEMANA

Mina olhou fixamente para o monitor do computador e tentou concentrar-se, mas os seus pensamentos insistiam em dissipar-se. Tivera dificuldades em adormecer na noite anterior, devido ao encontro com o pai de Nathalie, que a atormentara durante o resto do dia. E tinha sido ainda mais difícil acordar esta manhã.

No elevador da sede da Polícia, alguém afixara um papel com o texto:

IT'S MONDAY! TIME TO SHAKE IT UP!

Esse papel estava agora amachucado numa bola no cesto de papéis de Mina.

Olhou para as mãos, que tremiam ligeiramente. Tanto tempo, tanta energia que havia sido gasta a tentar deixar o passado para trás. Tantas memórias que escondera tão profundamente no seu cérebro que conseguira convencer-se de que nunca mais teria de as visitar. No entanto, a vida tinha uma forma estranha de trazer constantemente o passado para o presente. Bastara encontrar-se com o pai de Nathalie ontem de manhã, para que os últimos dez anos, mais de dez anos, corrigiu-se a si própria, fossem apagados. Na sua memória, estava subitamente de volta a tudo o que acontecera nessa altura. Tudo o que acreditara que ficaria enterrado para o resto da sua vida. Fora esse o acordo que tinham feito. E Mina pagara um preço alto por isso.

Tentara contactar a mãe várias vezes durante o dia anterior, mas a chamada fora sempre parar ao gravador de mensagens. Tinha sido difícil pensar noutra coisa que não naquilo que a sua mãe poderia ter revelado a Nathalie. E naquilo que não lhe dissera.

Pegou no telemóvel e acionou o localizador GPS para ver a filha, à distância pelo menos, mas a aplicação estava com dificuldade em determinar onde o transmissor se encontrava. Tinha acontecido com mais frequência nos últimos tempos, um sinal provável de que o transmissor começava a ficar sem bateria. Afinal de contas, estava

dentro da mochila de Nathalie há muito tempo.

O telemóvel apitou na sua mão. Uma mensagem da receção a dizer que tinha uma visita. Talvez a mãe tivesse feito o que Mina lhe pedira e estivesse agora ali para falar com ela...

Deteve-se ao ver o nome desconhecido do visitante. Não era a sua mãe, e Mina não conseguiu evitar sentir-se ligeiramente aliviada. Não tinha a certeza se estava realmente preparada para esse encontro.

Pegou nas toalhas desinfetantes e limpou o aparelho. Depois foi até aos elevadores e desceu para a receção.

Uma mulher em roupas elegantes estava à sua espera. Mina só teve tempo de pensar que nunca tinha visto aquela mulher, antes de ela abrir os braços e puxar rapidamente Mina para si num forte abraço.

— Mina! — exclamou alegremente. — Que bom poder finalmente conhecer-te!

Todas as sinapses no cérebro de Mina explodiram ao mesmo tempo. Mil pensamentos sobre onde a mulher teria estado, se se teria lavado, no que tocara, em quem tocara... Sentiu um milhão de bactérias espalharem-se pelo seu corpo; a mulher que a envolvera era como um animal hospedeiro que agora transmitia todos os seus parasitas a Mina, onde podiam multiplicar-se e espalhar fosse o que fosse que transportavam consigo. Mina queria libertar-se, mas, em vez disso, deu por si paralisada, incapaz de se mexer, incapaz de dizer alguma coisa.

Finalmente, a mulher deu um passo atrás e Mina teve de resistir ao fortíssimo impulso de arrancar toda a roupa que tinha no corpo e correr nua através dos corredores da Polícia até ao chuveiro mais próximo.

— Acho que não nos... — começou por dizer.

— A tua mãe falou-me tanto de ti! — interrompeu a mulher com um sorriso radiante que parecia bem ensaiado, como se estivesse habituada a ser fotografada.

No meio do seu pânico, Mina não pôde deixar de refletir sobre quão

bela a mulher era. Longos cabelos castanho-escuros e grossos ondulavam pelas suas costas, sobre uma camisa de seda branca e fresca. Pernas longas e esbeltas numa saia de seda branca a condizer, que lhe envolvia o corpo. Grandes olhos azuis, que contrastavam de uma forma impressionante com a cor da pele. Maquilhagem quase inexistente, mas a que havia estava perfeita. Era de uma beleza incontestável. E evidentemente gostava de abraços.

Mina apercebeu-se de mais uma coisa. E fora o sorriso que o desvendara. A sua primeira impressão tinha sido errada; afinal, sabia muito bem quem a mulher era.

— A minha mãe, disseste? — perguntou Mina, olhando discretamente à sua volta, para o caso de alguém estar a ouvir. — É melhor irmos lá para cima.

Abriu a cancela à mulher e levou-a até aos elevadores.

— Desculpa, pensei que ela talvez te tivesse dito que eu vinha cá — disse a mulher enquanto faziam a viagem até ao andar correto. — Chamo-me Nova, trabalho com a tua mãe. Quero dizer, talvez seja ela que trabalha comigo. Enfim, tu e eu ainda não nos tínhamos conhecido.

— Pois não, ter-me-ia lembrado — respondeu Mina. — Mas sei quem tu és, deste uma palestra no meu antigo departamento, há anos. Falaste-nos da tua associação e sobre o... Epson, era esse o nome dele? Do filósofo?

— Epicuro.

— Ah... Por aqui, podemos ir para a sala de reuniões.

Mina caminhou pelo corredor a passos rápidos; queria afastar Nova dos olhares curiosos dos colegas o mais depressa possível.

— Percebo que estejas a perguntar-te porque é que eu estou aqui — disse Nova. — Em vez da tua mãe.

Mina ouviu os saltos de Nova baterem no chão atrás de si.

— Sim, tendo em conta que foi a ela que eu liguei — respondeu

Mina, abrindo a porta de vidro da sala de reuniões.

Nova sentou-se e estendeu a mão para a embalagem de toalhitas que estavam em cima da mesa.

— Posso? Está tanto calor lá fora.

Mina assentiu com a cabeça e disse a si própria que não podia esquecer-se de deitar a embalagem para o lixo, uma vez que Nova tocara nele. Não que fizesse diferença; fosse como fosse, já estava completamente infestada por tudo o que Nova carregava consigo. Mina odiava, odiava do fundo do seu ser, de todo o coração, pessoas que abraçavam.

Nova retirou uma toalhita da embalagem e passou-a pelo pescoço, para se refrescar. Depois limpou as mãos com ela, antes de amachucar numa pequena bola e a atirar para o cesto mais próximo.

— Então, o que é que se passa? — perguntou Mina, num tom austero. — Onde é que está a minha mãe? E onde é que está a Nathalie?

Esta não era uma conversa para a qual tivesse tempo; por outro lado, estar sentada a ansiar por um duche desinfetante — ou um tratamento com jato de areia, de preferência — tornava aquela situação quase insuportável.

— Ela contou-me tudo — disse Nova, e fez novamente aquele sorriso. — Sobre ti. Sobre vocês. Sobre a Nathalie. Podes falar comigo com toda a segurança. A tua mãe... ela está mesmo no pico da curva de desenvolvimento em relação a isto. Acaba de ganhar uma neta, ainda não está preparada para falar contigo.

Mina sentiu a raiva, a raiva antiga, ferver dentro de si. Era tão forte e tão corrosiva que fez com que os seus olhos se enchessem de lágrimas.

— Não estou interessada em nenhuma curva de desenvolvimento ou de trabalho ou seja lá o que for que lhe chamas. No que estou interessada é na Nathalie. E o pai dela também. Assumo que saibas quem ele é.

Nova assentiu com a cabeça.

— Sim, sei quem é o pai da Nathalie. Podes dizer-lhe que não há qualquer motivo para preocupações. Mas este é um processo de cura, de cicatrização, e, como tal, vulnerável. Seria muito pior para a Nathalie agora se ele, ou tu, se intrometessem e o interrompessem. Como disse, elas acabaram de começar.

— Isso era uma ameaça? A sério? Sabes que estás a falar com uma agente da Polícia, não sabes?

Nova suspirou e abanou a cabeça. Depois sorriu suavemente outra vez.

— Podes pensar o que quiseses, mas a tua mãe está a fazer a sua própria viagem agora — disse, lentamente. — Ela mudou de vida há já muito tempo, mas ficaram muitas coisas do passado por resolver. Tudo é sofrimento, a dor purifica, como o meu pai costumava dizer. E a Nathalie é uma parte dessa viagem. Tal como tu.

— A Nathalie é menor de idade — disse Mina. — Achas que é eticamente defensável que a minha mãe a contacte sem consentimento parental? Estou a poucos segundos de apresentar uma queixa contra vocês por rapto.

Mina obrigou-se a respirar profundamente algumas vezes. Não podia permitir-se ficar enervada, isso só abriria portas que não queria abrir. Calma. Controlo. Assim é que uma porta importante permaneceria trancada.

— Rapto — repetiu Nova. — Pois, compreendo que o caso da criança desaparecida te afetou muito. É claro que é compreensível se vires o mundo através desse filtro durante algum tempo. E se calhar tens razão, um dos pais devia ter sido contactado. Mas a tua mãe faz as suas próprias escolhas, eu não as posso controlar. Depois posso pensar o que quiser sobre essas escolhas, mas agora as coisas são como são, e, apesar de tudo, ela é a avó da Nathalie. Não há aqui qualquer relação forçada. Só estão a conhecer-se uma à outra. A Nathalie é livre de ir e vir, mas já nos disse que quer ficar mais alguns dias. Vim aqui

para apelar a que permitas que isso aconteça. Elas precisam disso, as duas. Tu és a única pessoa que pode convencer o pai da Nathalie a dar-lhe essa oportunidade. Eu não posso fazer esse telefonema, só tu o podes fazer. Vim aqui para poder olhar-te nos olhos e dizer que isto é uma coisa que vocês têm de deixar acontecer. Achas que é possível?

Mina hesitou e olhou para Nova. Estava zangada e desiludida com a mãe, que fora demasiado cobarde para ir ali em pessoa. E queria sentir-se intensamente desagradada com a bela mulher com a roupa fresca, que não parecia minimamente afetada pelo calor. Mina desconfiou que a toalhita fora por sua própria causa. Nova estava simplesmente ali sentada com um ar... intocável. Estava a deixar Mina altamente irritada.

Ao mesmo tempo, tinha de pelo menos considerar a ideia de que a mãe e a filha talvez estivessem a caminho de algo positivo. E se lhe fosse doloroso pensar que ela própria ainda não tinha sido incluída? Com o tempo talvez isso se alterasse. Além de que tinha o localizador GPS. Mina suspirou.

— Quero só deixar uma coisa bem clara — disse. — Não acredito um segundo naquilo que pessoas como tu andam a fazer. Desenvolvimento pessoal, autoajuda, curas, regenerações, vudu, seja lá o que lhe chamam. São só muletas para pessoas que não conseguem pôr as suas vidas em ordem. Para mim, o que vocês fazem soa tão mau como uma seita.

Mina reparou com satisfação que o sorriso de Nova desaparecera.

— Não imaginas quão errada estás — disse Nova. — Na verdade, uma parte das nossas atividades no Epicura consiste precisamente na desprogramação de pessoas que conseguiram sair de seitas. O meu interesse por esse trabalho surgiu quando um dos participantes do meu curso falou sobre a sua experiência em Knutby. Foi um desertor precoce, antes da catástrofe que aconteceu. Apercebi-me de que podíamos desempenhar um papel importante, que a nossa filosofia era adequada para ajudar membros desertores de seitas a regressarem a uma vida tão normal quanto possível.

— Ou a mudarem simplesmente de seita, no fim de contas — comentou Mina.

— Estou a ser sincera. É fácil olhar com desdém para pessoas que se juntam a seitas, achar que são fracas, influenciáveis. Mas isso é uma simplificação enorme. Muitas vezes, tem que ver com vínculos emocionais. Se uma pessoa cresce com um pai ou uma mãe que age de forma prejudicial, isso cria uma imagem distorcida das relações, a pessoa fica com a expectativa de ser oprimida. Coisa que as seitas são muito boas a explorar. Mas também pode acontecer o contrário; uma relação segura na infância pode fazer com que vejamos todas as pessoas como boas, e, assim, ficamos desprotegidos contra aqueles com outras motivações. E não se trata apenas de seitas, vocês devem ver estes fenómenos diariamente no vosso trabalho.

— Mas não há nenhuma seita propriamente dita na Suécia — disse Mina. — Além do caso de Knutby, mas essa já não...

— Existem entre trezentas e quatrocentas organizações na Suécia que poderiam ser classificadas como seitas — interrompeu Nova. — Entre trinta e quarenta podem ser consideradas destrutivas. A Polícia devia mesmo ter mais conhecimento sobre isto.

Mina não sabia o que responder. Estendeu-se para pegar na embalagem de toalhetas, mas voltou a recolher o braço quando se recordou de que Nova lhe tocara. Em vez disso, retirou o frasco de álcool-gel do bolso.

Nova sorriu para ela. Outra vez.

— E no que diz respeito à autoajuda, tu vais aos Alcoólicos Anónimos — comentou. — A tua mãe contou-me que participaste no programa dos doze passos. Vais dizer que isso não te ajudou? Que te saírias melhor sozinha?

Mina franziu as sobrancelhas. *Touché*. Nova tinha razão. Era verdade que Mina quase perdera a vida à conta disso, mas dificilmente poderia culpar a organização em si por Kenneth e Jane a terem conhecido lá. Os Alcoólicos Anónimos tinham sido o seu socorro, a sua

tábua de salvação durante muitos anos. A rotina de lá ir e poder conhecer outras pessoas com os mesmos desafios, não precisar de se sentir estranha ou defeituosa, mas sim compreendida. Sim, os AA tinham-na ajudado imenso. Não teria conseguido fazê-lo sozinha.

— Pronto, ganhaste — admitiu Mina. — Vou tentar falar com o pai da Nathalie. Mas com uma condição: a minha mãe não tem a minha permissão para contar tudo à Nathalie. Alguns segredos não lhe cabem a ela revelar.

Nova assentiu brevemente com a cabeça.

— Vou fazer o que puder. E peço desculpa pelo abraço, não me apercebi de quão inapropriado era, tendo em conta a... bem, as tuas preferências pessoais.

Nova lançou um olhar para as toalhitas desinfetantes e o frasco de álcool-gel em cima da mesa. Mina suspirou; porque é que não podia ser um pouco mais normal? Ter a mesma tolerância à sujidade que as pessoas comuns aparentemente tinham? Por outro lado, essas pessoas provavelmente estavam sempre a ficar doentes.

— De certeza que tens muito que fazer, não precisas de me acompanhar à saída — disse Nova ao levantar-se. — Então, eu falo com a tua mãe e tu falas com o pai da Nathalie?

Não era uma conversa pela qual Mina ansiasse.

— Tenho de te acompanhar para abrir a cancela — respondeu. — Não vais conseguir sair sozinha.

O que era, de facto, verdade, mas também lhe dava mais alguns minutos antes de ter de telefonar ao pai de Nathalie. Apanharam as duas o elevador e Mina abriu as barreiras de segurança a Nova.

— Mais uma coisa — disse Mina, quando Nova acabara de passar a cancela. — Da próxima vez, quero encontrar-me com a minha mãe, não é contigo.

Quando Mina voltou para a sala de reuniões, puxou a manga da camisola sobre a mão, pegou na embalagem de toalhitas desinfetantes e atirou-a para o caixote do lixo. Depois pegou no telemóvel. Mas não

era para o pai de Nathalie que pensava ligar, era para um número de telefone para o qual esperava há quase dois anos por um motivo para ligar.

— Olá, Vincent, sou eu.

Vincent ficou completamente imóvel. Tinha contado os segundos, as horas, os dias e, finalmente, os meses que passaram desde que ouvira aquela voz pela última vez. E agora que ela lhe ligava, sentiu subitamente que não estava de todo preparado. Teve vontade de ajeitar a roupa e pentear o cabelo, sentir o seu hálito, embora Mina não o pudesse ver ou estivesse sequer perto dele.

Piscou os olhos com força e sentiu um arrepio por toda a pele.

— Olá, Mina — respondeu Vincent em voz baixa, dirigindo-se para o escritório.

O melhor era Maria não o ver nem ouvir, pois sabia que, tal como antes, ficara corado como uma criança.

— Como estás? — perguntou Mina.

Vincent ouviu pelo tom ligeiramente atrapalhado que a frase de cortesia era apenas uma formalidade. Na verdade, Mina queria falar de outra coisa.

— Estou bem, obrigado. O carro ainda anda e continuo a ir para a cama com a minha mulher de dois em dois meses.

— Vincent!

— Estou a ouvir pela tua voz que se trata de uma coisa importante. Diz-me!

— Está bem — respondeu Mina, soando consideravelmente mais relaxada. — Achas que podes passar pela sede, hoje a seguir ao almoço? Preciso de falar pessoalmente contigo sobre uma coisa.

Vincent sentou-se pesadamente na cadeira de escritório, com a garganta subitamente seca. Pessoalmente. Depois do almoço. Só faltava cerca de uma hora até lá. Era verdade que não tinha nada de especial para fazer o resto do dia, as suas segundas-feiras raramente eram agitadas, mas... hoje? Agora?

Os olhos de Mina.

Vincent não estava preparado, o seu coração batia a um ritmo tal,

como se estivesse numa audição para tocar bateria com uma banda de *rock*. Ansiara e, ao mesmo tempo, tentara não ansiar. Não ter esperanças. E, de repente... *hoje?*

Os olhos de Mina.

Agora?

— Claro — respondeu, esforçando-se por soar impassível. — Tenho só de confirmar a minha agenda, mas acho que estou livre.

Ruben comprou o almoço habitual, uma sanduíche e um sumo, entregues num saco de papel, no café na esquina da sede da Polícia, precisamente como fazia todas as segundas-feiras. Passara a manhã a transcrever para o computador tudo o que anotara à mão de todas as entrevistas que fizera no fim de semana. Se fosse outro dia qualquer, provavelmente teria comido o almoço à frente do computador. Mas não era outro dia qualquer, era segunda-feira, e as segundas-feiras eram especiais. Por esse motivo, comeu a sua sandes em movimento, enquanto percorria a pé o caminho até ao lar da avó. Era a pequena tradição semanal dos dois; Ruben era a única pessoa que lhe restava e ela sempre estivera lá para ele, desde que ele era criança. E agora era a sua vez de retribuir. Os documentos sobre Lilly Meyer podiam esperar quarenta e cinco minutos. Ruben bebeu o resto do sumo de um trago antes de entrar. A avó Astrid estava à sua espera dentro do quarto, como sempre.

— Olá, avó!

— Olá, meu coração!

Como sempre, o rosto de Astrid iluminou-se quando viu o neto e ela inclinou a cabeça para que Ruben pudesse dar-lhe um beijinho na face enrugada. Cheirava ao seu cheiro característico, algodão recém-lavado, alfazema e um leve aroma a amêndoas, que Ruben sabia que vinha das bolachas de amêndoa que a avó escondia na gaveta da sua mesa de cabeceira.

— Trouxe aqui umas guloseimas — disse Ruben, levantando o outro saco de papel que trouxera consigo do café: bolas de Berlim com creme de baunilha, as preferidas da avó.

— Vou ficar gorda como um texugo! — queixou-se a avó enquanto passava a mão pela barriga magra.

Ruben sorriu com o chiste; a avó era só pele e osso e ambos sabiam que ela nunca voltaria a ganhar peso. Não obstante, enquanto tivesse apetite pelas suas bolachas de amêndoa secretas, Ruben não se preocupava tanto.

Sentou-se na cama ao seu lado. O único outro lugar para se sentar era uma poltrona gasta a um canto do quarto, mas Ruben queria estar perto dela, sentir o seu cheiro, recordar-se de todos os momentos na pequena casa em Älvsjö, a cozinha onde cheirava sempre a panquecas acabadas de fazer e a compota de morango caseira. Tantos verões e férias que passara com a avó. Só eles os dois. Quando a sua mãe arranjava mais um novo namorado com quem queria passar as férias, sozinha, sem ter de andar com um miúdo chato à perna. Em casa da avó, houvera sempre lugar para ele.

— Queres que parta ao meio?

Ruben apontou para um dos bolos com ar inquiridor, mas a avó abanou a cabeça.

— A vida é demasiado curta para comer só metade de uma bola — respondeu com um sorriso.

Continuava a ter dentes fortes e bonitos, algo de que sempre se orgulhara. Nem uma cárie, costumava dizer, apontando para a dentição perfeita.

Astrid pousou a mão ossuda e repleta de manchas de velhice na sua perna.

— Conta-me lá, Ruben, como é que vai a tua vida?

A mesma pergunta que lhe fazia todas as semanas quando ele a ia visitar. Nunca lhe perguntava sobre o trabalho, o que o livrava de ter de falar sobre quão horrível o mundo podia ser. Em vez disso, perguntava-lhe sobre tudo o resto. E, todas as semanas, Ruben contava-lhe histórias sobre a vida interessante e agitada que levava. Sabiam os dois que ele estava a mentir, mas a avó deixava-o fazê-lo.

Porém, hoje Ruben não queria mentir, queria contar-lhe sobre a visita a Ellinor. A avó deu-lhe umas palmadas carinhosas na perna.

— Pois, tu já sabes o que eu penso sobre isso. Foste um grande tolo em deixar aquela bela moça escapar. Ela não era só bonita de se olhar, também era linda por dentro. Mas tu eras jovem e estúpido; acontece facilmente com vocês, rapazes.

— Sim, devo ter herdado do meu pai — respondeu Ruben com uma certa amargura na voz, como acontecia sempre que falava do pai.

O pai abandonara-o, a ele e à mãe, quando Ruben era pequeno. Viajara para uma conferência e nunca mais voltara para casa. Ainda estava vivo, Ruben sabia disso pelo Facebook. Mas nenhum deles voltara a contactar o outro.

A avó Astrid não respondeu ao comentário, já há muito tempo que deixara de tentar desculpar o filho. Ele fizera a sua escolha, e ela ficara com o filho dele para amar.

— E ela pareceu-te bem, a Ellinor? — perguntou a avó, curiosa. — Está casada? Se não estiver, talvez não seja tarde demais...

Ruben sorriu e deu uma grande dentada no bolo. O creme de baunilha espalhou-se sobre os seus dentes e, tal como quando era pequeno e comia as bolas cremosas no jardim interior da avó, metade do prazer continuava a ser limpar o creme dos dentes com a língua.

— Não sei se é casada. Provavelmente, será. De qualquer maneira, tem filhos; a filha veio à porta dizer olá. E sabes uma coisa, avó? A filha dela chama-se Astrid. Tu e a Ellinor sempre se deram tão bem, por isso acho que ela teve a ideia do nome por causa de ti.

— Oh, que amoroso que isso seria — disse a avó, encantada. — Era uma bebezinha?

— Não, acho que devia ter uns dez anos. Uma rapariga muito bonita. Tinha os olhos da Ellinor.

Algo brilhou no olhar de Astrid.

— Não tens nenhuma fotografia? Daquela coisa do *feicebuque*?

— És muito curiosa — comentou Ruben, rindo-se, mas pegou no telemóvel e começou a procurar.

Não foi difícil encontrá-la. Ellinor tinha uma conta no Facebook com o seu nome de solteira. E a sua página estava cheia de fotografias da filha. Ruben clicou numa imagem em que a menina usava uma coroa de flores da festa do solstício de verão, o olhar feliz e um sorriso

rasgado.

— Olha, aqui está ela. Não é parecida com a Ellinor? Mas não só, como se pode ver. Não sei quem é o pai dela, mas alguns traços também devem vir dele.

Ruben franziu a testa enquanto olhava para a fotografia, com a cabeça encostada à da avó. Seria possível que, afinal, conhecesse o pai da menina? A menina parecia-lhe tão familiar, de alguma forma. Sentiu que ainda tinha um pouco de creme do bolo nos dentes, esfregou-os com o dedo indicador e depois lambeu o último resto de creme do dedo.

A avó olhou para a fotografia e riu-se. De seguida, levantou-se lentamente e abanou a cabeça.

— Ruben, para um homem tão inteligente, às vezes és terrivelmente tolo!

Aproximou-se a custo de uma escrivaninha castanha com uma toalha de renda branca em cima, um dos poucos móveis que conseguira levar para o lar de terceira idade. A toalha estava cheia de fotografias, principalmente fotografias emolduradas de Ruben em diferentes idades. Astrid procurou entre as molduras, pegou numa e coxeou de volta para a cama, onde Ruben continuava sentado. Levantou a fotografia e segurou-a ao lado da imagem da menina no telemóvel.

Os olhos de Ruben arregalaram-se. Agora percebia porque é que ela lhe parecera tão familiar.

Mina estava sozinha na sala de reuniões. Desde que vira Vincent pela última vez, a parede à sua frente já se enchera, esvaziara e enchera novamente com fotografias, documentos e palavras escritas numa caligrafia difícil de ler sobre outras vítimas. Outros destinos. As fotografias de objetos de truques de magia caseiros estavam esquecidas e arquivadas. Esse caso parecia-lhe enormemente distante, como se tivesse sido noutra vida.

Nessa altura, acabara por tornar-se difícil ver onde a investigação terminava e onde Vincent começava. A situação mostrara ser profundamente pessoal para ele, embora não se tivessem apercebido disso ao início. Porém, desta vez tudo era diferente.

Duas crianças tinham sido assassinadas.

Nessa escuridão era assustador entrar. Não que fosse a primeira vez que via crianças sofrerem, antes pelo contrário. Era uma coisa demasiado comum no trabalho policial. Crianças que sofriam abusos, crianças que eram exploradas, crianças que viviam numa miséria que era uma vergonha para uma sociedade desenvolvida.

Mas homicídio. Homicídio de crianças não era nada vulgar. E por isso é que os poucos casos resolvidos eram geralmente bem conhecidos do público em geral. Helén, assassinada por Ulf Olsson. Engla, assassinada por Anders Eklund. E Bobby, assassinado pelo padrasto com a ajuda da mãe. Esses casos, e alguns outros, tinham ficado para sempre gravados na alma do povo sueco.

A pergunta eterna era: «Como?» Como é que uma pessoa podia ser capaz de tamanha perversidade?

Mina não tinha a certeza se queria saber a resposta. Os que faziam essas coisas eram monstros, nada mais. Não precisava de compreendê-los, só precisava de os encontrar. No entanto, agora tinham em mãos dois atos realizados da mesma forma, o que sugeria um possível padrão que Mina preferia nem ter de ver.

Perguntou-se como Vincent reagiria quando soubesse do caso. Não porque estivesse a pensar pedir-lhe ajuda com isso; telefonara-lhe por

outros motivos. Mas era evidente que ele iria perguntar-lhe no que estavam a trabalhar, e Mina contar-lhe-ia. E Vincent tinha uma família, era pai. Mina não acreditava que, enquanto pai, fosse possível uma pessoa proteger-se contra as fotografias de Lilly e Ossian que tinha à sua frente. O que quer que Vincent dissesse, Mina sabia que ele não era tão racional e que não tinha assim tanto controlo sobre as suas emoções como fingia ter. Durante o pouco tempo que se conheceram, Mina vira sinais de outra coisa, algo que até indicava o contrário. Vislumbrara um abismo de emoções, e talvez até uma escuridão.

Era difícil identificá-lo exatamente, quase como quando se via algo mover-se pelo canto do olho e, quando se olhava para lá, desaparecia. Era precisamente isso que acontecia com Vincent, Mina não o conseguia apanhar.

Não que o quisesse apanhar, não queria apanhar ninguém. Não contara que o Tinder anunciasse «*It's a match*» quando deslizara a fotografia de Amir para a direita. E o facto de também o ter contactado fora apenas um exercício puro de terapia cognitivo-comportamental, nada mais. Mas Vincent fugia-lhe de cada vez que ela pensava que estava a ver os seus contornos claramente. E agora, não o vendo há quase dois anos, estavam mais esbatidos do que nunca.

Uma parte dela protestou ruidosamente contra aquilo que pusera em marcha. Seria melhor continuar a manter Vincent fora da sua vida. No entanto, havia outra parte, uma parte mais profunda, que não queria nada mais do que tê-lo por perto.

E agora ele estava a caminho.

O telemóvel vibrou em cima da mesa. Um aviso de que a sua visita chegaria dali a alguns minutos. Mina levantou-se e foi ao encontro do mentalista.

Assim que entrou no táxi, começou a transpirar. E o ar condicionado do carro até estava regulado para os quinze graus; um pinguim sentir-se-ia bem ali dentro, mas Vincent sabia que a sua transpiração não era causada pelo calor externo, e sim pelo nervosismo interior. Pensar em Mina fizera eclodir uma nuvem inteira de borboletas na sua barriga.

Assim não podia ser, precisava de outra coisa em que pensar; caso contrário, estaria um trapo quando chegasse. O táxi fez a curva para a estrada Tyresövägen a uma velocidade demasiado alta e, por um breve segundo, Vincent teve uma visão de Mina a visitá-lo no hospital.

Acidente de carro.

Não havia alguém que tinha falado de um acidente de carro recentemente? O táxi passou por um autocarro regional que, de lado, tinha um cartaz publicitário a comprimidos para as dores de cabeça, com uma mensagem concisa: *Dor?*

Dor.

Também tinha visto algo sobre dor. Mas quem... Isso mesmo! *Tudo é sofrimento, a dor purifica*. Fora Nova que citara estas palavras na televisão, na sexta-feira anterior. Nova que sofrera um acidente de carro, no qual perdera o pai. O seu pai, que também tinha estado ligado ao epicurismo.

Poderia ser uma distração satisfatória. Vincent pegou no telemóvel e procurou a página do Epicura. Tinham um *site* elegante e moderno, com um logotipo de aspeto profissional.

Vincent passou por uma série de vídeos, que pareciam ser todos filmagens de Nova a explicar diferentes coisas, e chegou depois a uma espécie de manifesto filosófico do epicurismo.

A diretriz de Epicuro para a nova era é a mesma de sempre: permita apenas uma ansiedade que passa qual cometa pela estrela, rápida e impercetivelmente. Vida em quietude é vida que purifica. Evite cuidadosamente todo o tipo de dor e não deseje nada, pois vida sem desejo é vida liberta de sofrimento, e que, alternativamente, lhe permite desfrutar do sucesso

John Wennhagen, o pai de Nova. Afinal, Vincent recordava-se corretamente do seu nome. Assumiu que a utilização do manifesto não totalmente moderno num *site* de resto tão elegante era uma maneira de Nova homenagear o pai. Leu o texto poético duas vezes sem ficar muito mais esclarecido.

— Chegámos ao seu destino, meu senhor — disse o condutor do táxi, exageradamente cortês, e olhou para ele pelo retrovisor.

Vincent apercebeu-se de que o carro estava parado há algum tempo. Pagou sem reparar quanto marcava o taxímetro, de tão nervoso que estava, e saiu do táxi. O sol batia diretamente na fachada da sede da Polícia, tornando impossível ver alguma coisa através das grandes janelas. Mas Vincent sabia que ela estava algures ali dentro. À espera dele. *Sentia* que ela estava ali. Bem, claro que não sentia verdadeiramente, era o *cocktail* hormonal de serotonina, dopamina, cortisol e adrenalina que o telefonema de Mina desencadeara nele e que continuava a afetar, e muito, a sua perceção da realidade. Seria parvo confundir sentimentos com a realidade factual. Nem ele próprio, com todo o seu conhecimento, compreendia o porquê de Mina o afetar daquela maneira. Uma parte dele tinha esperança de que também ele a afetasse da mesma forma.

A maior parte das vezes, Vincent tinha explicações científicas para os seus pensamentos; porém, quando os juntava neste caso, a sensação era ainda assim maior do que a soma das partes. Havia algo que ia para além do explicável quando se tratava de Mina e do que ele sentia por ela. E agora ela estava ali dentro. Em breve, iria voltar a vê-la.

Vincent aclarou a garganta; de repente, ficara com a boca seca. Ajeitou o *blazer*, retirou um cabelo de Maria preso na manga. Já estava arrependido de ter vestido um fato. Depois subiu as escadas da entrada principal e abriu a porta. Mina estava logo ali à sua espera.

— Olá — disse ela quando Vincent entrou. — Há quanto tempo.

— Olá — respondeu Vincent, subitamente incapaz de continuar uma conversa.

Já quase se esquecera. O cabelo preto, mais comprido do que da última vez, embora ainda não tivesse crescido até ao comprimento do rabo de cavalo que em tempos usara. Os olhos escuros e os lábios naturalmente vermelhos e carnudos. A camisa de alças de linho branco, que Vincent sabia que seria trocada por uma camisola de gola alta assim que o tempo o permitisse. E a pequena ruga de preocupação entre as sobrancelhas. Mas, acima de tudo... o seu olhar. Vincent sentiu uma ligeira tontura.

Sem dúvida que Mina já não era uma criatura fictícia num pedestal, era um ser humano de carne e osso outra vez. Não obstante, isso só piorava tudo. Vincent convencera-se de que a sua vida continuaria sem qualquer problema longe dela, que tinha guardado as memórias numa pequena gaveta mental e seguira em frente. Quão errado estivera, apercebeu-se. Os olhos que agora olhavam para ele com ar inquiridor tinham estado sempre presentes. Todos os dias, por trás de cada pensamento, ela estivera lá. E agora estava ali à sua frente, ao vivo e a cores.

— Como... como é que tens andado? — conseguiu finalmente perguntar.

Depois apontou para as finas luvas de borracha que Mina tinha calçadas.

— Isso é uma novidade. Tem vindo a piorar?

Brilhante... idiota! Porque isso seria sem dúvida a primeira coisa de que ela queria falar. Porém, Mina apenas se riu.

— Não, não, foi só porque estive a mexer em fotografias — respondeu. — Não convinha deixar lá as minhas impressões digitais. Espero que não tenha sido um problema para ti vir aqui? E belo fato, já agora, mas não estás cheio de calor?

Vincent corou e despiu o *blazer*. Mina tinha razão, mais do que poderia imaginar.

— Acho que a Maria ficou feliz por eu ter vindo aqui — disse. — Ela vai abrir uma loja *online* e está ocupadíssima com isso em casa agora.

Vincent calou-se. Olharam um para o outro. Se ele ao menos soubesse o que Mina estava a pensar. Por um lado, parecia-lhe que estava tudo precisamente como noutros tempos; por outro, não tinha nada a ver. Em vinte meses, as pessoas tinham tempo de se casar, de ter filhos e de se separar. Ele não era a mesma pessoa de então. E Mina, definitivamente, também não.

Mas, ainda assim.

Mina virou os olhos para um lado. Depois para outro. Como se estivesse à procura de alguma coisa. De um pensamento, talvez, ou de algo para dizer.

— Pois, então... vamos subir? — perguntou-lhe.

Mina abriu-lhe as já familiares cancelas de segurança e apanharam o elevador até à sala de reuniões. Vincent teve a sensação de que Mina ficou com um brilho nos olhos quando entraram no elevador, como se estivesse prestes a mencionar outra ocasião em que tinham andado de elevador os dois, mas acabou por não dizer nada.

— Tenho andado a treinar, se é nisso que estás a pensar — comentou Vincent. Depois apercebeu-se de como aquilo poderia ser interpretado. — Ou melhor, quero dizer... o elevador... não tenho andado a fazer ginásio, isso seria um bocado estranho referir, mesmo sendo... Não é aqui que vamos sair?

As portas do elevador abriram-se e salvaram-no de se enterrar num buraco ainda mais fundo. Vincent tossiu alto e apressou-se a sair, antes de Mina ter tempo de ver o seu rosto, que provavelmente estaria vermelho como um tomate.

No interior da sala de reuniões, Mina tinha colocado fotografias e documentos em duas filas completamente alinhadas sobre a mesa, e Vincent concentrou-se nisso. As filas estavam marcadas com nomes: Lilly e Ossian.

— Vi a conferência de imprensa sobre ele — disse Vincent, apontando para a fotografia de Ossian.

— Sim — respondeu Mina, assentindo com a cabeça. — Sabes alguma coisa sobre crianças desaparecidas?

— Só sei que desaparecem centenas de crianças na Suécia todos os anos, mas não mais do que isso.

— É verdade — confirmou Mina. — A comunicação social gosta muito de dar destaque ao número de crianças não acompanhadas que desaparecem, mas a verdade é que desaparecem ainda mais crianças de famílias de refugiados. É um mistério, nunca mais são encontradas.

— Tráfico de pessoas?

— Muitas vezes, é terrível. Mas, de resto, a maior parte das crianças dadas como desaparecidas volta normalmente logo ao fim de algumas horas.

Vincent apontou para a mesa.

— Então o Ossian voltou?

Mina abanou a cabeça e franziu as sobrancelhas. Vincent não tinha a certeza do que isso queria dizer, mas, de repente, pensou em Aston e sentiu um aperto no estômago.

— O Ossian foi encontrado no sábado de manhã — disse Mina calmamente. — Tinha morrido há poucas horas. A mesma coisa aconteceu com a Lilly, o verão passado. Duas crianças num ano. Do ponto de vista puramente estatístico, é extremamente invulgar. Por isso, estamos a investigar se haverá uma ligação entre os dois casos.

Vincent olhou para as fotografias em cima da mesa. Lilly. Ossian. Podia realmente ter sido Aston há uns anos. Tornou-se mais difícil respirar, como se o ar na sala tivesse sido sugado. Estendeu um braço para uma das pastas de documentos na mesa, mas Mina pousou a mão em cima.

— Acredita em mim — disse-lhe. — São imagens que não queres ver.

Vincent ainda não sabia bem como falar com ela, não estava a conseguir encontrar o caminho certo para entrar. Queria ser cuidadoso, não ousava assumir que tudo estaria como antes. Mas uma investigação dar-lhes-ia pelo menos um assunto neutro sobre que falar.

— Então, em que medida é que precisam da minha ajuda com isto? — perguntou-lhe. — Tenho todo o prazer em ajudar-vos, já estou ansioso pelas noites sem dormir e por um pouco de terror. Na verdade, até senti um pouco falta delas.

Vincent esboçou um sorriso, mas Mina pareceu-lhe apenas confusa. E depois um pouco infeliz.

— Não, desculpa — respondeu. — Não é isso... ou seja, não precisamos de ti... quero dizer, não para a investigação. Não há nada que tu possas fazer aqui; na verdade, nem sequer devias ter visto isto. Só vinha aqui buscar as minhas coisas.

Mina pegou num telemóvel e num molho de chaves de cima da mesa. As fotografias e as pastas ficaram onde estavam, juntamente com um computador portátil aberto — um sinal de que não planeava ausentar-se da sala durante muito tempo. Quando saíram, Vincent segurou-lhe a porta e fez um esforço para não mostrar o seu desapontamento. Assumira automaticamente que o material que Mina lhe mostrara era a razão pela qual ela o chamara ali, que iria ter oportunidade de estar envolvido no seu mundo outra vez. Porém, a visita parecia ter acabado ainda antes de ter começado.

— Precisava de falar contigo, mas era sobre outra coisa. Uma coisa... privada — disse Mina, e Vincent sentiu o coração começar a bater-lhe com força no peito novamente.

Mina parou, olhou-o nos olhos, mas depois virou a cara outra vez. Fosse o que fosse que tivesse para lhe dizer, obviamente não lhe estava a ser fácil.

— É sobre a minha filha — acabou por dizer. — O nome dela é Nathalie. Acho que viste uma fotografia dela em cima da minha

secretária uma vez. Podemos ir dar um passeio?

— Gostaste da apresentação?

Nathalie raspou o pé no chão; não queria parecer mal-educada, mas a verdade era que não tinha conseguido prestar muita atenção ao que Nova dissera na sala de conferências. Fora simpático da parte de Nova convidá-la, apesar de, na prática, ser uma palestra organizada para uma empresa que pagara por ela. Mas Nathalie aceitara o convite principalmente para ter algo que fazer enquanto esperava pela avó. Ajustou uma das alças da mochila como se com isso pudesse evitar responder.

— Não há problema, não precisas de dizer nada — comentou Nova, e riu-se. — Eu compreendo que o assunto seja um tédio de morte para uma adolescente. Principalmente porque ainda não passaste por muitas das coisas dolorosas na vida, aquelas que tornam a nossa existência necessária.

— O quê? Achas que sou uma miúda mimada que teve tudo servido numa bandeja? — refilou Nathalie, arrependendo-se de imediato. — *Sorry* — murmurou, enquanto tentava acompanhar o passo de Nova, que começara a andar rapidamente na direção de um grande edifício um pouco atrás do edifício principal.

Nathalie só o tinha visto de longe anteriormente. Também tinha visto os cavalos que andavam a pastar no prado em frente. O seu pai nunca a deixara experimentar fazer equitação, apesar de ela ter pedido e implorado quando era pequena. Dissera-lhe que era caro, exigia muito tempo, perigoso e elitista. Aquela última descrição era quase uma anedota, tendo em consideração quem ele era. Em vez disso, dera-lhe um *hamster* anão. Nathalie chamara-lhe *Lisa* e ficara profundamente triste quando o encontrara morto sob um monte de palha, ao fim de apenas três semanas.

— Também peço desculpa, fui injusta — disse Nova suavemente, e virou a cabeça para Nathalie, continuando a andar na direção do estábulo.

— Como assim?

Nathalie tropeçou numa raiz que se projetava do solo.

— Já experienciaste dor, sim. E luto. Eu sei que perdeste a tua mãe, e isso é algo com que eu consigo identificar-me.

Nathalie limitou-se a assentir com a cabeça. Não estava habituada a falar sobre a mãe, nunca ninguém quisera falar com ela sobre a mãe. Muito menos o pai.

— Aqui está a Ines! — exclamou Nova, alegremente.

A avó de Nathalie aproximou-se delas de braços abertos e com um grande sorriso no rosto. Se Nathalie estivesse zangada com ela por ter desaparecido durante tanto tempo, esses sentimentos evaporaram-se por completo naquele instante. Não podia fazer outra coisa senão deixar-se abraçar e sorrir abertamente de volta.

— Olá, Nathalie! — disse a avó. — Desculpa ter estado tão ocupada. Espero conseguir compensar-te.

Nova pousou a mão no ombro de Ines e depois voltou para o edifício principal, enquanto Ines acompanhou Nathalie o resto do caminho. De repente, a avó parou e os olhos de Nathalie iluminaram-se quando percebeu porquê. Seis cavalos estavam no prado um pouco mais à frente, a pastar alegremente na relva. Nathalie sentiu o coração começar a bater mais rápido; sempre adorara cavalos. Eram animais lindos, selvagens, corajosos, livres. Tudo o que ela não era.

— Anda.

A avó pegou-lhe na mão e puxou-a até começarem quase a correr. Os cavalos ergueram a cabeça, farejaram e abanaram as orelhas. Depois viraram-se todos na direção de Ines e Nathalie e trotaram até à cerca. Esticaram avidamente as cabeças através da cerca, bufaram e empurraram-se uns aos outros, até Ines os cumprimentar a todos acariciando-lhes os focinhos brilhantes.

— Queres ir comigo lá dentro? — perguntou, fazendo um gesto com a cabeça para um portão na cerca.

O coração de Nathalie batia-lhe com força no peito. Não estava habituada a estar tão próxima de cavalos, só os idolatrara à distância.

Uma pequena pontada de medo por causa do tamanho dos animais fê-la hesitar. Mas depois assentiu com a cabeça, entusiasmada. Confiava na avó.

— Claro que sim!

Abriam o portão e, quando entraram, foram imediatamente cercadas pelos focinhos a bufar de entusiasmo.

— Calma, calma — disse Ines, a rir, e tirou algumas cenouras e pedaços de maçã dos bolsos do casaco. — Toma. — Deu alguns a Nathalie. — A melhor maneira de os fazer adorar-te é suborná-los com comida.

Nathalie começou a alimentar os cavalos, tentando atender a todos em igual medida. Um dos cavalos era mais pequeno do que os outros, mas compensava a inferioridade física com audácia e avançou e roubou vários pedaços precisamente antes de os seus companheiros mais altos os engolirem. Nathalie sorriu, apesar de estar com algum medo; vistos de perto, os seus dentes eram realmente gigantescos.

— Este é o *Mascot*, é o nosso pequeno ladrão de comida.

Nathalie coçou o focinho do pequeno cavalo, que se pressionou carinhosamente contra ela. De repente, todas as emoções vieram ao de cima em simultâneo. Todas as lágrimas que nunca pudera verter irromperam como um rio e rebentaram as comportas. E os cavalos, parecendo compreender o que estava a acontecer, colocaram-se à sua volta, pressionaram os seus corpos quentes e os focinhos macios contra ela, deram-lhe a sua proximidade e segurança, deixaram-na sentir tudo o que ela própria nunca se permitira sentir.

Chorou de saudade, de raiva, de tristeza e de frustração. Chorou pelas perguntas por fazer e pelas portas que nunca teve permissão para abrir. Perguntas sobre a sua mãe. E sobre a avó. Sobre quem ela realmente era.

Depois também sentiu os braços de Ines à sua volta. Sentia-se estranha ali, rodeada por um abraço forte de uma mulher desconhecida, no meio de uma manada de cavalos. Mas não, não era

estranho, corrigiu-se a si própria quando *Mascot* encostou o focinho seco ao seu rosto. Era precisamente o oposto, aliás. Sentia-se como se tivesse finalmente chegado a casa.

Depois do que pareceu uma eternidade, o aperto de Ines afrouxou.

— Temos de voltar já? — perguntou Nathalie. Queria ficar ali com os cavalos.

— Não, não vamos voltar — respondeu Ines. — Tu e eu vamos continuar. — Acontecera algo estranho com a sua voz. O tom suave ao qual Nathalie se acostumara tinha desaparecido. — Vamos para um lugar que apenas o círculo mais íntimo pode visitar — explicou a avó.

Ines puxou o seu elástico azul e deixou-o voltar a bater contra a marca vermelha no pulso, enquanto olhava Nathalie nos olhos.

— Assegura-te de que tens todas as tuas coisas. Não sei se vais voltar aqui.

Apesar do calor de verão, apesar do carinho que os cavalos emanavam, Nathalie ficou subitamente com frio.

Passearam através do parque Rålambshovsparken. A última vez que tinham estado ali juntos, estivera a nevar e Vincent explicara a Mina o que era um *Bullet Catch*. Agora, o sol brilhava como se quisesse incinerar a Terra. Por baixo de algumas árvores, na sombra um pouco mais fresca, havia um ou outro piquenique montado.

Seguiram a água até aos pontões. Da outra vez, não havia ali barcos, mas agora os cascos brancos amontoavam-se ao redor dos pontões como folhas num tronco de árvore. Mina perguntou-se se Vincent teria um barco. Se tivesse, seria certamente um barco a motor. Tinha muita dificuldade em imaginá-lo a rebocar um veleiro e a dobrar velas. Mina apercebeu-se de que Vincent ainda não lhe perguntara nada sobre Nathalie; estava obviamente à espera de que fosse ela a abordar o assunto. Havia tanta coisa que Mina queria perguntar-lhe, coisas que não tinham nada que ver com Nathalie, como o porquê de Vincent nunca a ter contactado, como é que ele estava, queria contar-lhe como é que *ela* estava. Porém, não sabia por onde começar; então, inspirou profundamente e começou a falar sobre Nathalie, antes que perdesse a coragem para isso também.

— O pai da Nathalie contactou-me ontem de manhã — disse Mina.
— Ela vive com o pai; nem eu nem a minha mãe temos qualquer contacto com eles. Mas, este sábado, a minha mãe entrou em contacto com a Nathalie, e ela está com a avó desde esse dia.

— E estás a contar-me isso porque...?

— Assumo que sabes quem é a Nova? — perguntou Mina.

Vincent ergueu uma sobrancelha e assentiu com a cabeça.

— Sei perfeitamente — respondeu. — Aliás, ela esteve no...

— Eu estive com ela esta manhã — interrompeu Mina. — A minha mãe está a viver num centro de conferências que é propriedade da Nova, parece que trabalham juntas. A Nathalie está lá com elas e o pai dela ficou absolutamente furioso quando ela desapareceu; agora tornou-se responsabilidade minha tentar acalmá-lo. Ao mesmo tempo, talvez também eu devesse estar preocupada.

Vincent soltou uma gargalhada. Mina franziu a testa, não era exatamente a reação que esperara. Ao mesmo tempo, rir era uma coisa boa, muito melhor do que o contrário.

— A Nova apareceu na televisão na sexta-feira — disse Vincent. — E quando estava no táxi a caminho daqui, até vim a ler sobre o Epicura. E agora tu também estás a falar sobre eles. Quais são as probabilidades?

— Acho que o Mestre Mentalista devia saber responder a isso sem dificuldades — respondeu Mina. — Ou então tem que ver com o facto de essa tal Nova parecer estar em todo o lado nos últimos tempos. Independentemente de ser bem-vinda ou não.

— Com que então, a avó da Nathalie?... — continuou Vincent. — Isso quer dizer que afinal não estava a imaginar coisas na sexta-feira. Eu *achei-vos* parecidas, mas depois pensei que era só na minha cabeça. A tua mãe chama-se Ines, não é? Ela também estava no programa.

Mina sentiu um calor no peito; fosse qual fosse o motivo para Vincent não a ter contactado, pelo menos não a esquecera. Até tinha estado nos seus pensamentos recentemente, há apenas alguns dias.

— Então tu... pensas em mim quando estás a ver televisão? — perguntou-lhe.

Vincent engasgou-se.

— Bem, quero dizer... ah... — gaguejou. — Isso soa um bocado... quero dizer, quando pões as coisas assim... não queria mesmo dizer que...

E ali estava ele, o Vincent que Mina recordava. Sempre com medo de meter a pata na poça.

— Calma, calma... — disse-lhe. — Estava a brincar contigo.

Vincent pareceu demasiado atordoado para conseguir responder.

— Aparecias mais vezes na minha televisão antes de a câmara de videovigilância que eu instalei no teu apartamento se ter estragado — disse Vincent.

— Credo, Vincent, muito *creepy*.

O mentalista ficou com um ar demasiado satisfeito.

— Seja como for — continuou Mina. — A minha mãe. Quero dizer, eu fico com urticária só de pensar nessas organizações. Fazer cursos de desenvolvimento pessoal numa quinta no meio do nada, isso a mim cheira-me imediatamente a seita. E foi o que disse à Nova, também.

— E o que é que ela respondeu?

— Que eles não são uma seita, obviamente. Mas eu estou mais interessada no que tu tens a dizer. Assumo que estás ao corrente do que ela faz, nem que seja como colega; ela também anda no mundo das palestras, tal como tu. Achas que devia ficar preocupada, por causa da Nathalie?

Vincent pareceu refletir um pouco antes de responder. O caminho fez uma curva apertada, conduzindo-os até ao grande anfiteatro do parque.

— Já me cruzei com a Nova algumas vezes em diferentes seminários e palestras, como disseste — explicou Vincent. — Ela tem uma visão interessante e única, acho eu, não há muita gente a fazer palestras sobre filosofia, hoje em dia. Mas não diria que nos conhecemos. E sei ainda menos sobre o Epicura.

— Está bem, mas sabes como a psique humana funciona. Melhor do que qualquer outra pessoa que eu conheço. Achas que aquilo vai fazer bem à Nathalie?

— Daquilo que sei, o Epicura organiza sobretudo cursos de liderança. E tirando o facto de parecerem ver a líder da organização como uma espécie de guru, os padrões clássicos das seitas não se encaixam ali. Para começar, até trabalham com desprogramação de pessoas que fizeram parte de seitas. E alguma autoajuda é mesmo apenas autoajuda. A Nathalie continua a poder dar-se com outras pessoas, espero eu, certo? Pode ir para casa quando quiser? E não começou a doar os seus bens pessoais, ou a mencionar o que a Nova acha em todas as opiniões que dá? Parece estar mentalmente stressada

e exausta? Cansada e instável?

— Como é que hei de saber? Não ouviste a parte em que te disse que ela vive com o pai? Não faço a mínima ideia, nós não temos contacto. Mas, se estamos a falar de uma adolescente, devemos assumir que cansada e instável é provavelmente o seu estado natural.

Chegaram ao anfiteatro e Vincent sentou-se num dos bancos de cimento. Abriu a sua mala e retirou duas garrafas de água do interior. Passou uma delas a Mina, que ficou a olhar fixamente para ela, a tentar não pensar em todas as mãos que teriam tocado na garrafa antes de acabar na mala de Vincent. Encostar a boca àquele gargalo era provavelmente a mesma coisa que lambeir as palmas das mãos de vinte pessoas desconhecidas. Vincent continuou a remexer na mala até encontrar um pacote de palhinhas. Mina suspirou de alívio e gratidão, abriu a garrafa, enfiou uma palhinha no gargalo e bebeu a água fresca. Teria preferido despejá-la sobre o rosto, de maneira a combater o calor, nem que fossem só uns pingos.

— Como todos os movimentos de autoajuda, o Epicura é certamente um bocado intenso — disse Vincent depois de beber um grande trago de água. — Mas se a Nathalie é como aquelas raparigas que andam à procura de algo, há movimentos muito piores onde ela podia ir parar. Ou o epicurismo fará sentido para ela, ou então vai acabar por se cansar. Mas não vejo nada nas ideias deles que pudesse ser prejudicial. Por outro lado, ela é demasiado nova, do ponto de vista mental, para um movimento daquele tipo, na minha opinião. As intenções da tua mãe são certamente boas, mas talvez seja melhor falares com ela. Vai até lá, vê por ti própria.

— Não dá — respondeu Mina, e baixou os olhos para a garrafa de água. — Antes deste fim de semana, a Nathalie nem sequer sabia que tinha uma avó materna. Ela ainda não sabe que tem uma mãe.

Mina sentiu-se imediatamente fraca, queria encostar a cabeça ao ombro de Vincent, precisava do seu apoio puramente físico, mas não tinham chegado a esse patamar, ela e Vincent. Ainda não. Talvez lá pudessem chegar, mas ainda não. Além de que não sabia o que ele

pensava sobre aquilo que ela acabara de dizer.

Vincent levantou-se e olhou à sua volta.

— Já agora, uma coisa que convém saberes sobre a Nova. Ela é uma pessoa de abraços. Só para que saibas — advertiu Vincent.

— Pois, obrigada. Essa informação ter-me-ia sido útil há algumas horas.

Por vezes, Mina perguntava-se se deveria mandar imprimir e usar camisolas com o *slogan* «*Respect! My body!*» da organização Save the Children. Como é que era possível ser tão difícil perceber que não era aceitável abraçar pessoas assim sem mais nem menos? Ou até ficar demasiado perto.

— Acho que ainda estou a cheirar ao perfume dela — acrescentou.

Vincent inclinou-se para a frente, como se estivesse a pensar cheirá-la, mas pareceu reconsiderar e deu um passo atrás.

— Gosto mesmo muito deste parque — disse, subitamente. — Sabias que foi um dos primeiros parques funcionalistas de Estocolmo? Desde o início que foi projetado levando em consideração a forma como as pessoas realmente o utilizariam, em vez de tentarem fazê-lo o mais bonito possível. Mais tarde, todos os parques e jardins começaram a ser desenhados assim, ao ponto de nos círculos arquitetónicos se ter começado a chamar-lhe o «Estilo de Estocolmo». Mas o Erik Glemme e o Holger Blom foram os primeiros a fazê-lo neste parque, logo nos anos trinta. Teatro ao ar livre em cimento, passeios públicos dispostos precisamente onde teriam surgido naturalmente. E sítios completamente planos. Olha ali ao fundo...

— E o que é que isso tem que ver com o Epicura? — perguntou Mina, mas acabou por olhar para a direção para onde Vincent apontava.

Um pouco mais ao longe, alguns jovens em tronco nu jogavam uma partida de futebol.

— Aquilo não teria sido possível se o espaço estivesse coberto de árvores, arbustos ou colinas — disse Vincent, satisfeito.

Aparentemente, a conversa sobre o Epicura estava esquecida, por enquanto. O Mentalista mergulhara na sua cabeça, como tantas vezes antes. Mina não conseguiu conter um sorriso; também se recordava daquele Vincent, um homem para quem a informação nunca era demasiada. Mina olhou para ele sem qualquer intenção de o interromper.

— Quem é que disse que os parques não devem ser práticos? — continuou Vincent. — Além disso, também há aqui umas estátuas bastante loucas.

— Passaste da Nova para arquitetura de parques para estátuas em dez segundos — comentou Mina. — Só para que saibas. Deve ser um recorde, até para ti. Quais estátuas?

— Anda.

Vincent começou a caminhar na direção dos jogadores de futebol e Mina não teve escolha a não ser acompanhá-lo.

Ao fundo do relvado havia realmente uma grande estátua de bronze. Parecia ter mais de três metros de altura, e, ainda assim, Mina nunca pensara nela antes. Protegeu os olhos do sol com a mão para conseguir ver a totalidade da estátua. Parecia uma tesoura afiada enfiada no solo, mas com um machado no topo. Ou então, assumiu Mina, uma criatura de duas pernas estilizadas com um machado em vez de cabeça.

— Há outras, mas esta é a minha preferida — disse Vincent. — Chama-se *Monumento ao Homem Machado*. Parece que o artista, Eric Grate, era bastante peculiar. Também fez uma escultura para o hospital Karolinska, que foi tão controversa que primeiro se recusaram a ficar com ela, mas mais tarde lá acabou por ser exposta na entrada principal. Esta aqui continua a ser um mistério. Ninguém sabe realmente o que ele pretendia, mas há teorias que dizem que é uma alusão a um estilo de vida pagão. Vês o falo no meio? Algumas pessoas acreditam que a estátua é uma prece à deusa da fertilidade.

Vincent olhou para o ferro do machado e pareceu perder-se nos

reflexos do sol no bronze. Mina percebeu que Vincent ainda não dera a explicação por terminada, mas aquela conversa era confusa até para os padrões de Vincent; desconfiou que tudo aquilo era uma forma de tentar falar sobre outra coisa. Sobre algo para o qual ainda não encontrara as palavras certas. Mina aguardou. Mas não aconteceu nada.

— A deusa da fertilidade, dizes tu? — comentou.

Vincent assentiu com a cabeça, sem tirar os olhos da estátua.

— Acho que a Maria está a ter um caso — disse ao fim de alguns segundos.

Mina não sabia o que esperara ouvir, mas certamente que não era aquilo.

— Com o Kevin — continuou Vincent. — Um homem que a tem ajudado a lançar o negócio.

Uma gargalhada curta, quase como um latido, escapou da boca de Mina antes de ela ter tempo de a parar.

— Desculpa — disse. — Kevin? Isso soa a instrutor de ténis.

Vincent não sorriu.

— Queres que investigue quem ele é, só de passagem? — perguntou Mina. — Não sei o que é que posso fazer, mas...

— Não, de modo nenhum — disse Vincent, olhando para ela com os olhos arregalados. — Não quero saber nada. Já chega da estátua?

Mina assentiu com a cabeça e começaram a passear pelo parque novamente.

— Porque é que não queres saber? — perguntou-lhe, e bebeu a água pela palhinha.

Vincent encolheu os ombros. Apesar do calor abrasador, Mina gostava de andar a passear com ele; podia fingir que estavam ali por razões mais agradáveis do que pelo desmoronamento do seu castelo de cartas cuidadosamente construído ao longo dos últimos dez anos e por Vincent estar a caminho de perder a mulher.

— Se ela estiver a ter um caso, isso vai resultar numa de duas coisas — disse Vincent. — Ou vai servir de trampolim para ela sair da nossa relação e me deixar por ele, e, se for assim, vou ficar a saber do caso quando isso acontecer. Claro que me vou sentir desiludido e enganado, mas não preciso de me sentir assim durante tanto tempo como se tivesse sabido de antemão. Não há necessidade de sofrer por antecipação se, de qualquer forma, isso vai acontecer. Ou então acontece que, por algum motivo, ela precisa de ter este caso neste momento da vida dela, mas, no final, vai trazê-la de volta para a nossa relação. Se for essa a situação, o melhor é eu não saber de nada. A aventura amorosa talvez fortaleça a nossa relação, do ponto de vista dela. Mas, se eu souber disso, não vou ser capaz de ultrapassar, e aí há o risco de ser eu a estragar a relação, quando na verdade ela podia ter ficado bem outra vez.

Continuaram a caminhar os dois em silêncio. Mina não conseguia determinar se o que Vincent dissera era a coisa mais lúcida que ouvira em muito tempo, ou se ele era consideravelmente mais limitado emocionalmente do que ela imaginara. Uma coisa era a dificuldade que ela própria tinha em deixar pessoas entrarem na sua vida, mas o que Vincent estava a dizer levava a crer que nem sequer ficava afetado pela sua mulher. Seria realmente possível ser tão racional como ele afirmava? E o que acontecia então com o amor?

— Desculpa se estiver a meter-me em coisas com que não tenho nada a ver — disse Mina. — Mas não queres pelo menos saber se ela é uma pessoa assim? Uma pessoa capaz de ter um caso amoroso, quero dizer.

Estavam quase a chegar à ponte Lilla Västerbron, e o *skatepark* por baixo da ponte estava repleto de pessoas a andar de *skate*. As rodas chocalhavam ruidosamente contra o betão e misturavam-se com a música *hip hop* que jorrava de várias colunas portáteis. Mina e Vincent olharam um para o outro, franzindo o nariz, viraram costas e começaram a caminhar de volta para a zona do parque por onde tinham entrado.

— Sabes uma coisa? — disse Vincent. — Acho que a maior parte das pessoas é capaz de quase tudo. É só uma questão de em que momento é que somos capazes. Não somos pessoas estáticas, a maioria das nossas células é substituída regularmente; há apenas três semanas, a camada exterior da tua pele era completamente diferente daquela que tens hoje. O nosso cérebro forma novas células em três meses. Do ponto de vista puramente físico, não és a mesma pessoa hoje que eras há cinco anos, ou que vais ser daqui a uns meses. A mesma coisa acontece com opiniões, valores e pensamentos. A Mina que tu és hoje é capaz de coisas que a Mina de há cinco anos não teria conseguido fazer.

Como saltar para dentro de um contentor cheio de martas mortas, pensou Mina para si própria. Não que estivesse a pensar alguma vez na vida repetir essa proeza, mas percebeu o que Vincent dizia.

— Do ponto de vista das probabilidades, pelo menos uma de todas as versões da Maria com quem vou estar casado também vai ser aquela que é capaz de ter um caso — continuou Vincent. — Mas não ganho nada em saber se é a versão dela que ela é neste momento. Porque a próxima versão da Maria pode não ser, ou então não é capaz agora, mas a próxima Maria é aquela que escolhe viver com outra pessoa. Percebes o que quero dizer? A única coisa que posso saber neste momento é sobre a Maria atual, mas isso é bastante desinteressante, porque vou viver o resto da minha vida com diferentes edições da Maria do futuro.

— Isso é um bocado... peculiar — disse Mina. — Tens a certeza de que essa conversa sobre não te importares e não queres saber não é só porque até seria um bocado conveniente que ela tivesse um caso com o Kevin, tendo em conta o que fizeste com a tua ex-mulher no restaurante Gôndola, há dois anos?

Vincent empalideceu.

— Bem, espero mesmo que o potencial caso amoroso da Maria seja menos odioso do que isso. Mas claro, pode ser. Não há dúvida de que estou em falta.

Chegaram ao final do parque e começaram a dirigir-se de volta para a sede da Polícia. A garrafa de água estava vazia e Mina atirou-a para um caixote de lixo. Talvez devesse contar a Vincent sobre Amir, uma vez que ele tinha sido tão honesto em relação a Maria. Ao mesmo tempo, ficou nervosa só de pensar em contar-lhe, apesar de Vincent não ter nada que ver com isso. Por outro lado, queria que ele soubesse.

— A propósito de a Mina de hoje não ser a mesma Mina de antes — disse, aclarando a garganta. — Não vais acreditar nisto, mas tenho um *date*.

Mina sentiu Vincent ficar rígido e tenso ao seu lado. Apenas por uns segundos.

— Quem é o sortudo? — perguntou.

— Chama-se Amir e é jurista. Não sei muito mais do que isso. Falámos no *chat* e depois... Enfim, na verdade, não sei bem como é que aconteceu. Mas vamos encontrar-nos.

A temperatura estava mais quente na rua do que no parque, o calor ricocheteava contra as paredes e o ar ondulava sobre o asfalto da estrada.

— Já ouviste falar de *fovea centralis*, o ponto focal do olho? — perguntou Vincent. — Ele capta informação de uma área bastante limitada. Por exemplo, para conseguirmos ver as casas do outro lado da rua, o teu ponto focal move-se constantemente, como se estivesse a olhar para todas as peças de um *puzzle*, uma de cada vez. Depois o cérebro constrói o *puzzle* completo. Mas o teu olho não teve tempo de ver todas as peças, então o cérebro «preenche» alguns espaços por conta própria. Uma grande parte do que tu vês daquelas casas é, na verdade, só o teu cérebro a assumir que elas se parecem assim.

Mais uma vez, o cérebro de Vincent fugira numa direção completamente imprevisível. De certa forma, Mina compreendia Maria; era certamente muito mais fácil falar com o tal Kevin. Mas também muito mais entediante.

— Acabaste de mudar de assunto outra vez? — perguntou-lhe. — Subtil, Vincent. Não tínhamos já falado sobre aquilo do teu treino de capacidades sociais?

— Não, claro que estou a falar sobre o teu encontro — respondeu Vincent. — Estás a perceber? É que quando olhamos para o rosto de alguém, funciona da mesma maneira, o ponto focal move-se em triângulo entre os olhos da outra pessoa e a ponta do nariz, de forma a abranger todo o rosto. Mas quando começamos a sentir-nos atraídos por alguém, também começamos a interessar-nos por... ah... não há nenhuma maneira boa de dizer isto, mas... partes do corpo inchadas e húmidas. Tu percebes...

Mina olhou de relance para o mentalista, que, subitamente, parecia muito interessado a limpar a sujidade inexistente nas suas unhas.

— Vincent, estás a corar?

— Seja como for — disse Vincent, aclarando a garganta. — Os lábios são precisamente uma dessas partes do corpo. Principalmente quando são tão vermelhos como os teus. Ou seja, quero dizer, se o... Amir, era o nome dele, não era?... Se o Amir se sentir atraído por ti, podes confirmar isso se o olhar dele começar a descer dos teus olhos para a tua boca, em vez do teu nariz. A boca torna-se erótica e...

— Ah... Vincent, já é demasiada informação! — exclamou Mina, e deu um passo atrás, afastando-se de Vincent com um horror fingido. — Além de que não é um *date* a sério, vamos encontrar-nos no Museu do Mediterrâneo. A meio do dia!

Estavam a aproximar-se da esquadra. As fotografias de Lilly e Ossian esperavam-na lá em cima, mas não iria chegar a lado nenhum com elas. Desejava que Vincent e ela tivessem ficado no parque a falar mais sobre as estátuas.

Vincent chamou um táxi através de uma aplicação no telemóvel e o carro foi ao seu encontro na porta principal da esquadra. Mina observou-o em silêncio quando ele abriu uma das portas traseiras. Não tinham tido qualquer contacto durante quase dois anos, nem sequer

por mensagens escritas. Agora era como se todos aqueles meses não tivessem existido, como se ela e Vincent tivessem continuado a conviver. Mina estava contente por ele estar de volta. Muito, muito contente por isso. Ao mesmo tempo, Vincent já estava de partida. Respondera às suas perguntas sobre Nova e ela tinha de voltar para o trabalho, mas não queria que o momento chegasse ao fim. Ainda não. Tentou desesperadamente lembrar-se de um motivo para mantê-lo ali, mas não encontrou nenhum.

— Vou investigar o Epicura um pouco melhor, se quiseres — disse Vincent. — Mal não pode fazer. E acho que deves falar com a Nathalie de alguma maneira; não tenho bem a certeza de que as formações de liderança sejam apropriadas a uma adolescente. Mas olha... Mina? — Vincent virou-se para ela com uma sobrancelha erguida. — *Fovea centralis*. É só o que te digo.

— Não estavas a ir para casa? — retorquiu Mina, cruzando os braços.

Vincent riu-se, entrou no carro e fechou a porta, e o táxi partiu. Mina ficou a olhar para o carro até este dobrar a esquina e desaparecer. Uma parte dela desapareceu com Vincent. Devia ter-lhe pedido para ficar. Por nenhum motivo em especial. Apenas que ficasse.

Porém, não o fizera. Claro que Vincent tinha razão em relação a Nathalie; se a filha não voltasse do centro antes do fim de semana, Mina iria lá buscá-la pessoalmente e arriscaria a fúria do pai de Nathalie. Se ele tivesse problemas com isso, ele que lá fosse buscá-la então. Afinal de contas, Nathalie estava em período de férias de verão e Mina confiava o suficiente na mãe para as deixar em paz mais alguns dias. Tinha outras coisas em que pensar.

— *Fovea centralis* — disse para si própria, e estremeceu.

Encontros. Que maldita invenção.

O ambiente na sala de reuniões não estava melhor no final do dia do que estivera durante o fim de semana. Além disso, a temperatura na sala estava, se é que é possível, ainda mais quente.

Os pensamentos de Mina continuavam a girar à volta do encontro com Vincent. A sensação com que ficara era ao mesmo tempo familiar e de uma ligeira preocupação. Assumira que Vincent seria precisamente a mesma pessoa de antes, mas ele próprio salientara que todas as pessoas se renovam constantemente. Talvez o novo Vincent não a compreendesse tão bem como antigamente. Talvez fosse alguém que ela própria teria dificuldade em compreender. Porém, não fora isso que sentira. Sentira-se precisamente como antes. Ou quase. Tinha esperança de que isso fosse verdade também para ele.

— Ouçam — disse Julia, abanando-se com um papel que tinha na mão —, sei que estão cansados. Os acontecimentos do fim de semana drenaram-nos a energia a todos, e hoje passei o dia inteiro a fugir da comunicação social. Por enquanto, estão ocupados com a história de sucesso sobre a rapariga que encontrámos na sexta-feira, mas também são como cães de caça a farejar uma presa. E a regra de ouro do jornalismo diz que tudo o que é elogiado também deve ser criticado; elevam aos píncaros para depois deitarem abaixo. É apenas uma questão de tempo até descobrirem que o Ossian foi encontrado morto. E que nós não temos qualquer pista. Se os *media* tivessem levado a deles avante no caso da Lilly, vários agentes da Polícia teriam sido demitidos na hora. Mas, felizmente, não é a comunicação social que decide.

Bosse comia avidamente de uma nova tigela de metal brilhante no canto da sala. Julia cumprira a sua promessa. Mina fez o seu melhor para não prestar atenção à forma como o cão remexia a comida com a sua língua carnuda, ou como os pelos que se soltavam do seu corpo rodopiavam no ar. Só faltava Christer trazer um cesto para a sala de reuniões para o cão dormir.

— Dito isto, não podemos dar-nos ao luxo de cometer erros. Desta vez, vamos encontrar a pessoa, ou pessoas, responsáveis. Enquanto

esperamos pelo relatório da autópsia, podemos rever outra vez todas as informações sobre a morte da Lilly Meyer. Começamos pela família mais próxima; de certeza que estão fartos da Polícia, mas não temos escolha. Eu e o Peder já falámos com a mãe; foi... uma experiência e tanto. Ela mantém a história do julgamento, que foi o pai da Lilly, o Mauro, quem a matou. Mina e Ruben, falam vocês com o pai; ele esteve em viagem durante o fim de semana, mas volta hoje, ao fim do dia. Assegurem-se de que a primeira coisa que fazem na terça de manhã é falar com ele. Amanhã, portanto.

— E eu? — perguntou Christer.

— A base de dados, claro — apressou-se a responder Julia. — Não, está bem, precisamos de investigar a descrição dos raptos da Lilly, o tal casal mais velho que alguém disse ter visto nas proximidades do jardim de infância. É responsabilidade tua. Mas depois disso preciso que verifiques a base de dados. Alguém tem de o fazer, já sabes.

Christer começara a esboçar um sorriso, mas retomou o seu ar sombrio.

— Acho que esta sala está a precisar de endorfinas — comentou Peder. — Para podermos fazer melhor o nosso trabalho. — Uma melodia estridente começou a tocar no telemóvel que tinha na mão. — Isto são as trigémeas quando estão a cantar a música do...

— Já sabemos! — gritou Ruben, dando uma palmada na mesa. — O Festival Eurovisão da Canção já foi há cinco meses. Cinco... meses! Desde essa altura que andamos a ouvir essa gravação. Quando é que vais parar?

Peder olhou para a mesa, envergonhado.

— Só queria tentar animar-vos — murmurou.

— E é uma tentativa meritória — disse Julia. — Qualquer coisa que possa facilitar o nosso trabalho é bem-vinda. Exceto, talvez, as coisas que parecem aumentar os níveis de *stress* aqui dentro. O que dizes de pormos de parte a atuação das trigémeas até ser realmente preciso?

Peder assentiu com a cabeça, um pouco mais contente.

— Onde é que eu ia? — continuou Julia. — Ah, sim. Além de voltarmos a olhar para o caso da Lilly Meyer, também podemos precisar de alargar horizontes no que diz respeito a potenciais perpetradores. Uma vez que as descrições dos raptadores são tão diferentes, é tentador pensar que os casos não estão relacionados entre si, mas têm demasiadas semelhanças para eu acreditar nisso. O Adam realçou isso desde o início e, depois da descoberta de sábado, estou inclinada a concordar. Ambas as crianças têm a mesma idade, foram raptadas a meio do dia sem ninguém se dar conta de algo de errado, estiveram as duas desaparecidas durante três dias e depois foram encontradas mortas sem ferimentos visíveis no corpo. Não pode ser uma coincidência. Mas a suposição de que, nesse caso, haveria pelo menos três pessoas diferentes por trás dos dois sequestros levanta novas questões sobre quem elas são e os seus motivos. Não consigo pensar em mais nenhum caso semelhante, pelo que temos de investigar isso melhor. Adam?

Adam aclarou a garganta e todos os olhos se viraram para ele.

— Como já devem saber, neste momento a sede da Polícia não tem nenhum psicólogo criminal — disse Adam. — Não desde que o Jan Bergsvik nos deixou...

— Foi mandado embora — interrompeu Ruben, com uma tosse fingida.

— ... optou por se demitir — continuou Adam, com um pequeno sorriso nos lábios. — Por isso, tomei a liberdade de entrar em contacto com um especialista em comportamentos extremos, porque independentemente de estarmos a lidar com os mesmos ou com diferentes perpetradores, não é possível classificar este comportamento como outra coisa que não extremo. Com um pouco de sorte, este especialista poderá ajudar-nos a perceber como é que as pessoas com quem estamos a lidar funcionam. Como pensam.

— Então, porque é que não ligamos ao Vincent? — perguntou Mina, entusiasmada. — Se de qualquer maneira vamos contratar um consultor externo...

Adam não podia simplesmente escolher uma pessoa qualquer, não quando podiam recorrer a Vincent.

— Quem? — perguntou Adam, com ar confuso.

— O Vincent Walder — esclareceu Julia. — Ele ajudou-nos com um caso há uns tempos, em que depois acabou por se mostrar que a irmã dele estava envolvida.

Adam assobiou entre dentes.

— Ah, esse, sim. Pois, já me lembro.

— Para responder à tua pergunta, Mina, o Adam já contactou o perito. Que tal esperarmos para ver no que é que isso dá primeiro, antes de avançarmos para o Walder. O Vincent é bom, mas torna-se tudo muito mais... peculiar... quando ele está envolvido — disse Julia.

Mina assentiu com a cabeça, apesar de não concordar minimamente. Tinha acabado de deixar Vincent ir-se embora e sentia-se arrependida a cada segundo que passava. Além de que Vincent salvara-lhe a vida; provavelmente não poderia dizer o mesmo sobre fosse quem fosse que Adam tivesse contactado.

— Além de que o meu contacto também é especialista em comportamentos de grupo, principalmente em formas extremas, como disse — acrescentou Adam.

— Comportamentos de grupo? — perguntou Peder.

— Sim, é uma ideia nova — confirmou Adam, com um gesto da cabeça —, mas quero testá-la convosco. Até agora, temos estado a assumir que o homicídio do Ossian ou foi cometido pela mesma pessoa que assassinou a Lilly, ou então por alguém que copiou esse caso, um *copycat*. Mas eu tenho uma terceira sugestão, que mais facilmente explicaria o facto de termos descrições tão diferentes dos raptos, ao mesmo tempo que temos um *modus operandi* praticamente idêntico nos dois homicídios.

Adam fez uma pausa e olhou para os colegas. A única coisa que se ouvia na sala era o ofegar de Bosse.

— Podemos estar a lidar com um grupo organizado de pessoas — prosseguiu Adam. — Acho que os nossos sequestrados se conhecem.

Ninguém disse nada. A ideia era absolutamente terrível. No entanto, tal como Adam dissera, era uma boa explicação.

— Como estou sempre a repetir — disse Julia —, não podemos excluir hipótese nenhuma. E não há dúvida de que essa linha de pensamento é bastante interessante.

— Só queria mencionar isso, porque assim também podemos fazer outro tipo de perguntas à pessoa que eu vou trazer cá — disse Adam. — Na verdade, ela tem aparecido bastante na comunicação social nos últimos tempos, por isso a maior parte de vocês deve saber quem ela é. Tive a sorte de conseguir apanhá-la quando ela tinha uma vaga na agenda, por isso vem cá já na quarta-feira de manhã. Chama-se Jessica Wennhagen, mas é mais conhecida como Nova.

Mina olhou fixamente para Adam. Não era possível.

Nathalie não compreendeu para onde estavam a ir. A avó não lhe dera mais explicações; limitara-se a levar Nathalie para um carro que estava estacionado atrás do cercado onde se encontravam os cavalos. Ao início, pensara que o lugar que a avó mencionara ficaria nas proximidades, mas já estavam na estrada há pelo menos meia hora. O homem que conduzia o carro chamava-se Karl, era alto e louro, com um sorriso radiante, e irradiava a mesma calma que todas as outras pessoas que Nathalie vira no Epicura. Algo que a deixava com inveja.

Nathalie também gostaria de se sentir assim tão satisfeita, em vez de ter um pai superprotetor, uma avó materna desconhecida e amigos obcecados com o que os outros pensavam deles. Mas aquele Karl certamente também teria coisas na vida que o preocupavam ou irritavam, não? Se assim fosse, não se notava nada. E a verdade era que, apesar da fome, o ambiente no Epicura começara a contagiá-la; há muito tempo que não se sentia tão calma e contente como nos últimos dias.

— Então, o que é esse «círculo mais íntimo» de que estavas a falar? — perguntou à avó, que ia sentada no banco da frente.

Antes de a avó ter tempo de dizer alguma coisa, a mulher que ia sentada ao lado de Nathalie no banco traseiro respondeu.

— Aquilo que a Nova ensina no Epicura é só o primeiro passo. E para as pessoas que procuram os cursos dela é mais do que suficiente — disse a mulher. — Mas se quisermos realmente compreender o legado do John Wennhagen, é preciso mais do que isso. A Ines está a dar-te uma grande prova de amor, ao iniciar-te antecipadamente. Por norma, demora-se muitos anos a atingir o círculo mais íntimo. Chamo-me Monica, já agora.

— John Wennhagen? — perguntou Nathalie. — Não estou a perceber. O nome do avô da Nova não era Baltzar?

Ines virou-se para o banco de trás e olhou para Nathalie. O seu olhar estava repleto de segredos, mas também de promessas.

— O John era o pai da Nova — disse Ines. — O único que realmente

compreendia. Nós seguimo-lo.

Prosseguiram viagem por um caminho de floresta mais estreito. As árvores passavam a voar e os raios de sol vacilavam, inconstantes, por entre os troncos. Um pouco mais à frente, Nathalie vislumbrou um edifício maior e, subitamente, apercebeu-se de que ninguém sabia onde ela estava. Nem ela própria, nem sequer o pai.

— Tudo é sofrimento, a dor purifica — disse a avó no banco da frente, e puxou o elástico à volta do pulso com força.

— Tudo é sofrimento, a dor purifica — murmuraram Karl e Monica em uníssono.

— Descobriram... descobriram mais alguma coisa? Sobre a Lilly...
— A diretora do jardim de infância procurou ansiosamente o olhar de Christer. — É por isso que está aqui? Eu sei, já passou um ano, mas pensei que... Nunca perdemos a esperança de um dia termos respostas. Ou é... sobre aquele menino?

Christer demorou a responder. Aquela era uma das coisas difíceis no seu trabalho, o não ser capaz de dar as respostas que as pessoas com quem se encontrava precisavam. O desaparecimento de Lilly continuava a ser uma ferida aberta no jardim de infância, para todos os funcionários e para as crianças que o frequentavam. Assim como para os pais. Christer compreendia isso, ninguém ficara indiferente. E todos queriam respostas para o que acontecera. Respostas que ele ainda não podia dar-lhes. Na verdade, só tinha ainda mais perguntas para fazer.

— Não posso fazer comentários sobre uma investigação em curso — acabou por dizer, optando pelo caminho cobarde. — Mas talvez seja melhor falarmos algures com mais privacidade.

Aquela era a resposta padrão, rígida, impessoal e com uma distância clara da pessoa com quem estava a falar.

— Aqui está bem, as crianças estão distraídas, ninguém nos ouve. E tenho de ajudar a controlá-las; toda a equipa é necessária quando estamos cá fora.

A diretora, que se chamava Johanna, olhava constantemente à volta do pátio cheio de crianças com um olhar perscrutador.

— As mesmas pessoas que levaram a Lilly levaram também o menino? — perguntou.

— Não posso...

Christer deixou as palavras suspensas no ar. *Bosse* corria de um lado para o outro, como um cachorrinho brincalhão entre as crianças felizes. Quando chegou, Christer prendera-o do lado de fora, mas, assim que as crianças se agruparam à volta da cerca, um dos funcionários perguntara-lhe se ele poderia deixar o cão entrar e

cumprimentar as crianças. A felicidade de *Bosse* extravasara; era um cão que gostava de toda a gente, mas sobretudo de crianças.

— Como lhe disse, gostaria de falar com os professores que estavam a trabalhar no dia em que a Lilly desapareceu. Por vezes, a nossa memória é estranha; tanto pode tornar-se mais nítida com o tempo, como mais vaga. E nós... não queremos deixar nada ao acaso.

— Vou chamá-los — assentiu Johanna, e levantou-se do banco onde estavam sentados. — Mas chamam-se «educadores». Leopold! Aysha!

Um jovem e uma mulher mais velha viraram-se e dirigiram-se para eles. A sua postura tensa evidenciava que já sabiam do que se tratava. Um pouco mais longe, uma criança soltou um grito alto e zangado, pegou numa mão-cheia de areia e atirou-a à cara de um menino ao seu lado. Um dos educadores aproximou-se rapidamente e resolveu a situação. As crianças já brincavam alegremente uma com a outra de novo antes de Leopold e Aysha chegarem ao pé de Johanna e Christer.

Se ao menos fosse assim tão fácil no mundo em que Christer vivia...

Christer cumprimentou os dois funcionários, que se sentaram num banco ao lado do deles. A diretora Johanna desculpou-se e deixou-os sozinhos.

— É sobre a Lilly? — perguntou a mulher mais velha.

— Foi o mesmo casal que levou aquele menino? — perguntou o jovem, continuando a observar atentamente as crianças no pátio.

— Não posso fazer comentários sobre o caso — disse Christer pela segunda vez em pouco tempo.

Bosse foi ter com eles para uma breve saudação e Christer afagou-o atrás das orelhas, antes de o cão correr de volta para os seus novos amigos, com a língua pendurada.

— O seu cão é um sucesso — comentou Aysha, sorrindo com os seus calorosos olhos castanhos.

Uma menina aproximou-se da educadora para que ela a ajudasse a prender o chapéu.

— Vocês devem estar completamente exaustos ao final do dia — comentou Christer, observando o mar de crianças que pareciam correr em todas as direções, com um nível sonoro que fazia os tímpanos contraírem-se.

— Sim e não. É realmente muito intenso, mas também é divertido — disse Leopold, recostando-se no banco.

— Do que é que se lembram do dia em que a Lilly desapareceu?

Christer pôs fim à conversa de circunstância e foi direto ao assunto que o levava ali. Tempo não era algo que pudesse desperdiçar.

— Foi um dia absolutamente normal, não aconteceu nada de invulgar. Nada que nos tivesse feito reagir. Tanto eu como a Aysha vimos o casal passar, mas não pensámos mais nisso. Tinham um ar normal.

— Era um casal mais velho absolutamente normal — concordou Aysha. — Tinham os dois cabelo grisalho. O dele curto, o dela pelo queixo, assim em... *bob*, se sabe do que estou a falar.

— E óculos — acrescentou Leopold.

Um menino pequeno com calções demasiado grandes caiu de cara no chão precisamente à frente de Christer e começou a chorar. Leopold levantou-se rapidamente e pegou-o ao colo, confortou-o, limpou-lhe a areia da roupa e mandou-o embora para brincar novamente depois de ele se acalmar.

— Nada que se tenha destacado? — perguntou Christer.

Até agora não tinham dito nada que ele ainda não tivesse lido nos relatórios.

— Não. Pareciam-se com... qualquer outro avô e avó. Vemos muitos todos os dias. E aqueles dois não tinham nada de estranho, nada mesmo. E nós não vimos o rapto propriamente dito; foram algumas das crianças que, por não estarmos a encontrar a Lilly, disseram que achavam que o senhor e a senhora a tinham levado. Mas também já sabemos como é que são as crianças.

— E como é que sabiam que estavam a referir-se ao mesmo casal que vocês tinham visto antes?

— Algumas das crianças descreveram um casaco lilás — disse Aysha. — E era o que a mulher que eu e o Leopold vimos estava a usar, por isso assumimos que se tratava da mesma pessoa. Não é uma cor muito habitual numa peça de roupa.

— E nunca os tinham visto por aqui antes? Nem com a Lilly nem com nenhuma das outras crianças? Ou de todo, a andar por aqui?

Ambos abanaram a cabeça.

— Claro que não posso dizer com cem por cento de certeza — disse Leopold. — Mas que me lembre, não.

— Eu também não — concordou Aysha.

Christer refletiu alguns minutos. Fora um tiro no escuro; tanto Leopold, como Aysha, como os outros funcionários tinham sido detalhadamente interrogados no dia do desaparecimento. Assim como várias das crianças.

— OK, não vos vou incomodar mais — disse Christer, e levantou-se.

As suas articulações estalaram; o calor intenso fizera com que as calças lhe ficassem coladas às coxas. Christer assobiou para *Bosse*, que primeiro fingiu não ouvir, mas, depois de mais alguns assobios e uma ordem severa, o cão aproximou-se, a arrastar-se relutantemente, com uma cauda de crianças barulhentas atrás de si.

— O cãozinho não ir para casa — disse uma menina pequena, com o cabelo louro preso em dois totós e uma *T-shirt* com uma princesa num turbilhão de flocos de neve.

— O cãozinho tem mesmo de ir para casa, temos de trabalhar — respondeu-lhe Christer, prendendo a trela à coleira de *Bosse*.

Primeiro o cão recusou-se a mover-se, e quatro crianças abraçaram-se ao seu corpo. Os olhos arregalados de *Bosse* como que suplicavam.

— Não, temos de ir embora agora.

Christer puxou novamente a trela e *Bosse* moveu relutantemente as

patas em direção à saída, mas ainda com as crianças agarradas ao seu pelo dourado.

— Têm mesmo de soltar o cãozinho, ele vai para casa — disse Christer.

Pelo canto do olho, viu que Leopold e Aysha o observavam, divertidos. Continuou a puxar a trela e, quando *Bosse* finalmente acelerou o passo, as crianças foram forçadas a soltá-lo. Assim que atravessaram o portão, *Bosse* virou-se saudosamente para trás, para um último olhar antes de saltar para dentro do carro, taciturno.

— Sim, fala a Mina?

O telemóvel mostrava apenas um número privado, mas Mina atendeu de qualquer maneira, com a esperança de que não fosse a pessoa que pensava que seria.

— Sou eu — disse uma voz masculina.

Mina suspirou, claro que era ele. Quem mais lhe ligaria à noite?

— Conseguiu falar com ela? — continuou o pai de Nathalie. — E que raio de barulho de fundo é esse?

— É o ar condicionado. E já lhe liguei, mas ainda não falei com ela.

— Então está decidido. Já é segunda-feira e ela ainda não voltou para casa. Vou mandar alguém ir buscá-la. Isto não é aceitável.

Mina obrigou-se a respirar fundo algumas vezes antes de responder.

— Não faças isso, por favor — disse, tentando soar mais segura do que estava.

Por momentos, sentiu-se como se ele estivesse ali, no seu apartamento. Como se ele tivesse invadido o oásis puro que ela criara. O apartamento era o seu escudo, a sua segurança, a sua armadura. Mas ele conseguia entrar exatamente onde queria, como sempre acontecera.

Ele ficou em silêncio, à espera de uma explicação de Mina.

E o que é que ela haveria de dizer? Que Nathalie sempre fora a coisa mais importante do mundo para ela? Que mesmo nos piores momentos, quando estivera profundamente doente, fora a memória de Nathalie que lhe dera força? Que o acordo que tinham feito sobre ela deixar a família pelo bem de Nathalie quase a matara? Não havia palavras que a pudessem ajudar, Mina sabia disso. Ela era adulta e responsável pelas suas ações. Mas, por amor de Deus, tinha estado doente! Se ele pudesse compreender pelo menos isso...!

— Sei que não te posso dizer o que deves fazer — disse Mina, baixando o tom de voz. — Ou como deves lidar com isto. Sei que perdi esse direito. Mas, desta vez, foste tu que vieste ter comigo, foste

tu que me pediste ajuda. Por isso, dá-me tempo. Acho que entrar por ali adentro neste momento pode causar danos sérios. E a Nathalie tem o direito de fazer perguntas, tem o direito de querer saber. E precisa de tempo. Fomos nós que escolhemos esconder a verdade, não foi ela que escolheu viver numa mentira. Por isso, não faças nada imprudente, por favor. Dá-me uma oportunidade de tratar disto primeiro, e, se não confias em mim, talvez possas confiar na Nathalie.

Mina ouviu o pai de Nathalie respirar pesadamente ao telefone, como sempre fazia quando ponderava algo intensamente. Sabia que ele acabara de desenhar duas colunas na sua mente, uma com os prós e outra com os contras. A respiração profunda revelava que os sopesava cuidadosamente, ora uns, ora outros. Mina ficou surpreendida por ainda o conhecer tão bem, por as palavras perdidas nas entrelinhas ainda lhe serem tão familiares.

— Fazemos como tu queres — acabou por dizer. — Vou aguardar.

— Obrigada.

Aliviada, Mina afundou-se no sofá.

O pai de Nathalie ficou em silêncio e Mina ponderou dizer algo mais. O sentimento de culpa levava-a a querer dizer alguma coisa, fosse o que fosse, algo que pudesse fazê-lo compreender. Mesmo que fosse pouco e tarde demais. O momento veio e foi-se, o pai de Nathalie desligou a chamada.

Mina olhou para a televisão de testa franzida e tentou perceber o programa que estivera a ver antes de o telemóvel tocar. Não que conseguisse ouvir alguma coisa do que estavam a dizer, com o barulho ensurdecedor dos dois grandes aparelhos de ar condicionado em que investira. Um para a sala e outro para o quarto. As máquinas sopravam ar frio para dentro de casa e puxavam o ar quente para o exterior, através de uma mangueira grossa que Mina enfiara numa fresta da janela. Como resultado, o seu apartamento era o único lugar onde ela não transpirava. E adorava aquilo. Em contrapartida, mal conseguia ouvir os próprios pensamentos.

Os participantes do programa de televisão andavam de um lado para o outro aos pares, com sorrisos nervosos para a câmara, sem conseguirem despertar minimamente o interesse de Mina. Pessoas emparelhadas por especialistas e que depois se encontravam pela primeira vez diante de um altar.

Por amor de deus, aquela vontade compulsiva da sociedade de juntar as pessoas em casais, como se estar sozinho fosse uma doença que devia ser erradicada a todo o custo, mas sempre num quadro muito estrito. Teria sido com a Bíblia que se estabelecera como verdade o casal ser a norma? Teria começado com Adão e Eva e quando os animais embarcaram aos pares na arca de Noé? Hoje em dia, a arca das pessoas chama-se Tinder. Aplicações de telemóvel em que as pessoas se agarram desesperadamente à esperança de não se afogarem na solidão. Como se a solidão fosse perigosa.

A história sobre Adão e Eva também evidenciava logo as falhas na lógica à volta da união em casal. Havia sempre uma cobra no paraíso. Mina perguntou-se quantos dos casais na televisão se mantiveram juntos sequer até ao programa ser transmitido. Nenhum, foi o seu palpite, a julgar pelo ambiente gelado entre a maior parte deles. O amor não podia ser criado a partir da lógica, não havia nenhum código matemático do amor para decifrar. Era uma das poucas coisas que Mina sabia sobre o amor.

Perguntou-se o que Vincent teria a dizer sobre aquele assunto. Certamente muita coisa, explicando com um ou outro diagrama. Teria gostado que ele fosse chamado como consultor do grupo para ajudar no caso de Ossian, em vez de Nova. Principalmente tendo em consideração a situação com Nathalie. Poderia tornar-se complicado. Mina tivera de suportar Nova mais do que o suficiente na sua vida.

Deviam ter optado por Vincent.

Mina mudou de canal, para um programa com pessoas famosas que competiam umas contra as outras em perguntas de cultura geral. Muito melhor.

Vincent.

Vincent também conseguira entrar ali, no seu forte. Porém, fora diferente; ela é que o deixara entrar, tinha sido uma escolha sua. E Vincent compreendera. Deixara-a ser como ela precisava de ser. Sentira-se... bem, quando Vincent estivera ali. E sentira-se bem quando se encontraram no parque. Talvez bem demais. Pois sabia como isso podia correr. Era melhor assim, quando estava por si só no seu forte. Sozinha.

Sozinha era forte.

Vincent apoiou-se ao tronco da árvore com uma mão. Na outra tinha um pau que encontrara no chão, com o qual tentava raspar a lama do sapato. Tendo em conta que não chovia há várias semanas, o calor do verão deveria ter deixado o solo da floresta completamente seco. Inflamável, até. Mas claro que Vincent conseguira encontrar aquele que era provavelmente o único metro quadrado de lama num raio de dezenas de quilómetros e tinha mesmo de pôr lá o pé.

Por sorte, escolhera um par de ténis em vez dos sapatos de couro que normalmente usava; esses certamente não teriam sobrevivido. Mas ténis brancos talvez também não tivessem sido a melhor escolha.

O plano era dar um passeio pela floresta de manhã, para respirar um pouco de ar puro e ter espaço para pensar. Uma vez que vivia praticamente no meio da floresta, era escandaloso o pouco tempo que passava nela. Mas nunca era tarde demais para começar. Era verdade que na floresta não tinha a oportunidade de observar outras pessoas, como podia fazer quando caminhava pela cidade, mas sabia que havia investigação científica na área da psicologia e da biomedicina que demonstrava que as experiências na natureza diminuía os níveis de hormonas de *stress* e faziam baixar a tensão arterial. Até havia terapia florestal, hoje em dia. E se havia alguma coisa de que estava a precisar depois do dia de ontem era de se acalmar. Recuperar o controlo.

Era por isso que estava ali, encostado a uma árvore, a dar uma oportunidade à floresta. E claro que *era* bonita, agradável. O problema era que não conseguia realmente concentrar-se.

Porque tinha estado com Mina.

Há apenas um dia.

Mina e o seu cabelo preto, Mina e o seu olhar que dizia que percebia mais do que dava a entender, Mina que se mantinha à margem do mundo e que amava a sua filha.

E depois de toda aquela espera, fora ela que lhe ligara, fora ela quem quisera falar com ele. Olhando para trás, sentiu vergonha por não a ter contactado antes. O que é que tinha pensado, realmente?

Que ela estaria diferente? Que não queria falar com ele? Podia ter-lhe telefonado há muito tempo. *Devia* ter-lhe telefonado.

Talvez tivesse sido estúpido da sua parte mencionar a história de Kevin; Mina não precisava de se preocupar com aquilo. Mas confiara nele e contara-lhe sobre a sua família, e Vincent quisera retribuir a confiança de alguma forma.

E depois tinham ido cada um para seu lado.

Sem nenhum «então depois combinamos alguma coisa» ou algo do estilo.

Era verdade que, no último segundo, conseguira lançar uma promessa vaga sobre investigar melhor o Epicura, mas não acreditava que fosse encontrar alguma coisa. E se não houvesse nada de novo para lhe dizer, também não teria nenhum motivo para a contactar. Que merda!

Conseguiu remover o último pedaço de lama da sola do sapato e endireitou as costas. Mas que raio de espiral de pensamentos negativos em que tinha caído. Basta! Só porque não tinham marcado uma data de reunião oficial no calendário não queria dizer que não podia contactá-la; afinal de contas, eram amigos. E os amigos telefonavam-se. Pegou no telemóvel e marcou o número de Mina.

Enquanto esperava que ela atendesse, viu um esquilo vir a correr na sua direção e parar quando o avistou. O animal olhou para Vincent de cima a baixo, provavelmente a perguntar-se se ele seria uma ameaça. Depois pareceu decidir arriscar, ganhou coragem e subiu rapidamente a árvore precisamente ao lado, tão nervoso que até tremia. E a chamada continuava a tocar. Vincent compreendia exatamente o que o esquilo estava a sentir.

Mina virou o telemóvel para longe de Ruben de forma que o colega não conseguisse ver o ecrã; preferia que ele não soubesse quem é que estava a ligar-lhe.

— Não vais atender? — perguntou Ruben, sentado ao volante. — Ainda me vou despistar se isso continuar a tocar dessa maneira. Pelo menos tira o som.

Ruben virou para uma zona de moradias em Upplands Väsby.

— Atendo já — respondeu Mina, e pegou num par de auriculares recentemente desinfetados para atender. — Sim, fala a Mina.

Tentou soar o mais neutral possível.

— Olá, Mina, é o Vincent.

Silêncio. Era difícil distinguir com o barulho da estrada, mas pareceu-lhe ouvir o canto de pássaros ao fundo.

— Só queria... — prosseguiu Vincent, mas interrompeu-se. — Está tudo bem? Isto é, em relação àquilo que falámos...

Mina teve vontade de lhe perguntar a que é que ele se estava a referir. Ao facto de ela estar no meio de uma investigação que não levava a lado nenhum? Ou o facto de Nathalie ainda estar com a avó e Mina continuar aterrorizada com o que ela iria descobrir?

Realmente, não estava nada tudo bem, mas, ainda assim, sentia-se um pouco melhor agora. Embora não pudesse dizer isso, obviamente, porque não estava sozinha no carro.

Ruben estacionou em frente a uma moradia branca e desligou o motor. Depois olhou para Mina com ar questionador. Mina assentiu com a cabeça e apontou para o telemóvel.

— Não posso continuar esta chamada agora — disse. — Estamos prestes a ir falar com um familiar. Mas gostaria de... discutir isso um pouco mais tarde. Posso telefonar depois?

Esperava que Vincent percebesse o porquê de estar a soar tão formal, que não tinha nada que ver com ele. Vincent ficou novamente calado.

— Na verdade, só queria dizer olá — voltou à carga, e teve a sensação de ter esboçado um sorriso. — Foi... bom... ver-te ontem. E se precisares de pesquisar no Google, ficas a saber que *fovea centralis* se escreve com «s» no fim.

Mina tossiu no exato momento em que Vincent desligava. Por sorte, Ruben já tinha saído do carro.

Mina foi ter com o colega. Mauro Meyer saía já pela porta da moradia.

— Olá, como estão? — disse Mauro, e estendeu-lhes a mão. — Já sei que falaram com a mãe da Lilly, por isso tenho noção do que ela disse sobre mim. Mas, acreditem, o único crime de que sou culpado é ter-me apaixonado por outra pessoa.

Mauro desviou um triciclo no *hall* de entrada para que eles pudessem entrar. A casa apresentava todos os indícios da existência de uma família com filhos pequenos. No *hall* também havia uma vitrina de vidro com troféus e taças.

— Fui muito ativo quando era novo — disse Mauro quando reparou que Mina estava a observar os troféus. — Fazia de tudo, desde equitação a esgrima. Mas isso foi antes de conhecer a Jenny; ela achava que eu era sobretudo pretensioso. E provavelmente tinha razão. Venham comigo, podemos sentar-nos nas traseiras.

Mauro levou-os através da casa em linha reta até à parte de trás, onde havia um bonito alpendre de madeira virado para um pequeno mas bem cuidado jardim. Um menino pequeno chapinhava numa piscina insuflável, ao lado de uma mulher na fase final da gravidez, sentada com os pés mergulhados num balde de água. Mauro apresentou-a como sua mulher, Cecília.

Mina e Ruben sentaram-se na agradável sombra de um toldo aberto e aceitaram a oferta de café, que estava preparado numa garrafa térmica. Embora Mina tivesse preferido beber algo frio.

— Desculpem não me levantar para ir cumprimentar-vos — comentou Cecília. — Mas os meus pés estão prestes a explodir e

preciso de os arrefecer.

— Sabemos como é — disse Ruben com um sorriso. — Um colega nosso teve trigémeas há coisa de três anos.

— Credo, trigémeas! — exclamou Mauro, horrorizado, enquanto se sentava ao lado deles depois de ter ido buscar um pacote de leite de avelã, que colocou sobre a mesa. — Como é que se sobrevive a isso?

— Acho que ele morreu e virou *zombie* — comentou Ruben. — Mas também não deve ser fácil cuidar de dois com idades tão próximas...

Mina deu por si própria a olhar fixamente para Ruben. O colega estava não só a ser simpático, como se propunha a falar sobre crianças. E não soava minimamente falso. O facto de Cecilia estar sentada de biquíni também devia tê-lo feito perder a compostura, mesmo estando grávida. Mas Ruben parecia nem ter reparado. Mina só esperava que o colega não estivesse a ficar doente ou assim; todos os membros do grupo eram necessários neste momento.

— Disse dois? — perguntou Mauro, a rir. — Isto é só metade do bando. Temos mais dois: a Cecilia tem um de sete anos e outro de cinco de uma relação anterior. Estão a brincar em casa dos vizinhos.

— Vamos falar sobre o motivo da nossa visita? — perguntou Mina.

Começava a cansar-se de toda aquela conversa sobre crianças, ainda que Ruben estivesse a criar laços sociais com o pai e a madrastra de Lilly.

— Sim, ficámos verdadeiramente surpreendidos quando vocês ligaram. O que é que querem saber?

Mauro abriu os braços e trocou um olhar rápido com a mulher.

— Dois colegas nossos falaram com a sua ex-mulher ontem, a Jenny. Ela continua a afirmar que o senhor esteve envolvido na morte da vossa filha.

— Isso é que se chama ir direto ao assunto — disse Mauro, e bebeu um grande gole de café antes de continuar. — Mas é verdade, a Jenny tomou como missão na vida castigar-me. Sim, eu envolvi-me com a

Cecilia quando ainda era casado com a Jenny, admito isso. Tenho uma empresa de construção e a Cecilia trabalhava, e ainda trabalha, no nosso escritório. Mas as coisas entre mim e a Jenny já não estavam bem há muito tempo. Ela... tem os seus próprios problemas. Que, na verdade, não têm nada que ver comigo. Mas fazer de mim o bode expiatório para tudo foi sempre o caminho mais fácil para ela. Depois acabei por me apaixonar pela Cecilia, e isso a Jenny não podia de maneira nenhuma deixar passar impune. Então, explorou a minha maior vulnerabilidade: a nossa filha.

— Ela tem feito a nossa vida um inferno desde o primeiro dia — disse Cecilia, acariciando a barriga. — Ela odeia o Mauro e a família dele a um nível completamente desequilibrado.

— Porquê a sua família, e não apenas a si? — perguntou Ruben, e serviu-se de um pouco do leite de aveia na sua chávena de café.

Mina sabia que Ruben não bebia café com leite, estava apenas a exhibir-se.

— Eu e a minha família somos muito próximos uns dos outros, e nenhum deles alguma vez gostou da Jenny. Acharam sempre que ela tinha sido um erro da minha parte. Por outro lado, adoraram a Cecilia desde o primeiro momento e se calhar foram um bocado excessivos a mostrar isso. Hoje em dia vemos tudo no Facebook e no Instagram...

— O pior foram as acusações que ela fez contra o Mauro no tribunal. — A voz de Cecilia estremeceu, e Mina percebeu que o assunto ainda era uma ferida aberta. — Felizmente, não acreditaram nela. E não havia provas nenhuma, só o que ela tentou afirmar. E palavras que tentou pôr na boca da Lilly *a posteriori*...

— Eu nunca lhe quis tirar a Lilly — disse Mauro, penteando o cabelo preto para trás depois de uma madeixa lhe ter caído para a testa. — Sempre sugeri a guarda partilhada, uma semana a cada um. Mas para a Jenny era sempre ou tudo ou nada. E considerava a Lilly propriedade sua.

— Ela dá cabo da nossa vida — interveio Cecilia com amargura,

cruzando as mãos sob a barriga.

— Não há nada que eu queira mais do que descobrir quem nos tirou a Lilly — disse Mauro com a voz tensa. — E não fui eu, isso vos garanto.

— Nós também não acreditamos que tenha sido o senhor — retorquiu Mina. — E é sobre isso que queremos falar convosco. Devem ter ouvido falar do menino, da mesma idade da Lilly, que desapareceu a semana passada, em circunstâncias semelhantes às da sua filha? Estamos a investigar se haverá uma ligação entre os casos. Não fazem mesmo ideia de quem poderia tê-la levado?

— Dissemos tudo o que sabíamos desde o início — disse Mauro, e baixou o olhar. — Eu fui buscá-la à creche. Ela não estava lá. Três dias depois...

O cabelo escuro caiu-lhe novamente sobre a testa.

— E não há nenhuma ligação entre as vossas famílias? Reconhece os pais do menino? — Mina mostrou-lhe uma fotografia dos pais de Ossian que tinha no telemóvel e também mencionou os seus nomes.

Mauro olhou para a fotografia durante bastante tempo, mas acabou por abanar lentamente a cabeça.

— Não, não me dizem nada. Infelizmente, nunca posso dizer com grande certeza, porque tenho muita dificuldade em lembrar-me da cara das pessoas, mas não, diria que não os reconheço de todo.

Mina assentiu com a cabeça, mostrou a fotografia a Cecilia, que também abanou a cabeça, e voltou a guardar o telemóvel no bolso, desiludida. Não conseguiam chegar a lado nenhum.

— Amor, podes ir buscar mais gelo, por favor? — pediu Cecilia ao marido, que se levantou imediatamente.

— Claro que sim.

— E também não têm ideia sobre quem poderia ser o casal mais velho? — perguntou Ruben.

Cecilia franziu a testa, como se não tivesse percebido do que ele

estava a falar.

— Ah — exclamou depois. — Não. Daquilo que sabemos, eles nem sequer foram vistos perto da Lilly, só nas proximidades do jardim de infância. Provavelmente, eram pessoas que estavam só a passar por ali. Ainda é um mistério quem terá levado a filha do Mauro. Podia facilitar as coisas para mim própria e dizer que provavelmente foi a Jenny, mas... não. Não acho que tenha sido ela, na verdade.

— Não existem outros familiares mais velhos que tenham estado envolvidos, emocionalmente ou de outra forma, na disputa pela custódia? Do lado da Jenny ou do vosso... — arriscou Ruben, mas Cecilia limitou-se a abanar a cabeça.

— Não, não, nada disso. Os pais da Jenny já morreram, e os nossos... bem... estão velhos e frágeis. Posso dar-vos os contactos deles, claro, se quiserem confirmar pessoalmente.

— Sim, agradeço que nos deem os contactos — disse Ruben, mas a intuição de Mina dizia-lhe que Cecilia estava a dizer a verdade.

Mas que raio! Francamente! Para onde quer que se virassem, havia um beco sem saída. Amanhã já seria quarta-feira; passara uma semana desde que Ossian desaparecera, e ainda não sabiam mais nada do que nesse mesmo dia. Na verdade, até parecia que sabiam menos. Como é que era possível estarem naquela situação? Eles eram bons agentes, Mina sabia disso. Mas, ainda assim, não chegavam a lado nenhum.

Mauro abriu uma gaveta do congelador e regressou com um recipiente de plástico cheio de cubos de gelo. Foi ter com Cecilia e despejou os cubos de gelo no balde onde ela tinha os pés mergulhados.

— Ah... que bom... — exclamou Cecilia, fechando os olhos de prazer.

Mauro deu-lhe um beijo na boca e acariciou-lhe o cabelo. O amor entre os dois era evidente, e Mina sentiu uma pontada de inveja. Mauro nunca precisaria de posar com um grande peixe nas mãos para captar a atenção de Cecilia.

— Não vos incomodamos mais — disse Mina, levantando-se abruptamente.

Queria telefonar a Vincent, precisava de ouvir de novo a sua voz, sem ter de praticamente desligar-lhe a chamada na cara. Ele até podia vir com uma das suas longas e detalhadas exposições sobre um assunto em que ninguém tinha qualquer interesse.

Sozinha não era nada forte, por mais que quisesse.

Quando regressaram de Upplands Väsby para a esquadra da Polícia, Ruben apressou-se a vestir uma camisa branca passada a ferro, que trouxera de casa. Deixara propositadamente a barba por fazer essa manhã, pois sabia que o rosto por barbear lhe dava um aspeto ligeiramente rude, que, em combinação com o facto de ser polícia, o fazia parecer... sim, perigoso e excitante. Embora de momento não andasse ativamente a engatar, nunca era mau causar uma boa primeira impressão. E o acordo que fizera com a psicóloga Amanda só implicava que Ruben não andasse atrás de um rabo de saia, nunca tinham discutido o que era ou não permitido se fosse uma mulher a abordá-lo. Se ele tivesse dado à mulher em questão um pequeno empurrão na direção certa, a culpa não era sua. Tudo dependia dela.

Os seus pensamentos voltavam constantemente ao que tinha descoberto ao falar com a avó, que Astrid tinha de ser sua filha. Como raio é que haveria de processar essa informação? No entanto, esse assunto teria de ser deixado de lado por agora, pois dali a pouco iriam encontrar-se com a especialista em comportamentos extremos de grupo que Adam recomendara. Nova chegaria em breve. Uma mulher provavelmente habituada a ter as atenções voltadas para si, tendo em conta a sua aparência. Aquela bela pele dourada, que podia facilmente ser um indício de que as suas origens remontavam a um lugar como o Brasil, a Ásia ou os Estados Unidos da América, e o sorriso confiante mas amigável. Com covinhas até. O mínimo que podia fazer era tentar igualá-la em estilo.

E esperar que ela não se recordasse dele.

Tinham estado centenas de polícias presentes na palestra que ela dera, alguns anos antes. O risco de Nova se lembrar dele era mínimo, apesar de Ruben a ter convidado para sair com ele em duas ocasiões depois das palestras. E depois ainda tentara seduzi-la na sala de fotocópias. Mas situações dessas deviam acontecer todos os dias a uma mulher como Nova.

No entanto, ela ainda nem chegara, e já tudo estava a ir por água abaixo. Enquanto Adam descia até à receção para ir receber Nova,

Peder ocupara-se a pôr a mesa com bolos. Não se oferecia bolos pegajosos a uma mulher como Nova, oferecia-se um copo de espumante. Ou talvez bolinhas de *raw food*.

— Vais ficar cheio de creme na barba — resmungou para Peder, e sentou-se à mesa.

Ruben cronometrara a vaporização do seu perfume *Montblanc* para que se misturasse perfeitamente com o seu odor natural até ao início da reunião. Antes disso, cheiraria a perfume acabado de aplicar, o que era um erro clássico de principiante. Por outro lado, se Nova demorasse muito mais a chegar, o cheiro ficaria demasiado fraco. Porque é que estavam a demorar tanto tempo? E porque é que Mina estava sentada a olhar fixamente para ele?

— Precisas de alguma coisa? — bufou Ruben, de uma forma um pouco mais hostil do que planeara.

Mina sobressaltou-se.

— Ocorreu-me apenas que pareces um bocado nervoso — respondeu. — Aconteceu alguma coisa?

— Nervoso? — repetiu Ruben com uma gargalhada forçada. — Eu? A última vez que fiquei nervoso foi quando tive de pedir a identificação a uma miúda que tinha levado para casa na noite anterior.

— Ruben! — advertiu Julia num tom ríspido. — Pela milésima vez, já falámos sobre... Ah, estão aqui!

Adam e Nova entraram na sala, o que teve o condão de interromper a conversa. Excelente *timing*, o cheiro de Ruben estava no ponto. E também já não precisaria de se explicar perante Mina. Tinha passado quase um ano a ter de inventar novas histórias de mulheres para Gunnar e os outros quando se encontravam na cantina. Estava tão habituado a contar patranhas que, às vezes, elas surgiam automaticamente, mesmo nas ocasiões erradas. Como fora o caso ainda agora. Era provavelmente apenas uma questão de tempo até ser apanhado; começava a ficar sem histórias novas.

Não que Mina ainda parecesse interessada nele; ficara com um olhar fulminante quando Nova entrou na sala. Típicos ciúmes femininos. Claro que Mina também era bonita à sua maneira rígida, pelo menos quando não se viam as suas mãos ásperas e secas, mas seria tonta se achasse que podia competir com a elegância sofisticada de Nova. Mulheres, era o que ele dizia. Suspirou para si próprio e depois endireitou as costas.

— Olá, chamo-me Julia Hammarsten e sou eu que lidero a equipa — apresentou-se Julia, estendendo a mão a Nova. — O Adam já conhece. Estes são os nossos outros colegas, o Ruben, a Mina, o Christer e o Peder.

Ruben sorriu para Nova, semicerrando os olhos e assentindo com a cabeça quase impercetivelmente. Era uma técnica antiga a que costumava recorrer em interrogatórios, que fazia com que a outra pessoa relaxasse e inconscientemente sentisse uma compreensão mútua, ou que partilhavam algo privado. Nova acenou educadamente com a cabeça em resposta e depois virou o olhar para Peder, mostrando-lhe um sorriso caloroso. Merda, o seu charme estava claramente enferrujado. Mas pelo menos parecia não o ter reconhecido. E quando Nova já não estava a olhar para ele, Ruben pôde alegremente reparar que ela tinha desabotoado dois botões da blusa branca. Só era pena que estivesse a usar uma saia tão larga, assim era mais difícil perceber a forma do seu rabo. Por outro lado, uma saia deixava muito espaço para a imaginação. Mulheres com saia nem sempre usavam cuecas. Amanda podia dizer o que quisesse, mas Ruben certamente não estava proibido de criar cenários na cabeça.

O sorriso de Nova tornou-se rígido quando cumprimentou Mina, que não lhe estendeu a mão apesar de estar sentada perto dela. Por outro lado, quase nunca o fazia; precisava realmente de umas lições de etiqueta. Ou de usar luvas.

— Como o Adam já teve oportunidade de lhe dizer, estamos a trabalhar no caso de uma criança raptada, chamada Ossian — disse Julia, depois de Nova cumprimentar Christer. — É extremamente raro

que crianças sejam sequestradas desta forma. Além disso, este rapto é praticamente idêntico a outro que ocorreu há um ano. Por isso, suspeitamos que haja uma ligação.

— A que ponto é assim tão raro? — perguntou Nova, e sentou-se à mesa.

Ficou num lugar de frente para Ruben, que não se importou minimamente com isso. Na verdade, ela podia muito bem desabotoar mais um botão. Peder estendeu-lhe o prato com os bolos e Nova retirou um. Algumas migalhas de massa folhada ficaram coladas aos seus lábios quando lhe deu uma dentada, e Ruben notou como ela os lambeu com a ponta da língua.

De repente, Nova deteve-se e olhou fixamente para Ruben. Os seus olhos arregalaram-se lentamente. Oh, não! Afinal, não se tinha esquecido.

— Já nos encontrámos antes — disse Nova friamente. — Tem tido ajuda a imprimir coisas na sala de fotocópias ultimamente?

Ruben sentiu o rosto ferver.

— Não, tenho feito isso sozinho — respondeu. Depois apercebeu-se de como aquilo soava. — Bem, não era isso que queria dizer! — exclamou. — Era só que... oh, bem... vamos esquecer o assunto.

Os colegas olharam para ele com um ar intrigado, enquanto os olhos de Nova brilhavam com uma gargalhada contida. Um-zero para ela. E porque não? Ele provavelmente merecia.

— Para responder à tua pergunta, Nova — disse Adam —, centenas de crianças são dadas como desaparecidas todos os anos por pais ansiosos que não sabem o que aconteceu. Mas praticamente todas aparecem ao fim de algumas horas. O mais comum é terem ido para casa de um amigo e perderem a noção das horas. O que aconteceu nestes casos, uma criança ter sido realmente raptada e morta, é um daqueles crimes que todos os pais temem, mas que, na verdade, quase nunca acontece. Quase.

— Morta? — repetiu Nova, pousando o bolo em cima da mesa com

um olhar horrorizado.

Julia assentiu com a cabeça e depois apontou para a cafeteira com ar inquiridor. Nova abanou a cabeça.

— A Lilly Meyer foi encontrada, no verão passado, num pontão em Hammarby Sjöstad — esclareceu Christer, suspirando. — Por baixo de uma lona. E encontrámos o Ossian morto por baixo de uma prancha de embarque no sábado. Uma coisa horrível.

— Por isso deves compreender que estas coisas são pérolas para a comunicação social — disse Ruben. — Durante alguns dias, os noticiários televisivos vão parecer uma série dramática da HBO para as pessoas sentadas em casa no sofá. E todas se sentirão aliviadas por não se tratar dos seus filhos.

Nova baixou os olhos.

— A menina que desapareceu no verão passado foi encontrada morta ao fim de três dias — continuou Julia. — E aconteceu precisamente a mesma coisa com o Ossian. Ele foi encontrado junto ao *af Chapman*, em Skeppsholmen, depois de ter estado desaparecido três dias. Até agora conseguimos esconder isto dos *media*, mas não vai demorar muito até descobrirem. Claro que as semelhanças no procedimento talvez sejam uma coincidência, mas também podemos estar a lidar com a mesma pessoa.

Nova olhou fixamente para Julia.

— Desculpem — disse —, mas qual é o meu papel nisto? Estou com alguma dificuldade em ver como é que poderia ajudar-vos, por muito que quisesse. A verdade é que eu não sei nada sobre... assassinos.

— O método dos raptos foi idêntico — explicou Adam. — Mas as pessoas que os perpetraram não foram as mesmas. Temos descrições em ambos os casos: a Lilly foi levada por um casal mais velho e o Ossian por uma mulher na casa dos trinta anos. O que quer dizer que a pessoa que raptou o Ossian leu sobre o caso da Lilly, o ano passado, e o copiou, ou então...

— ... ou então conhecem-se — interrompeu Nova. — O que quer

dizer que se tratará de um grupo de pessoas, mesmo que pequeno, que não tem problemas nenhuns em realizar atos extremos. Já estou a perceber.

— Pois... aparentemente, és especialista nisso, e nós precisamos de compreender como é que pessoas assim pensam — concluiu Julia.

— A diferença entre elas e nós às vezes é mais pequena do que se pensa — disse Nova suavemente, virando-se para o grupo. — Tenho acumulado uma grande experiência no conhecimento de grupos extremistas ao longo dos anos; seitas é a descrição mais comum. Começou com uma mulher que chegou às minhas atividades, cujos pais andavam há muito tempo a tentar convencê-la a cortar laços com um grupo com claros traços sectários. Ela procurou-nos com muita relutância, mas nós conseguimos libertá-la. Hoje em dia, até trabalha comigo. E eu aprendi muitíssimo com essa experiência. A história espalhou-se e começámos a receber cada vez mais pedidos. Não é uma parte maioritária da nossa atividade, mas também nos empenhamos nisso. Espero que o conhecimento que acumulei ao longo destes anos possa contribuir, de alguma forma, para o vosso trabalho.

Ruben perguntou-se se ela também seria assim tão delicada na cama, altura em que aquela blusa branca estaria completamente aberta. Esperava que não. Afinal, talvez até pudesse perguntar-lhe se ela tinha vontade de imprimir alguma coisa. Depois visualizou a cara zangada de Amanda e sentiu-se envergonhado. Mas tinha sido só um pensamento. E, na verdade, já haviam passado *mais* de seis meses desde que tinha tido alguma ação. Eram cinco meses e três semanas mais do que aquilo a que estava habituado.

— Qualquer pessoa pode ser apanhada por uma organização ou uma seita e cometer atos que nunca teria sequer imaginado cometer — continuou Nova. — Essas pessoas só estão à procura de um sentimento de pertença.

— Como o Charles Manson e a sua «família»? — perguntou Christer, pensativo.

— Sim, ou como o caso da noiva de Cristo e a congregação de Knutby. Na verdade, tenho dois antigos membros do grupo da Åsa Waldau comigo no Epicura — disse Nova.

— Ouvi dizer que a própria Åsa hoje em dia está a definir no esquecimento numa pequena aldeia, com o pai idoso — murmurou Christer. — Bem longe dos sonhos narcisistas de poder e ouro. Bem feito.

— Desculpem, mas como é que de repente passámos a acreditar que se trata de uma seita? — perguntou Peder, coçando a barba. — Não é bem a mesma coisa que três maluquinhos que por acaso se conhecem. E uma seita é algo religioso, não? Desde quando é que os raptos têm motivação religiosa?

— Nós não acreditamos em nada — disse Julia, abanando-se com uma pasta de documentos. — Neste momento, estamos só a explorar todas as pistas possíveis. Mas tens de concordar que é raríssimo vermos um grupo de pessoas fazer este tipo de coisa juntas, com um ano de intervalo ainda por cima? Não acho que seja um grupo de maluquinhos; as ações foram bastante bem planeadas para se tratar disso. E, nesse caso, estamos de volta aos conhecimentos da Nova sobre comportamentos extremos.

— Essa ideia das seitas e religião é um equívoco comum — disse Nova.

Ruben percebeu que ela entrara a fundo em modo de trabalho; a sala das fotocópias era provavelmente para esquecer, afinal.

— Uma seita pode basear-se praticamente em qualquer coisa — continuou. — Alguns investigadores demonstraram haver semelhanças entre seitas religiosas, movimentos políticos e ideias totalitárias em geral. O que os une são certos padrões de pensamento extremos. Claro que há sempre uma forma de adoração nas seitas, mas pode perfeitamente ser dirigida tanto ao presidente de um país como a um deus. Donald Trump, fundamentalismo... é possível convencer as pessoas de quase tudo. E se os vossos raptos se conhecerem, acho

provável que partilhem alguma forma de crença forte. Caso contrário, não seriam capazes de cometer homicídios tão terríveis. É esta a categoria certa, homicídio?

Christer assentiu com a cabeça, melancólico, e coçou as orelhas de Bosse.

— Sim, os homicídios da Lilly Meyer e do Ossian Walthersson — confirmou. — Cinco anos de idade.

Bosse ganiu e olhou para o dono com ar infeliz.

— Não precisa de ser uma crença religiosa — continuou Nova. — Basta haver um líder suficientemente forte para poder mandar outros raptarem crianças.

Ruben bufou para si próprio. *Alguns investigadores demonstraram...* já soava quase como Vincent. Mas Nova era claramente uma melhoria em relação ao mentalista, embora concentrasse a maior parte da sua atenção em Peder. Ruben talvez tivesse subestimado o fascínio daquela barba *hipster*. Por outro lado, Julia tinha razão: este era um caso invulgar, pelo que precisavam de pensar de maneira invulgar. Se isso queria dizer que Nova iria juntar-se a eles mais vezes, Ruben realmente não tinha nada contra isso.

— Um líder? — perguntou Julia.

— Sim, quando um grupo de pessoas demonstra comportamentos extremos ao fazer coisas que estão muito fora das normas ou da lei, há quase sempre um líder forte por trás. Alguém que seja extremamente manipulador, poderoso ou intimidador para conseguir convencer os outros.

— Digamos que estamos a lidar com um grupo assim — disse Julia. — Como hipótese. Nesse caso, o que é que a forma como os homicídios foram cometidos nos diz sobre esse grupo? Quem são eles?

Nova refletiu.

— Muito bem... — disse. — As seitas, sejam políticas, religiosas ou outras, gostam de rituais. É uma forma de definir o próprio movimento. E há aspetos claramente ritualísticos naquilo que vocês

me contaram. Para não dizer puramente simbólicos. Tanto a Lilly como o Ossian estiveram desaparecidos durante três dias antes de os seus corpos serem encontrados. O três, como vocês devem saber, é o mais sagrado dos números. Já Pitágoras, na Grécia antiga, acreditava que o três era o número perfeito. Pode representar o nascimento, a vida e a morte. O início, o meio e o fim. A Santíssima Trindade no cristianismo. Nos contos, acontece tudo três vezes, de acordo com o modelo psicológico de introdução, estabelecimento, mudança. O problema é que três pode significar uma miríade de coisas, e é difícil dizer o que significaria precisamente aqui. A colocação dos corpos também é interessante.

Ruben suspirou; Nova começava a soar *demasiado* como Vincent. Na verdade, era estranho não terem pedido ajuda a Vincent, mas os mentalistas talvez não soubessem muita coisa sobre seitas. De alguma forma, Ruben sentiu-se satisfeito por Vincent ter certas falhas na sua base de dados de informação.

— O que queres dizer com isso? — perguntou Julia.

— Tanto a Lilly como o Ossian foram encontrados perto da água. Afogaram-se?

— Não — disse Mina. — A Lilly morreu sufocada. A causa da morte do Ossian ainda não foi determinada. Mas estava seco quando o encontrámos.

Ruben reparou que aquela era a primeira coisa que Mina dizia desde o início da reunião.

— Então, porque é que estavam junto à água? — perguntou Nova.
— A água tem um simbolismo incrivelmente forte, quase divino.

— Andamos então atrás de fanáticos que idolatram a água e que gostam do número três... — disse Mina bruscamente. — Pois, isso realmente parece muito mais provável do que, digamos, uma operação de uma rede de pedofilia ou de tráfico de seres humanos que correu mal. Estão a ver, coisas que acontecem no mundo real...

Nova encolheu os ombros.

— Concordo com isso — comentou. — Uma seita não é uma explicação muito provável. Mas talvez seja melhor não ficarmos agarrados a essa palavra em particular, porque, seja qual for a forma como escolherem olhar para isto, ambos os homicídios têm elementos claros de ritual e simbolismo. Seria mais estranho se não estivessem ligados. E tendo em conta as descrições tão diferentes dos raptos, não acho que sejam os únicos envolvidos. Um casal de idosos e uma mulher de trinta e tal anos? Alguém os juntou e levou-os a cometer estes atos.

— E porque é que não pode um dos raptos ser o líder? — perguntou Mina. — Não percebo porque é que tem de haver mais pessoas.

Nova assentiu com a cabeça.

— Claro que tens razão, é possível que sejam só esses três. Mas um líder de um grupo extremista tem sempre um plano. E estar envolvido pessoalmente na execução dos raptos implicaria um risco demasiado grande de o líder ser apanhado, o que deixaria o plano por terra. É por isso que acredito que devem ser mais. — Nova virou-se para Julia. — É evidente que eu não sei nada sobre trabalho policial — disse. — Mas arrisco-me a dizer que não há ninguém na Suécia com tanta experiência em movimentos extremistas como eu. Depois de ouvir os factos que vocês partilharam comigo, a minha opinião é que isto se trata de atos rituais realizados por um grupo de pessoas, com uma hierarquia onde no topo está alguém a controlar. Atos como estes exigem, como já disse, que as pessoas estejam fortemente convencidas de algo maior do que elas próprias. Depois, claro que pode haver explicações completamente diferentes, que vocês estão muito mais habilitados a descobrir do que eu. Eu só posso falar daquilo que sei.

— E agradecemos-te muito por isso — disse Julia. — Como deves perceber, este não é o tipo de teorias que estamos habituados a ouvir. Mas temos de dar ouvidos a tudo.

— Homicidas que gostam de água — murmurou Christer. — É uma sorte Estocolmo ser uma cidade completamente rodeada de água; seria

estúpido se encontrássemos alguma coisa que simplificasse o nosso trabalho em vez de o dificultar.

— Eu não disse que a água era realmente importante — esclareceu Nova. — Só queria apontar para as ligações mais óbvias, de acordo com a minha perspetiva.

— Mais alguma ideia ou reflexão, Nova? — continuou Julia, olhando para o relógio. — Se não, podemos terminar por aqui. Mas gostava de voltar a contactar-te para falarmos contigo mais uma vez.

Nova pareceu refletir, mas depois abanou a cabeça. A franja escura cobriu o seu rosto por um segundo, e Ruben apercebeu-se do quanto queria tocar naquele cabelo. Meu Deus, aquela coisa do celibato tinha sido verdadeiramente mal pensada.

— Bem, mais uma coisa — disse Nova precisamente quando Julia se levantou. — Se estiverem realmente a lidar com pensamentos sectários, lembrem-se de uma coisa: não vai fazer diferença se apanharem e prenderem as pessoas que levaram a cabo os raptos; serão provavelmente apenas membros insignificantes, e é sempre possível arranjar outros. A única maneira de travá-los é encontrar o líder de quem eu estava a falar, a pessoa que realmente deu a ordem para... os homicídios. É a ele que vocês têm de chegar.

— O que estás a dizer é que, de outra forma, este grupo vai continuar até levarem a cabo o tal plano que tu mencionaste — murmurou Peder. — O que pode querer dizer que mais crianças aparecerão mortas. Mais famílias destruídas...

Fez-se silêncio na sala. Nova olhou para Peder durante longos segundos. Ruben sentiu um aperto na garganta, mas não pretendia ser o primeiro a dizer alguma coisa.

— Receio que seja precisamente isso — disse Nova.

— Poderá ser uma coincidência? — perguntou Peder, olhando para a porta arrombada com um ar preocupado.

— Bem, tudo é possível — respondeu Adam. — Mas vamos partir do princípio de que não é. O pai e a mãe estão em casa?

Adam cumprimentou um dos técnicos forenses que passou por eles a caminho do interior do apartamento da família Walthersson.

O alarme fora lançado pouco depois do final da reunião com Nova na esquadra. Adam tinha saído para ir comprar o almoço e, quando regressara, Peder já partira. Adam chegou à rua Bellmansgatan; Peder já tinha estado no interior do apartamento, mas Adam nunca lá entrara.

— Tanto a Josefin como o Fredrik estão aqui — disse Peder. — Aperceberam-se do assalto quando chegaram a casa, depois de terem ido visitar os pais da Josefin. Já não chegava terem perdido o filho?

— Vou precisar de falar com eles.

Adam entrou à cautela pela porta e Peder seguiu atrás, ambos muito atentos ao sítio onde pisavam. Era verdade que não se tratava de uma cena de homicídio, mas, se o assalto estivesse de alguma forma ligado à morte de Ossian, teriam de tratar o apartamento como tal e analisá-lo com a mesma precisão. A última coisa que queriam era comprometer a investigação forense.

— Estão sentados ali dentro — disse Peder, apontando-lhe o caminho para a cozinha. — A cozinha parecia intocada, por isso achei melhor eles ficarem lá.

Fredrik ia a levantar-se quando os viu, mas sentou-se novamente.

— Foram... foram as pessoas que levaram o Ossian que estiveram aqui? — perguntou-lhes. — O que é que querem de nós agora?

O seu olhar parecia aterrorizado, ao mesmo tempo que carregava um cansaço infinito.

Josefin limitava-se a olhar fixamente em frente, para o vazio. Como se nada mais pudesse perturbá-la. Como se nada mais lhe dissesse

respeito. Adam assumiu que estaria fortemente medicada.

— Ainda não sabemos — respondeu. — Mas vamos fazer uma investigação técnica profunda da vossa casa e recolher todos os elementos de prova que conseguirmos encontrar.

— Não compreendo — disse Fredrik. — Nós não temos inimigos. Não há nada na nossa vida ou no nosso passado que possa fazer alguém querer-nos mal. Eu disse-vos isso da última vez. Estávamos convencidos de que tinham escolhido levar o Ossian ao acaso, mas, se assim fosse, o que é que...? Porque...? O quê...?

Fredrik começou a gaguejar e não terminou a frase. Em vez disso, enterrou o rosto nas mãos. Adam puxou uma cadeira e sentou-se à frente do casal, à mesa da cozinha. Peder foi até à bancada e começou a preparar café na cafeteira, sem pedir autorização. Adam fez-lhe um sinal de aprovação com a cabeça. Era a melhor arma da Polícia: café forte.

— Quanto tempo é que estiveram fora? — perguntou Adam, cruzando as mãos sobre o tampo claro.

A mesa tinha marcas de canetas de feltro, amarelas, verdes, vermelhas. Havia pequenos vestígios de Ossian um pouco por toda a cozinha, desenhos na porta do frigorífico presos com ímanes coloridos, um prato de criança com uma imagem do Faísca McQueen no escorredor, um pacote aberto de bolachas com formatos de letras em cima da bancada. Adam engoliu em seco e desviou o olhar.

— Fomos para casa dos pais da Josefin ontem ao final do dia — disse Fredrik. — Ficámos lá a dormir; senti que a Josefin precisava de sair daqui. Ou melhor, precisávamos os dois. Os pais dela têm uma casa em Täby; ficámos lá no quarto de hóspedes. Voltámos para casa há... bem, deve ter sido há uma hora.

— E deram com a porta arrombada?

Adam sabia que estava a fazer perguntas óbvias, mas, quando se falava com pessoas em choque ou luto, ou que estavam perturbadas, a experiência ensinara-lhe que as perguntas simples tinham um efeito

calmante. Eram algo possível de compreender num mundo virado do avesso.

Peder pousou uma chávena de café fumegante à frente de cada um deles.

— Leite?

— Sim, obrigado. A Josefin bebe o dela com leite — disse Fredrik, acariciando o braço da mulher.

Josefin continuava a olhar fixamente em frente. Peder assentiu com a cabeça, foi até ao frigorífico e retirou o pacote de leite depois de confirmar a data de validade. Colocou-o em cima da mesa e Fredrik serviu cuidadosamente a chávena de Josefin.

— Toma, amor.

Josefin não deu qualquer sinal de que ia tocar na chávena.

— Pois, a porta estava parcialmente aberta e eu percebi imediatamente que algo não estava bem — disse Fredrik, virando-se para Adam. — Tinha a certeza de que a fechara e trancara antes de nos irmos embora. Depois vi as marcas na fechadura. E, assim que entrámos, encontrámos esta confusão aqui dentro.

— Conseguiram perceber se vos falta alguma coisa? — perguntou Peder, sentando-se ao lado de Adam, também com uma chávena de café.

— Algumas pequenas coisas, o anel de casamento da Josefin e algumas joias, brincos e uma pulseira de ouro. E um relógio que o meu pai recebeu como presente de aniversário quando fez cinquenta anos. Coisas sentimentais, nada de grande valor monetário.

— OK, vamos pedir-vos para escreverem uma lista com tudo aquilo de que se lembrarem — disse Peder. — Às vezes só nos lembramos mais tarde de coisas que desapareceram.

— Nós... não aguentamos lidar agora com isto também — disse Fredrik, agarrando a mão de Josefin.

Josefin não se mexeu; a sua mão estava mole, apertada pela mão do

marido. Como se estivesse num lugar completamente diferente, longe da realidade em que o seu filho já não existia. Adam esperava que, pelo menos, estivesse num sítio um pouco melhor.

— Não tem de haver nenhuma ligação — disse para Fredrik. — Acredite em mim, nós vemos muitos assaltos a apartamentos e não há nada aqui que se destaque do que geralmente acontece.

Fredrik assentiu com a cabeça, mas não pareceu acreditar nele, e Adam não o condenava. Quais eram as probabilidades de se tratar de uma coincidência?

Ouviram os barulhos dos técnicos a moverem-se pelo apartamento. Em situações normais, teriam sido os agentes locais a analisar a cena do crime; eram competentes, asseguravam todos os elementos de prova possíveis para poderem investigar o assalto e também estavam treinados para dar apoio a vítimas de assaltos. O público em geral parecia acreditar que a Polícia não queria saber de assaltos, mas essa ideia era completamente errada. Os agentes locais faziam um excelente trabalho; a baixa taxa de resolução desse tipo de crimes estava relacionada, acima de tudo, com o facto de a maioria dos assaltos ser levada a cabo por grupos profissionais estrangeiros. Porém, se aquele assalto tivesse alguma coisa que ver com Ossian, precisavam do departamento forense, pois qualquer pista, por mais pequena que fosse, podia ser crucial. Adam levantou-se.

— Se se lembrarem de alguma coisa, o mais pequeno detalhe que seja, contactem-nos — disse. — E comecem a fazer aquela lista de coisas que desapareceram. Estamos apenas a um telefonema de distância.

Fredrik assentiu com a cabeça. Josefin continuou a olhar fixamente para o vazio.

Depois de uma breve troca de palavras com a equipa, Adam saiu do apartamento e inspirou profundamente. Peder saiu a seguir e pousou-lhe a mão no ombro.

— Nunca se torna mais fácil.

— Pois, parece que não — concordou Adam, virando-se para Peder.
— Sabes uma coisa, acho que estou a precisar de ver aquele vídeo.
Como um contrapeso disto tudo.

— Vídeo?

— Sim, corre uma história sobre um vídeo com as trigémeas e o Festival da Eurovisão.

— Trato já disso — disse Peder com um sorriso, retirando o telemóvel do bolso do casaco.

O empregado do pequeno restaurante da esquina colocou outra cerveja à frente de Ruben, que murmurou um agradecimento. À exceção das segundas-feiras, em que ia ter com a avó, almoçava ali quase todos os dias de folga desde que o restaurante abrisse, há cinco anos. Ou melhor, nos dias de folga em que não era obrigado a comer à secretária porque tinha outras coisas para fazer no trabalho. Também já tinha feito uns quantos jantares ali; parecia-lhe que não fazia muito sentido cozinhar em casa, porque era só para si. Não que Ruben cozinhasse mal, pelo contrário, provavelmente até cozinhasse ligeiramente melhor do que os homens que conhecia, pelo menos no que dizia respeito a grelhados. Só lhe parecia um desperdício de tempo quando era só ele que iria comer.

Por vezes, aos fins de semana também tomava lá o pequeno-almoço, quando tinham *brunch*. Principalmente se precisasse de esperar que algum engate da noite anterior deixasse o seu apartamento. Portanto, não tinha havido muitos pequenos-almoços fora desde o inverno anterior. Mas se fosse honesto consigo próprio, e com Amanda, há muito tempo que não se sentia tão bem.

O restaurante da esquina tornara-se a segunda casa de Ruben. Havia uma sensação de segurança em conhecer os empregados pelo nome, assim como pelo facto de eles terem aprendido os seus hábitos. Por exemplo, sabiam que ele bebia sempre uma cerveja antes da refeição, outra a acompanhar a refeição e que não tomava café a seguir. Porém, hoje pedira a segunda cerveja ainda antes de a comida chegar, o que levou Mikael, que estava a atendê-lo, a demorar-se.

— Está tudo bem? — perguntou-lhe Mikael.

— Sim, tenho só muita coisa em que pensar — respondeu Ruben, e bebeu um trago de cerveja. — Mas está tudo bem.

— Vá com calma. Ainda só é quarta-feira — disse Mikael, assentindo com a cabeça e deixando-o em paz.

Como Mikael sabia que ele preferia, sem estar a fazer conversa fiada. Também não era mentira, o seu mundo estava realmente um

pouco aturdido naquele momento. O caso de Ossian era uma coisa; o que acontecera era terrível, a sensação de fracasso, bem, de luto até, infiltrava-se em cada poro do seu corpo. Ruben sabia que todos os polícias envolvidos sentiam o mesmo. Nada os afetava tanto como crianças mortas. Nada. E, de repente, foi invadido por uma sensação de pavor quando se apercebeu de que ele, Ruben Höök, tinha uma filha. Sabia disso há três dias, mas não tinha tido tempo de digerir a informação, com tudo o resto que acontecera. Mas uma *filha*, porra! Alguém que podia perder. Obrigou-se a afastar aqueles pensamentos e tentou pensar nos aspetos mais práticos da descoberta. Como o seu nome.

Astrid.

Astrid Höök.

Höök não, corrigiu-se, claro que ela tinha o apelido da mãe. Mesmo assim. Então qual seria o próximo passo? Ellinor deixara claro que ele não era bem-vindo, mas isso fora antes de ele saber que tinha uma filha, obviamente.

— Aqui está. Bom apetite.

Bife da vazia com batatas fritas, o ponto alto gastronómico da evolução alimentar. Um pouco de feijão-verde a acompanhar só para manter as aparências, e chegava muito bem. Começou a cortar a carne tenra, mas não conseguiu concentrar-se na comida. Em vez disso, tentou imaginar como Astrid teria sido em diferentes idades. Todas as idades que Ruben perdera.

Empurrou o prato para a frente; não iria conseguir comer enquanto não tomasse uma decisão. Soltou uma gargalhada seca. Porra, estava a comportar-se como um rapazinho nervoso. Talvez devesse falar sobre aquilo com Amanda? Ela poderia certamente ajudá-lo. O facto de achar que isso era realmente uma boa ideia surpreendeu-o. Gunnar morreria a rir se visse Ruben agora.

Não, não podia continuar naquele estado. Já sabia o que Amanda iria dizer, mas não concordava com ela. Era tudo ou nada agora.

Pegou no telemóvel, fez uma captura de ecrã de uma fotografia de Astrid da página de Facebook de Ellinor e enviou-lha.

«Acho que temos de falar», escreveu na mensagem.

Depois pôs o telemóvel no silêncio e bebeu um grande trago de cerveja. Tinha borboletas a dançar o chachachá na barriga. Não queria saber se Ellinor tinha respondido, ou *o que* teria respondido antes de sufocar os malditos insetos na sua barriga com uma boa dose de carne e batatas fritas.

Ruben era pai.

Tinha *uma filha*.

Alguém que, mais do que qualquer outra coisa no mundo, ele queria proteger de todo o mal.

Julia olhou irritada para o relógio de pulso, enquanto carregava com demasiada força nos botões do comando da televisão que estava a um canto da sala de reuniões.

— O Ruben vem ou não? — perguntou.

— Volta do almoço daqui a cinco minutos. Está a tentar despachar-se — disse Peder, levantando o polegar, um tanto a medo.

De acordo com Peder e Adam, a família Walthersson parecia ter sido vítima de um assalto vulgar. Claro que isso implicava objetos de valor roubados, além dos danos emocionais. Algumas pessoas realmente não tinham sorte nenhuma.

Julia assentiu com a cabeça e continuou a pressionar os botões do comando, mas não encontrou o canal que deveria mostrar o sinal do computador conectado. Sentiu a raiva brotar dentro de si, temporariamente direcionada para o comando que tinha na mão, uma vez que o verdadeiro alvo da sua raiva era algo difuso e inatingível. Uma das coisas com que estava mais zangada era o facto de a Polícia, mais uma vez, ter vazado a informação como uma torneira aberta. Tinham tentado manter a notícia sobre a morte de Ossian em segredo, mas, como de costume, alguém provavelmente viu uma oportunidade de reforçar o orçamento das férias e informou a comunicação social. Julia pressionou o comando com mais força ainda e estava a ponto de o atirar contra a parede.

— Dá cá, eu faço isso — disse Adam, tirando-lhe o comando da mão.

Conseguiu encontrar o canal certo imediatamente e o monitor do computador de Julia apareceu ampliado na televisão. Estava na página principal do jornal *Aftonbladet*, onde em breve seria emitida a conferência de imprensa em direto. Via-se uma imagem estática de uma mesa com dois microfones, enquanto uma banda informativa passava na parte inferior do ecrã a dizer que a transmissão começaria quando o relógio marcasse uma hora. O que aconteceria dali a três minutos.

— Isto é sobre o quê? — perguntou Mina com os olhos colados ao comando na mão de Adam. Como se o objeto pudesse soltar-se da mão do colega a qualquer momento e atacá-la.

Julia perguntou-se se Mina tomava nota de quantas pessoas tinham tocado no comando remoto desde que a sala de reuniões fora equipada com uma nova televisão, três anos antes. Julia sabia que era um pensamento malicioso, mas depois até lhe pareceu razoável, considerando que Mina acabara de recuar um passo, para se afastar de Adam e do comando.

— Vais ter de esperar os três minutos — respondeu Julia. — Sabemos tanto como tu sobre o que é que eles pretendem com isto.

Apercebeu-se de quão irritado o seu tom soara. As noites mal dormidas, o *stress* no trabalho, o *stress* em casa, as saudades de Harry, a sensação de não ter forças suficientes, tudo estava próximo de transbordar, e a chamada da direção da Polícia não podia ter chegado em pior altura. O líder do partido Futuro da Suécia, o partido político que nas últimas sondagens registara mais de vinte por cento das intenções de voto do povo sueco, convocara uma conferência de imprensa a propósito dos «homicídios de crianças». Em situações normais, a comunicação social não teria dado importância; Ted Hansson teria simplesmente regurgitado as suas opiniões no canal próprio do partido no YouTube, como costumava fazer. Mas o cenário atual não era normal. E os *media* deram-lhe ouvidos, na esperança de que Ted soubesse alguma coisa.

Julia lera o comunicado de imprensa, mas não havia informação sobre o que ele iria dizer, o que nunca era bom quando se tratava de Ted Hansson. Nada na sua liderança alguma vez se caracterizara por outra coisa que não oportunismo e interesse próprio. Julia não tinha qualquer dúvida de que o seu objetivo com a aparição perante as câmaras de televisão era incitar o ódio e a insegurança, tudo temperado com uma boa dose de desconfiança em relação ao trabalho da Polícia. Era sempre uma maneira fácil de ganhar pontos.

Era verdade que, até ao momento, não havia nada na investigação

que indiciasse qualquer tipo de ligação à imigração ou a suecos com origens estrangeiras, mas isso não costumava demover Ted Hansson e os seus seguidores. Se a mercearia local de Ted aumentasse o preço do queijo fatiado, a culpa era dos curdos. Quando os correios não entregavam encomendas a horas, era porque tinham contratado trabalhadores extra nascidos na Somália. Muitos suecos gostavam desse tipo de explicação simplista. Julia tentou relaxar lentamente os maxilares, que, sem se aperceber, começara a cerrar com força enquanto pensava em Ted Hansson.

— Estou aqui! — gritou Ruben, entrando a correr pela porta com grandes manchas de suor no peito da camisa. — Já começou?

Ruben sentou-se na cadeira ao lado de Mina, que se desviou rapidamente para o lado. Estavam todos com calor dentro da sala de reuniões abafada, mas em Ruben o suor escorria abundantemente. E cheirava a batatas fritas. Julia desejou que Christer tivesse comprado mais ventoinhas portáteis; a força policial bem podia pagar por uma caixa ou duas.

— Falta um minuto — disse Julia, sentando-se com uma expressão austera no rosto junto à televisão.

As instruções de cima tinham sido claras: não podiam tolerar mais nenhuma crítica ao trabalho da Polícia, precisavam de resultados. Por causa da conferência de imprensa, crianças mortas transformaram-se numa questão política, não apenas humana ou jurídica. E, quando a política era envolvida, Julia sabia que o trabalho futuro seria mais prejudicado por isso do que por qualquer outra coisa.

Na televisão, duas pessoas aproximaram-se dos microfones na mesa. O burburinho entre os repórteres reunidos silenciou-se; os principais órgãos da imprensa pareciam estar presentes, assim como alguns mais pequenos.

O líder do Futuro da Suécia aclarou a garganta. Julia ficava sempre espantada com a quantidade de ódio que uma aparência tão banal podia conter. Cabelo cor de rato num penteado indefinível, óculos

com armação de aço, uma boca pequena e um queixo ligeiramente retraído. A roupa de Ted Hansson era sempre algum tipo de fato escuro para ocasiões mais formais, ou calças beges e uma camisa casual azul ou branca. Para esta conferência de imprensa, a escolha recaía sobre as calças beges e uma camisa azul-clara. Sem manchas de suor, reparou Julia.

Peder inspirou fortemente; sem dúvida que reconhecera a mulher que estava ao lado de Ted um segundo depois de Julia também se aperceber de quem se tratava. A mãe de Lilly Meyer. Todo o seu rosto era um estudo de raiva e o corpo inteiro parecia vibrar, ali de pé, com o braço de Ted, em modo protetor, pousado à volta dos seus ombros.

Ted Hansson começou a falar e retirou o braço dos ombros de Jenny. Gostava de gesticular, de preferência com os punhos cerrados para enfatizar a sua mensagem. Julia suspirou. Porque é que as pessoas não eram capazes de ver que ele não passava de um palhaço. Um palhaço perigoso, ainda para mais...

— A Suécia transformou-se num país sem lei — começou o líder do Futuro da Suécia. — A criminalidade aumentou exponencialmente, enquanto a presença da Polícia diminuiu. As nossas forças policiais estão desorientadas perante a criminalidade que os nossos antecessores políticos no poder tão ingenuamente importaram aqui para a Suécia. Para o nosso país. Mas hoje não se trata de política, hoje não estou aqui perante vocês enquanto líder do partido com maior crescimento na Suécia, estou aqui como pai. Têm desaparecido crianças. Na Suécia. Há crianças a ser assassinadas. Na Suécia. E a nossa força policial não tem nem a vontade nem os meios para encontrar os culpados. Há um ano, a Lilly Meyer foi-nos roubada. Como é que eu, enquanto pai, vou poder encarar a mãe da Lilly hoje? Se não lhe posso dizer que a Suécia e a Polícia usaram todos os meios disponíveis para a ajudar a obter respostas sobre o que aconteceu à sua pequena filha? Ela está aqui ao meu lado. O que é que acham que eu lhe devo dizer?

Ted virou-se para Jenny Holmgren com as lágrimas a escorrerem-

lhe dos olhos, e as câmaras fotográficas dispararam. A imprensa adorava aquilo; aquela imagem estaria em todas as primeiras páginas no dia seguinte. A sessão fotográfica parecia interminável. Que azar que Julia tivesse andado na mesma escola secundária que Ted, onde já nessa altura ele era conhecido pelo seu truque barato de conseguir chorar a pedido. Ted não queria saber de Jenny ou da sua filha para nada. Mas a imprensa estava a comer-lhe da palma da mão.

— E os pais do Ossian Walthersson — continuou Ted, limpando as lágrimas. — O Fredrik e a Josefin. Têm direito tanto a respostas como a justiça. Não à incompetência e à desorientação! — Ted levantou a voz e ergueu os punhos cerrados. Agora é que era. — Já não temos uma Suécia onde os nossos filhos estão seguros. Já não temos uma Suécia onde podemos deixar as nossas crianças sem vigilância, por um segundo que seja. O perigo agora está à espreita ao virar da esquina. E fomos nós próprios que o trouxemos para cá. De fora. A Suécia costumava ser luz, beleza e segurança. Mas agora as ruas estão escuras.

Ted fez uma pausa no discurso e aguardou. Depois, desviou-se para o lado e deixou Jenny Holmgren dar um passo na direção do microfone. A mãe de Lilly apertou fortemente as extremidades da mesa e inspirou fundo algumas vezes. Julia ficou com sentimentos contraditórios ao ver o seu rosto tenso. Por um lado, compreendia a raiva e o desespero que os pais das vítimas deviam sentir. Mas, ao mesmo tempo, foi invadida pelo desgosto ao ver a dor de Jenny estar a ser aproveitada para outros propósitos. O único resultado daquilo era que o trabalho da Polícia seria dificultado e o público em geral virar-se-ia contra eles, quando precisavam que fossem os seus principais aliados.

— Imbecil de merda! — murmurou Christer, abanando a cabeça com ar sombrio. — Não é ela, é aquele desgraçado asqueroso.

— Ele foi eleito pelo povo — disse Adam secamente, sem desviar os olhos do ecrã. — As pessoas que votaram nele merecem tê-lo no poder durante algum tempo. Aí é que provavelmente irão perceber em quem

é que votaram.

A mãe de Lilly tomou a palavra.

— Um ano. Um ano sem a minha filha. Sem que ninguém tenha conseguido descobrir quem é que a matou. E agora morreu mais uma criança. E a Polícia não faz nada!

— Nada — repetiu Ruben, cerrando os maxilares. — Exatamente. Nós não fazemos nada. Andamos só por aqui a fazer colheres.

— Chiu! — disse Julia, e continuou a ouvir.

A conferência de imprensa continuou no mesmo registo por mais quinze minutos. Julia ficou com um nó no estômago. Ted Hansson tomou novamente a palavra depois de Jenny terminar e expressou ainda mais preocupação com «uma Suécia em guerra com forças externas do mal». De seguida, deu lugar às perguntas dos jornalistas presentes, que, aos olhos de Julia, foram excessivamente fáceis de contentar. As lágrimas de Ted tinham feito o seu trabalho. E era um bom ângulo; cair em cima da Polícia e escrever sobre a sua incompetência fazia sempre aumentar as vendas, era um truque muito antigo.

— Muito bem — disse Adam atrás de Julia, e desligou a televisão. — Nada que não tenhamos ouvido antes.

Julia permaneceu em silêncio durante algum tempo. Adam era o membro do grupo provavelmente mais afetado pelo palavreado do Futuro da Suécia. Julia perguntou-se o que é que aquilo fazia a uma pessoa, estar constantemente a ouvir que não se era bem-vindo. Apercebeu-se de que não conseguia sequer imaginar.

Julia girou a cadeira a fim de ficar de frente para a sua equipa.

— Sabemos todos que o que acabámos de ouvir é conversa de treta. E seja qual for a treta que vamos ler e ouvir a partir de agora, teremos simplesmente de ignorar e fazer o nosso trabalho. Se calhar, até é uma boa ideia não lermos jornais de todo durante algum tempo; a chefia que trate do assunto. E nós concentramo-nos no que precisamos de fazer.

— Parece-me um bom plano — disse Mina.

— Sim — assentiu Julia. — E lembrem-se de que somos os melhores naquilo que fazemos. Não deixem ninguém levar-vos a acreditar noutra coisa.

Ninguém respondeu, mas Adam apertou-lhe levemente o ombro quando deixou a sala com os outros colegas. Julia permaneceu sentada. Sentiu o telemóvel vibrar dentro do bolso com mais uma mensagem; vibrara durante toda a conferência de imprensa. Julia ignorara-o então e pretendia continuar a ignorá-lo durante mais algum tempo. Se Torkel ainda não tinha percebido a ideia, não tardaria a perceber.

Mina pôs um pouco de álcool-gel num toalhete de papel e limpou as pastas que acabara de colocar em cima da secretária de Julia.

— O que é que queres que faça agora? — perguntou.

— Vai para casa, Mina — disse Julia, pegando numa das pastas.

— Nem pensar — retorquiu Mina. — Estamos no meio de uma investigação e a manhã com a Nova foi completamente desperdiçada. Água e o número três; e é ela a grande especialista da Suécia no assunto? Eu disse que devíamos ter ligado ao Vincent. Porque, mesmo que a Nova seja uma espécie de perita em seitas, o que é que ela sabe sobre padrões? Esse é o ponto forte do Vincent. A Nova só especula e adivinha ao calhas.

Julia fechou a pasta de documentos que acabara de abrir e olhou para Mina.

— Eu achei interessante — disse. — E a ideia de que os raptos se conhecem não é pior do que qualquer outra. Não vou descartar a hipótese de se tratar de um grupo organizado.

Mina não tinha paciência para responder; sempre considerara pessoas como Nova umas charlatãs, e a reunião só lhe confirmara isso. Não lhe interessava que Nova pudesse ter ajudado um sem-número de pessoas.

— Mas estás com um ar tão cansado... exatamente como eu me sinto — disse Julia. — Para não dizer até mais. É este maldito edifício. E o calor. Tu sabes que estamos todos a fazer o melhor que podemos. Se te pedir para te esforçares ainda mais, corremos o risco de começar a cometer erros. E isso é pior do que não fazer nada. Só gostava de poder trocar contigo. E não havia qualquer coisa que precisavas de fazer esta tarde?

Durante o almoço, Mina mencionara de passagem que talvez tivesse algo para fazer ao final do dia, mas não dissera o quê. Era típico de Julia lembrar-se de uma coisa dessas.

Já quando falara com Vincent, dois dias antes, lhe parecera muito improvável que realmente o fosse fazer, e agora parecia-lhe

totalmente impossível. Ruben podia dizer o que quisesse, mas Julia precisava dela ali, presente. De certeza que havia algo mais que pudesse fazer, algo que a obrigasse a ficar.

Devia telefonar a Vincent; dissera-lhe que o ia fazer, mas ainda não tivera tempo. Só que não queria ligar-lhe da sede da Polícia.

— Posso rever o registo de todos os ex-condenados que o Christer esteve a verificar — começou por dizer.

— Mina — disse Julia, olhando fixamente para ela. — Não podes ficar aqui. Vai para casa. Vê um filme. Come um gelado. Bebe uma garrafa de vinho. Faz aquilo que ias fazer. Ou dorme uma sesta, tanto faz. Não quero saber. Mas não te quero ver aqui outra vez pelo menos durante sete horas. Vocês não podem trabalhar vinte e quatro horas por dia; não me ajudarão em nada. Tira umas horas e volta fresca e com a mente clara.

Mina suspirou. Tudo teria sido muito mais fácil se não tivesse deslizado o dedo para a direita no Tinder. E se Amir não tivesse respondido quase de imediato. Agora não tinha escolha, faltava uma hora para o encontro. Que merda!

Nathalie vasculhou a mochila, apesar de saber que não valia a pena. Normalmente, tinha uma ou duas mudas de roupa consigo, para o caso de ficar a dormir em casa de uma amiga e não lhe apetercer ir a casa fazer a mala. Mas as roupas limpas tinham acabado há muito tempo. Karl dera-lhe uma muda de roupa, o mesmo tipo de *T-shirt* branca e calças de linho que ele, Ines e Monica usavam. Eram leves e agradáveis face ao calor que estava, mas também gostaria de vestir algo que fosse seu. Para não falar da roupa interior. Retirou uma camisola dos Ramones da mochila e cheirou-a. Tresandava.

Sentiu a barriga novamente a dar horas. Era simpático da parte deles oferecerem-lhe comida sem exigir nada em troca, mas as porções eram excessivamente pequenas. O seu estômago começara a protestar logo no sábado; neste momento, estava faminta. A fome fazia com que fosse difícil pensar.

Ines e os restantes eram incrivelmente atenciosos, e Nathalie sentia-se extremamente agradecida por ter conhecido a avó. Mas estava na hora de voltar para casa. Não tinha contacto com o pai desde que lhe enviara a mensagem; depois a bateria do seu telemóvel acabara e claro que não havia um único carregador naquele lugar. Mas o pai tinha a sua forma de descobrir as coisas, Nathalie sabia disso; seria provavelmente apenas uma questão de minutos até aparecer ali um carro preto com os vidros fumados para a ir buscar. Também podia sempre voltar ali mais tarde.

— Vais a algum lado?

Nathalie levantou os olhos da mochila. Karl estava encostado à ombreira da porta.

— Sim, tenho de ir para casa — respondeu. — Antes que o meu pai tenha um ataque. Viste a minha avó por aí? Quero dizer-lhe adeus antes de me ir embora.

— A Ines saiu para tratar de um assunto — disse Karl. — Só volta daqui a umas horas. — Karl endireitou-se e entrou no dormitório que ela partilhava com os outros. Era realmente alto. E bastante giro,

apercebeu-se Nathalie. Era estranho, mas como usavam todos o mesmo tipo de roupa parecia quase que faziam parte da mesma família. — Talvez possas ajudar-me com uma coisa entretanto. Estamos ali a fazer umas obras e precisava de um par de mãos extra.

— Mas... Eu não faço a mínima ideia... — começou Nathalie.

Estava prestes a explicar que não fazia nada de marcenaria desde as aulas de trabalhos manuais no sexto ano e que, mesmo aí, o resultado fora altamente duvidoso, mas Karl interrompeu-a com uma gargalhada. O som do seu riso era alto e caloroso, e provavelmente teria tido um efeito maior se ela não estivesse com tanta fome.

— Tenho mesmo de ir para casa — acabou por dizer.

— Assumo que pelo menos já tenhas visto fotografias de como se segura um martelo? — perguntou Karl como se não a tivesse ouvido. — Isso já é suficiente. O teu pai pode esperar mais um bocado.

Claro que Karl tinha razão. E o mínimo que podia fazer era retribuir a hospitalidade; afinal, eram quase como uma família. Nathalie pousou a mão na barriga, para que Karl não ouvisse os barulhos do seu estômago, e seguiu-o para o exterior.

À sua volta, tudo fervilhava de atividade. Mina sabia que podia deixar o escritório durante algum tempo; o trabalho decorria febrilmente e estavam todos organizados por turnos para aguentarem. Tudo estava como devia, sabia que Julia tinha razão. E também não tinha nada contra evitar as nuvens de suor andante em que os seus colegas se tinham transformado. Porém, estava com dificuldades em libertar-se, apesar de ter de deixar a sede da Polícia dali a cinco minutos para não chegar atrasada ao encontro com Amir.

Simplemente, não conseguia ir-se já embora.

Olhou fixamente para os documentos sobre Lilly e Ossian em cima da sua secretária, como se pudesse forçá-los a falar. Mina imprimira tudo o que encontrara; sentia que pensava melhor quando podia segurar fisicamente as palavras, por assim dizer, folhear os papéis para trás e para a frente, sublinhar, recortar. Era uma das poucas ocasiões em que se permitia ser um pouco desarrumada. John Cleese tinha razão quando disse que não se pode encontrar a criatividade num ecrã. E Mina precisava de encontrar pelo menos alguma coisa. Porque nada fazia sentido.

Por mais voltas que desse e mais ângulos que considerasse, não conseguia escapar ao facto de que Lilly e Ossian estavam interligados. Embora não estivesse preparada para ir tão longe quanto Nova na teoria sobre *como* é que estavam conectados. Precisava de encontrar algo mais que os unisse, uma ligação que lhes tivesse passado despercebida.

Reviu todo o material novamente.

Até a mochila do My Little Pony estava em cima da sua mesa. Julia conseguira exercer a sua magia e o CFN, o Centro Forense Nacional, em Linköping concordara em esperar pela mochila até depois do fim de semana. Tinham chegado à conclusão de que se tratava de um modelo comum, relativamente novo e completamente vazio. Nada de especial.

Tirando o facto de Christer ter dito que a mochila afinal não

pertencia a Ossian. Fredrik e Josefin, os pais de Ossian, haviam dito que o filho não tinha nenhuma mochila daquelas. Para jogar pelo seguro, Christer enviara-lhes uma fotografia, mas eles confirmaram que nunca a tinham visto antes. Ossian também não a levava do jardim de infância; Ruben telefonara a perguntar, mas não a reconheceram. E ali terminavam todas as pistas sobre a mochila. Os técnicos forenses não encontraram ADN nem impressões digitais. E, ainda assim, Mina estava convencida de que alguém colocara a mochila ao lado do corpo deliberadamente.

Mas porquê?

Olhou para o teto, como se pudesse encontrar uma solução ali em cima. Algo começou a mover-se suavemente no fundo da sua mente, ainda era demasiado ténue para ser um pensamento, mas a mochila recordou-a de alguma coisa. Não tinha havido algo estranho também no caso de Lilly? Uma pequena bagatela que os importunara na investigação, no ano anterior, mas não o suficiente para não ser esquecida quando a disputa pela custódia fora revelada.

Mina espalhou as fotografias da pasta de documentos do caso de Lilly e olhou para elas provavelmente pela centésima vez. Leu os relatórios. Quando Lilly fora encontrada, tinha os bolsos cheios de brinquedos, elásticos de cabelo e um marcador de livros. Os pais tinham identificado todos os objetos como sendo de Lilly.

Exceto o marcador de livros.

Assumira-se simplesmente que tinha sido alguma das outras crianças do jardim de infância que lho dera. Mas que crianças é que tinham marcadores de livros hoje em dia? Mina duvidava seriamente que uma criança de cinco anos soubesse sequer o que eram. A verdade era que ela própria não via um marcador desde que ia ao dentista em criança. Nessa altura, estavam numa caixa de plástico cor de laranja e quase todos, por algum motivo, tinham a forma de anjos. Mas as formas não eram importantes, o desafio com os marcadores era encontrar o que tivesse mais brilhantes. O problema era que os brilhantes ficavam colados aos dedos. Mina estremeceu com a

recordação. Costumava levar o seu marcador para casa dentro de um saco de plástico. Depois a mãe colava-o dentro de um álbum especial. Ela nunca lhes tocava. Na verdade, nem sequer abria o álbum dos marcadores de livros, com receio de ficar cheia de brilhantes. Mas era suposto escolher aqueles com mais brilhantes, eram essas as regras.

Mina pegou na fotografia dos objetos encontrados nos bolsos de Lilly. A caneta com um *troll*, a borracha, a pedra, o marcador. Estava tudo cuidadosamente alinhado à frente de pequenos papéis numerados. Não era possível ver o que o marcador de Lilly representava, mas pelo menos não tinha brilhantes.

Mas... havia algo estranho com o marcador.

Era difícil ver muitos detalhes na fotografia, mas pareceu-lhe demasiado... achatado. Um pedaço de papel que tinha estado no bolso de uma criança devia estar amachucado e um pouco sujo. Não limpo e liso.

Era quase como se alguém tivesse colocado o marcador ali *a posteriori*.

Tal como acontecera com a mochila de Ossian.

Mina entrou na base de dados da Polícia, procurou os documentos sobre Lilly e abriu uma cópia digital da fotografia que tinha em cima da sua mesa. Ampliou o marcador de livros o máximo possível.

Depois inspirou ruidosamente. Olhou para a mochila de Ossian. De volta para o marcador no ecrã do computador. A mochila outra vez. Não. Não podia ser verdade. A ideia era demasiado absurda. Era provavelmente apenas o seu cérebro a precipitar-se e a querer desesperadamente encontrar um padrão. Era muito, muito ténue. Quase nem sequer uma ligação. Além de que era incompreensível.

Mas, e se não fosse? E se o padrão não fosse demasiado ténue?

Começava a compreender como Vincent se sentia.

Mina saiu a correr para o corredor com a fotografia na mão, em direção ao gabinete de Christer.

Os quadrados pretos e brancos do monitor pareciam estar a gozar com Christer. Estivera tão perto de vencer desta vez. Tão, tão perto. Até que o seu oponente pré-programado fez um movimento surpreendente e declarou tanto xeque como mate no espaço de poucos segundos.

— Christer, tens... — disse Mina ao entrar de rompante na sala, mas sem terminar a frase.

Christer suspirou profundamente. Pelos vistos, aquela teoria da delicadeza e respeito estava extinta. No tempo dele, as pessoas aprendiam a bater primeiro e a perguntar educadamente se podiam entrar.

— O que é que estás a fazer? — perguntou-lhe Mina, olhando com curiosidade para o seu computador.

— Estou a humilhar-me — respondeu Christer, fechando a página do jogo de xadrez. — Querias alguma coisa?

— Sim. Então, encontrei uma coisa esquisita no caso da Lilly Meyer. Ou não. Ainda não sei. Mas toma.

Mina estendeu-lhe uma fotografia. Christer pegou nela e franziu a testa. Primeiro pensou que era uma imagem de lixo, mas depois apercebeu-se de que deviam ser os pertences de Lilly que estava a observar.

— Aquele marcador de livros, o último da fila — disse Mina, apontando para a fotografia. — Não era da Lilly. Os pais pensaram que alguém do jardim de infância lho tinha dado. Agora preciso de saber se foi mesmo assim. Tu és a pessoa do grupo com mais jeito para essas conversas; posso pedir-te o favor de ligares para a escola, e também para os pais de todas as crianças que andavam lá com a Lilly o ano passado, para tentar saber se alguma delas faz coleção de marcadores?

Christer pousou a fotografia com um suspiro e esfregou o rosto com as mãos. Já não ia haver mais nenhum jogo de xadrez por hoje. Nem durante vários dias, provavelmente.

— Percebes quantas chamadas vai ser preciso fazer? — perguntou.
— Quantas crianças é que andam num jardim de infância? Trinta? Cinquenta?

Christer tentou recordar-se de alguma cena em que um dos seus detetives favoritos tivesse sido forçado a passar dias seguidos a falar sobre brinquedos com pais de crianças pequenas. Não conseguiu. Porque eles não faziam esse tipo de coisas. Por outro lado, era capaz de apostar em como eram todos grandes mestres de xadrez, todos eles. Era evidente que ainda tinha um grande caminho a percorrer até se equiparar a Harry Bosch, apesar do *jazz* e de *Bosse*.

— Acho que o marcador pode ser importante — insistiu Mina. — Ainda não consigo explicar, vais ter de confiar em mim. Escrevi o número do jardim de infância na parte de trás da fotografia.

Christer suspirou novamente, virou a fotografia e viu o número de telefone.

— Tens noção de que ela pode ter encontrado isto no chão? — perguntou.

— Temos de começar por algum lado. — Mina dirigiu-se para a porta da sala, mas parou e virou-se para trás. — Obrigada, Christer — disse.

— E tu, o que é que vais fazer?

Mina esperou alguns segundos antes de responder.

— Vou ligar ao Vincent. — Pareceu ficar surpreendida, como se não soubesse o que pensara dizer antes de o ter dito. Depois esboçou um sorriso estranho e repetiu as palavras, lenta e enfaticamente. — Sim, vou ligar ao Vincent. Está na hora de o trazermos cá, não achas?

Christer não sabia o que responder.

— Há uma coisa que quero que ele venha ver, amanhã de manhã — continuou Mina. — Mas agora vou sair e... pronto.

O sorriso desapareceu dos lábios de Mina. Christer assentiu com a cabeça sem realmente compreender e fez-lhe sinal com a mão para

que se fosse embora. Vincent, portanto. Fosse o que fosse que Mina pensava ter encontrado, só podia ficar dez vezes pior se aquele mentalista estivesse envolvido outra vez, isso era certo e sabido.

A questão resumia-se a: o que seria mais humilhante — ser derrotado no xadrez por um programa de computador ou perseguir marcadores de livros num jardim de infância? Christer suspirou novamente. O trabalho de Polícia já não era o que costumava ser.

Vincent tentou não pensar demasiado na conversa telefónica que acabara de ter com Mina. Tentou não ficar entusiasmado como uma criança pequena. Mina queria que ele fosse à sede da Polícia, já amanhã de manhã, para discutir algo relacionado com a investigação. Por ele, podia enfiar-se no carro já naquele momento, mas parecia estranho. Além disso, tinha um espetáculo agendado para o final do dia, pelo que tentou distrair-se com outras coisas.

Por exemplo, com os dois envelopes com os autocolantes do Pai Natal à sua frente, em cima da secretária. Vincent achou que os pais natais estavam a observá-lo com ar macabro. Já tinha separado os pedaços de papel em forma de peças de *Tetris* em duas pilhas. Quanto às mensagens inscritas, já as sabia de cor. Saboreou as letras enquanto as pronunciava em voz alta, como se pudesse enganá-las para que lhe revelassem o que queria dizer. Desta vez, iria descobrir. Seria uma boa história para contar a Mina amanhã.

Ou talvez não. Havia algo com aqueles quebra-cabeças que fazia com que quisesse mantê-los para si próprio por mais algum tempo. Como se fossem um segredo só seu.

Já tinha tentado combinar as peças todas num grande *puzzle*, mas era impossível. Todas as peças continham metade ou um terço de uma palavra, e não era possível formar outras palavras com elas além das que já encontrara. A única forma de construir um texto compreensível era fazer cada *puzzle* separadamente. Pegou nas peças e colocou-as nas mesmas formas irregulares que já utilizara dezenas de vezes antes.

Saudações, Tim ganancioso!

Maria estragada no ouro.

Não lhe passara despercebido que a segunda mensagem também continha dezoito letras, tal como a primeira. Além disso, eram precisamente as mesmas letras. A questão era saber o que é que naquilo tinha algum significado. Seria o anagrama em si? Ou o número de caracteres? Ou só deveria prestar atenção às letras maiúsculas? Seria uma simples coincidência que a sua mulher fosse

mencionada numa delas, ou seria realmente importante?

Ouviu-se uma gargalhada alta, quase forçada, vinda da cozinha. Maria estava obviamente a falar ao telefone com Kevin. Ao início do dia, dissera-lhe que estavam prestes a entrar na fase seguinte. Vincent tinha esperança de que ela se estivesse a referir ao negócio, e não à relação deles. Porém, não se atrevera a perguntar.

Levantou-se da cadeira e colocou-se a um dos cantos da secretária, para poder ver as peças do quebra-cabeças de uma perspetiva diferente. Os melhores desafios que as pessoas lhe tinham enviado e que Vincent conseguira resolver estavam expostos na sua estante dos livros. Desejava verdadeiramente que aquele *puzzle* se juntasse aos outros; no entanto, a inquietação que sentia na barriga dizia-lhe outra coisa. Por trás do desenho despretensioso, quase amador, das peças de *Tetris*, escondia-se algo... mais.

Sem saber porquê, Vincent sabia que era importante perceber o que era.

Semicerrou os olhos na direção das peças para ver se acontecia alguma coisa, mas continuavam a iludi-lo. Tim e Maria eram dois nomes, mas isso provavelmente não queria dizer nada. Ao início, Vincent pensara que era tudo um código, mas e se não fosse tão complicado? Talvez tivesse andado a tentar reinventar a roda durante todos aqueles meses. O texto talvez fosse apenas desinteressante. E se o seu objetivo fosse fazer com que ele colocasse as peças numa configuração particular, que não conseguiria encontrar sozinho? E se a forma em si é que fosse importante, mas não aquela que fora levado a criar erroneamente na primeira vez que tentara fazê-lo seguindo o esquema do *Tetris*?

Vincent moveu cuidadosamente os dois *puzzles* para uma folha de papel, sem perturbar a ordem das peças. Depois, pegou numa caneta de feltro e seguiu com o maior cuidado os contornos exteriores das formas irregulares. De repente, sentiu-se eufórico, estava a chegar a algum lado, sentia-o em todo o corpo.

Maria riu-se ainda mais alto na cozinha. Vincent não a ouvia rir-se daquela maneira desde que se apaixonaram pela primeira vez. Era evidente que o negócio estava a correr bem. A ansiedade na barriga começou a mover-se outra vez, mas, como sempre, Vincent afastou-a.

Depois de preencher os contornos, Vincent também preencheu os espaços entre as peças, certificando-se de que nenhuma peça se movia. Depois varreu as peças do *puzzle* da folha de papel e observou o resultado.

Uma data de caixas assimétricas.

Nada.

Continuava a não querer dizer nada. Não obstante, a sensação de que aquilo era algo que só ele conseguiria ver continuava presente, juntamente com a ansiedade na barriga. E essa ansiedade só se tornava cada vez mais forte. E já não tinha nada que ver com Maria e Kevin.

Mina inspirou profundamente. Enquanto caminhava pelo centro da cidade, tentou não pensar no que talvez teria acabado de descobrir, não pensar no facto de que ia ver Vincent outra vez amanhã de manhã e, acima de tudo, não pensar no perfume dele. Esforçou-se por não pensar em Ossian e em Lilly, ou no que aconteceria se a mãe contasse o que não devia a Nathalie, não pensar que o seu mundo poderia desmoronar-se a qualquer momento. O que é que a mãe lhe iria contar? Iria mencionar os comprimidos? Ou iria fazer parecer que Mina simplesmente a deixara? O que quer que Ines dissesse, a filha de Mina iria provavelmente odiá-la. Subitamente, sentiu um aperto na barriga e foi obrigada a parar no meio do passeio.

Não.

Não podia pensar naquilo agora.

Em vez disso, iria concentrar-se em ter uma tarde agradável. Nada mais. Muito agradável. E em não fazer julgamentos antecipados.

Mas não estava a correr muito bem.

Tentou formar um sorriso rígido, arrependeu-se, e dobrou a esquina do edifício. Amir estava à sua espera à porta do Museu do Mediterrâneo. Era exatamente igual às fotografias que tinha no perfil do Tinder, o que sempre era alguma coisa. Mina assumiu que, muitas vezes, haveria uma discrepância de alguns anos entre as imagens e a realidade. E não apenas de anos, também de quilos e quantidade de cabelo. Embora não fosse algo com que necessariamente se importasse, mas não gostava de ser surpreendida.

Os caracóis escuros de Amir estavam apanhados num rabo de cavalo folgado na nuca, tal como nas fotografias. Mina sentiu-se tentada a sugerir uma rede de cabelo, se ele tencionava continuar a usá-lo de forma tão descuidada. A camisa branca estava passada a ferro, mas não parecia bem engomada. Mina observou-a, mas não viu fios de cabelo soltos, e os seus ombros relaxaram alguns milímetros.

— Olá! Desculpa o atraso — disse Mina. — Vim diretamente do trabalho.

— Eu também — respondeu Amir. — E só me fizeste fazer boa figura por não ter de admitir que também cheguei um pouco atrasado.

Amir olhou para a entrada do museu e para o cartaz das exposições que estavam em exibição. Na verdade, Mina não estava interessada no que haveria no interior do museu, só o escolhera pelo facto de terem ar condicionado. Andar pela cidade a transpirar com um estranho não era uma opção.

— Com que então, um museu? — comentou Amir. — Tinha pensado em comprar bilhetes, mas parece que a entrada é grátis.

Mina franziu a testa; não apreciava que ele tivesse pensado em pagar-lhe o bilhete.

— Não fiques com essa cara — disse Amir, rindo-se. — Estavas atrasada, era só para poupar tempo.

Mina respondeu com um pequeno sorriso. Era verdade, chegara um pouco atrasada, e ele estava realmente ali por causa dela. Olhou para o relógio; poderia estar de volta à sede da Polícia em vinte minutos, se fosse necessário.

Passaram pela entrada e continuaram para a exposição principal.

— É nisto que estás interessada? — perguntou Amir, e leu o texto num cartaz. — «O Chipre através dos tempos...»

— E tu não estás?

— *Nope*. Nem por sombras. Mas posso ficar. Como te tinha escrito, preciso de aprender a trabalhar menos e a dedicar-me a outras coisas. Só não sabia que a primeira coisa em que me iria interessar seriam esculturas de terracota.

A atração principal da exposição era uma enorme montra que continha mais esculturas em formato miniatura do que Mina conseguia contar. Provavelmente, era a situação perfeita para colocar uma daquelas perguntas que lera nos artigos sobre o Tinder. *Com que escultura é que te identificas mais, e porquê?* Se Amir dissesse algo assim, ou lhe perguntasse que cobertura de *pizza* ela era, Mina ir-se-ia imediatamente embora.

Observou Amir, que se inclinara para uma das vitrinas e parecia verdadeiramente interessado nas esculturas no seu interior. Só esperava que não ele não fosse daqueles que jogavam *floorball*; já tinha demasiados colegas na Polícia que o faziam. Mas não, alguém como Amir jogava certamente *padel*.

— Mas fazes mais alguma coisa além de trabalhar, não fazes? — perguntou-lhe.

Amir riu-se e endireitou-se.

— Sim, claro que sim. Afinal de contas, sou advogado. Tens uma tentativa para adivinhar o que faço nos tempos livres. A pista é que todos os teus preconceitos vão estar certos.

— Não me digas que... jogas golfe?

Amir gemeu e cambaleou para trás com as mãos ao peito, como se tivesse levado um tiro, parecendo tão constrangido como envergonhado. Mina não conseguiu conter outro sorriso.

— Apanhaste-me na primeira tentativa — disse Amir. — Mas a verdade é que eu já jogava golfe de competição no secundário. Nessa altura, claro que não sabia que ia ser advogado. Os meus colegas também jogam, mas acho que é mais porque todos os outros advogados jogam. No meu caso, pergunto-me se não terá sido ao contrário, se não foi o golfe que me fez ser advogado.

— Pois, realmente, não há muitos outros trabalhos relacionados com o golfe — disse Mina. — Provavelmente, não tiveste escolha. Coitado.

Amir sorriu de volta e continuaram pela exposição. Porém, Mina teve dificuldade em concentrar-se no que estava a ver enquanto ouvia Amir, provavelmente porque o resto da exposição não era tão impressionante como a grande vitrina do início. Devia ser por isso, nada mais.

— Então e tu? — perguntou ele. — És polícia e trabalhas muito, tal como eu. E mais?

— Não há muito mais — respondeu Mina.

— Bem, então vamos ter de mudar isso — disse Amir, detendo-se com uma expressão séria no rosto.

Por um segundo, Mina não fez a mínima ideia do que deveria responder.

— Então, mas conta lá do golfe — disse, de seguida, para não ter de pensar se ele acabara de se meter com ela.

— O que é que queres saber? — perguntou Amir, soando ao mesmo tempo admirado e um pouco divertido.

Provavelmente, costumava ter encontros muito mais fáceis do que aquele.

— Bem, deve ser uma coisa que tem tudo que ver com matemática — disse Mina. — Calcular a altura das tacadas em relação à distância até ao buraco e assim. Como é que fazes? Há alguma fórmula básica que se aprende ou é uma coisa mais individual, dependendo das próprias condições físicas de cada um?

Parecia-lhe razoável haver toda uma ciência por trás do golfe, tendo em consideração a quantidade de pessoas que pareciam obcecadas por esse desporto. Se Vincent estivesse ali, não a teria surpreendido se ele tivesse começado a desenhar vetores na parede para lhe explicar. Não que Mina achasse que Vincent tinha alguma experiência no golfe, mas teria com certeza muita informação desnecessária sobre as equações relevantes.

Amir ficou com um ar completamente confuso.

— Bem, acho que posso dizer que sei quantos metros de distância cada taco atinge — acabou por responder. — Independentemente de haver vento, vento calmo, vento contrário, diferenças de altura e coisas assim. Mas não é nada que eu calcule de forma consciente ou que saiba como é que poderia calcular se quisesse. Limito-me a... jogar. O corpo é que aprende. Não é nada pensado.

Mina olhou para Amir. Parecia-lhe ser uma pessoa atenciosa e amável, não de uma forma calculista, mas como suas características naturais. Estava atento enquanto conversavam e não tinha pressa.

Também lhe parecia ter uma vida interessante, mas não excessivamente interessante. Era divertido e tinha uma boa aparência. Era um daqueles homens invulgares, com quem uma mulher queria ter filhos e depois também ter como pai desses ditos filhos. E não parecia minimamente interessado em cálculos desnecessários.

Nunca iria funcionar.

— Sempre vieste! Pensei que não ias aparecer.

Mina escondeu um bocejo atrás da mão e sentou-se na mesa do fundo no café Ritorno, na rua Odengatan, sem encarar o olhar de Ines. Não passava das sete horas da manhã de quarta-feira e elas eram das primeiras clientes do café.

Mina sugerira que se encontrassem cedo, para não precisar de sair à pressa no caso de a mãe realmente ter algo de interessante para lhe dizer. Ines não se opusera, apesar de seguramente ter feito uma longa viagem até ali.

Mina não sabia bem como se relacionar com Ines; a relação das duas era algo que existira noutro tempo, quando vivera outra vida. Apesar de Ines não ter abandonado a família fisicamente, abandonara-a de qualquer forma. O alcoolismo de Ines fizera com que Mina passasse mais tempo em casa da sua avó Ellen do que na sua própria casa. Quando Mina tinha quinze anos e Ellen morrera, Mina fora obrigada a passar alguns anos com Ines na moradia. Ou melhor, com o fantasma de Ines, uma vez que a mãe quase nunca estava em casa. E, encontrando-se presente, estava invariavelmente alcoolizada.

Mina deixara a casa da mãe assim que lhe fora possível e jurara nunca mais falar com ela. Quando Nathalie nascera, no entanto, Ines contactara-a e quisera fazer as pazes. Estava sóbria, dissera-lhe, e queria poder ser avó. Porém, nessa altura era Mina quem estava refém da dependência, no seu caso de comprimidos. Quando deixara Nathalie com o pai, proibira Ines de ter qualquer contacto com a neta; a filha de Mina não precisava de trocar uma viciada por outra.

Desde então, Mina tinha notícias da mãe no máximo uma vez por ano, geralmente no Natal. Mas já tinham passado uns quantos natais desde a última vez. Mina já não era a mesma pessoa, e Ines certamente também não. Podiam ser mãe e filha, mas também eram desconhecidas uma para a outra. Pelo menos, no que dizia respeito a Mina; a verdade era que sabia mais sobre Amir, com quem só passara duas horas no dia anterior, do que sobre a própria mãe. Amir, que fora sensível o suficiente para não sugerir que voltassem a encontrar-se,

mas que não conseguira evitar parecer um cachorrinho triste quando ela o deixara à porta do museu. Mina estivera muito perto de dizer «não és tu, sou eu», mas havia um limite para se deixar levar por estereótipos.

— E bom dia para ti também — disse Ines, interrompendo os seus pensamentos. — Este café era o teu preferido quando eras pequena, lembras-te? Costumavas sempre pedir...

Ines estalou os dedos enquanto olhava para o balcão com ar remissivo. Mina sentiu a irritação brotar dentro de si. Afinal, enganara-se; Ines não era estranha nenhuma, era até demasiado familiar e trazia demasiadas memórias à tona. Memórias que Mina passara muito tempo a reprimir.

— *Palmiers* — disse de forma curta e seca, de volta ao presente. — E era com a avó que eu costumava vir aqui, não era contigo.

— *Palmiers* — repetiu Ines, batendo com as mãos. — Pois era. E estás errada; nós as duas também costumávamos vir aqui.

Mina optou por não responder; sabia perfeitamente que a memória seletiva fazia parte da personalidade dos toxicodependentes. Fazia parte do seu ADN tentar embelezar, aprimorar e editar memórias, conforme a necessidade. Tornar tudo melhor do que realmente tinha sido, de forma a ser capaz de lidar com a própria existência.

— Queres alguma coisa? — perguntou Mina, levantando-se para ir ao balcão.

— Uma chávena de chá, por favor — respondeu Ines, e Mina assentiu com a cabeça. — Qualquer um serve.

Chá, aí estava uma novidade. Na memória de Mina, a presença da mãe estava intimamente associada a baldes de café. Preto. E sempre com um cigarro a acompanhar.

Mina pediu um *Earl Grey* para Ines e um expresso duplo para si. Em copo de papel. Olhou para os bolos atrás da montra de vidro; o café continuava a ter *palmiers* caseiros, mas não sabia há quanto tempo estavam ali ou quantas pessoas lhes tinham tocado. Por isso, absteve-

se. Abriu um pacote descartável de toalhitas desinfetantes e limpou a borda do copo de cartão antes de regressar para a mesa. Ines não precisava de ver aquilo.

— Não tenho muito tempo disponível — disse ao sentar-se. — Estamos a meio de uma investigação complicada.

Mina deu por si a tentar esconder as suas mãos vermelhas e gretadas, e sentiu a raiva voltar a ferver dentro de si. Porque é que haveria de sentir vergonha? Ainda? Nem pensar! Pousou ostensivamente as mãos em cima da mesa, lutando contra o impulso de querer primeiro limpar o tampo da mesa com uma nova toalhita desinfetante.

— Querias falar sobre a Nathalie — disse Ines suavemente.

Pareceu não reparar nas mãos de Mina.

— Sim, o pai dela está preocupado, para dizer o mínimo. Falta pouco para não conseguir impedi-lo de ir até às vossas instalações e levá-la à força. E, para ser sincera, está a começar a parecer-me uma boa ideia. Não podes simplesmente aparecer assim, do nada. E depois manter a Nathalie ali, no meio daquela... na floresta. Ela está com vocês há quase uma semana, não me parece nada bem.

Ines soltou uma gargalhada franca; pequenas rugas de riso formaram-se à volta dos seus olhos. Mina reparou relutantemente em quão bonita a mãe era. E em quão saudável parecia. Nada que se parecesse com a última vez que se tinham encontrado. Mina nem se lembrava de quando isso fora.

— Caramba! — exclamou Ines. — Sempre tiveste queda para o dramatismo. Eu não estou a manter a Nathalie em lado nenhum. Por amor de Deus, ela não está numa prisão! E são férias de verão; o que haverá de melhor do que deixá-la andar no meio da natureza?

Mina abanou a mão, irritada.

— Tu sabes perfeitamente o que eu quero dizer — disse.

— Sim, sei o que queres dizer; não foi minha intenção dar-te um ralhete. — Ines ficou com ar sério e bebericou cuidadosamente do chá

fumegante. — Percebo que estejam preocupados — continuou. — Mas dá-me mais uns dias com a Nathalie. Ainda estamos a conhecer-nos. E garanto-te que o segredo está seguro comigo. A Nathalie pergunta, mas eu só lhe dou respostas vagas, sem revelar nada.

— De certeza?

— De certeza. E sei que a Nathalie ia ficar agradecida se pudesses manter o pai dela controlado durante mais algum tempo. E eu também. Ela sente-se bem, sabes? Sentimo-nos bem na companhia uma da outra.

— Está bem — concordou Mina, relutante. Não conseguira nem sequer provar o café. Levantou-se abruptamente. — Tenho de ir para o trabalho. Mas vou dar o meu melhor para que possam passar mais alguns dias juntas. Pela Nathalie. Mas não me traias, não tens margem para o fazer. Toda a minha infância foi uma grande traição, todas as vezes que escolheste o álcool ao invés da tua família foi uma traição. Não me podes trair outra vez.

— Eu sei disso — disse Ines com aquele tom suave que começava a irritar Mina solenemente.

Mina assentiu com a cabeça, virou as costas e saiu da cafetaria. O copo de papel ficou em cima da mesa.

— Pensei que tinhas deixado de te encontrar com aquela polícia.

Maria olhou fixamente para ela por cima de uma caixa de cartão aberta em cima da mesa da cozinha. Recebera as amostras de um panfleto publicitário que seria enviado juntamente com as futuras encomendas. «Subscreva a nossa *newsletter* e receba 15% de desconto na próxima compra!». Vincent não precisava de perguntar de quem fora a ideia.

Rebecka e Aston entraram pela porta da frente, a cantar a plenos pulmões.

— *All we hear is...* — começou Rebecka.

— *Radio ga ga!* — acrescentou Aston, antes de cantarem os dois com tudo o que tinham.

— *Radio goo goo, radio ga ga!*

Rebecka descobrira o repertório completo das músicas dos Queen durante a primavera. Vincent ficara surpreso, para dizer o mínimo. Que adolescente de dezassete anos conhecia sequer (e apreciava!) uma banda antiga como os Queen, em tempos de artistas que pareciam o boneco Ken, como os BTS? Não que Vincent se opusesse; adorava o facto de os seus filhos continuarem a conseguir surpreendê-lo. Embora às vezes fosse um pouco assustador. E considerando o quanto Aston, de momento, parecia estar a idolatrar a irmã mais velha, não era de admirar que também a acompanhasse naquilo. *Radio Ga Ga* tornara-se a sua música absolutamente favorita. A aceitação, e o encorajamento ativo até, de Rebecka em relação ao irmão mais novo comovia Vincent. Por outro lado, era capaz de apostar que o forte vínculo entre os irmãos duraria até ao fim do mês. No máximo. Depois voltariam às discussões. Mas, naquele momento, eram a coisa mais fofinha juntos.

Rebecka e Aston pararam subitamente de cantar quando viram Maria e Vincent.

— *Ops*, aqui o ambiente está de cortar à faca — comentou Rebecka.

— Anda, Aston, vamos voltar lá para fora. Podemos ir comprar um

gelado; afinal, estamos nas férias de verão. Se calhar, devíamos comprar leite também. Acho que acabaste o pacote hoje de manhã.

— Esperem lá — disse Vincent. — Rebecka, em que semana é que tu e o Benjamin vão para casa da tua mãe? Ela queria alterar algumas semanas no verão, acho eu, mas não me disse nada.

— Não te enviou uma mensagem?

A comunicação de Vincent com Susanne tinha sido esparsa já antes dos acontecimentos no restaurante Gôndola, dois anos antes. Desde então, só falavam através de mensagens escritas e o mínimo possível. À medida que os filhos cresciam, também havia cada vez menos assuntos sobre os quais precisavam de debater, o que Vincent suspeitava que Susanne apreciava tanto quanto ele. Porém, por vezes levava a algumas confusões sobre em que casa os filhos iriam estar nessa semana. Na altura do divórcio, tinham decidido optar pela guarda partilhada, com uma semana para cada um, mas isso durara apenas alguns anos. Os filhos passaram a decidir eles próprios o que queriam fazer, algo que, surpreendentemente, não incomodava Vincent de todo, apesar da sua enorme necessidade de controlo. Claro que podia ter algo que ver com o facto de nem sequer se lembrar de quando é que os filhos tinham passado mais tempo com Susanne ultimamente. Vincent gostava que eles estivessem na sua casa, principalmente nos períodos em que viajava muito, alturas essas em que caía imediatamente na realidade quando voltava para casa e para a família.

— Estava a pensar ficar aqui mais algumas semanas — disse Rebecka quando Vincent se limitou a abanar a cabeça em resposta à sua pergunta. — De qualquer maneira, estamos de férias de verão. O Benjamin não sei. Mas ele não devia sair de casa, em breve? Eu não me importo de ficar com o quarto dele. Depois de tu o esterilizares com um lança-chamas, claro. Anda lá, Aston.

— O leite bebes tu — protestou Aston. — Eu vou comer o gelado maior que houver.

Maria olhou fixamente para a porta quando Rebecka a fechou atrás de si e do irmão, antes de se virar novamente para Vincent.

— Estávamos a falar sobre a polícia. Não te lembras do que disse a terapeuta? Não era suposto fazermos coisas que não eram boas para nós. E, ainda assim, estás a fazer isso outra vez.

— Mas o que é que...? Oh, está bem.

Vincent optou por fechar a boca. Recordava-se perfeitamente das palavras da terapeuta. E também se recordava de que as palavras se tinham referido aos ciúmes de Maria e de como isso prejudicava a relação deles. E a verdade era que tinha havido um período em que os ciúmes de Maria tinham diminuído. Vincent até ousara pensar que talvez tivessem desaparecido completamente.

Porém, isso mudara assim que Mina o voltara a contactar.

— Não falava com a Mina desde toda a história da Jane — disse Vincent. — Fiquei tão surpreendido como tu por ela me ter telefonado na segunda-feira. Mas precisava de falar sobre uma colega minha, pensou que nos conhecíamos pessoalmente, foi só por isso que me ligou. A Mina está preocupada com a filha, é só isso.

Maria bufou e fechou a caixa de cartão.

— Então o facto de os teus *boxers* de repente cheirarem a perfume de mulher não tem nada que ver com esse assunto? — perguntou de modo agressivo. — Ou o facto de se irem encontrar hoje outra vez?

— Primeiro, isso dos meus *boxers* não é de todo verdade — respondeu Vincent. — E, segundo, fui eu que tratei da roupa suja esta semana, por isso é impossível teres sentido qualquer cheiro na minha roupa interior, mesmo que tivesse cheirado a alguma coisa. Mas é verdade que vou à esquadra daqui a um bocado; parece-me que afinal vão mesmo precisar da minha ajuda com a investigação atual.

Maria não estava a pensar desistir, Vincent viu-o nos seus olhos ainda antes de ela voltar a abrir a boca.

— Pois, eu bem me perguntei qual era a tua pressa em pôr a roupa a lavar — disse. — Mas devias querer livrar-te das manchas juntamente

com o perfume. Antes que eu visse alguma coisa. Foi em cima da secretária?

E com aquelas palavras desapareceram doze meses de terapia de casal. Vincent sabia que não devia responder, mas com a adrenalina a correr-lhe pelo corpo não conseguiu evitar. As palavras saíram-lhe da boca sem que lhe fosse possível detê-las.

— Não fazemos nada que tu não faças com o Kevin — disse Vincent.
— A propósito, ele já te mandou três mensagens nos últimos quinze minutos.

Vincent virou as costas e saiu antes de Maria ter tempo de responder. Tinha demasiado medo de ouvir o que ela diria.

O ar condicionado da entrada da sede da Polícia costumava funcionar melhor do que no resto do edifício, mas nem esse estava a conseguir fazer frente ao calor do verão. As janelas eram demasiado amplas para isso. Estar no *lobby* da entrada era como estar sob uma lupa, com o sol do lado oposto. Mina convenceu-se de que os vidros estavam a derreter lentamente com o calor. As toalhetas desinfetantes tinham acabado e teve de retirar um lenço de papel normal do bolso para limpar a testa, que depois atirou para o caixote do lixo mais próximo, enojada. Ia dar-lhe mais um minuto, no máximo.

No segundo a seguir a ter aquele pensamento, viu uma cabeleira loura surgir do outro lado da janela. Vincent entrou pela porta principal e registou a sua presença na receção.

— Desculpa ter chegado atrasado — disse-lhe quando se aproximou dela na cancela. — Eu e a Maria tivemos uma discussão e... Enfim, nem queiras saber.

— Se tu o dizes — respondeu Mina, deixando-o entrar.

Estava demasiado calor para irem pelas escadas, por isso Mina dirigiu-se para os elevadores; da última vez tinha corrido bem.

— Como é que correu com a... aquilo que falámos da outra vez? — perguntou Vincent com toda a cautela.

— A avó da Nathalie de repente é a melhor amiga dela — respondeu Mina. — O pai não gosta que ela esteja tanto tempo fora de casa, mas isso é um problema dele; é ele que tem uma certa imagem a preservar. Eu tenho medo é que a Nathalie acabe por ficar desiludida.

Era mais do que alguma vez dissera sobre o pai de Nathalie. Vincent pareceu querer perguntar alguma coisa, mas não o fez. Aparentemente, aprendera a ter uma certa sensibilidade.

— Estou aqui oficialmente ou não, desta vez? — perguntou, ao invés.

Talvez estivesse a imaginar, mas soou-lhe quase um pouco magoado.

— Em primeiro lugar, quero dizer que a ideia não foi minha —

respondeu Mina. — Fartei-me de dizer que devíamos chamar-te a ti.

— O que é que não foi ideia tua?

— Os outros decidiram... ah... escolheram contratar a Nova como uma espécie de consultora. Como se eu não tivesse de a aturar o suficiente já.

Vincent ergueu uma sobrancelha.

— Mas desde o início que tive muitas dúvidas sobre o valor do contributo dela — continuou Mina. — E não fiquei mais convencida por ela ter vindo cá. Por outro lado, acho que ela deve ter razão numa coisa, há certos padrões nos dois homicídios. Parece-me que estamos a lidar com um assassino que trabalha de acordo com certas regras invisíveis. Embora a Nova lhes queira chamar rituais. Mas não precisamos de nenhum guru da autoajuda que fale sobre comportamentos de grupo, precisamos de alguém que compreenda a psique humana e que possa interpretar o significado das ações do assassino. Precisamos de um Vincent.

— Estou a perceber — disse Vincent. — Mas a Nova é muito competente, pelo menos na área dela. E bonita, além disso. Uma cara mediática para representar a investigação, se fosse preciso ir tão longe.

Mina teve de se controlar para não parar a meio de um passo. Vincent considerava Nova bonita? Bem podia ter guardado essa informação para si próprio. Não que ela se importasse com isso, obviamente. De maneira nenhuma.

— A Nova até está cá agora — disse Mina, entrando no elevador. — Outra vez. Reuniu-se com a Julia.

— Seria giro poder dizer-lhe olá — comentou Vincent, e deixou Mina carregar no andar correto.

— Vamos ver se dá tempo — respondeu Mina secamente.

Subitamente, ficou sem vontade de continuar a falar e subiram em silêncio.

— Olha — disse Vincent precisamente antes de as portas do elevador se abrirem. — É... é bom ver-te outra vez.

Mina virou-se para ele e olhou-o nos olhos. Sentiu-se como se visse diretamente até ao seu interior. Mas não estava a ver o Mestre Mentalista; ao invés, estava a ver tudo o que ele era, tudo o que ele não mostrava a mais ninguém, tudo o que ele ousara deixá-la ver, a ela e só a ela, da outra vez. Vincent estava finalmente *ali*. Mina quase perdeu o equilíbrio.

— Também é bom ver-te, Vincent — murmurou.

As portas do elevador abriram-se e saíram ambos para o corredor. Mina apontou na direção do seu gabinete.

— Ainda me lembro de qual é o teu — disse Vincent.

— Claro que te lembras. Mas poupa-me a palestra sobre o significado numérico dos metros quadrados da sala, por favor. Temos outras coisas para discutir.

— Eu? Alguma vez?! — exclamou Vincent, fingindo-se ofendido.

Mina abriu a porta do gabinete. Tinha duas ventoinhas pousadas no chão, as duas ligadas na velocidade máxima, mas que não conseguiam espalhar qualquer frescura. A única coisa que conseguiam era fazer rodopiar todo o pó que havia na sala. Provavelmente, já tinha inalado a maior parte, mas não havia nada a fazer; se abrisse a janela, iria deixar entrar a sujidade e os fumos de escape vindos da rua, o que era muito pior. Desta vez, Vincent vestira uma camisa de manga curta em vez de fato, mas Mina viu que ele estava a transpirar tanto como ela.

— Perguntaste-me se estás aqui oficialmente — disse Mina, apontando para a sua secretária. — A verdade é que temos de esperar para ver. E é precisamente para isso que estás aqui, para podermos ver. — A resposta soou demasiado autoritária, muito mais dura do que Mina pretendia. — Ajuda-me, Vincent — acrescentou, num tom mais suave. — Ajuda-me a ver. Ou diz-me se achas que eu estou só a inventar. Preciso de ti para isto.

Metade da mesa estava ocupada pela mochila de Ossian, juntamente

com as fotografias que Josefin e Fredrik lhes tinham facultado, assim como uma cópia dos documentos relativos à investigação em curso. Na outra metade da mesa estavam fotografias ampliadas dos objetos que Lilly tinha no bolso, assim como os relatórios correspondentes e outras fotografias. Mina tivera o cuidado de colocar tudo de forma que nada se destacasse ou parecesse mais importante. Provavelmente, havia centenas de pedaços de informação diferentes em cima da mesa e milhares de maneiras de os combinar; seria desastroso se, inconscientemente, induzisse Vincent a pensar de uma forma específica logo de início. Ele estava ali porque Mina queria ver que conclusões ele tiraria por conta própria.

— Isto é o material que tenho dos dois casos que referi antes — disse-lhe. — O que é que vês?

Vincent aproximou-se da secretária e passou a mão pelo queixo. Mina talvez tivesse ouvido mal, mas pareceu-lhe que ele suspirou de satisfação.

— Parto do princípio de que me estás a perguntar se eu vejo alguma ligação. Posso?

— O que estás a ver é, obviamente, informação altamente confidencial. Mas podes tocar em tudo.

Vincent começou por estudar os retratos de Ossian e de Lilly. Mina assumiu que estaria à procura de semelhanças físicas. Depois folheou os relatórios e voltou a olhar para as fotografias. Desta vez, pareceu estar a observar as roupas.

— Raptos semelhantes, mas por diferentes pessoas... — murmurou. — A probabilidade diz-nos que não é razoável. Mas também não é impossível. Hum...

Vincent apontou para os objetos.

— Isto é o que eles... o que o Ossian e a Lilly tinham na sua posse quando foram encontrados?

Mina assentiu com a cabeça.

— Este marcador de livros — disse Vincent, apontando para a

fotografia. — Parece novinho em folha. Com base no estado das outras coisas que a Lilly tinha nos bolsos, é provável que não seja dela. E esta mochila parece que também não era do Ossian, de acordo com a entrevista com os pais dele que está no relatório. Então também lá foi colocada *a posteriori*.

Vincent detetara-o de imediato. Levantou a mochila e olhou para o marcador de livros. Mina susteve a respiração.

À volta do logotipo na mochila do My Little Pony havia sete figuras de pôneis com grandes olhos. Eram todos coloridos e exibiam grandes sorrisos. O da frente até tinha asas.

O marcador de livros de Lilly também era animado, mas num estilo mais realista. Representava uma praia, precisamente à beira-mar, com as ondas a baterem dramaticamente contra as patas traseiras do animal, um puro-sangue árabe rampante.

— Cavalos — comentou Vincent. — Os dois têm cavalos.

Mina suspirou. De tudo o que ele poderia ter dito, de todas as conclusões a que poderia ter chegado, fizera a mesma observação que ela. Porém, a informação sobre Lilly estava à disposição da Polícia há um ano. Mina olhou para o relógio na parede: Vincent demorara menos de noventa segundos.

— Foi o que me ocorreu também — disse-lhe. — Mas será um padrão?

— Impossível dizer — respondeu Vincent, e abriu a mochila. — Será mais provável tratar-se de uma coincidência. Tirando o facto de os objetos terem lá sido colocados *a posteriori*. O que é que a Nova diz?

— Sobre os cavalos? Nada, só eu é que os vi. E tu. A Nova tem uma teoria absurda sobre a água ser simbolicamente importante para o assassino. E o número três. Ela acha que os homicídios foram levados a cabo por um grupo com um líder oculto.

— Então, seria uma coisa organizada? — perguntou Vincent com as sobrancelhas erguidas. — Vocês concordam?

Vincent estava do lado dela; Mina sentiu que era capaz de o beijar.

Não literalmente, claro. Só pensara nisso num sentido puramente figurado. Bem, não como uma imagem concreta, mas... ou melhor, sim. Fora realmente uma imagem concreta. Franziu a testa. Que raio é que se estava a passar com ela? Tinha de se controlar antes que Vincent reparasse nalguma coisa.

— Homicídios de crianças organizados... parece algo saído de um romance de cordel — observou Vincent. — Mas também posso ser eu que estou a ser cínico. Vamos antes concentrar-nos no que tu e eu encontrámos. Tem de haver três peças de informação semelhantes para podermos estabelecer um padrão com algum grau de certeza. Isso aplica-se tanto à teoria da Nova sobre... a água, ou lá o que era, como aos nossos cavalos. Nós só temos duas peças. A mesma coisa em relação ao método dos raptos; também pode perfeitamente ser uma coincidência. É o terceiro ponto que vai estabilizar tudo. Um pouco como quando vais desenhar uma linha entre o ponto A e o ponto C; para ter a certeza de que fica direito, é preciso um ponto B também, entre os dois primeiros.

— Do que é que estás a falar?

Vincent pousou a mochila e pegou na fotografia do marcador de livros. Depois voltou a colocá-la onde estava e retirou um lenço do bolso. Passou-o pelo rosto para limpar o suor e guardou-o novamente.

— Não te preocupes — disse quando viu a cara de Mina. — Vou lavá-lo com lixívia quando chegar a casa. A não ser que queiras tu tratar dele, claro...

Vincent começou a retirar o lenço do bolso com um olhar insinuador para Mina.

— Esta pode ser a tua participação mais curta de sempre numa investigação — disse ela.

Vincent voltou a guardar o lenço e, para grande alívio de Mina, também pegou no frasco de álcool-gel que estava em cima da secretária e limpou as mãos.

— A Lilly e o Ossian, então — continuou Vincent. — Padrões ou

não? É uma pergunta horrível, mas... foram só eles os dois? Não houve outras crianças mortas durante este período?

— Acho que duas já são demasiadas — respondeu Mina, abanando a cabeça. — Se houvesse mais, saberíamos. Crianças mortas, principalmente em casos por resolver, deixam os polícias do país inteiro em estado de alerta máximo. — Mina sentou-se ao computador e entrou na base de dados nacional. — Claro que posso confirmar outra vez aqui se há outros casos de crianças mortas, mas, como disse, já teria ouvido alguma coisa sobre isso. Não houve... — Mina calou-se de repente e olhou fixamente para o monitor do computador. — Merda!

Um caso com seis meses olhava de volta para ela. Mina virou o monitor para que Vincent também pudesse ver.

— Afinal, morreu uma criança este inverno — explicou. — Agora já me lembro do caso, apesar de não termos sido nós os responsáveis pela investigação. Mas as circunstâncias foram completamente diferentes, não se tratou de um rapto. O rapaz, William Carlsson, foi encontrado em Beckholmen, a pequena ilha em frente ao parque de diversões Gröna Lund, estás a ver? Onde há um antigo estaleiro. Estava na doca seca, como se tivesse caído para ali e morrido da queda. Mas havia uma história anterior de violência doméstica; os vizinhos já tinham denunciado o pai por maus-tratos e o corpo tinha marcas de repetidas agressões anteriores. Os agentes responsáveis pela investigação estavam convencidos de que o William não tinha caído na doca seca coisa nenhuma e que, na verdade, foi uma tentativa gorada de esconder os abusos a que tinha sido submetido. O pai foi imediatamente detido por suspeita de homicídio. Foi um caso bastante evidente, não havia pontas soltas. E não tem nada que ver com o Ossian e a Lilly. Mas é uma criança morta.

Vincent fez uma expressão de mal-estar e inclinou-se sobre o ombro de Mina, para o monitor. Cheirava levemente a especiarias, um perfume que Mina nem sabia que sentira a falta. Não conseguiu evitar inclinar-se reflexivamente para trás alguns milímetros, para ficar mais

próxima dele.

— Até que ponto a Polícia tem a certeza de que foi o pai que o matou? — perguntou Vincent.

— Muita certeza — respondeu Mina, apontando para uma parte do relatório no monitor. — O caso foi presente a tribunal em tempo recorde, o pai foi condenado e está preso, e, como podes ver aqui, admitiu a maior parte dos abusos. A única coisa que não confessou foi que também matou o filho. Mas há uma menção a abuso de drogas, por isso a questão é se ele estava sóbrio sequer quando aquilo aconteceu. É tudo verdadeiramente horrível.

Continuaram os dois a ler o relatório sobre William Carlsson, que fora encontrado apenas com uma *T-shirt* cinzenta e ceroulas no meio do inverno rigoroso. Não havia nenhuma mochila, nenhum objeto estranho, nem com cavalos nem sem. Apenas enormes hematomas e uma imensa tragédia.

— Mas não *sabem* — disse Vincent. — O pai não confessou. E, além disso...

Apontou para uma fotografia do local onde William fora encontrado. Havia três docas secas na pequena ilha, mas apenas uma delas era utilizada. William fora encontrado entre dois dos navios na doca. A única coisa na fotografia que testemunhava o horror que ali acontecera era a fita policial a bloquear a área entre os navios.

— Perto da água outra vez — observou Mina. — Nesse caso, isto reforça a teoria da Nova.

Vincent assentiu com a cabeça, mas não pareceu completamente convencido.

— Talvez — disse. — Foi uma sorte a doca não estar cheia de água, senão provavelmente nunca o teriam encontrado. Mas acho que devíamos ir lá. Só porque a Polícia não encontrou nada no local, não quer dizer que não houvesse nada para encontrar.

— Estás a dizer que não sabemos fazer o nosso trabalho? — perguntou Mina, dando-lhe uma palmada leve no braço.

— Nada disso, mas os técnicos forenses que investigaram o local não tinham nenhum motivo para procurar algo fora do normal. Tenho consciência de que as hipóteses de encontrarmos alguma coisa, se houver sequer alguma coisa para encontrar, é mínima. Tenho a certeza de que a Polícia tirou as conclusões certas, que o William foi espancado até à morte pelo pai. Isto é um fio tão fino que provavelmente se partiria com uma rabanada de vento. Mas acho que temos de tentar ficar com o maior grau de certeza possível de que isto não tem que ver com o Ossian e a Lilly. Porque *se* tiver...

Vincent não terminou a frase; ao invés, voltou a tirar o lenço do bolso. Depois de um rápido olhar para Mina, guardou-o novamente.

Mina olhou para o monitor do computador e, subitamente, começou a sentir frio, apesar do calor.

— Temos de apresentar isto ao grupo e à Julia primeiro — disse. — Vou ver se consigo marcar uma reunião imediatamente; acho que estão cá todos no edifício.

— «Temos»? — perguntou Vincent, olhando para ela com ar surpreendido.

— Bem-vindo de volta, Vincent.

O grupo tinha crescido desde a última vez que Vincent os vira. O novo membro, Adam, era alto, com feições perfeitamente delineadas e um olhar inteligente. Parecia saído diretamente de uma série norte-americana de televisão.

— Olá, sou o Vincent — apresentou-se, com a mão estendida para Adam.

Adam apertou-lhe a mão direita de uma forma que fez o café na mão esquerda de Vincent salpicar.

— Adam. Já ouvi falar de ti.

Três movimentos de aperto firmes, contacto visual e uma inclinação do tronco para a frente de dez graus. Era um aperto de mão digno de uma medalha de ouro. Firme e claro, mas sem ser dominador. Um aperto de mão que dizia tanto «eu tenho a situação controlada» como «vamos trabalhar bem juntos». Vincent olhou para os restantes membros do grupo presentes na sala. Christer e Peder cumprimentaram-no com expressões de apreço, no caso de Peder acompanhada por uma farta barba saltitante, enquanto Ruben pareceu cumprimentá-lo com um olhar hostil e um cruzar dos braços.

— Ruben, não cheguei a agradecer-te por aquilo que me enviaste — disse Vincent. — Significou muito para mim. Desculpa, podes só segurar a minha chávena enquanto penduro o casaco?

Passou rapidamente a chávena de café a Ruben, que a agarrou automaticamente com uma expressão de surpresa no rosto. Vincent contara com que os reflexos programados reagissem antes de a consciência de Ruben ter tempo de se perguntar se realmente queria segurar a chávena de Vincent. Estando já a segurá-la, era tarde demais para dizer não. No fundo, tratava-se simplesmente de fazer com que Ruben mudasse a sua linguagem corporal ao descruzar os braços, a fim de o tornar mais recetivo ao que Vincent e Mina tinham para dizer. E a forma mais fácil de o fazer era pedir-lhe que segurasse nalguma coisa.

Não obstante, Vincent também tinha motivos para agradecer a

Ruben de verdade. Pouco tempo depois da última vez que se viram, em outubro de há quase dois anos, Vincent recebera um envelope pelo correio, de Ruben. Continha o artigo de jornal sobre a morte da sua mãe, aquele que Ruben apresentara como prova de que Vincent se encontrava envolvido nos homicídios que estavam a investigar. O que até era verdade, mas não da forma como eles pensavam.

«Continuo sem fazer a mínima ideia de quem me enviou isto», escrevera Ruben num pedaço de papel preso com um clipe à página do jornal. «Mas não preciso dele para nada. Acho que ninguém precisa de olhar para isto outra vez. Queima-o ou faz o que quiseses.»

Vincent até se sentira comovido. Porém, o Ruben que lhe enviara o artigo não parecia estar presente na reunião de hoje. Limitou-se a encolher os ombros após o agradecimento de Vincent e devolveu-lhe a chávena de café. Estava tudo como de costume, portanto. Por outro lado, Vincent provavelmente também não iria ter um papel de relevo na investigação desta vez; afinal de contas, tinham contratado Nova, por isso podia ignorar o comportamento de certas pessoas. Mas era certamente uma sorte para a Polícia que, para cada Ruben, também tivessem um Adam.

— Prazer em ver-te, Vincent — disse Julia. — Já percebi que tu e a Mina estiveram a discutir algumas ideias sobre o caso que temos em mãos. Claro que preferia que isto tivesse passado pelos canais corretos, para que eu ao menos soubesse que estavas de novo connosco.

— Mas eu nem sabia se ia levar a algum lado... — disse Mina em tom de desculpa. — Queria ter certezas primeiro. E ainda não tenho. Mas queremos olhar melhor para o caso do William Carlsson. Estávamos a pensar começar pelo local onde ele foi encontrado.

— O rapaz morto pelo pai no inverno passado? — perguntou Ruben, endireitando-se na cadeira. — O que é que ele tem que ver com isto?

— Posso interromper? — perguntou Adam. — O pai do William, o Jörgen Carlsson, foi realmente condenado pelo homicídio, num julgamento invulgarmente rápido. Mas, se bem me lembro, o Jörgen

Carlsson nunca admitiu o homicídio em si, o que foi um bocado estranho, já que confessou todos os outros abusos sem qualquer hesitação. Não sei se pensou que se safaria assim. Além disso, e posso estar enganado em relação aos detalhes, houve uma testemunha no início da investigação, uma senhora idosa que vivia num apartamento com vista para o parque infantil nas traseiras dos prédios, que alegava ter visto alguém, que não o Jörgen, sair de lá com o William. Mas como o Jörgen não conseguiu dizer onde é que tinha estado e a visão da senhora também deixava muito a desejar, isso foi descartado.

— À luz dos casos do Ossian e da Lilly, estou a achar que isso foi um erro — disse Julia. — O Jörgen Carlsson pode ter dito a verdade sobre não ter sido ele. E, nesse caso, foi condenado por um crime que não cometeu.

Ruben voltou a cruzar os braços e ficou com ar de quem tinha comido algo estragado.

— O Jörgen Carlsson é uma besta de todo o tamanho que está exatamente onde merece estar — bufou.

— Concordo — disse Peder. — Também me lembro do caso. O rapaz tinha diferentes graus de ferimentos cicatrizados em praticamente todos os ossos do corpo. Tinha levado tanta porrada ao longo da infância que foi um milagre não ter morrido antes. E a mãe, daquilo que percebi, também apanhava na mesma medida.

Bosse ganiu e lambeu a mão de Peder, como se o cão percebesse a dor que Peder sentia só de pensar em maus-tratos a crianças.

— Para mim, não há dúvida nenhuma de que foi o pai que matou o miúdo — disse Ruben. — Eu próprio cheguei a ir lá, em resposta a chamadas de emergência. Uma das vezes foi na véspera de Natal. Um terror. Um maldito banho de sangue quando lá chegámos; o Jörgen tinha esmurrado a cara da Lovis, a mulher, contra o fogão e havia sangue pela cozinha toda. E atrás da árvore de Natal, com os presentes, enfeites e luzes, encontrámos o William. Acho que ele tinha uns três anos nessa altura. Foda-se, nem quero pensar nisso. O Jörgen

não é inocente, é aquele tipo de pessoa que devíamos trancar numa cela e deitar fora a chave.

Fez-se silêncio na sala. Vincent fixou o olhar na única coisa que decorava a sala, um grande mapa de Estocolmo na parede à sua frente, e tentou não ficar com imagens na cabeça do que Ruben acabara de descrever. Mas era tarde demais. Olhou fixamente para a ilha de Gamla Stan até os olhos começarem a lacrimejar, para apagar a memória dos hematomas que tinha visto nas fotografias do corpo de William. Um corpo muito parecido com o de Aston, como ele era há alguns anos.

Christer aclarou a garganta.

— Concordo com o Ruben — murmurou. — O Jörgen Carlsson é um porco e nunca deveria poder ver a luz do dia novamente. Por sorte, os crimes que confessou são suficientes para o manter preso por bastante mais tempo. E sorte é a palavra certa, porque o Adam tem razão, não é líquido que o Jörgen tenha matado o filho.

— Adam e Ruben, o melhor é vocês irem falar diretamente com a mãe do William, a Lovis — disse Julia. — Tentem também falar com a vizinha que disse ter visto o William ser levado por alguém, e avaliem a capacidade de visão dela. E na segunda-feira vão falar com o Jörgen à prisão de Hall. Vou contactá-los para avisar que vocês vão lá.

Ruben virou-se para Adam.

— Podes esquecer a história de um de nós fazer de *good cop*, desta vez — disse Ruben. — Com aquele porco, nem pensar.

Adam assentiu com a cabeça, com um ar amargo. Parecia ser da mesma opinião. Julia olhou para Mina e Vincent.

— Não sei o que é que vocês acham que podem encontrar — disse-lhes. — Mas, enfim, vão até lá observar o local. Levem o Peder e a barba dele também. Se passarem por algum barbeiro a caminho, a Polícia paga. Mas Vincent, já que estás aqui... Temos uma mulher em prisão preventiva que gostaria que conhecesses primeiro. Chama-se Lenore Silver.

— Há quanto tempo é que vives na Suécia?

Adam suspirou profundamente e ponderou não responder à pergunta de Ruben, mas percebeu que a conversa fiada fazia parte dos momentos vividos dentro do carro da Polícia. Só desejava que a pergunta pudesse ser diferente, de vez em quando.

— Eu nasci cá.

— Ah... OK.

Silêncio. Adam nunca deixava de se surpreender por aquela resposta conseguir despertar tanta estupefação silenciosa.

— Mas e os teus pais? De onde é que são? — continuou Ruben.

— Do Uganda.

— Ah, do Uganda.

Silêncio novamente.

— Porra, tenho de admitir que não sei rigorosamente nada sobre o Uganda.

— Pois, porque é que havias de saber? Eu também não sei muita coisa sobre o Uganda.

Adam revirou os olhos discretamente. Havia algo em Ruben que o irritava, algo além das suas perguntas estereotipadas. Já tinha visto aquele tipo de polícia muitas vezes, com muito foco nos músculos e pouco no cérebro.

— E quando é que eles fugiram para cá?

— Não fugiram. A minha mãe veio para cá para ocupar um cargo de professora catedrática. Descobriu que estava grávida quando já cá estava, mas nunca quis ter nada que ver com o meu pai.

— Porra — disse Ruben, assentindo com a cabeça. — Mas nunca te perguntaste sobre o teu pai? Não tentaste contactá-lo?

— Não. Porque é que havia de o fazer? Confio no discernimento da minha mãe: se ela não o considerou digno de fazer parte da minha vida, então presumo que tinha razões para isso.

— Ah... — exclamou Ruben, parecendo subitamente perturbado. — Esse tipo de pai.

Adam olhou rapidamente para ele, mas voltou a olhar em frente, para a estrada. Adam não tinha qualquer interesse em intrometer-se na vida privada dos colegas em geral, e na de Ruben em particular.

Os prédios altos onde Lovis morava ergueram-se à frente deles e Adam virou para o parque de estacionamento. Ruben continuava sentado em silêncio, com uma expressão preocupada no rosto. Adam confirmou a morada no telemóvel; era a primeira porta logo a seguir ao estacionamento. Olhou em volta e apontou.

— Olha ali, deve ser aquele parque que os pais do William disseram ter sido o último sítio onde o viram.

— Continuo a não acreditar nem por um segundo que não foi o pai que o matou — murmurou Ruben.

— Não vou discutir contigo, temos um trabalho para fazer.

Adam apercebeu-se de que o seu tom de voz soava demasiado duro, mas estava cansado de todos os polícias que iam alegremente atrás de soluções fáceis. A realidade raramente era fácil. Pelo contrário, era complicada.

Subiram os três lanços de escadas até ao apartamento de Lovis. À porta da casa dos vizinhos estava um carrinho de bebé, com uma criança a dormir lá dentro. Esta mexeu-se e gemeu no sono quando eles bateram à porta de Lovis. Demorou bastante tempo até alguém responder, mas, por fim, ouviram o som de passos arrastados do outro lado da porta, seguido de um longo silêncio. Hesitação. Depois, uma chave girou na fechadura e a porta abriu-se lentamente, mas apenas uma fresta.

— Sim?

Tinha a voz rouca, e, mesmo através da estreita fresta na porta, Adam conseguiu sentir o cheiro a álcool velho atingir-lhe as narinas.

— É a Polícia. Queremos falar consigo sobre o William.

— Ah... agora é que querem falar sobre o William?

Lovis fez tenção de fechar a porta, mas Adam travou-a com o pé.

— Lovis... Pelo William, deixe-nos entrar.

Silêncio novamente. De seguida, a porta abriu-se. Lovis arrastou-se para o interior da casa. Estava escuro lá dentro, não entrava luz por lado nenhum, todas as janelas estavam tapadas por tecido preto. Cheirava mal, uma mistura de lixo, comida azeda e fumo de cigarro. Atrás de Adam, Ruben tossicou.

— Podem sentar-se ali.

Lovis levou-os até à sala de estar e apontou para um sofá gasto, cheio de nódoas e queimaduras. A mesa de centro à frente do sofá estava cheia de cinzeiros a transbordar de beatas e garrafas de vinho e aguardente vazias. A única decoração nas paredes eram algumas fotografias emolduradas aqui e ali. Lovis com William, Jörgen e Lovis juntos. Uma criança, talvez Lovis, em cima de um cavalo com uma expressão de orgulho no rosto.

Adam sentou-se sem hesitar, mas viu pelo canto do olho que Ruben parecia estar a ponderar ficar de pé. Fez-lhe um olhar a repreendê-lo; estavam ali para entrevistar a mãe de uma criança assassinada, não podiam dar-se ao luxo de se pôr com esquisitices. Ruben percebeu a mensagem e sentou-se no sofá, mas não sem um ligeiro esgar.

— É o Jörgen? Aconteceu alguma coisa com o Jörgen? Vocês sabem que ele não devia estar preso, não foi ele que matou o William.

Lovis acendeu um cigarro com as mãos trémulas, inalou o fumo bem fundo e olhou fixamente para eles. Depois apontou com o dedo, um tanto exaltada.

— É aquele miúdo, o miúdo desaparecido! É por isso que vocês estão aqui! Foi a mesma pessoa que matou o William que agora levou aquele rapaz! Eu disse-vos! Eu disse que não era o Jörgen!

— Não podemos dizer nada sobre isso neste momento — atalhou Adam, e abriu os braços. — No entanto, estamos a analisar as circunstâncias da morte do vosso filho. E por isso gostaríamos de...

— Rua!

Lovis fixou-os com o olhar.

— Precisamos de lhe perguntar...

Adam aclarou a garganta, o fumo do cigarro estava a irritar-lhe as vias respiratórias e a fazer os seus olhos lacrimejarem.

— Rua!

Lovis levantou-se e, com o movimento brusco, derrubou uma garrafa vazia de *Smirnoff* que estava em cima da mesa. A garrafa caiu ao chão com um tinido e rolou para o outro lado da sala.

— Quero que se vão embora daqui! Rua!

Ruben levantou-se e Adam seguiu o exemplo. Talvez tivessem de voltar ali mais tarde, mas, naquele momento, o melhor era deixar Lovis acalmar-se.

Quando a porta bateu nas suas costas, Adam deixou a desilusão para trás. Não dera grande resultado falar com Lovis, mas ainda tinham duas visitas para fazer. A testemunha. E depois Jörgen.

Mina conhecia aqueles corredores como a palma da sua mão, mas Vincent olhava à sua volta com curiosidade enquanto Julia caminhava à frente deles em direção ao centro de detenção, que felizmente ficava no edifício da sede da Polícia.

— Como tinha adiantado, ela chama-se Lenore Silver — disse Julia.
— Está detida por suspeitas de privação de liberdade e tráfico de menores. Até agora, ela nega qualquer ligação ao caso do Ossian, ou ao das outras crianças, mas não perdemos nada em perguntar-lhe de novo. Ou melhor, em deixar-te a ti perguntar, Vincent.

Vincent parou e franziu a testa.

— Como eu salientei logo da primeira vez... — começou por dizer.

— Já sabemos — interrompeu-o Julia. — Não és polícia, nem tens formação em interrogatórios ou outra coisa qualquer. Não podes assumir esse tipo de responsabilidade. Acredita em mim, é um facto que me fez levar nas orelhas mais do que uma vez quando trabalhaste connosco no último caso. Mas acabou por correr bem. E só quero que... fales com ela. És bom nisso.

Chegaram às salas de interrogatório. Portas anónimas com números pretos; podia ser um corredor de qualquer entidade pública. Porém, a mulher que estava à espera deles atrás de uma daquelas portas fazia Mina ficar arrepiada de cada vez que a via. Lenore Silver era tudo o que Mina não era: confiante, bem vestida, bonita. Unhas cuidadosamente arrançadas em vez de pontas dos dedos vermelhas e gretadas. E, provavelmente, uma psicopata.

— Está bem, posso tentar, mas não prometo nada — disse Vincent.
— E vou fazer isto à minha maneira. Alguma de vocês tem uma caneta?

Julia passou-lhe uma caneta de tinta permanente.

O mentalista desenhou cuidadosamente um pequeno ponto de um lado da cara, alguns centímetros abaixo de um dos olhos.

— O que é que estás a fazer? — perguntou Mina.

— À minha maneira.

Julia abanou a cabeça; aparentemente, para ela, aquilo já começava a correr mal.

— Mina, ficas tu a responsável — disse Julia. — Eu tenho de ir lá acima explicar os nossos próximos passos à direção. A Lenore está à espera na sala três.

Julia desapareceu pelo corredor. Mina sentiu o suor começar a escorrer debaixo dos seus braços. Mas não tinha nada que ver com a pessoa que iam visitar, era apenas aquele maldito calor.

Inspirou profundamente e abriu a porta da sala onde estava Lenore Silver, que, apesar do calor e do facto de estar detida há já algum tempo, conseguia manter uma aparência fresca, estando bem vestida e recém-maquilhada. Estava sentada numa das três cadeiras que havia na sala, onde não havia nenhuma mesa. Provavelmente, fora Julia que pedira para retirarem a mesa, para facilitar as coisas a Vincent.

O sorriso de Lenore desapareceu quando viu o mentalista.

— O que é que ele está aqui a fazer? — perguntou. — Já o vi na televisão.

— O Vincent vai fazer-lhe algumas perguntas — disse Mina, sentando-se na cadeira em frente a Lenore.

Mina sentiu-se imediatamente um pouco melhor, já não estava tão transpirada. Vincent sentou-se ao seu lado.

— Não vou responder a perguntas nenhuma — disse Lenore, cruzando os braços sobre o peito. — Não sem o meu advogado. Estou aqui desde sexta-feira passada, e hoje já é... quarta-feira, não é? Não podem manter-me aqui muito mais tempo.

— Tem razão — disse Mina. — Mas, Lenore... A rapariga que encontrámos na sua casa foi identificada; sabemos que pertence a uma família recém-chegada que vive no bairro de Midsommarkransen. Sabemos que estava a planear vendê-la, tal como fez há cinco anos. Os seus cúmplices denunciaram-na para receberem penas mais leves.

A última parte era mentira, não havia outras pessoas. A única coisa que sabiam era a identidade da criança; o caso estava a ser tratado por

outros polícias. Porém, o tiro no escuro de Mina pareceu dar resultado, considerando a força com que Lenore apertou os dedos à volta dos braços.

— Nenhum advogado vai querer sequer aproximar-se de si — continuou Mina. — Claro que vai ter direito a um advogado oficioso, mas tenho muita dificuldade em acreditar que lhe vão atribuir a pessoa mais competente. Esta é a sua oportunidade de se demonstrar cooperante. Acredite em mim, vai precisar disso.

Lenore endireitou-se na cadeira e colocou as mãos nos joelhos.

— O que é que ele quer saber, afinal? — perguntou.

— Vai ser mais como um pequeno jogo — disse Vincent, sorrindo. — Eu vou dizer uma palavra e, quando a ouvir, quero que me diga a primeira coisa que lhe vier à cabeça. Não pense muito, o importante é que seja a primeira coisa em que pensa. Por mais estranha que seja. Podemos experimentar?

Lenore suspirou e assentiu com a cabeça.

— Pronto — disse Vincent. — Então, vamos começar. Cavalo.

— Sela — disse Lenore, olhando Vincent nos olhos.

— Água — continuou Vincent.

— Sede.

— Crianças.

— Dos outros.

Lenore cruzou os braços novamente e continuou a olhar fixamente para o mentalista.

— Morte.

— Vida.

— Ossian.

— Irlanda.

— Lilly.

— Casamento.

Vincent ergueu uma sobrancelha.

— Há uma loja de roupa de casamentos no centro que se chama assim — disse Lenore.

— Está a planear casar-se? — perguntou Mina.

— Isso é privado. Já acabámos?

— Quase — disse Vincent. — William.

— Spetz.

— Matar.

— Séries de televisão.

— Obrigado, muito bem — disse Vincent, e levantou-se. — Já terminámos. E obrigado por ter falado connosco.

Vincent estendeu-lhe a mão e Lenore apertou-a automaticamente. De súbito, Vincent colocou a sua mão esquerda por baixo do pulso de Lenore e depois soltou o aperto da mão direita. O resultado foi que o braço dela ficou pousado na mão dele, estendido no ar. Vincent balançou-o suavemente com a mão, e o braço dela começou a mover-se para a frente e para trás, ao mesmo tempo que apontou para o ponto pintado sob o seu olho.

Mina observou a situação, fascinada.

— Lenore, olhe para este ponto — disse Vincent com um tom de voz completamente diferente do anterior.

A voz de Vincent estava suave, mas autoritária ao mesmo tempo. Mina teve dificuldade em não começar ela também a olhar para o rosto dele. A situação era tão estranha que não teria nada contra seguir a instrução apenas por ser algo que conseguia compreender. O que imaginou ser precisamente o objetivo.

O olhar de Lenore começou a ficar desfocado, parecia não estar consciente do seu braço.

— E enquanto está a olhar — continuou Vincent —, repare como os seus pensamentos se tornam tão desfocados como o seu olhar, precisamente assim, e quanto menos consegue focar-se, menos precisa

de pensar. Em vez disso, deixe-se simplesmente flutuar com esses pensamentos; é como um grande mar acolhedor que a puxa para baixo... e só tem de seguir para a profundidade agradável... agora.

Vincent soltou o braço de Lenore, que caiu imediatamente. Com o impulso, a cabeça de Lenore também caiu para a frente. Mina reparou que ela tinha fechado os olhos.

— Muito bem, continue assim — disse Vincent, colocando a mão na nuca de Lenore, para que ele continuasse com a cabeça inclinada para a frente. — Deixe-se afundar ainda mais, até onde está segura e onde é confortável. Está lá?

Lenore assentiu lentamente com a cabeça. Mina não acreditava verdadeiramente em hipnose, mas, fosse o que fosse que Vincent tinha feito a Lenore, ela parecia de facto hipnotizada. Aquilo provavelmente nem sequer era permitido, mas Mina suspeitou que fora algo daquele género que Julia esperara quando aprovou a participação de Vincent.

— Agora vou fazer as mesmas perguntas outra vez — disse Vincent. — E, desta vez, quero que responda com aquilo que encontrar lá em baixo, bem no fundo de si própria. Está bem?

Lenore voltou a assentir. A única coisa que se ouviu na sala foi o ranger da cadeira de Vincent quando se sentou à frente de Lenore.

— Cavalo — disse-lhe.

— Pila.

A voz de Lenore estava clara, nada como Mina imaginara que uma pessoa hipnotizada soaria. Porém, era muito claro que Lenore, naquele momento, se encontrava noutro lugar. Mina não achou que estivesse a fingir.

— Água — disse Vincent.

— Afogar.

— Ossian.

— Oceano.

Vincent olhou de relance para Mina, que lhe fez sinal com a cabeça

para continuar.

— Crianças.

— Dinheiro.

— Morte.

— Eu.

— Lilly.

— Lírios brancos.

— William.

— Vontade.

— Matar.

— Pesadelos.

Vincent voltou a segurar o braço de Lenore e levantou-o no ar. Quando o soltou, o braço ficou na mesma posição.

— Quando sentir o seu braço baixar lentamente, permita-se mergulhar ainda mais profundamente nos seus pensamentos — disse Vincent.

O braço de Lenore começou a mover-se para baixo, devagar, e a mulher confiante desapareceu; a expressão facial de Lenore mais fazia lembrar a de uma criança.

— E quando a sua mão chegar à sua perna, abra a porta do lugar onde estão os seus sonhos.

A mão pousou no colo de Lenore e ela franziu a testa.

— Quero perguntar-lhe algo sobre a última coisa que disse — explicou Vincent. — Queria dizer que fica com pesadelos sobre matar, ou que tem pesadelos sobre matar alguém?

— A segunda — respondeu Lenore. Agora a sua voz estava bastante mais sombria e enrolada. Como se viesse do fundo da sua garganta. — Mas quando o faço deixa de ser um pesadelo. A escuridão acaba.

— Mata aquilo que está na escuridão?

— Sim.

— O que é que está na escuridão, Lenore?

— Ulf. O meu tio.

Vincent fez uma pausa e olhou para Mina com um ar profundamente infeliz.

— Vou fazer uma contagem decrescente de cinco até um — disse Vincent para Lenore. — Quando chegar ao *cinco*, pode começar a subir para a superfície, de volta para nós. Ao *quatro*, pode começar a sentir-se desperta e recomposta. Ao *três*, pode optar por lembrar-se do que quiser daquilo que falámos, mas esquecer aquilo que não quer recordar. Ao *dois*, vai inspirar profundamente e ao *um* vai voltar a abrir os olhos.

Lenore abriu os olhos e olhou à sua volta, confusa.

— O que é que se passa? Do que é que estávamos a falar ainda agora? — perguntou.

— Nada — respondeu Vincent, e levantou-se de novo. — Só lhe agradei por ter falado connosco, agora não a vamos incomodar mais. Só uma última coisa: a que horas acordam os gatos?

Lenore ficou com um ar ainda mais confuso.

— O quê? Como assim?

Vincent saiu da sala e não deu a Mina outra escolha que não segui-lo. Lenore estava a olhar para eles com ar espantado quando Mina fechou a porta.

— Os gatos? — perguntou Mina, quando já estavam no corredor.

— Quando se quer criar uma perda de memória a seguir a uma hipnose, é importante distrair o cérebro logo a seguir, para que ele não se concentre no que acabou de acontecer — explicou Vincent.

— Então, e o que é que descobriste?

— Então, não ouviste? — perguntou Vincent, olhando espantado para ela. — Claro que fiquei um bocado apreensivo quando ela primeiro associou a água a afogamentos e depois o Ossian a oceanos. Comecei a achar que podia ser uma pista. Mas penso que foi uma

associação puramente linguística. Ou seja, por as palavras terem sons parecidos. Já tínhamos falado sobre água, por isso não é estranho que ela ainda estivesse lá no pensamento seguinte. E a Lilly e o William não resultaram em nenhuma associação desse gênero. Nem quando mencionei os cavalos. Acho que ela não tem qualquer relação com as nossas crianças mortas.

Mina assentiu, também fora a conclusão a que chegara. Mas valera a pena tentar.

— Mas... — disse Vincent, detendo-se. — A Lenore vê as crianças principalmente como uma forma de ganhar dinheiro. Isso leva-me a pensar que ela tem um grave distúrbio empático. Pode ser um defeito fisiológico no cérebro, como uma disfunção na amígdala ou uma lesão nas sinapses entre os lobos frontais e o hipocampo. Mas estou mais inclinado para acreditar que é um mecanismo de defesa psicológica. Os lírios brancos? A Lenore parece ter uma fixação pela morte. Foi alvo de abusos pelo tio quando era pequena, aquele tal Ulf. É evidente que ela reprimiu as memórias, mas foi ele que criou uma grande parte da mulher que está naquela sala. Acho que seria bom vocês designarem um psicólogo para falar com ela.

Mina olhou fixamente para Vincent. Além dos nomes das crianças, só tinha mencionado cinco palavras a Lenore. Nada mais do que isso. E, ainda assim, sabiam mais sobre Lenore Silver agora do que tinham descoberto durante quase uma semana de interrogatórios.

— Só mais uma pergunta — disse Mina. — Depois temos de apanhar o Peder e ir ao estaleiro de Beckholmen. De outra forma, não vou conseguir parar de pensar nisso. A que horas acordam os gatos?

Vincent tentou conter um sorriso.

— Às oito e picos.

Depois soltou um grito quando Mina lhe bateu com força no ombro.

Nathalie recolheu as ferramentas que tinha usado e dirigiu-se lentamente para a oficina com elas. Estava terrivelmente cansada. O martelo tinha de ser pendurado no sítio certo, assim como o serrote; a organização era importante para Karl. Mais alguns membros do círculo íntimo tinham-se juntado a eles, todos com as mesmas roupas brancas, e trabalhavam todos muito arduamente na restauração. Na verdade, as roupas brancas eram do menos prático que podia haver, todos os dias a seguir ao trabalho estavam cobertas de sujidade. Principalmente quando precisava de limpar coisas no edifício ardido que ficava a alguma distância. Nathalie perguntara para que servira o edifício antes do incêndio, mas não obtivera resposta, só silêncio.

Nathalie esticou-se para alongar os músculos; fazer tarefas físicas dava-lhe uma espécie de satisfação que era uma novidade para ela. Contudo, não estava habituada, não tinha nem a força muscular nem a energia que era esperada; até fechar a porta do telheiro onde tinham o espaço de oficina era para ela um esforço imenso.

Monica e Karl punham-na a trabalhar, juntamente com os outros, logo de manhã, e assim continuavam o dia todo. O resultado era que agora estava tão cansada que seria capaz de adormecer em pé. Provavelmente, até o teria feito se não estivesse com tanta fome. Ao mesmo tempo, havia uma atmosfera fantástica no grupo; não tinha qualquer intenção de ser a primeira a reclamar. Mas sem dúvida que estavam a ser umas férias de verão muito diferentes.

Seguiu os outros para o interior do edifício que era a sua casa nos últimos tempos. Ainda não conseguira fixar o nome de todos, apesar de não serem muitos. Porém, as roupas brancas e os sorrisos constantes tornavam-nos confusamente parecidos. Encaminhou-se para o dormitório, enquanto se esforçava por manter os olhos abertos. Seria maravilhoso poder deitar-se na cama de campismo que era a sua ultimamente. E devia provavelmente contactar o pai; afinal de contas, ele não sabia nada dela há já...

Nathalie deteve-se.

Há quanto tempo fora, na verdade?

Os dias tornaram-se indistinguíveis. Nathalie tentou contar pelos dedos há quanto tempo ela e Ines se tinham encontrado no metropolitano. Uma semana? Duas? Doía-lhe a cabeça de pensar nisso, precisava de descansar um pouco primeiro. Mas depois. Depois ia telefonar ao pai.

Só precisava de carregar o telemóvel primeiro. E descobrir onde é que podia conseguir encontrar um carregador...

— Nathalie? Nathalie, onde é que vais?

Estava tão perto, a cama estava apenas um metro mais à frente. No entanto, ouviu pela voz da avó que se tratava de algo especial. Virou-se para trás, viu a sua avó e sobressaltou-se. Ines, tal como ela própria, estava vestida de branco, mas a *T-shirt* e as calças tinham sido substituídas por uma túnica comprida. Sobre os ombros trazia uma fita verde.

— O que é que se passa? — foi o melhor que Nathalie conseguiu lembrar-se de perguntar.

— Está na hora de começares a compreender o significado das palavras do John — disse Ines. — Anda.

A avó pegou-lhe na mão e levou-a para a sala onde costumavam comer. Nathalie estava demasiado cansada para protestar. As mesas onde costumavam sentar-se às refeições estavam encostadas ao longo das paredes e uma longa prancha apoiada em cavaletes de madeira atravessava a sala. Os outros membros do grupo estavam de pé, ombro com ombro, com as mãos em cima da prancha. Ines fez um gesto para que Nathalie se colocasse junto aos outros, e Nathalie foi para a ponta mais próxima da prancha, ao lado de Karl, enquanto Ines se dirigiu para a outra extremidade.

— Tudo é sofrimento, a dor purifica — disse Ines.

— Tudo é sofrimento, a dor purifica — respondeu o grupo.

— Todos vocês carregam diferentes tipos de dor — continuou Ines.

— Dor que vos ajuda a ver o mundo com clareza. Hoje temos uma pessoa nova connosco, a minha neta Nathalie. A dor dela é mais

espiritual do que física, mas todavia real. Hoje recebemos a Nathalie entre nós e recordamo-nos de que não temos medo da dor. De que ela, em vez de medo, nos proporciona clareza.

Ines pegou num chicote de equitação e aproximou-se da pessoa que estava mais próxima de si, um homem de cabelo grisalho na casa dos sessenta anos. O homem ficou com todo o corpo tenso.

— Tudo é sofrimento, a dor purifica — disse a avó.

— Tudo é sofrimento, a dor purifica — repetiu o homem em voz baixa.

O chicote assobiou no ar antes de bater contra a prancha e o som ecoar pela sala quando Ines atingiu os dedos do homem. Este estremeceu como se tivesse levado um choque elétrico, mas permaneceu de pé com as mãos pousadas na prancha. Uma faixa vermelha apareceu imediatamente sobre os seus dedos, ao mesmo tempo que os olhos do homem se encheram de lágrimas. Nathalie tentou compreender o que estava a acontecer. Estavam a ser castigados? Não, não lhe parecia ser isso, a avó não parecia zangada. Pelo contrário, o ar na sala estava impregnado de uma reverência quase religiosa. O homem franziu a testa em concentração. Depois, um pequeno sorriso surgiu nos seus lábios, antes de acenar com a cabeça para Ines, que passou para a pessoa seguinte.

— Tudo é sofrimento, a dor purifica — disse novamente, e levantou o chicote.

Nathalie sentiu dificuldade em pensar; estava tão cansada e com tanta fome, mas estava bastante segura de que não queria que a avó lhe batesse. Aquilo parecia doer muito e não queria ter dores.

— Não tenhas medo — segredou Karl para Nathalie. — A dor passa. Mas a clareza que te dá a seguir... garanto-te, vais ver o mundo de uma maneira completamente nova depois disto.

Ines continuou a percorrer a fila. As cinco pessoas em quem já batera com o chicote abraçavam-se, e ora riam, ora choravam. Nathalie só sabia que, se largasse a prancha, provavelmente cairia

para o lado de exaustão. Os outros pareciam tão felizes; ela também queria estar com eles.

O chicote sibilou através do ar ao lado dela e Nathalie ouviu Karl inspirar profundamente e sustar a respiração precisamente antes de atingir as suas mãos com o som de um tiro de pistola. Depois, Ines virou-se para ela. Karl deixou a cabeça cair para a frente e respirou com esforço. Uma pequena gota de sangue brotou à superfície da linha vermelha sobre os seus dedos.

— Olá, meu amor — disse Ines, e desviou uma madeixa de cabelo do rosto de Nathalie. — Bem-vinda à verdade.

Quando o chicote atingiu os seus dedos, uma parte do seu cérebro explodiu. Nathalie soltou um grito imenso. Foi como se alguém tivesse pegado fogo às suas mãos, ou as tivesse enfiado num ninho de vespas. Ines segurou-lhe os braços para que ela mantivesse as mãos na prancha.

— Não resistas — sussurrou Ines. — Examina a dor. Abraça-a. Olha através dela.

Nathalie tentou fazer o que Ines lhe disse, mas era demais, demasiado avassalador. Queria fugir para o mais longe possível daquele mal.

— Estás em estado de choque — disse Ines ao seu ouvido. — Mas vê a dor pelo que ela é.

Nathalie tentou outra vez. Doía-lhe tanto, tanto. Mas o que significava isso, realmente, que lhe doía? Eram apenas sinais no seu cérebro. Nathalie tentou encontrar os componentes da dor, como tinha visto os adultos fazerem com o vinho. Tentou encontrar os diferentes sabores, cheiros, sensações. E, subitamente, a dor tornou-se um pouco mais fácil de suportar. Ainda lhe doía terrivelmente, mas não tanto como antes. Inspirou o ar com força entre os dentes. E nalgum lugar encontrou também uma clareza, uma nitidez criada pela adrenalina no seu cérebro. Viu o que era importante e o que não era. Compreendeu o que a avó quisera dizer com as palavras de John.

De seguida, Ines levantou as mãos de Nathalie e mergulhou-as num balde de água gelada, que alguém colocara em cima da prancha. A água calmante transformou-se numa impressão demasiado forte e Nathalie começou a chorar descontroladamente. A avó tinha razão, a dor purificava. E Nathalie carregava tanta dor, dor que ela própria não sabia que tinha. A avó pressionou-lhe a cabeça contra o peito e Nathalie soluçou.

— Pronto, pronto — consolou-a a avó. — Vamos sempre cuidar de ti. Prometo-te. És uma de nós agora.

Peder inclinou-se contra a parede áspera. Tivera esperança de que os quatro metros de profundidade da doca seca oferecessem alguma proteção contra o calor, mas não foi o caso. Na doca havia três barcos, que Peder assumiu estarem ali para ser reparados, montados em suportes metálicos.

— Pois, foi profundamente trágico aquilo que aconteceu no inverno passado — disse o homem de pé à sua frente. — Aquilo com o rapaz, quero dizer.

O homem chamava-se Bengt e pertencia à associação da doca seca de Beckholmen. Não fora ele que encontrara o corpo de William, mas coubera-lhe reportar o caso à Polícia.

— Há aqui barcos durante o ano todo — continuou. — Mas a maior parte vem para aqui no verão e só ficam uma semana. Se tivesse sido noutra ocasião, o corpo teria sido arrastado para o mar quando abrimos a doca, mas como o barco que esteve aqui no inverno precisava de novas bordadas, acabou por ficar mais de um mês. Foi a tripulação desse barco que o encontrou. Horrível. Imagine depois ter de continuar aqui e prosseguir com as reparações num local onde se... bem, claro que depois se atrasou tudo, porque vocês precisaram de ver se as pessoas que estavam a trabalhar no navio eram suspeitas, e pode dizer-se que isso perturbou o planeamento para o resto do ano, mas...

— Bordadas? — interrompeu Peder.

Bengt olhou para ele com uma expressão claramente reservada para quem não percebia nada de barcos.

— Alguma vez viu um navio de madeira? Sabe aquelas tábuas que eles têm nas laterais da embarcação? De que é feito todo o casco? São as bordadas.

Peder assentiu com a cabeça. Depois fingiu ter avistado algo mais ao fundo e fugiu para junto de Mina, que se refugiara no canto da doca, onde os raios de sol não conseguiam chegar até ao fundo.

Vincent andava de um lado para o outro entre os navios, a observar o ambiente com as mãos atrás das costas. Peder conseguia ver a

concentração no rosto do mentalista, apesar dos óculos de sol. Vincent usava daqueles óculos de sol com armações de massa grossa, que tinham deixado de estar na moda nos anos cinquenta. De alguma forma incompreensível, ficavam-lhe bem.

Peder ficara surpreso quando vira Vincent na reunião; ninguém o avisara de que ele seria envolvido na investigação. Aparentemente, fora ideia de Mina, mas Julia aprovara. Vincent fizera um bom trabalho da última vez, ninguém poderia dizer o contrário. Desde que Peder não tivesse de ouvir uma nova palestra sobre o sono, não via qualquer problema em Vincent dar uma vista de olhos.

Não que Peder conseguisse perceber o que Vincent achava que iria encontrar. Cada vez que os barcos na doca eram trocados, o espaço enchia-se de água, tal como Bengt referira. E, também de acordo com Bengt, isso podia acontecer todas as semanas. Qualquer vestígio possível já teria sido levado pelo mar há muito tempo.

— Estás à procura de alguma coisa em particular? — perguntou a Vincent, coçando a barba.

A disputa entre ele e Anette sobre se devia manter a barba ou não continuava. Por um lado, Anette dizia que provavelmente lhe fazia mais comichão a ela do que a ele, dizia que ficava com a pele irritada. Por outro lado, também admitira que achava a barba incrivelmente *sexy* — em fotografias. Talvez tivesse simplesmente de encher a casa de fotografias suas, a partir de agora.

Vincent abanou a cabeça e aproximou-se dele e de Mina.

— Só quero ficar com uma perceção do espaço — respondeu Vincent. — Perceber se é, em si mesmo, uma pista. Mas não está a correr muito bem, não encontro nenhuma ligação. A teoria da Nova de que os homicídios têm que ver com água se calhar até faz sentido. Afinal de contas, estamos numa doca de barcos. Só acho que essa afirmação parece demasiado... geral. Demasiado vaga. Esta cidade está rodeada de água por todos os lados, acho que deixa de fazer muito sentido falar dela. Se calhar o Ruben tem razão e o William não

está relacionado com os outros casos. Foi o pai dele que o matou e deixou aqui o corpo para que parecesse um acidente. O William não é o ponto B e não temos nenhum padrão.

— Bem, o Ruben ia adorar ouvir isso — comentou Mina.

— Então estamos de volta à estaca zero — suspirou Peder.

— Já agora, sabes que um estudo alemão demonstrou que as mulheres consideram os homens de barba comprida mais atraentes? — perguntou Vincent.

— Ah... não sabia. Mas isso podia explicar... — começou Peder, dando conta de que estava a coçar a barba outra vez.

— Já agora, o Amir tinha barba? — perguntou Vincent com um olhar insinuante para Mina.

Peder não fazia ideia daquilo a que Vincent se estava a referir, mas Mina sabia claramente, a julgar pelo olhar assassino que lançou a Vincent.

— Mas, por outro lado, a maior parte dos outros estudos constatou o oposto — continuou Vincent, com despreocupação. — Por exemplo, o Barnaby Dixson da Nova Zelândia fez vários estudos sobre barbas, e também a dupla de investigadores Nick Neave e Kerry Shields, em Inglaterra. Mas chegaram à conclusão contrária, que uma barba de três dias funciona, mas mais do que isso já não é atraente. O mais engraçado é a explicação dos alemães para os resultados divergentes; disseram que devia ser porque a barba escondia tanto do rosto que as mulheres tinham mais oportunidade de fantasiar sobre a aparência real dos homens.

Peder perguntou-se se Anette teria sangue alemão nas veias; isso explicaria algumas coisas na relação deles, e não apenas a atitude em relação à barba. Vincent não pareceu reparar que ninguém lhe respondeu; agora estava lançado e nada poderia detê-lo.

— Mas na tua profissão de polícia talvez seja mais importante conhecer o apontamento do Dixson que diz que a barba reforça uma expressão facial zangada — continuou Vincent. — Quero dizer, se

alguma vez quiseses parecer perigoso, estás no caminho certo.

Mina tentou conter um sorriso, ali de pé à sombra.

— Acho que é mais no Ruben que estás a pensar agora — comentou.

Vincent virou-se para ela e assentiu com a cabeça antes de continuar.

— Depois também há uma tese de mestrado interessante da Universidade de Twente, na Holanda, que constatou que, em entrevistas de emprego, uma barba comprida tem o mesmo impacto positivo que uma barba acabada de fazer, enquanto os cumprimentos de barba entre esses dois extremos têm um impacto mais negativo. Portanto, Peder, é uma boa aposta se quiseses mudar de emprego. Supondo, obviamente, que não te importas com o facto de uma barba conter mais bactérias implicadas em doenças infecciosas em humanos do que o pelo de um cão realmente sujo, o que foi demonstrado por vários radiologistas na Suíça há alguns anos...

Vincent parou subitamente de falar; Mina ficara com os olhos arregalados e um ar aterrorizado quando ele mencionara as bactérias. Típico. Peder já sabia que não ia poder sentar-se ao lado dela em mais nenhuma reunião na sala de conferências; Mina ia manter pelo menos duas cadeiras entre eles até Peder voltar a fazer a barba. A questão era saber se *Bosse*, o cão de Christer, seria bem-vindo depois daquele comentário. Maldito Vincent a complicar tudo; agora cabia-lhe a ele desviar rapidamente a atenção de Mina para outro assunto, antes que ela exigisse que Peder fosse realmente a um barbeiro no caminho de volta para a sede da Polícia.

— A propósito — disse Peder, quebrando o silêncio —, já te mostrei o vídeo das trigémeas a cantarem a música do Festival Eurovisão? Bem, cantar é uma maneira de dizer...

Peder já estava a retirar o telemóvel do bolso quando viu o olhar atormentado de Mina. Peder suspirou e voltou a guardá-lo. Com que então, podiam falar sobre barbas mas não do vídeo dos seus três

amores? Era tão típico de pessoas que não tinham filhos; simplesmente não compreendiam.

— Ainda esta segunda-feira nos mostraste o vídeo — disse Mina. — E na semana passada também. E mais algumas vezes antes disso. A verdade é que o Ruben não estava a exagerar, temos visto isso com bastante regularidade desde que o Festival Eurovisão foi transmitido no inverno passado, ou lá quando é que foi.

Então e qual era o problema? Até parecia que era possível alguém cansar-se das trigémeas. Mas Peder obedeceu. Felizmente, tinha muitos outros vídeos igualmente fofinhos. Pelo menos Mina tinha parado de lançar olhares atormentados para a sua barba.

De repente, o mentalista franziu a testa e voltou para a doca seca, para o local onde William fora encontrado, e fez sinal a Peder e Mina para que o acompanhassem.

— O que foi? — perguntou Mina.

— Acabei de me aperceber de que todas as fotografias que vocês têm do local onde o William foi encontrado foram tiradas deste ângulo — disse Vincent. — Fica precisamente aqui. Imagina que és uma câmara. Diz-me o que é que vês na lente.

— Mas porque é que...? Pronto, está bem — disse Mina. — Vejo... o chão de cimento onde o William estava deitado. Uma parede de rocha a alguns metros de distância. A parede tem uma altura de cerca de quatro metros e há pneus de carros pendurados a todo o comprimento, provavelmente para os barcos não rasparem na pedra áspera quando entram na doca. Acima da borda da parede há um balaustrada vermelha e uma casa, também vermelha.

— Desce um pouco mais — disse Vincent. — Até ao sítio onde a parede de rocha encontra a balaustrada.

— Muito bem, desleixei-me aí. O último metro da parede afinal é de betão armado, na parte superior da doca. E as pessoas parecem ter pintado quadrados no betão e escrito nomes lá dentro... *Sunbeam*. Panamá. Afrodite. — Mina virou-se para Vincent. — Assumo que são

os nomes dos barcos que estiveram na doca.

Vincent assentiu com a cabeça.

— Aquilo que descreveste agora é exatamente o que se vê nas fotografias da Polícia. Agora vamos olhar para a imagem que ainda não vimos, aquilo que estava atrás da câmara quando o William foi fotografado.

— Não estou a perceber — disse Mina.

— Vira-te para o outro lado, Mina. O que é que vês?

Mina fez o que Vincent lhe disse e Peder olhou na mesma direção. Sentiu-se tão confuso como Mina parecia estar.

— Parece-me igual — respondeu Mina. — Piso de cimento, parede de rocha, betão, *graffiti*, balaustrada. Mas não há nenhuma casa vermelha em cima. E também não há tantos nomes de navios na parede.

— Ótimo. Agora digamos que o William está aqui deitado, aos nossos pés. Se tirasses uma fotografia com ele em primeiro plano, quantos nomes na parede é que apareceriam na fotografia?

Mina restringiu o seu campo de visão criando uma moldura com os polegares e os indicadores.

— Dois. Jera e H... qualquer coisa. Aquele que começa com «H» foi apagado pela água, não consigo ver o que diz. Mas acaba em «O». Não, espera, o Jera afinal não estaria visível na imagem, uma vez que teria de estar na vertical para apanhar toda a parede. Por isso acho que só se veria o nome começado por «H».

Peder não conseguiu conter uma gargalhada.

— Que raio de nome para dar a um barco — comentou.

Mina e Vincent olharam para ele com ar de quem não estava a perceber. Que Vincent não percebesse não era estranho, mas ficou surpreendido por Mina não fazer a ligação.

— Não estão a ver o que diz? — perguntou-lhes. — É verdade que a água desgastou as letras, mas não é assim tão difícil descobrir. É o

nome de um veículo policial muito conhecido; foi usado na África do Sul nos anos setenta, tanto pela Polícia como pelos militares, e foi especialmente construído para resistir a minas terrestres. Disse «construído», mas, na verdade, eram antigos camiões militares britânicos considerados demasiado velhos e que foram só reforçados. O veículo era ridiculamente pesado, não se via quase nada quando se conduzia, e mais fazia lembrar um tanque de combate do que uma carrinha de intervenção. Mas fazia claramente o trabalho, esteve presente em várias guerras até. Desde que ninguém disparasse sobre ele... embora resistisse a minas terrestres, não era tão bom com balas. Espero que o barco que tinha esse nome não tivesse uma blindagem tão pesada, senão provavelmente afundava-se logo. — Mina e Vincent continuavam a olhar fixamente para ele. — O que foi? Como se vocês não tivessem interesses particulares... Ficam a saber que eu às vezes faço mesmo outras coisas além de passar tempo com as trigémeas.

Aquela última parte não era realmente verdade; Peder tinha simplesmente visto um documentário do canal Discovery sobre as guerras na África do Sul porque as trigémeas adormeceram numa pilha em cima da sua barriga, depois de uma luta que ele perdera. Peder não se atrevera a mover-se do chão, com medo de que elas acordassem, e a televisão estava ligada, a quarenta centímetros dos seus olhos. O documentário durara uma hora. Anette chegara entretanto a casa e salvara-o.

Vincent chamou Bengt e apontou para o nome meio ilegível do navio.

— Quando é que aquele navio esteve aqui?

Bengt protegeu os olhos com a mão, apesar de estar a usar um boné, e pareceu refletir alguns segundos.

— Sabem, é impossível lembrar-me de todos os barcos que já aqui tivemos — disse com alguma hesitação na voz. — Mas sinceramente acho que nunca tivemos aqui nenhum navio com esse nome. Deve ser algum *graffiti* de adolescentes.

— Não acredito que seja — disse Vincent, olhando para Peder. — Sabes se os militares sul-africanos se inspiraram na batalha de Troia quando deram o nome ao veículo?

Típico, não devia ter soado tão confiante em relação ao seu suposto interesse por história militar. Não tinham dito nada sobre batalhas da Grécia antiga no documentário.

— Troia? — repetiu para ganhar tempo. — Onde construíram aquela coisa de madeira para esconder os soldados?

— Precisamente. Porque o nome do teu veículo militar, o nome que alguém pintou imediatamente acima do sítio onde o William foi encontrado, é uma palavra grega. *Hippo*.

Vincent esperou alguns segundos, para dar tempo a Mina de também ver a palavra meio apagada do betão.

— E *hippo* significa «cavalo» — disse, de seguida.

Ruben atravessou o jardim. O parque onde William fora visto com vida pela última vez estava vazio, não havia ninguém sob o calor escaldante. As pessoas ou tinham fugido para algum sítio de banhos, ou então mantinham-se no interior, perto de ventoinhas refrescantes.

— Tu deves suportar melhor o calor, não? — disse Ruben, limpando o suor da testa com a manga curta da sua camisa da Polícia.

— Porque é que havia de suportar melhor? — perguntou Adam, que ia uns passos à frente de Ruben.

Atravessaram o pequeno pátio interior, em direção à porta do prédio onde vivia a vizinha de Lovis.

— Sim, bem, porque... Oh, caga nisso.

Ruben teve de acelerar o passo para acompanhar Adam, que se estava a fazer de desentendido ou então era estúpido. Aquilo seria uma coisa assim tão estranha de se perguntar? Ele e outros negros deviam tolerar o sol e o calor em África, enquanto os pálidos do Norte da Europa como ele eram feitos para lidar com invernos longos e frios. Não havia nada de racista nisso, segundo ele. Era biologia simples.

Uma mulher na casa dos trinta anos veio a andar na direção deles com um carrinho de bebé. O guarda-sol fixado no carrinho protegia a criança do sol, mas a mulher parecia estar muito quente. Deteve-se mesmo à frente deles, obrigando Adam a parar repentinamente para não chocar com o carrinho.

— Só preciso de vos dizer uma coisa — disse a mulher.

— Claro que sim — disse Ruben, e avançou. — De que se trata?

— O meu Maximillian vai entrar para o jardim de infância daqui a um ano — disse ela, apontando para o carrinho. — Andávamos ansiosos por isso. Mas agora já não. — A mulher agitou o dedo indicador na direção de Ruben, como se estivesse a tentar trespassá-lo com ele. — Andam crianças a ser raptadas de jardins de infância e vocês não fazem rigorosamente nada — disse a mulher, pressionando o dedo no emblema da Polícia costurado no peito da camisa de Ruben. — Não têm vergonha? Se fosse a si, mudava de emprego. Ou, melhor

ainda, atirava-me para a frente de um comboio. O Ted Hansson tem razão. O Maximillian não devia ter de crescer num mundo onde os imigrantes podem roubar-nos os filhos à frente dos nossos olhos sem a Polícia fazer nada.

Depois olhou para Adam com os olhos semicerrados.

— Mas é bastante óbvio o porquê de isso acontecer — acrescentou.

— Não há nada que aponte para que «imigrantes» estejam envolvidos nestes crimes — disse Ruben com um sorriso congelado nos lábios.

— Convença-se do que quiser — cuspiu a mulher, e começou a afastar-se com o carrinho. — Quando o Ted ganhar as eleições, nem tu nem o preto vão continuar a ter trabalho — gritou por cima do ombro.

Ruben lançou um olhar a Adam, que ficou a ver a mulher afastar-se, até desaparecer pela esquina do outro lado do parque infantil.

— Era a porta B, não era? — perguntou Adam depois, virando-se para a porta do prédio mais próximo.

Ruben assentiu com a cabeça.

— Porta B, sétimo andar. Mas, olha...

— Esquece isso — disse Adam. — Não é a primeira vez e não vai ser a última.

— Habituas-te?

— Tu habituavas-te?

Ruben abanou a cabeça. Entraram para o prédio e sentiram o calor continuar a cercá-los no interior. Um grande papel com uma mensagem escrita à mão recebeu-os no início das escadas: o elevador estava avariado.

— Grande merda! — exclamou Ruben, olhando para cima.

Sete andares. Sete malditos e infernais andares.

— Vamos deitar os bofes pela boca — disse Adam, desnecessariamente animado, e começou a subir as escadas em passo rápido.

Ruben começava a gostar ainda menos dele, se é que isso era possível. Sete andares mais tarde, estava perto de ter um pequeno ataque cardíaco. Não tinha um fio de tecido seco no corpo e a sua respiração soava como um fole estragado. Mas para sua enorme satisfação, Adam estava igualmente transpirado e parecia um pouco incomodado. Uma pequena vitória. Mas, ainda assim, uma vitória.

Tocaram à porta e, ao fim de algum tempo, ouviram passos arrastados no interior. Uma senhora pequena, de pele ressequida e de idade indeterminável, abriu a porta e espreitou para eles bem abaixo da corrente de segurança.

— Sim? Não quero comprar nada, se andam a vender. E também não estou interessada na graça e salvação de Jesus, o filho único de Deus.

— Somos da Polícia — disse Adam, mostrando-lhe a identificação.

Ruben ponderou se também deveria mostrar-lhe a sua, mas não tinha forças. Nem os braços nem as pernas queriam obedecer-lhe depois de subir aquelas escadas.

— Polícia... Pronto, entrem lá.

A senhora fechou a porta e destrancou a corrente de segurança, antes de voltar a abri-la e os deixar entrar em casa. Ruben sentiu um aperto no peito; a casa cheirava precisamente como a da sua avó. E o tiquetaque de um relógio algures lá dentro soava exatamente como o relógio que costumava ouvir na sua infância. Era um som que associava sempre a uma sensação de segurança.

A senhora, que de acordo com as informações que tinham se chamava Viola Berg, caminhou lentamente à frente deles, em direção à cozinha. O tiquetaque tornou-se mais forte à medida que se aproximavam e acabaram por ver um relógio *Gustavian Mora*, os tradicionais relógios de caixa longa, a um canto.

— A senhora é da região de Dalarna? — perguntou Ruben. — A minha avó é de Älvdalen.

— Älvdalen? Então somos vizinhas. Mas isso já foi há muitos anos,

mudei-me para Estocolmo quando tinha dezanove anos. Mas não pensem que vou dizer a belos rapazes como vocês em que ano foi.

Viola piscou-lhes o olho e virou-se para uma cafeteira que estava em cima do fogão.

— Assumo que estão aqui por causa do rapaz — disse enquanto servia o café em três chávenas de porcelana da marca *Rörstrand*.

Depois de se arrastar até uma porta de um armário no outro canto da cozinha, também tiveram direito a bolachas, que ela pousou em cima da mesa. Ruben hesitou; devia realmente pensar na saúde. Agora que era pai e tudo. Não queria ter um AVC quando voltassem a percorrer os sete andares de escadas. Porém, quando Adam se serviu descontraidamente das bolachas, Ruben fez o mesmo. Se Adam conseguia ter aqueles abdominais e ainda comer bolachas, certamente que Ruben também podia permitir-se.

— O rapaz, sim, é isso mesmo — disse Adam. — Sabemos que já nos contou sobre o que viu em várias ocasiões e que, além disso, também já passou algum tempo. Mas, ainda assim, gostaríamos de lhe pedir que nos descrevesse novamente o que viu no dia em que o William desapareceu.

— Então já não acreditam que foi o pai? — perguntou Viola, semicerrando os olhos.

Viola colocou um cubo de açúcar entre os dentes da frente e bebeu alguns tragos de café através do cubo, com ar satisfeito. Tal como a avó de Ruben fazia sempre. Ruben engoliu em seco.

— Não podemos comentar nada em relação à investigação — disse Adam, estendendo o braço para se servir de mais uma bolacha caseira. Ruben também tirou outra.

— Pois, claro que não — retorquiu Viola. — Mas eu sei que a Lovis continuou sempre a afirmar que não foi o canalha do homem dela que fez aquilo. Bem, o que sei eu?! Mas todos nós que moramos aqui vimos como é que ele os tratava, a ela e ao filho. E ficam a saber que as paredes não são assim tão grossas. Mas eu vi aquilo que vi, apesar

de nenhum de vocês na Polícia querer ouvir.

— Então, nessa manhã... — disse Adam para a ajudar a arrancar.

— Ah, pois, exatamente. Então, era de manhã cedo e vi o William sozinho junto aos baloiços. Não havia nada de estranho nisso; ele acordava sempre cedo aos fins de semana e ia para o parque infantil, sempre sozinho. Devia ser mais calmo para ele, parece-me.

— Recorda-se precisamente de que horas eram quando o viu?

— Sei exatamente que horas eram e também vos disse de todas as vezes. Eu estava sentada na minha varanda e ia fazer as palavras cruzadas musicais da rádio. Eles costumam começar às dez, às vezes às onze, mas naquela manhã começaram cedo, eu tinha acabado de ligar o rádio. Eram nove e meia em ponto. Foi aí que o vi aproximar-se e falar com o William.

— Um homem, portanto... Estava sozinho?

— Sim, era só ele. Jovem e elegante. Era uma pessoa com bom aspeto, não tinha assim nada que se destacasse. Trazia um *blazer* escuro, o cabelo curto, louro. Estava demasiado longe para eu conseguir ver-lhe a cara. Mas parecia-se com... bem, como qualquer outro homem.

— Não quero ser desagradável — disse Ruben. — Mas consegue realmente ver até ao parque infantil daqui de cima?

— Que maluquice, a minha visão não vale nem dez tostões hoje em dia — respondeu Viola, rindo-se. — É por isso que tenho um par de binóculos. E com eles consigo ver até o interior dos apartamentos do outro lado do jardim.

Ruben riu-se e olhou para Adam.

— Durante quanto tempo é que o homem ficou a falar com o William? — perguntou-lhe, e humedeceu o dedo para apanhar as migalhas que tinham caído na toalha axadrezada.

— Não foi muito tempo, um minuto, talvez dois. Não pensei muito no assunto, as palavras cruzadas já tinham começado e ele, bem, não

me pareceu... perigoso. Tinha um sorriso bonito, isso consegui ver daqui.

— E depois?

Adam bebeu o seu café enquanto observava Viola. A chávena frágil parecia desajustada na sua mão enorme.

— Depois ele deu a mão ao William e foram-se embora. Pois... eu assumi que estava tudo bem, que era algum familiar ou algum amigo da Lovis. Alguém que estava ali para ajudar. E os deuses sabem que se havia alguma coisa que aquela família precisava era de alguém que os pudesse ajudar. Um homem forte não tinha sido má ideia. Acho que era a minha esperança, que a Lovis tivesse recuperado o juízo.

— E depois não os voltou a ver? Ao William e ao homem, quero dizer.

— Não. Depois não voltei a vê-los. E tentei contar isto à Polícia logo na altura, tentei explicar que não foi o pai do menino. Mas ninguém quis ouvir.

Viola abanou a cabeça. Depois empurrou o prato das bolachas e insistiu que comessem mais, mas Ruben deu umas palmadas na barriga.

— Não, obrigado. Estou bem.

— Digo o mesmo — disse Adam, levantando-se. — Agradecemos muito a sua disponibilidade.

— Não têm nada que agradecer — respondeu Viola, e começou a levantar a mesa. — Não recebo muitas visitas hoje em dia. Acontece com o tempo.

Quando fechou a porta do apartamento atrás deles, Ruben ainda conseguia ouvir o tiquetaque do relógio de madeira. Pensou na última coisa que Viola dissera e sentiu que devia fazer uma visita extra à sua avó a caminho de casa.

TERCEIRA SEMANA

Era uma nova semana. A quinta e a sexta-feira anteriores tinham sido passadas a compilar as novas informações que o grupo conseguira obter, que, para dizer a verdade, não eram muitas. Mina tentara aproveitar o tempo livre para descansar um pouco durante o fim de semana; sabia que precisava do descanso, mas sentira-se pronta a trepar as paredes ainda antes de o fim de semana chegar ao fim. Precisava de poder estar em movimento, precisava de poder trabalhar, para que os pensamentos não ficassem presos noutras coisas. Por isso, era um alívio estar de volta à medicina legal na segunda-feira de manhã, para se encontrar com Milda Hjort, embora Milda lhe tivesse pedido para esperar até ter terminado o que estava a fazer.

Mina inclinou-se para a frente, curiosa para ver o que Milda estava a fazer. O seu assistente, Loke, passou-lhe um instrumento e Milda debruçou-se sobre o cadáver na mesa de autópsias. Era uma mulher com cerca de trinta e cinco anos, de aspeto delicado, pele clara e com claros traços de ferimentos cicatrizados no corpo. O objeto que Loke tinha na mão era um bisturi, com o qual cortou uma linha reta e profunda, lenta e firmemente, desde o pescoço até ao osso púbico. Depois pegou na tesoura de costelas, que utilizou para expor a cavidade torácica. Nada naquele processo perturbava Mina. E sabia a razão pela qual Milda sugerira que se encontrassem ali em vez de no seu gabinete; havia poucos lugares onde Mina se sentia tão confortável como naquela estéril sala de autópsias.

— De que é que ela morreu? — perguntou Mina. — Já consegues ver?

Milda balançou a cabeça, uma resposta que sugeria tanto um sim como um não. A caixa torácica estava agora totalmente aberta e os órgãos expostos.

— Quando ela deu entrada no hospital, o marido alegou que tinha caído das escadas — disse Milda. — Morreu algumas horas depois, mas havia muitos indícios de que a descrição do marido sobre o curso dos acontecimentos não era verdade. Entre outras coisas, os

hematomas severos que ela tem à volta da garganta. Portanto, o que quero fazer agora é extrair completamente os órgãos do pescoço.

Loke recuou um passo para deixar Milda aproximar-se da mesa. Mina sabia que aquilo, na verdade, era uma tarefa de assistente, mas assumiu que tinham chegado a um passo que Milda queria ser ela própria a realizar.

— Não percebo... porque é que vais mexer na caixa torácica, neste caso? — perguntou. — Se é a garganta que queres ver?

Ver Milda em ação era como ver uma artista trabalhar. Uma artista que, Mina sabia, costumava cantar *hits* de música *pop* enquanto trabalhava quando não estava na presença de terceiros.

— Já vais ver — disse Milda, e fez algo com uma faca. — Agora vou soltar os músculos e os ligamentos que sustentam os órgãos. — Milda deslocou as mãos para a cabeça da mulher. — Esta é a parte mais difícil. — Com um cuidado extremo, moveu a faca levemente em pequenos movimentos. — Agora vou soltar a pele dos músculos do pescoço, entre outros. E claro que vou tentar não fazer buracos na pele.

— Mas como é que vês o que estás a fazer? — perguntou Mina, fascinada.

— Não vejo, é uma questão de experiência e sensação.

Milda endireitou-se e esticou as costas. Depois, pousou a faca e colocou a mão direita sob o queixo da mulher. Quando o puxou cuidadosamente, a língua e a garganta descaíram para o peito, de onde puderam ser levantados como um pacote completo com o resto dos órgãos.

— *Et voilà!*

Milda retirou as luvas cirúrgicas com um estalo triunfante e apontou para o pacote de órgãos intactos, que agora estavam ao lado do corpo, na superfície metálica brilhante.

— Retomamos em cinco — disse Milda para Loke. — Vai esticar as pernas, se quiseres. Preciso de falar com a Mina.

O assistente saiu discretamente da sala e Milda sorriu enquanto o via afastar-se. Depois abanou a cabeça.

— A sério que não consigo compreendê-lo — disse. — Ao Loke, quero dizer. Sabias que ele é financeiramente independente? Apesar de ser tão novo. Acho que recebeu uma herança ou algo assim do género. Podia passar os dias a jogar computador o resto da vida, se quisesse. Em vez disso, é o primeiro a chegar aqui de manhã e o último a sair ao fim do dia. E é incrivelmente bom naquilo que faz. É caso para dizer que atendeu a um chamamento. Não tenho a certeza se teria feito o mesmo se estivesse no lugar dele.

— Acho que tu até sonharias com autópsias se não trabalhasses — disse Mina com um sorriso para Milda. — Tu és a melhor, e sabes disso.

— Obrigada — respondeu Milda. Fez um gesto com a cabeça para os órgãos em cima da bancada. — O que é que vês?

Mina observou com atenção.

— Esmagamento?

— Bom olho. Precisamente, lesões claras por esmagamento, e não apenas na laringe, também do osso hioide e na cartilagem da tiroide. Juntamente com todas as lesões anteriores, é garantido que o marido está metido em apuros.

— Que horror! Mas isso leva-nos ao William. Como deves saber, o pai dele está preso pelo homicídio.

— Sim, com aquilo que sabíamos na altura, consigo perceber — disse Milda, e encheu um copo de cartão com água. — Só podemos basear-nos nos factos que temos no momento.

— Ninguém está a acusar ninguém. Tal como tu disseste, agora temos informações que colocam a morte do William sob uma luz diferente. Também é por isso que o Ruben e o Adam vão falar outra vez com o pai hoje. Tiveste tempo de voltar a olhar para o relatório da autópsia?

Milda engoliu a água e assentiu com a cabeça.

— Passei-o a pente fino e vi algumas semelhanças entre o caso do William e a morte tanto da Lilly como do Ossian.

— Quais? — perguntou Mina.

— O William tinha obviamente mais lesões externas do que os outros dois. Enquanto vítima de abusos prolongados, também não é de estranhar que tivesse marcas nos pulmões; podem ser de costelas comprimidas. Mas essas lesões tornam-se particularmente interessantes à luz dos casos da Lilly e do Ossian, que tinham os dois marcas semelhantes nos pulmões. Infelizmente, continuo sem conseguir estabelecer uma cadeia de acontecimentos provável.

— Espera, o que é que disseste? O Ossian também tinha marcas nos pulmões? Porque é que não disseste isso antes?

Milda olhou para ela com ar surpreendido.

— Isso está detalhado no relatório da autópsia.

Mina praguejou para si própria. Era um detalhe extremamente importante e tinham-no deixado escapar. *Ela* deixara-o escapar, porque não tinha lido o relatório de Ossian. O colega que ficara com essa responsabilidade devia levar uma descompostura. Mas, pronto, mesmo tendo chegado tarde, a informação era inestimável.

— Então o que estás a dizer é que as três mortes estão definitivamente relacionadas? — perguntou Mina, sem se importar que Milda percebesse quão ansiosa estava.

— Se fossem apenas as lesões internas, não me atreveria a tirar essa conclusão — respondeu Milda. — Como te disse, o William provavelmente teria esse tipo de marcas de qualquer forma. Mas... — Calou-se e olhou para Mina. — As fibras — acrescentou. — Havia fibras na garganta do William. Tal como no caso do Ossian e da Lilly. Isso em si não é invulgar; não fazes ideia da quantidade de pequenos fragmentos microscópicos de diferentes coisas que vão parar à nossa garganta ao longo da vida. Mas tinham todos exatamente o mesmo tipo de fibra de lã. Isso, em combinação com as contusões estranhas nos pulmões...

Não era uma ligação garantida, ainda não. Era sempre difícil saber quais os detalhes que realmente significavam alguma coisa e quais não passavam de pura coincidência. Mas, ainda assim, Mina sentiu-o em todo o seu corpo. Milda tinha encontrado exatamente aquilo que eles procuravam: um padrão.

Finalmente, tinham algo por onde pegar.

— Temos de examinar melhor que tipo de fibras são — disse, tentando disfarçar a excitação.

— Receio que isso esteja fora da minha área de especialidade — respondeu Milda. — Mas o Instituto de Medicina Legal deve ser capaz de te dar uma ajuda.

Loke voltou a entrar na sala, juntamente com um ligeiro cheiro a fumo de cigarro.

— *Undo my sad, undo what hurts so bad* — cantarolou enquanto lavava as mãos.

Mina apercebeu-se de que era uma canção de Sanna Nielsen.

— É o que acontece quando se trabalha aqui — disse Loke em tom de desculpa, claramente desconfortável com o facto de Mina ter reparado nele.

O intervalo chegara ao fim.

— Mais uma coisa antes de me ir embora — disse Mina. — O que mais me podes dizer sobre o William?

— Apenas que há algumas pessoas que não deviam poder andar à solta pela sociedade — respondeu Milda secamente. — O Jörgen Carlsson bem pode apodrecer onde está.

Milda retirou um novo par de luvas cirúrgicas de uma caixa de cartão em cima da bancada.

— Obrigada, vou deixar-vos continuar em paz e sossego — disse Mina, acenando com a cabeça para o assistente de Milda antes de sair.

Quando a porta se fechou atrás dela, Mina sentiu uma vibração no bolso. Pegou no telemóvel e olhou para o ecrã; era o pai de Nathalie

outra vez. O GPS continuava errático, mas Mina assumiu que Nathalie ainda não regressara a casa, tendo em conta a mensagem. O pai de Nathalie devia estar prestes a ir de helicóptero buscar a filha.

Ruben tirou o relógio do pulso e colocou-o na bandeja de plástico cinzenta, juntamente com o telemóvel. Depois de vasculhar os bolsos das calças durante alguns segundos, encontrou as chaves e colocou-as também no molho de objetos. Depois escondeu um bocejo com a mão; as segundas-feiras demoravam sempre um pouco mais a arrancar do que os outros dias. Ao mesmo tempo, esperara o fim de semana todo por despachar aquela visita.

— Sim, o Magnus disse que vocês vinham logo a seguir ao fim de semana — disse o guarda prisional encarregado de tratar dos acessos deles em Hall.

— Qual Magnus?

— Svensson, o nosso inspetor aqui. A vossa chefe Julia falou com ele na sexta-feira passada. Armas de serviço? Nesse caso, têm de as deixar no armário. — O guarda apontou para um armário de parede com um grande cadeado.

Ruben abanou a cabeça; não traziam armas.

Tinham ponderado ir à prisão de Hall com o uniforme completo, mas chegaram os dois à conclusão de que uma visita mais descontraída, com roupas civis, seria melhor no que dizia respeito a fazer Jörgen Carlsson abrir-se. Daquilo que Ruben se recordava dele, não era alguém que ficasse particularmente impressionado com formalidades do sistema policial. O que não seria de estranhar, considerando que provavelmente não era culpado do crime pelo qual fora condenado. Claro que isso não fazia dele menos escumalha, mas nunca era uma coisa boa quando o processo judicial falhava.

Ruben e Adam estavam com o guarda prisional numa pequena sala que servia de comporta. A sala tinha armários com instruções claras sobre o que tinha de ser deixado ali; Hall era uma prisão de segurança máxima, o que significava que nada era descurado.

— Não recebi informação sobre qualquer equipamento técnico adicional — disse o guarda. — Se tiverem alguma coisa convosco, tenho de aprovar primeiro.

— Não trazemos nem armas nem equipamento — disse Adam. — Só vamos falar com ele.

O guarda prisional assentiu com a cabeça e apontou para o detetor de metais na outra ponta da sala. A última vez que Ruben passara por um fora no aeroporto, a caminho de Palma de Maiorca.

— Passem um de cada vez — instruiu o guarda. — O Carlsson está à vossa espera na segunda sala à direita.

— A viagem *charter* mais macabra do ano — murmurou Adam quando passou pelo detetor de metais.

Ruben seguiu-o e saíram para um corredor.

— Mas porque é que o Jörgen está aqui? — perguntou quando alcançou Adam. — Que eu saiba, Hall é para presidiários propensos a fuga e em que há o risco de alguém os libertar, como membros de gangues e de crime organizado. O Jörgen Carlsson é a pessoa menos organizada que já conheci.

Adam encolheu os ombros.

— O Jörgen tentou fugir quando estava em prisão preventiva — respondeu. — E, tendo em conta aquilo de que estava acusado, ninguém quis arriscar dar-lhe uma segunda oportunidade.

Chegaram à sala indicada e abriram a porta. Jörgen Carlsson estava sentado a uma mesa à espera deles. Tinha o cabelo um pouco comprido penteado para trás e o bigode mais estreito que Ruben alguma vez vira. Os seus braços também eram estreitos, magros quase, e estavam cheios de tatuagens. Ruben tinha dificuldade em compreender como é que alguém com um aspeto tão fraco podia aterrorizar a família da forma que Jörgen fizera. Porém, também sabia que a violência não estava apenas nos músculos.

— Do que é que isto se trata? — perguntou Jörgen, cruzando os braços.

— O meu nome é Adam, o meu colega aqui é o Ruben — disse Adam, sentando-se. — Como sabe, somos da Polícia e queremos falar consigo sobre o dia em que o seu filho desapareceu.

Jörgen endireitou-se e colocou as mãos sobre a mesa.

— Desapareceu? — repetiu com um sorriso torto. — Que escolha interessante de palavras, considerando que vocês me acusam de ter matado o rapaz à pancada. Não estou a reclamar, pelo menos a comida aqui é melhor do que a que aquela inútil da Lovis alguma vez fez. Mas lá foder sabia. Com o inconveniente de que veio uma criança atrás, claro.

Jörgen era ainda mais repugnante do que Ruben se recordava. Teve uma visão de si próprio a levantar-se e a enfiar um punho cerrado naquele rosto sorridente, e teve de respirar fundo para se controlar. Jörgen provavelmente sabia muito bem o que estava a fazer, estava à procura de pontos sensíveis para pressionar. *Veio uma criança atrás.* Ruben não tinha nenhuma intenção de revelar que Jörgen acabara de encontrar o dele.

— As provas contra si não são suficientes — disse Adam. — Por isso, estamos a investigar outras explicações. Mas precisamos da sua ajuda.

Aparentemente, era a vez de Adam pressionar algumas feridas. E também encontrou as certas. Jörgen inclinou-se para a frente com um brilho nos olhos.

— OK, então, mas se eu vos ajudar com isto, assumo que a minha pena será anulada — disse. — Posso livrar-me desta merda?

— Mas não acabou de dizer que estava bem aqui? — perguntou Ruben friamente.

Odiava o facto de estarem a fazer aquele asco sentir-se tão satisfeito. No entanto, não tinham escolha.

— Eu disse que não havia nada de mal com a comida, mas gostava de poder ir cagar sem ninguém a ajudar-me a limpar o cu, percebes?

Adam assentiu com a cabeça e também se inclinou ligeiramente para a frente. Quando falou, foi com um tom quase conspiratório, como se ele e Jörgen estivessem a partilhar um segredo.

— Se nos ajudar, a condenação por homicídio vai ser anulada —

disse Adam, em voz baixa. — E não posso prometer nada, mas até diria que provavelmente pode não só contar com a liberdade, como também com uma indemnização avultada.

Ruben tentou disfarçar um sorriso. O baixo volume da voz fazia com que a pessoa que estava a ouvir fosse irremediavelmente atraída para o que era dito. E não era que Adam estivesse a mentir, não abertamente. No entanto, mesmo que Jörgen deixasse de ser considerado culpado de homicídio, continuaria a cumprir pena por crimes suficientes relacionados com os maus-tratos a William e a Lovis para ter companhia nas idas à casa de banho durante muitos anos. Ruben só esperava que os conhecimentos jurídicos de Jörgen se baseassem essencialmente em séries de televisão.

— Então ajude-nos a declará-lo inocente — concluiu Adam, voltando a encostar-se na cadeira. — Diga-nos quem é que levou o William do parque infantil, se não foi você.

Jörgen abriu os braços e também se recostou, em sincronia com Adam.

— Não faço a mínima ideia — respondeu.

— Tem de fazer melhor do que isso — disse Ruben. — Pela nossa parte, pode perfeitamente ter sido um amigo seu que levou o William para a doca de Beckholmen, onde vocês os dois o mataram. Pensei que era mais esperto que isso.

Uma gota de suor surgiu no lábio superior de Jörgen, e este passou o dedo indicador e o polegar sobre o bigode estreito. O ar condicionado não era melhor ali do que na sede da Polícia, pelo menos havia uma certa justiça neste mundo.

— Eu nunca bati no miúdo a não ser dentro de casa, OK? — disse Jörgen. — Não sou completamente estúpido. Mas não estava lá quando o William desapareceu e também não sei quem é que o levou. Já disse isto em todos os interrogatórios.

Ruben agarrou o tampo da mesa com força. Como é que aquele asco podia estar ali sentado a falar tão friamente sobre bater em alguém

que provavelmente não fizera mais nada em troca do que tentar amar o pai? Alguém que era tão pequeno? E, ainda por cima, a achar-se tão esperto porque só dava tarefas a uma criança dentro de quatro paredes? Aquele punho cerrado parecia cada vez mais aliciante.

— É verdade, já nos disse que estava... «a passar tempo no centro» — disse Adam com um olhar para Ruben. — Infelizmente, ninguém foi capaz de corroborar isso. Caso contrário, não estaria aqui.

Jörgen desviou o olhar de um lado para o outro e passou as mãos pelo cabelo.

— Pronto... — disse em voz baixa. — Está bem, ganharam. Tinha pensado em não dizer nada por causa dela, mas seis meses aqui já chega. Nesse dia estava em casa da Sussi. Estava em casa da Sussi e fodemos como coelhos, OK? Mas não quis envolvê-la porque ela e a Lovis conhecem-se. Oh, porra, é mais do que isso, a Sussi é a melhor amiga da Lovis. E a Sussi também nunca ia dizer nada à Polícia, porque sabia o que ia acontecer. Seja como for, quando cheguei a casa depois de estar com ela... eh, eh, e tresandava mesmo a queca... o William já tinha desaparecido.

Ruben suspirou. Mesmo dentro da prisão, Jörgen estava convencido de que ainda tinha outros à mercê da sua violência. Adam pegou no seu bloco de notas e pediu a morada de Sussi, mas Ruben já não estava a prestar atenção à conversa; olhava fixamente para o bigode estreito, e agora muito transpirado, de Jörgen. Só lhe apetecia arrancá-lo. Adam disse mais algumas coisas e depois levantou-se. Ruben fez o mesmo.

— Acho que temos aquilo de que precisamos — ouviu Adam dizer enquanto acenava com o bloco de notas.

Ruben já sabia que Sussi não iria dar-lhes nada de valor. Jörgen dissera a verdade, não tinha ideia nenhuma de quem levara o filho.

— Voltamos a contactá-lo assim que pudermos.

Ruben virou costas para sair. Quanto mais depressa deixasse aquela sala, melhor.

— Mas ficam a saber uma coisa — disse Jörgen subitamente para as costas deles. — Eu amava o William, OK? Aquele miúdo era tudo para mim.

Ruben deteve-se com a mão na maçaneta da porta. Não aguentava mais. Algo explodiu dentro de si.

As imagens do corpo de William começaram a surgir na sua mente, os hematomas por todo o lado onde não seriam visíveis sob a roupa. Os braços vigorosos e tatuados de Jörgen, constantemente levantados em ameaças violentas.

Aquele miúdo era tudo para mim.

O rosto de Lovis contorcido de terror, talvez a proteger o rapaz, mas provavelmente não.

E, de repente: Astrid. A sua Astrid.

Apenas alguns anos mais velha do que William.

Gostava de poder ir cagar sem ter ninguém a ajudar-me a limpar o cu, OK?

William.

A violência.

Astrid.

Ruben virou-se, dirigiu-se rapidamente para Jörgen e agarrou-lhe o cabelo com força.

— Au!! — exclamou Jörgen. — Mas que merda...?!

A frase foi interrompida quando Ruben empurrou bruscamente a cabeça de Jörgen contra a mesa. Jörgen guinchou como um porco, o que Ruben considerou mais do que apropriado. Limpou a gordura do cabelo de Jörgen à perna das calças e voltou para junto de Adam, que olhou para ele com um ar chocado.

Adam não disse nada enquanto caminharam pelo corredor. Passaram pelo detetor de metais e devolveram-lhes os seus pertences. Adam continuava calado. Ruben pegou nas suas chaves e no seu telemóvel.

— Só uma coisa — disse Ruben para o guarda prisional. — Suponho que as salas de visitas têm câmaras de segurança. Se virem a filmagem, vão reparar que o Jörgen Carlsson tropeçou e bateu com a testa quando nós estávamos a sair. Se tiverem o som ligado, vão ouvir porque é que ele se magoou. Talvez precise de cuidados médicos, mas acho que não há pressa.

— Recebemos uma dica!

Mina estava precisamente a regressar do seu encontro com Milda e quase entornou o *cappuccino* sobre si própria quando Ruben saiu a correr da entrada da sede da Polícia. Conseguiu, no entanto, salvar o café, o que era uma sorte, considerando a distância que precisava de andar para comprar café à única pessoa em quem confiava para lidar com copos de cartão de *takeaway*. Bebeu um gole.

Na verdade, o café era bastante melhor no sítio da esquina, onde Julia conseguira descontos de funcionários para todo o grupo; mas em que é que isso ajudava se Mina até tremia de aflição de cada vez que tocava no copo onde o café vinha e mal o conseguia beber? No Espresso House, por outro lado, trabalhava Wille, que estava completamente familiarizado com as necessidades especiais de Mina e que abria sempre um novo pacote de copos de cartão quando ela chegava. Quando não era Wille que estava ao balcão, Mina dava meia-volta e voltava para trás com uma missão por cumprir, pois com copos de *takeaway* não se corriam riscos. Mas hoje Wille estivera no seu posto e, por isso, Mina estava a segurar um *cappuccino* fumegante na mão. Um *cappuccino* que agora quase acabara espalhado pela sua roupa.

— O que é que estás para aí a gritar? — perguntou, e seguiu Ruben.
— Não era suposto estares em Hall com o Adam?

Mina viu um carro-patrulha estacionado em frente à entrada principal e as chaves na mão de Ruben.

— Voltámos mesmo há bocado — disse Ruben, avançando a passo rápido para a porta do condutor. — O Adam está lá em cima a escrever o relatório, mas isto é mais importante. Explico-te no carro, anda.

Mina hesitou antes de abrir a porta do lado do passageiro. Apenas no seu carro se podia dar ao luxo de usar uma capa plástica, portanto, situações como aquela eram sempre um teste. Por outro lado, também eram o preço que tinha de pagar para poder ter uma vida funcional.

Ou melhor, minimamente funcional, pelo menos. Se cedesse completamente à sua fobia, seria impossível continuar a ter trabalho. E Mina adorava o seu trabalho.

Também adorava receber um ordenado e poder pagar uma renda e não ter de viver debaixo da ponte. Estremeceu, mas a ideia de que podia ser ainda pior, na verdade, facilitou-lhe a tarefa de entrar no carro, que, felizmente, até estava bastante limpo para um carro-patrolha.

— Como disse, recebemos uma dica — continuou Ruben depois de arrancar. — Um cliente encontrou roupa de criança escondida numa casa de banho do restaurante do Mauro Meyer, na avenida Sveavägen.

— Roupa de criança?

— Roupa de criança do mesmo tamanho que o Ossian.

— Parece-me muito rebuscado — disse Mina, e bebeu cuidadosamente um trago de café. — Não terá sido algum cliente que trocou a roupa a uma criança que... sei lá, entornou alguma coisa? Que fez chichi nas cuecas e por isso deixaram lá a roupa?

Ruben abanou a cabeça e fez uma curva apertada demasiado depressa. Depois de um segundo de hesitação, Mina agarrou-se à pega de segurança do teto. Obrigou-se a respirar fundo, lenta e calmamente.

— Enviámos uma fotografia da roupa para os pais do Ossian — disse Ruben. — E eles reconheceram-na. Além de que algumas das peças até estavam etiquetadas com o nome dele.

Mina cerrou os maxilares. Estava a ter dificuldade em conciliar aquela informação com a sua imagem do pai de Lilly. O Mauro que ela conhecera era um homem carinhoso, que despejava cubos de gelo para o balde onde a sua mulher grávida refrescava os pés e que lhe massajava ternamente os ombros. Ao mesmo tempo, já tinha visto o suficiente ao longo dos seus anos na Polícia para saber que nunca era possível ver por fora o que se passava por dentro de alguém.

Uma verdade da qual ela própria era recordada de cada vez que se

olhava ao espelho.

— Mas não compreendo como é que a roupa pode ser do Ossian — disse Mina, franzindo a testa. — Ele estava vestido quando nós o encontramos.

— Pois, tu não tens filhos pequenos, mas naquelas idades eles levam muitas vezes uma muda de roupa para o jardim de infância — respondeu Ruben com um tom sabichão. — A Josefin e o Fredrik não se lembravam de qual muda de roupa é que ele levava no dia em que desapareceu, mas acham que pode ter sido a roupa encontrada. Além de que, como disse, as peças estão etiquetadas com os nomes. Para que as crianças não as troquem.

Mina olhou fixamente para o colega. Desde quando é que Ruben se tornara um especialista em crianças e rotinas do jardim de infância? Teve de morder a língua para não lhe responder que tinha mais experiência com crianças do que ele alguma vez teria.

Viraram para o estacionamento do restaurante e pararam imediatamente atrás de outro carro-patrolha. O restaurante fora encerrado e o acesso à zona restringido, de forma a poderem trabalhar em paz e sossego. Uma bandeira italiana na fachada indicava a orientação culinária do restaurante, e, se ainda restasse qualquer dúvida, o aroma a tomate e manjerição teria revelado a sua origem assim que passaram a soleira da porta. Mina engoliu em seco; conhecia muito bem as estatísticas de quantos restaurantes em Estocolmo eram condenados anualmente pela inspeção da segurança alimentar. Eram demasiados para que conseguisse sentir-se confortável em restaurantes onde não se tinha assegurado previamente de que mantinham os padrões de limpeza exigidos. Felizmente, não estavam ali para comer.

— Aqui dentro — disse uma colega de uniforme que os recebeu quando entraram.

Mina e Ruben seguiram-na até duas portas no fundo da sala, adornadas com símbolos que indicavam que sexo deveria entrar por

qual. A descoberta fora feita na casa de banho das mulheres. Mina e Ruben espreitaram para o interior, sem entrar. Os técnicos estavam à procura de impressões digitais e Mina reparou que a tampa de porcelana fora retirada do depósito do autoclismo.

— Foi ali que...? — perguntou, apontando para a sanita.

— Do que percebi, um cliente encontrou a roupa dentro de um saco, ali no depósito de água — respondeu Ruben.

Mina conteve um reflexo de vômito.

— Mas por que raio é que um cliente havia de levantar a tampa do depósito de uma sanita num restaurante? — perguntou. — Estava a tentar esconder droga?

Só de pensar em roçar acidentalmente, ou, pior ainda, começar a mexer em alguma coisa dentro da casa de banho de um restaurante, fazia Mina querer vomitar. Ruben abanou a cabeça.

— Não, desta vez não — respondeu. — Foi uma avó de setenta anos que veio à casa de banho com o neto. Viu que a tampa do depósito não estava bem encaixada e levantou-a para a pôr na posição certa. Foi aí que reparou que havia alguma coisa na água. Além disso, parece que tinha lido nos jornais tanto sobre o Mauro e o homicídio da Lilly como sobre o Ossian, por isso chamou a Polícia imediatamente.

— Uma verdadeira «Miss Marple» — disse Mina com uma sobrelheira erguida.

— Não, acho que a senhora era sueca — respondeu Ruben.

— A Miss Marple é uma personagem da... Oh, esquece. — Assumi que Ruben não reconheceria nem o nome da autora. — O que é que o Mauro diz? — perguntou, ao invés, e acenou com a cabeça a Ruben para que voltassem para a sala do restaurante.

— A equipa diz que ele e a mulher foram para a maternidade há uma hora. Temos uma unidade preparada para o ir lá buscar.

— Acho que podemos esperar — disse Mina. — Se está na

maternidade com a mulher em trabalho de parto, provavelmente não vai sair de lá em breve.

Mina aproximou-se de uma rapariga vestida com uma camisa com o logotipo do restaurante. Estava sentada a uma mesa, de olhos arregalados, a observar o que se passava à sua volta.

— Olá, chamo-me Mina Dabiri. Posso sentar-me?

Pelo canto do olho, viu que Ruben também se aproximou de outros dois funcionários, que estavam encostados a um canto, junto à porta da cozinha.

— Claro — respondeu a jovem com um encolher de ombros. — O que... do que é que isto se trata?

Era uma rapariga bonita, mas tinha aquela aparência um pouco inchada que estava na moda entre a geração mais jovem. Os seus lábios estavam demasiado aumentados para poder parecer confortável; Mina perguntou-se se ela conseguiria sequer fechá-los, ou se era obrigada a ter permanentemente aquela expressão um tanto surpreendida que a boca entreaberta lhe dava.

— Desculpa, mas posso começar por te perguntar como te chamas?

— Paulina. Paulina Josefsson.

— Obrigada. Infelizmente, não posso dar muita informação. Terei de ser eu a fazer perguntas. Espero que não haja problema.

— Claro — respondeu Paulina, voltando a encolher os ombros.

— Quando é que o vosso chefe esteve aqui pela última vez? — perguntou Mina.

— O Mauro? Esteve cá de manhã. É sempre o primeiro a chegar e é um chefe espetacular. Só queria dizer isto, o melhor chefe que alguma vez tive. A sério, ele é mesmo muito fixe.

— Não tenho dúvidas disso — disse Mina, assentindo com a cabeça.

— Quando é que ele saiu?

Mina estava prestes a colocar os cotovelos sobre a mesa, mas, no último segundo, reparou nas migalhas e nos restos de manteiga no

tampo. Aparentemente, Paulina não tivera tempo de limpar a sala depois do pico da hora de almoço.

— Há mais ou menos uma hora. A mulher telefonou, tinha começado a ter contrações, então ele foi para casa. Ou para a maternidade, não sei. Mas foi-se embora.

— Esta pergunta já está mais do que batida, mas notaste alguma coisa estranha no Mauro nos últimos tempos? Ele tem agido como de costume?

— Bem... ele ficou um bocado estranho depois das notícias sobre aquele miúdo que desapareceu. Mas isso não é de estranhar, tendo em conta a Lilly, quero dizer. Só passou um ano.

— E quando se soube que o rapaz foi encontrado morto? Como é que ele reagiu?

— Acho que pôs baixa nesse dia. O que o Mauro nunca faz. Mas é perfeitamente compreensível, é um horror o que lhe aconteceu com a Lilly. E a ex dele é completamente doente daquela cabeça. Aparece aqui regularmente, entra pelo restaurante e começa aos berros até os clientes começarem a perguntar que raio se está a passar. Não bate mesmo bem, de todo.

Mina assentiu com a cabeça, correspondia bastante bem à imagem que Julia e Peder lhe tinham transmitido de Jenny. Ao mesmo tempo, sabia que só porque alguém gritava e armava cenas não queria obrigatoriamente dizer que nunca tinha razão.

— Com que regularidade é que limpam as casas de banho? — perguntou de seguida, sem ter a certeza se queria ouvir a resposta.

— Todos os dias. O Mauro tem uma senhora das limpezas que vem cá todos os dias. Ele é exigente com isso.

Todos os dias. Mas isso não queria dizer nada; nem sequer a empregada de limpeza mais zelosa limparia a parte de baixo da tampa do depósito do autoclismo. Por outro lado, poderia ser importante para a análise das impressões digitais que os peritos estavam agora a recolher. Embora geralmente fosse um pesadelo recolher impressões

digitais de locais públicos por onde passava muita gente.

Ruben aproximou-se delas e acenou com a cabeça para que se fossem embora.

— Falei agora com a Julia — disse o colega. — Vamos buscá-lo.

— Quem é que vão buscar? — perguntou Paulina, parecendo preocupada pela primeira vez. — Não é o Mauro, pois não?

— Como já disse, infelizmente não posso dar muitas informações agora — disse Mina, levantando-se. — Mas agradeço muito a tua ajuda.

Do lado de fora do restaurante já se juntara uma multidão de curiosos. A natureza humana nunca se negava, e, hoje em dia, enquanto polícias, também se deparavam constantemente com um mar de telemóveis a filmar. Mas reconheceu um rosto no meio do grupo. Que raio é que o *Expressen* já estava ali a fazer? Mina viu que Ruben reparou no mesmo, e apressaram-se em direção ao carro. Algo lhe disse que estavam à beira do caos, que aquilo era a bonança que precede a tempestade.

Vincent bateu à porta do quarto de Benjamin e entrou. Nunca deixava de se surpreender com o facto de agora o quarto de quinze metros quadrados costumar estar relativamente arrumado, comparado com o que era. O filho estava debruçado sobre o computador, imerso no estudo de números.

— Nunca pensei ver-te sentado a analisar a bolsa de valores em vez de manuais de *Warhammer* — comentou Vincent com um sorriso. — Como é que tens tempo com as aulas?

— Tenho aqui umas posições que preciso de fechar — disse Benjamin, sem desviar os olhos do monitor. — Podes esperar só uns minutos?

Vincent assentiu com a cabeça e olhou à sua volta. A cama continuava por fazer, portanto, não era uma alternativa para se sentar. Em vez disso, encostou-se à parede e esperou que Benjamin terminasse a sua negociação de ações. Na verdade, não era surpresa nenhuma que o filho tivesse desenvolvido um interesse por *day trading*; o que Vincent se perguntava, no entanto, era como é que Benjamin arranjava tempo para aquilo enquanto prosseguia os estudos de Direito. Mas Benjamin era adulto, tinha de poder tomar as suas próprias decisões. Vincent tinha de se abster e esperar pelo melhor.

— Querias alguma coisa em especial? — perguntou Benjamin, levantando-se.

— Sim. Lembras-te daquele caso policial em que eu estive envolvido, há quase dois anos? Agora estou a ajudar a Mina... a equipa, quero dizer, num caso novo. Estive lá o dia todo com eles e vou lá voltar em breve.

Benjamin riu-se.

— Não me digas que tens mais irmãos? — perguntou. — A tua família é completamente marada.

Vincent abanou a cabeça. Benjamin foi até à cama e atirou uma colcha sobre os lençóis. Vincent fez um sorriso agradecido ao filho e sentou-se.

— Não há irmãos, desta vez — respondeu. — Ou qualquer outro familiar, já agora. Prometo. Mas, tal como da última vez, encontrámos indícios de que há um código, ou pelo menos um padrão, envolvido. O problema é que não sei se é realmente assim ou se é algo que eu estou a projetar. Sabes quem é a Nova?

Benjamin sentou-se novamente na cadeira e começou a rodar de um lado para o outro.

— Quem é que não sabe? — comentou. — Os vídeos dela aparecem constantemente no *feed* do Instagram.

— Então, pronto. Parece que ela levou a Polícia a acreditar que há uma seita envolvida no caso, ou pelo menos uma organização que está estruturada da mesma maneira que uma seita.

Vincent não reparara antes, mas até as figuras do jogo pintadas à mão dispostas numa prateleira própria na parede tinham sido removidas. Em vez delas, havia agora compêndios com títulos jurídicos incompreensíveis.

— E o que é que a leva a pensar que se trata de uma seita? — perguntou Benjamin. — Parece-me um bocado extremo.

— Provavelmente porque se trata de atos extremos cometidos por pessoas diferentes. Pode parecer que houve alguém a dizer-lhes para fazerem... coisas que, de outra forma, provavelmente não fariam. E também há certos componentes ritualísticos na forma como os homicídios foram cometidos; isto é, de acordo com a Nova.

— Então são homicídios outra vez? — perguntou Benjamin, empalidecendo.

Que estupidez, não tinha pensado dizê-lo. Mas ia pelo menos evitar dizer-lhe que se tratava de crianças; essa era uma informação que Benjamin não precisava mesmo de saber.

— Sim, receio que sim — respondeu Vincent. — Três homicídios, no pior dos casos. Três pessoas que foram raptadas e depois mortas.

— E tu, o que é que achas? Também acreditas que é uma seita?

Vincent ponderou, depois abanou a cabeça.

— Parece-me uma explicação desnecessariamente complicada — respondeu. — És tu que costumas insistir na navalha de Ockham. Se acho que é a mesma pessoa que está por trás dos três casos? Sim, acho. Mas não precisa de ser o líder de uma seita. Basta ser alguém com argumentos suficientemente convincentes para levar as pessoas a realizarem atos aparentemente inocentes mas devastadores. Não é assim tão difícil dar às pessoas uma perceção diferente da realidade, sobre a qual elas depois agem. E os raptos se calhar nem sabiam que as pessoas que raptaram acabariam por morrer.

— Estás a dizer que pensavam que estavam a levar a cabo algum tipo de brincadeira ou assim? — perguntou Benjamin.

Vincent assentiu com a cabeça e encolheu os ombros.

— A coisa mais assustadora com a hipótese da seita é que isso abre imensas portas. Quando o Shoko Asahara, o líder da seita Aum Shinrikyō, libertou gás *sarin* no metropolitano de Tóquio e matou doze pessoas, treze com a que morreu no hospital mais tarde, afirmou que estava a assumir para si próprio o *karma* das vítimas e que, dessa forma, as libertava para elas poderem atingir o nirvana. Com essa perceção da realidade, ele não estava a fazer nada de mal, e, acima de tudo, não era nenhum assassino; estava antes a cometer uma boa ação.

— Então, os membros de uma seita assim podiam estar convencidos de que não eram perversos, que estavam a fazer um favor às vítimas quando as mataram... — disse Benjamin com os olhos arregalados.

— Sim. E há muitas seitas destrutivas na Suécia. Mas nunca ouvi falar de nenhuma que seja destrutiva para pessoas exteriores à seita. Por isso, antes de saltarmos para dentro desse buraco, quero investigar quem, ou o quê, é que podia ter levado a cabo estes raptos sem, por isso, ser o líder louco de uma seita.

Benjamin assentiu e virou-se para o computador.

— Então, qual é o tal código ou padrão? — perguntou, e abriu o

documento que parecia a folha de Excel que tinham utilizado da última vez.

— É essa a questão — disse Vincent, contorcendo-se numa tentativa de encontrar uma posição mais confortável sobre os lençóis retorcidos por baixo da colcha. — Além do facto de aqueles que... foram mortos... terem estado desaparecidos durante três dias, só há realmente duas coisas. Para começar, foram todos encontrados nas imediações da água, o que, claro, não é estranho numa cidade totalmente rodeada de água. Mas seja como for, a Nova acha que isso tem um significado simbólico. E se calhar até tem razão, mas tenho muitas dúvidas, para dizer o mínimo. Eu próprio reparei que foram deixadas ligações a... cavalos... junto aos corpos.

Vincent esperava uma gargalhada, mas Benjamin limitou-se a inserir a informação no computador, sem fazer juízos de valor. Vincent não pôde deixar de se sentir orgulhoso da capacidade de concentração do filho no que dizia respeito à resolução de problemas.

— Três dias, água — resumiu Benjamin. — Os cavalos... queres dizer os animais ou as peças do jogo?

— Nem uma nem outra. Não percebi, quais peças do jogo?

— Como no xadrez, por exemplo. Em muitas línguas, como no espanhol e no italiano, e acho que também em russo, existe a peça chamada «cavalo», uma vez que os guardas que protegiam o castelo do rei normalmente andavam a cavalo. Mas em sueco, dinamarquês, norueguês, alemão e outras línguas, chamamos à peça «corredor», numa alusão à maneira como esta se desloca sobre o tabuleiro, embora, na verdade, ela seja esculpida como um cavalo. Em siciliano, chamam à peça «burro», se bem me lembro. Acho que é quase só em inglês que tem um nome que não está relacionado com cavalos mas com a personagem; chama-se apenas «*knight*».

Vincent olhou fixamente para o filho.

— Tenho uma amiga que costuma passar-me «informação Wikipédia» — disse Vincent. — Nunca percebi realmente o que ela

queria dizer até agora. A que propósito é que sabes isso?

— Porque é interessante — respondeu Benjamin. — Já sabes como é.

Vincent assentiu com a cabeça. Sabia perfeitamente, e, de momento, uma parte dele sentia-se extremamente orgulhosa do facto de Benjamin ser seu filho. Mas havia algo naquilo que Benjamin dissera ao início, sobre peças de jogo... Ah, bolas!

— Tens razão!! — disse, excitado. — Sobre as peças de jogo; há uma relação com movimentos extremistas logo aí, independentemente de seitas.

Benjamin desviou os olhos do monitor e olhou para o pai com ar surpreendido.

— Agora perdi-me completamente.

— Sabes quem é o Robert Jay Lifton?

Benjamin franziu a testa durante uns segundos.

— Acho que sim — respondeu de seguida. — Aquele psiquiatra que estudou lavagens cerebrais e fundamentalismos?

Vincent assentiu. Era mesmo seu filho. Absteve-se de lhe contar que, nos seus espetáculos, fazia uso de várias técnicas retiradas das observações de Lifton sobre controlo de pensamentos na China comunista.

— Ele escreveu que, num movimento fundamentalista, a maior parte dos membros acaba, mais cedo ou mais tarde, numa situação em que se apercebem de que o movimento talvez não seja tudo o que pensavam que era. Ao mesmo tempo, é impossível abandonar o movimento nessa altura, estão presos. Para não entrarem em colapso mental, muitos optam então por moldar completamente a sua própria vontade à do movimento. O que, por sua vez, obviamente também quer dizer que se tornam alunos-modelo no que diz respeito a trair e manipular os outros, às custas de terem apagado a sua vontade individual por conta própria.

— Não estou a ver o que é que isso tem que ver com cavalos ou peças de jogos? Ou, já agora, com estes homicídios?

Benjamin abriu o Spotify e começou a procurar uma *playlist*. Aparentemente, o tempo de Vincent com o filho estava a chegar ao fim.

— O Lifton tem um nome para a estratégia em que alguém abdica deliberadamente da vontade própria; chama-se «*The Psychology of the Pawn*». Um *pawn* é uma peça do jogo que se pode sacrificar. No xadrez, por exemplo. Onde, como tu tão detalhadamente explicaste, também há cavalos.

Vincent tentou apreender todas as associações que dispararam na sua mente, mas era inútil. Teria de ir para o seu escritório e deitar-se no tapete para organizar os pensamentos depois daquilo. Com alguma sorte, o quebra-cabeças começaria a resolver-se sozinho no seu subconsciente.

Benjamin já tinha feito uma pesquisa no Google por «*psychology of the pawn*» e estava a ler um dos resultados.

— E sabes que mais? De acordo com o Lifton, não nos tornamos apenas uma peça do jogo — disse Benjamin, concentrado no monitor.

— Também nos tornamos especialistas a jogar o jogo em si. Então vamos pôr a hipótese de se tratar de uma seita; poderia tratar-se de membros que foram assassinados por não estarem à altura das expectativas? Que não jogavam o jogo suficientemente bem? Talvez os homicídios e esse tal cavalo sejam um sinal para as outras peças do jogo, e, portanto, para os outros membros da seita, de que têm de comportar-se. Para que não lhes aconteça o mesmo.

Vincent fechou os olhos e encostou a cabeça à parede.

— É uma teoria interessante, mas, infelizmente, não muito provável — respondeu. — Por duas razões: a primeira é que os cavalos dos homicídios não eram peças de jogo ou de xadrez. E a segunda... a segunda... Benjamin, aqueles que foram assassinados não podiam ser membros de seitas.

— Como é que sabes?

Tinham estado tão perto. Mas as peças do *puzzle* continuavam a não encaixar. Não tinham chegado a lado nenhum, e, algures lá fora, continuava a haver alguém que não se coibia de fazer a coisa mais horrível que Vincent conseguia imaginar. Inspirou profundamente.

— Porque eram crianças de cinco anos — acabou por admitir.

Mina sentiu-se estranha ao atravessar a porta com a indicação «Maternidade». Era como uma vaga memória de um tempo distante. O que acabou por tornar tudo mais real foi o cheiro, que provocou uma explosão de memórias na sua cabeça, de dor misturada com felicidade, numa combinação que mais nada na vida podia oferecer.

— Estás a ouvir os gritos? — perguntou Ruben, e estremeceu, desconfortável. — Parece que estão duas a competir, a ver quem é que grita mais alto. Não deviam ter salas com melhor isolamento sonoro num sítio destes? Parece uma cena da casa dos horrores, porra!

Mina ignorou-o e aproximou-se do balcão de atendimento. Depois de alguma argumentação, além da exibição do distintivo da Polícia, foram autorizados a entrar. Relutante, Mina admitiu que Ruben tinha razão; era uma sensação muito desagradável entrar no longo corredor clínico, com portas fechadas de ambos os lados, enquanto os gritos de diferentes locais atravessavam as paredes e se misturavam uns com os outros num macabro coro de dor.

— Qual é o quarto? — perguntou Ruben.

— O cinco.

— É este mesmo — disse Ruben, rodando a maçaneta da porta com um cinco.

A sala estava vazia.

— Não é possível já terem tido alta... — comentou Ruben. — Mesmo que a criança já tivesse nascido, não costuma ser assim tão rápido, pois não?

— Não, Ruben, não é assim tão rápido — disse Mina, bufando. — Que análise tão perspicaz, essa. Devem ter ido à cafetaria.

— Há disso aqui? — perguntou Ruben, surpreendido.

— Sim, todas as alas de maternidade têm o seu próprio Starbucks. Eles apostaram principalmente em hospitais e aeroportos.

— A sério?

Ruben arregalou ainda mais os olhos.

— Por amor de Deus, estás completamente... Claro que não! Nunca viste uma maternidade antes? Com a clássica sala de espera onde há café e sandes e coisas assim? Não é possível nunca teres ido a uma maternidade em trabalho, ao longo destes anos todos. Não foste mesmo?

— Nunca pus os pés numa — respondeu Ruben.

Subitamente, Mina pensou ver uma expressão triste no seu rosto.

— Ali — disse, e apontou para uma sala um pouco maior com uma área de cozinha, assim como sofás e uma televisão. Num dos sofás estavam Mauro e Cecilia; ao lado tinham uma caixa de plástico sobre rodas. — Olá — disse Mina, e entrou.

Sentiu-se imediatamente desconfortável. Mauro e Cecilia tinham acabado de dar as boas-vindas a uma nova vida, estariam provavelmente exaustos e nas nuvens em simultâneo. E agora ela e Ruben iriam entrar por ali e destruí-los. Mina olhou para dentro da caixa de plástico; um recém-nascido de sexo indeterminado dormia de barriga para cima, enrolado numa manta. Um pequeno elefante cinzento de peluche fazia-lhe companhia.

— Olá — disse Mauro, espantado. — Vocês aqui? — Mina assumiu que a Polícia era a última visita que ele esperara receber. Depois, a sua expressão do rosto ficou tensa e ele levantou-se. — O que é que aconteceu?

— Podemos falar em privado? — perguntou Mina, e olhou de relance para Cecilia, que, apesar da camisa branca do hospital, estava com um ar incrivelmente viçoso para quem acabara de dar à luz.

— Não. O que tiverem para dizer, podem dizer aos dois.

Mina trocou um olhar com Ruben, que assentiu com a cabeça. Abriu a boca para responder, mas não teve tempo de dizer nada antes de ver Mauro e Cecilia empalidecerem. Estavam os dois a olhar fixamente para a televisão atrás dela.

Mina virou-se para trás e viu Jenny no ecrã. Estava à frente do restaurante de Mauro a falar com o repórter do *Expressen*, aquele que

Mina reconhecera.

— Aumentem o som! — gritou Mauro, lançando-se para o comando da televisão.

A voz de Jenny encheu a sala quando Mauro encontrou o botão correto. Olhava com ar furioso para a câmara enquanto falava. Os seus olhos estavam negros e ferozes, e a sua voz tão repleta de ódio que Mina até se arrepiou.

— Sempre soube que era ele — disse Jenny, enfatizando fortemente cada sílaba. — Fui a única pessoa que percebeu, que viu por trás daquela fachada dele. Eu sabia o que ele fazia com a nossa Lilly, e só posso esperar que ela me perdoe por não ter conseguido protegê-la. E agora a maldade dele afetou outra família. Ele é um homem maldoso, e o mundo inteiro ficará a sabê-lo.

O seu olhar estava triunfante. Jenny não piscou os olhos uma única vez. Mina reparou que Mauro estava a tremer. Ruben avançou um passo e segurou-lhe o braço.

— Acho que é melhor vir connosco.

Na caixa de plástico, o bebé começou a gemer.

Nathalie estava deitada na cama de campismo, a olhar para as vigas de madeira no teto, alguns metros acima dela. Um teto que ela própria ajudara a construir. Sentiu-se muito leve, como se pudesse levar até às vigas e construir um ninho ali. A fome constante já não era tão grave, não porque tivesse começado a poder comer mais, mas habituara-se. Não lhe doía tanto o estômago como antes. Mas agora sentia-se... mais leve. Mais alerta. Como se toda a comida que tivesse ingerido antes fosse um peso que a mantinha presa ao chão.

Mas agora já não.

Agora podia levar.

Claro que era difícil agarrar um pensamento mais elaborado sem que ele voasse para longe e se juntasse aos outros pensamentos por entre as vigas de madeira. Nathalie sabia que antes costumava refletir sobre coisas, mas porque haveria de precisar de ter pensamentos complicados? Estava com Ines, estava segura, era a única coisa que precisava de saber. Pensamentos elaborados pertenciam à sua vida passada, ao mundo exterior.

Porém, o mundo exterior já não era importante. Era como se o mundo exterior nem sequer existisse. Tudo o que existia era o ali e agora, aquele local, aquelas pessoas. A sua avó.

Olhou para a tira de gaze enrolada nos seus dedos e perguntou-se se ainda haveria uma marca encarnada por baixo. Esperava que sim. Senão, talvez estivesse na hora de a avó lhe fazer uma nova. Ou, à falta de melhor, de arranjar uma daquelas pulseiras duras de borracha que a avó usava. Nathalie não queria que os outros não gostassem dela, ou que pensassem que ela não se esforçava. Ela pertencia ali, e eles dedicavam-lhe tanto amor; o mínimo que podia fazer era retribuir.

Tinha vivido toda a sua vida numa bolha, que não era real, não era vida. Tinha sido uma mera existência. Ali, ela estava viva.

Quando tentou levantar-se, viu pequenas manchas brancas fluírem no seu campo de visão e sentiu uma tontura. Afundou-se

novamente na cama e deixou os pensamentos voltarem a flutuar para o teto. Havia algo que pensara fazer, mas já não se conseguia recordar do que era. Não era importante; Ines dir-lhe-ia aquilo que ela precisava de saber. A avó sabia o que era melhor para ela, a avó conhecia todas as verdades.

Vincent tivera o cuidado de não se vestir até à hora de realmente ter de sair para ir encontrar-se com Mina e o resto do grupo da Polícia, para que a roupa não tivesse tempo de ficar transpirada. Durante os seus espetáculos do fim de semana, reparara que as suas roupas de palco também já não cheiravam particularmente bem, e tinha ido deixar tudo à lavandaria assim que esta abriu, na manhã do dia anterior. E Mina era consideravelmente mais sensível do que o público de um teatro. Durante meio segundo, ponderara enfiar um pouco de detergente em pó nos bolsos, para o caso de o cheiro ter um efeito positivo, mas apercebera-se imediatamente de que, mais cedo ou mais tarde, acabaria por colocar a mão no bolso por acidente.

Quando Mina foi ter com ele ao torniquete na receção da sede da Polícia, Vincent viu no seu rosto uma preocupação que não via há muito tempo. Provavelmente, nem teria reparado no cheiro do detergente.

— Olá, Vincent — disse Mina, tensa.

— O que é que se passa?

— Por amor de Deus — respondeu Mina, e abriu-lhe o torniquete para ele passar. — Não consegues sequer fingir?

— Desculpa. Então o treino de *padel* está a correr bem? Era o que queria dizer.

Mina forçou um sorriso.

— Assim está melhor — respondeu. — Mas claro que tens razão, algo está errado. Ontem detivemos um suspeito pelo homicídio do Ossian, alguém que também foi acusado de estar envolvido no homicídio da Lilly, no verão passado.

Vincent olhou para Mina, admirando a eficiência dos seus padrões de movimento enquanto caminhavam pelo corredor. Mina movia-se com a precisão de alguém que nunca hesitava. Vincent assumiu que isso levara muito tempo a treinar.

— Mas isso é ótimo! — comentou. — Que maneira de começar a semana! E pela forma como te expressaste, parece-me que não te estás

a referir a nenhum dos raptos, portanto, a Nova tinha razão sobre ser uma coisa organizada, é isso? E agora vocês encontraram o cérebro por trás da operação?

— É precisamente isso — respondeu Mina. — A situação é bastante problemática. O Mauro Meyer mal consegue orientar-se sozinho neste momento, se for ele que está por trás de tudo, ou então é o melhor ator que eu alguma vez vi. Ao mesmo tempo, as provas contra ele são consideravelmente mais fortes do que aquilo que eu e tu descobrimos. Só quero que saibas isso. Se tivesses feito a tua apresentação há dois dias, os outros teriam provavelmente prestado atenção, mas agora não sei como é que vão reagir. Além disso, correm rumores de que a direção considera que foi um erro trazer a Nova para vir aqui falar. Querem que nos concentremos no Mauro.

O que queria dizer que Vincent estava de volta à posição do mentalista excêntrico com teorias rebuscadas. As coisas não haviam mudado muito desde a última vez, portanto. Mas apercebeu-se de que isso estava bem para ele. Mais do que bem, na verdade. Não se importaria minimamente se estivesse errado, se se mostrasse que as ligações que vira eram um padrão que não existia.

Mas Mauro Meyer... o nome era-lhe familiar. Vincent deparara-se com ele recentemente, ou ouvira-o algures... Não, tinha era lido sobre ele. Há apenas alguns dias. Mas através da voz de outra pessoa... a de Mina. Ele e Mina tinham estado... Vincent arregalou os olhos.

— O Mauro, pai da Lilly? — perguntou.

— Pois, eu disse-te que era complicado. Anda lá, eles estão à nossa espera. E não te esqueças de pedir uma ventoinha ao Christer.

O calor sufocante na sala fazia o ar vibrar e a pior altura era a meio do dia. Mina estava na soleira da porta e não sabia se queria sequer estar na mesma sala que os outros. Se não fosse por Vincent, provavelmente teria inventado uma desculpa para escapar à reunião.

A ventoinha a pilhas na mão de Christer produzia um zumbido como o de uma vespa, e na mesa à frente do colega estava um saco com mais uma dezena de miniventoinhas recém-compradas. O *stock* tinha de ser constantemente reabastecido, uma vez que elas se estragavam muito depressa, mas, na verdade, ajudavam. Christer passou uma ventoinha a Vincent, que ficara com uma expressão atormentada no rosto quando fora atingido pelo calor dentro da sala.

As manchas de suor nas axilas da camisa clara de Ruben tinham tomado proporções enormes, e até mesmo Julia parecia incomodada com o calor.

— Obrigada por todo o trabalho tão rápido que fizeram no caso do William — disse Julia, virando-se para Ruben e Adam. — A propósito, foi uma sorte terem ido tão cedo à prisão de Hall falar com o Jörgen Carlsson ontem. Parece que ele teve um acidente pouco tempo depois. Caiu com alguma violência e precisou de levar dois pontos. Não percebi muito bem o que é que aconteceu, mas eles disseram que os homens que maltratam as famílias muitas vezes desenvolvem problemas de equilíbrio na prisão. Vocês sabem de alguma coisa?

Julia ficou em silêncio e olhou para Ruben e Adam com ar inquiridor. Ruben tossiu e Adam estava a olhar fixamente para o teto.

Mina percebeu que chegara a sua oportunidade, a sua e a de Vincent. Porém, não sabia por onde começar.

— Nós talvez tenhamos outra coisa — acabou por dizer, e olhou de relance para Vincent. — Eu e o Vincent, quero dizer. Compreendo que a pista do Mauro é forte e que isto são apenas indícios. E o Vincent também já me chamou a atenção para o facto de haver uma linha muito ténue entre realmente encontrar um padrão existente ou sermos nós próprios a criá-lo porque acreditamos nele. Mas a minha análise é

que não é muito provável que aquilo que vos vamos contar seja uma mera coincidência, apesar de haver essa hipótese, obviamente.

— Estás a dizer «nós», mas não é apenas o Vincent? — perguntou Ruben. — Já me soa definitivamente a coisa do Vincent e ainda nem sequer explicaste do que se trata.

— Por acaso vimos os dois o padrão — respondeu Mina. — Mas o Vincent encontrou outra coisa. Vincent?

— Sim, pois — disse o mentalista, aclarando a garganta. — Já sei que tiveram aqui a Nova e que ela destacou os aspetos rituais dos homicídios, os intervalos de três dias assim como os diferentes raptos, o que torna pouco provável tratar-se de um assassino em série e, nesse caso, ser antes um grupo de pessoas. O que, por sua vez, pode indicar que é uma coisa de alguma forma organizada. E podemos ver um padrão com os três corpos.

— Dizes três corpos, mas são só dois — interrompeu Ruben. — Deixem-me recordar-vos de que, embora não saibamos quem é que matou o William, ele ainda não pertence ao vosso potencial padrão. E já sabemos que o mais provável é ter sido o Mauro quem matou tanto o Ossian como a Lilly. No entanto, ele não tem qualquer ligação ao William.

— Nesse caso, aquilo que eu vos vou dizer vai ou ajudar-vos com o Mauro, ou apontar para uma direção diferente — respondeu Vincent. — Como a Mina disse, só temos indícios. Mas quantos mais encontrarmos, mais podemos ousar acreditar que estão realmente relacionados. Além de que eu e a Mina encontrámos outra coisa que liga o Ossian à Lilly e até ao William. Vimo-lo logo com o Ossian e a Lilly, mas não podíamos ter a certeza de que era realmente alguma coisa até também o termos encontrado no caso do William, quando fomos visitar a doca seca na quarta-feira. Mas depois disso tive a certeza. E o Peder também viu quando estivemos lá.

— Desembucha! — disse Ruben. — Do que é que estás para aí a falar?

— Cavalos.

Todos os membros do grupo ficaram boquiabertos a olhar para Vincent. Depois, Ruben começou a rir-se às gargalhadas e a barba de Peder balançou para cima e para baixo com o riso contido. Mina suspirou para si própria; Vincent podia realmente ter apresentado aquilo de uma forma um pouco mais convincente. Ao mesmo tempo, era difícil censurá-lo; nem ela própria sabia se ousava acreditar em tudo aquilo.

— Quero dizer, não são cavalos de verdade — disse Vincent, aclarando novamente a garganta. — Mas a Lilly tinha um marcador de livros no bolso, provavelmente lá colocado por alguém, que representava um puro-sangue árabe. O Ossian tinha uma mochila do My Little Pony que não era dele. E, no sítio onde o William foi encontrado, alguém tinha escrito a palavra grega «*hippo*» na parede, que significa «cavalo». É demasiado estranho para ser uma coincidência.

— Então alguém está a tentar dizer que as crianças são cavalos, é isso que estás a insinuar? — disse Ruben, rindo-se.

— Ou será que estamos à procura de alguém que adora cavalos? — interveio Peder.

— Então, pronto, só precisamos de interrogar todas as miúdas de dez anos da cidade para encontrarmos o nosso assassino! — gracejou Christer.

Ruben parou subitamente de rir.

— Que raio de generalização é essa? — bufou. — Nem todas as raparigas de dez anos são apaixonadas por cavalos!

Christer olhou para Ruben com ar estupefacto, sem sequer reparar que a ventoinha que tinha na mão deixara de funcionar. Mina não fazia ideia do que é que Ruben estava a falar; o colega andava demasiado estranho ultimamente.

— Não é assim tão simples — continuou Vincent, e pegou numa caneta para escrever no quadro branco. — Se a tese da Nova sobre os

elementos rituais estiver correta, os cavalos podem ser um símbolo importante para os perpetradores. Desde a Idade do Ferro que existem seitas que idolatram cavalos. Os cavalos eram considerados um ser divino, um rei ou um guerreiro. A adoração do cavalo também se encontra em mitologias religiosas mais conhecidas; o deus grego Poseidon era considerado o criador do primeiro cavalo, e não podemos esquecer-nos de Loki na mitologia nórdica, que se transformou numa égua e deu à luz *Sleipnir*, «o maior de todos os cavalos». Mas não sei... Há aqui alguma coisa que...

Vincent calou-se e olhou fixamente em frente. Mina seguiu o seu olhar; pareceu-lhe que ele estava a refletir sobre algo, ao mesmo tempo que olhava para o mapa na parede, onde as zonas centrais de Estocolmo cabiam num quadrado perfeito. Depois, Vincent regressou ao presente.

— E a adoração de cavalos ainda existe hoje em dia — continuou. — No sul da Ásia, por exemplo. E claro que não é de estranhar; o cavalo é um símbolo universal de liberdade sem obstáculos.

Vincent fez outra pausa e pareceu olhar para o mapa novamente; uma pequena ruga surgiu na sua testa. Não estava a comportar-se normalmente e Mina queria ajudá-lo, mas passava-se alguma coisa.

— Então... se déssemos ouvidos a ti e à Nova, agora teríamos de andar atrás de uma seita da água adoradora de cavalos que mata crianças pequenas — disse Ruben em tom sarcástico. — Isso realmente soa muito mais plausível do que o Mauro Meyer. Precisas de uma embalagem de papel de alumínio para reforçar esse chapéu, Vincent? Por amor de Deus. Sabes uma coisa, se querias vir aqui para beber um café ou para ver a Mina, podias simplesmente ter dito. Em vez de... tudo isto.

Mina sentiu o rosto corar. Mas não ia deixar Ruben afetá-la tão facilmente. Levantou a cabeça e deu de caras com o olhar perscrutador de Adam, que a fez corar ainda mais.

— O quê? Não... — disse Vincent, distraído. — Não acho nada que

seja com isso que estamos a lidar. O que estava a dizer era que...

Ficou novamente em silêncio e aproximou-se do mapa de Estocolmo. Depois, passou o dedo indicador sobre ele num movimento de cruz.

— Finalmente, tens toda a razão numa coisa — disse Ruben. — Não é com nada disso que estamos a lidar. Estamos a lidar com o Mauro Meyer, que foi acusado pela ex-mulher de matar a própria filha e que agora parece estar envolvido no homicídio do Ossian. No que toca ao William, não há ligação nenhuma a não ser na tua imaginação.

— Mina, porque é que esperaram tanto tempo para nos contar isto? — perguntou Julia. — Vocês foram à doca seca na quarta-feira, hoje já é terça. Não pensaste que essa informação poderia ser relevante?

— Sim, mas suspeitei que a reação seria mais ou menos a que foi agora — respondeu Mina. — Então preferi esperar até poder falar com a Milda sobre a autópsia do William, para ver se isso dava em alguma coisa. E há realmente mais uma coisa: o Ossian, a Lilly e o William tinham todos o mesmo tipo de fibra de lã na garganta, assim como marcas semelhantes nos pulmões. Ainda não temos nenhuma explicação sobre a origem das fibras ou como é que as marcas surgiram. Mas, no conjunto, parecem-me coincidências a mais para não haver ligação.

Fez-se silêncio na sala.

— Porra — disse Ruben, quebrando o silêncio. — Se calhar, o William é mesmo um deles, afinal. O Mauro é um assassino em série.

— *The Psychology of the Pawn* — murmurou Vincent para si próprio, junto ao mapa. — Esperem lá...

O mentalista voltou para o quadro branco e pegou numa caneta e numa régua comprida. Depois, encostou uma cadeira contra a parede onde estava o mapa e subiu para cima dela. Com a régua e a caneta, desenhou rapidamente sete linhas verticais na imagem da cidade, de uma ponta à outra. Depois, acrescentou sete linhas horizontais.

— Tinhas algum problema com a aparência original do mapa? —

perguntou Ruben.

Vincent não respondeu. Em vez disso, desceu da cadeira e afastou-se para poder estudar melhor a grelha que tinha criado. Mina só esperava que ele não tivesse sofrido uma insolação. Nesse caso, iria passar os próximos dez anos a ouvir comentários sobre aquele fiasco. Todos os dias, era o mais certo. Não havia maneira de negar que Vincent parecia ter-se passado completamente.

— Alguma explicação, Vincent? — disse Julia.

Vincent virou-se para trás e olhou para eles com ar confuso, como se se tivesse esquecido de que não estava sozinho na sala.

— Foi uma coisa que o meu... um amigo disse. Sobre os cavalos serem peças de um jogo. Tal como os membros de uma seita. Então, estava a pensar em que jogos é que existem cavalos.

Ruben suspirou e abriu os braços.

— No xadrez! — exclamou Christer, que pareceu ficar subitamente interessado. — E nas corridas de cavalos, obviamente. O último é caro, o primeiro é humilhante.

De repente, Mina viu o que Vincent tinha feito: tinha dividido o centro da cidade de Estocolmo em quadrados perfeitos, oito vezes oito. Como num tabuleiro de xadrez. As bordas exteriores da grelha emolduravam na perfeição todo o centro da cidade.

— Pensei que as crianças podiam simbolizar peças do jogo — explicou Vincent, e numerou rapidamente as linhas de um a oito, de baixo para cima. Depois escreveu A, B, C, D, E, F, G e H por baixo das colunas.

— Então, mas, nesse caso, porque é que não há outras peças, como os peões ou as torres? — perguntou Christer. — Ninguém joga xadrez só com os cavalos.

— Em casos normais, terias razão. Mas...

Vincent aproximou-se do mapa e procurou o local onde Lilly fora encontrada. Ficava no canto inferior direito, no quadrado marcado

com H1. Escreveu «Lilly» dentro do quadrado. Depois escreveu «William» em Beckholmen no quadrado G3, o penúltimo quadrado na terceira linha a contar de baixo. E, finalmente, «Ossian» em Skeppsholmen, que ficava no quadrado F4, o sétimo quadrado na quarta linha.

— Há um problema clássico no xadrez a que chamam «*Knight's Tour*» — prosseguiu. — Uma das primeiras menções a ele é em sânscrito; na altura chamava-se *Turagapadabandha*. O que literalmente quer dizer «uma ordem criada pelos passos do cavalo».

Mina tossiu discretamente para a mão. Quando Vincent olhou para ela com ar questionador, abanou a cabeça impercivelmente. Não seria nada bom se perdesse a atenção do grupo agora que finalmente estavam a ouvi-lo.

— Só queria esclarecer a ligação aos cavalos — continuou Vincent, olhando para os outros com uma expressão apologetica. — Mas vocês talvez não... Seja como for, o problema consiste em movimentar o cavalo de forma que ele passe por todas as casas de um tabuleiro de xadrez uma vez, mas sem nunca voltar a passar por uma casa onde já tenha estado. Se começarmos pelo local onde a Lilly foi encontrada, fica no canto inferior direito. A partir daí, vemos que só existem dois movimentos possíveis que um cavalo pode fazer, de acordo com as regras do xadrez. — Vincent fez uma pinta em dois quadrados no mapa. — Um desses movimentos é, como podem ver, para o G3, onde o William foi encontrado seis meses depois. A partir daqui, temos cinco novos movimentos possíveis.

Vincent colocou pintas nos cinco quadrados possíveis.

— Mas nenhum desses corresponde ao sítio onde encontrámos o Ossian — observou Adam.

— Exatamente. Mas estão a ver, ou não? — O mentalista fez um gesto insistente com a cabeça para o mapa. Ao fim de alguns segundos sem reação, suspirou e apontou para uma das pintas, no quadrado E2. No meio desse quadrado ficava o jardim Fatbursparken. — Esta é uma

das jogadas possíveis a partir do William. E daqui podemos ir diretamente para o Ossian, no F4. A verdade é que o jardim Fatbursparken é a única jogada razoável a partir do William, se não quisermos bloquear o cavalo a um canto.

— OK, mas essa teoriiazinha cai já por terra, porque não morreu nenhuma criança nesse jardim — disse Ruben. — Uma coisa dessas teria sido descoberta imediatamente, tendo em conta a quantidade de pessoas que passam por ali. Foi uma ideia fofinha, que as crianças podiam ser peças num jogo de xadrez gigante pela cidade toda. E tenho de admitir que seria bastante avançado se o marcador de livros, a mochila e aqueles rabiscos estivessem associados a um... como é que se chamava? *Knight's day*?

— *Knight's Tour*.

— Não sei quantas vezes vou ter de dizer isto: não há quebra-cabeças nenhum, desta vez. O que há é o Mauro Meyers, e ele não tem capacidade de fazer uma coisa destas, acreditem em mim. Ele está demasiado ocupado a mudar fraldas — disse Ruben, irritado.

— Bem, por acaso há uma fonte no centro do jardim Fatbursparken — murmurou Peder. — Por falar em água...

— Mas que merda...?! — resmungou Ruben.

— Já verificaram por baixo da fonte? — perguntou Vincent.

— Não. A que propósito é que íamos fazer isso? — perguntou Ruben. — Porque não tínhamos nada melhor para fazer, enquanto íamos buscar o Mauro?

Bosse arfou com a língua de fora, deitado no chão ao lado de Christer. Mina nem se apercebera de que o cão estava na sala, de tão silencioso que tinha estado. Aquele maldito calor ia acabar por matá-los lentamente a todos.

— Uma sugestão, então — disse Vincent. — Investiguem o jardim. Se não encontrarem nada, não volto a incomodar-vos. Podem não acreditar em mim, mas desejo de todo o coração que o Ruben tenha razão, que tenham encontrado o vosso perpetrador e que tanto eu

como a Nova estejamos a apanhar bonés. Que estejamos a ver padrões onde eles não existem. É o que mais quero. Mas se, apesar de tudo, encontrarem alguma coisa, então a minha teoria está correta.

Julia abanou uma pasta de documentos à frente do rosto, como um leque improvisado. O movimento fez com que todos olhassem na sua direção.

— Bem, há um custo considerável envolvido nisso — disse a chefe.
— Escavar um jardim público, partir uma fonte. Não é algo que possamos fazer com base num palpite só porque desenhaste uns quadrados num mapa. Principalmente quando já temos um suspeito sob custódia. Eu pelo menos gostaria que este grupo pudesse continuar junto durante mais algum tempo. Tens de nos dar mais alguma coisa, Vincent. E, além disso... — Julia hesitou uns segundos — ... recebi instruções claras da direção. Não consideram que a hipótese da seita tenha qualquer relevância, querem antes uma investigação mais aprofundada ao Mauro. E foram muito claros em relação a isso. A existência do grupo pode estar em risco se não lhes dermos ouvidos. E não estou a dizer que eles estão errados, até estou inclinada a achar que, exceccionalmente, têm razão. Isto parece-me extremamente rebuscado.

Vincent colocou a tampa na caneta. Depois bateu com ela nos quadrados vazios no mapa.

— Percebo o que estás a dizer. Mas vamos imaginar que estão errados; vamos supor que não é o Mauro Meyer que está por trás de tudo isto. Que, seja quem for, é uma pessoa que continua à solta. Se o Ossian, a Lilly e o William são realmente o início de um *Knight's Tour*, então ainda faltam muitas jogadas. Cada nova jogada pode, nesse caso, significar uma nova criança assassinada. E ainda há sessenta e um quadrados disponíveis num tabuleiro de xadrez depois destes três. Podem realmente dar-se ao luxo de arriscar?

Vincent esperou que os outros saíssem da sala. Quando Peder passou por ele, algo caiu do seu bolso. Era uma caixinha vermelha e achatada. Vincent apanhou-a do chão; teria reconhecido aquela caixa em qualquer lugar. Continha um baralho de cartas, mas não era um baralho qualquer, era um modelo *Bicycle*, da United States Playing Card Company. Com a parte de trás vermelha, em formato de póquer, que era um pouco mais largo do que o clássico baralho de *bridge* sueco.

Vincent só conhecia dois tipos de pessoas que utilizavam aqueles baralhos: jogadores de póquer e ilusionistas. Peder não parecia ser nem uma coisa nem outra.

— Peder, espera! — chamou Vincent, e apressou-se atrás dele a abanar o baralho. — Deixaste cair uma coisa.

Peder parou, virou-se para trás e arregalou os olhos quando viu o que Vincent tinha na mão.

— Ah, obrigado.

— Os jogadores de póquer não costumam andar por aí com os seus baralhos de cartas — comentou Vincent quando chegou ao pé de Peder. — O que te leva a ti a fazê-lo?

Peder olhou à sua volta pelo corredor, depois fez um gesto para que Vincent entrasse numa sala próxima e fechou rapidamente a porta atrás deles.

— Não quero que os outros ouçam — explicou em voz baixa. — Mas as trigémeas têm um primo, o Casper; a mãe dele e a minha mulher, a Anette, são irmãs. O Casper vai fazer uma festa de aniversário daqui a menos de três semanas e... pois, parece que a Anette e a irmã decidiram que eu vou fazer truques de magia na festa. O Casper ficou delirante. Então ando desesperadamente a tentar aprender a fazer truques com cartas.

Peder pareceu tão profundamente infeliz que Vincent teve de morder o lábio para não começar a rir.

— E que idade é que tem o Casper? — perguntou-lhe.

— Cinco.

Vincent pousou o baralho de cartas em cima da secretária que havia na sala e fez sinal a Peder para que se sentasse numa cadeira. Depois sentou-se ele também.

— Nesse caso, receio que tenhas começado da maneira errada — disse-lhe. — Fazer magia para crianças é das coisas mais difíceis que há.

Parecia impossível, mas Peder ficou com um ar ainda mais infeliz.

— Porque é que tantas pessoas se sentem fascinadas por truques de magia? — perguntou Vincent. — Porque os truques contrariam as leis que regem o mundo. Todos sabemos que as pessoas não podem voar, portanto, é um desafio à nossa imaginação e à nossa compreensão do mundo quando alguém, de repente, começa a voar num palco em Las Vegas. Mas as crianças ainda não tiveram tempo de aprender essas leis. Para elas, o mundo ainda está por explorar; não conhecem nenhuma razão para que a magia não possa ser real.

— Como as fadas *Winx* — disse Peder, melancólico. — As aventuras delas são muito reais para as trigémeas.

— Não faço a mínima ideia do que é que estás a falar, mas com certeza. O meu ponto é que uma criança não fica impressionada por uma carta trocar de lugar com outra no teu baralho. As crianças não têm motivos para pensar que isso, na verdade, seria impossível.

Peder suspirou e passou a mão pelo rosto.

— Então o que estás a dizer é que não dá para fazer truques de magia para crianças? — perguntou de seguida. — Obrigado, vou dizer isso à Anette. A irmã dela vai odiar-me. Há problema se lhes der o teu número?

— Não estás a perceber — respondeu Vincent. — Claro que podes fazer magia com crianças. Podes surpreendê-las, envolvê-las, fazê-las tocar em coisas, fazê-las rir. Se tiveres isso como objetivo em vez de aprender truques de cartas perfeitos, vais fazer um verdadeiro sucesso. Concentra-te é nas coisas certas.

— Surpreender e envolver. Estou feito...

Vincent pegou no baralho de cartas e segurou-o sobre o cesto do lixo.

— Mas esquece isto, por favor — disse, e soltou-o.

— Como é que achas que correu?

Vincent desaparecera a seguir à reunião; aparentemente, havia algo que precisara de discutir com Peder. Mas depois tinha ido ter com ela. Mina queria conversar com ele, mas não na sede da Polícia, onde as paredes tinham ouvidos. Para não falar dos olhares dos colegas. Não pudera deixar de reparar no revirar de olhos de Ruben quando Vincent explicara a sua teoria. Por isso, saíra da sede com Vincent e estavam agora no jardim Kronobergsparken, que, na verdade, era apenas uma colina arborizada entre a sede da Polícia e a praça Fridhemsplan. Mas pelo menos as árvores ofereciam uma sombra merecida e a temperatura também estava ligeiramente mais fresca ali no caminho sob as copas do que na sala de reuniões.

— Fico agradecido pela audiência aqui na floresta, rainha Mina — disse Vincent. — Mas vou repetir a minha pergunta: eles acham que eu estou louco?

Mina olhou para ele com surpresa fingida.

— Alguma vez tiveste dúvidas sobre isso? — perguntou-lhe. — Sabemos todos que perdeste completamente o juízo há muito tempo.

— Ah, então está bem.

Vincent pegou num pau do chão e começou a raspar algo do sapato.

— Lembra-me de nunca mais voltar a comprar ténis brancos — disse.

— Pois, realmente fiquei um bocado preocupada quando os vi — respondeu Mina. — Pensei que talvez estivesse a perder o sentido de estilo com a velhice.

Vincent livrou-se de um pequeno pedaço de lama e agitou o ramo sujo na direção dela, como vingança pelo comentário. Mina lançou-lhe um olhar que poderia ter pegado fogo ao pedaço de madeira.

— Desde que me consideres um génio, fico satisfeito — disse Vincent, e largou o pau.

— Claro que sim — assentiu Mina, chutando o pau para longe. —

Tu és tão sábio, e forte, para não dizer misterioso.

— Não te esqueças do meu jeito com crianças.

Porque é que não tinha conseguido falar com Amir assim tão facilmente? Ou com outra pessoa qualquer, já agora? E não havia nada de errado com Amir, a culpa era dela, Mina sabia disso. Sempre fora assim. Até Vincent aparecer na sua vida. Com Vincent, já não havia nada de errado com ela. E isso era um problema em si.

— Agora a sério, aquilo que disseste lá dentro... — disse Mina. — Foi um bocado extremo. Xadrez matemático? Com cavalos?

— Eu sei. — Vincent virou-se para ela; tinha um ar infeliz. — Desde aquela história com a Jane, acho que aconteceu alguma coisa comigo — continuou. — Não consigo associar padrões que devia ver e vejo padrões que às vezes não existem. É como se o meu cérebro e eu já não fôssemos amigos. Uma parte de mim espera que vocês tenham razão, que tenham encontrado o vosso assassino e que agora tudo tenha chegado ao fim. Mas, ao mesmo tempo, acho que há demasiadas semelhanças para que seja tudo apenas fruto da minha imaginação.

— Deves ter uma imaginação muito estranha, nesse caso — disse Mina.

Vincent corou e desviou o olhar.

— Porque é que nunca me contactaste? — perguntou-lhe, em voz baixa.

A pergunta foi tão abrupta que Mina demorou algum tempo a perceber a que é que ele se estava a referir.

— Eu... Pensei que não quisesses... Tu também não me contactaste — respondeu Mina.

— Eu sei. Não sabia como... O caso ficou resolvido, tentei encontrar um monte de outras razões, mas nenhuma delas era verosímil.

Vincent continuava sem olhar na sua direção.

— Então o que é que é a verdade? — perguntou Mina.

— Receio estar a tornar-se cada vez mais difícil para mim responder

a essa pergunta — disse Vincent, olhando finalmente para ela.

Mina olhou diretamente para os seus olhos azul-claros. Os ombros do mentalista estavam mais descaídos do que o habitual; a sua postura costumava ser orgulhosa e direita. Mas hoje não. Era evidente que alguma coisa o estava a preocupar. O que não era de estranhar, considerando o que ele já lhe contara sobre Maria, obviamente, mas pareceu-lhe que havia algo mais. Algo que o perturbava mais profundamente, naquele lugar que só Mina conseguira vislumbrar. O lugar que era verdadeiramente ele. Mina pousou a mão no ombro de Vincent.

— Vincent... — começou por dizer.

— O encontro! — exclamou ele subitamente. — Já tiveste o teu encontro?

— E, pronto, acabou a audiência — respondeu Mina. — Não tinhas um pau para brincar?

Ruben estava à porta da casa amarela a tentar ganhar coragem. Era completamente absurdo sentir-se nervoso, ele que nunca ficava nervoso. Mas aquela não era uma situação normal, e, da última vez, não correra muito bem. Inspirou profundamente e tocou à campainha. A porta abriu-se quase de imediato e ela estava à sua frente. Tinha cabelo castanho comprido, uma *T-shirt* e calças de ganga. Era igual à mãe. Mas também era parecida com outra pessoa, alguém que Ruben via ao espelho todas as manhãs.

— Olá, Astrid — disse.

Subitamente, sentiu dificuldade em engolir.

— Olá, Ruben! — respondeu ela alegremente.

Astrid voltou para o *hall* e Ruben seguiu-a. Será que devia descalçar os sapatos e despir o casaco, ou isso seria estar a abusar? Era melhor não fazer nada precipitado. Astrid manteve-se perto dele, com um olhar expectante, mas não disse nada.

— Então... — começou Ruben. — Como é que está a correr a escola?

— Estou de férias.

Ruben teve vontade de bater com a mão na testa. Quão estúpido podia ser? Claro que ela estava de férias, era algo que um pai devia saber.

— Olá. Já estás aqui? — perguntou Ellinor, vindo da cozinha. — Não te ouvi tocar à porta.

Ellinor olhou para o relógio; continuava a não parecer muito feliz por vê-lo, apesar de o tom de voz, pelo menos, estar um pouco mais suave do que da vez anterior.

— Tira os sapatos e entra.

O pequeno corredor levava a uma sala de jantar, onde havia uma grande mesa de carvalho repleta de canetas e papéis. Era evidente que alguém na família gostava de desenhar. A decoração da casa era leve e arejada, com paredes brancas e móveis claros. A claridade acentuava

os quadros coloridos pendurados nas paredes. Durante os anos que passaram juntos, Ellinor costumara falar sobre querer começar a pintar. Aparentemente, passara das palavras aos atos. E era talentosa, constatou Ruben.

Sentaram-se à mesa. Ellinor não lhe perguntou se ele queria tomar alguma coisa, e a máquina de café na cozinha parecia estar desligada. O sinal era claro; não iria ficar ali mais tempo do que o necessário.

— É bom voltar a ver-te, Ellinor — disse Ruben. — A sério. É bom ver-vos às duas. Obrigado por teres respondido.

Não se enganara da última vez; Ellinor tinha uma presença maior do que a sala onde estavam. Ruben fora um perfeito idiota por tê-la deixado escapar. Mas não ia cometer o erro de começar a desenterrar coisas antigas, isso só iria piorar tudo.

— Tenho de admitir que fiquei surpreendida quando disseste que querias falar — disse Ellinor. — Mas uma coisa é teres ficado a saber, outra é voltar a confiar em ti. Como é que imaginaste que isto se ia passar?

— Bem, pensei que eu e a Astrid poderíamos passar algum tempo juntos — respondeu Ruben. — Quando ela quiser. E puder. E tu a deixares, claro.

Ellinor olhou para ele com ar desconfiado.

— Tu não és propriamente a pessoa mais responsável que conheço — disse. — Não me admirava nada que te esquecesses dela no restaurante.

— Podes não acreditar, mas não sou a mesma pessoa hoje que era há dez anos — disse Ruben. — Ou sequer há um ano, aliás. Ficarias surpreendida.

— O que dizes, Astrid? — perguntou Ellinor à filha. — Eu sei que tu e eu já falámos disto várias vezes, mas podes sempre mudar de ideias. Não tem importância que o Ruben seja o teu pai biológico; não precisas de estar com ele se não quiseres. Como é que te sentes?

— Sinto-me nervosa — respondeu Astrid. — Mas acho que vai

correr bem. E não te esqueças de que tenho o telemóvel, mãe.

— Está bem. Duas horas. Para começar. Depois vens para casa jantar.

Duas horas. Não era bem o que Ruben tinha pensado, mas era melhor do que nada. Afinal de contas, estavam a meio da tarde. Não fazia a mínima ideia a que horas é que as crianças de dez anos jantavam. Ou a que horas é que se iam deitar à noite. Se não metesse o pé na poça, talvez pudessem estar mais tempo juntos da próxima vez.

Saíram para o corredor. Ruben pegou num chapéu de polícia que trouxera consigo e colocou-o na cabeça de Astrid; o chapéu afundou-se até às suas orelhas. Seria engraçado ou ficaria chateada? Ruben não fazia a mínima ideia de como se comportar com miúdas pequenas, mas recordava-se do que ele próprio gostava quando tinha dez anos. Não devia haver uma diferença assim tão grande.

— Pensei que podíamos ir dar uma volta no carro-patrolha — disse. — E ir cumprimentar os cães-polícia na esquadra. Na verdade, fazemos de conta que é um dia de trabalho. Gostas de cães?

Astrid assentiu com a cabeça, entusiasmada. Ruben perguntou-se se deveria acrescentar uma visita ao campo de tiro também, mas isso talvez já fosse passar dos limites. Além de que tinha de guardar alguma coisa para o próximo encontro.

— Gosto imenso de cães — disse Astrid. — Mas os cães-polícia não são grandes e não mordem?

— Podem ser assustadores se fores um ladrão — respondeu Ruben, rindo-se.

— Ainda bem — disse Astrid, e endireitou o chapéu de polícia. — Porque isso eu não sou. Mãe, eu e o Ruben vamos embora.

Astrid saiu pela porta. Ruben estava prestes a segui-la, mas Ellinor deteve-o pondo-lhe a mão no braço.

— Se isto não correr bem, nunca mais a vês — disse Ellinor a olhar fixamente para ele. — Tens uma oportunidade. Uma.

Ruben engoliu em seco. Não estava habituado a sentir-se tão inseguro, e não apreciava a sensação. Assentiu com a cabeça em silêncio e saiu. Astrid já ia a caminho do estacionamento. Merda, nem sequer perguntara a Ellinor se Astrid podia comer um gelado. Depois mudou de ideias. Na verdade, podia decidir por si mesmo; afinal de contas, era pai dela.

Vincent releu novamente o *e-mail* de Umberto. Tinha recebido a mensagem quando estava no parque com Mina, mas só a viu quando chegara a casa. O logotipo vermelho da TV4 brilhava na assinatura do *e-mail*, ao lado do logotipo com uma senhora sorridente da produtora Jarowski. O único comentário de Umberto era: «É agora, vamos a isso, *amico mio!*», juntamente com um *smiley* com óculos de sol. O resto do texto era da produtora. Vincent sentiu-se morrer lentamente por dentro, ali sentado numa cadeira da cozinha.

O *e-mail* indicava o seu itinerário até uma pequena ilha na costa francesa, mais especificamente a ilha onde o programa *Prisioneiros do Forte* era gravado. A produtora também enviara uma série de fotografias do próprio forte, provavelmente com o intuito de despertar a sua curiosidade. No entanto, as imagens do edifício de pedra com ar de instalação militar tiveram precisamente o efeito oposto; aquele era o último lugar da Terra que Vincent alguma vez queria visitar. Quando ampliou uma das fotografias, pareceu-lhe conseguir ver o canhão. Iam escolhê-lo a ele para essa prova, tinha a certeza disso.

O texto explicava que deveria estar lá dentro de pouco mais de três semanas, vinte e cinco dias. Provavelmente, o tempo suficiente para contratar um advogado e escrever um testamento. Acima de tudo, queria ter a certeza de que Umberto e a ShowLife Productions não receberiam um cêntimo se ele não sobrevivesse.

— O que é isso? — Rebecka aparecera atrás dele e estava a espreitar sobre o seu ombro para o telemóvel, curiosa. — Isso é o Fort Boyard! Mas, pai... — exclamou, horrorizada. — Não me digas que vais participar no *Prisioneiros do Forte*?!

Vincent virou-se para trás e olhou para a filha. Rebecka estava a segurar uma sandes na mão, de que parecia ter-se esquecido subitamente. O horror espelhado no seu rosto não era fingido.

— E se fosse? — perguntou Vincent.

— Nesse caso, não vou poder aparecer na escola o semestre inteiro. Vou ter de me mudar para casa do Denis e nunca mais vou sair à rua.

— Isso não pode ser — respondeu Vincent. — Eu vou levar o Dennis na viagem como intérprete, já que ele é francês. E já mandei imprimir *T-shirts* com aquela fotografia de família que tirámos no Liseberg, lembrás-te? Aquela em que estás sentada na primeira fila da montanha-russa com um ar de pânico. Eu e o Dennis vamos usá-las o tempo todo.

O terror nos olhos da filha foi substituído por puro ódio.

— Ele chama-se *Denis* — bufou Rebecka, com uma entoação francesa no nome. — E se essa fotografia sequer se aproximar dele, és um homem morto.

Um carro feito de legos irrompeu pela cozinha, com Aston logo atrás a cantarolar o que provavelmente era uma música dos Queen, embora não fosse muito fácil perceber. A influência de Rebecka sobre o irmão mais novo tinha tanto de perturbador como de tocante.

— Olha, pai! — exclamou Aston. — Viagem de férias! E cabemos todos no carro. Estou a brincar às famílias felizes. Tal como tu!

— Acho que querias dizer famílias de pesadelo — disse Rebecka a Aston.

— Aston, só porque o Benjamin e a Rebecka têm outra mãe, não quer dizer que... — Vincent suspirou e acabou por desistir.

Rebecka fixou os olhos no pai.

— Espero que eles te disparem daquele canhão e se esqueçam dos elásticos de segurança — disse a filha em voz baixa, antes de voltar para o seu quarto com a sandes apertada fortemente entre os dedos.

— Podes dar comida aos peixes, já que vais passar pelo aquário? — perguntou Vincent.

— Posso dar-lhes pedaços de ti — sibilou Rebecka, e bateu com a porta.

Aston começara a cantar novamente e chegou ao refrão. Gritou a plenos pulmões as únicas palavras que conseguira memorizar: «*The show must go oooooon!*»

Vincent concordava plenamente. *The show must go on.* A única questão era por quanto tempo mais.

Mina acordou com um som estridente. Primeiro teve dificuldade em identificá-lo, ainda presa a uma sequência de sonhos com cavalos, fibras, Milda com um bisturi na mão, e peças de xadrez maiores do que ela que ameaçavam esmagá-la quando se moviam sobre um tabuleiro gigante.

Olhou à sua volta, confusa. Na televisão passava um programa de entretenimento de verão. Tinha adormecido no sofá. Ouviu novamente o som estridente e apercebeu-se de que era o telemóvel a tocar; estava em cima da mesa de centro a piscar raivosamente.

— Estou... — A sua voz estava rouca e quebrou-se quando atendeu. Aclarou a garganta e tentou outra vez. — Estou?

— Não vou esperar mais, Mina.

Aquele sentido de oportunidade que o fazia ligar-lhe sempre que ela estava a dormir roçava o assustador. Como sempre, foi invadida por uma certa ansiedade quando ouviu a sua voz. Olhando para trás agora, passados tantos anos, mal conseguia lembrar-se de uma época em que não era assim; ele sempre a fizera sentir-se inferior. Como se ela fosse a defeituosa e ele o perfeito. Ele sempre gostara de consertar coisas, de ordená-las, e talvez tivesse sido o mesmo com ela. Fosse como fosse, era uma característica que o tornava absolutamente perfeito para o papel que desempenhava hoje em dia.

— Já é terça-feira outra vez, passaram onze dias — disse. — E não sei de nada. Um pai responsável já a tinha ido buscar há muito tempo.

Um pai responsável. Mina compreendeu perfeitamente a quem é que ele se referia.

— Não vale a pena ires lá assustá-los a todos — respondeu Mina, e olhou para o relógio de pulso. — Eu vou à quinta amanhã, em trabalho. Aparecer lá de uniforme vai provavelmente deixar a Ines mais branda; tenho dificuldade em acreditar que ela fosse revelar quem eu sou.

— Porquê amanhã? — perguntou ele, impaciente. — Porque não agora?

— Porque são onze e um quarto da noite — respondeu Mina. — E não me parece que tenha acontecido alguma coisa urgente. Falei com a Ines há uns dias e ela garantiu-me que estava tudo bem.

— E desde quando é que confias na tua mãe? Quero que seja a primeira coisa que fazes amanhã. E liga-me imediatamente quando voltarem.

Desligou sem ouvir a resposta dela. Mina sentiu os ombros relaxarem.

O seu estômago protestou ruidosamente, e apercebeu-se de que se esquecera de jantar.

Levantou-se do sofá, foi até ao congelador e abriu uma gaveta. Observou o conteúdo durante algum tempo, hesitou entre massa *Alfredo* e *nasi goreng*. Optou pela massa. Inspecionou cuidadosamente o plástico que cobria a embalagem, levantou o pacote contra a luz da cozinha e procurou por pequenos furos no selo de vácuo, furos por onde as bactérias poderiam entrar. Mas o plástico parecia intacto. Com cuidado, retirou-o e colocou a embalagem no micro-ondas. Aqueceu a comida na potência máxima e um pouco mais tempo do que o recomendado. A comida ficava demasiado cozida, mas era preferível assim. Embora não tivesse provas científicas, continuava convencida de que, quanto mais radiação, mais eficientemente matava tudo o que pudesse estar vivo na comida.

Por fim, pressionou o botão para abrir a porta e retirou a caixa. O vapor queimou-lhe os dedos.

— Merda!

Atirou a embalagem para a bancada da cozinha e soprou para os dedos. Só esperava não ficar com bolhas. Viu à sua frente como grandes bolhas cheias de líquido lhe cresciam nas pontas dos dedos e o pensamento quase a fez vomitar. Preferiria amputá-los. Se calhar, era melhor desistir da ideia de comer. De qualquer forma, já era tarde. Mas o seu estômago não concordava.

Quando a embalagem arrefeceu, fez uma nova tentativa de pegar

nela. Correu melhor. Levou a caixa, um garfo e uma toalhita desinfetante para a sala e sentou-se no sofá. Jantar à frente da televisão. Os seus jantares eram sempre à frente da televisão. Limpou cuidadosamente o garfo com a toalhita, espetou um pouco de comida e inspirou profundamente. Sabia de uma empresa que se vangloriava de ter bactérias vivas nos seus iogurtes. Uma coisa verdadeiramente nojenta. Esperava sinceramente que tudo na comida à sua frente estivesse bem morto. Na televisão, Benjamin Ingrosso cantava algo sobre amor perdido. Mina fechou os olhos e levou o garfo à boca.

— Tens consciência de que isto não reforça propriamente a tua teoria?

A fonte do jardim Fatbursparken tinha apenas meio metro de altura e era demasiado rasa para poder haver ali um corpo sem que ninguém o tivesse visto. Nem sequer sob os rebordos arqueados seria possível. Vincent deu a volta à fonte, enquanto Peder mergulhava as mãos na água fresca.

— A Julia fez-te um favor quando me pediu para vir aqui contigo — continuou Peder, abafando um bocejo matinal. — Foi um bocado difícil digerir tudo o que disseste, e acho que estás a dever à Polícia um novo mapa de parede. Mas estamos aqui porque a Julia quer que tu percebas a irracionalidade da teoria do jogo de xadrez. E espero que compreendas o risco que ela própria está a correr em não te travar. Vai ter grandes problemas com a direção se ouvirem falar disto. O que, por sua vez, significa que o grupo terá problemas.

— Não é um jogo — murmurou Vincent. — O *Knight's Tour* é um desafio matemático de movimentação, que implica nunca passar pela mesma casa duas vezes. Tal como o nosso assassino, que encontra sempre um local novo para as suas vítimas.

Vincent olhou para o jardim plano, que era pequeno o suficiente para poder facilmente vê-lo de uma ponta à outra.

— Mas podes ver por ti mesmo — disse Peder. — Além da fonte, não há sítio nenhum onde fosse possível esconder um corpo neste jardim sem ser descoberto imediatamente. Nesse caso, já o teríamos encontrado. E se isso acontecesse, talvez a tua teoria estivesse certa, mas não aconteceu. Por isso, não estava. Infelizmente, na minha opinião. Porque era uma teoria emocionante, mesmo sendo um pouco louca.

— A não ser que o corpo tenha sido enterrado, claro — retorquiu Vincent. — Talvez devessem fazer escavações.

Peder suspirou e chutou as pedras da calçada que cercavam a fonte.

— Como a Julia disse, não podemos fechar um parque inteiro e

parti-lo ao calhas só porque tu gostas de xadrez — disse Peder, molhando o rosto com a água fria da fonte. — Nem sabemos onde é que haveríamos de procurar, nesse caso. Na verdade, até acredito mais na teoria improvável da Nova sobre água.

Peder suspirou de satisfação com a temperatura da água.

Vincent começou a percorrer o caminho à volta da fonte.

— A Nova é excelente na área dela — comentou. — Mas a teoria que aventou é inútil, só está a atrasar-vos. Mesmo que estivesse correta, esta cidade tem mais lugares à beira da água do que longe dela; a simbologia de deixar alguém junto à água não é tão forte se for essa a opção mais fácil. Pode ser uma coisa tão simples como estarem a lidar com um assassino que tem um barco.

— E que apenas despeja os corpos em terra nos sítios onde consegue chegar, é isso? — perguntou Peder, pensativo. — Não é nada má ideia, por acaso. E muito mais simples do que tanto a seita dela como o teu jogo de xadrez.

Peder continuava com gotas de água a brilhar na sua barba espessa. Mina provavelmente teria algo a dizer sobre a limpeza daquela água da fonte, que agora escorria pela barba de Peder até à camisa.

— Acredita em mim — disse Vincent. — Quero muito estar errado sobre o nível de inteligência que atribuí ao nosso assassino. Ninguém ficaria mais feliz do que eu se viesse a tratar-se de alguém que nunca sequer ouviu falar de um *Knight's Tour* e que tem um simples barco a motor. Essa pessoa vai provavelmente ser muito mais fácil de apanhar. Infelizmente, temos um pequeno problema. O William foi encontrado na doca seca quando ela estava sem água. Os únicos barcos que conseguiriam aproximar-se dela teriam de ser os que já estavam fechados na doca.

— Por outro lado, também não há nenhum sítio onde esconder um corpo neste parque — disse Peder. — A propósito do teu jogo de xadrez.

— Só por não estarmos a ver, não quer dizer que não exista —

retorquiu Vincent, pensativo.

— Tenho a sensação de que estamos a falar em círculos — disse Peder. — Podemos fazer um acordo? Eu tenho de ir a casa ter com a Anette, esqueci-me das fraldas no carro hoje de manhã. Mas tu podes ficar por aqui; se encontrares algum sítio onde aches que possa haver um corpo, e se conseguires de alguma forma convencer-nos disso, então prometo tentar fazer com que a Julia concorde em pedir uma escavação. Mas só nesse preciso sítio. E só uma vez. Pode ser?

Vincent olhou para o jardim, com os seus relvados, árvores plantadas e caminhos cuidadosamente construídos. O jardim onde não era possível esconder algo sem que fosse descoberto de imediato. O jardim onde nada fora encontrado.

— Perfeitamente razoável — respondeu-lhe.

Mina virou para a quinta onde o Epicura desenvolvia as suas atividades. Para jogar pelo seguro, telefonara de manhã a avisar que iria fazer-lhes uma visita, para que Ines e Nova estivessem preparadas e pudessem manter as aparências perante Nathalie. Mina estaria ali apenas na sua função de polícia. Apesar de a sua ida estar relacionada com Nathalie, Nova ainda poderia ser-lhes útil na investigação, e Mina não queria deixar que assuntos pessoais colocassem em risco a relação de Nova com o grupo. Tinha de arranjar forma de conseguir manter as duas coisas separadas.

Levantou a mão e acenou quando viu Nova à sua espera no pátio. O calor vibrava no ar, apesar de ainda ser cedo, mas Nova parecia fresca nas suas roupas de seda branca. Mina, por outro lado, sentiu o suor começar a escorrer-lhe pelas costas assim que saiu do carro. Que raio de sádico é que decidira que os uniformes da Polícia deviam ser pretos? Teve de lutar contra o impulso de se atirar novamente para dentro do carro, ligar o ar condicionado no máximo e sugerir que conversassem ali dentro.

— Bem-vinda! — exclamou Nova, com um sorriso radiante. Aproximou-se de Mina, mas, desta vez, sem fazer qualquer tentativa de a abraçar. Sempre era alguma coisa. — Anda, vamos lá para dentro — disse, lançando um olhar ao uniforme de Mina. — Está demasiado calor para ficarmos cá fora.

Nova caminhou à sua frente em passo rápido, em direção ao edifício principal. Mina seguiu-a, com o suor agora a fluir-lhe de cada poro do corpo. Levou a mão ao bolso para confirmar que tinha trazido o pacote de toalhitas e depois olhou à sua volta, curiosa. Não sabia exatamente o que esperara da quinta, mas não que fosse tão... acolhedora.

O fresco que sentiu do lado de dentro da pesada porta da frente foi uma bênção. Mina fechou os olhos e sentiu o ritmo cardíaco abrandar lentamente. Talvez devesse pedir ajuda a Vincent com alguns exercícios de respiração, se fosse continuar assim.

A atmosfera no átrio de entrada era calma e pacífica. Os tetos eram

altos, e uma quantidade generosa de luz entrava pelos inúmeros vidros. Mina sentiu um arrepio quando as gotas de suor se tornaram frias contra a sua pele.

— Estás com frio? Temos o interior muito arrefecido — disse Nova em tom de desculpa.

— Não, está muito agradável — respondeu Mina, abanando a cabeça. — Eu gosto do frio.

— Vamos para o meu gabinete — disse Nova com um sorriso. — Lá podemos conversar mais à vontade; toda a gente tem uma tendência para querer algo de mim o tempo todo. E tu se calhar também não queres ser... vista desnecessariamente.

Nova virou à esquerda para um longo corredor e abriu uma das portas mais ao fundo. Mina seguiu-a para o interior da sala, que era espaçosa e também contava com muita luz. A decoração era esparsa e simples, com cores claras e plantas verdes como os únicos apontamentos de cor. Nova sentou-se atrás de uma grande secretária de plástico transparente, que parecia ser de um *design* caro, e fez um gesto com a mão para indicar a Mina que podia sentar-se numa das duas poltronas à frente da mesa. A parede do lado direito de Nova estava coberta por uma estante de livros bem cheia. Além dos livros, havia também fotografias em molduras de prata polida.

— Posso ver?

Mina aproximou-se da estante para ver melhor as fotografias.

— Claro que sim.

Nova levantou-se e acompanhou-a até à estante. Apontou para uma das fotografias, uma imagem a preto-e-branco de um homem elegante, mais velho, com uma aparência austera. Ao seu lado estava uma rapariga adolescente em cadeira de rodas, com ambas as pernas e um dos braços engessados e um grande colar cervical à volta do pescoço. A expressão da rapariga era séria; Mina demorou algum tempo a reconhecer Nova.

— É o meu avô paterno. E eu. Foi a seguir ao acidente.

— O que é que aconteceu? — perguntou Mina, com cautela. — Se não te importas que pergunte.

— Um acidente de carro. O meu pai morreu. Eu sobrevivi, mas fiquei gravemente ferida.

— Sinto muito.

Nova encolheu os ombros e sorriu.

— Já foi há muito tempo. Noutra vida. E o meu avô cuidou de mim, tive sorte.

— Recuperaste completamente?

Mina desviou o olhar para outra fotografia. Um homem mais novo. Expressão alegre e aberta no rosto, cabelo comprido até aos ombros e camisa desabotoada.

— Sim e não. Tudo cicatrizou, mas as dores mantiveram-se. Aprendi a pensar nelas como uma vantagem; muito do que fazemos aqui baseia-se em aprender a lidar com a dor, e até em transformá-la em algo positivo. Tanto a dor física como a psíquica. Se é que há diferença. Dor é dor, e a diferença entre corpo e alma não é tão grande como se pensa.

Nova foi até à secretária e sentou-se novamente. Mina ficou onde estava e apontou para a fotografia do homem.

— É o teu pai?

— Sim. O meu pai.

Nova não disse mais nada, e Mina sentiu que não era oportuno perguntar. Ouvira a tristeza na voz de Nova e não queria intrometer-se demasiado nos sentimentos que um pai ausente provocava numa criança, por medo do que poderia ouvir.

Em vez disso, sentou-se numa das poltronas. Nova observou-a com os seus intensos olhos castanhos.

— Como é que está a correr? Estão a avançar na investigação?

— Temos algumas pistas que nos parecem promissoras — respondeu Mina evasivamente.

Nova continuou a observá-la com um olhar tão persistente que Mina se contorceu na poltrona. Tinha a sensação de que Nova, de alguma forma, conseguia ver através dela. Até então, fora apenas Vincent que lhe dera essa sensação, mas, enquanto o olhar de Vincent sempre fora suave e cuidadoso, o de Nova perfurava-a como um raio *laser*. Não era possível fazer outra coisa que não ser cem por cento sincero à frente dela.

— Ainda não excluimos nada — disse Mina. — Nem a ideia de poder ser uma coisa organizada. Mas, entre nós, isso soa realmente...

— Soa realmente improvável — acrescentou Nova. — Eu sei.

Nova sorriu, mas foi um sorriso enviesado, que parecia mais virado para si própria do que para o exterior.

— É precisamente isso que permite às seitas estabelecerem-se — continuou Nova. — Ninguém acredita que possa ser atraído para uma seita. Ninguém acredita que as seitas existem realmente, sobretudo a dois passos de nós. Ninguém se vê a si próprio como influenciável, mas nós, humanos, somos animais gregários, queremos seguir a matilha, e a matilha quer ter um líder para seguir. Uma seita não faz mais do que aproveitar-se da nossa programação psicológica mais instintiva e profunda.

— Pode ser, mas prefiro acreditar na capacidade de os indivíduos pensarem por si próprios — disse Mina.

— Essa existe, evidentemente. Mas é infinitamente mais limitada do que estamos dispostos a acreditar. As pessoas são ovelhas. E é precisamente a nossa resistência a aceitar isso que faz com que não vejamos as teias, tecidas por aranhas que nos querem mal. E depois ficamos presos. Convencidos até à morte da nossa força de vontade.

— Isso soa bastante duro — disse Mina, olhando para a mulher à sua frente com um ar surpreendido.

O rosto de Nova dissolveu-se num sorriso caloroso.

— Sim, peço desculpa. Soou mais duro do que pretendia. E aquilo que trabalhamos aqui no Epicura é precisamente em fortalecer o eu.

Acreditamos na capacidade inerente do indivíduo. Aquilo que conduz as pessoas para um grupo é normalmente o medo, e todos os medos são, no fundo, os mesmos. O medo de experimentar coisas novas vem do medo de se ser julgado, que nasce do medo de não se ser apreciado, que, por sua vez, vem do medo de se ser excluído, que, por sua vez, vem do medo de não poder usufruir dos recursos do grupo, que é um resultado do medo da morte. Todos os medos se resumem, na verdade, ao medo da morte. E a própria essência do epicurismo é atingir tanto a *ataraxia*, a tranquilidade do corpo e da mente, como a *aponia*, a ausência de dor, e, com isso, eliminar o medo da morte. Só quando não tememos a morte é que somos totalmente livres enquanto pessoas. Acreditamos que todos podem alcançar a felicidade e a paz de espírito. Quantas pessoas dos tempos modernos podem dizer isso hoje?

— Palavras cultas — disse Mina, assentindo com a cabeça, pensativa. — Mas não faço a mínima ideia do que significam na prática. Quero dizer, como é que a vossa filosofia rege as atividades diárias aqui? O que é que se aprende, do ponto de vista puramente prático, nos vossos cursos?

— Posso inscrever-te num, és muito bem-vinda.

— Acho que já tens aqui pessoas mais do que suficientes da minha família.

Nova soltou uma gargalhada retumbante.

— Vou tentar explicar-te — disse. — Aquilo que estamos a criar aqui é um centro onde podemos dar às pessoas as condições necessárias para viverem de acordo com os pilares do epicurismo; o meu avô lançou as primeiras pedras, e eu escolhi administrar. Aqui as pessoas podem afastar-se de tudo o que causa preocupação: política, discussões, conflitos. Aqui é possível viver de forma tranquila e simples e aprender quais são as coisas que proporcionam uma felicidade duradoura, em vez de apenas uma satisfação curta e imediata das necessidades. Nem todo o prazer é bom. Nem toda a dor é má. O prazer a curto prazo pode causar dor a longo prazo. E vice-versa. Mas, acima de tudo, ensinamos as pessoas a viverem no

presente.

— Quanto tempo é que a maior parte dos participantes fica cá?

Mina deu por si a sentir-se relutantemente fascinada. De certa forma, invejava Nova pelas suas convicções fortes, embora continuasse a achar que tudo aquilo soava totalmente absurdo e irrealista.

— Temos de tudo, desde cursos de um dia com equipas de gestão até pessoas que tiram um *timeout* da vida e ficam cá por períodos mais longos — respondeu Nova. — Algumas estão connosco há vários anos. Como a tua mãe, por exemplo.

— E já que estamos a falar dela — disse Mina. — Também estou aqui a título pessoal. A Nathalie tem de voltar para casa do pai. Espero que aquela viagem interior que referiste tenha sido gratificante para ela e para a Ines, mas acaba aqui e agora. O melhor é levarem-na a um autocarro ainda esta manhã, mas ela também pode vir comigo no carro da Polícia, se preferirem. São essas as escolhas que tu e a Ines têm. A não ser que queiram que o pai dela apareça aqui com um pequeno contingente militar para a levar à força. A paciência dele esgotou-se.

— Teria todo o prazer em fazê-lo — disse Nova. — Claro que ela vai voltar para casa; o problema é que eu não vejo a Nathalie ou a Ines há... mais de uma semana, acho eu.

Mina foi tomada por uma sensação de frio e desconforto. Devia ter percebido que não podia confiar na mãe.

— Estás a dizer que não se encontram aqui? Onde estão elas, afinal?

— Não é invulgar os nossos membros fazerem caminhadas de alguns dias pela floresta — respondeu Nova, sorrindo novamente. — É uma forma eficiente de nos conhecermos uns aos outros, e há muitos sítios para pernoitar por aqui. Assumo que a Ines levou a Nathalie num desses passeios. É a única explicação que encontro.

— Durante mais de uma semana?

— Com este tempo e com o equipamento certo, podemos estar fora duas semanas sem qualquer problema — disse Nova. — Fazemos esse

tipo de caminhada muitas vezes. Não há nada melhor que dormir sob as estrelas no verão e cozinhar a nossa própria comida com os recursos da natureza. Devias experimentar.

Claro que sim, sem dúvida. Assim que asfaltassem a floresta. A Ines que Mina em tempos conhecera nem saberia como atar os atacadores de um par de botas. Mas a sua mãe estava diferente, ela própria notara isso quando se reencontraram. Mina subestimara a tal «viagem interior» de Ines, que, evidentemente, também implicava encontrar-se a si mesma na natureza. A sua mãe, que antes ingeria litros de café, fumava como uma chaminé e bebia como uma esponja, era agora uma amante da natureza. E porque não? Não era mais absurdo do que qualquer outra coisa que acontecera.

Ao mesmo tempo, não gostava que Nathalie, como que por mero acaso, estivesse ausente precisamente no dia em que ela própria lá ia. Era uma coincidência demasiado grande. Mina olhou para Nova, que se limitou a sorrir-lhe.

— Não há problema nenhum, garanto-te — disse Nova. — A Ines conhece bem a floresta.

— Vou falar com o pai da Nathalie e explicar — respondeu Mina. — Mas sugiro que tentes entrar em contacto com a Ines. Pelo bem dela, espero que regressem bastante mais depressa do que adiantaste. Caso contrário, esta provavelmente será a primeira e última vez que ela vê a neta.

Mina seguiu diretamente da reunião com Nova para o jardim Fatbursparken, onde Vincent estava à sua espera, mas assim que voltasse para a sede da Polícia iria trocar a roupa interior transpirada. Estava a gastar pelo menos dois pares de cuecas por dia, por vezes mais, dependendo do calor que fazia. Também começara a complementar os grandes pacotes de cuecas com pilhas de camisas de alças em embalagens baratas de cinco unidades, que acabavam igualmente no caixote do lixo após a primeira utilização. Este verão, a pequena reserva que mantinha sempre no seu gabinete começava a aproximar-se do tamanho do armazém de uma *boutique*. Não que tivesse alguma importância; de qualquer forma, nunca recebia visitas.

Observou Vincent quando se encontraram no jardim; o mentalista conseguia manter o ar elegante mesmo com uma *T-shirt* branca e larga. Já ela devia estar uma desgraça. Uma desgraça de suor. Maldito Vincent.

Passear em parques com ele começava a tornar-se quase um hábito, embora o jardim Fatbursparken fosse demasiado pequeno para um passeio a sério. Em vez disso, sentaram-se num banco e observaram o ambiente. Mina levava uma proteção de plástico e sentou-se em cima dela; não tinha qualquer intenção de deixar o banco de jardim tocar na sua roupa, por mais limpo que parecesse estar. Porém, não iria desinfetá-lo, não com Vincent ali.

Não disse nada sobre o que Nova lhe contara. Até ao momento, Vincent era a única pessoa que sabia que ela tinha uma filha, embora não soubesse nenhum detalhe, obviamente. Mas Mina não tinha controlo nenhum sobre a situação no Epicura e parecia-lhe que estava a escassos segundos de todo o mundo ficar a saber de tudo. E, nessa altura, surgiram as perguntas. Perguntas a que ela não tinha a mínima vontade de responder.

Acima de tudo, pensou em Nathalie. Oh, como desejava que Nathalie descobrisse a verdade. Devia pelo menos poder ser ela a contar-lha; talvez conseguisse fazer a filha compreender. Porém, não iria ter essa oportunidade, tinha a certeza de que Ines lhe contaria

durante aquela caminhada na floresta. Que coisa mais disparatada, conhecer-se a si próprio por entre as árvores. O resultado seria que Nathalie não iria querer saber de Mina quando descobrisse que a sua mãe, afinal, estivera viva o tempo todo.

— Obrigado por teres vindo aqui — disse Vincent, interrompendo os seus pensamentos. — Consigo pensar melhor assim.

— Quando estou contigo, é isso que queres dizer? — perguntou Mina, e viu como Vincent começou imediatamente a corar.

Vincent aclarou a garganta.

— Como é que estão a correr os teus *dates*, já agora? — perguntou-lhe.

— Como é que estão a correr as coisas com a Susanne? — contrapôs Mina. — Mais algum encontro imediato em restaurantes?

— *Ouch!* — Vincent pareceu ficar magoado. — A minha curiosidade é sincera — disse. — A minha filha tem um namorado. Pelo menos, é a informação que corre, eu nunca o vi. Chama-se Denis. Mas aparentemente eu sou a razão pela qual eles nunca vêm para nossa casa, parece que sou demasiado embaraçoso. Então, já que não lhe posso fazer perguntas chatas sobre a vida amorosa dela, tenho de te perguntar a ti sobre a tua.

Mina contorceu-se, tentando encontrar uma posição mais confortável para se sentar. O plástico por baixo das suas pernas crepitou. Vincent soara brincalhão, mas a sua expressão facial era sincera, ele queria realmente saber. Mas o que haveria de lhe dizer? Era uma pergunta muito pessoal, do foro privado até. Ao mesmo tempo, não tinha ninguém com quem se sentisse tão confortável como com Vincent. Se não conseguisse falar com ele sobre aquilo, então com quem poderia falar? Além do mais, ele provavelmente já tinha percebido como é que o encontro com Amir acabara.

— Podemos pôr as coisas nestes termos: fiquei a saber aquilo que realmente quero — acabou por responder. — Mas então e aqui o nosso jardim, o que dizes? Achas mesmo que há alguém aqui assassinado?

A mudança de assunto foi quase embaraçosamente desajeitada, mas, pelos vistos, resultou, pois os olhos de Vincent até brilharam.

— O jardim Fatbursparken é claramente um dos jardins mais singulares de Estocolmo — disse Vincent. — Como podes ver, a metade sul, a que está à nossa frente, é um semicírculo com relvado e um caminho. A parte norte, onde estamos sentados, cimento e linhas retas. Se bem me recordo, os arquitetos que desenharam o parque queriam ilustrar precisamente o caos *versus* a ordem. *Yin* encontra *yang*. Dioniso e Apolo. — Vincent apontou para a estátua de bronze a alguns metros de distância do banco onde estavam sentados. — Diz olá ao deus grego Apolo. Dioniso está do outro lado, mas só teve direito a ser um bebedouro. Apolo pelo menos é um homem, apesar de ter coxas como as de um cavalo.

— Mas o que é que se passa contigo e as estátuas dos parques? — perguntou Mina, rindo-se. — Essa fixação está a parecer-me pouco saudável.

Vincent encolheu os ombros.

— As estátuas nos espaços públicos representam muito frequentemente uma simbologia pagã e até mesmo do oculto. Isso fascina-me; as estátuas formam uma rede por toda a cidade que ninguém vê ou repara. Se eu fosse místico, pensaria nelas como uma fonte de energia oculta pela cidade. Agora não é esse o caso, mas acho que as estátuas, ainda assim, podem ter um certo efeito psicológico. Nalgumas situações, é até bastante óbvio. — Vincent apontou para a fonte baixa no meio do jardim. Mina não conseguia decidir se lhe parecia um bebedouro para pássaros ampliado ou um prato dividido em duas partes com as bordas amolgadas. — Pelo que é que achas que Apolo e Dioniso estão a competir, aqui no jardim? Por Afrodite, obviamente, a deusa do amor. E ali está ela. Ou melhor, o seu sexo escancarado.

— Vincent!

Mas Mina viu exatamente o que ele estava a dizer. A fonte tinha

formas claramente eróticas, que, ao mesmo tempo, não eram demasiado óbvias se alguém não as tivesse acabado de apontar.

— A questão com toda esta simbologia é que, inconscientemente, ela afeta a nossa psique — continuou Vincent. — Quantas pessoas é que achas que passam por esta fonte e, subitamente, se sentem um pouco envergonhadas, excitadas ou perturbadas, sem saberem porquê? Porque é que achas que este parque está sempre cheio de pessoas aos beijos?

De facto, Mina viu vários casais do outro lado do parque, deitados em cobertores na relva, absortos uns nos outros e, aparentemente, sem consciência do mundo à sua volta.

— Se houver um cadáver neste jardim, acredito que estará ali ao fundo, por baixo da relva — prosseguiu Vincent, levantando-se. — É consideravelmente mais fácil escavar um relvado do que partir asfalto e cimento.

Mina também se levantou. Com as pontas de dois dedos, levantou a proteção do assento transpirada e colocou-a no cesto do lixo. Depois foi até à fonte. Suspeitou que tinha uma mancha escura na parte de trás dos calções e posicionou-se de forma que Vincent não conseguisse ver as suas costas. Pelo sim, pelo não.

— Estás é com inveja de não estar ali na relva aos beijos — disse Mina.

Viu de imediato que seria impossível esconder um corpo na fonte; era demasiado rasa para isso. As pedras da calçada sob os seus pés também não eram um túmulo provável. Quem teria tempo e recursos para levantar e depois voltar a colocar um caminho inteiro de pedra apenas para esconder um corpo, mesmo que fosse pequeno?

Mina seguiu Vincent ao longo do caminho, em direção ao relvado. O semicírculo sul do jardim media pouco menos de cem metros de um lado ao outro.

— Se quisesses enterrar um corpo aqui, que sítio é que escolherias? — perguntou Vincent, talvez demasiado alto.

O casal apaixonado mais próximo deles na relva, um homem e uma mulher de cerca de trinta anos deitados numa manta amarela, sobressaltou-se e olhou fixamente para Vincent.

— Talvez à beira de um dos caminhos — respondeu Mina, tentando manter a mesma expressão séria de Vincent.

A mulher sentou-se e apoiou o queixo nos joelhos dobrados, enquanto olhava para a relva à sua volta com ar infeliz. O homem ficou com ar de quem estava capaz de os matar.

Vincent assentiu com a cabeça, pensativo.

— Sim, a relva nessa zona deve ser mais fácil de levantar e voltar a colocar sem que se note muito.

O casal começou a arrumar os copos, uma garrafa de vinho e o cobertor. O encontro chegara claramente ao fim.

— Que mauzinho, Vincent — disse Mina, espetando-lhe ao de leve um dedo no flanco.

Vincent olhou para ela com as sobrancelhas erguidas e uma expressão inocente no rosto.

— Não sei do que é que estás a falar. — Depois baixou a voz. — Mas o que é que achas daquelas árvores plantadas ali ao fundo? Estão tão próximas umas das outras que as pessoas evitam mover-se entre elas e ninguém consegue ir sentar-se ali. Se alguém escavasse o solo naquela zona e tivesse cuidado, provavelmente ninguém descobriria antes de a relva voltar a crescer.

Avançaram até ao pequeno renque de árvores. Subitamente, Vincent agarrou-lhe o braço e apontou. Vincent raramente lhe tocava; conhecia-a demasiado bem para isso, e provavelmente não estava consciente de que a segurava. Além disso, Mina só vestira uma camisa de alças, portanto, Vincent estava a segurar-lhe o braço nu. A sua pele contra a dela.

Mas Mina não entrou em pânico. Ainda não, pelo menos. Não pretendia dizer nada até que fosse absolutamente necessário. Em vez disso, tentou perceber para onde é que Vincent estava a apontar. A

relva entre as árvores era de um tom mais escuro do que o relvado lá fora.

Vincent agachou-se e arrancou alguns pedaços de relva.

— Qual é que achas que é o motivo para estar assim? — perguntou-lhe. — Mais escura?

— Não sei, mas também já reparei. Talvez porque a relva aqui entre as árvores não apanha tanto sol?

— Talvez. Definitivamente 125715, em qualquer caso.

— Do que é que estás a falar?

— Do código de cor para este tom verde-escuro. Que se torna «LEGO», se convertermos os números em letras. Nem perguntes, tem a ver com o *Prisioneiros do Forte*.

Mina não percebeu rigorosamente nada da conversa, e não tinha a certeza se ele estava a brincar com ela ou não. Provavelmente não.

Vincent estudou as folhas das árvores mais próximas, antes de se dirigir para uma árvore mais distante e fazer a mesma coisa. Quando regressou, trazia algumas folhas na mão.

— Hum... as árvores neste local também têm folhas mais verdes do que as outras árvores. E também há mais ervas daninhas aqui. O que é estranho, pois os serviços do parque costumam ser cuidadosos com essas coisas. — Mina limitou-se a olhar para Vincent. — Tens algum saco de plástico pequeno?

Não precisava de perguntar, Vincent sabia perfeitamente o que ela trazia sempre consigo. Mina deu-lhe um pequeno saco com fecho e Vincent colocou as folhas e alguns pedaços de relva no interior, antes de o selar.

— Acabaste de te tornar botânico? — perguntou Mina. — Se quiseres prensar isso entre as páginas de um livro como quando tinhas quinze anos, há folhas mais bonitas para colher. Também queres secar algumas rosas e pendurá-las na parede?

— Não é preciso. A Maria ofereceu-me um ramo de rosas secas nos

meus anos. Estão penduradas por cima da cama. — Vincent pegou no telemóvel. — Não sei quanto tempo as folhas e a relva se vão manter em condições; talvez seja melhor tirar algumas fotografias também.

Vincent começou a fotografar o conteúdo do saco, depois fez o mesmo com a relva da área entre as árvores e tirou ainda alguns grandes planos das folhas.

— Nem sei se quero saber o que estás a fazer — disse Mina. — Mas voltando ao caso, achas mesmo que um jogador de xadrez maníaco enterraria um corpo algures por aqui?

Subitamente, o seu telemóvel vibrou. Vincent enviara-lhe todas as fotografias que tinha tirado.

— Talvez não seja nada — disse Vincent, e estendeu-lhe o saco com os pedaços de relva e as folhas. — Prefiro não dizer mais até ter a certeza absoluta; depois da reunião de ontem, já estou numa posição delicada com o grupo. Além de que tenho de me preparar para um espetáculo hoje à noite. No próximo fim de semana são os últimos espetáculos desta temporada. Mas acho que seria boa ideia mostrares este saco e as fotografias à Milda. Se eu tiver razão naquilo que estou a pensar, acho que é melhor ficarem a saber por ela.

— Tu não tens tempo para isto!

A sua mãe bufou e cruzou os braços, mas Adam limitou-se a sorrir.

— Eu é que sei se tenho tempo para isto, não és tu certamente que me vais dizer — disse-lhe. — Posso convidar a minha mãe para jantar as vezes que eu quiser.

— Já sabes o que eu acho — resmungou Miriam, e examinou a decoração do pequeno estúdio com *kitchenette* com um olhar crítico. — Esta casa precisa da mão de uma mulher.

— Desenrasco-me perfeitamente sozinho.

— Tenho alguma dificuldade em acreditar nisso. Olha! — Miriam apontou um dedo acusador para um vaso com uma planta que, sem dúvida, já vira melhores dias. — E continuo a achar que precisas da mão de uma mulher — acrescentou. — Nenhum homem pode passar sem ela.

— Mãe, deixa-te disso. Vais fazer-me corar.

— Só quero dizer que eu não vou estar sempre aqui, e tu precisas de alguém que tome conta de ti.

Ficaram em silêncio. O significado das palavras dela pairava pesadamente no ar. Adam ainda não lhe pergantara sobre os resultados dos últimos exames no hospital, não tinha a certeza se queria saber. Depois Miriam aclarou a garganta e fez um sorriso forçado. Adam percebeu que era por causa dele, e amava-a por isso. No entanto, não tornava nada mais fácil.

— Disseste que tinhas novos colegas no trabalho — disse a mãe. — Não há lá ninguém que te pareça interessante?

— Sim, por acaso, sim. Talvez uma. Ela é especial.

— E já lhe disseste?

— Não, estás louca?! Tenho tido cuidado para não me mostrar interessado. Acho que ela não... seria complicado. Além disso, como é que eu ia arranjar espaço para uma mulher aqui?

Adam olhou para os trinta metros quadrados que compunham o seu

pequeno estúdio em Farsta, ao mesmo tempo que despejava a água do esparguete no lavatório.

— Oh! — exclamou Miriam, dando-lhe uma palmada na nuca que o fez entornar a água para a bancada. — Preocupas-te com as coisas erradas! Mas que educação é que eu te dei, afinal? E o que é que queres dizer com espaço? Tens aqui espaço para uma mulher e mais quatro filhos. Isto é um castelo comparado com o que eu e o teu pai tínhamos no Uganda. Lá vivíamos...

— Sim, sim, não precisas de contar essa história outra vez, estás sempre a querer dar a entender que viviam numa cubata com chão de terra batida.

— Miúdo mimado — murmurou Miriam, dando-lhe uma nova palmada na nuca.

— Au! Olha lá, sabes que na Suécia é proibido bater nos filhos, não sabes?

— Disparates. Fui eu que te dei à luz, faço o que quiser. E não penses que já não podes levar com a colher de pau, que já és muito grande e crescido...

— Então é em quatro netos que estás a pensar para aqui?... — disse Adam. — Já ouvi o suficiente.

— Para começar, pelo menos. Por isso, tens de te despachar. Não caminho para nova. Mas tens de tirar esses quadros do IKEA; nenhuma mulher vai querer pôr os pés nesta casa enquanto tiveres isso nas paredes.

Miriam fez um gesto com a cabeça para uma fotografia a preto-e-branco de alguns trabalhadores sentados a almoçar em cima de uma viga de construção, muito acima da cidade de Nova Iorque.

— Senta-te lá — pediu Adam, rindo-se, e pousou a panela com o esparguete fumegante em cima da mesa.

Depois, pegou na panela com o molho à bolonhesa e colocou-a ao lado.

— Comida de criança — comentou Miriam, mas sem que isso a impedisse de se servir de uma porção considerável. — Parece-me que também é preciso a mão de uma mulher na cozinha.

Comeram em silêncio durante algum tempo. De seguida, Adam pousou os seus talheres.

— O que é que disseram?

Miriam evitou o olhar do filho. Estendeu a mão para a colher do esparguete e serviu-se novamente. Depois murmurou.

— Vou começar o tratamento amanhã.

No silêncio que se instalou na cozinha, o tilintar dos talheres soou como tiros de pistola. Adam afastou o seu prato, não conseguia continuar a comer.

O coração de Milda vibrava de alegria sempre que chegava a casa do avô. A casa vermelha em Enskede simbolizava quase tudo o que fora bom na sua infância, a casa vermelha era a personificação do avô Mykolas.

Ele abriu a porta ainda antes de Milda ter tempo de bater.

— Bom dia! — exclamou. — Já tenho o café a fazer!

Milda entrou para o corredor, repleto de vistosas sardinheiras e hortênsias, e descalçou os sapatos. Fez um esgar ligeiro enquanto o seguia para a cozinha; o volume altíssimo da sua voz devia-se ao facto de ter começado a ouvir mal no último ano, uma lembrança indesejada da sua idade avançada. Milda preferia manter a ilusão de que o avô viveria para sempre. Mas ela, melhor do que ninguém, tinha dificuldade em embarcar nessa fantasia.

— Senta-te, pareces cansada — berrou o avô, e colocou uma chávena de café fumegante em cima da mesa.

— Estás a gritar, avô — disse Milda em voz alta.

Mykolas sorriu de tal forma que as covas nas suas bochechas enrugadas ficaram ainda mais pronunciadas.

— Oh, desculpa! Pois, como sabes, a audição já não é o que era. Mas podia ter sido pior, podia ter sido a visão!

— Trouxe pão fresco — disse Milda, retirando os pãezinhos redondos de um saco de papel. Sem sementes, como o avô gostava.

Cortou os pães ao meio e foi buscar a manteiga e o queijo ao frigorífico. Depois, sentou-se à frente dele na mesa da cozinha.

O avô ignorou a manteiga, pegou numa metade de um pão e deu-lhe uma dentada com os olhos fechados.

— Mmm — murmurou. — Acabadinhos de fazer. Um dos grandes prazeres da vida. — Depois ficou com ar sério e perguntou-lhe: — Então, o que é que se passa? Estou a ver que é alguma coisa.

— Não, não é nada — disse Milda, abanando a mão, apesar de, no fundo, saber que não valia a pena, o avô não ia desistir.

— É o Adi?

Milda suspirou. O avô era demasiado eficiente a colocar o dedo diretamente na ferida. Milda preparou um pão para si própria e contou-lhe em poucas palavras as exigências de Adi em relação à casa. Mykolas revirou os olhos e colocou a sua mão áspera em cima da mão dela.

— Todas as famílias têm uma maçã podre — disse-lhe. — Mas tu és uma maçã boa. És uma *Mio*. Muitos dizem que é a mais deliciosa de todas as maçãs. São sumarentas e frutadas, com um sabor ligeiramente amorangado. Têm origens suecas e inglesas e herdaram as melhores características dos pais. A beleza vem da variedade materna, as *Worcester Pearmain*, e o sabor delicado da variedade paterna, as *Oranie*.

— O nome *Mio* está relacionado com a história? Da Astrid Lindgren?

Milda sorriu. Era um prazer ser comparada com uma bela maçã.

— Sim, precisamente!

Os olhos do avô iluminaram-se.

— A maçã dourada. Sim. É o que se diz, pelo menos.

— E o Adi, que tipo de maçã é?

Mykolas bufou.

— O Adi não é maçã nenhuma. É uma praga, cujas larvas corroem a maçã, até ao caroço.

— Oh, avô, então?! Ele também é teu neto.

O avô Mykolas bufou novamente.

— Exatamente, e isto não é maneira de alguém se comportar com a família — murmurou com as sobrancelhas franzidas. — Na verdade, acho que preciso de trocar algumas palavras com aquela praga de maçãs.

Milda observou o avô. Só o vira realmente zangado umas quantas vezes, mas, a julgar pela sua expressão facial, Adi estava metido numa

bela alhada.

Depois sorriu novamente.

— Mas assumo que não é por isso que estás aqui. Não vieste só para falar sobre o Adi.

Milda baixou os olhos para a mesa. Prometeu a si própria que, um dia, visitaria o avô sem ter um motivo específico. Em breve. E, nesse dia, não levaria apenas pãezinhos acabados de cozer, também levaria Vera e Conrad. Mas não era este o dia.

— Não há problema — disse o avô. — Fico contente que os meus conhecimentos ainda possam ser úteis no mundo para lá da minha estufa. O meu único desejo é que não tenhas trazido um saco cheio de pelos outra vez. Isso foi um pouco... peculiar.

Milda sorriu e abanou a cabeça. O avô tinha a capacidade de tornar tudo tão fácil para ela. E sempre fora assim. Nada era difícil quando o avô estava com ela; nem se atrevia a pensar como seria a vida sem ele.

Milda empurrou o pequeno-almoço para o lado e pegou nas fotografias e no saco de plástico que Mina lhe dera. Imprimira as imagens ampliadas para que o avô conseguisse ver os detalhes mais facilmente.

— Desta vez não trago pelos, mas lâminas de relva. Estas folhas de árvore e as lâminas foram colhidas do jardim Fatbursparken, no bairro de Södermalm. Como podes ver pelas fotografias, a relva que cresce num determinado sítio é de um verde mais escuro. E as folhas mais escuras vêm das árvores que cercam esse local. As restantes árvores e a relva do parque são bastante mais claras. O que é que achas que provoca esta mudança de cor? Pode ser da forma como o sol atinge o solo precisamente ali entre as árvores, ou uma coisa assim?

O avô Mykolas varreu as migalhas de pão da mesa e espalhou as folhas. Segurou em duas contra a luz e estudou-as. De seguida, esmagou-as suavemente, rolando-as entre o polegar e o indicador, antes de as cheirar.

— O sol é inegavelmente um fator para tudo o que cresce — disse.

— Mas da mesma forma que são afetadas pelo sol, as plantas também são afetadas por aquilo que está por baixo delas, talvez até mais do que pelo sol. Na terra. E o solo é diferente em diferentes locais. Tem diferentes quantidades de minerais, diferentes nutrientes. Mais ou menos humidade. Estas lâminas de relva e as folhas são mais escuras porque produziram mais clorofila do que as outras. O que, por sua vez, quer dizer que provavelmente há mais azoto no solo onde cresceram. Parece-me haver mais nutrientes no geral, tendo em consideração as ervas daninhas que se veem nas imagens.

— Então estamos a falar de uma mudança muito localizada na composição química do solo — disse Milda. — O que é que pode ter causado um aumento desses no nível de azoto, numa área tão pequena? Cabos elétricos nas proximidades? Tubos de cobre? Diferenças na temperatura?

— Sinceramente, não sei — respondeu Mykolas. — Precisaria de fazer uma análise ao solo para descobrir.

O avô voltou a guardar cuidadosamente as folhas e as lâminas de relva dentro do saco de plástico e fechou-o.

— Conta-me lá porque é que estás tão interessada em fotossíntese, de repente. A Vera está a fazer algum projeto para a escola? — perguntou-lhe.

Mas Milda já não estava a ouvir. Ocorrera-lhe um pensamento terrível: o corpo humano continha cerca de dois quilos de azoto, embora uma grande parte dele se transformasse em amoníaco durante o processo de decomposição, facto a que ela, enquanto médica, precisava de estar sempre muito atenta ao lidar com cadáveres antigos, uma vez que não era algo que se devesse inalar desnecessariamente. Mas, mesmo depois desse processo, o azoto remanescente numa pessoa enterrada ainda seria suficiente para aumentar a concentração no solo onde se encontrava em provavelmente cinquenta vezes. O que seria mais do que suficiente para provocar a alteração na clorofila de que o avô falara.

Milda olhou fixamente para a fotografia que mostrava toda a mancha verde-escura entre as árvores. Uma área que nem dois metros quadrados tinha. O tamanho ideal para uma criança.

Embora o chapéu da Polícia protegesse contra o sol e impedisse que Mina fritasse o topo da cabeça, o calor que se gerava por baixo do tecido começava a atingir uma temperatura insuportável. Julia exigira que toda a equipa vestisse o uniforme naquele dia, precisavam de se mostrar em público, deixar as pessoas verem que estavam a trabalhar. Porém, Mina já se arrependera de ter concordado com aquilo. Foi para a sombra de uma das árvores do jardim e retirou o chapéu. Sentiu-se imediatamente melhor.

Vincent apareceu e foi ter com ela.

— Como é que a Julia conseguiu isto tão rapidamente? — perguntou-lhe.

Julia estava com os técnicos que escavavam com grande cuidado, camada por camada, o relvado alguns metros à frente deles. Com a ajuda de ondas rádio enviadas para o solo, os especialistas em radares penetrantes, ou GPR como também eram chamados, tinham detetado algo que poderia ser um corpo. Dali a pouco, iriam descobrir se era realmente isso o que estava debaixo da relva do jardim Fatbursparken.

Antes de começarem as escavações, tinham enfiado varas compridas na terra para identificar onde havia alterações no solo. Dessa forma, tinham conseguido determinar os contornos aproximados do espaço, ou de uma possível sepultura. O corpo, se existisse algum, estava provavelmente desprotegido. Milda explicara a Mina que, se estivesse enrolado num saco de plástico, por exemplo, o azoto não teria chegado à superfície. A qualquer momento, os técnicos poderiam deparar-se com um corpo em decomposição, e, uma vez que não queriam danificá-lo, toda a operação parecia uma escavação arqueológica em termos dos cuidados a observar.

— Eu pedi à Julia para puxar os cordelinhos necessários logo na terça-feira; na verdade, assim que tu mencionaste o jardim — respondeu Mina. — Quando a Milda me ligou esta manhã a explicar as suspeitas que tinha, já estava toda a gente preparada. Não demorou mais do que algumas horas a mobilizar a equipa.

— Então, quando nós os dois estivemos aqui ontem, a Julia já tinha pedido licença para uma escavação? E tu não disseste nada?

— Bem, tu também não me disseste que eu tinha uma mancha atrás por causa da proteção do assento.

— Mas isso não é a mesma coisa. Além disso, em primeiro lugar, não me passaria pela cabeça olhar para o teu rabo, e, em segundo, um cavalheiro não diz essas coisas mesmo que as veja.

— Então, afinal viste? Estás a dizer que, afinal, olhaste mesmo para o meu rabo?

Vincent ficou com o rosto vermelho como um tomate e tossiu fortemente.

— Eu estudo sempre a linguagem corporal, e, já agora, não estão a demorar imenso tempo ali no relvado? Acho que é melhor eu ir lá — disse Vincent.

Talvez tivesse sido cruel, mas provocar Vincent tornara-se um dos seus passatempos preferidos. Suspeitou que a vingança, quando chegasse, fosse ser medonha. Mas valera a pena.

— Acho que precisam tanto da tua ajuda como um arquiteto precisa de um instrutor de nataçao — respondeu Mina com um sorriso. — Mas tens razão, não é a mesma coisa. Não te disse nada antes porque tinha esperança de que estivesses errado. E, normalmente, estas autorizações demoram várias semanas a ser concedidas. Mas parece que a cidade de Estocolmo não estava muito interessada em que um turista encontrasse o cadáver de uma criança num dos jardins da cidade. Provavelmente até teriam fornecido as pás se a Julia as tivesse pedido. E continuo com esperança de que estejas errado, é o que mais desejo. Porque as consequências de tu teres razão...

— Eu sei — disse Vincent. — Prefiro nem pensar nisso.

Subitamente, um dos técnicos levantou o braço e começou a acenar.

— Aqui! — chamou. — Encontrei qualquer coisa.

Vincent olhou em frente para o técnico com o braço levantado e

agarrou novamente o braço de Mina, tal como fizera da última vez que tinham estado no parque. E, tal como da última vez, pareceu não estar consciente do que fazia. Mina sentiu a sua pele contra a dela, não a incomodava.

Julia, que estava ao lado dos técnicos, inclinou-se para a frente para ver o que tinham encontrado, ao mesmo tempo que um cheiro forte a amoníaco se espalhou pelo ar.

Julia parecia estudar atentamente a descoberta. Talvez estivesse a demorar algum tempo a perceber o que estava a ver. Ou então não queria perceber. Depois, foi ter com Mina e Vincent.

— Isto vai ter consequências indesejadas — disse Julia a Mina. — Pode parecer macabro falar de política num contexto como este, mas tenho de o fazer. Porque a política da sede da Polícia afeta toda a existência do nosso grupo. E esta descoberta é diametralmente contrária àquilo que a direção desejava; não se encaixa minimamente no *puzzle* que eles querem montar. — Julia virou-se para o mentalista. — Parece que tinhas razão, Vincent. Parabéns.

Julia aclarou a garganta. Havia uma estranha discrepância entre a sua relação privada com Östen, o seu pai, e a relação profissional. O que na verdade talvez não fosse assim tão estranho e até, pelo contrário, natural. O seu pai era, afinal de contas, o chefe da Polícia.

— Ando a receber sinais preocupantes da organização. Parece que, mais uma vez, vocês foram dar ouvidos àquele... feiticeiro. É verdade?

— Pai, ele não é feiticeiro nenhum — suspirou Julia. — É mentalista.

Julia viu no olhar de Östen que a definição não ajudara nada.

— Temos uma pista muito credível — respondeu Östen. — Um suspeito muito credível, o Mauro Meyer. E eu tenho um pouco mais de experiência profissional do que tu, e a minha experiência diz-me que a resposta mais simples é geralmente a mais provável. Esta outra pista... Estou quase a chegar a um ponto em que vou ter de te dar uma ordem direta para a deixares cair. Já fiquei hesitante quando contrataram a Nova como consultora, mas ela pelo menos é... bem, isto agora passou dos limites. Substituí-la por aquele... aquele...

Julia inspirou profundamente. Sentiu-se como se tivesse sete anos outra vez, a ser repreendida pelo pai por se ter esquecido de voltar a guardar o leite no frigorífico.

— Percebo o que estás a dizer, mas também não podemos ignorar o facto de que encontrámos realmente um corpo no jardim Fatbursparken há algumas horas. Graças ao Vincent e às teorias dele. Por isso, não podemos dizer que o que ele afirmou não faz sentido.

— Eu nunca afirmei que o... Vincent... estava errado — disse Östen com o mesmo tom de voz que usara quando Julia se esquecera de fechar o portão e o pastor-alemão da família fugira e emprenhara a *Cavalier King Charles Spaniel* dos vizinhos. — Mas uma coisa não exclui a outra. Ele pode estar certo nas suas conclusões sem que isso exclua que o Meyer é que é o culpado. Aquilo em que vocês devem focar-se é em pressionar o Meyer a confessar os crimes e em descobrir quem é que o ajudou.

— Então e o motivo? — perguntou Julia, contorcendo-se na cadeira.

— Não fiques presa a isso. Há sempre um motivo. Às vezes descobre-se, outras vezes não. Mas tens de começar pelo ato em si, pelos factos, pelas provas. Aquilo que é concreto e tangível. Como as roupas do rapaz terem sido encontradas escondidas no restaurante dele. Factos. Daquilo que percebi, a ex-mulher avisou-nos sobre ele há muito tempo. Factos. E sabes uma coisa? Às vezes gostava que nós, enquanto sociedade, fôssemos melhores a escutar. Mas infelizmente é esta a realidade com que estamos a lidar.

Östen abanou a cabeça, pesaroso, e Julia mordeu a língua; sabia que não valia a pena. Quando o seu pai subia para o pedestal da superioridade moral, não havia palavras que o atingissem. A sua intenção era boa, tinha o coração no sítio certo, mas pertencia a uma geração ultrapassada de agentes da Polícia, treinados para pensarem dentro da caixa. E quando a caixa não servia, simplesmente adaptavam o seu conteúdo, às vezes em detrimento da verdade. E Julia também tinha, até certo ponto, de jogar esse jogo. Ainda eram eles que decidiam e ditavam as regras do jogo. Sabia no que se estava meter quando se tornara polícia, talvez melhor do que a maioria.

— Não percam mais tempo com essas outras parvoíces. Em vez disso, façam algum trabalho policial a sério. — O tom de voz de Östen tornara-se desdenhoso, e Julia sabia que a audiência, com o prolongamento associado, chegara ao fim. Depois, o rosto do pai iluminou-se. — Então e quando é que podemos ver o pequenote outra vez? Já passou demasiado tempo, qualquer dia o Harry já saiu de casa!

Östen levantou-se e abraçou-a. Julia permitiu-se encostar a cabeça ao ombro do pai por um momento, como fizera tantas vezes quando era criança. Depois endireitou-se.

— Passamos lá em casa assim que isto acabar — respondeu, e deu um beijinho ao pai.

— Não te preocupes, Julia, estão quase lá! Já o apanharam!

As palavras do pai seguiram-na pelo corredor fora.

Vincent estava em cima do palco. Tinha apresentações esta noite, assim como na noite seguinte, a de sexta-feira, e também no sábado. Depois, estaria finalmente despachado. O espetáculo estava a começar a aproximar-se da parte em que iria asfixiar-se com o cinto. Era uma sorte só precisar de fazer o número mais três vezes, já bastava. Depois do último espetáculo tivera de usar maquilhagem para esconder as marcas vermelhas no pescoço. Durante as últimas apresentações, o número também se transformara em algo diferente do sobrenatural; Vincent deixara de falar sobre estar em contacto com espíritos. Continuava a ser a mesma demonstração, mas o enquadramento tornara-se mais atual; talvez fosse uma forma de lidar com a situação hedionda que estava a acontecer à sua volta naquele momento. Fosse o que fosse, o número tornara-se ainda mais forte assim. O seu novo tema, sobre seitas, era um dos preferidos do público.

Vincent chegara ao Oscarsteatern, em Estocolmo, três horas antes do início do espetáculo, para ter tempo de se preparar adequadamente. Uma vez que aquelas iam ser as últimas apresentações, decidira dar tudo por tudo. Quando os espectadores chegaram, foram recebidos no átrio pelos seus assistentes, que distribuíram bonés de oferta. Os bonés estavam adornados com um padrão decorativo, composto por pontos pretos no tecido branco. Pelo menos cinquenta pessoas estavam agora sentadas no salão a usar os bonés, e quando Vincent voltara ao palco para o segundo ato do espetáculo, tinha trocado a sua camisa por um *T-shirt* com o mesmo padrão.

— Fico contente que tantos de vós tenham tido a coragem de usar o boné, apesar de não saberem o que isso implica — anunciou Vincent, abrindo os braços e mostrando a sua *T-shirt*. — Tenho provas de que todos vocês, todas as oitocentas e cinquenta e sete pessoas aqui presentes, estão entre os mais inteligentes do país. A prova é o simples facto de estarem aqui.

A piada era um tanto parva, mas o elogio também tinha o propósito de criar um sentimento de pertença na plateia. E, efetivamente, as

peessoas na sua maioria sorriram, satisfeitas. Era uma pertença que ele agora iria destruir.

— Ao mesmo tempo, alguns de vocês chegaram mais longe do que os outros — continuou. — Os que aceitaram um boné são obviamente mais curiosos do que aqueles que não o fizeram. Não faço nenhum juízo de valor sobre isso, mas é um facto. O meu palpite é que a maior parte de vocês que aceitou o boné está interessada em tornar-se o vosso melhor eu; aposto que têm livros sobre desenvolvimento pessoal nas estantes das vossas casas e se calhar até já participaram em *workshops* sobre o tema. Os que estão a usar o boné partilham um *mindset* único que os restantes na plateia ainda não alcançaram.

Várias das pessoas de boné assentiram entusiasticamente com a cabeça, enquanto várias das que não tinham boné começaram a parecer desapontadas e a cruzar os braços. Era realmente tão fácil criar um sentimento de «nós contra eles». A única coisa que Vincent fizera fora, tal como antes, recorrer ao chamado «efeito Barnum», formulações que soavam pessoais e específicas, mas que, na verdade, se aplicavam à maior parte das pessoas. Também fez questão de falar com um tom de voz mais suave e de sorrir mais abertamente quando se dirigia aos utilizadores do boné. O efeito não se fez esperar.

— Quando se tem uma mente tão única e aberta como vocês têm, também é possível comunicar a um nível especial; vocês partilham uma esfera mental única comigo.

Mais bajulação. E um disparate completo. Se tivesse iniciado o discurso com tais afirmações sobre «esferas mentais únicas», provavelmente não teria convencido ninguém no público. Mas a conversa que tinha feito logo antes era minuciosamente pensada para levar psicologicamente o público a aceitar coisas com as quais, de outro modo, nunca teria concordado. O mais assustador era a velocidade com que tal acontecia; uma mudança daquelas raramente exigia mais palavras do que as que ele acabara de proferir.

— Eu sei que parece estranho — disse Vincent com um sorriso apologetico. — Mas esta é uma característica que pode ser treinada.

Trata-se de desligar o corpo da mente; deixem-me mostrar-vos.

Vincent preparou-se mentalmente, estava na hora do cinto. Um assistente ajudou um dos utilizadores de boné a subir para o palco e a sentar-se numa cadeira ao lado de Vincent. Vincent apertou o cinto à volta do pescoço e, como sempre, ouviu-se uma onda de sussurros atravessar a plateia.

— Isto é para desligar, simbolicamente mas também literalmente, o corpo da mente — disse com a voz tensa. Depois estendeu a mão para o homem de boné com ar aterrorizado. — Por favor, controle a minha pulsação. E repare quando começar a diminuir. E eu vou tentar mergulhar na nossa consciência partilhada.

O maldito cinto magoou-o tanto como de costume. *Últimas vezes*, disse para si próprio. O resto da rotina desenrolou-se tal como nas vezes anteriores; Vincent parou a pulsação no braço e fingiu perder a consciência. Em poucos minutos, recontou partes da infância do homem, várias memórias pessoais, revelando também um ou dois segredos que o homem nunca contara a ninguém. Parecia inegável que Vincent e o homem estavam a partilhar os mesmos pensamentos.

Na realidade, Vincent recorrera a uma mistura de declarações generalistas, palpites simples, conclusões que tirara com base na roupa do homem, forma de se expressar e linguagem corporal, assim como afirmações vagas o suficiente para que o próprio homem o ajudasse a «interpretar» o seu significado.

Quando Vincent não acertava em algumas das suas afirmações, desculpava-se dizendo que provavelmente era algo que captara dos pensamentos de um outro membro daquele grupo único. Havia sempre algum dos utilizadores de boné que sustinha a respiração e murmurava que se tratava precisamente de si.

Quando Vincent terminou, desapertou cuidadosamente o cinto à volta do pescoço e deixou a pulsação do braço retomar.

— Obrigado pela vossa atenção — disse Vincent, dirigindo-se exclusivamente aos utilizadores dos bonés. — Mas, na verdade, esta

capacidade é algo que todos vocês possuem. Acontece que eu tenho um centro de retiros onde ensino como entrar em contacto com a nossa consciência partilhada. O curso está organizado de forma que fiquem lá hospedados comigo durante duas semanas, para eu vos treinar. Mas tenho de vos avisar de que é muito caro. E só há dez lugares disponíveis. Quem é que está interessado?

Vinte e cinco mãos levantaram-se imediatamente no ar. Vincent assentiu com a cabeça, pensativo. Contou calmamente até dez para fazer uma pausa o mais longa possível.

— E é assim que se cria uma seita — disse depois, lentamente.

Fez-se um silêncio absoluto na sala.

Uma onda de novas emoções percorreu a assistência. Aqueles que não estavam a usar os bonés passaram de se sentir excluídos a regozijarem-se com uma alegria maliciosa. Os utilizadores de boné passaram de ser os escolhidos a sentirem-se traídos. Tinham confiado nele. E Vincent deixara-os com as calças na mão. Agora tinha cinco segundos para ativar o pensamento racional do seu público, antes que fossem completamente dominados pelas emoções. O truque era fazê-los engolir a pílula amarga sem que comesçassem a odiá-lo.

— Peço desculpa — pediu, e fez os possíveis por parecer envergonhado. O que, obviamente, também fazia parte da representação. — Antes de explicar o que aconteceu, quero deixar uma coisa bem clara. Acredito realmente que vocês são pessoas inteligentes, cada uma de vocês. Mas não há diferença absolutamente nenhuma entre aqueles que estão a usar o boné e os que não estão. Nenhum grupo é mais inteligente ou mais estúpido do que o outro, a única diferença é que alguns de vocês receberam uma peça de vestuário dos meus assistentes. No entanto, os bonés criaram um sentimento imediato de pertença entre os que os usaram, um sentimento que eu depois reforcei. Os bonés também ajudaram a remover a vossa identidade individual, um processo muito importante quando se cria uma seita. Vocês tornaram-se parte de um coletivo. E o termo «consciência partilhada»? *Nonsense* total. Mas é importante criar

expressões próprias no seio de uma seita, para fortalecer ainda mais o sentimento de comunidade.

A maior parte dos bonés começou a ser removida e aqueles que antes os tinham utilizado contorceram-se nas cadeiras, incomodados.

— Volto a dizer — continuou Vincent. — Qualquer pessoa podia ter recebido um boné; não há diferença nenhuma entre vocês e os outros, independentemente do que eu afirmei. Ou entre mim e vocês, já agora. Aquilo que me viram fazer depois foram apenas rasteiras psicológicas e truques carnavalescos simples. Mas suficientemente convincentes para vos fazer querer pagar muito dinheiro e até vir viver comigo. Acho que a moral da história é esta: fiquem atentos a falsos profetas.

Vincent não planeara transformar a noite de entretenimento numa palestra, mas, por vezes, não havia como evitá-lo. O número seguinte teria de ser algo colorido, para compensar.

— O símbolo tem algum significado? — perguntou alguém da assistência, a acenar com o boné. — Os pontos pretos?

— Ah, os pontos! — disse Vincent com ar malandro, e piscou o olho. — É braille. E diz «Eu obedeco» nas vossas cabeças.

Toda a plateia irrompeu numa gargalhada libertadora. Vincent olhou para o seu público e sorriu; poderiam achar que ele tinha ido longe demais se quisessem, mas a verdade era que agora estavam ali oitocentas e cinquenta e sete pessoas muito mais difíceis de enganar.

Quando a luz mudou, viu subitamente um rosto que reconheceu de imediato. Não reparara nela durante a apresentação. Nova estava sentada na primeira fila do balcão. Não sorria, não aplaudia. Em vez disso, estava de braços cruzados a olhar para ele.

Depois, levantou-se e foi-se embora.

Já estava alguém no *green room* do teatro quando Vincent lá chegou. Ao ver a figura sentada no sofá, Vincent estremeceu involuntariamente. Não esperara que estivesse ali alguém. A verdade é que não *devia* estar ali ninguém.

— Desculpa, não foi minha intenção assustar-te — disse Nova quando viu a sua reação. — Mas o segurança disse que eu podia esperar aqui.

Vincent demorou um pouco a recompor-se antes de responder. Durante uma fração de segundo, pensou que era Anna que estava de volta, Anna e as suas tatuagens, Anna que fora a sua *stalker*. Apesar de Anna e Nova não terem qualquer semelhança física. O seu olhar foi atraído para a mesa. Durante a apresentação, alguém fora ali colocar uma tigela de gomas e três garrafas de água. Quase como se quisessem provocá-lo deliberadamente.

— Não há problema — disse. — É que eu tive uma *stalker* na última digressão que fazia de tudo para chegar aos bastidores. Depois conheci-a pessoalmente e... não correu muito bem; ela tinha um quarto cheio de fotografias minhas. E um altar. Ainda fico um bocado nervoso com isso. E costumo estar sozinho aqui atrás.

Vincent olhou para o chão. Tinha planeado trancar a porta e deitar-se um bocado, mas Nova iria provavelmente estranhar se o fizesse. E tinha de fazer algo em relação às três garrafas. Sentou-se no outro sofá, de frente para Nova, e preparou-se mentalmente para uma crítica arrasadora ao número da seita. Não mencionara os epicuristas pelo nome, mas quase.

— Não queria intrometer-me — disse Nova. — Na verdade, era só para te dizer olá. E também para te agradecer por uma atuação interessante. Foi muito emocionante.

— Achaste? Pensei que talvez ficasses chateada, tendo em conta o que... aquilo que eu disse no final. Sobre gurus e seitas. Queres água?

Nova abanou a cabeça. Merda! Vincent tivera esperança de conseguir livrar-se de uma das garrafas.

— Porque é que havia de ficar chateada? — perguntou Nova. — Tens toda a razão, e acho que é um ponto importante a fazer. Só vejo vantagens em ensinar as pessoas a verem a diferença entre movimentos construtivos e genuínos, como aquele com que eu trabalho, e seitas manipuladoras e perigosas.

Vincent não estava seguro de que fora essa a ideia que quisera destacar, mas não disse nada.

— Já agora, se estiveres interessado... — acrescentou Nova, e abriu a mala. Vincent reparou que a mala era da *Louis Vuitton*. Nova retirou uma brochura com o logotipo do Epicura na frente e entregou-lha. — Talvez queiras ir fazer-nos uma visita um dia destes.

Vincent folheou a brochura. Na primeira página havia uma citação em itálico.

A diretriz de Epicuro para a nova era é a mesma de sempre: permita apenas uma ansiedade que passa qual cometa pela estrela, rápida e impercetivelmente. Vida em quietude é vida que purifica. Evite cuidadosamente todo o tipo de dor e não deseje nada, pois vida sem desejo é vida liberta de sofrimento, e que, alternativamente, lhe permite desfrutar do sucesso quando alcança Tudo

John Wennhagen

— Já tinha visto a citação na vossa página — disse Vincent. — Mas não sabia que o teu pai também tinha sido epicurista?

— Era principalmente o meu avô paterno — retorquiu Nova. — O meu pai só dava uma ajuda de vez em quando, com textos e outras coisas. Mas não partilhava por completo da filosofia do meu avô. Isso foi a última coisa que ele escreveu antes de... desaparecer.

— Desaparecer? Pensei que ele tinha morrido no acidente.

Nova ficou pálida e baixou o olhar.

Vincent mordeu a língua. Que insensível! Era óbvio que Nova não queria pensar na morte do pai em termos tão definitivos. Agora, Vincent não só a forçara a fazê-lo, como também a recordara do

acidente que ainda lhe dava dores crónicas. Bom trabalho para alguém que afirmava ser capaz de ler as pessoas.

— Fizeram dragagens durante duas semanas, depois do acidente — disse Nova. — Mas nunca encontraram o corpo. Claro que eu sei que ele morreu, mas uma pequena parte de mim, a menina que ia sentada no carro, ainda tem esperança de que ele volte a aparecer um dia. Sem ferimentos e talvez só com o cabelo um pouco molhado.

Vincent tentou livrar-se da imagem de um John Wennhagen regressado do mundo dos mortos, macilento e com algas no cabelo, a bater à porta de Nova. Sabia que não era isso que Nova quisera dizer, mas não conseguiu evitar evocá-lo.

— Era bastante poético, o teu pai — comentou Vincent, e apontou para o texto, numa tentativa de orientar a conversa para uma direção diferente.

Nova riu-se. Aparentemente, funcionara.

— Não precisas de ser diplomático — respondeu. — Esse texto é praticamente incompreensível para alguém de fora. Mas ele escreveu-o com base na regra de que só podia utilizar um certo número de palavras. Nem mais nem menos do que as que tinha decidido de antemão. Ele propunha esse tipo de desafio criativo a si próprio muitas vezes; o resultado era um pouco... Seja como for, continuamos a usar este texto como forma de o homenagear. E podes ver o endereço no verso. Caso queiras ir lá fazer uma visita, como disse. Posso mudar de ideias em relação à oferta da água?

Nova apontou para uma das garrafas em cima da mesa. Finalmente.

— Serve-te do que quiseres — respondeu Vincent o mais relaxadamente que conseguiu, e pousou a brochura.

Nova pegou no abre-cápsulas que estava numa tigela e abriu uma garrafa. Vincent expirou o ar que não sabia que estava a conter. Por seu turno, pegou num copo vazio e encheu-o com água da torneira.

— A propósito, também estou envolvido na mesma investigação policial que tu, aquela sobre as crianças mortas — disse Vincent,

voltando a sentar-se. — E é uma ideia interessante a tua, sobre ser um grupo organizado que está por trás disto. Mas a maior parte dos movimentos extremistas não costuma optar por se manter longe dos olhos do público? Este parece querer que nós o vejamos.

Nova bebeu diretamente da garrafa, observando-o. O batom perfeitamente aplicado não ficou minimamente borrado.

— Talvez não queiram ser vistos eles mesmos, mas podem querer que vejamos a sua mensagem? — disse Nova.

— E que mensagem é essa? Estás a falar da tua teoria sobre a água? Essa já não se aplica, infelizmente. A Polícia encontrou o corpo de outra criança no jardim Fatbursparken hoje de manhã. A autópsia ainda não foi feita, que eu saiba, mas estou convencido de que a descoberta está relacionada com os outros homicídios. E o jardim Fatbursparken fica bastante longe de qualquer curso de água. Tirando a fonte que há no parque, claro.

Nova sorriu e os seus olhos brilharam. A sua presença parecia encher a sala, e Vincent não pôde deixar de se sentir impressionado. Também queria poder ser assim tão autêntico, assim tão... magnético, à falta de uma palavra melhor. Na verdade, era estranho que Nova não tivesse o seu próprio programa de televisão há muito tempo; provavelmente, já lhe tinham sido feitas várias propostas, que ela recusara. Nova não parecia procurar mais atenção do que o necessário, o que era raro em pessoas que se moviam no mundo das palestras.

— Pelo contrário, diria que essa descoberta confirma a minha afirmação — disse Nova. — Tu, de entre todas as pessoas, devias saber que o jardim Fatbursparken foi, em tempos, um lago. Há cerca de seiscentos anos, ficava no meio da ilha de Södermalm. O lago era muito importante para as pessoas, que iam lá buscar água e pescar.

Claro que Nova tinha razão, o parque era o que restava de um dos pontos de água mais importantes de Estocolmo. Sentiu-se envergonhado por não se ter recordado disso. Peder provavelmente

também gostaria de saber mais sobre o assunto.

— No final do século xvii, começava a haver tanto lixo e detritos no lago que as pessoas começaram a chamar-lhe «pântano Fatbur» — continuou Nova. — Parece que o cheiro era uma coisa nauseabunda. Ainda assim, foi apenas em meados do século xix que finalmente drenaram o lago, em consequência das obras de construção da Södra Station. Portanto, houve ali água desde antes da fundação da cidade e até há cerca de duzentos anos. Depois transformou-se num jardim. Onde agora foi encontrado um corpo. Porque é que estás a sorrir?

Vincent soltou uma gargalhada; não se apercebera de que estava a sorrir. Nova também se riu e lançou-lhe outro dos seus sorrisos cintilantes. Vincent viu-se obrigado a considerar a hipótese de ela, afinal, ter razão, e não ele. Mas, se isso fosse verdade, se ele tivesse tirado as conclusões erradas, então não fazia a mínima ideia do que iria acontecer a seguir. Nesse caso, estava mais longe de compreender o assassino agora do que quando começara.

Nova levantou-se e colocou-lhe a mão no braço.

— Somos provavelmente mais parecidos do que tu pensas — disse ela. — Eu sou só um pouco mais esperta. Vem lá fazer-nos uma visita. Tens a morada...

Peder fizera questão de se encontrar já na loja quando Herman chegasse de manhã. Às sextas-feiras, a loja só deveria abrir à hora de almoço, uma vez que as manhãs eram dedicadas ao inventário das novidades da semana, mas, tendo em conta o que Herman dissera ao telefone, era melhor tratar do assunto antes que as portas abrissem ao público.

Peder inclinou-se sobre a montra de vidro e observou os objetos dispostos num pedaço de pano azul-escuro à sua frente.

— Obrigado por teres ligado ontem — disse Peder.

— Ora essa. Reconheci o relógio imediatamente quando vocês enviaram a descrição. Só foi pena não a ter recebido um ou dois dias antes. Mas tenho andado a guardá-lo para vocês... — disse Herman, muito orgulhoso.

Peder já se cruzara com o penhorista Herman muitas vezes ao longo dos anos, e este ficava sempre igualmente satisfeito quando podia ajudar a Polícia.

— E disseste que também tem uma dedicatória, não foi? — Herman fez um sorriso jovial e virou o relógio. — «Para Allan Walthersson pelo 60.º aniversário» — leu Peder.

Allan Walthersson. O avô de Ossian, o pai de Fredrik.

Herman mal cabia atrás do balcão com a sua enorme barriga, que ficava cada vez maior de ano para ano. Peder e os colegas costumavam brincar que um dia teriam de o retirar com uma grua da loja no bairro de Gamla Stan.

— E isto foi tudo o que apareceu? — perguntou Peder, inspecionando os restantes objetos. — Ou já tiveste tempo de vender alguma coisa?

Além do relógio, também havia um anel de ouro, um broche com pérolas e um conjunto de duas pulseiras de ouro em malha Bismarck.

— Não, está tudo aqui. Não aceito mercadoria roubada, por isso liguei-vos assim que percebi o que era. O meu pai também era polícia, sabias? Cresci com a crença de que devemos ajudar as forças do bem.

— E nós agradecemos-te por isso — respondeu Peder, dando uma palmada no ombro do homem. — Então, agora a pergunta para o milhão de euros: quem é que cá veio trazer isto?

— Oh, foi um velho conhecido nosso — disse Herman, rindo-se. — E também foi por isso que fiquei um pouco mais vigilante.

Herman fez uma pausa; era uma dança que Peder já conhecia bem. Herman queria sempre tirar o máximo proveito da situação, e Peder ficava feliz por lhe dar esse prazer. Olhou em volta da pequena loja. Algo naquela salgalhada completa de objetos despertava nele um encantamento infantil. Havia ali de tudo, desde uma antiga televisão de caixa até joias, equipamento de mergulho, coleções de selos empoeirados e algo que parecia ser um texugo embalsamado.

— Não queres saber quem era? — perguntou Herman.

— Claro que quero — disse Peder, assentindo com a cabeça. — Mesmo muito, Herman.

— Então vais ter de responder à minha adivinha primeiro.

— Não queria que fosse de outra forma — respondeu Peder, a rir. — Então, diz lá o que preparaste para mim hoje.

Herman soltou um risinho.

— Aqui vai: qual é o contrário de paixão?

— Hum, essa é complicada — disse Peder, coçando a barba enquanto refletia. Costumava acertar, mas desta vez não lhe ocorria nada. Suspirou. — És demasiado engenhoso, Herman. Vou ter de desistir.

Herman fez uma pausa para causar um efeito dramático.

— Mãe-teto! — exclamou, e riu-se de tal forma que todo o seu corpo estremeceu.

Peder sorriu e abanou a cabeça.

— Não percebo onde é que vais buscar essas coisas. Mas, olha, tem piedade de um polícia lento de raciocínio e diz-me de quem é que estamos a falar. É da velha guarda?

Herman assentiu com a cabeça.

— Exatamente, é um freguês habitual aqui. E rima com «patte»... — disse a rir-se por entre dentes.

Peder franziu a testa, esta tinha de adivinhar. Patte... Hesitou e depois esboçou um sorriso.

— Matte! O Matte Skoglund!

— Certíssimo! — disse Herman, dando uma palmada na barriga, satisfeito. Depois apontou para os objetos no pedaço de pano. — São coisas boas. Há alguma hipótese de poder...

— Infelizmente, não, Herman. Tenho de as levar, já sabes. Mas pensa numa nova adivinha para a próxima vez!

— Só se tu fores ao barbeiro! — exclamou Herman quando Peder se dirigiu para a porta. — Bom fim de semana!

Peder pegou no telemóvel assim que saiu da loja.

— Olá, Adam, é o Peder. Acho que podemos descartar todas as teorias da conspiração sobre o assalto à casa dos pais do Ossian; foi um dos bandalhos do costume, o Matte Skoglund. Sim, exatamente. Vou dizer aos rapazes da patrulha que fiquem de vigia. Mas recuperei as coisas roubadas, podemos largar o caso.

Peder desligou a chamada. Depois riu-se para si próprio. Mãe-teto. Bem apanhado.

— Bom trabalho — disse Milda secamente.

Ao fundo, Mina ouviu Charlotte Perrelli cantar um dos seus sucessos, enquanto a médica-legista cantarolava uma frase ou outra em acompanhamento, aparentemente sem ter noção de que o estava a fazer. Como sempre, Loke permanecia uma sombra silenciosa em pano de fundo, pronto a seguir as instruções de Milda.

— Não posso ficar com os créditos, foi o Vincent — respondeu Mina, olhando para o mentalista.

Por algum motivo que Mina desconhecia, Vincent tinha uma ténue marca vermelha à volta do pescoço, algo em que Mina já repara noutras ocasiões; aliás, desde que ele se envolvera na investigação. Tinha de lhe perguntar sobre aquilo, mas noutra altura.

Vincent estava a olhar fixamente para o corpo em cima da mesa de autópsias. Antes de entrarem, Mina perguntara-lhe várias vezes se ele achava que conseguiria lidar com a situação. Cadáveres de adultos já eram difíceis o suficiente; cadáveres de crianças eram infinitamente piores. Mas Vincent insistira que sim. Agora, a julgar pelo seu rosto, que estava ainda mais pálido do que o normal, parecia não estar a lidar assim tão bem com a situação.

— Acabei de o coser — disse Milda, e retirou as luvas cirúrgicas com um estalo.

— O que nos podes dizer? Tem os mesmos danos que os outros?

Mina desviou os olhos do menino desconhecido em cima da maca. Parecia-lhe indigno não saberem quem ele era. Alguém, algures, sentiria a falta dele há muito tempo.

Mina ouviu Vincent engolir ritmicamente em seco, como se o conteúdo do seu estômago subisse e descesse como um ioiô pela garganta. Mas só porque Mina mantinha a calma não queria dizer que conseguia lidar melhor com a situação. Crianças mortas era algo que ia contra a própria natureza, e a contagem já ia em quatro.

— Uma vez que o corpo foi enterrado há algum tempo, as circunstâncias são um pouco diferentes — disse Milda, e baixou o

volume do altifalante. — Uma coisa que temos a nosso favor é que um corpo no solo demora mais tempo a decompor-se, em parte porque está mais frio debaixo de terra, mas também porque não há moscas. Dito isto, o processo de decomposição aqui está muito avançado. A pele já se dividiu em camadas, o que dificulta um pouco o meu trabalho, e os tecidos também começaram a transformar-se em adipocera. Mas, sim, há umas quantas semelhanças com as outras vítimas.

Milda ficou em silêncio. Ao fundo, ouviram suavemente Charlotte Perrelli cantar «Estás nos meus sonhos».

Vincent engoliu em seco novamente e abriu a boca.

— Quão semelhante? — perguntou com a voz pesada.

— Muito semelhante, diria — respondeu Milda. — Tem marcas idênticas nos pulmões e também encontrei as mesmas fibras na garganta que encontrei nas outras vítimas.

Milda fez um gesto com a cabeça para um carrinho metálico onde estavam várias amostras, prontas para serem enviadas para análise.

— A tua avaliação é que se trata do mesmo perpetrador?

— Isso não me compete a mim determinar, compete-vos a vocês. No entanto, a minha impressão enquanto médica-legista é que existem grandes semelhanças no procedimento.

Mina assentiu com a cabeça, pensativa. Pelo canto do olho, viu que estava provavelmente na altura de tirar Vincent dali. Não obstante, o mentalista voltou a abrir a boca antes de Mina ter tempo de dizer que se iam embora.

— Momento da morte? — perguntou. — Quando é que achas que o homicídio aconteceu?

Milda olhou para o corpo sobre a mesa e franziu a testa.

— Isso é muito difícil dizer, o melhor que vos posso oferecer são as minhas suposições. Parece-me que o corpo não esteve enterrado mais do que dois meses. Mas encarem isto com uma certa reserva; é mesmo

muito difícil determinar em corpos onde é que a adipocera já começou a formar-se. Quero dizer, às vezes até ajuda, porque se a adipocera se formar rapidamente, também pode conservar visualmente alguns danos. Mas não foi o caso aqui, infelizmente. Já agora, encontrámos isto perto do corpo, mas não nos ajuda a definir o momento da morte, porque o plástico não se decompõe na natureza.

Milda apontou para um recipiente transparente em cima da bancada. Parecia conter um brinquedo azul e vermelho.

Vincent aproximou-se e observou-o. Mina viu que o seu rosto recuperara alguma cor.

— Carros de legos — disse, pegando no telemóvel. — Posso...?

Mina assentiu com a cabeça e Vincent começou a tirar fotografias. O seu interesse pelos modelos de Lego parecia quase tão grande como o de Mina pelo cadáver.

— Achas que os brinquedos eram dele? — perguntou Mina.

— Não temos motivos para acreditar noutra coisa — respondeu Milda. — Claro que é um bocado estranho terem sido enterrados juntamente com o corpo, mas está longe de ser a única coisa estranha em tudo isto.

Mina assentiu. Milda estava mais certa do que ela queria admitir. Vincent voltou para junto delas, imerso nas fotografias que acabara de tirar.

— Obrigada, Milda — disse Mina. — Depois falamos. Diz-me assim que as amostras forem analisadas, ou liga-me sobre seja o que for, a mínima sensação que tenhas, por mais vaga que seja, já agora. Precisamos de toda a ajuda possível neste momento.

— Pois, eu percebo — respondeu Milda, tensa, fazendo um gesto com a cabeça para o seu assistente, que começou a empurrar a maca com o corpo para outra sala.

Quando Mina e Vincent se dirigiram para a porta, ouviram o volume da música aumentar e a voz de Perrelli cantar atrás deles:

«Sombras que caem no crepúsculo azul fazem-me ansiar pelo amor, e apenas sonhar, nunca irei esquecer...»

A porta bateu com força atrás deles. Vincent inspirou profundamente algumas vezes, com a cabeça caída sobre o peito. Depois, levantou o olhar e encarou Mina.

— Quatro crianças — comentou. — Raptadas por diferentes pessoas, mortas da mesma maneira. Acho que nunca mais vou conseguir dormir.

— Eu sei. Mas temos um problema: o corpo que está ali dentro podia provar a tua teoria sobre o desafio de xadrez, o tal *Knight's Tour*. É verdade que encontrámos o corpo no jardim Fatbursparken, tal como tu previste, mas sem uma ligação a cavalos não sabemos se o corpo pertence realmente ao padrão de xadrez ou se foi só uma coincidência. O teu padrão depende de duas circunstâncias, e a localização dos corpos é apenas uma delas. O marcador de livros, a mochila e o *graffiti* perfazem a outra. Mas carrinhos de legos não têm nada que ver com cavalos, que eu saiba.

Vincent assentiu com a cabeça, pensativo.

— Eu sei — respondeu. — Além disso, um dos brinquedos pareceu-me vagamente familiar. Há aqui qualquer coisa estranha.

Vincent tocou à campainha do endereço que lhes tinham indicado, no bairro de Birkastan. Ouviram imediatamente um zumbido e a porta fez um clique, sinal de que estava aberta.

— Não tenho a certeza de que esta seja a maneira certa de usarmos o nosso tempo — disse Mina com ceticismo.

— Eu sei que vocês têm um suspeito em prisão preventiva — respondeu Vincent. — Mas ainda não podemos descartar a hipótese de se tratar de algum tipo de ação de grupo. Quero dizer, quatro homicídios? De crianças? É preciso muito para isso. Não quis usar a palavra «seita» antes, mas começo a perguntar-me se, ainda assim, não será essa a melhor descrição. E depois até pode acontecer que seja o Mauro o líder, mas isso é uma questão para mais tarde. Agora há aqui uma pessoa que tem a imagem mais completa dos movimentos que estão implantados na Suécia; esta visita pode ajudar-nos a determinar se podemos descartar a teoria de se tratar de um grupo extremista organizado, tal como o vosso chefe da Polícia quer fazer crer, ou não.

— Mas temos o Mauro detido desde segunda-feira passada, hoje já é sexta. Devíamos concentrar-nos mais nele, enquanto o temos connosco.

— Pensa assim: se é o Mauro que está por trás de todos os homicídios, vocês já o apanharam. Então, tens todo o tempo do mundo para fazer esta visita. Mas, se não for o Mauro, isso quer dizer que o relógio continua a andar. Nesse caso, pode haver uma criança algures por aí que está em perigo. Não podemos dar-nos ao luxo de perder nada, e o que aprendermos aqui pode vir a ser extremamente importante.

Mina olhou para ele.

— Se fosse outra pessoa qualquer... — começou por dizer. — Mas está bem. Vou pressupor que isto será significativo.

Tinham ido de escadas até ao terceiro andar; o elevador parecia não ter espaço sequer para um adulto e não havia a mínima hipótese de Vincent se enfiar dentro de algo tão apertado. Por sorte, o espaço

também não parecera particularmente limpo, pelo que Mina também descartara a hipótese num abrir e fechar de olhos.

— Confia em mim — disse Vincent antes de tocar à campainha da porta com o nome «Ljung». — Depois ofereço-te o almoço.

Uma mulher ruiva, com cerca de trinta anos, abriu a porta de imediato e deu-lhes as boas-vindas.

— Obrigada por terem vindo ter comigo a casa — disse em tom de desculpa, e desviou-se para os deixar entrar no apartamento. — Tenho a maior parte do meu material aqui.

Vincent reparou que Mina olhava em volta, ansiosa. Assumiu que não havia ninguém que tivesse uma casa que estivesse ao nível do que ela precisava para conseguir relaxar. Além disso, suspeitava que o seu «confia em mim» não tinha sido suficiente para abafar a sua opinião de que estavam prestes a desperdiçar tempo valioso naquela visita.

Felizmente, Beata Ljung tinha a casa muito arrumada e Mina pareceu respirar levemente de alívio. Vincent olhou atentamente para ela e Mina assentiu com a cabeça em sinal de que estava bem.

— Venham até ao escritório, por favor.

Beata levou-os até uma divisão ampla e luminosa, cheia de estantes de livros e dossiês em filas ordenadas.

— Daquilo que o Vincent me disse, a Beata é a autoridade máxima em termos de investigação e factos sobre seitas? — disse Mina, sentando-se numa poltrona com riscas azuis e brancas depois de ter inspecionado o tecido, provavelmente para confirmar que não tinha manchas.

— Oh, isso soa tão pomposo dito dessa forma! — exclamou Beata, que se sentou atrás da sua secretária.

Era uma mesa grande e bonita, feita de uma madeira escura. Vincent ficou de pé no meio da sala, sem saber onde se sentar.

— Infelizmente, só tenho isto para lhe oferecer — disse Beata, apontando para um pufe de bolas de esferovite cinzento.

Mina abafou uma risadinha enquanto Vincent se afundava no pufe e tentava ficar confortável. Tentou procurar uma posição que lhe permitisse continuar a projetar alguma forma de profissionalismo, mas não estava a correr muito bem. O facto de o seu fato de linho ser precisamente do mesmo tom que o pufe provavelmente também não ajudava. Vincent assumiu que parecia uma cabeça flutuante; a única coisa que se destacava eram as suas meias azul-turquesa com um desenho do Monstro das Bolachas.

— Já li muitos dos seus artigos — começou por dizer, numa tentativa fracassada de soar natural — e fiquei impressionado com a sua amplitude e profundidade. E, além do curso de jornalismo, sei que também fez o de psicologia, não é verdade?

— Sim, tive alguma dificuldade em decidir-me — disse Beata, rindo-se. — Primeiro pensei que queria ser psicóloga, mas quando acabei o curso apercebi-me de que queria era ser jornalista. Mas, dito isso, tenho tirado imensos benefícios desse desvio no meu trabalho, por isso não reclamo quando as prestações do crédito estudantil caem.

— Espere, foi a Beata que escreveu o livro sobre o caso de Järvsö? — perguntou Mina, apontando para um volume em cima da secretária.

Vincent não o lera, mas tinha sido muito falado alguns anos antes. Aparentemente, descrevia de uma forma exceccionalmente detalhada o que acontecera em Järvsö naquela fatídica noite de janeiro, quando duas famílias foram exterminadas no que tinha sido o culminar de muitos anos de relações fechadas, com traços sectários distintivos, na pequena comunidade. Vincent tinha ideia de que o livro até fora adaptado a uma série de televisão, e não pôde deixar de se sentir impressionado.

— Sim, é verdade — confirmou Beata, olhando para eles com ar expectante. — Então, o que é que queriam saber?

— Não fazemos ainda ideia, na verdade — disse Vincent, contorcendo-se no pufe, que farfalhou sob o seu peso. — Ainda não

sabemos do que é que estamos à procura. Um grupo de pessoas que, neste momento, agem de uma forma que é... incompreensível. Por isso, precisávamos de ficar com uma ideia de que organizações do tipo sectário é que existem na Suécia. E quais delas podem ser potencialmente perigosas.

— Acho que sei a que é que se refere, apesar de estar a ser propositadamente vago. No entanto, como devem compreender, é um assunto imenso, só vou conseguir tocar a superfície. Mas tentarei responder a tudo o que puder. Tenho um filho de cinco anos, portanto, sinto-me particularmente tocada.

Beata fez sinal com a cabeça para uma fotografia na parede de um menino ruivo ostentando um largo sorriso, onde lhe faltava um dente da frente.

— Muito bem, algumas coisas gerais sobre o conceito de seita — prosseguiu. — O que é que vocês sabem?

— Falámos com a Nova, que nos explicou um pouco — respondeu Mina.

— A Nova é boa, tem feito um trabalho muito bom com pessoas que conseguem sair — disse Beata. — Ela talvez tenha mencionado que geralmente se diz que existem entre trezentas e quatrocentas seitas na Suécia, das quais julgamos que talvez trinta sejam destrutivas.

— Sim, ela falou de algo nesse sentido — confirmou Mina.

— Na verdade, a palavra «seita» em si não quer dizer que seja uma coisa perigosa. É como dizer que uma faca só é perigosa se for usada para ferir alguém, mas se for usada para cortar os ingredientes de uma refeição fantástica, então uma faca não é algo negativo. Passa-se o mesmo com uma seita. Tudo depende do propósito, do objetivo, e com o que se preenche o movimento. Também existem diferentes tipos de seitas; muitas pessoas pensam automaticamente que uma seita é um movimento religioso, e talvez seja o mais comum, mas também há seitas que se baseiam em economia, filosofias de vida e até em vendas.

— Nunca pensei nisso dessa maneira — disse Mina.

— Mas, independentemente da orientação — continuou Beata —, a maior parte das seitas destrutivas são movidas pelo poder, pela necessidade de poder dos fundadores. Não tem de começar assim, mas o poder corrompe, faz as pessoas apodrecerem por dentro. E o dinheiro anda muitas vezes de mãos dadas com isso. Mas o dinheiro nem sempre é necessário, às vezes o poder em si é que é o mais importante. Infelizmente, muitas vezes acaba em tragédia. De certeza que já ouviram falar de casos de suicídios coletivos, por exemplo. Em Jonestown morreram mais de novecentas pessoas, a maior parte delas ao beberem um refrigerante misturado com calmantes e cianeto. Os que se recusaram foram mortos a tiro. Na seita Heaven's Gate morreram quase quarenta pessoas, que beberam vodca com comprimidos para dormir. E há uma longa lista de exemplos semelhantes.

— Que coisa horrorosa — disse Mina. — Mas com certeza que são pessoas com certos traços de personalidade que acabam em seitas, não? Serão pessoas facilmente persuadidas, sem instrução ou solitárias?

A cada questão, Mina ia-se aproximando da ponta da poltrona; era evidente que estava a achar a conversa mais interessante do que pensara. Vincent esperava que isso significasse que estava perdoado por ter insistido no encontro.

— Essa suposição é um bocado perigosa — respondeu Beata. — Não são só pessoas socialmente excluídas, solitárias ou vulneráveis que procuram as seitas. O ser humano tem um desejo inato de procurar um sentido para a vida, de encontrar algo que lhe dê um propósito. Alguém que tenha uma boa formação, uma vida estável, família, amigos, também pode ser uma pessoa em busca de algo. Tudo isso pode ser substituído, mais depressa do que pensamos, por alguém que nos ofereça um propósito. Bem, tenho a certeza de que o Vincent se pode alongar sobre este assunto com rigor.

— Se crescermos no meio do caos, é normal não o suportarmos quando ficamos mais velhos — disse Vincent, assentindo com a

cabeça. — E procurarmos uma organização que recorre a um controlo forte. Mas, ao mesmo tempo, podemos vir de uma família rígida e, por isso, apreciar um movimento com regras rígidas. Uma vez que tanto o controlo como o caos fazem parte do processo de crescimento, há a possibilidade de sermos pessoalmente afetados de uma maneira que não conseguimos escapar. Mas tenho uma pergunta, Beata. Que seitas, além das óbvias como a Igreja da Cientologia e assim, é que achas que vale a pena mencionar neste contexto?

Vincent fez o pufe farfalhar novamente ao mexer-se. Beata franziu a testa e retirou um elástico de uma tigela que estava em cima da secretária para prender o cabelo ruivo num rabo de cavalo. Vincent reparou que Mina ficou com um olhar um pouco invejoso. Havia demasiados preconceitos ridículos sobre mulheres de cabelo ruivo, que supostamente eram mais vivazes, mais selvagens. Talvez fosse algo assim que tivesse passado pela cabeça de Mina. Vincent suspeitou que no mundo de Mina as mulheres ruivas não desinfetavam as mãos com a mesma preocupação que ela tinha, que não se deixavam limitar da mesma forma que ela. Ou então achava apenas o cabelo bonito.

Vincent queria dizer-lhe que, fosse o que fosse que a personagem bíblica de Sansão afirmasse, a personalidade nunca estava no cabelo de alguém. Queria dizer-lhe que o seu cabelo espesso e negro como a noite era fantástico. Tanto quando o usava comprido como quando o cortava curto. Mas como poderia dizer-lhe algo assim sem soar como um idiota?

— Isso depende inteiramente do ângulo por que se escolhe abordar a questão — respondeu Beata. — Das que estão estabelecidas? Das que já conhecemos bem? Das novas? Das que ainda não sabemos muita coisa? Aquilo que posso fazer é dar-vos uma lista que eu compilei, mas não garanto que esteja completa; é baseada em recolha de factos de outras pessoas, em entrevistas que eu própria fiz com desertores, em alguns casos em trabalho infiltrado nas respetivas seitas. A minha investigação sobre seitas na Suécia tem muitos anos, mas, ainda assim, não posso afirmar de forma alguma que esteja completa. As seitas têm

uma capacidade única de se esconderem atrás de uma certa normalidade. Bem, claro que não são todas; no caso de algumas, torna-se evidente desde o início que são totalmente loucas. Mas a maior parte não passa essa imagem, e, às vezes, são essas as piores. E a maior parte das pessoas comuns nunca ouviu falar delas, apesar de serem grandes tanto do ponto de vista do tamanho como do ponto de vista financeiro. Já ouviram falar da Eastern Lightning, por exemplo?

Tanto Vincent como Mina abanaram a cabeça.

— O nome completo é The Church of Almighty God e foi fundada em 1989 na China — explicou Beata. — Tem vários milhões de seguidores por todo o mundo e um histórico de homicídios, sequestros e roubos de outras congregações. O pilar fundamental da sua crença é que Deus voltou à Terra sob a forma de uma mulher, chamada Miss Yang. Cometeram alguns atos na China que os impossibilitou de lá continuarem e, então, espalharam-se pelo mundo. Agora já existem na Suécia. Também temos os Irmãos de Plymouth; soa-vos familiar?

Mina voltou a abanar a cabeça, mas Vincent reconheceu o nome.

— Controlam um império empresarial da indústria transformadora — disse Beata. — É possível vincular trinta e oito empresas suecas aos Irmãos de Plymouth; são uma seita religiosa extremamente fechada, com cerca de quatrocentos membros aqui na Suécia. São muito conservadores; o homem é considerado superior à mulher e mantêm um forte isolamento do resto da sociedade, o que também significa que têm a sua própria escola. Como devem perceber, eu podia continuar a falar disto durante horas e horas. Espero que possam encontrar alguma coisa no meu trabalho que vos ajude, mesmo que tenha falhas. Fui forçada a montar um *puzzle* onde faltam muitas peças.

— Compreendemos isso perfeitamente — disse Vincent, e tentou levantar-se do pufe, mas não conseguiu.

Mina tentou novamente disfarçar o riso, e Vincent lançou-lhe um olhar sério antes de fazer uma nova tentativa, desta vez com um

grunhido involuntário a acompanhar o esforço. Mina não conseguiu conter-se, riu-se alto e Beata também soltou uma gargalhada. Depois tiveram piedade dele, levantaram-se e agarraram cada uma num dos seus braços, antes de o puxarem para fora do saco farfalhante com um esforço concertado.

— Por amor de Deus — disse Vincent. — Homens de meia-idade não devem sentar-se em móveis feitos para adolescentes. Pensei que ia ter de passar a noite nessa coisa.

Vincent passou a mão pelas calças e pelo *blazer* para alisar possíveis rugas, mas, na verdade, o que não queria era enfrentar o olhar de Mina. Ficara muito ciente da sua proximidade e calor quando ela o ajudara a levantar-se. Mina pareceu igualmente empenhada em não olhar para ele, até já estava a caminho da porta.

— Beata, agradeço imenso. Pode enviar-me o documento por *e-mail*? — perguntou por cima do ombro.

— Sim, claro que sim — respondeu Beata.

Vincent e Beata trocaram um aperto de mão e Mina apressou-se a sair.

Quando Vincent saiu do apartamento, Mina já estava no andar de baixo. Enquanto descia as escadas, olhou distraidamente para as notificações no telemóvel. Uma delas fê-lo sobressaltar-se. Depois acelerou o passo.

— Espera! — chamou nas escadas. — Mina, espera! — Só conseguiu alcançá-la já à porta do prédio. Ergueu o telemóvel para ela. — Acho que vamos ter de adiar o almoço. Olha.

— O que é? — Mina aproximou-se para ver melhor. Depois praguejou em voz alta. — Merda! O Mauro...

A manchete do artigo brilhava no monitor do computador com enormes letras pretas.

«Homem suspeito dos homicídios das crianças anteriormente condenado por abuso de menores».

Mina tamborilou os dedos no tampo da mesa, irritada. Ela e Vincent tinham ido diretamente para a sede da Polícia, e o seu estômago era agora um grande buraco vazio e faminto. Devia tê-lo deixado oferecer aquele almoço no caminho de qualquer forma, porque agora estava tão zangada que era capaz de explodir.

— Como é que é possível não sabermos de uma coisa destas? — perguntou.

— Porque ele tinha dezassete anos quando aconteceu — respondeu Julia. — Era menor de idade e o caso foi apagado do registo criminal há muito tempo.

— Mas como é que os jornais deitam a mão a estas coisas? — disse Mina. — Como é que podem publicá-las?

— Isso agora também não tem muito interesse — respondeu Ruben, soando tão irritado quanto ela. — O mais importante é que é verdade. E é lógico; essas pessoas não começam na vida adulta, começam muito mais cedo.

— Mas há demasiadas coisas que não fazem sentido! — exclamou Mina, olhando com frustração para os colegas à volta da mesa. — Além de que ele continua a negar qualquer envolvimento.

— Claro que continua! — bufou Ruben.

— Mas, mesmo com esta informação, acho que não podemos mantê-lo detido por muito mais tempo — observou Peder.

— A verdade é que a roupa do Ossian foi encontrada no restaurante dele — acrescentou Julia. — Escondida, ainda por cima. E agora também há uma sentença anterior. Não, estou inclinada a concordar com o Ruben neste caso.

— A roupa estava dentro do autoclismo na casa de banho — disse

Mina. — Se era suposto representar algum tipo de troféu, deixem-me dizer que nunca ouvi falar de ninguém que guardasse os seus saques de forma tão descuidada.

— E exatamente que experiência é que tens de assassinos e troféus? — perguntou Ruben sarcasticamente. — Na tua opinião, qual seria a forma suficientemente «assassinadora» de os guardar?

Julia lançou-lhe um olhar severo, e Ruben revirou ostensivamente os olhos. O calor parecia deixar todos extremamente irritadiços. Além disso, os órgãos de comunicação social haviam-se comportado como tubarões em águas cheias de sangue ainda antes da última revelação. A detenção de Mauro chegara ao conhecimento dos jornalistas, o que não aliviara a tensão. Ted Hansson, o líder do partido Futuro da Suécia, não perdera a oportunidade de referir vezes sem conta, nas redes sociais e para quem quisesse ouvir, que Mauro não nascera na Suécia. Agora teria ainda mais achas para a sua fogueira. Mina nem se atrevia a pensar no que aconteceria se a comunicação social descobrisse que agora se tratava de quatro crianças.

— Só estou a dizer que há muita coisa que não bate certo — suspirou Mina. — A maneira como a roupa do Ossian foi mantida... E como é que o Mauro conseguiu levar a muda de roupa do jardim de infância sem que ninguém o visse? O mais provável é que as peças de roupa estivessem guardadas no lugar do Ossian no vestiário, dentro da escola. Então é o testemunho da menina sobre ser uma mulher? A Jenny alega que o Mauro tinha um cúmplice, mas ninguém na família dele corresponde à descrição. E nós considerámos o testemunho da menina como credível até agora; não há razão para começarmos a duvidar só porque queremos muito fazer um quadrado encaixar num círculo. Também não percebo qual seria a ligação do Mauro ao Ossian e ao William, ou à vítima que encontrámos no jardim Fatbursparken, na terça-feira. A Milda confirmou que encontrou as mesmas fibras e marcas naquele corpo. A que propósito é que ele os atacaria? Para nos confundir? Parece-me um bocado extremo. Ou vão querer dizer que começou com a própria filha e depois continuou com outras crianças,

escolhidas aleatoriamente? Já todos conhecemos o Mauro. Por esta altura, acham mesmo que isto faz algum sentido? E temos de saber mais sobre a sentença anterior; sabem tão bem como eu que há situações que não são assim tão evidentes. Vincent, diz alguma coisa!

Mina virou-se para o mentalista, que, até então, estivera em silêncio.

— Eu não posso comentar — disse Vincent, contorcendo-se. — Desculpa. Não tenho nada a dizer em relação ao Mauro, nunca falei com ele. Mas, daquilo que estou a ouvir, concordo contigo. Estas peças parecem não encaixar.

— Claro que concordas com a Mina — comentou Ruben com um suspiro.

— Mas, se *não* for o Mauro — disse Peder, coçando a barba —, temos de ser capazes de explicar algumas coincidências estranhas em relação a ele. É que existem mais peças do *puzzle*. Aquela coisa dos cavalos, por exemplo, que o Vincent referiu.

— O que é que queres dizer com isso? — perguntou Mina.

Peder apontou para a capa do jornal *Aftonbladet*, que estava em cima da mesa.

«Cavaleiro de competição detido pelos homicídios das crianças», dizia a manchete. Acompanhada por uma fotografia de Mauro, com uma barra preta sobre os olhos.

Mina sobressaltou-se. Cavaleiro de competição. Agora recordava-se dos troféus na estante de Mauro. Ele próprio o dissera: «Fui muito ativo, quando era novo. Fazia de tudo, desde equitação a esgrima.»

Ela estivera lá, vira o seu passado de perto. Os troféus equestres com imagens gravadas de cavalos. Já devia ter feito a ligação há vários dias; como era possível ter deixado aquela informação escapar? Por outro lado, era algo dos tempos de juventude de Mauro, tinham decorrido décadas. E não passara de um comentário fugaz num corredor. Mauro também não era a única pessoa no mundo interessada em cavalos; não era assim tão estranho que Mina não

tivesse feito a ligação.

Peder olhou ao redor da mesa com ar inquiridor.

— Quero dizer, temos de admitir que é um bocado estranho — comentou. — Que o nosso suspeito tenha um passado ligado à equitação, ao mesmo tempo que temos estes... cavalos... que continuam a aparecer em todo o lado, se seguirmos a vossa teoria, Mina e Vincent. Vais dizer que é só uma coincidência? Porque a mim parece-me o contrário, que isso reforça as provas contra o Mauro.

— Muitas pessoas neste país já estiveram envolvidas com cavalos em algum momento da vida — disse Mina, abrindo os braços. — Metade das miúdas da minha turma andava a cavalo, durante toda a minha escolaridade.

— Sim, mas ainda assim — retorquiu Peder, claramente incomodado por ter um ponto de vista diferente do dela, para variar.

— Tens razão — disse Vincent. — Há uma ligação clara entre o Mauro e cavalos. E há uma ligação clara entre cavalos e os homicídios. Tanto através do jogo de xadrez como dos objetos encontrados. Mas a Mina também tem razão. A Associação Equestre Sueca tem cento e cinquenta e cinco mil membros. Há muitas mais pessoas com uma ligação a cavalos além do Mauro. — Julia ergueu uma sobrancelha. — Já tinha pesquisado a informação antes — concluiu Vincent em tom de desculpa.

— Além de que o Mauro tem um álibi — acrescentou Mina.

— Sim, mas o álibi é a mulher dele — disse Julia. — Por isso, não podemos assumir nem que ela está a dizer a verdade, nem que não está.

Bosse deixou a sua tigela de água no canto da sala e foi ter com Christer, que lhe coçou as orelhas.

— Ainda assim, acho que a Mina tem uma certa razão... — disse Christer demoradamente.

Julia virou-se para Adam, que estava encostado de pé à parede, com os braços cruzados.

— O que é que te parece?

Adam não respondeu de imediato, parecia estar a refletir.

— Percebo os dois lados — acabou por responder. — Concordo com a Mina que há uns quantos pontos de interrogação. Mas, ao mesmo tempo, provas físicas são provas físicas. Que outra explicação razoável é que existe para o Mauro ter roupa do Ossian em seu poder? E no que diz respeito ao lugar estranho onde a roupa foi encontrada, pode haver uma explicação lógica para isso; talvez a tivesse escondido noutro sítio primeiro, onde alguém estava prestes a descobri-la, e, meio em pânico, escondeu-a temporariamente na casa de banho.

— Quero falar com o Mauro — disse Mina, olhando diretamente para Julia. — E pretendo que o Vincent venha comigo.

Após um momento de hesitação, a chefe assentiu com a cabeça.

— A ligação aos cavalos e a roupa são mais do que suficientes para mim — disse Ruben, mal-humorado, folheando distraidamente o jornal *Expressen*. — Além de que também já foi condenado por abuso de menores. Isto está mais que garantido, apanhámo-lo.

— Não percebo nada do que se passa.

Mauro parecia cansado e abatido, depois de vários dias detido. As lâmpadas fluorescentes lançavam longas sombras das cadeiras na pequena sala despida, e o uniforme verde da prisão fazia o seu rosto parecer acinzentado. Mina estava sentada à mesa com Mauro; Vincent colocara a sua cadeira junto à parede para conseguir observar melhor a conversa.

— Alguém deve ter ido lá pôr a roupa — continuou Mauro. — A Jenny, só pode ter sido a Jenny.

— Ela tem um álibi, e não estabelecemos nenhuma ligação ao Ossian — disse Mina. — Também há outras circunstâncias agravantes, além da descoberta no restaurante.

Mina evitou ao máximo tocar na mesa. Não podia dar-se ao luxo de pegar nas toalhas desinfetantes numa situação de interrogatório, por isso manteve as mãos no colo e tentou não pensar na cadeira onde estava sentada, que também não pudera limpar.

— O quê? Impossível, não pode haver mais nada. Eu não fiz nada, eu nunca faria...

— Quando tinha dezassete anos — interrompeu Mina. — O que é que aconteceu?

O rosto de Mauro pareceu desmoronar-se.

— O quê? Isso... Isso foi...

— Compreende que nos perguntamos o que o levou a omitir o facto de ter uma condenação anterior? Estive a rever os interrogatórios desta semana, não vem mencionado em lado nenhum.

— Ninguém perguntou — respondeu Mauro, abrindo os braços.

— Não se faça de parvo. Sabe perfeitamente que teria toda a relevância neste contexto. Isso não surgiu na disputa da custódia? A Jenny não sabia disso?

— Não — respondeu Mauro em voz baixa. — Não, ela não sabia. Se soubesse, teria usado isso contra mim. Mas não é... não é o que

parece.

— Então o que é? — perguntou Mina.

— Não houve abuso nenhum — respondeu Mauro. — Nós namorávamos. Eu tinha dezassete anos, ela tinha catorze. Foi recíproco e de livre vontade. Ela andava no mesmo clube de equitação que eu, mas os pais dela não aceitavam a nossa relação, eu não vinha de uma família boa o suficiente, ou sueca o suficiente, aliás...

— Quer dizer que ela afirmou isso em tribunal? Que foi consentido?

Mauro fez um sorriso triste.

— Não. Os pais prometeram-lhe um cavalo novo se ela contasse uma história diferente. E ela ansiava por aquele cavalo há tanto tempo...

Mauro ficou em silêncio. Cruzou os braços com força sobre o peito e enfiou as mãos nas axilas. Depois ficou a olhar fixamente para o tampo da mesa. Mina olhou para Vincent, que assentiu impercetivelmente com a cabeça. Aparentemente, Mauro estava a dizer a verdade.

Ficaram em silêncio durante algum tempo. O zumbido de uma ventoinha era a única coisa que se ouvia na sala.

— Isso dos cavalos também é uma coisa de que precisamos de falar — disse Mina.

— Cavalos?

— Sim. Há uma pista relacionada com as crianças que envolve... cavalos. E, como deve perceber, isso não joga a seu favor, agora que sabemos que tem um passado ligado a cavalos.

— Estou longe de ser o único a ter experiência com cavalos.

— Eu sei, é você e mais cento e cinquenta e cinco mil. — Pelo canto do olho, Mina viu que Vincent sorriu brevemente, junto à parede. — Mas o que o levou a começar a montar? É uma atividade bastante invulgar para rapazes, acho eu.

Mauro hesitou.

— Invulgar é um eufemismo — acabou por dizer. — Noventa por cento daqueles que fazem equitação são raparigas. Mas foi a minha mãe que quis, ela cresceu numa quinta em Itália e adorava cavalos, então mandou-me para uma colónia de férias de equitação num verão. Acho que também queria que eu visse outra coisa além de cimento e betão. E eu adorei tudo desde o primeiro dia. Além de que também tinha jeito, então foi assim. Os meus pais investiram não só tempo e dedicação, mas também cada coroa que tinham a mais nas minhas competições.

Mina sentiu um aperto no coração ao ouvir Mauro falar dos pais com tanto carinho. Ela própria não tivera aquilo. E também não fora uma mãe assim. Levantou-se da cadeira.

— Provavelmente, vai ficar aqui mais algum tempo, mas prometo que vou verificar o seu relato.

— Obrigado — respondeu Mauro.

— Só uma pergunta — disse Vincent, que também se levantou. — E-quatro para E-cinco, abertura italiana. Como é que defenderia?

Mauro pareceu confuso, o seu olhar alternou entre Vincent e Mina.

— Defender? Quem é que tenho de... ? Desculpe, mas não percebo mesmo nada de futebol. Porque pergunta isso?

— Esqueça — disse Vincent. — Enganei-me.

Mina abriu a porta e Vincent saiu da sala.

— Ele não sabe nada sobre xadrez — sussurrou Vincent quando passou por ela.

A última coisa que Mina viu de Mauro foi como o seu olhar se apagou novamente.

Na sala despida, a ventoinha continuou a zumbir.

Enojado, Ruben observou a carantonha triunfante de Ted Hansson na televisão da sala de reuniões. A conferência de imprensa anterior fora um sucesso; vários vídeos com o líder do partido Futuro da Suécia tornaram-se virais, portanto, quando Ted Hansson anunciara que tinha algo de novo para dizer, a comunicação social não tardara a morder o isco. Desta vez foi o noticiário da TV4 que estava lá para o entrevistar em direto.

Ruben podia jurar que iria ser sobre Mauro. Não se preocupara em chamar os outros; estavam ocupados e, de qualquer forma, tinha dificuldade em acreditar que Hansson fosse dizer alguma coisa de interesse para eles. Se fosse necessário, poderiam ver a declaração em diferido. A verdade era que provavelmente seriam bombardeados com a notícia quer quisessem quer não.

Jenny, a mãe de Lilly, também lá estava desta vez, lado a lado com o líder do partido. Encontravam-se na praça Mynttorget, em frente ao edifício do Parlamento. Ted devia ter considerado que estar ao ar livre lhe daria um aspeto mais popular, e a satisfação maliciosa era evidente no rosto de ambos.

Ruben folheou o jornal *Aftonbladet* do dia, enquanto mantinha um olho no que decorria na transmissão televisiva. Não era que duvidasse da culpa de Mauro; ao contrário de Mina, Ruben acreditava que quando se ouvia o som de cascos, o mais provável era tratar-se de um cavalo, e não de uma zebra. Ainda assim, havia algo na forma como Ted Hansson e Jenny Holmgren se deleitavam prazerosamente no que estava a acontecer que lhe dava uma profunda sensação de desconforto.

— Estamos aliviados e agradecidos por a verdade finalmente ter sido exposta ao público. O Mauro Meyer é um criminoso. Tal como a Jenny, a mãe da Lilly, tem vindo a dizer o tempo todo sem ser ouvida. O Mauro é alguém que se aproveita de crianças inocentes, é um predador que não deve andar em liberdade pelas ruas deste país. Agora aguardamos ansiosamente que seja feita justiça e que a Jenny possa ter uma compensação pela sua filha, pela qual luta há tanto

tempo.

Ted colocou um braço à volta de Jenny, que limpou uma lágrima invisível do canto do olho.

Ruben bufou. Não compreendia como é que a comunicação social podia dar espaço àquele espetáculo.

— Sim, quero agradecer o enorme apoio que recebi desde que a verdade veio ao de cima — disse Jenny. — Espero ansiosamente que o Mauro receba a sentença que merece. Sei que a minha Lilly está algures no céu a sorrir, e que está feliz e agradecida por eu nunca ter deixado de lutar por ela.

Jenny limpou mais uma lágrima invisível e a mão de Ted apertou-lhe o ombro de uma forma que fez parecer que tinha uma garra a segurá-la. Ruben desviou o olhar e voltou a folhear o jornal. O som das suas vozes já era mau o suficiente, não conseguia continuar também a vê-los.

Deteve-se na página central, onde o jornal publicara uma longa entrevista com Jenny. O texto era acompanhado de fotografias tiradas na sua casa, uma forma de tornar a história mais pessoal. Numa das imagens, Jenny estava sentada num sofá a segurar uma fotografia de Lilly ao colo e, atrás dela, podiam ver-se várias fotografias de família, alinhadas em cima de uma cómoda.

Subitamente, Ruben inclinou-se para a frente. Aproximou o rosto da imagem e estudou-a atentamente. Depois praguejou.

— Filho da mãe! Puta que pariu! A Mina tem razão, não é o Mauro.

Observou uma grande fotografia emoldurada atrás de Jenny. Era um retrato dela juntamente com um rosto familiar. Ruben voltou a olhar para a televisão e sorriu. Em breve, aquela alegria maliciosa de Ted Hansson seria coisa do passado.

Vincent tentou adotar uma atitude indiferente dentro do elevador. Deixara a sede da Polícia para conseguir pensar; a conversa sobre cavalos recordara-o de que ainda não tinham descoberto nenhuma ligação desse tipo em relação ao último corpo encontrado. E também não resolvera o mistério dos modelos de Lego. Então, caminhara até à Câmara Municipal de Estocolmo para abrir um pouco os seus horizontes, literalmente.

Vincent fechou os olhos e imaginou que estava na fila da caixa do supermercado, em vez de no elevador apertado que subia a torre do edifício da Câmara. Os corpos pressionados contra o seu contribuíam para reforçar a ilusão. Quando as portas do elevador se abriram e os turistas se precipitaram a sair, conseguiu voltar a respirar.

Foi o último a sair do elevador e ficou parado para olhar à sua volta. Só chegara a meio da torre; o elevador levava-os ao que parecia ser um pequeno museu.

— *Entschuldigung!*

Uma família alemã, cujos filhos estavam a usar bonés com uma pequena hélice de plástico no topo da cabeça e as cores da bandeira sueca, passou por ele para entrar no elevador.

— *Bitte* — murmurou Vincent em resposta, e perscrutou o espaço em busca da porta das escadas que o levariam até ao miradouro.

Conseguia pensar melhor quando tinha uma visão mais abrangente, alguma distância. Observar a cidade de cima ajudava-o sempre quando tentava encontrar novos padrões. Podia perder-se na malha de ruas, na localização dos parques e jardins e edifícios públicos, detetar correlações e contextos maiores que permaneciam escondidos daqueles que se moviam lá em baixo, entre os edifícios. Era impossível ver a totalidade de um padrão enquanto se movesse por entre os seus pedaços. O cérebro precisava de ajuda a fazer *zoom out*.

Encontrou as escadas e olhou para cima, os degraus serpenteavam ao longo da torre estreita. As semelhanças com as escadas do filme *A Mulher Que Viveu Duas Vezes*, de Alfred Hitchcock, eram

impressionantes. O elevador era uma coisa, mas aquilo... E também estavam cheias de gente. Vincent não tinha a certeza se ia ser capaz. Por outro lado, o edifício da Câmara Municipal ficava a uma curta distância a pé da sede da Polícia. E Vincent não se atrevia a regressar ao seu ponto de observação habitual, no restaurante Gôndola. Não ia lá há dois anos, desde que combinara aquele encontro com Susanne, a sua ex-mulher. Quanto tinham... não, nem queria pensar nisso. Mas sentia que teria de esperar até que o pessoal do restaurante fosse substituído antes de ter coragem de lá ir novamente.

Colocou um pé no primeiro degrau, tentou não pensar na proximidade das paredes e começou a subir. A torre tinha um total de trezentos e sessenta e cinco degraus, o mesmo número de dias num ano. A torre tinha cento e seis metros de altura e o elevador levaria-o até um pouco mais de metade, até aos cinquenta e quatro metros. Faltavam-lhe subir cinquenta e dois metros. O mesmo número de semanas num ano. Seria uma coincidência, que tanto as escadas como o número de metros simbolizassem um ano civil? Claro que não era.

Para se distrair, pegou no telemóvel e procurou as fotografias dos dois modelos de Lego que tinham encontrado no jardim Fatbursparken, enquanto subia em passo lento. O mistério que o trouxera até ali. Porque Milda podia estar errada. Não estava tão seguro quanto ela que os brinquedos fossem da própria vítima. Um carro de corridas azul e um reboque vermelho. Tão inocentes. Tão cheios de significado. A não ser que, mais uma vez, estivesse a ver significados onde eles não existiam, obviamente. Começara a fazer isso cada vez mais, refletiu enquanto continuava a subir as escadas lentamente. Mas quais eram as probabilidades de ter pensado em modelos de Lego e na cor verde-musgo no mesmo pensamento apenas há alguns dias, e a Polícia a seguir ter encontrado precisamente legos sob relva verde-escura, num local que ele próprio indicara? Era quase como se ele mesmo tivesse lá colocado os brinquedos. O que, evidentemente, não tinha feito de todo. Às vezes, as coisas mais loucas aconteciam por mero acaso, mas Vincent odiava cada vez mais que

isso acontecesse.

Parou para recuperar o fôlego, ainda lhe faltavam muitos degraus até ao topo.

Tinha reconhecido os legos azuis e pensara que acabaria por se lembrar de onde, mas tal não acontecera. Olhou para as fotografias novamente e viu que um dos lados do carro tinha um autocolante gasto. Ampliou a imagem ao máximo e conseguiu distinguir as letras «drif».

Começando a subir novamente, escreveu «Lego drift» no Google. Era uma tentativa razoável, tendo em conta que se tratava de um carro. A pesquisa mostrou resultados com vários carros da Lego, mas não o correto. Vincent observou novamente o autocolante e viu que, na verdade, a palavra não começava por «D», havia outra letra desgastada antes. Não conseguiu distinguir qual era, mas não podia haver assim tantas alternativas. Arriscou e pesquisou por «Lego adrift». Desta vez acertou, o ecrã do telemóvel encheu-se de imagens do carro que tinham encontrado no jardim. Tanto anúncios ao modelo como instruções de montagem e número do artigo.

Vincent apercebeu-se de imediato do motivo pelo qual o carro lhe parecera tão familiar; pertencia a uma série, a «Lego Racers», que fora produzida em formato miniatura quando Benjamin era pequeno. O seu filho recebera um carro de corridas azul igual àquele, juntamente com a caixa de peças clássicas em que tinha pensado recentemente.

Chegou finalmente ao topo e saiu para o miradouro. A cidade estival estendia-se abaixo de si em toda a sua glória, mas Vincent já não conseguia concentrar-se nas ruas de Estocolmo; as peças já tinham começado a encaixar-se no seu cérebro. Pegou rapidamente numa caneta, mas apercebeu-se de que não tinha nada onde pudesse escrever; teria de usar as costas da mão. Escreveu aquilo que sabia até ao momento.

Lego Racers. 8151. Lego adrift.

Lego Classic. 6116. Caixa de peças.

Refletiu durante uns segundos e depois riscou a última linha. Era impossível a caixa de peças de Benjamin estar relacionada com aquilo. Mas o carro vermelho que encontraram era do mesmo tamanho do azul, pertenciam provavelmente à mesma série. Estudou atentamente a fotografia no telemóvel e viu de facto um autocolante desgastado também no outro brinquedo. *Tow t*, conseguiu discernir. Uma pesquisa no Google por «Lego Racers Tow Truck» ofereceu-lhe as instruções de montagem do carro vermelho logo como primeiro resultado. Finalmente, alguma ação. Apontou a nova informação.

Lego Racers. 8151. Lego adrift.

Lego Classic. 6116. Caixa de peças.

Lego Racers. 8195. Tow truck.

Agora era apenas uma questão de descobrir um padrão.

Olhou para a água, na direção da ilha de Södermalm. Para leste, viu as árvores exuberantes de Långholmen, a ilha com a antiga prisão que agora era um hotel. Havia água para onde quer que olhasse. Água e crianças mortas.

Adrift. Truck.

A ligação aos legos de Benjamin dizia-lhe pelo menos uma coisa: o carro vermelho era um pouco mais recente do que o azul, mas continuava a tratar-se de modelos da Lego que não estavam à venda há mais de dez anos. E aquele tipo de modelo em miniatura raramente aparecia no mercado de segunda mão. Se assumisse que se tratava de uma mensagem do assassino, então alguém tinha planeado o homicídio da criança no jardim Fatbursparken durante muito tempo. Mais tempo do que a vida da própria criança, apercebeu-se Vincent. Qual seria o significado disso? Como era possível planejar matar alguém que não existe? Era provavelmente uma pergunta importante, mas não uma a que precisasse de responder de momento.

Sem uma ligação ao *Knight's Tour*, a criança encontrada no jardim Fatbursparken não passaria de uma trágica vítima de homicídio. Os carros da Lego talvez não fossem pistas astutas afinal, deixadas

propositadamente por um assassino que gostava de jogar jogos. Vincent não vira nada de estranho na aparência dos brinquedos, pareciam minuciosamente construídos de acordo com as instruções. Havia uma possibilidade de Milda estar certa, de se tratar simplesmente de algo que a criança estava a segurar quando fora morta.

Mas tinha a sensação de que não era esse o caso.

As crianças com os bonés de hélice passaram por ele a correr e gritaram algo em alemão. Vincent encostou-se contra a grade para lhes dar mais espaço. Muito abaixo dele, viu pessoas tomarem banhos de sol na relva. Se as pistas não estivessem nos próprios objetos, talvez estivessem nos seus nomes. As palavras em si não o levavam a lado nenhum, mas experimentou traduzir os números dos artigos para letras, na ordem em que os modelos tinham sido lançados. Os números 8 1 5 1 8 1 9 5 correspondiam às letras H A E A H A I E. O que era um absurdo completo.

Porém, claro que o alfabeto tinha mais letras além das primeiras nove. Para alcançar aquelas que apareciam mais tarde no alfabeto, teria de agrupar os números dois a dois. Começou do início. Os dois primeiros números davam 81, o que não correspondia a nenhuma letra. Portanto, a primeira letra teria de ser o 8, ou seja, um H. Mas os dois números seguintes davam 15, o que podia ser uma letra, nomeadamente o O. Assim como o 18, que dava R. E o 19, que dava S. Depois só lhe restava o 5, que nesse caso seria um E.

Vincent olhou fixamente para as letras que escrevera na mão.

H O R S E.

Cavalo.

Turagapadabandha, uma ordem criada pelos passos do cavalo.

Knight's Tour.

Tivera razão o tempo todo.

Os turistas alemães gritaram mais alto que nunca.

— Vocês têm noção do que fizeram?

A voz de Ruben tremia de raiva contida. A maior parte das vezes, era capaz de controlar as emoções no trabalho, mas aquela era uma estupidez que superava tudo o que tinha visto antes. Ele e Julia tinham ido à praça Mynttorget o mais depressa possível e chegaram no momento em que a entrevista da TV4 terminara. Quando disseram que precisavam de falar com Jenny Holmgren, Ted Hansson afastara-se rapidamente; Ruben assumiu que o político preferia evitar ser visto nas proximidades de agentes da Polícia. Principalmente quando as câmaras de televisão tinham atraído tantas pessoas para o local. Uma pequena diversão de sexta-feira para os turistas.

Ruben pedira a Jenny que os acompanhasse até à esquadra e deixara claro que, na verdade, não era um pedido. Jenny fora esperta o suficiente para não fazer uma cena. Porém, quando a levaram para uma sala de interrogatório, a indiferença de Jenny transformara-se em clara irritação.

— Não faço a mínima ideia do que estão a falar — respondeu. — E não percebo como é que podem ser tão insensíveis ao ponto de irem buscar-me num carro-patrolha, à vista de toda a gente. Até fico com vontade de vos processar, tenho uma reputação a manter! E o coitado do Ted, o que é que as pessoas vão pensar? Mas assumo que foi o Mauro que conseguiu influenciar-vos com as mentiras dele. Toda a gente cai na conversa dele, naquelas malditas falinhas mansas. Meu Deus, vocês são tão ingênuos...

Ruben trocou um olhar com Julia, que estava sentada ao seu lado. A tonalidade vermelha das orelhas da chefe revelava que estava tão furiosa como ele. Passavam bem sem cretinos que os faziam perder tempo. Matte Skoglund já fora detido pelo assalto à casa dos pais de Ossian; nem sequer o negara quando o tinham ido buscar.

— Por isso, talvez seja melhor pensar muito bem, antes de se enterrar ainda mais — disse Julia com um tom de voz sedoso.

Pela primeira vez desde que tinham ido buscá-la, os olhos de Jenny

revelaram uma ponta de ansiedade.

— Um colega nosso já falou com o seu irmão Matte — continuou Julia, ainda com a mesma voz sedosa. — Aliás, estão a caminho de uma das nossas outras salas de interrogatório. Pergunto-me o que é que ele vai dizer. Principalmente se lhe oferecermos uma redução de pena em troca.

Os olhos de Jenny brilharam de raiva e medo em igual medida. Tinha sido apanhada. E sabia-o.

— Não se pode dar ouvidos a nada do que o Matte diz — comentou Jenny, abanando as mãos. — Certamente conhecem o histórico dele: prisão, drogas, assaltos, maus-tratos. Bem, digam-me antes o que é que o Matte não fez.

— Nós temos conhecimento de tudo isso — disse Ruben. — Principalmente que os assaltos parecem ter sido uma espécie de especialidade dele. Tal como acabou de dizer.

Ruben empurrou algumas fotografias na direção de Jenny.

— Isto são coisas que ele penhorou. Quer adivinhar de onde vêm?

Jenny praguejou.

— Eu disse àquele maldito idiota para se desfazer delas.

— Bem, no seguimento dessa declaração, acho que já pode parar de fingir — disse Julia. — Sabe perfeitamente que os objetos vêm da casa dos pais do Ossian. Nós pedimos-lhes que também procurassem entre as roupas do Ossian e eles aperceberam-se de que faltavam algumas coisas. A descrição corresponde exatamente às peças encontradas no autoclismo de uma casa de banho do restaurante do seu ex-marido.

— Oh, o Mauro deve ter levado a roupa do miúdo quando o raptou da creche.

— Foi o que nós pensámos, mas a muda de roupa do Ossian continuava na mochila dele, em casa. A roupa encontrada no restaurante desapareceu da casa do Ossian pela mesma altura em que o roubo aconteceu. Vai dizer que é uma coincidência?

Jenny baixou os olhos e não respondeu.

— Libertámos o Mauro, ilibando-o de todas as suspeitas — disse Ruben sem conseguir esconder a sua satisfação. — Ele já está a caminho de casa. Sabe que a família deles cresceu outra vez, não sabe?

— Por outro lado, vamos detê-la a si e ao seu irmão — acrescentou Julia, e levantou-se. — Com base numa mistura interessante de acusações, desde roubo e recetação até obstrução da investigação em curso.

— Não podem fazer isso, eu tenho amigos poderosos, eles vão...

— É do seu novo amigo Ted Hansson que está a falar? — interrompeu Julia. — O líder do Futuro da Suécia? Esse não vai querer tocar-lhe nem com a ponta do dedo mindinho quando ouvir falar disto. A comunicação social vai sugá-lo até ao tutano por sua causa. Receio que os seus minutos de fama tenham chegado ao fim.

— Puta de merda! — cuspiu Jenny.

Julia deteve-se, inclinou-se sobre a mesa e aproximou o rosto do de Jenny.

— Está a falar com uma mãe. Diga lá isso... mais... uma... vez! — Jenny evitou o olhar de Julia. — Foi o que eu pensei — prosseguiu Julia. — Bom fim de semana.

Quando Ruben e Julia deixaram a sala, Jenny ficou sentada a olhar fixamente em frente.

— Bom trabalho, Ruben — disse Julia.

Ruben ficou tão espantado que só conseguiu assentir com a cabeça.

A avó de Nathalie parecia preocupada, ali sentada num dos móveis que tinham construído e colocado à sombra de algumas árvores. Estava a ler um papel, uma e outra vez.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Nathalie, preocupada.

— Estamos a ficar sem dinheiro — respondeu Ines, e pousou o papel, que Nathalie viu ser uma fatura. — As obras de restauro custaram mais do que prevíamos. E temos ainda mais bocas para alimentar. Realmente, não sei se vamos conseguir ficar nesta quinta.

As palavras foram como uma estalada. Nathalie sentou-se pesadamente na cadeira ao lado da avó.

— Não podemos ficar? — repetiu. — Mas... mas... para onde é que eu vou, então?

A avó encolheu os ombros, derrotada.

— A maior parte das pessoas aqui tem sido generosa e contribuído com dinheiro, aquilo que podem dispensar, mas não é suficiente. E não te quero pedir a ti, és demasiado nova para isso. Não que fosse fazer alguma diferença; na verdade, precisamos de uma soma bastante avultada.

Nathalie sentiu-se envergonhada. Como é que podia ter sido tão egoísta? Tinha vivido à custa dos outros sem o saber. Mas devia ter percebido, pois o dinheiro tinha de vir de algum lado. Queria explicar à avó que não era uma criancinha e que se preocupava tanto como os outros. Mas as palavras não seriam suficientes, precisava de os ajudar. E sabia como.

— Eu e o meu pai guardamos dinheiro em casa — disse. — Há um baú de piratas em miniatura no meu quarto: quando recebo dinheiro nos aniversários, guardo-o no baú. E o meu pai também lá põe dinheiro de vez em quando. Quando tivermos o suficiente, vamos fazer umas férias com o nosso saque pirata, como costumamos chamar-lhe. Já devo lá ter dez mil coroas; podíamos ir buscá-las.

A avó olhou para ela com os olhos arregalados. Depois sorriu.

— Tens a certeza? — perguntou-lhe. — Significaria muito, e ias

realmente mostrar o teu valor aos outros, mas é muito dinheiro. O *teu* dinheiro.

— O que queres dizer com «mostrar o meu valor»?

— Desculpa, não devia ter dito isso — respondeu Ines, e pegou-lhe na mão. — Mas às vezes os outros perguntam-se, acham que tu podes estar a ter um tratamento especial por eu ser tua avó.

Se Nathalie ainda não tivesse decidido, decidiu naquele momento.

— Quero que fiquem com o dinheiro — afirmou. — Acho que devíamos ir buscá-lo agora, imediatamente.

A avó voltou a sorrir, aquele sorriso caloroso e envolvente que mostrava que tudo estava bem no mundo.

— Vamos esperar até o Karl poder ir — disse Ines. — Nunca se sabe quando é que um homem forte pode ser preciso. Afinal de contas, estamos a falar do teu pai.

Christer limpou um pouco de suor da testa quando entrou no restaurante Ulla Winbladh. Nos últimos meses, começara a ir lá todos os sábados; fora apenas nas últimas duas semanas que a investigação sobre Ossian o ocupara demasiado para ter tempo de cumprir o ritual. Quando entrou na grande sala histórica na ilha de Djurgården, olhou à sua volta, nervoso. Logo na sua segunda visita, decidira que a pequena mesa para duas pessoas, no canto do lado esquerdo da sala, seria a sua mesa. Numa das ocasiões, um jovem casal conseguiu ocupá-la antes de ele chegar, e Christer, relutante, sentara-se na mesa ao lado. Depois, passara o almoço a lançar-lhes olhares reprovadores, mas discretamente para que não reparassem. Fizera-o mais por si próprio; o casal não tinha maneira de saber que aquela era a *sua* mesa.

— Vejam só! O filho pródigo retorna!

O rosto do chefe de sala iluminou-se quando viu Christer entrar, e este sentiu um calor espalhar-se-lhe pelo peito. Só esperava não começar a transpirar outra vez. Olhou de relance para o chefe de sala e, como sempre, ficou espantado com o facto de o seu cabelo continuar tão louro como ele se recordava. Sem cabelos brancos e nenhum indício de que fosse pintado.

— Estava a ficar preocupado. Pensei que já não gostasse de nós — disse o chefe de sala, e piscou-lhe o olho. — A sua mesa está livre.

Pegou com um gesto casual num menu e avançou à frente de Christer em direção à mesa, cuidadosamente posta com toalha de linho branca, talheres de prata e velas.

Desta vez, iria fazê-lo, iria apresentar-se. Contar quem era. Era hoje que ia acontecer, garantidamente. De certeza absoluta.

— Não, não, tenho é tido muito trabalho, só isso — murmurou Christer.

— Deseja ver o menu? Receio que seja o mesmo de sempre. Pedimos o costume?

O chefe de sala estendeu-lhe a lista e Christer pegou nela enquanto se sentava de costas para a parede. «*Pedimos o costume?*» A que plural

é que estaria a referir-se? Christer perguntou-se se o chefe de sala, afinal de contas, o reconhecera do passado. Tinha esperança de que sim, ao mesmo tempo que desejava desesperadamente que não. Ainda não. Precisava de se recompor primeiro.

A vista daquela janela era magnífica. Os caminhos pedonais estavam cheios de pessoas a passear, muitas delas com cães pela trela, o que fez Christer sentir falta de *Bosse*. Normalmente, levava-o com ele para todo o lado, mas aquele restaurante não permitia animais e Christer não queria deixá-lo dentro de um carro quente, por isso *Bosse* ficara em casa à sua espera. A primeira vez, essa espera custara a Christer os seus sapatos de couro favoritos. Na semana seguinte, o apoio de braços esquerdo da poltrona estofada. Mas valia a pena.

— Posso dar uma vista de olhos — murmurou, esforçando-se para não olhar para o homem que lhe estendia a lista.

A sua pulsação estava tão acelerada que tinha a certeza de que era audível. Em breve. Em breve dir-lhe-ia alguma coisa.

— Não tenha pressa, isto hoje está tranquilo. As pessoas já foram para as casas de campo ou para o arquipélago, suponho eu.

Christer murmurou algo em resposta e fingiu estar profundamente concentrado no menu. Já se decidira, seria o arenque, como sempre. Mas Christer queria prolongar o momento, permitir-se mais alguns segundos para encontrar aquela abertura perfeita. Em três meses, ainda não tinha surgido. Ou então surgira e desaparecera sem que Christer desse por ela, já não sabia dizer ao certo.

— Posso perguntar-lhe uma coisa? — disse o homem louro com o *blazer* branco de chefe de sala. Começara a afastar-se em direção à cozinha, mas detivera-se e virara-se para trás. Christer desviou os olhos da lista e olhou para ele. Os olhos também continuavam tão azuis como ele se recordava. — Já pensei perguntar-lhe várias vezes — prosseguiu o chefe de sala —, mas normalmente isto está tão cheio que não tenho tempo. Mas tenho a sensação... Conhecemo-nos de algum lado? Parece-me tão familiar...

Uma ligeira ruga de preocupação entre as sobrancelhas. O azul dos seus olhos foi realçado pela luz do sol, que atingia o seu rosto num ângulo perfeito. A pulsação de Christer trovejava agora tão alto que devia estar a ecoar por toda a sala, e, a qualquer momento, faria com que todos os clientes se virassem e perguntassem o que estava a acontecer na pequena mesa do canto. No entanto, ninguém se virou. Ninguém parecia ouvir o ribombar ensurdecedor nos ouvidos de Christer. Respirou fundo, ali estava a abertura que procurara.

Finalmente.

Mas...

— Não, acho que nunca nos vimos — ouviu-se a si próprio dizer. — Olhe, vou comer o arenque. E uma cerveja, por favor.

Fechou o menu e entregou-o ao chefe de sala, que encolheu os ombros e foi para a cozinha transmitir o seu pedido. Christer seguiu a sua silhueta com o olhar, até o homem desaparecer de vista. Depois, suspirou pesadamente.

Da próxima vez. Teria de ficar para a próxima vez.

Então iria dizer alguma coisa.

Um dia livre, não era pedir muito. Além do mais, era domingo. E tinham feito um bom trabalho na sexta-feira, com a detenção de Jenny e Matte e a libertação de Mauro. Ruben achava que merecia algum descanso.

Mas, aparentemente, não.

Conduziu o mais depressa que se atrevia. Era verdade que requisitara um carro-patrolha por causa de Astrid, o que queria dizer que não precisava de se preocupar com respeitar os limites de velocidade. Mas se alguém visse que levava uma pequena rapariga no banco dianteiro, enquanto voava pela autoestrada, talvez aí levantassem questões. Tinha esperança de que o chapéu de polícia na cabeça de Astrid a disfarçasse minimamente. Ruben pensou que até nem lhe ficava mal.

Era típico de Vincent convocar uma reunião uns meros minutos depois de Ruben ter ido buscar Astrid a casa de Ellinor pela segunda vez. «Larga tudo e vem já para aqui. É para ontem!», dissera-lhes. Que raio de maneiras! A um domingo! Por outro lado, a última vez que Vincent convocara uma reunião fora no verão de há dois anos. Nessa altura, o mentalista conseguira transformar-se a si próprio no principal suspeito da investigação em menos de meia hora. Ruben sentia uma expectativa ansiosa por ver o que Vincent iria inventar desta vez.

— Estás a conduzir tão depressa — disse Astrid ao seu lado, rindo-se. — Estamos a perseguir um ladrão?

— Quase — respondeu Ruben. — Vamos encontrar-nos com um leitor de mentes e ele pode tentar roubar os teus pensamentos. Acreditas nisto?

Astrid ficou em silêncio, como se estivesse a refletir sobre o que Ruben dissera.

— Então não é melhor ligar as sirenes? — perguntou de seguida.

Ruben sentiu um calor espalhar-se por dentro. Que se lixasse o protocolo; a sua filha queria as sirenes, claro que ia ter as sirenes. Ruben acrescentou as luzes azuis ao pedido e acelerou ainda mais.

Astrid gritou de felicidade ao seu lado.

Quando entraram na sede da Polícia, Astrid cumprimentou descontraidamente os colegas da recepção. Depois apanharam o elevador e foram quase a correr para a sala de reuniões. Astrid conseguiu sempre acompanhar o seu passo. Quando entraram na sala, Ruben não entendeu os olhares espantados dos colegas, até se aperceber de que não era para ele que estavam a olhar, mas para a sua filha.

— Ah, sim, esta é a Astrid — disse-lhes. — Vai estar aqui comigo hoje.

A sala ficou em silêncio.

— Não sei se é muito adequado... — começou Julia por dizer, mas depois abanou simplesmente a cabeça.

— Ela é...? — murmurou Peder através da barba. — Quero dizer... como é que tu...?

Depois também se calou.

Vincent encontrava-se junto à parede do fundo, onde o agora quadriculado mapa de Estocolmo estava pendurado. Havia fotografias de Lilly, William, da descoberta no jardim Fatbursparken e de Ossian afixadas nos locais onde tinham sido encontrados. Alguém, provavelmente Vincent, traçara uma linha entre eles para que o caminho do assassino pudesse ser claramente seguido.

— Olá, Astrid — disse Vincent com um sorriso para a filha de Ruben. — Prazer em conhecer-te. Bolas, és mesmo parecida com o teu pai! Até sem o chapéu de polícia, diria eu.

— O teu pai? — repetiu Christer, ficando de boca aberta como se estivesse à espera de que um pássaro lá fosse construir um ninho.

— O que foi? — bufou Ruben, e puxou uma cadeira para si e outra para Astrid. — Não perceberam logo que era minha filha? São parvos ou quê? O Vincent tem razão, não veem como somos parecidos? Quem mais podia ser bonito o suficiente para ser pai dela?

Ruben puxou a travessa das bolachas para Astrid e ignorou os sorrisos embevecidos que começaram a espalhar-se pela mesa. Até o olhar de Mina ganhou certos contornos de suavidade. Na travessa só restavam algumas bolachas que tinham sobrado do dia anterior, mas Astrid comeu alegremente os biscoitos com recheio de geleia. Julia exibiu um sorriso de orelha a orelha.

— Sabes uma coisa, conheço um rapazinho chamado Aston que deve ser da tua idade — disse Vincent para Astrid. — E têm os dois nomes parecidos: Aston e Astrid.

— Ele também está cá? — perguntou Astrid, esperançosa. — Posso ir brincar com ele?

Christer, que tinha a chávena de café a caminho da boca, começou a rir-se.

— Pois é, Ruben — disse. — Vais começar a ter *playdates* em casa do Vincent a partir de agora.

Esta ideia não caiu muito bem na mente de Ruben, que aclarou a garganta ruidosamente.

— Então qual era a pressa? — perguntou. — Eu e a Astrid temos mais que fazer hoje.

— É verdade — disse Julia. — Temos de começar. O que é que tens para nós, Vincent? E, Ruben, vais ter de tapar os ouvidos da Astrid se isto se tornar demasiado agressivo.

— Ela fica bem — respondeu Ruben, e endireitou o chapéu de Astrid, enquanto a filha pegava noutra bolacha.

— Todos nós sabemos da... descoberta... no jardim Fatbursparken — começou Vincent cautelosamente, olhando de soslaio para Astrid. — Também encontrámos lá um cavalo. Quero dizer, não foi um cavalo a sério, Astrid, na verdade, era uma peça de Lego. Mas continha uma mensagem, a palavra *Horse*. Isso mostra que a minha teoria sobre o *Knight's Tour* está correta. Por outro lado, como já me foi apontado, a descoberta também não contradiz a teoria da Nova sobre a água. Acho que ela também está certa sobre o nosso assassino e os seus cúmplices

poderem ser comparados a uma seita. Demasiadas... vítimas... foram raptadas por pessoas completamente diferentes para que isto possa ser outra coisa que não algo organizado.

— Em relação à vítima no Fatbursparken, não fazemos a mínima ideia de quem é que a raptou — apontou Christer.

Vincent assentiu com a cabeça.

— É verdade. Isso é algo que ainda está por demonstrar. Mas o que podemos constatar é que existem aqui outros fatores que mostram tratar-se do mesmo assassino.

Os olhos de Astrid arregalaram-se quando Vincent mencionou a palavra «assassino». Típico dele ser tão descuidado. Mas Astrid não disse nada, limitando-se a segurar a mão de Ruben com força. Se não estivesse orgulhoso da filha antes, estava certamente agora. Não se assustava em vão. Astrid seria a melhor agente da Polícia de sempre.

— O problema é que a teoria da Nova não pode ser usada para fazer quaisquer previsões. Se acontecer um novo... ato... só sabemos que será perto da água. Ou, inclusive, onde já houve água. O que é o mesmo que dizer toda a cidade. Mas o *Knight's Tour* dá-nos pelo menos um local onde procurar. Por isso, se estiveres de acordo, Julia, gostaria de sugerir que continuem a usar a minha teoria de base até terem algo melhor.

Vincent não esperou por uma resposta e colocou um dedo no quadrado de Lilly no mapa. Depois seguiu o traço até William, continuou para o jardim Fatbursparken e, dali, para Skeppsholmen, onde tinham encontrado Ossian, antes de continuar para a posição seguinte no mapa.

— De acordo com este caminho no mapa, a próxima... descoberta... vai acontecer muito perto da baía de Djurgårdsbrunnsviken — concluiu.

— Mas isso é um canal inteiro — disse Peder. — Se estivermos a falar de água...

Vincent lançou-lhe um olhar sombrio.

— Isso não vai funcionar — disse Julia. — O que nos estás a dizer, Vincent, é onde podemos procurar se falharmos de novo. Mas o que temos de fazer é impedir o rapto. Temos de alertar todos os jardins de infância, dizer-lhes para estarem especialmente atentos a quem vai buscar as crianças e nunca as perderem de vista.

— Durante quanto tempo? — perguntou Peder. — Passaram mais de seis meses entre a Lilly e o William. Mas muito menos tempo entre o William e a descoberta no Fatbursparken. E até ao Ossian também, já agora. Não parece haver um padrão para quando acontece. Quanto tempo é que vamos pedir a todos os pais para viverem em pânico?

— Os pais já se fartaram — disse Ruben, pensando na mulher com quem ele e Adam tinham falado à porta de Lovis. — O Ted Hansson vai ganhando pontos a cada dia que passa, com ou sem a ajuda da Jenny Holmgren.

— Acho que avisos não vão ajudar — disse Christer, melancólico. — Os raptos têm conseguido enganar tanto pais como vizinhos, até agora.

Ruben olhou para Astrid. A sua filha era apenas alguns anos mais velha do que as crianças de quem estavam a falar. Vincent e Nova alegavam que se tratava de uma organização. Ruben tinha dificuldade em compreender como é que tanto mal podia concentrar-se num só lugar. Na sua própria cidade. De repente, sentiu um nó na garganta e voltou a endireitar o chapéu na cabeça de Astrid. O cabrão que se aproximasse dela teria de se haver com ele.

Os outros abandonaram a sala. Vincent ficou lá dentro a olhar para o mapa, passou a mão sobre ele e seguiu o caminho do Cavalo pelo tabuleiro de xadrez, a jornada do assassino pelos quarteirões da cidade. Estava a escapar-lhes alguma coisa, podia senti-lo.

Mina disse algo de onde estava, à porta.

Não lhe saía da cabeça aquilo que Peder frisara, sobre o tempo entre os sequestros diferir. Alguém que se esforçava tanto como o assassino deles não deixaria uma coisa dessas ao acaso. Tudo o que acontecia no mundo acontecia no tempo e no espaço: num momento específico e num lugar específico. Existia sempre um quando e um onde. O padrão no mapa era extremamente claro quanto ao *onde*. Mas essa era apenas uma das peças do *puzzle*, faltava-lhes a outra metade do padrão. Não tinham um *quando*.

— Vincent!

Vincent virou-se. Mina estava à porta com ar de quem esperava uma resposta.

— Desculpa — disse Vincent. — O que é que disseste?

— Perguntei-te se vinhas.

Vincent recuou na memória, tentando recordar-se do que Mina dissera. Porém, o som da sua voz fora abafado pelos seus próprios pensamentos. Não havia memória nenhuma para ele encontrar. Vincent baixou os olhos, não queria admitir que não lhe prestara atenção.

— Não te preocupes, eu sei que não ouviste — disse Mina. — E é precisamente aí que quero chegar: acho que precisas de pensar noutras coisas por um bocado. Anda lá.

Vincent não se atreveu a perguntar aonde iam; limitou-se a sair pela porta que Mina lhe segurava. Caminharam até ao elevador e Vincent sentiu-se inquieto.

— É melhor telefonares à Maria a dizer que vais chegar tarde a casa — sugeriu Mina quando as portas do elevador se abriram. — Diz que a reunião se está a prolongar ou qualquer coisa do género.

— Está bem, mas posso perguntar onde é que vamos?

— Precisamos os dois de desanuviar um bocado — disse Mina, carregando no botão do elevador para a garagem. — Vamos conseguir funcionar de maneira mais fluida a seguir. Tu melhor que ninguém devias saber isso.

Quando as portas se abriram, Vincent esperou uns segundos antes de sair do elevador. Não gostava de elevadores, mas gostava ainda menos de garagens em caves, onde o teto era sempre demasiado baixo. Ao mesmo tempo, talvez devesse estar agradecido por Mina não ter estacionado o carro na rua; nesse caso, teriam de ir numa sauna com rodas, aonde quer que estivessem a ir.

Quando chegaram ao carro de Mina, Vincent reparou que não havia nenhuma proteção plástica no assento do passageiro, e assumiu que isso queria dizer que ela não andava com mais ninguém no seu carro há algum tempo.

— Tens a certeza de que está bem assim? — perguntou-lhe.

— O plástico está no porta-luvas — respondeu Mina, e ligou o motor. — Podes desenrolá-lo tu.

— Sabes mesmo como fazer um homem sentir-se bem-vindo — comentou Vincent, mas obedeceu.

Mina passou a ponte Sankt Eriksbron e continuou em direção à praça Odenplan. Um pouco antes de chegar à biblioteca municipal, virou para uma rua lateral e estacionou numa garagem.

— É um bocado longe do trabalho — disse. — Mas é esse o objetivo.

Quando saíram da garagem, Vincent viu a placa na porta ao lado: as letras ROQ ao lado de uma caveira. Ficou ainda mais confuso, se é que era possível. Que raio de sítio era aquele?

— Eu sei — disse Mina quando o viu olhar para a placa. — Tento vir aqui quando não têm bandas ao vivo. Não tenho nada contra a música, mas não imaginas a quantidade de partículas que um baterista levanta; deviam ser obrigados a tocar dentro de gaiolas de vidro.

Vincent seguiu Mina pela porta. Os seus olhos demoraram algum tempo a fazer o ajuste entre a claridade do sol no exterior e a penumbra dentro do local, mas depois viu que se encontravam numa enorme sala, com filas e filas de mesas de bilhar vazias.

— Já te tinha dito que sou boa a jogar bilhar — observou Mina. — Por isso pensei oferecer-te uma lição de humildade... ao ganhar-te. Assim não precisas de te sentir tão competente, para variar.

Vincent olhou fixamente para Mina. Nem sabia por que pensamentos começar. Bilhar? Estava a ter muita dificuldade em associar uma polícia que não gostava de pessoas, que ficava em pânico se alguém sequer mencionasse bactérias, a um salão de jogos. Ao mesmo tempo, apercebeu-se de que o salão estava praticamente vazio, ainda nem era meio da tarde, e o local também estava visivelmente limpo. E Mina de facto referira que gostava de bilhar, embora tivesse sido há muito tempo.

— De qualquer forma, não vamos conseguir chegar a lado nenhum com as crianças agora — continuou Mina. — Não resolvemos nada por continuarmos a bater com a cabeça nas paredes. Tornamo-nos melhores no que temos de fazer se nos permitirmos focar-nos noutra coisa durante algum tempo.

— Olá, Mina! — disse uma mulher atrás do balcão.

— Olá, Alice. Como estás?

A mulher aparentemente chamada Alice estava a usar uma camisola de alças preta por cima de outra branca, com o logotipo do salão impresso no peito e o cabelo preso num penteado cuidadosamente desleixado. Alice encolheu os ombros.

— Já sabes como é — respondeu. — Ele às vezes é teimoso, é preciso respirar fundo. A mesa oito está reservada para ti, como de costume.

Alice inclinou-se atrás do balcão do bar e pegou numa bandeja na qual havia uma garrafa de desinfetante e um cesto com toalhetas.

— Já sabes que podes ligar-me se a tua besta negra te der muitos

problemas — disse Mina. — Tenho colegas que devem conseguir acalmá-lo.

Mina pegou na bandeja e começou a dirigir-se para as mesas de bilhar. Vincent não tinha outra escolha que não segui-la.

— Então como é que isto vai funcionar? — perguntou-lhe. — Não quero ser picuinhas, mas vamos lavar todas as bolas primeiro? Cobrir a mesa com plástico? Tens o teu próprio taco de bilhar antisséptico desdobrável na mala? Não é para te provocar, mas realmente não compreendo como é que consegues fazer isto. Milhares de pessoas já devem ter tocado nestas coisas, pessoas a beber cerveja, com restos de tabaco de mascar nos dedos, que suaram a dançar a música ao vivo...

— Obrigada, já chega — disse Mina.

— Isto é algum tipo de terapia de exposição agressiva?

— Passar tempo *contigo* é que me faz precisar de terapia! — respondeu. — Desde que deixei os Alcoólicos Anónimos, venho aqui todas as semanas. Às vezes até várias vezes por semana. É suficientemente longe do trabalho para ninguém me reconhecer e aqui posso estar em paz. De certa maneira, tem-me ajudado mais do que os AA. A Alice, que conhecestes ali no bar, limpa sempre a mesa antes de eu chegar, e também o taco e as bolas. E, sim, pedi-lhe que usasse luvas descartáveis quando o fizesse. Ela não acha estranho, e isto é completamente normal em comparação com o que o marido lhe pede. Ele é... expedicionário, acho que é como se chamam.

Vincent observou Mina a colocar as bolas de bilhar dentro do triângulo de plástico e a endireitá-las.

— Queres dizer alguém que se excita com sexo em locais públicos, de preferência onde se pode ser apanhado? — perguntou Vincent. — Isso deve ser cansativo.

Empurrou a mesa de bilhar para garantir que era estável. Era demasiado fácil imaginar o que já teria acontecido naquela mesa.

— Estúpido! — disse Mina ao ver a expressão de Vincent. — Claro que isso foi a primeira coisa que lhe perguntei.

Mina deu-lhe um taco e levantou o triângulo de plástico.

— Abre tu.

A restante partida de bilhar decorreu precisamente como Mina previra. Ela era implacável. Mas Vincent também jogava terrivelmente mal. Os pensamentos sobre o tempo que haviam passado juntos ainda não tinham desaparecido completamente do seu cérebro; permaneciam ali, a remoer, a perturbar a sua concentração.

Mina fez pontaria, concentrada. Acertou numa bola que, por sua vez, acertou na seguinte. Várias bolas bateram umas nas outras numa reação em cadeia, até que a última caiu num buraco. Vincent deteve-se, tentando repetir todo o processo mentalmente, como se rebobinasse um filme na sua cabeça. Havia algo naquele movimento das bolas, na forma como embateram umas nas outras, a distâncias cada vez mais curtas. Tempo. Ocorrências em que uma levava a outra. Ao longo do tempo. Tempo esse que se tornava mais curto a cada etapa da reação em cadeia das bolas a embaterem umas nas outras...

— Mina — disse Vincent quando ela se inclinou novamente sobre a mesa de bilhar. Mina levantou os olhos para ele. — Achas que conseguimos reunir a equipa toda outra vez na sede antes do final do dia?

— E lá se acabou a diversão... — respondeu Mina. Endireitou-se e encostou o taco à mesa. — Mas tu nunca descontrais?

— Sim, lembro-me de isso ter acontecido uma vez, quando tinha nove anos — disse Vincent. — Foi uma seca. Mas o que achas? Podemos...?

— A mulher do Peder vai cortar-te às postas — disse Mina. — E o marido da Julia vai estar atrás dela na fila. Mas, fora isso, acho que não deve haver problema nenhum. Porquê?

— Explico-te no caminho.

— E tens a certeza de que isto não é só porque estou prestes a ganhar-te por uma margem enorme outra vez? — perguntou Mina, olhando para ele com ar desconfiado.

— Garanto-te que não.

Mina suspirou e arrumou as coisas. Dirigiram-se para o bar e devolveram a bandeja com os produtos de limpeza a Alice, que ficou surpreendida.

— Isto hoje durou pouco — comentou.

— Surgiu uma coisa — explicou Mina. — Mas ainda nos vemos esta semana.

Vincent esperou até terem chegado à rua e estarem a caminho do carro de Mina.

— Viste como ela estava sempre a olhar para a mesa enquanto nós jogávamos? — perguntou-lhe depois. — Tenho a certeza absoluta de que ela e o marido já usaram aquela mesa.

Mina conseguiu voltar a reunir o grupo facilmente, uma vez que todos os colegas continuavam na sede, à exceção de Ruben. No entanto, os rostos cansados e as expressões sombrias à volta da mesa deixavam claro que Vincent perdera muitos pontos; obviamente que Mina deixara claro que fora ideia dele encontrarem-se todos outra vez. Nem sequer Peder conseguia parecer entusiasmado. Mina compreendia-os, também ameaçara Vincent de que ele teria de voltar a pé do salão de jogos para a esquadra depois do seu comentário. Por causa dele, teria de pedir a Alice para trocar de mesa na próxima semana.

— Desculpem ter-vos feito voltar aqui outra vez — disse Vincent. — Mas teria sido demasiado complicado explicar pelo telefone. Estive a pensar numa coisa que o Peder disse há... — olhou para o relógio de pulso — ... cerca de duas horas.

— E o que é que vocês os dois andaram a fazer durante esse tempo, pergunto-me? — comentou Ruben com um tom insinuante.

Já não estava com Astrid, e, aparentemente, voltara ao seu antigo eu.

— Não tens nada a ver com isso — respondeu Mina. — Mas posso dizer que as bolas estavam lavadas e que o Vincent bate com mais força do que se podia pensar.

Christer e Peder irromperam em gargalhadas sonoras, mas Ruben ficou com o rosto vermelho como um tomate e com ar de quem não sabia onde se enfiar. Foi espetacular. Finalmente, conseguira pagar-lhe na mesma moeda; depois de todos aqueles anos de olhares, comentários e insinuações de Ruben, conseguira fazê-lo corar como um menino de coro.

— Espero que tenham ido jogar bilhar — disse Adam, à cautela.

Christer riu-se ainda mais alto.

— Lá estamos nós de volta à necessidade de impor ordem na sala de aula... — suspirou Julia. — Por mais que eu queira estar aqui a trocar bocas com este grupo de escola primária, tenho uma pessoa mais

importante à minha espera em casa. Que, aliás, também tem um nível de conversa ligeiramente mais maduro do que este.

Mina reparou que Julia disse uma pessoa, e não duas. Era evidente que Torkel continuava caído em desgraça.

— Então digam lá de que é que se trata — pediu Julia, olhando para Mina.

Mina recuou um passo e estendeu o braço na direção de Vincent.

— *It's all yours* — disse-lhe.

Vincent aclarou a garganta e dirigiu-se novamente para o mapa na parede, tal como da vez anterior.

— Como vos disse esta tarde, a minha teoria é que o próximo corpo vai ser encontrado aqui, na zona à volta de Djurgårdsbrunnsviken. O que ainda não sabíamos era quando é que o perpetrador, ou melhor, a organização, a seita, pensava atacar novamente. Mas acho que consegui descobrir. O Peder tinha razão, as datas dos homicídios são como bolas de bilhar a bater umas nas outras, só que em aceleração crescente em vez de decrescente.

Todos os agentes na sala olharam para ele com expressões confusas.

— E foi por isso que fiz todo o caminho de volta de Vallentuna até aqui? — queixou-se Ruben.

Mas era precisamente assim que Mina mais gostava de Vincent, quando ele estava absorto nos seus pensamentos e se esquecia das outras pessoas na sala. A sua linguagem corporal alterava-se quando ele refletia, tornava-se mais casual, mais segura. Como se estivesse vigilante o resto do tempo, mas não agora. Neste momento, ele era aquele Vincent que Mina permitira transpor as suas muralhas defensivas.

— Não estava a conseguir ver o padrão antes — continuou Vincent, aparentemente sem ter ouvido o comentário azedo de Ruben. — Nem sequer quando a Milda disse que o corpo encontrado no jardim Fatbursparken não podia estar lá há mais de dois meses eu consegui ver. Mas agora vejo que se encaixa demasiado bem para ser uma mera

coincidência.

— Encaixa-se no quê, exatamente?! — perguntou Ruben ainda mais irritado.

Adam e Julia olharam para Vincent com ar cauteloso, enquanto Christer franzia a testa como se estivesse realmente a tentar perceber o que o mentalista queria explicar. Já Peder estava com um ar desapontado a olhar para a travessa das bolachas; Ruben insistira com Astrid para que ela comesse os últimos biscoitos.

— Encaixa-se com o ritmo de aceleração — respondeu Vincent, aproximando-se do quadro branco.

Pegou numa caneta e começou a escrever.

— É assim: a utilização do *Knight's Tour* mostra-nos que estamos a lidar com indivíduos que encaram as suas ações como estritamente matemáticas. Não há nenhuma razão para acreditarmos que não teriam essa atitude também em relação à frequência dessas ações. A Lilly desapareceu no início de junho do ano passado, o William no final de janeiro deste ano. Passaram sete meses entre um e outro. Se o corpo no jardim estava lá há não mais do que dois meses, como a Milda disse, isso quer dizer que desapareceu em meados de maio. Três meses e meio depois do William. E o Ossian desapareceu oito semanas depois disso. Não estão a ver?

Vincent apontou para o que tinha escrito no quadro.

Lilly → William, 7 meses

William → Jardim Fatbursparken, 3,5 meses

Jardim Fatbursparken → Ossian, 1,75 meses (8 semanas)

— Estão a reduzir o tempo entre cada ato pela metade — explicou Vincent, e esperou até que todos na sala vissem o que ele já tinha visto.

— Filhos da mãe — murmurou Christer.

— Nesse caso, quer dizer que o próximo desaparecimento vai acontecer quatro semanas depois de o Ossian ter desaparecido — disse

Julia.

— Exatamente — confirmou Vincent, assentindo com a cabeça.

— Mas esperem lá — disse Christer. — Não disseste que ia acontecer sessenta e quatro vezes se não os conseguíssemos deter? Igual ao número de quadrados num tabuleiro de xadrez? Não me parece que esta redução do tempo pela metade permita que aconteça muito mais vezes.

— Tens razão — respondeu Vincent. — Bem visto. Se o tempo entre cada rapto for reduzido em metade, os assassinos só vão conseguir raptar mais quatro crianças, no máximo. Senão, depois disso teriam de raptar uma criança por dia, e logo depois uma por hora, o que é completamente inverosímil. Portanto há um fim natural após oito raptos. Não estou a dizer que vão ser oito, apenas que *poderão* ser. Mas aquilo em que temos de nos concentrar agora é em impedir que o quinto rapto aconteça.

Ninguém na sala disse nada; todos pareciam estar a levar Vincent a sério. Até Ruben parecia refletir sobre o que acabara de ouvir.

— O que estás a dizer exatamente, Vincent? — perguntou Julia lentamente. — Quanto tempo temos até ao próximo rapto?

— Como tu própria disseste — respondeu o mentalista, e bateu com a caneta no quadro branco —, o próximo rapto vai acontecer quatro semanas depois do rapto do Ossian. Hoje é domingo à tarde, na quarta-feira faz três semanas desde que o Ossian desapareceu. Se não resolvermos o caso, vai desaparecer uma nova criança algures em Estocolmo daqui a dez dias.

QUARTA SEMANA

— Olá!

Ruben sobressaltou-se ao ouvir aquela voz; não tinha reparado que alguém se aproximara dele.

— Olá! — respondeu, levantando automaticamente a mão para endireitar a franja.

Naquela terça-feira de manhã, o seu cabelo parecia ter vontade própria.

— Como é que está a correr? — perguntou Sara, do departamento de análise.

Era Sara quem iria ajudá-los a classificar toda a informação, e, por algum motivo, não gostava dele. A colega sentou-se ao seu lado e Ruben sentiu um cheiro a perfume misturado com amaciador de roupa. Apesar do calor na sala, Sara parecia fresca e despreocupada, e Ruben resistiu ao impulso de cheirar as próprias axilas. Em vez disso, concentrou-se nas tarefas que tinham pela frente.

— O nosso trabalho ficou infinitamente mais difícil — disse Ruben com um suspiro, e apontou para o monitor do computador. — Agora que os homicídios receberam tanta atenção mediática, os pais começaram a reportar os filhos como desaparecidos ao fim de quinze minutos; estamos a afogar-nos em denúncias. Além de que as pessoas estão furiosas, acham que não estamos a fazer o nosso trabalho. E estão com medo; os pais praticamente não deixam os filhos desaparecer de vista por um segundo.

— Mais vale uma denúncia a mais do que uma a menos — disse Sara, olhando para o monitor.

— Como se isso não bastasse, descobrimos este fim de semana que o assassino pode atacar outra vez já na próxima quarta-feira — acrescentou Ruben com um suspiro. — E depois do fiasco com o Mauro, estamos de volta à estaca zero. Até tenho vergonha de dizer isto, mas não temos nada por onde pegar. Ontem passámos o dia todo a rever e a analisar cada relatório dos interrogatórios no caso do

Ossian, mas não deu rigorosamente em nada. Nenhuma nova pista, nada que ainda não soubéssemos. O nosso assassino é como um fantasma.

— Posso fazer alguma coisa para ajudar? — perguntou Sara, pegando na chávena de café que tinha pousado em cima da mesa.

— Obrigado, mas realmente não sei o que poderia ser, neste momento. E se esse café é da máquina automática, considera-te avisada. É puro veneno de ratos.

Sara soltou uma gargalhada, o seu riso era agradavelmente melodioso. Engraçado não ter reparado nisso antes.

— Estou habituada ao café americano, verdadeira água de lavar os pés — disse Sara, e bebeu um trago. — Até o pior café da Suécia tem um sabor divino, em comparação.

— Tu é que sabes. A propósito, como é que isso vai? Os Estados Unidos, quero dizer. Ouvi qualquer coisa sobre a tua mudança para aqui ser permanente.

— Queres dizer que ouviste falar da minha separação.

Sara suspirou. Ruben tentou não olhar para as curvas dela, que estavam inegavelmente nos lugares certos. O marido só podia ser um imbecil.

— Constatámos que víamos as coisas de forma um pouco diferente — respondeu Sara. — Ele achava que eu devia tornar-me dona de casa e, sobretudo, calar a boca no geral. E eu achava que... não.

— Percebido — disse Ruben, e continuou a percorrer as denúncias no computador. — Desculpa se isto for demasiado privado, mas como é que fazem com os miúdos, se estão a viver em continentes diferentes?

Sara olhou para ele com ar surpreendido.

— Este é um novo lado teu. Pensei que nem sabias que eu tinha filhos.

Ruben corou, endireitando-se na cadeira. Sara tinha razão, aquele

era um novo lado. Ou melhor, novo não era; sempre fora uma pessoa atenciosa, na sua opinião. A questão era que não tinha tido assim tantas pessoas a quem prestar atenção. Ou então tinha, mas não as vira. Merda de conversa, agora estava a ficar tudo confuso outra vez. Mas confusão era uma coisa boa, como a psicóloga Amanda costumava dizer. Confusão significava avanço. Embora fosse muito cansativo, às vezes.

— Descobri que tenho uma filha — disse-lhe. — Chama-se Astrid e tem dez anos.

— Uau, parabéns! — Sara olhou para ele ainda mais surpreendida. — O que é que... como é que te sentes?

— Fantástico — respondeu Ruben, e teve a certeza de que dizia a verdade. Porque era realmente assim, sentia que era fantástico. Ela era fantástica. — Claro que também é triste ter perdido tanto do crescimento dela. Mas as coisas são como são, e sinceramente não sei se eu teria sido muito útil. A mãe dela é muito sensata, e, no fundo, tenho consciência de que ela tomou a decisão certa quando se livrou de mim. Mas agora quero tirar o máximo proveito da situação, ser o melhor pai que puder ser.

Sara abanou a cabeça e levantou a chávena; olhou para o café no interior e pousou-a novamente.

— Bem, aqui uma pessoa está fora uns dias e acontecem logo imensas coisas — comentou Sara. — Mas fico muito contente por ti. Em resposta à tua pergunta sobre os miúdos, é... complicado. Eu quero viver aqui, perto da minha família, e quero que os meus filhos cresçam na Suécia. Ele não quer. E a legislação americana não é a melhor no que diz respeito aos direitos das mães, pelo menos quando se trata de mães que vêm de outros países. Se os miúdos forem ter com ele, tenho medo de que os mantenha lá. Então, por enquanto, tenho dito que ele pode vir aqui se os quiser ver. E os nossos advogados estão em «conversações».

Sara fez o sinal de aspas com os dedos no ar.

— Que horror — exclamou Ruben espontaneamente.

Sara assentiu com a cabeça. Bebeu mais um trago de café e fez um esgar.

— Tinhas razão, isto é mesmo um veneno.

— Eu avisei — disse Ruben. — Achas que podes ajudar-me a analisar as denúncias de crianças desaparecidas das últimas semanas? A maior parte das crianças já terá sido encontrada ou regressado pelo seu pé sem que os pais nos tivessem informado disso, por isso sugiro que também comecemos a fazer chamadas. Não quer dizer que vamos encontrar o nosso raptor, se a teoria de que irá esperar pela próxima semana estiver correta. Mas este trabalho também tem de ser feito.

— Sensato — disse Sara. Sentou-se ao lado de Ruben e pegou no telefone. — E, quem sabe, podemos encontrar alguma coisa interessante. A era das maravilhas pode não ter acabado.

Ruben olhou sorrateiramente para Sara. Por que razão nunca tinha falado com ela até ao momento? Sara era perspicaz e, ao mesmo tempo, engraçada. Viviam uma era das maravilhas, de facto. Ainda por cima, continuava a parecer não estar com calor. Ruben passou a mão discretamente na axila. Merda, estava encharcado. E logo quando tinha vestido uma camisa cinzento-clara. Sabia que devia ter escolhido a preta.

Relutantemente, Peder teve de admitir que a barba agora lhe provocava um nível de comichão que começava a ultrapassar o benefício visual que achava que ela lhe proporcionava. Na verdade, parecia ser o único a pensar que a barba lhe dava um ar realmente estiloso; até mesmo Anette se juntara por completo ao lado do inimigo. Se não fosse pela comichão constante, provavelmente teria sido capaz de resistir à pressão de grupo, mas sentia que começava a vacilar inquietantemente.

Peder foi coçando a barba enquanto estudava as listas com a meticulosidade habitual. Era a fazer aquilo que se sentia completamente à vontade, quando podia mergulhar em quantidades enormes de informação e desvendar relações estatísticas e desvios. Adorava o desafio de tentar encontrar aquela agulha minúscula no meio do palheiro, a pepita de ouro que poderia ser a peça que levava a investigação até uma conclusão. Mas aquela lista era outra coisa, a lista de crianças desaparecidas não podia ser reduzida a dados anônimos. Ruben e Sara já tinham feito uma primeira análise e eliminado aquelas que já não estavam desaparecidas, que era a maior parte. Porém, ainda restavam várias. Demasiadas.

Por cada rosto, por cada relatório com detalhes sobre a criança que surgia no monitor, Peder não podia deixar de ver os rostos das trigêmeas à sua frente. Desde que elas tinham nascido, era como se todo o seu corpo, todo o seu sistema de suporte de vida, estivesse diretamente ligado a elas. Para ele, elas eram *Yggdrasil*, a árvore da vida, eram as veias e os vasos capilares no seu corpo, eram os pulmões que lhe permitiam respirar. Cada criança que via agora na base de dados da Polícia tinha pelo menos um pai que já não conseguia respirar.

Na maior parte dos casos que envolviam crianças havia uma explicação provável para o seu desaparecimento: um familiar que fugia para o estrangeiro com a criança; uma família de refugiados que se escondia para não ser enviada de volta para o país de origem; uma criança que, de livre vontade e por mil razões diferentes — todas elas

igualmente terríveis —, fugia dos pais, de uma família de acolhimento ou de uma instituição. Mas depois havia as restantes, aquelas para as quais não encontravam uma explicação imediata plausível, aquelas que estavam inexplicavelmente desaparecidas. Era nessas que Peder estava interessado.

Comparou-as uma a uma com o que Milda relatara sobre o corpo encontrado no jardim Fatbursparken. Embora não tivessem muito por onde pegar, devido às más condições em que o corpo estava, ainda havia alguma coisa. E Milda era habilidosa a compilar aquilo que poderia ser-lhes útil.

Peder voltou a analisar as anotações de Milda e fez um resumo da informação que tinha. Altura: cerca de um metro e vinte. Idade: cerca de seis anos. Cor do cabelo: castanho. Sexo: rapaz. A criança também partira o fémur da perna direita nalgum momento da sua vida. Com base no grau de cicatrização, Milda estimara que a lesão acontecera há cerca de dois anos. Claro que isso tinha de ser encarado com uma certa cautela, mas, ainda assim, era uma pista importante.

Percorreu todos os documentos lenta e cuidadosamente, hesitando por vezes, a pensar que poderia ter encontrado o que estavam à procura, mas havia sempre algum fator que não correspondia.

Finalmente, deteve-se. Leu o que estava no monitor, comparou com a sua lista, voltou a confirmar, e depois empurrou a cadeira para trás.

Estavam desesperadamente a precisar de uma nova pista, de algo que pudesse aproximá-los do assassino, e Peder acabara de o encontrar. Sabia quem era a criança encontrada no jardim Fatbursparken.

— Pai, o que é isto? — Rebecka folheou com aversão o panfleto do Epicura que estava em cima da mesa de centro. — Não parece nada o teu género, «os quatro pilares fundamentais do epicurismo»...

Vincent desviou os olhos do seu livro; estivera profundamente absorto no livro de Michel de Certeau, *L'invention du quotidien*, vol. 1, mais especificamente num interessante ensaio sobre a diferença entre como uma cidade é experienciada de um ponto de observação elevado e ao nível do solo, na rua. Ele próprio fizera essa reflexão quando subira à torre da Câmara Municipal.

— O epicurismo é uma filosofia — respondeu Vincent, fechando o livro. — Uma colega minha, a Nova, tem um centro de conferências onde ensinam essas coisas. A propósito, não deixei de reparar que estás em casa esta noite. Está tudo bem com o Denis?

— A Nova é tão gira que até dói — disse Benjamin do seu canto no sofá. — Muitos dos meus colegas de curso seguem-na no Instagram.

— O Denis foi visitar a família — respondeu Rebecka. — E que nojo, Benjamin! A Nova tem, tipo, o dobro da tua idade.

— E então, não pode ser gira na mesma?

Aston saiu do seu quarto a dançar ao som de uma música que só ele conseguia ouvir. Ganhara o hábito de bambolear o rabo enquanto cantava, e Vincent disse para si próprio que, noutra altura, teria de lhe perguntar onde raio aprendera ele aqueles movimentos.

— *Giiiiiiiraaaa que até dóóóóiiii* — cantou Aston ao ritmo de *The Show Must Go On*, dos Queen. — Aparentemente, a canção roubara o primeiro lugar a *Radio Ga Ga* na sua própria lista de favoritos. — *Giiiiiiiraaaa que até dóóóóiiii!*

Vincent constatou que, quanto mais velhos os seus filhos ficavam, menos ele os compreendia.

Maria estava sentada agarrada ao telemóvel; não era preciso ser mentalista para perceber com quem estava a trocar mensagens. No entanto, levantou os olhos por um momento.

— E tu conheces essa Nova gira que até dói, é isso? — perguntou.

— Quão bem?

— Já te disse que sim — respondeu Vincent. — É uma antiga colega, cruzamo-nos de vez em quando. Ela está envolvida na mesma investigação...

Vincent parou rapidamente de falar quando se apercebeu do seu erro. Mas era tarde demais, Maria já estava com o rosto pálido.

— Na mesma investigação que tu e aquela polícia? — perguntou-lhe. — A Mina? E agora esta mulher também? Sinceramente, Vincent, não tens vergonha? Investigação policial, sim, está bem! — Maria levantou-se com um ar absolutamente furioso. A troca de mensagens com Kevin parecia completamente esquecida. — Sexo em grupo, é o que é! — acrescentou.

— Oh, Maria! — exclamaram Benjamin e Rebecka em coro.

— *Seeexoo eeem gruupooo* — cantou Aston, bamboleando o rabo em frente ao aquário da sala.

Vincent apoiou o rosto nas mãos. Só faltava os peixes também ficarem traumatizados. Olhou para o relógio e viu que estava atrasado para o comboio e para a palestra daquela noite, em Gävle. Conseguira suprimir esse compromisso antes, quando se sentira inteiramente satisfeito por ter terminado a temporada de espetáculos, mas uma palestra sempre era mais simples, pelo menos não incluía cintos à volta do pescoço.

— Isso não é uma expressão que... — começou por dizer. — Quero dizer... a mãe explica-te, eu agora tenho de me ir embora. Mas volto no comboio das dez da noite e estou cá quando acordares, Aston.

Vincent pegou na sua mala com o computador e saiu para o *hall*. Maria foi atrás dele e Vincent preparou-se mentalmente para uma última reprimenda, mas, em vez disso, a mulher surpreendeu-o.

— Boa sorte para a palestra desta noite — disse Maria em voz baixa. — Não te esqueças de mim.

Vincent sobressaltou-se e olhou para ela. Assumira que ela estava a ser sarcástica ou que fosse encontrar uma censura oculta algures, mas

os olhos de Maria estavam abertos e ligeiramente brilhantes. Talvez quisesse dizer exatamente o que disse. Até lhe pareceu um pouco triste.

— É isso que... é isso que achas que eu faço, quando não estou em casa? — perguntou-lhe. — Que me esqueço de ti?

Aquilo era território novo. Vincent tentou pensar sobre o que poderia implicar; nunca tinham sequer abordado o assunto na terapia, mas explicava muita coisa. Os ataques agressivos de Maria, a sua atitude desdenhosa. Claro que Vincent suspeitara que eram mecanismos de defesa, mas nunca a ouvira dizer aquilo abertamente antes. E magoava-o que ela se sentisse assim.

— Vincent Walder, *The Master Mentalist* — disse Maria, e limpou um cabelo invisível da sua camisa. — O homem que todos querem. Sabes que é muito difícil estar à tua altura.

— Devias vir a um dos meus espetáculos ou a uma palestra — respondeu Vincent. — Assim ias poder ver que sou o homem que todos querem *observar*. A uma distância segura. É uma grande diferença. — Vincent pousou a mala do portátil no chão e agarrou o rosto de Maria com as duas mãos. — E em relação ao esquecer, é precisamente o contrário. Pensei que isso fosse óbvio. A única coisa que me faz sentir minimamente normal quando estou a trabalhar é saber que vocês estão aqui. Que, aconteça o que acontecer fora daqui, tenho uma família para onde voltar. Sem ti e os miúdos, eu não sou ninguém.

Maria piscou os olhos algumas vezes e esboçou um sorriso. Depois, uma sombra escura passou pelo seu rosto.

— Quando não tens a Mina, queres tu dizer.

Vincent suspirou audivelmente e voltou a pegar na mala. Tinham estado tão perto. Talvez da próxima vez. Na sala de estar, Aston continuava a cantar sobre sexo em grupo quando Vincent saiu pela porta da rua.

— Não estou a perceber, como é que ele foi parar ao jardim Fatbursparken? A Vendela também lá está?

Thomas Jonsmark afastou a mão da maquilhadora e virou-se para Ruben. A Polícia demorara vários dias a conseguir marcar um encontro com o grande ator; uma vez que Ruben e Peder também não quiseram revelar detalhes sobre o caso ao agente de Jonsmark, era algo que Thomas deveria ser o primeiro a ouvir.

— Querem que estejas pronto daqui a dez minutos — disse a maquilhadora discretamente.

— Vão ter de esperar — respondeu Thomas bruscamente, passando a mão pelo seu cabelo escuro e grosso. — Importas-te de nos deixar sozinhos?

Ruben olhou com inveja para a famosa juba de cabelo. Se ele próprio se considerara um mulherengo ao longo dos anos, mal se podia comparar com Thomas Jonsmark, que era não só a grande estrela de cinema e televisão da Suécia, como também o objeto das fantasias sexuais de todas as mulheres suecas.

Durante várias décadas, os seus romances tanto com mulheres famosas como com desconhecidas tinham alimentado inúmeras páginas das revistas cor-de-rosa. E Dexter era seu filho. Fora o seu único filho, corrigiu-se Ruben em pensamento. Por um breve momento, sentiu um aperto no coração.

Viu o rosto de Astrid à sua frente e, durante os segundos em que foi subitamente assaltado por uma sensação de que algo lhe poderia acontecer, sentiu-se como se estivesse em queda livre. Sacudiu-se discretamente para se livrar da sensação. Aquele era um abismo que não conhecera de todo, e não sabia muito bem como lidar com ele.

— Infelizmente, ainda não conseguimos encontrar a sua ex-mulher — disse Peder. — E também não foi nada fácil entrar em contacto consigo.

— Ex-namorada — corrigiu-o Thomas, e Ruben apanhou o ator a observar a barba de Peder. — Eu e a Vendela nunca fomos casados. O

Dexter foi... Eu e a Vendela tivemos um romance bastante curto, para ser sincero. O Dexter foi um acidente. Pelo menos do meu lado.

Thomas deixou a insinuação pairar no ar. Aquele não era um assunto desconhecido, pensou Ruben ao recordar-se de uma longa série de títulos de jornais e revistas. O ambiente entre Thomas e Vendela parecia ter sido amargo desde o início, com acusações duras de ambos os lados. E tudo se complicara mais pelo facto de Vendela lutar com questões de saúde mental, o que também fora tornado público.

— Conhecemo-nos na rodagem de um filme; ela era consultora e ia ajudar-me a preparar-me para o meu papel no *Crepúsculo Sangrento*. Sabem, aquele pelo qual ganhei o prémio?

Thomas voltou a passar a mão pelo cabelo. Ruben assentiu com a cabeça, mas não tinha qualquer referência nem sobre o filme nem sobre o prémio. A não ser que Bruce Willis, Tom Hardy ou Dwayne Johnson entrassem, provavelmente não o teria visto.

— Ela era mesmo muito, muito bonita. E forte. Daquela maneira frágil. Apaixonei-me de imediato.

Uma jovem rapariga com um auscultador na orelha enfiou a cabeça pela porta.

— Precisam de ti em cena daqui a nada.

Thomas enxotou-a com a mão e a rapariga fechou a porta com ar amedrontado.

— Pode falar-nos sobre o desaparecimento da Vendela e do Dexter?
— perguntou Peder. — Ou daquilo que tem conhecimento, pelo menos.

— Bem, como disse, nós não vivíamos juntos, nunca vivemos. E quando a Vendela estava hospitalizada, o Dexter ficava sempre com a mãe dela. Mas desta vez a Vendela tinha acabado de ter alta.

— Ficou preocupado? — perguntou Ruben.

Thomas refletiu sobre a pergunta durante algum tempo, enquanto

puxava uma cutícula.

— Não, acho que não fiquei. A Vendela sempre teve queda para o dramatismo; já tinha feito algumas tentativas de suicídio ao longo dos anos, mas foi sempre mais... mais teatro do que outra coisa.

— Ameaçou, desta vez? — perguntou Ruben. — Matar-se?

— Sim, bem, devo ter recebido uma mensagem. Acho que ela tinha visto um artigo qualquer sobre a minha nova namorada, uma modelo fotográfica brasileira. E, como de costume, ficou passada. Só que, ao longo dos anos, aprendi que o melhor nestas situações é ignorar.

Thomas encolheu os ombros. Uma madeixa de cabelo caiu sobre a sua testa e Ruben não pôde deixar de pensar que percebia o que atraía todas aquelas mulheres.

— Aconteceu alguma coisa de invulgar no dia em que eles desapareceram? — perguntou Peder, coçando a barba.

Ruben ponderou como dizer-lhe o mais claramente possível que estava na hora de rapar aquela criatura.

— Não. Foi só quando a mãe da Vendela me telefonou a dizer que o Dexter não tinha ido ao jardim de infância e que não conseguia falar com a Vendela que eu comecei a ficar preocupado. Isso já era invulgar.

— E depois encontraram a carta no apartamento? — perguntou Peder.

— Sim, a mãe da Vendela tem uma chave; então fomos lá os dois e vimos a carta em cima da mesa da cozinha. Bem, não era exatamente uma carta, só dizia «adeus», nada mais.

— Levaram-na a sério nessa altura?

Ruben sobressaltou-se com uma batida furiosa na porta. Uma mulher mais velha com ar severo abriu a porta imediatamente depois de bater.

— Tens de vir agora!

— Mas é a Polícia que está aqui. Encontraram o Dexter — disse

Thomas bruscamente.

A mulher ficou pálida e em silêncio. Depois assentiu com a cabeça.

— Levem o tempo que for preciso — disse ao fechar a porta. — Vou avisar a equipa.

— Para responder à vossa pergunta, não, não a levámos a sério na altura. — Pela primeira vez, a máscara do ator descaiu ligeiramente e Ruben viu algo parecido com tristeza genuína. Mas, logo de seguida, a máscara recompôs-se novamente. Como se a vida fosse um papel a desempenhar. — Só quando eles não voltaram para casa à noite é que percebemos que podia mesmo ter acontecido alguma coisa. E foi aí que contactámos a Polícia. O resto vocês já sabem. Ela foi vista pela última vez quando embarcou no *ferry* para Tallinn. E testemunhas disseram que a viram com um rapaz, apesar de só ter comprado uma passagem de adulto. E depois nunca chegaram a sair do *ferry* em Tallinn.

Thomas começou a puxar a cutícula novamente.

— Voltámos a falar com essas testemunhas. Agora, antes de falarmos consigo. E já não tinham tanta certeza se o rapaz que viram estava na companhia dela. Acreditamos que a Vendela entrou no *ferry* sozinha, e que provavelmente se atirou ao mar, mas que o Dexter não estava com ela.

Peder olhou compassivamente para Thomas, que parecia afundar-se mais e mais na cadeira giratória a cada nova informação que recebia. A sua maquilhagem estava quase completa, e Ruben viu de perto que a pele do homem estava coberta de base e que as sobrancelhas tinham sido preenchidas com cor. Detalhes que nunca se notavam no ecrã da televisão.

— O quê? Mas como? E porque é que ele foi encontrado no Fatbursparken?

— Isso ainda não sabemos — respondeu Ruben. — Lamentamos informá-lo de que o Dexter foi assassinado, mas ainda não sabemos por quem. Não podemos excluir a possibilidade de ter sido a Vendela,

mas, por razões que não podemos aprofundar, não acreditamos que tenha sido a sua ex-mu... a sua ex-namorada que matou o vosso filho.

— As crianças... — disse Thomas com a voz abafada, e a sua pele ficou pálida por baixo da camada de pó facial. — As crianças nas notícias.

— Como disse, não podemos revelar detalhes neste momento — disse Peder.

Ambos os polícias se levantaram.

— Se se lembrar de alguma coisa, seja o que for que possa ser relevante, não hesite em entrar em contacto connosco.

Peder pousou a mão no ombro de Thomas. Quando saíram, Ruben viu pelo canto do olho que o ator rodou a cadeira e ficou a olhar para o espelho.

— Aqui está bom — disse Nathalie. — É melhor não nos aproximarmos muito.

Karl assentiu com a cabeça, encostou o carro à berma do passeio e desligou o motor. Estavam na avenida Karlavägen, a dois quarteirões do apartamento do pai de Nathalie na rua Linnégatan. Àquela distância estariam provavelmente a salvo do seu olhar vigilante.

— Queres que vá contigo? — perguntou Ines.

— Acho que não é boa ideia. É melhor eu fazer isto sozinha, vocês podem esperar aqui.

Nathalie pôs a mochila às costas, saiu do carro e dobrou rapidamente a esquina para a rua Jungfrugatan. A questão era saber o que é que os seguranças do pai saberiam exatamente. Ter-lhes-ia dito que ela estava desaparecida? Se fosse esse o caso, iriam telefonar-lhe no preciso momento em que a vissem. Porém, não havia nada a fazer em relação a isso, teria de lidar com a situação quando ela surgisse. Entrou na rua Linnégatan e viu um carro preto estacionado em frente ao prédio. Podia ser apenas um carro particular, mas também poderiam estar ali os seguranças do pai. Nathalie não tinha forma de saber. Não obstante, ninguém apareceu quando entrou sorrateiramente pela porta do prédio.

Nathalie subiu os quatro andares pelas escadas, em vez de apanhar o elevador. A antiga grade de ferro fundido do elevador fazia um som característico que se ouvia no interior do apartamento, e não queria alertar o pai para movimentos no prédio. Parou do lado de fora da enorme porta de madeira preta do apartamento e ficou à escuta, ouvindo os barulhos característicos do pai na cozinha. Era provável que estivesse a preparar um jantar desnecessariamente elaborado, apesar de estar sozinho em casa. Nathalie não percebia o que o levava a ser tão exagerado na cozinha.

Colocou muito devagar a chave na fechadura, abriu a porta e entrou silenciosamente. Do corredor, conseguiu ver as costas do pai. Estava de pé com um pano de cozinha ao ombro a provar o molho,

certamente feito com quatro variedades diferentes de malaguetas frescas, enquanto possivelmente verificava a temperatura da carne grelhada, ao mesmo tempo que selecionava entre os tomates cultivados em casa. Nathalie nunca compreendera por que motivo o pai não tinha aberto um restaurante, se gostava assim tanto de estar de volta da comida.

Esgueirou-se até ao seu quarto, onde o pequeno baú do tesouro estava, em cima da cómoda. Era preto, feito de cerâmica, e tinha uma caveira prateada na tampa. Nathalie abriu-a e olhou para o conteúdo; pareceu-lhe que havia consideravelmente mais do que as dez mil coroas de que falara à avó. Sentiu-se orgulhosa quando pensou em quão feliz a avó ficaria e guardou a caixa dentro da mochila. Depois abriu a gaveta de cima e pegou em todas as cuecas e meias limpas que tinha. Ponderou também levar um par de calças de ganga, mas não precisava; afinal de contas, Ines dava-lhe toda a roupa de que precisava, à exceção da roupa interior. Por outro lado, lembrou-se de procurar o carregador do telemóvel. Depois foi silenciosamente até à casa de banho, para ir buscar a sua bolsa de *toilette*, e por fim guardou tudo na mochila.

Caminhou de volta pelo corredor da mesma forma silenciosa como entrara. Ouviu o som crepitante das frigideiras na cozinha e sentiu o estômago arder. Deteve-se à porta da cozinha; o pai estava parado a poucos metros de distância. Nathalie podia simplesmente entrar e ir ter com ele. Sabia que o pai ficaria extremamente feliz por vê-la. E poderia comer a quantidade de comida que quisesse.

Nathalie olhou para as suas mãos, onde uma linha cor-de-rosa e dorida ainda percorria os seus dedos. Vinha um cheiro mesmo bom da cozinha. Poderia tão facilmente voltar aos velhos tempos; a única coisa que teria de fazer era passar o limiar da porta.

Porém, se o fizesse, sabia que provavelmente não voltaria a ver a avó. E Ines precisava dela. Os outros precisavam dela. Eles eram agora a sua família, não o homem que estava na cozinha.

Esgueirou-se rapidamente pela porta da rua e fechou-a atrás de si

com um clique silencioso.

— Vejam só, o nosso cliente de honra! Tinha acabado de me perguntar se viria hoje; afinal de contas, é sábado.

O chefe de sala sorriu abertamente para ele e Christer engoliu em seco. Talvez tivesse sido má ideia. Uma muito, muito má ideia. Não era tarde demais para se arrepender; podia dar meia-volta e ir-se embora.

Enfim... já que ali estava, podia perfeitamente aproveitar e comer o seu arenque e beber a sua cerveja. E depois ir-se embora.

— Vamos, a sua mesa até está livre. Avançamos já com o pedido do costume?

O chefe de sala foi à frente de Christer para o grande salão. Os clientes do almoço murmuravam suavemente; o restaurante Ulla Winbladh era um sítio onde se falava com vozinha de interior, como a sua mãe costumava chamar-lhe.

Só de pensar na mãe, Christer quase perdeu o fôlego. Ela nunca aceitara os pensamentos que passavam constantemente na sua cabeça, dia e noite, às voltas e voltas. A mãe não aceitara nada disso. Mas agora ela já não estava presente, recordou Christer a si próprio. A mãe podia guardar as suas opiniões para si mesma; ele tinha todo o direito de viver a sua vida como bem quisesse.

Só precisava de ganhar coragem.

Christer deu um passo atrás e espreitou pela janela. *Bosse* tivera de o acompanhar hoje; Christer teria de declarar falência se fosse obrigado a sacrificar mais móveis. O cão estava preso a um estacionamento de bicicletas à sombra. Com uma tigela de água ao lado, que Christer levaria. Mesmo assim... Talvez estivesse demasiado calor para ele, talvez devesse...

— Aqui estamos, mesa posta. Precisa de ver a lista?

O sorriso do chefe de sala iluminou o espaço já de si ensolarado e Christer sentou-se desajeitadamente à mesa.

— Arenque — murmurou com o olhar colado à toalha. — E uma cerveja.

— O costume, portanto. Pois, se me perguntarem a mim, também digo que é a melhor coisa do menu. Porquê arriscar, então? Isso são coisas da juventude.

Só da juventude de alguns, pensou Christer. O riso do chefe de sala ecoou pelas paredes e provocou-lhe um nó no estômago. Parecia que conseguia ler os seus pensamentos. Christer ergueu o olhar. Depois, com a voz a tremer ligeiramente, disse:

— Já agora e a propósito de juventude, tinha razão, a semana passada. — O chefe de sala semicerrou os olhos para ele com uma expressão que Christer recordava perfeitamente. Sentiu um calor espalhar-se por dentro e respirou fundo. — Perguntou-me... E sim, já nos vimos antes. Mais do que isso, na verdade. — Não foi mais longe do que aquilo antes de o pânico o dominar. Que raio estava a fazer? Levantou-se repentinamente e, no processo, quase derrubou a cadeira e a mesa. — Oh, desculpe, tenho mesmo de atender! — disse, agitando o telemóvel claramente desligado no ar. — É um assunto policial.

Desculpou-se novamente e saiu de lá a correr, sempre a sentir o olhar do chefe de sala a queimar-lhe as costas.

Peder estava a transpirar profusamente sob a cartola. A festa de aniversário de Casper decorria a todo o vapor na tarde de domingo, e dez pares de olhos de crianças, onde as trigêmeas com os seus dois anos e meio eram as mais novas e o primo Casper que fazia cinco era o mais velho, observavam-no com uma expressão desconfiada.

Depois de as crianças terem comido o bolo de aniversário, Peder fizera a sua entrada com a cartola e a barba pintada de azul. Insistira que não era Peder, mas sim Pedro, o irmão secreto de Peder. As crianças ficaram muito divertidas, e, quanto mais gritavam que ele era o Peder verdadeiro, mais ele insistia que não era, e as trigêmeas riram-se a bandeiras despregadas da sua barba azul.

O som da alegria delas enchia-o com tanto amor que pensou que ia explodir, mas também o enchia de ansiedade. As palavras de Vincent sobre a probabilidade de haver outro rapto dali a poucos dias continuavam a ecoar nos seus ouvidos desde a reunião da semana anterior. Peder identificara a criança encontrada no jardim Fatbursparken, o que fora um passo importante, e também tinham analisado todas as listas de crianças desaparecidas duas e três vezes para se certificarem de que não tinham deixado escapar nada. Adam escrutinara toda a informação que tinham de Skeppsholmen; passaram toda a semana a preparar-se o melhor que podiam.

Ao mesmo tempo, não faziam a mínima ideia do que esperar da quarta-feira seguinte. Ou de onde deviam procurar antes disso. E claro que a Polícia não tinha recursos suficientes para colocar um agente a vigiar cada jardim de infância da cidade. Emitir um aviso geral também estava fora de questão; isso apenas aumentaria o pânico já desenfreado entre os pais de crianças pequenas da cidade, e, mais cedo ou mais tarde, alguém iria magoar-se. Era como se a Polícia estivesse entre a espada e a parede, não conseguiam mover-se para lado nenhum. Porém, se não fizessem nada, uma criança desapareceria dali a três dias.

Poderia até ser Casper. Ou uma das trigêmeas. Ou qualquer uma das crianças da festa. A probabilidade de ser uma delas era a mesma que a

de ser outra criança qualquer. Por isso Peder tinha de as salvar a todas, só não fazia a menor ideia como.

E agora estava ali. A fazer truques.

Começara por fazer uma bola vermelha desaparecer, um truque recebido com um entusiasmo muito comedido. Depois fizera um chapéu de papel para Casper, altura em que as trigêmeas começaram a contar às outras crianças o que acontecera às fadas Winx. E o chapéu de papel era demasiado pequeno para caber na cabeça de Casper. Tinha apenas alguns segundos até o colapso ser um facto consumado e eclodir uma guerra de bolo. Estava na hora de recorrer à arma secreta, o truque de magia que Vincent lhe ensinara. Peder não tivera tempo de o treinar em casa primeiro, teria de o fazer de acordo com as instruções, não tinha escolha.

— E agora, senhoras e senhores, o último e mais perigoso truque — disse em voz alta para se fazer ouvir por cima da discussão sobre as Winx. — O truque que me fez ficar com a barba azul da primeira vez que o fiz.

As crianças ficaram em silêncio quando ouviram a palavra «perigoso». Apanhara-as. Pelo menos durante alguns minutos. Olhou para a folha com as instruções, depois pegou em dois grandes lenços amarelos e amarrou-os um ao outro.

— Dois grandes lenços — anunciou. — Que o Peder... quero dizer, o Pedro, claro, vai amarrar pelas pontas num nó apertado. É importante que estes lenços estejam num sítio onde ninguém possa fazer alguma palermice com eles. Felizmente, tenho o esconderijo perfeito.

Peder amachucou a parte com o nó e enfiou-a abruptamente nas calças, deixando os lenços pendurados para fora da cintura.

— *Blhec*, estão dentro das calças dele — gritou uma das crianças, e as outras explodiram em gargalhadas.

Peder sentiu subitamente que também estava a divertir-se; era aquilo que Vincent queria dizer com entretenimento em vez de

truques. Peder olhou para as instruções novamente e pegou num terceiro lenço, agora vermelho, que mostrou às crianças com os movimentos mais dramáticos que conseguiu. As crianças mais velhas riram-se baixinho. Depois, pôs o lenço vermelho dentro da cartola e colocou-a na cabeça.

— Se agora gritarem todos «abra-cadabra-sim-sala-bim», o lenço vermelho vai desaparecer da minha cartola e aparecer amarrado aos lenços amarelos — anunciou teatralmente. — Dentro das minhas calças!

As crianças riram-se novamente.

— Abra-cadabra-sim-sala-bim! Todos aos mesmo tempo!

— Abra-cabra-salimbim — gritaram as crianças umas por cima das outras.

Peder sorriu com uma autoconfiança e um orgulho exagerados, pegou nas pontas dos lenços amarelos e puxou-os da cintura, ao mesmo tempo que separou os dois pedaços de pano.

— Tcha-rãããã! — anunciou.

Fez-se um silêncio absoluto. Depois, a sala irrompeu em gargalhadas. Casper agarrou-se à barriga e riu-se até as lágrimas lhe escorrerem dos olhos.

— Oh, Peder! — exclamou Anette com um ar chocado. Mas também ela estava com um sorriso de orelha a orelha, e a irmã, ao seu lado, irradiava felicidade.

Vincent sabia realmente do que estava a falar. Peder olhou para os lenços com surpresa fingida: entre os dois pedaços de tecido amarelo estava pendurado um par de cuecas velhas.

Provavelmente, iria ter algumas coisas para explicar ao pessoal do jardim de infância das trigêmeas, que certamente contariam a todos os amigos sobre a vez em que o pai tirou as cuecas numa festa de crianças. Não obstante, valera a pena. Era o herói delas. E naquele preciso momento não havia nenhum mal no mundo. Ele, Peder, afugentara-o.

As gargalhadas das crianças continuaram a ecoar nos seus ouvidos muito depois de a festa acabar.

QUINTA SEMANA

Benjamin fora buscar o correio. A pequena pilha em cima da mesa da cozinha era formada pela revista de sócios do clube de Lego de Aston, alguns avisos sobre amostras de produtos que Maria tinha de ir levantar, assim como um envelope endereçado a Vincent. Não era muito para uma segunda-feira, as férias de verão estavam claramente em curso.

Vincent percebeu de imediato o que era o envelope, apesar de ter chegado seis meses antes do tempo. Retirou o autocolante do Pai Natal que selava o envelope e despejou os pedaços de papel em forma de peças de *Tetris* sobre a mesa. Quando viu as peças, a sensação de ansiedade que tivera com os outros quebra-cabeças voltou em alta velocidade. Desta vez, a sensação foi ainda mais forte. Por que motivo recebera aquilo agora, a meio do verão? O que mudara?

Vincent sobressaltou-se quando abriu o postal de Natal em anexo. Não vinha em branco, como anteriormente; desta vez trazia uma mensagem manuscrita.

Parece que não aprendes. Cansei-me de esperar, por isso o Ossian terá de ser o ómega. (Uma aliteração vulgar, mas há uma certa poesia no significado.) E lembra-te de uma coisa: não tens ninguém a quem culpar senão a ti próprio. Podias ter escolhido outro caminho, mas não o fizeste.

Então, chegámos ao teu ómega.

O princípio do teu fim.

P.S.: Se estás a perguntar-te o motivo pelo qual recebeste o quebra-cabeças agora, é porque o ómega, como tu sabes, é a vigésima quarta letra do alfabeto grego. E 24 dividido por 2, tu e eu, dá 12, o que fica 24/12, ou seja, véspera de Natal. Por isso, feliz Natal antecipado.

Vincent sentiu o pescoço tenso, como se um inseto rastejasse pelo seu cabelo curto. Ómega. Era um pensamento desconfortavelmente parecido com o que ele tivera quando Julia falara sobre Ossian na conferência de imprensa. Vincent pensara que ómega seria o dia do

juízo final. O fim de tudo. E depois ainda havia aquela contagem até ao Natal em tom de conclusão, precisamente o tipo de coisa com que ele costumava distrair-se a si próprio. Alguém sabia demasiado bem como ele funcionava. Não apenas isso; parecia que tinha alguém a viver dentro da sua mente com acesso direto aos seus pensamentos. *Tu e eu*. Sentiu um arrepio na espinha.

A ansiedade e a preocupação despertaram a sombra dentro dele. Era a última coisa que precisava naquele momento; se cedesse à escuridão, não serviria de ajuda a ninguém. Em vez disso, concentrou-se em resolver o quebra-cabeças, uma atividade que ativaria os lobos frontais do seu cérebro e que manteria o centro emocional da amígdala sob controlo. Não podia dar-se ao luxo de se deixar sufocar. Não agora.

As peças de *Tetris* foram mais difíceis de encaixar desta vez, provavelmente um sinal de alerta de que estava realmente a ser invadido por hormonas de *stress* e adrenalina, que sufocavam a capacidade de pensamento racional. Vincent engoliu, tinha a garganta tão seca.

Finalmente, conseguiu construir uma forma irregular; tal como as outras, estava cheia de buracos. E, tal como as outras, tinha uma mensagem:

«Ritualizado? Agarra-me!»

Ritualizado.

Rituais.

Nova falara sobre elementos rituais nos homicídios. E o *Knight's Tour* era definitivamente um comportamento ritualizado. Viriam os quebra-cabeças do assassino?

Agarra-me!

Seria um desafio, em que o assassino convidava Vincent a capturá-lo? Teria esse desafio existido sempre, desde o primeiro quebra-cabeças? Um quebra-cabeças que, nesse caso, recebera na sua caixa de correio seis meses antes de Lilly, a primeira vítima do assassino, ser

encontrada.

Vincent foi invadido por um pensamento terrível: e se Lilly, William, Dexter e Ossian fossem todos apenas um desafio dirigido a ele? E se o assassino fosse um dos seus admiradores, que lera sobre ele no jornal e decidira criar o derradeiro quebra-cabeças para ele resolver? Ele próprio talvez fosse a razão pela qual quatro crianças estavam mortas. Apenas porque não levava a sério uns votos natalícios. A ideia era demasiado hedionda para sequer se aproximar dela.

A mensagem no cartão parecia-lhe profundamente pessoal. *Podias ter escolhido outro caminho. Não tens mais ninguém a quem culpar senão a ti próprio.* Isto era de alguém que estava desapontado com ele.

Vincent olhou para o texto novamente. Um analista de caligrafia dissera que as maiúsculas pontiagudas sugeriam uma pessoa intensa e altamente inteligente, e que a forte inclinação das letras revelava emoções fortes, à beira da agressividade. Os «O» fechados também indicavam que a pessoa era introvertida e retraída, enquanto os «L» estreitos indicavam um autocontrolo consciente.

A conclusão era que se tratava de uma pessoa hiperinteligente e introvertida, que tentava controlar-se, mas que estava prestes a explodir emocionalmente.

Vincent foi buscar um copo de água e voltou a olhar para as duas palavras do quebra-cabeças. Um ponto de interrogação e um ponto de exclamação. «Ritualizado? Agarra-me!» Desta vez, iria resolvê-lo. Depois de encontrar um rolo de fita-cola numa gaveta da cozinha, colou cuidadosamente as peças umas às outras para que não se movessem. Depois, foi buscar os outros dois *puzzles* de *Tetris* à gaveta da secretária do escritório, juntou-os e também os colou com fita-cola. Colocou as três mensagens crípticas umas ao lado das outras.

Saudações, Tim ganancioso!

Maria estragada no ouro.

Ritualizado? Agarra-me!

Bebeu um trago profundo de água. O líquido estava frio e permitiu-lhe respirar mais facilmente. Dezoito letras em cada mensagem. Exatamente as mesmas letras em cada mensagem. Vincent soltou um suspiro; agora não lhe restavam quaisquer dúvidas, o anagrama é que interessava. Era essa a chave. A única questão era descobrir a verdadeira mensagem. Estava à sua frente, algures no meio daquelas letras, sem que ele a visse.

Bebeu mais água e lançou um olhar ao relógio. Maria estava com Kevin. Rebecka, Benjamin e Aston estavam na praia. Vincent tinha a certeza de que Aston seria o único a tomar banho; custava-lhe acreditar que Benjamin fosse à água, tendo em conta que Rebecka levava duas amigas. Fosse como fosse, levaria pelo menos uma hora até que alguém chegasse a casa e pedisse a Vincent que explicasse o que estava a fazer.

Vincent foi ao quarto de Aston buscar o jogo *Scrabble* do filho. Despejou as letras todas em cima da mesa da cozinha e escolheu as que faziam parte das mensagens. Dezoito letras. Dava 6402373705728 000 combinações possíveis. Vincent começara por fazer o cálculo mentalmente, mas até o cérebro lhe doía. Acabara por ter de utilizar um programa chamado Wolfram Alpha para chegar ao número exato. E depois fora obrigado a recorrer ao Google para saber como ler o número por extenso. Seis mil e quatrocentos biliões. A partir de dezoito pequenos quadrados de *Scrabble*. Era o suficiente para ficar com o cérebro a ferver.

Felizmente, não havia tantas combinações possíveis quando se pedia que os blocos de letras formassem palavras compreensíveis. Porém, continuavam a ser algumas centenas de milhares, embora um pouco menos se filtrasse por palavras todas provenientes do mesmo idioma, como o sueco. E menos ainda se tivessem de formar uma sintaxe significativa. E, finalmente, ainda menos se fossem palavras que tivessem significado para ele pessoalmente. E Vincent acreditava que teriam. Portanto, ainda tinha hipóteses de resolver o enigma. Teoricamente.

Começou a colocar algumas das dezoito peças ao calhas. Palavras curtas e simples, para começar.

AVE

AGIR

ACABAR

ACABADOS

«Acabados» tinha oito letras, nada mal. No entanto, só lhe daria oito pontos no *Scrabble*. Além disso, era pouco provável ser uma das palavras certas. Vincent tentou palavras mais curtas novamente.

MARCA

MASCAR

MAGIA

Tinha ali qualquer coisa. «Magia.» Poderia ser uma ligação a ele. Talvez a pudesse combinar com alguma das outras palavras curtas?

MAGIA

ACABA

Vincent olhou fixamente para as letras e teve dificuldade em engolir. Subitamente, compreendeu o que seria o resto da mensagem. Mas não poderia ser assim. Não *queria* que fosse assim.

Ao mesmo tempo, sabia. Tivera razão, a solução era tornar tudo pessoal. Das mais de seis mil biliões de soluções, só havia uma possível. Uma única que era sobre ele. A sombra dentro de si levantou-se do lago da sua infância e amontoou-se no horizonte. Ameaçava cair em cima dele a qualquer momento. Vincent queria atirar os três quebra-cabeças colados com fita-cola para o caixote do lixo, fingir que não existiam. Mas precisava de saber. Voltou para o escritório e procurou o envelope A4 castanho que recebera de Ruben quase dois anos antes. Aquele que continha o artigo do jornal *Hallandsposten*, sobre a morte da sua mãe.

Vincent pensara que fora Jane quem o enviara para Ruben, numa tentativa de o incriminar na investigação, mas Jane não sabia do que

ele estava a falar quando Vincent lhe mencionara o artigo. Então, compreendeu porquê.

A sombra rugiu, ensurdecadora, no horizonte. E a sensação de ansiedade no seu estômago juntou-se ao coro.

Retirou o artigo do envelope e colocou-o ao lado do *Scrabble*. De seguida, colocou as peças com as letras, uma a uma, em cima do título grosso que se entendia por toda a página. A sua mão tremia enquanto alinhava as letras. Encaixavam-se perfeitamente. Os três quebra-cabeças eram anagramas de uma frase que ele esperara nunca mais voltar a ver.

MAGIA ACABA EM TRAGÉDIA!

Não havia a mínima hipótese de ser uma coincidência; a pessoa que lhe enviara os quebra-cabeças nos últimos natais, e agora também durante o verão escaldante, era a mesma pessoa que tinha enviado o antigo artigo de jornal a Ruben, dois anos antes. Alguém que já nessa altura sabia mais sobre ele do que a maior parte das outras pessoas.

Alguém que não era Jane.

Não obstante, Vincent não fazia a mais pequena ideia de quem poderia ser. Voltou a observar a mensagem escrita à mão.

Chegámos ao teu ómega. O princípio do teu fim.

Mas o seu fim de quê? Um ómega tinha sempre um alfa, um início. Se aquilo era o ómega de Vincent, então qual era o seu alfa? O que teria ele iniciado que o assassino queria agora terminar? Não poderia proteger-se enquanto não soubesse. E a escuridão dentro de si dizia-lhe que não lhe restava muito tempo.

Para variar, almoçou no restaurante da sede da Polícia. O ar condicionado do local era mais apelativo do que ter de caminhar até ao restaurante da esquina com aquele calor. Além disso, sendo terça-feira, o prato do dia era panquecas de batata, algo que Ruben considerava ocupar o segundo lugar na sua tabela de gastronomia. Desde que fossem servidas com entremeada e geleia de arando, como mandava a receita tradicional. No máximo, com compota de maçã. Mas definitivamente nada de camarões ou qualquer outra invenção estúpida que alguns restaurantes insistiam em fazer. Porquê tentar melhorar algo que já era perfeito?

O grupo estava em alerta máximo, preparado para amanhã, dia em que o sequestrador atacaria novamente. A não ser que eles o impedissem. Ruben esperava sinceramente que Vincent estivesse errado desta vez. Que tudo tivesse realmente acabado.

O almoço foi uma interrupção bem-vinda à frustração de não chegarem a lado nenhum; porém, a sensação de conseguir respirar mais à vontade por alguns segundos desapareceu quando viu Gunnar e os outros colegas da patrulha. Estavam sentados numa mesa no interior do restaurante, mas a oportunidade de os ignorar desapareceu quando Gunnar acenou para que Ruben fosse ter com eles. Ruben praguejou para si próprio, encaminhou-se em direção aos colegas e pousou a bandeja na mesa.

— Ouvi dizer que tens uma filha — comentou Gunnar a rir quando Ruben se sentou. — Quem diria!

Mas como raio é que a bisbilhotice corria tão depressa naquela casa? Tinha a certeza de que fora Peder a espalhar a notícia, extasiado por contar com mais um pai no grupo.

— Sim, chama-se Astrid — respondeu Ruben. — Tem dez anos.

Ruben cortou uma das panquecas, expectante por ouvir o som crocante da crosta frita. Estava um pouco mole, mas teria de servir quando a alternativa era uma caminhada debaixo de trinta graus de temperatura. Mais valia uma panqueca de batata mole.

— Porra, Ruben, uma filha! — disse Gunnar. — Pensei que tinhas cuidado. Mas, claro, é verdade que ninguém quer comer bananas com casca.

Ruben enfiou rapidamente um grande pedaço de entremeada na boca como desculpa para não responder. Um pequeno pedaço da geleia de arando caiu do garfo e aterrou-lhe no peito, na camisa branca. Merda para aquilo! Aparentemente, Gunnar não tinha terminado.

— Dez aninhos, dizes tu... — Riu-se. — Espera só até ela começar a trazer as amigas para casa daqui a cinco anos. Os reбуçados que vais ter em casa.

Ruben engoliu o pedaço de carne e sorriu pacientemente.

— Queres dizer como o teu filho? — perguntou-lhe.

— O quê? — disse Gunnar com uma expressão confusa no rosto.

— Sim, então o Filip não tem dezasseis agora? — continuou Ruben, enquanto colocava cuidadosamente um pouco da geleia de arando no garfo. — Porque é que não o trazes aqui, a ele e aos amigos? Devemos ter aqui umas quantas colegas mulheres que iam adorar desembrulhar o reбуçado dele, ou lá isso que tu disseste. E colegas homens também, já agora; a orientação sexual deixou de ser um problema.

O sorriso de Gunnar congelou e depois desapareceu.

— Que raio é que estás para aí a dizer?!

Gunnar começava a ficar com o rosto vermelho como um tomate. Pelo canto do olho, Ruben reparou que os outros colegas tinham parado de comer. Provavelmente, estavam a pensar que teria sido mais interessante assistir à cena com um pacote de pipocas. Ruben lançou um olhar a Gunnar como que a fazer-se desentendido.

— O que foi? — perguntou em tom inocente. — Então não era isso que estavas a dizer?

— Claro que não é nada a mesma coisa! O Filip é... ele é...

— É exatamente a mesma coisa — respondeu Ruben, e levantou-se

da mesa com a bandeja na mão. — Vai à merda, Gunnar!

Ruben virou costas e foi-se embora. O silêncio atrás dele era ensurdecedor.

Era melhor inscrever Astrid num curso de autodefesa. *Krav maga*, por exemplo. Havia demasiados Gunnars no mundo.

Eu bato-lhe e tento soltar-me, mas não resulta. Primeiro ele tapa-me a boca para eu não conseguir gritar, mas então eu mordo-o com toda a força. Ele diz palavras muito feias, por isso deve ter doído muito. Bem feita. Mas ninguém vem atrás dele quando ele me pega ao colo. Ou então vem, estão ali muitas pessoas. Muitas a ver. Mas ele corre depressa. Eu dou muitos pontapés no ar, mas ele continua a correr. Põe-me no carro.

No carro já não tenho coragem de lhe bater, porque se ele perder o controlo do carro podemos morrer. Em vez disso, começo a gritar. Grito o tempo todo. Ele não consegue tapar-me a boca enquanto está a conduzir, mas também não pára. Fico quase sem voz, mas continuo a gritar.

Não posso estar no carro dele. Eu ia comprar um gelado, ainda tenho o dinheiro da mãe na mão. Tenho de lhe dar o troco quando voltar para casa com o gelado.

Ao fim de algum tempo, dói-me demasiado a garganta para continuar a gritar, então calo-me durante um bocado.

— Não tenhas medo, Wilma — diz ele.

— Eu sei quem tu és — respondo eu então.

Ele sobressalta-se.

— Como... como é que sabes?

— Sei... És um daqueles que leva crianças. Um pelófidio.

— O quê? Não, não, nada disso — responde ele com um ar quase assustado. — Eu não quero fazer-te mal. Pelo contrário. Vais poder nascer outra vez.

— Mas eu não quero! — grito. — Foi uma seca ser bebé. Agora, leva-me para casa!

Fico tão zangada que começo a bater a torto e a direito. Bato no volante, nos braços dele e na cabeça. De repente, ele dá um berro. Um berro muito alto. Fico com tanto medo que começo a chorar. E as minhas calças ficam cheias de chichi.

Julia andava de um lado para o outro pelo corredor. Era quarta-feira, o dia em que Vincent previra que aconteceria outro rapto, e parecia que estavam todos a sustentar a respiração. Como de costume, Julia estava ocupada com uma conversa discreta ao telemóvel, com o tom de voz cortante que guardava especialmente para Torkel.

— Só para ter a certeza de que estou a perceber bem — disse Julia.
— O problema neste momento é que o Harry está finalmente a dormir, mas *tu* não estás a conseguir adormecer?... Se ficares muito, muito quieto, provavelmente vais conseguir ouvir o violino mais pequeno do mundo tocar para ti.

— Julia, eu...

— Não, não fales. Ouve bem. O violino...

Mina apareceu a correr pelo corredor, suficientemente ofegante para Julia perceber que subira as escadas a correr em vez de apanhar o elevador. O que queria dizer que era urgente. Julia desligou a chamada sem se despedir.

— Acabei de falar com a Sara, da análise — conseguiu dizer Mina, ofegante, a agitar um bloco de notas no ar. — Voltou a acontecer, tal com o Vincent previu.

— Ela tem a certeza? — perguntou Julia. — Andamos a receber centenas de relatos por dia sobre crianças que supostamente foram levadas por estranhos. São na maior parte de pessoas que simplesmente viram uma criança com um avô.

— E outra parte são invenções puras — acrescentou Mina. — De pessoas em busca de atenção e com a esperança de poder aparecer nos jornais. Eu sei. Mas a Sara é a melhor analista com quem já trabalhei; tem andado a estudar tudo minuciosamente e sabe do que está a falar. E ela disse que está convencida de que este caso é relevante. De acordo com testemunhas, um homem louro com bigode e óculos de sol foi visto a pegar numa criança ao colo no passeio em frente ao centro comercial Fältöversten, na zona de Östermalm, a correr em direção a um carro e a desaparecer com ela. A menina gritou e resistiu, mas o

homem foi muito rápido. Havia muitos outros adultos por perto; porém, antes de se aperceberem de que não se tratava apenas de um pai a lidar com uma filha birrenta, eles já tinham desaparecido.

Julia olhou fixamente para Mina. Pensou no seu marido, cujo maior problema na vida era não estar a conseguir sincronizar o próprio sono com o do seu filho pequeno. Julia não se incomodava nada em deixá-lo ficar a praticar.

— E os pais não estavam lá? — perguntou.

— Foi isso que convenceu a Sara — respondeu Mina. — Acontece que recebemos outra denúncia pouco tempo depois desta que te contei. Era de um casal, o Jens e a Janina Josefsson. Eu sei, muitos «J» aqui. Eles moram em Fältöversten, mesmo por cima do centro comercial, aliás. Tinham deixado a filha ir comprar um gelado sozinha pela primeira vez. Pensaram que era seguro; o quiosque fica literalmente a dez metros da porta do prédio deles. Mas ela não voltou para casa. Os pais pensaram que ela se teria distraído e perdido a noção do tempo, que tivesse ido sentar-se num banco perto do quiosque a comer o gelado ou que se tivesse perdido dentro do centro comercial, por isso saíram para ir buscá-la. Mas não conseguiram encontrá-la. Em termos de horário, coincide exatamente com o homem que foi visto fugir com uma criança.

Julia sentiu uma tontura. O sequestrador tinha de ter estado à espreita, à espera, à procura da melhor oportunidade. Como é que havia pessoas tão doentes?

— Pelo menos temos uma descrição do carro, é um *Renault Clio* vermelho — disse Mina. — Mas, como o homem não parecia preocupado em ser visto, provavelmente podemos assumir que o cabelo e o bigode eram falsos. E que o carro foi abandonado algures.

Julia deixou-se escorregar até ao chão. Encostou a cabeça à parede e fechou os olhos.

— E isto foi há meia hora, certo? — perguntou. — Porque é que não reagimos mais depressa? Devíamos estar a perseguir esse carro há

vinte e oito minutos, tendo em conta o grau de prioridade que este caso tem.

— Como tu própria disseste, tanto a Polícia como a emergência médica andam a receber este tipo de chamadas a toda a hora — disse Mina, sentando-se ao lado da chefe. — Não é possível enviar alguém para acorrer a todos os relatos assim que eles chegam, esses recursos não existem. Tenho noção de que isto é uma situação de verdadeiro pesadelo e que o assassino se aproveitou disso. Os raptos se calhar até estiveram por trás de muitas outras chamadas, como forma de nos distrair.

Julia assentiu ligeiramente com a cabeça.

— Vou emitir um alerta geral — disse. — Desta vez vamos apanhar esse cabrão. Não vai conseguir esconder-se de nós.

— Vou pedir ao Christer que verifique a descrição na base de dados — disse Mina, começando a levantar-se. — Como disse, acho que devia ser um disfarce, mas nunca se sabe.

— Podes pedir ao Adam e ao Ruben que falem com os pais também?

— Claro que sim.

Julia deteve Mina pondo-lhe a mão no braço.

— A criança — disse Julia. — Como é que se chama a criança?

— Chama-se Wilma.

Vincent odiava a sensação de não poder fazer mais para ajudar. Fora ele quem identificara o padrão da colocação dos corpos das crianças como se estivessem num tabuleiro de xadrez, segundo o modelo de movimentos do cavalo num *Knight's Tour*. Até fora capaz de prever onde e quando o corpo seguinte seria encontrado. Mas de que servia isso quando o que precisavam era de apanhar os responsáveis, e não apenas limpar o que deixavam para trás? E continuava sem fazer a mínima ideia de quem seria o líder; não sabia por que motivo estavam a matar crianças ou como é que as diferentes partes se encaixavam.

E por isso, por não ter descoberto informação suficiente, Wilma estava desaparecida desde a tarde de ontem. A culpa era sua.

Fora Mina quem lhe telefonara a contar sobre o desaparecimento. Porém, Julia não lhe pedira que se juntasse ao grupo, e Vincent compreendia porquê. Tinham confiado nele para resolver o caso. Mina confiara nele. E Vincent desiludira-a.

Benjamin entrou na cozinha; trazia na mão o folheto que Nova dera a Vincent. O olhar de Benjamin estava desfocado, como se estivesse estado freneticamente a pensar em algo.

— Pai, tens um minuto? — perguntou Benjamin em voz baixa, olhando de soslaio para Maria.

Vincent assentiu com a cabeça. Benjamin fez um gesto na direção do seu quarto e dirigiu-se para lá.

Maria mordida a ponta de uma caneta, distraída. Estava profundamente absorta na tarefa de criar um logotipo para a sua loja *online* e encontrava-se noutro mundo. Nem sequer reparou que Vincent se levantara e seguira o filho.

Quando entrou no quarto, Benjamin fechou a porta atrás de si.

— O que se passa? — perguntou Vincent. — Porque é que estás tão misterioso? E não vais tomar o pequeno-almoço?

— Comi mais cedo hoje — respondeu Benjamin. — Mas tu estás com ar de quem não dormiu nada esta noite. Aconteceu alguma coisa?

Vincent assentiu com a cabeça.

— Depois conto-te — respondeu.

— Está bem. Então, eu sei que a Maria não gosta quando falamos sobre a Nova, mas lê lá isto.

Benjamin apontou para o texto publicitário no folheto. Vincent leu o manifesto do Epicura sobre o epicurismo provavelmente pela centésima vez.

A diretriz de Epicuro para a nova era é a mesma de sempre: permita apenas uma ansiedade que passa qual cometa pela estrela, rápida e impercetivelmente. Vida em quietude é vida que purifica. Evite cuidadosamente todo o tipo de dor e não deseje nada, pois vida sem desejo é vida liberta de sofrimento, e que, alternativamente, lhe permite desfrutar do sucesso quando alcança Tudo

John Wennhagen

Vincent suspeitava que John formulara deliberadamente o texto com o intuito de que parecesse mais profundo do que na verdade era. Não que houvesse algo fundamentalmente errado com o epicurismo, mas, de facto, também não era particularmente místico.

— Concordo que é desnecessariamente difuso — disse Vincent. — Mas quanto mais interpretações as pessoas conseguirem fazer da mensagem, maior será a probabilidade de concordarem com ela. Não posso dizer que aprecio a técnica de venda, apesar de ser um clássico.

— Não é isso, olha para o texto em si — disse Benjamin, apontando novamente. — Ignora o significado. Estás a ver o «T» maiúsculo na última palavra? E que não tem nenhum ponto final a seguir? Sempre achei que havia alguma coisa de estranho nisto.

Vincent pegou num livro com o título *How to Make Money in Stocks* que estava em cima da cadeira de escritório de Benjamin e sentou-se.

— Este tipo de folheto raramente é revisto com muita atenção — respondeu Vincent. — Além disso, o texto foi escrito pelo pai da Nova algures nos anos noventa. Assumo que o mantiveram como um tipo de

homenagem a ele, com erros de escrita e tudo.

— Pois, talvez — disse Benjamin. — Porque está precisamente igual no *site* deles. De qualquer forma, comecei a olhar com mais atenção para o texto. Sabes aquele... problema de xadrez... em que andavas a pensar? Quantas casas tem um tabuleiro de xadrez?

Vincent começou a folhear o livro sobre como ter sucesso na bolsa de valores. Acima de tudo, estava interessado em ver que passagens Benjamin marcara como importantes; o mercado de ações fora sempre um mistério para ele.

— Sabes isso tão bem como eu — respondeu enquanto folheava o livro. — Um tabuleiro de xadrez tem sessenta e quatro quadrados.

— Precisamente. E este texto tem sessenta e quatro palavras.

Vincent fechou o livro e olhou para o filho.

— Vamos com calma — disse. — Para começar, não ando a pensar em problemas de xadrez; estou a tentar compreender um assassino em série que ataca crianças. E, neste momento, parece que o assassino utiliza uma estrutura retirada do mundo do xadrez. E sublinho aqui o «parece». Mas isso não quer dizer que a mínima coisa que partilhe uma característica com um jogo de xadrez esteja automaticamente relacionada com os homicídios.

Vincent já andava a pisar gelo muito fino com a equipa da Polícia devido às suas teorias; sabiam que ele estava a trabalhar com base em indícios muito circunstanciais e vagos, suposições puras, na verdade. Se se permitisse a si próprio avançar ainda mais para o interior daquela toca de coelho, acabaria por sair do outro lado do espelho com um enorme chapéu de papel de alumínio na cabeça e sem a sanidade mental completa. Para não mencionar o facto de que Mina nunca mais falaria com ele.

— Provavelmente, conseguia encontrar sessenta e quatro cubos de gelo no congelador — continuou Vincent. — Ou um programa de televisão que estivesse a mostrar um rei e uma rainha neste momento. Queres dizer que também teriam alguma coisa que ver com os

homicídios?

— Percebo o que dizes — respondeu Benjamin, e sentou-se na cama com o seu computador portátil. — Correlação e causalidade não são a mesma coisa, eu sei disso.

— Exatamente. Lembras-te de há uns anos quando as pessoas começaram a dizer que as antenas do 5G faziam mal à saúde e «provaram» isso com mapas que mostravam claramente que os locais do país onde havia mais pessoas doentes também eram os locais onde havia mais antenas 5G?

Benjamin assentiu com a cabeça e acrescentou:

— Que também eram os locais onde havia mais cães, mais carros e até mais pessoas saudáveis, uma vez que esses sítios simplesmente tinham mais população — disse o filho. — Sim, lembro-me. Mas vamos lá fingir que está tudo ligado, nem que seja só por um momento. Pensa nisto como um dos teus espetáculos.

Os olhos de Benjamin brilhavam, não ia ser possível pará-lo. Vincent soltou um suspiro e abriu os braços num gesto de rendição; o filho poderia brincar mais algum tempo. Desde que soubesse que aquilo não era real. Benjamin já tinha aberto a página do Google no computador.

— Já que foi o John Wennhagen quem escreveu o texto, podemos começar por encontrá-lo, então — disse Vincent, e deixou Benjamin inserir o nome na barra de pesquisa.

Benjamin virou o computador portátil para que Vincent pudesse ver o ecrã. «John Wennhagen» gerara cerca de setenta e um mil resultados. Benjamin alterou a pesquisa para «John Wennhagen Epicura», mas só conseguiu resultados de diferentes blogues e páginas de autoajuda que tinham publicado o manifesto ou mencionado o livro de Nova. Nada que os ajudasse a encontrar o próprio John.

— Experimenta escrever «John Wennhagen Estocolmo», em vez disso — disse Vincent.

Mais de cinquenta mil resultados.

— Melhor, mas ainda são demasiados — disse Benjamin. — Ele não tinha uma espécie de quinta nos arredores da cidade? Sabes como é que se chamava?

Vincent negou com a cabeça. Sabia muito pouco sobre a infância de Nova além daquilo que saíra nos jornais. Porém, tinha como regra não confiar nessa fonte.

— Se quiseses fazer a experiência de descer até ao fundo da toca do coelho, algo que eu não recomendo, já agora, o que dizes disto? Só como um exercício mental, não te esqueças, nada mais do que isso. Temos um texto do pai da Nova, escrito com sessenta e quatro palavras. Temos quatro homicídios, dispostos como se estivessem num tabuleiro de xadrez com sessenta e quatro casas. Ou seja...

Benjamin escreveu «John Wennhagen xadrez». Apareceram fotografias de revistas de sócios de variados clubes de xadrez locais, entre eles uma chamada *Jornal do Xadrez*. Parecia ser uma revista nacional. A edição selecionada pelo Google apresentava um homem sorridente com um bigode farto e bem cuidado na capa. O homem tinha um braço erguido a exhibir um troféu, «John Wennhagen, novo campeão regional», dizia a manchete.

— É precisamente esse o meu ponto — disse Vincent. — Se procurares o suficiente, tudo pode parecer estar ligado. Só porque encontraste alguém com o mesmo nome que o pai da Nova e que joga xadrez não quer dizer que...

Vincent calou-se. Olhou fixamente para a fotografia. John Wennhagen segurava o troféu numa das mãos, enquanto com a outra segurava uma criança. Uma menina de cabelo preto e um olhar já então encantador. Não havia dúvida, era Jessica Wennhagen. Mais tarde conhecida como Nova.

— É mesmo o pai dela — disse Vincent, numa voz quase inaudível. — O pai da Nova. Esta agora... Afinal, jogava mesmo xadrez. E, pelos vistos, até era bom. Não que isso prove alguma coisa, obviamente. Mas mesmo assim... bem-vindo ao buraco, meu coelhinho branco.

Benjamin soltou uma gargalhada.

— Prefiro ser a Alice — comentou. — Acho que o coelho stressado é mais o teu estilo. Vamos dar uma vista de olhos ao texto, então?

Vincent só conseguiu assentir com a cabeça.

Ainda era tudo muito rebuscado. Ou melhor, Vincent queria que assim fosse. Que tivessem apenas tido sorte e encontrado uma coincidência improvável, que era apenas isso — uma coincidência. Havia muitas, mais do que as pessoas imaginavam. Apesar de cada coincidência improvável ter probabilidades extremamente baixas de acontecer, a estatística dizia que alguns acasos improváveis simplesmente tinham de acontecer. Muitos deles até. Vincent esperava sinceramente que aquele fosse um deles.

Porém, depois recordou-se das palavras de Nova no Oscarsteatern. Quando se encontraram no *green room*, Nova explicara-lhe que o pai tinha escrito o texto de acordo com a regra de que só podia utilizar um determinado número de palavras. O jogador de xadrez John Wennhagen escolhera sessenta e quatro palavras. Nem mais, nem menos. Como um tabuleiro de xadrez.

Benjamin tinha razão, a chave estava no texto.

Uma sensação de que algo estava terrivelmente errado começou a formar-se dentro de Vincent. E sabia que essa sensação iria tornar-se muito pior antes de aquilo chegar ao fim. Pegou no portátil, abriu um documento em branco e alinhou o texto em oito linhas, com oito palavras em cada linha.

A diretriz de Epicuro para a nova era
 é a mesma de sempre: permita apenas uma
 ansiedade que passa qual cometa pela estrela, rápida
 e impercivelmente. Vida em quietude é vida que
 purifica. Evite cuidadosamente todo o tipo de dor
 e não deseje nada, pois vida sem desejo
 é vida liberta de sofrimento, e que, alternativamente,
 lhe permite desfrutar do sucesso quando alcança Tudo

— Então quer dizer que cada palavra no texto representa um quadrado num tabuleiro de xadrez — disse Benjamin, pensativo. — Oito vezes oito. Qual é o próximo passo?

— *Knight's Tour*. Outra vez.

— *Shit!* Está bem... Que palavras, ou melhor, que quadrados no tabuleiro é que correspondem aos locais onde vocês encontraram... as crianças?

Vincent pensou que era louvável o filho ter tido dificuldade em dizer a última palavra.

— Num tabuleiro de xadrez seria H1, G3, E2 e F4 — respondeu.

Vincent ficou subitamente com a garganta seca. Demasiado seca. Precisava de ir buscar água à cozinha, imediatamente. No entanto, também sabia que se tratava de uma tentativa de fuga psicológica do horror que, a qualquer momento, começaria a tomar forma no monitor do computador de Benjamin. Forçou-se a continuar.

— E se continuares esse movimento, a próxima casa será o H5 — prosseguiu. — No mapa de Estocolmo, isso corresponde à zona de Djurgårdsbrunnsviken. Portanto, é algures por ali que, dentro de dois

dias, vamos encontrar a Wilma morta. Se não desvendarmos isto...

— OK, vamos começar pelo H1, no canto inferior — disse Benjamin, e procurou as cinco palavras que correspondiam às posições de xadrez de Vincent.

Marcou-as a negrito.

<i>A</i>	<i>diretriz</i>	<i>de</i>	<i>Epicuro</i>	<i>para</i>	<i>a</i>	<i>nova</i>	<i>era</i>
<i>é</i>	<i>a</i>	<i>mesma</i>	<i>de</i>	<i>sempre:</i>	<i>permita</i>	<i>apenas</i>	<i>uma</i>
<i>ansiedade</i>	<i>que</i>	<i>passa</i>	<i>qual</i>	<i>cometa</i>	<i>pela</i>	<i>estrela,</i>	<i>rápida</i>
<i>e</i>	<i>imperceti- velmente.</i>	<i>Vida</i>	<i>em</i>	<i>quietude</i>	<i>é</i>	<i>vida</i>	<i>que</i>
<i>purifica.</i>	<i>Evite</i>	<i>cuidado- samente</i>	<i>todo</i>	<i>o</i>	<i>tipo</i>	<i>de</i>	<i>dor</i>
<i>e</i>	<i>não</i>	<i>deseje</i>	<i>nada,</i>	<i>pois</i>	<i>vida</i>	<i>sem</i>	<i>desejo</i>
<i>é</i>	<i>vida</i>	<i>liberta</i>	<i>de</i>	<i>sofri- mento,</i>	<i>e</i>	<i>que,</i>	<i>alternati- vamente,</i>
<i>lhe</i>	<i>permite</i>	<i>desfrutar</i>	<i>do</i>	<i>sucesso</i>	<i>quando</i>	<i>alcança</i>	<i>Tudo</i>

— Purifica, dor, é, sofrimento, Tudo — leu Benjamin em voz alta. — Hum... por segundos pensei que... Pronto, está bem, o buraco talvez não seja assim tão profundo, afinal.

Vincent olhou fixamente para as palavras no monitor.

— Pelo contrário — disse, pousando a mão no ombro de Benjamin para se apoiar. — O «T» maiúsculo não é um erro de impressão. «Tudo» não corresponde ao fim de uma frase, mas sim ao início. Lê as palavras pela mesma ordem em que te dei as posições, a ordem em que as crianças foram mortas.

Benjamin percorreu as palavras com o dedo encostado ao ecrã.

— Tudo... é... sofrimento... dor... purifica. Meu Deus.

— «Tudo é sofrimento, dor purifica» — disse Vincent, abanando a cabeça. — A conhecida citação do pai da Nova. Com letra maiúscula

no início e um ponto final no fim, até. Não podia ser mais evidente. Nem sequer era complicado, só foram precisos cinco passos. Tenho de telefonar à Mina.

John Wennhagen sorria abertamente para eles a partir da capa da revista de xadrez. De repente, Vincent pensou que a mão que segurava a pequena menina na fotografia não era uma mão carinhosa. Era uma mão que a segurava num aperto de ferro.

Mina desligou a chamada. Vincent soara estranho, desculpando-se mil vezes por ter andado «cognitivamente incompleto nas últimas semanas», segundo as palavras do próprio. Algo sobre os seus espetáculos, que se privara de oxigénio vezes demais e que não conseguira pensar com clareza. Depois dissera que havia algo importante que queria mostrar-lhe, de manhã, antes de Mina ir para o trabalho. Aparentemente, era demasiado complicado para explicar ao telefone. E agora estava a caminho. De casa dela.

Mina deu uma volta pelo apartamento. A única diferença de quando Vincent estivera lá anteriormente, há quase dois anos, era que as paredes tinham novas camadas de tinta cinzento-clara. O mesmo tom que anteriormente, claro, mas mais limpas. Vincent provavelmente ficaria meio horrorizado com a quantidade de cuecas, camisolas interiores e artigos de limpeza que estavam no escritório, uma reserva suficientemente grande para sobreviver a uma pequena guerra mundial ou uma pandemia. Mas não era nada que Vincent precisasse de ver; podia sempre trancar a porta do escritório.

No entanto, o que Mina não tinha a certeza era se ela própria estava pronta. Gostava de passar tempo com Vincent, mas tê-lo em sua casa outra vez era uma coisa completamente diferente. Ali, no seu pequeno forte contra o mundo exterior. Não que ele lhe tivesse dado oportunidade de recusar.

Mina olhou para o relógio, Vincent chegaria dali a dez minutos. Pelo menos tinha tempo de tomar um duche rápido. Normalmente, tomava banho com água quase a ferver, gostava de imaginar as bactérias a serem queimadas na pele, mas aquelas temperaturas de verão não recomendavam mais calor ainda. Em vez disso, tomava banho com água fria. Esperava não ter tempo de começar a transpirar outra vez antes de Vincent chegar.

Depois do duche, foi buscar um novo par de cuecas e uma camisola interior ao escritório, e vestiu a restante roupa lentamente, de forma a manter o corpo fresco o máximo tempo possível. Quando acabou de se vestir, foi buscar uma garrafa de álcool-gel e limpou todas as

maçanetas da casa, as costas das cadeiras e a mesa.

Quando passou a mão pela testa, sentiu que estava ligeiramente húmida. Merda! Olhou para o relógio, já não tinha tempo de tomar outro duche, a não ser que quisesse correr o risco de Vincent a encontrar em roupa interior.

Mas que raio...! Mina mordeu o lábio. A que propósito é que se colocara a si própria e a Vincent em roupa interior no mesmo pensamento? Espremeu um pouco de álcool-gel para as mãos e limpou-as. Depois despejou mais umas gotas e esfregou-as na testa e nas axilas. Sentiu a pele das axilas a arder, mas não havia nada a fazer, teria de tomar outro duche mais tarde.

A campainha da porta tocou e Mina sobressaltou-se com o som. Tinha de parar de ser ridícula, tratava-se apenas de Vincent. Mina lembrou-se a si própria que *queria* estar com ele.

Lançou um último olhar rápido pelo apartamento e depois abriu a porta ao mentalista.

— Olá — disse Vincent, e entrou.

Teve o cuidado de colocar os dois pés no pequeno tapete de entrada e permanecer ali enquanto descalçava os sapatos. Havia algo estranho com as suas calças, eram invulgarmente largas e esvoaçantes.

— Vincent — disse Mina. — Estás de... vieste de calças de pijama?

Vincent olhou para baixo e ficou com o rosto vermelho como um pimento.

— Então... bem, eu... tinha pressa... — gaguejou. — Estava a tomar o pequeno-almoço quando o Benjamin apareceu e... — Vincent olhou para ela com um ar profundamente infeliz. — Achas que podias vestir um pijama também? — perguntou-lhe. — Para ser um pouco menos embaraçoso?

Ali estava outra vez, Vincent e roupa interior. Demasiado perto. E ainda nem sequer o deixara entrar no apartamento. Os pensamentos devem ter transparecido no seu rosto, porque Vincent recuou um passo no pequeno tapete e abriu os braços.

— Desculpa — pediu. — Não pensei antes de falar. Felizmente, não são as minhas calças de pijama que vim aqui mostrar-te. E talvez possas imaginar que são parte de um fato de linho, ou algo assim. E ao menos considera-te sortuda por eu não ser pessoa de usar calções. Desinfetante para as mãos?

Mina apontou para a casa de banho onde tinha deixado o frasco. Vincent entrou e desinfetou as mãos. Nunca insinuara de forma alguma que achava os rituais dela estranhos; em vez disso, adaptara-se simplesmente a eles. Uma atitude singular. E Mina adaptara-se a Vincent da mesma maneira. Embora da sua parte fosse mais uma tentativa de compreender os pensamentos sinuosos do mentalista, algo que imaginava que muita gente também não fazia, não verdadeiramente, por mais aplausos que recebesse em palco.

Vincent saiu da casa de banho com o frasco na mão.

— Está bastante frio na casa de banho — comentou. — Começaste a tomar banhos de água fria?

Mina assentiu com a cabeça e tentou não ficar com lágrimas nos olhos quando viu Vincent limpar descontraidamente a maçaneta da porta da rua em que acabara de tocar.

— Isso dos banhos frios é interessante — continuou ele. — O Wim Hof conseguiu realmente causar impacto. E tem mesmo muitos benefícios fisiológicos e mentais documentados, desde tornar-nos mais resistentes ao *stress* até melhorar a nossa capacidade de concentração. Mas, na verdade, esses efeitos são um resultado do choque provocado no corpo por uma ação que o corpo não aprecia. O aumento do nível de cortisol, ou seja, a hormona do *stress*, que acontece quando arrefecemos, claro que vai acabar por levar a uma maior tolerância ao *stress* se o fizermos regularmente. E o frio extremo também nos faz respirar mais profundamente, o que oxigena mais o sangue e, por conseguinte, também o cérebro. O que, pelo menos momentaneamente, melhora a atividade cerebral, como a nossa concentração. E aquilo de também influenciar a determinação é só porque é preciso muita força de vontade para continuar a submeter o

corpo a um choque mesmo quando ele o rejeita. Portanto, não é bem a ação em si que tem algum tipo de efeito mágico, é mais a forma como reagimos a ela. Um bocado como pisar um prego. Qual é o teu objetivo com isso? Tomar banhos frios, quero dizer.

Mina retirou-lhe o frasco de álcool-gel da mão.

— Duas coisas, Vincent. Primeiro, demasiada informação. Outra vez. Pensei que já tinhas aprendido a controlar-te. E, segundo, eu tomo banho com água fria porque está calor lá fora. É só isso. Diz lá então o que é que era tão urgente.

Vincent fez um sorriso melancólico.

— Há uma coisa que precisas de ver. Queria mostrar-te a ti antes de mostrar ao resto do grupo. E depois logo decides se estou maluco. Mas primeiro: encontraram mais alguma coisa sobre a Wilma?

Mina abanou a cabeça e dirigiu-se para a sala de estar.

— O Adam e o Ruben foram falar com os pais ontem — respondeu-lhe. — A mesma história que no caso do Ossian: pais em estado de choque, sem qualquer cenário de risco no passado, nenhum familiar zangado, sem a menor ideia de quem poderia ter feito uma coisa destas. Continuamos a não ter qualquer pista. Deram-nos uma fotografia, pelo menos. Mas acho que desta vez não temos coragem de fazer uma conferência de imprensa, os meios de comunicação iam linchar-nos. Por isso, mostra-me lá; esta investigação precisa mesmo de alguma coisa boa. Mesmo que estejas louco.

Mina afundou-se no sofá e Vincent sentou-se ao lado dela. Depois pegou numa brochura, num mapa de Estocolmo, numa impressão a preto-e-branco da primeira página de uma revista, assim como num texto escrito à mão numa folha de plástico transparente.

— Esta brochura é do Epicura — disse Vincent. — Contém o mesmo texto que eu escrevi à mão na folha de plástico. Só alterei as quebras de linha. O pai da Nova escreveu este texto pouco antes do acidente. Além disso, também era um ótimo jogador de xadrez.

Vincent apontou para a primeira página da revista, onde um homem

sorridente e com um grande bigode segurava um troféu. A manchete falava de John Wennhagen, e Mina percebeu que tinha de ser o pai de Nova. Vincent pegou numa caneta e começou a fazer pontos no mapa, que tinha a mesma quadrícula que o mapa na parede da esquadra.

— A Lilly, o William, o Dexter e o Ossian foram encontrados aqui, aqui, aqui e aqui no mapa. E, segundo o *Knight's Tour*, a Wilma vai aparecer aqui ao fundo, junto a Djurgårdsbrunnsviken.

Vincent colocou a folha transparente sobre o mapa, de modo que o texto o cobriu mas os pontos continuaram visíveis através do plástico. Depois, fez um círculo à volta das palavras que apareciam nos mesmos quadrados de xadrez que os pontos. Por fim, desenhou linhas entre as palavras para que Mina pudesse lê-las mais facilmente.

— Tudo é sofrimento, dor purifica — leu Mina em voz alta. — Mas que...?

— Essa é a reação certa. O John Wennhagen criou o texto dos epicuristas há pelo menos trinta anos. Escreveu-o propositadamente com sessenta e quatro palavras e escondeu esta mensagem no texto logo nessa altura. Uma mensagem invisível, que corresponde completamente aos nossos locais de crime. Eu sei que parece uma loucura, mas o pai da Nova é o nosso assassino. E andou a planear isto durante muito tempo.

Mina não sabia o que dizer. Costumava acusar Vincent de dar demasiada informação, mas, naquele momento, sentia-se como se ele apenas tivesse deixado uma pequena abertura numa porta, sem que ela conseguisse ver o que havia lá por trás. Não gostava nada da sensação. Além disso, era impossível Vincent estar certo.

Mina olhou fixamente para os olhos na imagem a preto-e-branco, como se pudesse exigir-lhes uma resposta. John Wennhagen limitou-se a sorrir de volta.

— Não me leves a mal, mas espero sinceramente que estejas um pouco exausto do trabalho neste momento — disse Mina. — Se bem entendi, estás a dizer que os corpos foram dispostos de maneira a

formar o lema do John, escondido num texto que ele escreveu há trinta anos, e que só é possível encontrar se formos tão bons a xadrez como ele era. É bastante convincente. Tirando a parte de ser completamente impossível. Os homicídios estão a acontecer agora, e o pai da Nova está morto há muito tempo.

— Tens a certeza disso? O corpo nunca foi encontrado. A Nova contou que o procuraram, mas que nunca apareceu. Pode haver uma razão para isso. Acho que isto são indicações bastante boas de que o John Wennhagen poderá estar vivo, ao contrário do que pensávamos.

Mina olhou fixamente para Vincent, sentindo de súbito o corpo todo gelado. O duche frio já não era preciso. Mina era demasiado pequena quando aquilo acontecera para poder recordar-se, mas lera sobre o caso mais tarde, quando já estava na Academia de Polícia. Sobre o trágico acontecimento com a quinta incendiada e o subsequente acidente de carro, do qual apenas uma menina fora resgatada do veículo a afundar-se. O condutor nunca tinha sido encontrado. Na altura, assumira-se que John se afogara e que fora arrastado pela corrente. Não obstante, tal como Vincent dissera, podia haver outra razão pela qual nunca tinham encontrado um corpo. Nomeadamente, que John sobrevivera e se mantivera escondido. À espera do momento certo. Era uma hipótese que se encaixava assustadoramente bem na conclusão de Vincent.

— Meu Deus! — exclamou Mina, assentindo com a cabeça. — Tens razão, o John Wennhagen está vivo. Achas que... achas que a Nova sabe?

— Não necessariamente — respondeu Vincent. — Ele pode ter-se mantido escondido dela também. Isso seria a coisa mais inteligente a fazer, já que ela está ligada ao caso. E, tendo em conta o que ela faz no Epicura, provavelmente não ia aprovar as ações dele.

Mina soltou um suspiro. Fazia bastante sentido. Mas Nathalie estava lá, tinha de conseguir falar com ela, tinha de saber que estava tudo bem. O mais simples seria ligar ao pai de Nathalie, mas, como fora Mina que lhe pedira para recuar, agora cabia-lhe a ela encontrar a

filha. Que talvez estivesse realmente só a acampar com a avó.

— Como é que o John conseguiu manter-se escondido durante todos estes anos? — perguntou a Vincent.

— Diria que não é nada difícil para alguém que tenha os recursos que o John tinha, ou pelo menos o pai dele. É fácil uma pessoa tornar-se invisível se acreditarem que estamos mortos.

Mina abanou a cabeça, continuava com dificuldade em assimilar a informação.

— Temos de contar isto aos outros imediatamente — disse, e Vincent assentiu.

— Ainda temos uma hipótese de salvar a Wilma — respondeu. — Finalmente, sabemos de *quem* se trata. Agora só temos de descobrir *onde* é que ele está.

Andamos no carro durante muito tempo. Para longe da cidade e para o interior da floresta. Quase adormeço. Depois chegamos a um celeiro, acho que é isso. Saímos do carro e eu tento correr, mas alguém apanha-me. Mordo a mão que me agarrou, com toda a força. Alguém grita e a mão solta-me. Mas sinto outra agarrar-me antes de ter tempo de correr. Dou pontapés e bato-lhes até me fecharem. Tento chutá-los da escada abaixo, mas não funciona. Depois também tenho eu de descer a escada.

Hoje de manhã perguntam-me se quero tomar o pequeno-almoço. Estou cheia de fome. Mas não quero comer a comida nojenta deles.

Dizem-me que tenho de me acalmar. Dizem-me que conhecem a minha mãe e o meu pai. Mas eu sei que não é verdade.

— Estão a mentir! — grito sempre que dizem alguma coisa. — Odeio-vos! Quero ir para casa!

Eles deixam de se aproximar de mim. Estou tão zangada. E com medo. Mas tenho de continuar zangada, senão posso ficar triste e com mais medo ainda. Não quero isso.

Durmo num colchão no chão. Não parece nada macio, mas é.

Atiro-me para o colchão e grito para a almofada. Sinto uma coisa dura por baixo de mim, enfio a mão debaixo da almofada e pego num tablet. Pois é, aquele que me trouxe para aqui falou dele; disse que eu o podia usar sempre que quisesse. Atiro-o contra a parede, mas ele continua inteiro. Então bato com ele no chão até o ecrã rachar.

— Tomem lá! — grito. — Quero ir para casa! Agora!!! Senão, vou matar-vos!

Se gritar suficientemente alto, talvez me ouçam.

Talvez o meu pai consiga salvar-me com a sua voz mais zangada.

Ou a minha mãe, com a bicicleta rápida.

Mas ninguém aparece.

Ninguém.

O grupo olhava fixamente para a parede, como se todos se recusassem a compreender alguma coisa do que Vincent dissera. E ele que achara que tinha sido exageradamente explícito. Até preparara o material ainda mais cuidadosamente do que tinha feito com Mina. Christer ajudara-o a encontrar um velho retroprojetor numa arrecadação da esquadra. Ruben começara a rir-se às gargalhadas quando Vincent entrara na sala de reuniões a empurrar o aparelho.

Mas agora, depois de explicar tudo sobre a mensagem de John e de ter demonstrado a sua descoberta projetando o texto da folha de plástico sobre o grande mapa de Estocolmo na parede com a ajuda do retroprojetor, estavam todos em silêncio. Os seus movimentos oculares revelavam que, um a um, seguiam os traços no mapa para construir a mensagem de John. Repetidamente. Como se ela pudesse tornar-se diferente se apenas a lessem mais uma vez.

— Esta agora! — acabou Ruben por exclamar.

— Com que então, o John Wennhagen?!... — murmurou Christer. — Se ele realmente não está morto, teve décadas para reconstruir a sua velha seita. Ninguém andou à procura dele. De certeza que já nem sequer se chama John.

— Qual velha seita? — perguntou Ruben.

— Não se lembram dos rumores sobre o que se passava? — disse Christer. — Viviam lá todos juntos, um grupo inteiro. O sítio ficava a meio caminho de Nynäshamn. Falava-se de um movimento do género de uma seita, mas ninguém sabia ao certo o que era. E depois do acidente foi cada um para seu lado. Percebo que a Nova tenha mudado de nome logo que pôde. Quando ela diz que tem muita experiência com seitas, está a falar a título pessoal. Porque é que acham que hoje em dia ela se dedica à desprogramação?

— Meu Deus! — exclamou Peder, passando a mão sobre a barba, que, por algum motivo, apresentava grandes manchas azuis. — Se o John tinha uma seita já nessa altura, e depois continuou ativo em segredo durante todo este tempo... então teve décadas para fazer

lavagens cerebrais a novos membros.

Viraram-se outra vez para Vincent. Estavam todos com as sobrancelhas profundamente franzidas, exceto Mina, que já tinha ouvido a teoria antes.

— Porra — murmurou Christer.

Depois colocou um saco de plástico em cima da mesa e começou a distribuir miniventoinhas pelos colegas. Vincent aceitou uma, agradecido. Só então reparou que *Bosse* não estava com eles.

— Ele ficou em casa hoje — disse Christer quando viu que Vincent estava a olhar para a tigela da comida vazia. — Está meio grau mais fresco lá em casa. E se bem conheço aquele cão, até já preparou um banho frio para ele próprio na banheira.

Vincent sorriu com a imagem que lhe surgiu na cabeça, de um grande *Golden Retriever* a chapinhar alegremente numa banheira. Provavelmente, cheia de espuma perfumada também.

— Precisamos de descobrir o máximo de informação possível sobre o John Wennhagen — disse Julia, com ar austero. — E rapidamente.

— Já comecei a procurar — disse Peder, abrindo o seu portátil.

— Alguém tem de contar à Nova que estamos atrás do pai dela — comentou Christer, mas depois deteve-se. — Vocês não estão a pensar que... não acham que ela está envolvida? Ou que o Epicura tem alguma coisa a ver com isto?

Fez-se silêncio à volta da mesa.

Mina abanou a cabeça.

— Ela fala sobre o pai com tristeza sincera na voz — respondeu. — Se o John realmente está vivo, a Nova não sabe. Ela parece completamente convencida de que ele está morto. E eu posso não saber muito sobre o epicurismo, mas sei que não tem nada a ver com matar crianças. Os epicuristas parecem principalmente focados em não levantar ondas e... o que foi que ela disse?... em viver em quietude. Precisamente o contrário dos ensinamentos do John. Isto vai ser um

golpe duro para a Nova. Eu posso falar com ela.

Julia ergueu uma sobrancelha, mas não disse nada.

— A única questão é saber por que motivo o John fez tudo isto — comentou Adam, que parecia não estar a conseguir pôr a sua ventoinha a funcionar.

— Não, essa não é a questão — retorquiu Julia. — Isso podemos descobrir mais tarde. A questão neste momento é saber onde havemos de procurar. Só temos hoje e amanhã para encontrar a Wilma. Partindo do princípio de que o John espera que decorram os três dias desta vez também. E, Peder, deixa-me que te pergunte: porque é que tens a barba azul?

Peder corou e baixou os olhos para a mesa.

— Oh... foi para uma festa de anos de crianças — murmurou. — Mas a tinta não quer sair, não sei o que é que...

Milda entrou de repente na sala, mas deteve-se quando viu o grupo.

— Ah... Olá... Estão aqui todos? — disse em tom de surpresa. — Na verdade, estava à tua procura, Mina, mas não te encontrei no gabinete. Tenho uma novidade sobre as crianças, ou melhor, sobre o que encontrámos nelas.

— Estás a falar das fibras? — perguntou Mina.

Christer atirou uma ventoinha a Milda, que a apanhou no ar só com uma mão. Vincent suspeitou que Milda, na juventude, tivera treino de guarda-redes.

— Obrigada — disse Milda. — E exatamente. Primeiro não conseguíamos identificá-las, só sabíamos que se tratava de fibras de lã. Então aprofundámos a pesquisa e também encontrámos uma bactéria, a *Dermatophilus congolensis*, em todas as fibras. Isso reforça a teoria de que as fibras vêm todas do mesmo sítio.

— Que bactéria é essa? — perguntou Julia.

— Obrigada por perguntares. Provoca uma doença de pele principalmente em cavalos, mas também em bovinos e ovinos. A

doença chama-se estreptotricose, ou «chorona». A humidade provoca rachas na pele, por onde as bactérias entram, e formam-se crostas. E, embora raramente, a estreptotricose pode ser transmitida de animais para humanos, o que faz dela um agente de zoonose. Transmite-se por contacto direto ou quando as crostas ficam molhadas e libertam zoósporos, que se prendem nas escovas de limpeza e nos cobertores dos cavalos.

Milda fez uma pausa para ligar a pequena ventoinha.

Vincent não tinha a certeza se percebera. As crianças tinham a bactéria dentro das suas gargantas, mas a origem era a pele de animais? Parecia-lhe que lhe estava a falhar alguma coisa.

— Então porque é que as bactérias estavam nas fibras de lã? — perguntou.

Milda sorriu. Aparentemente, era a pergunta certa. A ventoinha começou a trabalhar com um pequeno assobio.

— A lã de onde as fibras vinham teve de ter estado em contacto direto com animais infetados — explicou Milda. — Ao mesmo tempo, o tecido de lã tem de ter sido grande o suficiente para cobrir o rosto das crianças, talvez até a cabeça inteira, para que pudessem inalar as fibras. Não encontrámos sinais de que algum tecido tenha sido forçado para dentro das bocas com violência. O meu palpite, e é realmente apenas um palpite não oficial...

— Sim? — perguntou Julia, impaciente.

— ... é que estas fibras vêm de cobertores de cavalos.

Os pensamentos de Vincent andaram à roda num círculo perfeito sobre si mesmo e acabaram por morder a própria cauda. Cavalos. Tudo começava e terminava com esses constantes cavalos enigmáticos.

— Eh, ouçam lá... — disse Peder, que estivera sentado com o nariz colado ao computador enquanto Milda falara. — Lembram-se da quinta que o John tinha nos anos noventa, aquela a que alguém pegou fogo?

— Sim. Não estava cheia de animais que morreram queimados lá

dentro? — perguntou Julia. — Acho que me recordo de alguma coisa desse género. Foi uma grande tragédia.

— E não eram animais quaisquer — respondeu Peder, virando o portátil para que os outros pudessem ver as fotografias que tinha encontrado.

Um homem sorridente com bigode, de pé ao lado de uma vedação. Os animais ao seu lado eram musculosos e imponentes.

— Cavalos — disse Peder. — O John Wennhagen tinha uma das quintas de cavalos mais procuradas do país. Ficava a pouco mais de cinquenta quilómetros daqui, em Sorunda. E sabem uma coisa? Nas imagens de satélite do Google Earth parece que foi parcialmente restaurada desde então.

Todos na sala trocaram olhares. Depois levantaram-se rapidamente.

Julia pediu a Christer que ficasse a segurar as rédeas na esquadra e visse o que mais conseguia descobrir sobre John Wennhagen, enquanto os outros se faziam à estrada. Foram todos em carros-patrolha, exceto Mina, que levou o seu próprio carro. Julia iria requisitar a carrinha de piquete e uma equipa de intervenção quando estivessem a caminho.

Mina pressionou o acelerador a fundo. Vincent ia sentado ao seu lado, a segurar-se ao banco e à porta com toda a força enquanto conduziam pela avenida Nynäsvägen, em direção a Sorunda. Pelo menos no carro tinham ar condicionado em condições, e, apesar de todos os pensamentos que passavam pela sua mente sobre John Wennhagen e o que poderiam encontrar na sua quinta, Mina conseguiu apreciar o ar frio, ainda que fosse uma situação temporária.

— Estás muito calada — comentou Vincent.

— Concentrada — respondeu Mina sem tirar os olhos da estrada.

— Sabias que Sorunda é famosa pela sua tarte? — perguntou Vincent. — É cheia de simbolismo, para um bolo. A tarte é decorada com símbolos de eternidade e fertilidade, e, apesar de normalmente ser recheada tanto com maçãs como ameixas, se a tarte for servida num funeral, só se usam ameixas, para lhe dar uma cor mais escura. Mas o simbolismo da eternidade anda de mãos dadas com a ideia da Nova sobre a água, que simboliza precisamente a vida e a unidade, e...

— Vincent — interrompeu Mina.

— Diz?

— Estás a divagar.

Vincent ficou em silêncio.

Mina compreendia a sua necessidade de falar, Vincent estava tão nervoso quanto ela. Nervoso com o que iriam encontrar na quinta. Iriam deparar-se com mais crianças mortas? Iriam encontrar o próprio John? Porém, se o mecanismo de defesa de Vincent era falar, o de Mina era o silêncio. E precisava de partilhá-lo com ele, principalmente

agora. Felizmente, Vincent pareceu compreender.

— Tens razão — disse Vincent, olhando pela janela. — Desculpa. Afinal de contas, não estamos à procura de um pasteleiro.

Ficou em silêncio durante alguns segundos e depois começou a falar outra vez.

— Por outro lado, sabias que a junta das estradas há uns anos retirou todas as placas que indicavam Sorunda? Agora só dizem Spångbro. Ao início, tinham...

Mina silenciou-o com um olhar sombrio e Vincent fez um sorriso torto.

— Apanhei-te — comentou.

Mina deu-lhe uma palmada no ombro.

— Então andas a tentar apanhar-me, é isso que estás a dizer? — perguntou Mina.

— O quê? Bem, quero dizer... não era isso... — gaguejou Vincent, remexendo-se no assento.

— Não tínhamos já falado sobre isso das bocas foleiras, Vincent? — Mina quase conseguiu sentir a temperatura no carro aumentar quando Vincent corou até às orelhas. Deixou-o sofrer mais alguns segundos. — Apanhei-te! — disse depois.

Vincent soltou um suspiro suficientemente profundo para encher um balão e depois riu-se, enquanto Mina ultrapassava um *Škoda* decrépito.

— *Touché* — respondeu. — Mas, para ser sincero... não estás errada. — Vincent respirou fundo antes de continuar. Fosse o que fosse que estivesse prestes a dizer, obviamente não era fácil para ele. — Apesar de terem acontecido muitas coisas realmente horríveis há dois anos, acho que nunca me senti tão vivo como nessa altura — começou por dizer. — E isso foi principalmente por causa de ti. Depois tentei esquecer e seguir em frente, mas... não correu lá muito bem.

Mina olhou rapidamente de lado para ele, antes de voltar a ter de

fixar os olhos na estrada.

— Vamos mesmo ter esta conversa neste preciso momento? — perguntou-lhe.

— Acho que tenho de o fazer — respondeu Vincent. — Estamos a caminho de ir apanhar o nosso assassino, isto pode acabar tudo daqui a um bocado. Mas eu... preciso de ti na minha vida, Mina. É tão simples como isso. A única coisa que sei sobre a tua vida privada é que começaste a ir a encontros e provavelmente não tens tempo para mim. Mas, quando isto acabar, importavas-te se continuássemos... a ver-nos? Se tiveres espaço para mais um amigo?

Mais um amigo. Como se ela tivesse algum sequer. Mina sentiu vontade de gritar bem alto e bater no volante. Oh, Vincent. Conhecia-a tão bem e, ao mesmo tempo, não a conhecia de todo. Porque é que ele tinha de voltar e destruir o escudo que ela construíra à sua volta com tanto cuidado? Mina não queria precisar de ninguém. Mas precisava. E maldito fosse ele por isso — também precisava dele. Não havia nada a fazer.

Mina virou para a saída assinalada como Spångbro tão bruscamente que Vincent foi projetado para o lado.

— Então e tens a certeza de que não preferes passar tempo com a Nova? — perguntou-lhe.

— Com a Nova? A que propósito é que eu... Quero dizer, admiro profundamente o conhecimento e a experiência dela e acho impressionante o quanto ela lutou para chegar onde chegou. É uma colega que respeito muito, mas só isso. Uma colega. Ela não é... não és tu.

Mina assentiu silenciosamente com a cabeça.

— Posso ensinar-te a jogar bilhar — disse depois.

Vincent também assentiu.

— Viste? — perguntou de seguida com um tom de voz consideravelmente mais alegre. — A placa da saída dizia Spångbro, não dizia Sorunda. Foi o que eu disse.

Dói-me muito a garganta. Estou a gritar demasiado. Mas ainda tenho forças para estar zangada. Assim que alguém vem aqui, eu bato-lhe. Ou dou-lhe pontapés. É bem feito. Odeio-os e odeio todos os adultos. E odeio estar na floresta.

Se não estão a pensar levar-me de volta para casa, então vou sozinha. Agora não está aqui ninguém. Levanto-me depressa e saio, mas ninguém me vê. Ouço alguns sons do estábulo dos cavalos, acho que estão todos lá dentro. Ninguém deve pensar que eu ia fugir sozinha. Cheira a animais, mas principalmente a cocó de animal. É o cheiro mais nojento do mundo.

Estou à frente do estábulo e nenhum dos outros vem cá fora. Ainda bem, assim posso ir para casa agora. Começo a andar pelo caminho de gravilha, para longe da casa. Ouço alguma coisa ranger atrás de mim, deve ser uma porta, mas não vou olhar para trás, continuo simplesmente a andar.

— Wilma?

É ele que está a chamar-me. Aquele que me trouxe para aqui, o pelófidio. Está algures atrás de mim, mas eu não lhe dou atenção.

— Wilma, onde é que vais?

Começo a correr, a gravilha por baixo dos meus pés faz muito barulho, mas ainda consigo ouvir o som dele quando também começa a correr. Eu corro ainda mais depressa, o mais depressa que consigo.

— Wilma, espera!

Pelo som, parece que o pelófidio tem dificuldade em correr e falar ao mesmo tempo. Bem feita por ser tão gordo. Mas tem as pernas compridas e eu não. Salto por cima da vala, para o meio das árvores. Na floresta talvez ele não consiga encontrar-me. Mesmo quando chego às primeiras árvores, alguém me levanta por trás. Começo aos pontapés com toda a força, mas estou cansada.

— Wilma — repete ele. — Está ofegante de ter corrido, mas ri-se na mesma. — Não precisas de fugir, vamos deixar-te ir embora agora — diz ele.

Acho que não acredito nele, mas desta vez parece quase que está a dizer a verdade. Paro de dar pontapés.

Entramos no estábulo dos cavalos e ele põe um cobertor em cima dos meus ombros, apesar de estar tanto calor lá fora. O cobertor cheira a cavalos nojentos. Todos os outros estão ali, mas vejo que estão a ir para os degraus que descem para o chão. Tenho a sensação de que vai acontecer alguma coisa, alguma coisa de que eu não gosto.

— E então, Wilma? — pergunta o pelófidio. — Lembras-te de quando nasceste?

A estrada passou de asfalto a gravilha. Encontravam-se já no meio da floresta. Vincent não percebia como Mina tinha coragem de conduzir tão depressa naquele caminho tão estreito; qualquer coisa poderia aparecer à frente do carro na próxima curva. Por outro lado, Adam, Ruben, Julia e Peder seguiam nos carros à frente deles; se acontecesse alguma coisa no caminho, acontecer-lhes-ia a eles primeiro.

O caminho de gravilha continuou por cerca de um quilómetro entre as árvores antes de a floresta se abrir repentinamente. Do lado direito havia um grande campo de pasto. À esquerda, a quinta de cavalos de John Wennhagen. Ou aquilo que restava dela. Vincent assumiu que a parte mais próxima deles teria sido a casa de habitação. Era impossível dizer como a casa teria sido em tempos; estava totalmente queimada e aquilo que restava das paredes encontrava-se coberto de vegetação e arbustos. A floresta passara as últimas décadas a recuperar o seu terreno; se não fosse pelo edifício mais atrás, provavelmente nem teriam avistado a ruína.

O edifício maior, que Vincent supos ser o antigo estábulo, estava em condições igualmente más, ou quase. Ao contrário da casa, o estábulo ainda tinha partes do telhado e das paredes, mas o telhado desmoronara-se e as paredes estavam reduzidas a barrotes carbonizados que se espalhavam como galhos secos. O estábulo estava livre de vegetação, o que fazia com que as vigas negras parecessem ainda mais fantasmagóricas contra o fundo verde das árvores. Vincent olhou à sua volta, à procura do que Peder encontrara no mapa, mas só conseguiu ver ruínas.

— Ali! — disse Mina, apontando para o bosque atrás do estábulo.

E tinha razão, Vincent conseguiu vislumbrar a tinta vermelha e branca viva por entre as árvores. O caminho de gravilha contornava o bosque e chegaram a um estábulo aparentemente recém-construído. À frente dele viram dois carros estacionados. Um deles era um *Renault Clio* vermelho. O mesmo carro em que Wilma fora levada.

— Acabaram de chegar aqui — disse Mina.

— Como é que sabes? Aqueles carros podem estar ali parados há meses.

— Olha bem para eles. Não têm folhas nem agulhas dos pinheiros, não têm cocó de pássaro nem poeira. Estão demasiado limpos para estarem aqui há muito tempo. E, já agora, não és tu que, de nós os dois, devia ser o especialista a observar coisas?

Adam parou na diagonal atrás dos carros e Julia parou o seu carro atrás do dele, de forma a bloquearem os veículos estacionados.

— É mais giro quando és tu a fazê-lo — respondeu Vincent. — E agora, o que irá acontecer?

Os outros já tinha saído dos seus carros e dirigiam-se para o estábulo. Mina estacionou atrás do carro de Julia.

— Agora vamos apanhá-lo — disse Mina.

Saíram do carro e Vincent manteve-se na retaguarda. O silêncio na floresta era quase ensurdecedor, era como se até os pássaros estivessem a sustar a respiração à espera de ver o que iria acontecer.

Ruben foi à frente. Mina pôs a mão em pala sobre os olhos e franziu a testa.

— O que foi? — perguntou Vincent atrás dela.

— Não sei, pareceu-me ver alguma coisa lá ao fundo na gravilha...

As portas do estábulo abriram-se subitamente e saiu de lá um homem, com um grande sorriso nos lábios. Era louro e tinha um bigode farto, exatamente como a descrição feita do raptor de Wilma. Nem sequer se preocupara em alterar ou esconder a aparência, o que dizia algo sobre a confiança que os seguidores de John tinham de que não seriam descobertos.

Porém, quando o homem avistou os polícias, o seu sorriso desapareceu imediatamente e ficou com o rosto pálido como a cal. Obviamente, contava ver outra pessoa.

O homem deu meia-volta e correu novamente para dentro do estábulo. Só então viram a menina que vinha atrás dele; trazia um

cobertor pendurado aos ombros e olhava para eles com ar confuso.

Era Wilma.

— Espera! — gritou Ruben, e correu atrás do homem.

Peder correu atrás de Ruben, assim como Julia, depois de apontar para Wilma e fazer um sinal com a cabeça para Adam. Adam aproximou-se da menina vestida com um fato-macaco e agachou-se.

— Somos da Polícia — disse-lhe. — Estamos aqui para te levar de volta para casa, para o teu pai e a tua mãe. Queres? — Wilma assentiu vigorosamente com a cabeça. — Ele fez-te mal? Fez alguma coisa de que não gostasses?

— Não — respondeu Wilma. — Mas mentiu-me. Não há cavalos nenhuns aqui. Ele disse que eu ia poder dar festas aos cavalos. Mas só me deram esta manta nojenta.

Depois começou a chorar e abraçou Adam, que a levantou do chão e a levou para o carro.

— Mina, dá-me aqui uma ajuda — chamou Adam, fazendo um sinal para o carro-patrulha.

Mina foi a correr ajudar Adam, ao mesmo tempo que seis pessoas saíram do estábulo, escoltadas por Ruben, Julia e Peder. Vincent viu o homem louro, uma mulher de meia-idade, um homem mais velho e três mulheres na casa dos vinte e picos. Vinham todos a olhar para o chão e não pareciam minimamente inclinados a oferecer resistência. Vincent não podia ter a certeza, mas apostaria uma boa quantia de dinheiro em que tinham acabado de encontrar os raptos de Lilly, William, Dexter, Ossian e Wilma.

— Não há mais ninguém — disse Ruben. — O John não está aqui. Mas estes palermas pareciam estar a preparar-se para algum tipo de ritual ali dentro, por isso assumo que ele vai chegar a qualquer momento.

O som de um carro a contornar o bosque fê-los virarem-se ao mesmo tempo. Um *Audi* azul travou a fundo e fez levantar uma nuvem de pó na gravilha, a cerca de cem metros à frente deles.

— Merda! Ali está ele! — exclamou Ruben.

Vincent queria ver como John se parecia agora, trinta anos depois da fotografia na capa da revista de xadrez, mas o sol refletia-se no vidro da frente e dificultava a visão.

Ruben só teve tempo de correr dois passos em direção ao carro, antes de John engatar a marcha-atrás e guinar tão bruscamente que o *Audi* rodou cento e oitenta graus. Depois, desapareceu de lá tão depressa como chegara.

— Porra! — gritou Ruben, e deu um pontapé numa pedra. — Suponho que ninguém conseguiu ver a matrícula. Vincent, tu não costumas ser bom a lembrar-te de números e assim?

— Não a cem metros de distância.

— Não faz mal — disse Peder, passando a mão pela barba. Depois sorriu para as seis pessoas que continuavam a olhar para o chão. — Os nossos novos amigos vão contar-nos onde é que ele está.

— Não sabemos de quem é que estão a falar — disse uma das mulheres. — Todas as nossas ações foram feitas de livre vontade.

— Pois, é isso, é — disse Julia.

— Trabalho fantástico de toda a equipa — disse Julia com um sorriso rasgado. — A Wilma parece estar ilesa e de boa saúde, mas muito zangada por ainda não poder ir para casa. Foi levada para o hospital para um exame médico mais completo e os pais vão lá ter com ela. Se não fosse por vocês, isto podia ter acabado de maneira muito diferente. No mau sentido.

Julia olhou ao seu redor pela sala, deixando o olhar repousar sobre cada um dos colegas durante alguns segundos. Estavam todos com um ar completamente exausto. Acontecia com frequência quando um caso era resolvido, após a tensão e a adrenalina serem libertadas, e o cansaço repousava como um cobertor molhado sobre aqueles que tinham trabalhado tão dura e incansavelmente.

Mina sentia-se como um balão furado. Normalmente, era uma sensação bem-vinda, uma vez que indicava que o perigo já tinha passado. Porém, desta vez, só podiam permitir-se relaxar os ombros por breves momentos. Wilma fora salva, mas John Wennhagen continuava à solta. E Nathalie não voltara para casa.

— Christer, tiveste tempo de compilar algumas coisas sobre o passado do John. Acho que pode ser útil se informares a equipa daquilo que descobriste. Neste momento, não sabemos que detalhes da vida dele podem ser ou não relevantes.

Christer assentiu com a cabeça para Julia e pegou numa pilha de papéis.

— Pois, temos em mãos um verdadeiro artista. Vem de uma família rica. O pai, Baltzar Wennhagen, fez fortuna no ramo imobiliário. Nasceu em berço de ouro, teve tudo servido numa bandeja de prata e tudo o mais... Não há muita coisa sobre essa parte específica da infância e juventude dele. Nessa altura, o pai já tinha começado a dedicar-se àquela coisa do epi... epi...

— Epicurismo — disse Mina.

Christer ignorou-a e continuou.

— Depois, quando tinha vinte e poucos anos, o John vai para o

estrangeiro. Para a Índia. E junta-se a uma seita indiana qualquer... — Christer semicerrou os olhos para a folha de papel para conseguir ler. — O movimento Rajneesh. E depois vai com eles para o Oregon, onde dão início a uma atividade que descarrila por completo. Homicídio e merdas assim.

— Não era nessa seita que o Ted Gärdestad estava? — acrescentou Peder.

— O Ted Gärdestad fazia parte de uma seita?! — perguntou Ruben, espantado. — Estamos a falar do gajo do «sol, vento e água», não estamos? *Satelitt, satellit, oh, oh, oh...*

— Sim, esse mesmo — respondeu Peder. — É pena ter-se metido em confusões. Ele era mesmo talentoso. Mas ainda conseguiu imenso reconhecimento como artista ultimamente, temos de...

— Concentração! — disse Julia, cansada, e fez sinal para que Christer continuasse.

— O que parece ter acontecido depois é que o John se foi embora mesmo antes de tudo ter dado para o torto lá no Oregon. E trouxe um grupo de lá com ele para a Suécia. Comprou aquela quinta e iniciou uma espécie de pequena seita ali.

— Mas do que é que viviam? — quis Ruben saber.

— Geriram a tal quinta de cavalos durante alguns anos, aquela que vocês acabaram de visitar. A Nova nasceu na quinta, e a mãe dela era uma das mulheres que saíram com o John do Rajneesh. Mas não há muita documentação desses anos; eles eram reservados e o único contacto que tinham com outras pessoas era com os alunos que iam à quinta para as aulas de equitação. A única coisa que consegui encontrar foram algumas cartas em tom irado enviadas a jornais da região por pessoas que sabiam do passado deles em seitas. As aulas de equitação eram muito populares entre as crianças, daquilo que percebi, e assumo que isso nem sempre era visto com bons olhos. O que se confirma pelo que aconteceu a seguir.

— O incêndio? — perguntou Mina.

— Exatamente. Não há muitos detalhes técnicos, mas, uma noite, a quinta começou a arder. A investigação forense depois comprovou que foi fogo posto.

— Lembro-me perfeitamente, apareceu nos jornais! — exclamou Peder.

— Sim, foi uma grande notícia naquele tempo. Várias pessoas do grupo morreram queimadas lá dentro, adultos e crianças. Até os cavalos morreram no incêndio. O John e a Nova foram as únicas pessoas que escaparam, e, até agora, toda a gente pensava que o John também tinha morrido no acidente de carro quando estavam a fugir da quinta.

Christer mostrou-lhes uma cópia de um artigo antigo do jornal *Expressen*, que os colegas foram passando.

— É surpreendente que isto não tenha sido mais badalado nos meios de comunicação social, tendo em conta que a Nova se tornou tão conhecida do público geral — comentou Mina, pensativa.

— Também não é propriamente um segredo — disse Vincent. — Acho é que ninguém quis causar-lhe mais dor desnecessariamente ao pegar nesta história outra vez. Não há nada de novo a dizer sobre o assunto, e ela era uma criança quando isto aconteceu.

— Mas como é que ele conseguiu manter-se escondido todos estes anos? — perguntou Peder, coçando a barba.

— É isso que temos de começar a investigar agora — disse Julia. — Se descobrirmos como é que ele o fez, em quem se transformou, por onde andou, tudo isso vai ser a nossa melhor pista para percebermos onde é que está escondido.

— Não é propriamente fácil arranjar uma identidade falsa na Suécia — observou Christer.

— Pode ter vivido sem identidade — retorquiu Ruben, e rabiscou algo no seu bloco de notas, pensativo. Mina viu que eram gatafunhos disparatados, sem sentido. Alguns dos rabiscos pareceram-lhe corações, mas claro que era apenas da sua imaginação. Ruben aclarou

a garganta e continuou: — Se ele tiver tido pessoas à sua volta, seguidores leais que também sobreviveram e cuidaram dele, então não precisou do resto da sociedade para nada. O único momento em que temos de nos identificar é quando precisamos de entrar em contacto com as autoridades. Se ele tiver tido um teto sobre a cabeça e ajuda a pôr comida na mesa, pode ter vivido estes anos todos completamente fora do radar. Principalmente porque ninguém andava à procura dele, já que todos pensavam que estava morto.

— Já emitimos um mandado de captura — informou Julia. — E estamos a ponderar se devemos divulgar a informação à comunicação social. O problema é que não existem fotografias atuais do John; as últimas que temos são de há trinta anos. Mas também demos início ao processo de criar uma imagem de como ele poderá ter envelhecido e de qual será a sua aparência hoje em dia.

— Estás a falar de um retrato-robô? Um disparate pegado — disse Christer, procurando apoio ao redor da mesa.

— Pelo contrário — contrapôs Adam, abanando a cabeça. — Está cientificamente provado. E hoje em dia são feitos por computador, já não são esboços feitos à mão como antigamente. Por amor de Deus, até existem aplicações para telemóveis que fazem o mesmo e que estão ao dispor de qualquer pessoa. Põe-te a par, Christer!

— Um disparate pegado — repetiu Christer, ofendido. — Não tenho mais nada a dizer.

Bosse levantou a cabeça como se tivesse sentido o estado de espírito do dono, mas depois voltou a pousar a cabeça nas patas e soltou um suspiro profundo.

— E claro que o *Audi* azul também foi reportado — disse Julia. — Ainda não temos qualquer sinal dele, mas deve ser só uma questão de tempo. Todos os carros que estão de patrulha têm o alerta.

— Então e os membros da seita? — perguntou Ruben, continuando a desenhar rabiscos cada vez mais psicadélicos no bloco de notas. — Tem de ser possível pô-los a falar; de certeza que sabem onde é que o

John está.

— Acho que devíamos deixar o Vincent tentar — disse Mina. — Ele já conseguiu bons resultados nesses contextos anteriormente, com a Lenore Silver, por exemplo. A verdade é que ele consegue detetar coisas que nenhum de nós viu antes.

Julia olhou para o mentalista, que até então estivera em silêncio.

— O que dizes, Vincent? Podes ajudar-nos?

Mina reparou que Julia tinha grandes manchas de suor por baixo dos braços. Discretamente, levantou os próprios braços, mas, até ao momento, o desodorizante parecia estar a manter a transpiração controlada. Mina reforçara o desodorizante depois da visita à quinta e tentara limpar o corpo com toalhetas desinfetantes o melhor que conseguira. Não que tivesse tocado em alguma coisa suja, mas o fedor dos cavalos e a natureza doentia de toda a situação na quinta entranhara-se em cada poro do seu corpo.

— Claro que posso ajudar no que for preciso — respondeu Vincent. — Mas o Adam é que é o especialista em negociação, apesar de tudo. Acho que ele vai fazer um excelente trabalho; os seguidores do John podem ser um pouco fanáticos, mas não têm a mesma experiência de serem confrontados com a Polícia que a Lenore tinha. Acho que, no máximo, vão manter-se calados durante algum tempo, mas isso deve passar-lhes quando se aperceberem de que foram usados.

— Concordo com o Vincent — disse Adam. — Temos simplesmente de nos assegurar de que ficam entediados. O que não deve ser difícil, já que não têm o salvador por perto.

— Parece-me que está na hora de eu ir para casa — disse Vincent. — Mas obrigado por esta tarde emocionante.

— Nós é que temos de te agradecer — retorquiu Julia. — Se não fosses tu, não teríamos encontrado o John. Todo o grupo contribuiu com coisas importantes, por isso vamos dar mais uma palmadinha de parabéns nas nossas próprias costas por um trabalho bem feito. E depois metemos mãos à obra e tentamos localizar o John Wennhagen.

Todos sabem o que têm de fazer?

Todos murmuraram um sim e assentiram com a cabeça para Julia; depois levantaram-se e saíram. No entanto, Mina deixou-se ficar para trás, sozinha na sala. Havia alguma coisa a incomodá-la, algo de que deveria lembrar-se.

Algumas horas mais tarde, Mina continuava preocupada. Algo não batia certo. Os outros estavam ocupados a procurar John Wennhagen, um homem ressuscitado dos mortos. Durante a tarde, tinham conversado com Nova, que admitira que sempre suspeitara que o pai não estava morto, mas não chegaram mais longe do que isso. Nova afirmara insistentemente que ela e John nunca tinham tido qualquer contacto e que não punha os pés na quinta de cavalos desde a catástrofe. Claro que iriam confirmar todas essas informações; a Polícia teria de controlar registos de chamadas e provavelmente fazer uma busca ao Epicura. Era preciso pedir mandados e tratar da documentação. No entanto, Mina estava com dificuldade em concentrar-se no que devia fazer.

Tinha visto algo na quinta. Fora algo tão fugaz que não tivera tempo de o registar na memória antes de tudo o resto acontecer. Mas sabia que era importante.

As pessoas que tinham mantido Wilma presa já estavam a ser interrogadas, e Vincent tivera razão: mantiveram-se todas em silêncio. Por enquanto. Adam ainda nem conseguira que lhes dissessem os seus nomes. Se não encontrassem nada nos registos de impressões digitais, seria praticamente impossível identificá-las. Provavelmente, teriam de acabar por contactar a comunicação social para pedir ajuda ao grande detetive Público.

Wilma continuava no hospital. Assim que os médicos terminassem os exames e estivessem seguros de que ela estava apta a responder a perguntas, Julia e Peder falariam com ela. No entanto, por agora teriam de manter-se pacientemente à espera.

Mina levantou-se e andou de um lado para o outro entre a secretária

e a parede. Estava com dificuldade em concentrar-se. Dedicara umas horas a procurar a pouca informação que havia nos registos antigos sobre John Wennhagen; talvez algo no seu passado pudesse guiá-la até ao seu paradeiro atual. Até vasculhara os registos, para o caso de ele ter outras propriedades além da quinta, mas até ao momento não encontrara rigorosamente nada.

Todavia, sabia que aquilo que procurava não estava em nenhuma base de dados, estava enterrado no seu subconsciente, mesmo ali à mão de semear, mas ao mesmo tempo fora do seu alcance, a fazer troça dela, a irritá-la. A frustração deu-lhe vontade de desferir um forte pontapé em alguma coisa, mas, subitamente, deteve-se. Talvez não conseguisse forçar o seu cérebro a produzir uma resposta, mas sabia de alguém que conseguia, já o vira fazê-lo.

Um telefonema mais tarde e ele estava a caminho.

Vincent deixou Mina guiá-lo até uma das salas de descanso da sede da Polícia.

— Desculpa ter-te feito voltar tão depressa — disse Mina. — A tua família deve odiar-me...

A sala tinha uma cama, uma pequena mesa e uma cadeira.

— Sim, retiro tudo o que disse no carro sobre sermos amigos — respondeu Vincent. — Claro que não, não há problema nenhum. A Maria nem sequer estava em casa. A Rebecka ia ter com o namorado, mas eu subornei-a a ela e ao Benjamin para ficarem a ver um filme com o Aston até eu voltar.

Vincent reparou que Mina ficou tensa quando viu a cama. Provavelmente, já estava a fantasiar sobre a quantidade de pessoas que tinham estado ali deitadas a descansar, a dormir ou o que quer que fosse que se fazia na penumbra da sede da Polícia, sem que o colchão tivesse sido lavado uma única vez.

— Pus o *Solaris* para eles verem — continuou Vincent. — A versão do Tarkovski, claro, apesar de o Stanisław Lem, de acordo com um documentário, se ter mostrado interessado no que o Soderbergh e o George Clooney poderiam alcançar com o seu romance de ficção científica. Só que o original russo de 1972 é sempre o original. E o Benjamin prometeu fazer pipocas.

Mina olhou fixamente para ele.

— O Aston não tem nove anos? — perguntou-lhe. — Achas que ele prefere ver o... o que tu acabaste de dizer em vez do... sei lá, os *Mínimos*?

— Eu vi o *Solaris* pela primeira vez quando tinha a idade dele — respondeu Vincent, encolhendo os ombros. — E olha que bem que correu... Além disso, o filme tem quase três horas. Para o caso de demorarmos mais tempo.

Mina abanou a cabeça; pelo menos, já não parecia estar com vontade de forrar a sala toda com plásticos. A distração funcionara, nem que fosse momentaneamente. Vincent sentou-se na beira da cama

para que Mina pudesse sentar-se na cadeira.

— Conta-me — pediu-lhe. — O que é que estamos a fazer aqui, nesta sala? O que é que era tão urgente?

— Tu hipnotizaste a Lenore — disse Mina. — Não foi? Quando lhe fizeste aquelas perguntas?

Vincent hesitou alguns segundos. A hipnose era um assunto controverso, e havia várias explicações, tantas quantas as pessoas que a realizavam. Fosse qual fosse a forma como se olhasse para o assunto, provavelmente não seria algo que a Polícia encorajaria. Porém, se Mina pensava repreendê-lo, tinha escolhido um local e hora muito estranhos para o fazer.

— Eu... conversei com a Lenore — disse Vincent. — Utilizei certas técnicas verbais e físicas para a ajudar a entrar num estado mental específico, onde podia estar relaxada e atenta sem precisar de questionar ou analisar o que era dito.

— Hipnotizaste-a, portanto.

— Se quiseres chamar-lhe assim.

— Podes... podes hipnotizar-me a mim?

O pedido foi uma surpresa completa. Fosse qual fosse a direção que Vincent pensara que a conversa tomaria, não era certamente aquela. Mina, que impunha paredes de quilómetros de altura ao redor da sua pessoa, Mina com um escudo de defesa com uma milha de espessura, essa Mina acabara de lhe perguntar se ele podia entrar diretamente no seu íntimo mais vulnerável.

— Estás a perguntar-me como um desafio, porque pensas que não vai funcionar? — perguntou-lhe. — Ou estás a dizer que queres mesmo que eu tente?

— Quando estávamos na quinta, hoje, havia lá qualquer coisa — disse Mina. — Quase me lembro do que era, mas aconteceu tanta coisa ao mesmo tempo que não tive tempo de refletir sobre isso na altura. Pelo menos não conscientemente. E agora não me consigo recordar. Mas acho que é importante. Podes hipnotizar-me e ajudar-me a

lembrar?

Vincent engoliu em seco. Se fosse outra pessoa, a pergunta não teria sido estranha; já lhe tinham perguntado aquilo centenas de vezes. Não obstante, vinda de Mina, o significado da pergunta era diferente. Significava que ela confiava plenamente nele, que estava disposta a deixá-lo ver o que ele quisesse na sua cabeça, ao mesmo tempo que confiava que ele não iria procurar mais do que o necessário. Subitamente, a sala pareceu-lhe demasiado pequena. Ou demasiado grande. Tentou encontrar uma forma mais confortável de estar sentado na cama. Queria encontrar uma maneira de retribuir a confiança. Mina fez uma careta quando a cama rangeu sob o seu peso.

— Para começar — disse Vincent, concentrando-se —, se vamos fazer isto, não precisas de estar deitada, podes perfeitamente estar sentada na cadeira.

Mina pareceu claramente aliviada; ao mesmo tempo, continuava com a pequena ruga entre as sobrancelhas que aparecera quando mencionara a hipnose pela primeira vez. Afinal, não estava completamente confortável com a situação.

— Em segundo lugar, acho que não é preciso recorrermos à hipnose — apressou-se a acrescentar Vincent. — Posso ajudar-te a recordar na mesma, há outras técnicas para isso.

A ruga entre os olhos de Mina desapareceu, Vincent estava certo. Se tivesse continuado com algo que ela acreditasse ser hipnose, não teria dado bons resultados. Era incrivelmente corajoso da parte dela pedir-lhe aquilo, mas, na verdade, estava com medo. E o medo criava barreiras. Vincent teria de recorrer a uma tática diferente.

— Mas vais ter de fechar os olhos e relaxar na mesma — disse-lhe. — Podes tentar fazer isso agora? — Mina fechou os olhos e Vincent ouviu a sua respiração ficar mais lenta. — Ótimo. Volta a abrir os olhos, ainda não começámos. — Mina piscou os olhos para ele com uma expressão ligeiramente confusa. — Mas depois, quando o fizermos, também quero que fiques consciente da sensação das tuas

mãos sobre os teus joelhos. Fecha os olhos outra vez e sente.

Mina fechou os olhos e, desta vez, também baixou um pouco a cabeça.

Vincent contou silenciosamente até cinco.

— Excelente. Abre os olhos novamente. Ainda não começámos.

Desta vez, Mina demorou mais tempo a voltar a abrir os olhos e, quando o fez, estava quase com ar de quem acabara de acordar.

— Daqui a pouco vou ajudar-te a recordar, e então vais fazer tudo o que eu te pedir e vais ser transportada de volta para a quinta, e podes fazer tudo isso e fechar os olhos *agora...* e relaxa mais profundamente do que nunca.

Mina fechou os olhos de imediato e deixou cair a cabeça para a frente.

— Mais profundamente... mais profundamente... Afunda-te no teu subconsciente e em tudo o que experienciaste na quinta — disse Vincent com um tom suave e monótono. — Sente os cheiros que lá havia, ouve os sons, vê o que observaste.

Vincent pegou no pulso de Mina e levantou-lhe a mão por cima do joelho. Quando a largou, Mina ficou com a mão suspensa no ar.

Na verdade, não gostava do método que estava a usar. Baseava-se, em parte, naquilo a que chamavam fracionamento, em que se começava a colocar a pessoa repetidamente em estado hipnótico para, de seguida, a retirar imediatamente dele outra vez, uma alteração fisiologicamente stressante o suficiente para que o cérebro quisesse permanecer na hipnose de livre vontade. Por outro lado, baseava-se numa pura sobrecarga de instruções. Era um facto reconhecido na área da hipnose que, se se confundisse alguém o suficiente, a pessoa seguiria a primeira instrução clara que recebesse. O que, naquele caso, fora a de relaxar mais profundamente do que nunca. Vincent não gostava do método porque lhe parecia muito agressivo, mas produzia inegavelmente resultados. Mina já se encontrava num estado hipnótico profundo.

Vincent colocou o dedo indicador na mão suspensa de Mina e empurrou-a cuidadosamente para baixo, de volta para o seu joelho.

— Quanto mais a tua mão descer, mais claras ficam as tuas memórias — disse-lhe. — Mais nítida fica a tua visão. E, quando estiveres pronta, podes contar-me o que estás a ver.

Mina ficou em silêncio durante mais alguns segundos.

— Estamos a estacionar — disse depois. — Do lado de fora do estábulo. Saímos do carro. O Ruben está a dirigir-se para as portas do estábulo. Eu olho em volta.

— O que é que vês?

— O novo edifício. Árvores. Carros, os nossos e os deles. Arbustos. O caminho de gravilha.

— Mas há alguma coisa que te chama a atenção — disse Vincent. — É um som?

Mina abanou a cabeça.

— É alguma coisa a brilhar no chão — respondeu. — Não devia haver nada cintilante ali, é só gravilha, mas alguma coisa brilha e reflete o sol. Pode ser um bocado de vidro, lixo, mas parece simétrico. Não vejo bem, tenho de proteger os olhos do sol. E depois o Ruben grita...

— Pára aí — disse Vincent. — Já viste o objeto uma vez, ele existe na tua memória. Agora tens visão *laser*, consegues ver a vários quilómetros de distância. Pára o tempo, olha para o objeto outra vez e conta-me o que é.

Mina assentiu com a cabeça. Vincent conseguiu ver que ela se esforçava para perscrutar a memória. Subitamente, Mina abriu os olhos e olhou diretamente para ele. Saíra completamente da hipnose como se esta nunca tivesse acontecido.

— Já sei o que é! — disse ela. — Temos de voltar à quinta.

— Sabes que estás a conduzir muito depressa, não sabes? — perguntou Vincent com um tom de voz aterrorizado. — Outra vez.

Mina não desviou os olhos da estrada, estavam quase a chegar. Fora diretamente para o seu carro, sem avisar o resto do grupo; queria ter a certeza primeiro. Já não restava ninguém na quinta e Vincent estava com ela. Embora parecesse arrependido de a ter acompanhado, a julgar pela força com que se segurava à pega da porta do passageiro.

Mina virou à direita, em direção a Spångbro, sem fazer sinal de pisca, e entrou no caminho em reta até à quinta de cavalos de Wennhagen. Mina preparou-se mentalmente; a sensação de sujidade já estava a instalar-se sobre ela, abria caminho por baixo da sua roupa e para dentro dos seus poros. Não obstante, a necessidade de descobrir se as suas suspeitas estavam certas era mais forte.

— É um tiro no escuro — disse Vincent. — Pode não ser rigorosamente nada.

— Eu sei — respondeu Mina, e pressionou ainda mais o acelerador.

Uma pedra foi projetada do caminho e bateu violentamente no vidro da frente.

— Puta que pariu!

— E quem fala assim não é gago — comentou Vincent secamente, ainda a segurar-se firmemente à porta.

— E tu estás a treinar para falar como um velho reformado no dia em que fizeres cinquenta anos?

— Neste momento não tenho a certeza se vou sequer chegar lá.

Mina ignorou os comentários de Vincent enquanto passavam pelas ruínas da casa de habitação; depois derraparam à frente do antigo estábulo. Estava um silêncio mórbido quando saíram do carro, o único sinal de vida vinha de um pássaro a grasnar em cima de uma árvore a alguma distância. Mina e Vincent atravessaram o pátio tão rapidamente que levantaram uma nuvem de poeira na gravilha. Caminharam em torno do edifício queimado, em direção ao estábulo novo. Mina deteve-se e observou o que restava do incêndio, não

queria deixar escapar nada.

— Que horror — disse Mina quando viu o telhado desabado. — Até parece que consigo ouvir os gritos das pessoas. O terror que deve ter sido. O fogo, o som de tudo a desabar. E os cavalos. Todos os cavalos...

— Também consigo ouvi-los — respondeu Vincent em voz baixa. — Com mais clareza do que gostaria.

Observaram a destruição durante algum tempo. Mina já lera descrições de ruínas que tinham sido conquistadas pela floresta, como podiam parecer pacíficas e quase místicas. Não era o caso daquela. O estábulo queimado de John ainda era uma grande ferida negra na natureza, como se o que acontecera ali fosse tão horrendo que até a natureza fazia um desvio em torno dele.

Mina começou a caminhar rapidamente à volta do bosque, em direção ao estábulo novo. Protegeu os olhos da luz com a mão, tal como fizera da última vez, apesar de já terem o sol pelas costas e não ser realmente necessário.

— Ali! — disse, e apontou para um ponto na gravilha um pouco mais adiante.

Aproximou-se e Vincent seguiu-a de perto.

— Olha.

Mina agachou-se e apontou para um pedaço de metal no solo. Vincent também se agachou.

— Uma ferradura — disse Vincent, assentindo com a cabeça.

— O que, por si só, não é estranho — comentou Mina. — Afinal de contas, isto era uma quinta de cavalos. E mesmo que neste momento não haja cavalos na parte recém-construída, o John pode tê-los tido antes. Provavelmente, há ferraduras usadas um pouco por todo o lado, mas, nesse caso, deviam estar enferrujadas e sujas, pelo menos um pouco desgastadas. Esta está completamente limpa e brilhante. O que é que está aqui a fazer? — Mina tentou levantar a ferradura para a observar melhor, mas não conseguiu tirá-la do chão. — Está presa —

exclamou Mina, intrigada.

Vincent inclinou-se para a frente para conseguir ver melhor. Ficou tão perto de Mina que ela conseguiu sentir a sua respiração junto à orelha.

— Estás a ver a argola a que está presa? — observou Vincent. — Não é uma simples ferradura, é um puxador.

Mina virou-se para ele, espantada. Ao longe, ouviram novamente o grasnar de um pássaro.

Mina tentou puxar a ferradura mais uma vez, mas estava presa.

— Espera, tem ali um trinco de mola — disse Vincent. — Estás a ver?

Vincent afastou um pouco de gravilha e apontou para um trinco preso a uma cavilha ao lado da ferradura. Empurrou o sistema de mola para o lado e enfiou uma pequena pedra por dentro para a manter aberta.

— Pronto, agora vamos tentar puxá-la ao mesmo tempo.

Colocou-se atrás de Mina, estendeu os braços de cada lado do seu tronco e posicionou as mãos ao lado das dela na ferradura.

A ferradura era tão pequena que as suas mãos tiveram de cobrir parcialmente as dela quando as fechou à volta da ferradura. Vincent ficou quieto, à espera de que Mina dissesse alguma coisa sobre o contacto da pele, de que ela retirasse as mãos.

Em vez disso, Mina inclinou-se alguns centímetros para trás, com a parte superior do seu corpo pressionada contra ele. O calor das costas de Mina espalhou-se pelo seu peito e continuou para o resto do corpo. Vincent mal ousou respirar.

— Vincent? — disse Mina.

— Diz?

— Então, não vais puxar?

Puxaram os dois ao mesmo tempo e uma abertura começou lentamente a revelar-se no caminho. Alguém cobrira cuidadosamente uma escotilha com gravilha para a tornar invisível, mas, quando abriram a escotilha, descobriram um buraco negro, com uma escada que descia diretamente para a escuridão. O trinco de mola estava na borda da escotilha e faria com que ela se trancasse automaticamente quando a escotilha se fechasse.

— E agora vamos entrar na toca do coelho... — comentou Mina num tom sombrio.

Toca do coelho. Em algum momento, quando aquilo terminasse,

teria de perguntar a Mina se ela escutava as conversas dele com Benjamin.

— Consegues fazer isto? — perguntou-lhe.

— Sinceramente, apetece-me vomitar só de pensar no que poderá haver lá em baixo — respondeu Mina. — Mas nem penses que vais descer sozinho.

— Está bem — disse Vincent. — Acho que encontrámos o abrigo do John.

Vincent ajoelhou-se na gravilha para tentar ver mais profundamente para o interior do buraco; porém, era suficientemente fundo para não revelar qualquer segredo.

— Abrigo?

— Sim, acho que é o mais provável. As seitas têm muitas vezes elementos de antecipação do dia do juízo final; o fim do mundo torna-se uma ameaça comum que tanto une como aterroriza os membros, o que os torna mais suscetíveis a serem influenciados. Construir um abrigo é uma maneira muito concreta de aumentar a sensação de catástrofe iminente. Claro que não são só as seitas que pensam assim, a escatologia é um elemento da maioria das religiões. Até das grandes. Outra alternativa é o John ser paranoico e sentir que precisa de um abrigo para uso próprio.

— O quê? Escadarias fazem parte das religiões?

Mina olhou para ele com uma expressão de incompreensão total.

— *Escatologia* — clarificou Vincent, virando-se de costas para o buraco, apesar de continuar agachado perto da borda. — A palavra vem do grego *éskhatos*, que significa «último», e de *logos*, que significa «ensinamento». «O último», ou *escáton*, pode ser interpretado como o fim da vida de um indivíduo, ou como a extinção do mundo, o fim dos tempos. Dentro do cristianismo está ligado, entre outras coisas, ao retorno de Jesus Cristo e à batalha final entre Deus e Satanás.

Vincent sentiu o coração bater acelerado no peito quando espreitou para trás, para dentro do buraco. Não que fosse muito apertado, mas

era escuro. E quem saberia o que os esperaria lá em baixo; podia muito bem estar a caminho do seu próprio caixão.

— Na fé Bahá'í, por outro lado, o *escáton* não se relaciona com destruição, é antes sobre como as populações do mundo vão criar uma nova ordem mundial de paz, sob a sombra da bondade de Deus — apressou-se a acrescentar Vincent para se distrair, enquanto colocava o pé no buraco até encontrar o primeiro degrau. — É uma mensagem um pouco mais luminosa, por outras palavras. Mas o cristianismo sempre foi precursor no que diz respeito a deixar as pessoas borradas de medo.

Vincent ouviu como a sua própria voz soava tensa, mas não havia nada a fazer. Concentrou-se na respiração, enquanto descia lentamente.

Inspirar. Expirar.

Inspirar. Expirar.

O pânico estava muito perto, poderia tomá-lo por completo a qualquer momento, atirá-lo para uma ansiedade tão profunda que Vincent receava nunca mais conseguir voltar à superfície.

Mina observou a cabeça loura de Vincent desaparecer cada vez mais fundo no buraco escuro.

— É bastante profundo — ouviu-o dizer.

Mina não respondeu. Ia estar tudo tão terrivelmente sujo lá em baixo, tinha a certeza. Só de ver os degraus enferrujados, ficou arrepiada.

— Podes descer.

A voz estava agora mais abafada do que antes, Vincent devia ter descido ainda mais.

— Está o mais limpo possível aqui em baixo. Se não te encostares às paredes, vai correr tudo bem.

Mina praguejou em voz baixa e desceu para o buraco. Degrau a degrau. Esforçou-se para não pensar em quantos pares de sapatos sujos já tinham pisado as varas em que estava a segurar-se, e quase se sentiu agradecida pela escuridão que tornava impossível ver a sujidade. Quase... Porque a escuridão também não era sua amiga; na escuridão realmente não se via a sujidade e as bactérias, mas isso não queria dizer que não estivessem lá.

Por fim, chegou ao fundo. E Vincent tinha razão, estava provavelmente o mais limpo possível tendo em conta que se encontravam num *bunker* de betão por baixo de terra. Parecia que estavam num buraco do inferno; mesmo que se trouxesse o sol ali para dentro, continuaria a não haver luz suficiente.

— Deve ter sido aqui que mantiveram as crianças — disse Mina.

— Sim. Nunca me pareceu provável que as fossem manter lá em cima no estábulo. É isolado, sem dúvida, mas muito inseguro; demasiado difícil de defender se acontecesse alguma coisa.

— Tivemos sorte em encontrar a Wilma — disse Mina enquanto revistava o pequeno espaço. — Alguma coisa os deve ter feito levá-la para cima pouco antes de nós chegarmos.

Não havia ali muita coisa. Uma pilha de colchões, alguns

cobertores, restos de embalagens de alimentos deixados para trás. Papéis de rebuçados. Um balde.

— Que horror! — exclamou Vincent, e baixou os olhos. Estava no meio do círculo de luz que vinha da abertura na superfície do solo e a apontar para os colchões. — Parecem-me cobertores de cavalos — constatou. — Deve ser dali que vieram aqueles vestígios de fibras encontrados na garganta das crianças. Mas ainda não consegui perceber como é que as fibras foram parar à garganta delas. Ou como é que aquelas marcas que vinham descritas nos relatórios das autópsias apareceram nos pulmões. Ainda há tanta coisa que não sabemos. Qual é a motivação do John? Porquê estas crianças especificamente? Desta forma? O John e os seguidores devem ter vivido uma vida extremamente tranquila, para ele ter conseguido manter-se escondido durante estes anos todos. O que os levou a escolher agir precisamente agora?

Vincent calou-se e olhou fixamente para os colchões. E para os cobertores. Pela primeira vez, pareceu não encontrar nenhum padrão. Mina não conseguia imaginar como seria ver padrões mesmo quando não se queria. Porém, ali em baixo não havia padrões nenhuns, só escuridão. Até o círculo de luz onde Vincent estava se reduzira a uma meia-lua. O seu cabelo louro brilhava ao sol. Mina seguiu o olhar do mentalista.

Os colchões. Os cobertores. As marcas, como se os pulmões tivessem sido submetidos a uma pressão forte. As fibras até à garganta.

E assim uma velha memória ganhou vida lentamente. Algo que Mina lera antes de se tornar polícia, um dos casos criminais que a tinham levado a decidir juntar-se à luta contra o mal.

— Morreu uma rapariga nos Estados Unidos da América — disse Mina lentamente. — Acho que foi no ano 2000. Chamava-se... Candace. Candace Newmaker, acho eu. A mãe adotiva levou-a a um psiquiatra porque achava que ela não se comportava normalmente...

Mina sentiu um arrepio pelo corpo todo. Queria sair dali, ir para o

sol, telefonar a Julia, mandar vir uma equipa de técnicos forenses que pudessem analisar o local milímetro a milímetro. O círculo de luz encolheu ainda mais à volta de Vincent.

— Como a medicação não estava a ajudar — continuou Mina —, a mãe levou-a a um terapeuta, onde iam experimentar uma terapia alternativa de apego. Uma das técnicas que o terapeuta utilizou era conhecida como «renascimento». A Candace morreu durante a segunda semana de terapia.

— Renascimento? O quê?

Mina apontou para os colchões e os cobertores.

— A Candace foi enrolada num cobertor, depois puseram colchões em cima dela para simular um canal de parto e diziam-lhe para lutar para sair. Como forma de estabelecer um laço com a mãe adotiva, sei lá. Seja como for, enquanto ela lutava para se soltar, os adultos faziam pressão com o peso dos seus corpos. Ela gritou, vomitou e berrou várias vezes que estava quase a morrer, mas ninguém lhe deu ouvidos. No dia seguinte, foi-lhe declarada morte cerebral devido à falta de oxigénio e ela morreu. Está tudo filmado.

— Meu Deus — disse Vincent. — Isso alinha-se demasiado bem com os relatórios da Milda. Temos de falar com a Julia.

Agora que a luz do sol não entrava diretamente, já não estava tão quente dentro do *bunker* e o círculo de luz estava consideravelmente mais pequeno do que uma meia-lua.

A luz.

A luz estava a desaparecer.

Mina desviou os olhos do círculo de luz cada vez menor no chão e olhou para a abertura à superfície.

— Vincent! — exclamou. — A tampa, não a prendemos corretamente. Está a fechar-se!

Vincent olhou para cima, depois rapidamente de volta para Mina, antes de se atirar para a escada. A última faixa de luz desapareceu no

momento em que Vincent colocou um pé na primeira vara metálica, e a escotilha acima deles caiu com um baque pesado. Mina não ouviu o clique do trinco de mola fechá-los ali dentro, mas sentiu-o no corpo todo.

— Será que alguém nos fechou cá dentro?

Mina sentiu as paredes aproximarem-se, fecharem-se cada vez mais à sua volta. A sua respiração tornou-se difícil, leve, superficial. De repente, sentiu uma mão no seu braço. Normalmente, não era nada que contribuísse de maneira alguma para aliviar a sua ansiedade, até pelo contrário. Mas aquilo que sentia era a mão de Vincent.

— Infelizmente, acho que só pode ser atribuído ao fator humano — disse ele. — À nossa própria estupidez. Devíamos ter pensado em prender a tampa com segurança. Como é que é possível não o termos feito? Voltou simplesmente a cair.

— Vai lá abri-la, por favor — disse Mina por entre dentes cerrados. Silêncio. Um silêncio demasiado longo.

Mina pegou no telemóvel e ligou a função de lanterna para poder vê-lo melhor. A expressão facial de Vincent estava mais tensa do que ela desejava.

— O trinco foi construído de maneira a não poder ser aberto por dentro — disse ele.

— O quê? Que lógica é essa? Isto é um abrigo; é suposto servir de proteção contra o exterior, não contra o que está no interior. O que é que levaria o John a construir um abrigo sem a possibilidade de sair?

— Não podemos aplicar a lógica normal a um profeta do juízo final — respondeu Vincent. — No mundo do John, o dia em que precisassem de usar o abrigo também seria o final de tudo.

— Mas isso é ainda menos lógico! Para quê preocupar-se em construir um abrigo se, de qualquer maneira, iam todos morrer? Se fosse assim, podiam perfeitamente enfrentar o último dia à superfície, não é?!

Vincent sentou-se pesadamente nos colchões ao canto da sala, sem responder às perguntas. Mina percebeu que ele estava a refletir e deixou-o pensar em paz. Olhou para o telemóvel; não tinha rede. O que, na verdade, também não era surpresa nenhuma. Subiu a escada e segurou o telemóvel contra a tampa, mas não fez diferença, o telefone

não servia de nada.

— Alguém com o tipo de personalidade que o John tem vê-se muitas vezes a si próprio como indispensável — disse Vincent quando Mina voltou a descer a escada. — E um pouco superior aos outros. É ele que tem as respostas todas e é ele o responsável por transmiti-las. O responsável por... continuar a viver. Acho que... acho que a ideia do John era que os outros morressem, mas ele não. De certeza que guardava aqui algum tipo de veneno para os matar. Tal como a Beata Ljung contou sobre Jonestown e o Heaven's Gate... tu sabes. Claro que agora estou só a especular, mas o plano do John pode ter sido fechar-se aqui em baixo com os membros da seita e dizer que o mundo lá fora tinha acabado. A única alternativa que lhes restaria então seria dar o passo seguinte por eles próprios. Como ele costumava dizer: tudo é sofrimento, a dor purifica. Exceto para o John, ele planeava sobreviver.

Vincent olhou à sua volta, pensativo. Mina fez o mesmo, enquanto segurava o telemóvel para iluminar. Observou as paredes de cimento nuas, o pânico a aumentar a um ritmo constante.

— Mas como? — perguntou. — Isto não tem saída.

Só lhe restavam nove por cento de bateria no telemóvel, que acabariam muito rapidamente se continuasse a utilizar a lanterna.

— Tens aí o teu telemóvel? O meu está com pouquíssima bateria.

Vincent abanou a cabeça.

— Ficou no carro.

Vincent levantou-se, caminhou ao longo das paredes, tocou-lhes e pediu a Mina que as iluminasse ao mesmo tempo. Uma aranha fugiu rapidamente da luz e Mina esteve prestes a deixar cair o telemóvel. Vincent virou-se.

— Estás bem?

— Não te preocupes comigo, continua a procurar.

A bateria do telemóvel desceu para os oito por cento.

— Apaga a luz — disse Vincent.

— Desculpa, mas... o quê? — retorquiu Mina, olhando fixamente para ele. — Não, não vou apagar a luz.

— Eu sei que é perturbador, mas todo o sistema sensorial e o tato nos meus dedos aumentam se não tiver impressões visuais a interferir. Preciso de sentir à minha volta sem que a visão seja um obstáculo.

— É bom que encontres uma saída — sibilou Mina ao desligar a lanterna com os dedos a tremer.

A escuridão tornou-se total, impenetrável. Não havia luz a entrar por lugar nenhum, não havia nada que pudesse ajudar a visão a ajustar-se. A escuridão era infinita. Mina ficou completamente imóvel, a ouvir Vincent mover-se pelo espaço. Fechou os olhos, apesar de não fazer qualquer diferença, mas a escuridão familiar atrás das pálpebras era mais segura do que olhar diretamente para o nada com os olhos abertos.

— Mina! Aponta a luz para aqui!

Vincent estava atrás dela. Mina sobressaltou-se e deu meia-volta. Ainda com as mãos a tremer, conseguiu ligar a lanterna do telemóvel e apontou-a na direção de onde ouvira a voz dele. Vincent estava com as duas mãos contra a parede; procurou algo no bolso e retirou um molho de chaves. Pegou numa das chaves e começou a raspá-la pela parede. A poeira do cimento caiu sobre os seus sapatos, enquanto Mina, fascinada, observava o que ele estava a fazer. Muito lentamente, começou a surgir uma linha reta na parede. Vincent seguiu a ranhura e depois passou a chave na horizontal a partir da primeira linha vertical. Ao fim de uns segundos, tinha decalcado um quadrado no cimento.

Uma tampa.

— Acho que a encontrei — disse Vincent calmamente. — A saída secreta do John.

Vincent empurrou a tampa e ouviram um clique quando ela se soltou da parede. Vincent desencaixou-a e pousou-a no chão. Mina

sentiu um aperto na garganta quando iluminou o interior da abertura na parede.

— Nem pensar — disse Mina, e recuou um passo, tropeçando nos colchões e caindo.

Levantou-se novamente de um salto. A ideia do colchão nojento em que acabara de tocar fez com que a sensação de pânico aumentasse exponencialmente. E não ajudava nada que o buraco imundo ao lado de Vincent fosse a única saída.

— Não consigo...

— Mina, vamos ficar sem ar aqui dentro. Estamos a gastar oxigénio cada vez que respiramos. Além disso, tu própria disseste que estás a ficar sem bateria. Não preferes guardar a luz para sairmos daqui?

Mina olhou fixamente para o buraco escuro na parede.

— Mas o que é isto? Um túnel?

Uma parte dela queria aproximar-se e olhar, mas a outra parte não queria dar um único passo em direção ao horror que se abria para o interior da parede. Mina viu e ouviu a hesitação de Vincent antes de ele lhe responder.

— O meu palpite é que se trata de uma conduta de esgoto antiga — disse Vincent. — Provavelmente de um edifício anterior que estava aqui, antes de o *bunker* ser construído.

— Só podes estar a gozar.

Mina recuou; desta vez, porém, evitou cuidadosamente os colchões. Olhou para o ecrã do telemóvel; restavam-lhe cinco por cento de bateria. Merda, sabia que devia ter comprado um telemóvel com uma bateria mais potente há muito tempo, mas tinha vindo a adiar. E agora a percentagem descia como uma contagem decrescente. Dali a pouco tempo seria obrigada a rastejar pela conduta na escuridão total. Ou morrer ali dentro.

A escolha não era tão óbvia para ela como provavelmente seria para outras pessoas. Pensou que poderia aceitar a alternativa de sufocar e

morrer ali na sala em vez de enfrentar o desconhecido que a esperava na conduta demasiado estreita.

— Vamos fazer isto juntos — disse Vincent. — Vou estar contigo o tempo todo. Preferes ir à frente ou atrás?

A pergunta provocou-lhe um zumbido nos ouvidos. À frente ou atrás? Peste ou cólera?

Respira.

Mina sabia que Vincent tinha razão; afinal de contas, não queria morrer, ainda não.

— Atrás — respondeu, finalmente.

— Então vamos — disse Vincent, assentindo com a cabeça. — Tu consegues.

— Toma, antes que me arrependa — disse Mina com severidade, e entregou o telemóvel a Vincent.

Vincent enfiou-se de cabeça dentro da conduta e arrastou-se para a frente pelos cotovelos, enquanto iluminava o caminho com o aparelho de Mina. Mina tentou visualizar como o fato de linho de Vincent absorvia toda a sujidade e deixava a conduta limpa para ela, mas o exercício mental não durou muito tempo. O fedor que sentiu ao arrastar-se atrás dele era repugnante. Mina não conseguiu evitar a náusea, e o vômito subiu-lhe à boca. Forçou-se a engolir os sucos ácidos do estômago; vomitar dentro da conduta não tornaria nada melhor.

— Não pode faltar muito — ouviu a voz de Vincent ecoar à sua frente. — Setecentos e um, setecentos e nove, setecentos e dezanove...

Mina nem ia perguntar o que é que ele estava a contar, mas soava-lhe apenas a números ímpares. O que não podia ser nada de bom, tendo em conta o que ela sabia sobre Vincent.

Centímetro a centímetro, arrastou-se para a frente enquanto tentava respirar pela boca, de forma a evitar sentir o cheiro a excrementos. Ainda tinha o sabor acre do vômito na boca. Quando viu os depósitos

nas paredes do esgoto pelo canto do olho e percebeu o que eram, não conseguiu continuar a conter-se. Vomitou até salpicar os sapatos de Vincent à sua frente.

— Oh!... Estás bem? — perguntou Vincent com aquele eco abafado.
— Setecentos e cinquenta e um, setecentos e cinquenta e sete, setecentos e sessenta e um.

Mina cuspiu continuamente para se livrar do que restava na sua boca.

— De qualquer maneira, não cheirava propriamente bem aqui antes — comentou Vincent. — Setecentos e sessenta e nove, setecentos e setenta e três...

A voz de Vincent sumiu-se. Com horror crescente, Mina apercebeu-se de que as suas mãos estavam cobertas de ácidos do estômago e restos de comida. Uma mistura asquerosa sobre a qual tinha de se arrastar agora pelos cotovelos. Dentro de um túnel que cheirava a fezes.

— Arrasta-te mais depressa — gritou em pânico, e começou a rastejar novamente, com o cheiro a arder-lhe no nariz.

Os sucos gástricos estavam quentes e colaram-se-lhe ao peito e à barriga. Mina regurgitou novamente e começou a respirar pela boca. Subitamente, sentiu algo mexer-se ao seu lado. Solto um grito, um dos cotovelos escorregou-lhe no meio daquela viscosidade e bateu com o ombro. Uma aranha enorme passou a correr pelo feixe de luz que esvoaçava na sua direção. O seu coração disparou como se lhe fosse explodir dentro do peito.

— Devemos estar quase a chegar — disse Vincent. — Espero eu. Oitocentos e cinquenta e três.

A ideia de uma saída levou Mina a arrastar-se mais depressa. Agora até as calças estavam coladas às suas pernas. O que queria realmente fazer era rastejar por cima de Vincent e atirar-se para o ar fresco, mas a conduta não o permitia.

Sentiu qualquer coisa cair-lhe na cabeça e gritou novamente. O grito

ecooou pela conduta, amplificou-se e regressou como um coro aterrorizado. Algo rastejava pelo seu cabelo, mas Mina não tinha espaço suficiente para levantar os braços e removê-lo. Começou a hiperventilar.

— O que é que se passa? — perguntou Vincent, parando. — Precisas de ajuda?

— Continua — respondeu Mina, ofegante, lutando para controlar a respiração.

Subitamente, apercebeu-se de que o tom abafado da voz de Vincent não se devia apenas à acústica da conduta. Ele estava a falar por entre dentes cerrados. Mina estivera tão concentrada em si própria que se esquecera das dificuldades de Vincent; ele não suportava espaços apertados. Devia estar a fazer um esforço abismal para se manter tão calmo e solidário com ela, quando, na verdade, estava igualmente tomado pelo pânico. Essa percepção deu-lhe força: se Vincent conseguia, ela também tinha de conseguir.

A luz do telemóvel apagou-se e o túnel ficou escuro como breu. A bateria devia ter finalmente morrido.

Mina ficou com vontade de chorar. Queria gritar e espernear violentamente. Por momentos, esqueceu-se de respirar pela boca e foi atingida de novo pelo cheiro nauseabundo. O cheiro ácido e penetrante a vômito e excrementos. Sentiu lágrimas a arderem-lhe nos olhos, mas continuou em frente, centímetro a centímetro, na escuridão total. Com a esperança de que Vincent estivesse algures à sua frente.

— Mina?

A voz de Vincent atravessou a escuridão.

— O que é?

— Acho que estou a ver luz. Mil duzentos e noventa e sete. Estamos a chegar à saída. Mil trezentos e um.

As lágrimas, agora de alívio, escorreram pelo rosto de Mina enquanto algo continuava a mover-se pelo seu cabelo. Seguiu o som de Vincent em direção à liberdade.

Quando Vincent viu Mina cair para fora da conduta, o que queria realmente fazer era abraçá-la. Ao mesmo tempo, sabia que era provavelmente a pior coisa que podia fazer. Especialmente tendo em consideração o cheiro acre que ela emanava e a forma como a roupa suja e empapada estava colada ao seu corpo. Além disso, não sabia se teria energia para o fazer. Manter o pânico controlado dentro do espaço apertado da conduta drenara todas as suas forças. Mina esfregou desenfreadamente a cabeça e três aranhas de um tamanho bastante decente caíram e desapareceram no chão. Vincent seguiu o exemplo dos bichos e deitou-se de costas na relva alta, olhando para o céu azul e límpido.

A luz forte provocou-lhe um ardor nos olhos, depois da escuridão total do túnel, mas não se importou. Podia respirar novamente. Tinha ar, espaço à sua volta. Vincent virou a cabeça. Mina também se atirara de costas para o chão, com os braços afastados do corpo, como se fosse fazer um anjo de neve na relva. O facto de se ter deitado voluntariamente no solo dizia bastante sobre aquilo por que acabara de passar. O seu cérebro estava provavelmente sobrecarregado de adrenalina; não permitira a presença de nada além de um instinto primitivo de sobrevivência que a levara através da conduta e que, naquele momento, ainda a mantinha protegida do mundo exterior. Não duraria muito mais tempo. As lágrimas já brilhavam ao longo do seu rosto. Vincent reparou que deixavam um rasto através da sujidade. Mina cheirava realmente mal. E Vincent nunca a vira mais bonita.

— Que no-jo — disse Mina, aos soluços.

Provavelmente, o que Mina mais queria fazer no mundo era arrancar a roupa do corpo. Porém, parecia ter tão pouca energia como ele.

— Que raio de doente mental de merda é este? — perguntou finalmente, os olhos fixos no mesmo céu azul que ele. — Se tiveres razão, ele estava a pensar matar todas as pessoas à volta dele, enquanto ele ia escapar e salvar-se. Achas que pensou levar a Nova com ele? Ou a ideia seria ela também morrer ali dentro? Não faz parte

da natureza de um pai não abandonar os filhos?

Vincent observou uma nuvem deslizar lentamente pelo imenso azul. Refletiu antes de responder. Percebeu que a pergunta era sobre muito mais do que apenas John Wennhagen. E queria avançar com prudência. Mina nunca revelara fendas na sua armadura, ou sequer uma vontade de partilhar com ele o que devia ser uma ferida aberta dentro dela. E Vincent não quisera perguntar. Não lhe coubera a ele decidir a altura certa.

— Eu acredito que... — começou por dizer, demoradamente. — Acho que não se pode olhar para a questão da forma tão simplista, como muitos querem fazer crer que é. A minha opinião é que o amor de um pai por um filho está entre as forças mais poderosas do mundo. E poderia explicar porquê, com base em motivos científicos, psicológicos e evolutivos. Mas também acredito que há mais para além disso, algo que não pode ser explicado pela biologia ou pela sobrevivência da espécie. Gostaria de lhe chamar uma dádiva, mas esse tipo de formulação levanta questões desnecessárias sobre quem é que nos teria dado essa dádiva.

Vincent fez uma pausa e hesitou. Estava a mover-se num terreno da periferia mais distante das suas próprias convicções sobre o estado das coisas. E não queria insultar Mina com aquilo que pensava dizer a seguir.

— É um amor que ultrapassa todas as distâncias — disse depois. — Conheces a história sobre o rei Salomão? Duas mulheres vão ter com o rei, que era conhecido pela sua sabedoria. Levam uma criança e cada uma afirma que a criança é dela, nenhuma quer ceder. O rei pega na sua espada e anuncia que cortará a criança em duas partes de modo que cada uma das mulheres possa ficar com metade da criança. Uma das mulheres considera a ideia excelente, enquanto a outra diz que, nesse caso, a primeira mulher pode ficar com a criança; antes disso do que a criança morrer. Salomão identifica a segunda mulher como a verdadeira mãe, uma vez que era a única das duas disposta a sacrificar a própria felicidade pelo bem da criança.

Mina ficou em silêncio durante muito tempo.

— Foi a coisa mais difícil que fiz até hoje — disse depois. — Abdicar dela. Mas sabia que era o melhor. Ou pensei que sabia, pelo menos. Não queria que ela crescesse como eu tinha crescido, com uma mãe em quem não podia confiar, que estava consumida pelo vício. Não tinha nada para lhe dar. Nada. Eu não era ninguém, era uma casca vazia. E pensava que nunca voltaria a ser outra coisa. Pensava que não tinha nada para lhe dar.

— Estás a falar da Nathalie?

— Sim. Da Nathalie. — Mina soluçou, mas recompôs-se de imediato. Uma nova nuvem passou pelo seu rosto, e ela continuou a falar com uma voz baixa e frágil. — Ele ficou tão magoado, Vincent. Magoado por eu o deixar, mas, acima de tudo, magoado por eu deixar a Nathalie. E fez-me um ultimato: se eu me fosse embora, seria para sempre. Desapareceria da vida dela, da vida dele. E acho que... não, eu *sei* que ele não tinha nenhuma má intenção, ele não pensa assim. Na altura acreditou, e ainda acredita, que a melhor coisa para a Nathalie era uma consistência rigorosa. Ele tem as suas razões para isso, a sua própria bagagem. Como todos nós. Mas sei que ele, no fundo do coração, só estava a pensar no que era melhor para ela quando me fez o ultimato. E uma parte de mim deu-lhe razão. Afinal, eu é que escolhera ir-me embora. Ela tinha cinco anos e eu escolhi deixá-la.

A nuvem passara e o sol estava agradavelmente quente. Porém, o cheiro da roupa de Mina mantinha-se. Vincent deitou-se de lado para poder olhar para ela. Provavelmente, por esta altura, tinha o fato coberto de nódoas de relva, além de toda a porcaria do túnel. E também ele não cheirava lá muito bem.

— O mais belo de sermos humanos é que tudo, ou pelo menos quase tudo, pode ser alterado — disse-lhe. — Tu já não és a pessoa que eras. Não há uma única célula no teu corpo que seja a mesma que nessa altura. Nem os teus pensamentos. Podes ligar-te à Nathalie hoje de uma maneira que não podias antes.

— Mas e se ela não quiser saber de mim?!

A pergunta elevou-se como um grito de infelicidade até ao céu. Vincent queria tocar-lhe, assegurar-lhe que estava errada, mas deixou a mão permanecer na relva. Além de que Mina estava fora do seu alcance.

— Eu não disse que seria fácil. Mas já conseguiste a primeira abertura, o pai dela deixou-te entrar pela porta. Isso tem de ter algum significado.

— Também não teve propriamente muitas alternativas — disse Mina. — Se tivesse sido ele a decidir, eu continuava na rua, ao frio.

— Não digas isso. Às vezes as pessoas só fazem coisas que, na verdade, até queriam fazer quando as circunstâncias as forçam a isso.

Mina não respondeu. Apareceu uma nova nuvem que começou a perseguir o tufo de algodão branco anterior pelo céu.

— O que é que estavas a contar dentro da conduta? — perguntou Mina, ao fim de algum tempo.

— Números primos. Precisava de manter o hipocampo calmo para conseguir rastear.

— Hum...

Ficaram os dois em silêncio durante mais algum tempo.

— Preciso de te perguntar uma coisa — disse Mina. — Aquela marca vermelha que tens no pescoço de vez em quando. É para ficar preocupada?

— Do que é que estás a falar? — perguntou Vincent, e olhou para ela. — Ah, isso... Pensei que não se via. É dos meus espetáculos. Mas deixei de fazer esse número.

— Então... não é asfixia erótica?

Vincent não conseguiu evitar; uma enorme e ruidosa gargalhada brotou do fundo dos seus pulmões e ecoou por entre as árvores. O som foi incrivelmente libertador, e Mina sorriu ao seu lado. Vincent limpou as lágrimas do riso dos olhos, antes de conseguir acalmar-se.

— Sabes como é que se formam os átomos? — perguntou-lhe depois.

— Os átomos?

— Sim, os átomos. São criados dentro das estrelas.

— Como no Sol? — perguntou Mina, semicerrando os olhos para o sol radiante.

Vincent assentiu com a cabeça e também olhou para o céu. Estavam lá muito ao longe, para lá do imenso azul. Na escuridão.

— Na verdade, as estrelas são fábricas de átomos — continuou. — Mesmo no centro delas, onde está mais quente, formam-se os blocos de construção de todo o Universo. Átomos que são depois lançados para o espaço e acabam aqui, por exemplo, na Terra. Tudo o que vês à tua volta, todas as pessoas e todos os objetos, tudo é feito de átomos de milhares, talvez milhões de estrelas.

Mina começou a puxar a blusa. Pelos vistos, o sistema de alarme do seu cérebro decidira finalmente que o perigo já tinha passado e a adrenalina começara a diminuir. E, com isso, veio a perceção daquilo que tinha na roupa.

— Esse tecido também — disse Vincent. — E o solo onde estamos deitados. E tu e eu. Dizer que viemos das estrelas não é só poesia romântica, também é ciência da natureza. Tudo são átomos vindos das estrelas.

Vincent parou de falar uns segundos, um pouco inseguro sobre como continuar.

— Porque é que estamos a falar sobre átomos? — perguntou Mina, parando de puxar a camisa.

— Porque quando estou contigo... — respondeu Vincent, mas interrompeu-se.

Engoliu em seco. Olhou Mina nos olhos. Aqueles olhos grandes e brilhantes, que continham tudo o que ela era. Tudo o que era Mina. Os olhos que o viam *a ele*. Teve de desviar o olhar, mas depois voltou

a olhar para ela.

Era agora ou nunca.

— Eu sei que isto soa ridículo, mas, quando estou contigo, tenho a sensação de que tu e eu somos feitos de átomos da mesma estrela. Uma que está tão longínqua que os blocos de construção que chegaram à Terra só foram suficientes para ti e para mim. Átomos de estrelas que mais ninguém conseguiu. Porque eu... é como se eu... — Qual seria o termo certo? *Te conhecesse?* *Te compreendesse?* Não, não era suficiente. — Acho que te *sei*, Mina — acabou por dizer. — Aqui dentro. — Apontou primeiro para a cabeça; depois mudou de ideias e apontou para o peito. — E, sendo assim, nunca antes *soube* ninguém. Não consigo explicar melhor, nem arranjar outra palavra. Mas contigo sinto-me, pela primeira vez... como um igual. — Mina assentiu lentamente com a cabeça sem responder. Provavelmente, acabara de fazer figura de parvo. Com esforço, sentou-se. — Vamos voltar? — perguntou.

— Se não tirar esta roupa daqui a trinta segundos, vou ter de gritar — disse Mina, retirando laboriosamente a chave do carro do bolso das calças. — Mas tenho roupa interior nova no carro. Para mim, pelo menos. Toalhitas desinfetantes para ti.

Vincent olhou para o seu fato sujo e rasgado. Teria algumas explicações para dar quando chegasse a casa.

Pela quarta vez na sua vida, Vincent estava a caminho de uma sala de interrogatório. Quatro vezes mais do que alguma vez pensara que iria experienciar. Porém, desta vez fora Adam quem lhe perguntara se Vincent queria ir com ele falar com um dos membros da seita. O que o deixara curioso; afinal de contas, Adam era um negociador qualificado. Por outro lado, isso não adiantava nada se os seguidores de John optassem por permanecer em silêncio.

Adam estava à sua espera à porta da sede da Polícia. Vincent gostava muito mais quando era Mina que o recebia junto aos torniquetes, mas desde a aventura do dia anterior no *bunker* que Mina estava em casa. Vincent telefonara-lhe e, como ela não atendera, assumiu que passara as últimas doze horas no banho.

— Obrigado por teres vindo — disse Adam, estendendo-lhe a mão. — Já ouvi o que vos aconteceu ontem, a ti e à Mina. Ainda pareces um bocado abalado. Tens a certeza de que queres fazer isto?

Vincent esboçou apenas um sorriso.

— Acho que isto é o melhor que posso fazer neste momento — respondeu. — Algo que me obrigue a pensar noutra coisa.

— Eu compreendo. Mas a sério que não haveria problema nenhum se não quisesse pôr aqui os pés outra vez. Seja como for, tu és melhor nisto do que eu, e gostava de ter o assunto fechado antes do fim de semana.

— Complacência por meio de elogio? — perguntou Vincent, e atravessou a cancela. — Nunca pensei isso de ti, Adam.

— Era só para experimentar — disse Adam a rir-se. — Mas estou mesmo com dificuldades, eles simplesmente não falam.

Por outras palavras, era exatamente o que Vincent previra.

Percorreram o corredor em direção às salas de interrogatório.

— Não podes simplesmente esperar que se cansem? — perguntou-lhe.

Adam abanou a cabeça.

— Não podemos mantê-los detidos por muito mais tempo. E não sabemos se isto terminou até encontrarmos o John. Se calhar, não os apanhámos a todos. Quando a Lilly foi raptada, houve testemunhas que falaram de um casal mais velho, e que a mulher estava vestida com um casaco roxo, mas não temos um casal assim, só temos um homem mais velho. Imagina que volta a acontecer, enquanto nós estamos aqui sentados a tentar fazê-los falar? Pensei que talvez pudesses captar alguns sinais inconscientes, enquanto eu o interrogo.

— Tenho uma ideia melhor — disse Vincent. — Já que vamos fazer isto, permite-me que fale com ele sozinho primeiro, mas deixa o teu telemóvel na sala e grava tudo o que for dito.

Adam olhou para Vincent e pareceu refletir. Depois assentiu com a cabeça e abriu a porta de uma sala idêntica àquelas onde Vincent falara com Lenore e Mauro. Porém, desta vez, estava lá sentado um homem na casa dos sessenta anos. O seu cabelo grisalho era ondulado e as rugas à volta dos olhos faziam-no parecer um avozinho. Se não fosse pelo facto de ser suspeito de estar envolvido em homicídios de crianças, claro.

Quando Vincent e Adam entraram na sala, o homem olhou atentamente para eles. Isso, por si só, era um comportamento interessante. Vincent pensara que iria deparar-se com uma atitude reservada ou hostil. Também pensara que os seguidores de John estariam cansados, talvez até assustados depois de uma noite passada numa cela. Afinal de contas, não eram criminosos profissionais. Mas o homem estava... alerta, presente, não dava a impressão de ser alguém que não queria falar. Era apenas uma questão de encontrar o assunto sobre o qual ele queria falar. E Vincent tinha uma ideia bastante boa do que poderia ser, dado o brilho nos olhos do homem. As pessoas crentes gostavam muito de tentar redimir as não crentes.

Adam parou ao lado da porta, onde colocou algo numa pequena prateleira. O telemóvel, assumiu Vincent, e continuou para o interior da sala.

— Olá — disse. — O meu nome é Vincent e estava ansioso por

poder conhecê-lo.

O homem não respondeu.

— Não sou da Polícia — continuou Vincent, e fez um sinal com a cabeça para Adam. — O que quer dizer que isto não é um interrogatório. No entanto, interesse-me bastante por filosofia moral e Epicuro é o meu filósofo preferido. Por isso, deram-me autorização para vir falar consigo. Importa-se que me sente aqui? Aliás, estou com uma certa fome. E você? Também quer comer alguma coisa? Podia pedir uns biscoitos e café, ou assim. Se quiser.

Vincent virou-se para Adam, como se estivesse prestes a fazer um pedido num café. Quanto menos Vincent se comportasse como um polícia, melhor. Naquele momento, precisava de criar um laço com aquele homem, encontrar algo que os unisse. E um desinteresse fingido pelo poder da Polícia era um bom começo. Apesar de Adam não parecer apreciá-lo.

— Uns biscoitos... seria bom — respondeu o homem. — E café também, já que vão buscar.

Um-zero.

Vincent olhou para Adam, que se esgueirou para fora da sala. A tática funcionara. Mas a resposta do homem também continha outras informações importantes. As pessoas que se sentiam envergonhadas pelas suas ações raramente aceitavam presentes ou favores de outras, uma vez que, inconscientemente, não achavam que o mereciam. O facto de o homem querer biscoitos era uma indicação da força das garras de John. Não havia ali vergonha nenhuma. O que também queria dizer que seria mais difícil interpretar aquilo que Vincent tinha esperança de conseguir desvendar, pois assumiu que o homem vivia num mundo de fantasia construído por John. Um mundo que lhe permitia raptar e até matar crianças despreocupadamente.

— Tudo é sofrimento, a dor purifica — disse Vincent. — O brilhante acréscimo de John Wennhagen aos quatro pilares do epicurismo. — Os olhos do homem brilharam ainda mais intensamente. — Pode

ajudar-me a compreender o que é que isso implica, que a dor purifica? Tendo em conta que o filósofo Epicuro defendia antes que se devia evitar a dor.

— Estou a ver que é um estudioso — disse o homem. — Não como o resto das pessoas aqui. Como o senhor muito bem sabe, quando Epicuro dizia para se evitar a dor, ele estava realmente a falar do sofrimento. O sofrimento que implica viver no mundo moderno, seduzido por aquilo que é transitório. Os budistas também o defendem. Mas o John percebeu que alguma dor, física ou emocional, também nos dá uma perspetiva útil sobre o mundo. Quando vivemos com dor, ganhamos uma visão muito mais apurada e nítida, que atravessa aquilo que é desnecessário. A dor é necessária para alcançar a ausência dela. Chamo-me Gustav, já agora.

O homem estendeu a mão a Vincent, e este apertou-a. Tinha um aperto quente e seguro. Um autêntico avozinho.

— Nunca pensei nisso assim — disse Vincent. — Então quer dizer que é bom sentir dor?

— Estou a perceber que nunca foi exposto a uma dor verdadeira — retorquiu Gustav.

Um caleidoscópio de memórias passou pela mente de Vincent. A mãe dentro da sua caixa mágica. A mãe que morreu por causa dele. Ele próprio, fechado num tanque de água com Mina. A água que lhe encheu a boca e as narinas quando se afogou. E depois Mina. Mina, sem quem ele não podia viver. Vincent fechou os olhos para limpar as imagens mentais e depois abanou a cabeça. Dor nenhuma, realmente.

— Até ter experienciado algo que realmente provoque dor, nunca vai perceber do que é que estou a falar — continuou Gustav. — Eu próprio tenho um traumatismo cervical. Eu e a minha mulher sofremos um embate quando íamos de carro; disseram que eu ia recuperar ao fim de uma semana ou duas com medicação e fisioterapia. Já passaram quinze anos. Cada vez que me movo, corro o risco de sentir facadas pelas costas. Os meus dedos ficam dormentes.

Tenho tonturas. E a minha mulher já foi operada à anca cinco vezes, mas só piora. Não me interprete mal, não estou a queixar-me. A dor ajuda-nos a dar prioridade às coisas certas. Ganhámos uma perspetiva diferente sobre a vida.

— Pois, nunca olhei para isso dessa forma. Então o círculo íntimo do John é composto por pessoas que compreendem que a dor purifica, uma vez que vivem elas mesmas com isso?

Gustav assentiu com a cabeça.

— Precisamente. Nós somos os únicos com a capacidade de ver o mundo tal como ele é.

Vincent não se atreveu a virar-se para olhar para o telemóvel de Adam em cima da prateleira. Só podia esperar que ainda estivesse a gravar.

— Onde é que está a sua mulher agora? — perguntou.

Gustav cerrou os lábios. Merda! Soava demasiado a pergunta de interrogatório. Vincent tinha de dar um passo atrás.

— Queria dizer no sentido de se ela está bem — apressou-se a acrescentar, e Gustav pareceu voltar a relaxar um pouco. — Foi isso que tentaram oferecer às crianças? Dor?

O homem franziu a testa. O avozinho desapareceu subitamente.

— Afinal, não percebeu nada do que eu disse — exclamou. — A que propósito é que havíamos de querer isso? Ninguém quer fazer mal a uma criança. Tem a certeza de que não é polícia?

— Peço desculpa, estou só com alguma dificuldade em perceber como é que o John pode justificar o homicídio de crianças.

Foi desajeitado, Vincent sabia, mas tinha de levantar a questão de alguma forma. Estivera prestes a dizer «justificar que *você* assassine crianças», mas, no último momento, formulara a frase de uma maneira mais neutra. A última coisa que queria era fazer Gustav sentir-se pessoalmente envolvido, por mais que ele realmente o estivesse. A probabilidade de continuar a obter respostas era significativamente

maior se deixasse Gustav manter uma perspectiva de quem está de fora.

— Nós não matamos ninguém — bufou Gustav. — Essa maneira de olhar para nós é demasiado redutora. Graças à nossa estrela-guia, poupamos as crianças ao sofrimento que a vida aqui na Terra vai implicar para elas. Nós simplesmente as conduzimos para a existência seguinte, uma existência sem sofrimento. O nosso sacrifício é ficar aqui e ajudar outros a tornarem-se livres.

— E quantas crianças mais é que vão «libertar», antes de terminarem? E porquê estas crianças especificamente?

Gustav semicerrou os olhos e cruzou os braços com força sobre o peito.

— Pensei que fosse um iniciado — comentou. — Pensei que percebia alguma coisa sobre sofrimento e dor. Mas, aparentemente, as palavras do John ainda não o despertaram. Afinal, já não quero café.

Mina limpou a condensação do espelho com um pano e olhou para o seu reflexo. As gotas de água escorriam-lhe do cabelo e da ponta do nariz. Examinou a pele do rosto e depois os dentes para ver se encontrava algo que não devesse estar ali. Apesar de saber, racionalmente, que era impossível.

Assim que chegara a casa na quinta-feira, fora diretamente para o duche. Com uma escova, esfregara cada centímetro quadrado do corpo. Fora extramente rigorosa a esfregar debaixo das unhas, entre os dedos dos pés, em todos os sítios onde algo pudesse ficar preso. Também escovara os dentes quatro vezes enquanto estava no duche e consumira uma embalagem de um litro de elixir bucal. Não a ajudara; idealmente, teria preferido lavar a boca e a garganta com lixívia.

Colocou a mão à frente da boca e cheirou o seu hálito; na sua cabeça continuava a tresandar a vómito. Ao mesmo tempo, começava a sentir-se um pouco melhor. Na quinta-feira ficara no duche durante três horas, ligara a água quente no máximo e, por fim, a sua pele ficara tão vermelha que sentiu um ardor insuportável. Depois, esfregara o chão do apartamento com uma escova da louça e água com sabão a ferver. Também lavara as paredes. De seguida, tomara outro duche, durante uma hora. Ontem também tomara vários duches, mas hoje apenas se demorara meia hora no banho. Porém, à mesma temperatura escaldante que anteriormente. A pele já não estava era tão vermelha.

Olhando para trás, Mina não conseguia compreender como fora capaz de ficar deitada na erva alta com Vincent. Era como se o seu cérebro tivesse ficado sobrecarregado dentro da conduta repugnante e desligado os sentimentos de ansiedade durante alguns minutos, apenas para que ela pudesse sobreviver. Ou então Mina era realmente mais forte do que pensava. Mas a sensação de nojo tinha voltado mesmo antes de chegarem ao carro, onde Mina arrancara a blusa, as calças, os sapatos e as meias e deixara tudo no chão. Deitara logo a mão a uma camisola interior nova que guardava no carro e até teria preferido mudar de cuecas.

Depois fora tomada por calafrios e começou a tremer incontrolavelmente, pelo que Vincent se vira obrigado a conduzir. Como no pior tipo de romance policial machista, o homem forte e decidido a levar a mulher frágil em segurança. E até seminua estava, para não restarem dúvidas. Podia ter sido uma cena de um filme de Brian de Palma. Mina odiava-o, odiava ter sido fraca.

A sorte de Vincent era que passara toda a viagem de carro a falar sobre o sistema nervoso central e nunca tentara ser minimamente «macho». Vincent explicara-lhe que tanto os tremores como as crises de choro inexplicáveis, e até sentimentos de culpa, eram reações físicas e psicológicas com as quais ambos podiam contar agora. Afinal de contas, tinham passado por uma situação traumática. Depois tivera de ir confirmar que não havia ninguém na rua que pudesse ver Mina sair a correr para casa.

Mina pensou em Nathalie e começou subitamente a soluçar. Ataques de choro, como ele dissera. Mina contara a Vincent sobre a coisa imperdoável que tinha feito, o seu maior pecado, como tinha deixado o vício destruir-lhe a família e como os abandonara. Abandonara Nathalie, a sua própria filha, aquilo que uma mãe nunca podia fazer. E o que é que Vincent respondera? Começara a falar sobre átomos.

Olhou novamente para o seu reflexo no espelho; o cabelo parecia um ninho de ratos. Mina utilizara detergente da louça em vez de champô, para ter a certeza de que conseguia remover tudo. Era isso ou cortá-lo curto outra vez. Vincent não ficara enojado com ela. Nem com as coisas vergonhosas que ela revelara. Em vez disso, dissera-lhe que... qual fora a palavra que ele usara? Que a *sabia*.

Maldito Vincent.

Fora uma ideia estúpida. Uma ideia muito estúpida. Como se não bastasse, agora também estava transpirado. Christer tirou um lenço de papel do bolso e limpou a testa. *Bosse* estava ofegante ao seu lado, mas parecia muito mais positivo em relação à caminhada do que ele próprio. Claro que a ilha de Djurgården estava tão bonita como sempre, mas Christer sentia alguma dificuldade em apreciá-la. O edifício branco com o seu telhado cor de laranja e o jardim exuberante tornou-se visível um pouco mais adiante.

Passara uma semana desde que lá estivera e, no sábado anterior, a sua visita ao restaurante Ulla Winbladh terminara em catástrofe. Começara tudo tão bem; Christer finalmente ousara dizer a Lasse, o chefe de sala, que, afinal, talvez se conhecessem. Porém, logo de seguida, entrara em pânico. Fingira receber uma chamada urgente e saíra do restaurante a correr, aos tropeções.

E agora estava a caminho do mesmo sítio. Mais valia atirar-se de um precipício. Fez uma oração silenciosa a alguma divindade não especificada para que Lasse, pelo menos, não tivesse feito a associação a quem ele era, para que Christer pudesse recomeçar do início. Oh, meu Deus, se a sua mãe o visse agora. Teria certamente umas coisinhas para lhe dizer.

Quando *Bosse* reconheceu o restaurante, foi a correr até ao estacionamento de bicicletas onde esperara pelo dono da última vez. Christer assumiu que o cão estava à procura da tigela de água. Um rapaz esperto, aquele *Bosse*.

— Podes esperar aqui — disse-lhe, fazendo-lhe festinhas nas orelhas. — Não vou demorar.

Christer entrou no restaurante e refletiu sobre o que iria dizer. Apercebeu-se de que talvez devesse ter pensado nisso antes, pois Lasse avistou-o quase de imediato e impossibilitou qualquer hipótese de planeamento.

— Ah, olha, é ele — disse Lasse, secamente.

A voz estava completamente desprovida de emoções. Christer olhou

para o chão; já estava a correr pior do que alguma vez esperara.

— Sim, pois, queria pedir desculpa — disse, aclarando a garganta.
— Pela semana passada. Eu... fui parvo. Na verdade, não recebi chamada nenhuma, como certamente deves ter percebido. Não foi minha intenção causar uma cena.

— Pois, deves mesmo um pedido de desculpas, Christer — respondeu Lasse. Christer olhou para ele, surpreendido. — Quando fugiste daqui a correr, de repente tornou-se óbvio quem tu eras. O mesmo comportamento de fuga de antes a repetir-se agora. Esperei muito tempo por um pedido de desculpas pelo que aconteceu há trinta e cinco anos. Confiei em ti e tu desiludiste-me completamente. Demorei muito tempo a ultrapassar isso, tenho de te dizer. Mas depois acabei por perceber que nunca o ia ouvir e segui em frente.

Não fora exatamente aquele o rumo que Christer imaginara que a conversa iria tomar. Pediria desculpa, iriam rir-se os dois de quão palerma fora a reação dele, iria revelar a Lasse quem realmente era, Lasse ficaria contente e conversariam sobre os bons velhos tempos. Porém, essa ideia parecia-lhe cada vez mais uma utopia. Limpou novamente a testa com o lenço.

— O que aconteceu há... Do que é que estás a falar? — perguntou Christer. — A sério que não sei... Só vim aqui porque queria mesmo...
— Atrapalhou-se a tentar encontrar as palavras certas. — Olha, podemos falar em paz noutro sítio, quando não estiveres a trabalhar? — acabou por dizer.

Lasse olhou à volta do restaurante, que começava a encher-se de clientes para o almoço. Alguns estavam impacientemente à espera de que ele lhes fosse indicar as respetivas mesas.

— Acho que não é preciso — respondeu Lasse, e fez sinal com a mão para os clientes de que estava a caminho.

— Por favor.

Uma expressão atormentada atravessou o rosto de Lasse por uma fração de segundo, antes de olhar Christer nos olhos.

— Está bem — respondeu. — No próximo sábado estou de folga. Ao meio-dia no jardim Vasaparken, ao pé do café. Não te atrases.

Uma pequena borboleta levantou voo dentro da barriga considerável de Christer, uma borboleta que teria deixado a sua mãe horrorizada. Ficou a olhar para Lasse, que desapareceu para atender os clientes. Depois, Christer foi ter com *Bosse* e começou a passear de volta ao centro da cidade. A borboleta acompanhou-os o caminho todo.

Vincent espalhara as diferentes secções da edição de domingo do *Dagens Nyheter* sobre a mesa da cozinha. Ainda estava vestido de roupão e não era capaz de se concentrar nos títulos; passara o fim de semana todo sem energia nenhuma. Os seus pensamentos voltavam constantemente para as memórias dele e Mina a rastejar pela conduta. Vincent na altura não sabia se iriam conseguir sair; a única forma de não se deixar dominar completamente pelo pânico ali na escuridão fora recalcar os sentimentos mais do que alguma vez tinha feito. Simplesmente, desligara essa parte do cérebro, transformara-se num robô. Mas depois, a seguir, os sentimentos tinham voltado, todos de uma vez.

Não fora afligido pelos tremores que Mina tivera no carro; no entanto, voltava muitas vezes a pensar que poderiam realmente ter morrido dentro daquela conduta de esgoto. A imagem mental de si próprio a bater subitamente com a cabeça quando chegavam ao final da conduta e ficavam presos para sempre, indefesos, nas profundidades da terra, não o queria deixar. E, de cada vez que aparecia, Vincent começava a soluçar incontrolavelmente. Por sorte, até agora conseguira evitar fazê-lo à frente da família.

Assumiu que a exaustão que estava a sentir era um mecanismo de defesa; o seu corpo estava a repartir o trauma de forma que Vincent aguentasse lidar com ele. Na sexta-feira anterior, não tinha tido qualquer problema em ir à sede da Polícia e falar com Gustav, mas, depois disso, um enorme cansaço abatera-se sobre ele. Agora, estava a tentar ajudar o corpo a lidar com o trauma voltando a ativar o pensamento racional, pelo menos ligeiramente. Soprou para a chávena de café. A cafeteira antiga voltara ao serviço e o café estava tão escaldante como ele se recordava.

Um bom começo seria reexaminar as conclusões a que tinham chegado ao longo das últimas semanas. Em primeiro lugar, as quatro crianças assassinadas, os seus corpos abandonados de acordo com um *Knight's Tour*, um problema clássico de xadrez, pelo antigo líder de uma seita e mestre de xadrez John Wennhagen. Crianças assassinadas

para as poupar do sofrimento terreno, segundo o que Gustav revelara no interrogatório.

Tudo é sofrimento, a dor purifica.

Uma filosofia de vida tão arraigada em John Wennhagen que a codificara tanto no manifesto do Epicura como no seu próprio problema de xadrez. E, com isso, John sentira que fechava alguma espécie de círculo, assumiu Vincent. Sentiu um arrepio. Aquilo era uma loucura completa, até para ele, que normalmente gostava de padrões. Mas havia um limite.

Olhou à volta da cozinha; precisava de regressar a algum tipo de normalidade. Aston já tinha saído para ir andar de bicicleta, antes que ficasse demasiado calor, e Benjamin estava no quarto, entretido com as ações do mercado bolsista. Mas Rebecka ainda estava sentada à mesa do pequeno-almoço e começara a ler o jornal. Adorava o facto de os filhos não se importarem de ler um jornal em papel de vez em quando e apreciou o farfalhar que se ouvia quando Rebecka virava as páginas. Não que estivesse a pensar mencionar o assunto, obviamente; caso o fizesse, seria provavelmente a última vez que Rebecka lia um jornal. A relação deles não estava no seu período mais fácil.

Tudo é sofrimento, a dor purifica.

Terrível. E a Polícia ainda não tinha encontrado John, que continuava algures. John Wennhagen poderia retomar as suas ações a qualquer momento. Ainda não tinha feito xeque-mate.

Maria estava na garagem a organizar pedidos adicionais que recebera das estatuetas cerâmicas e placas de madeira pintadas à mão. O seu negócio começava a correr tão bem que já não tinha espaço para tudo na sala de estar. Era evidente que Maria e Kevin tinham compreendido alguma coisa sobre os seus semelhantes que Vincent nunca perceberia.

Kevin.

Já passara algum tempo desde a última vez que o mentor de negócios de Maria a contactara. Pelo menos que Vincent tivesse

reparado. No entanto, via Maria muitas vezes absorta no telemóvel, com um sorriso permanente nos lábios. Isto quando estava em casa.

Vincent viu o telemóvel da mulher em cima da mesa da cozinha, pegou nele e girou-o. Nunca contara a Maria sobre o que acontecera entre ele e Susanne no verão de há dois anos. Talvez nem sempre as pessoas contassem tudo. Talvez nem ele nem Maria o fizessem.

Os pensamentos voltaram para John Wennhagen, que parecia fazer tudo com uma precisão matemática. E era evidente que adorava exhibir a sua inteligência. Talvez pudesse descobrir onde John se escondia se voltasse ao passado dele?

Outra coisa que Vincent também precisava de descobrir era o *porquê* de John ter cometido aqueles atos hediondos. Por que motivo tinha assassinado quatro crianças inocentes. Vincent não percebia o que podia levar um ser humano, que pelo menos no passado parecia ter sido normal, a fazer algo assim. Tinha de haver uma convicção quase fanática, ou um ódio ofuscante, por trás. Uma convicção que quase de certeza não seria abafada pelo facto de ter estado muito perto de ser apanhado. O mais plausível era que John apenas se tornasse mais cuidadoso dali para a frente.

Vincent bebeu o café e olhou para o telemóvel que tinha na mão. Maria detestava tudo o que fosse tecnologia e nunca se preocupara em aprender como ativar o reconhecimento facial para o desbloquear. Por puro reflexo, Vincent perguntou-se que código PIN ela poderia ter. Era certamente algo fácil de recordar. Os códigos PIN de quatro dígitos mais comuns no mundo eram 1234, 1111 e 0000. As pessoas não tinham mesmo vergonha. Acreditava que Maria fizera um esforço um pouco maior, nem que fosse apenas para evitar um comentário azedo da parte dele. Por outro lado, também não teria feito um esforço tão grande que o código não fosse fácil de recordar. Vincent carregou na tecla 1. Depois arriscou com 00. A seguir, inseriu o número 4, que estava imediatamente abaixo do 1.

O telemóvel ficou desbloqueado.

Ao mesmo tempo, apareceu uma notificação de uma nova mensagem de Kevin. O polegar de Vincent pairou sobre o símbolo da caixa de mensagens. Com uma simples pressão do dedo, poderia ter acesso a tudo o que a sua mulher e Kevin tinham escrito um ao outro. Se quisesse, poderia até verificar o Messenger e o WhatsApp, antes de ela voltar.

Mas. Mas, mas, mas. Vincent pedira-lhe que confiasse na palavra dele no que dizia respeito a Mina. Que tipo de pessoa seria se não fizesse o mesmo, se não confiasse na palavra da mulher?

— O que é que estás a fazer com o telemóvel da Maria? — perguntou Rebecka, que levantara os olhos do jornal.

— Nada — respondeu Vincent, e pousou o aparelho na mesa. — Rigorosamente nada.

Na verdade, nunca perguntara nada diretamente a Maria sobre Kevin. Talvez tivesse feito alguma alusão. Insinuado. O que, claro, ela tinha todo o direito de ignorar. Mas, se Vincent decidisse fazer a pergunta, tinha de acreditar que ela lhe diria a verdade. Qualquer outra coisa seria devastador para o relacionamento deles.

Como se Maria pudesse ler os seus pensamentos, voltou naquele momento da garagem com uma caixa de cartão nos braços. Olhou para ele com uma expressão difícil de interpretar.

— O que foi? — perguntou-lhe Maria. — Estás com ar de quem anda a tramar alguma.

Vincent abriu a boca, mas voltou a fechá-la.

— Não, não é nada — respondeu. — Mas acho que devias ter um código melhor no teu telemóvel.

Nathalie estava de volta ao espaço do Epicura depois de ter ido buscar o dinheiro a casa do pai, na sexta-feira anterior. Não tinham regressado à quinta dos cavalos, onde vivera nos últimos tempos; em vez disso, Ines tinha-a levado para junto de Nova. Ao início, Nathalie ficara desapontada, uma vez que tinha ajudado a recuperar o estábulo e a pô-lo bonito. Começara a pensar nele como a sua casa. Não obstante, o centro de conferências de Nova era um verdadeiro luxo comparado com a quinta de cavalos, mais desgastada, pelo que Nathalie não tinha do que reclamar. Também sentia que era como uma recompensa, o facto de poder estar ali. E, quanto mais pensava nisso, mais claramente se apercebia de que talvez fosse precisamente isso. Afinal de contas, tinha provado ser uma delas.

À noite, quando voltou de escovar os dentes, tinha uma muda de roupa branca à sua espera em cima da cama. Em cima, um bilhete da avó.

Muda de roupa e vem ter comigo ao auditório

Nathalie desdobrou o pedaço de tecido. Era uma túnica, parecida com aquela que vira Ines vestir uma vez. Talvez fosse uma peça de roupa para dormir? Afinal, já era bastante tarde. Mas parecia-lhe... demasiado bonita, de certa forma. Nathalie despiu as calças e a camisola e vestiu a túnica. Sentiu-se pura. Importante. Como se algo significativo estivesse prestes a acontecer.

Não tinha a certeza de onde ficava o auditório e demorou vários minutos a encontrar o caminho certo através do complexo. Finalmente, chegou a uma grande sala branca. Ines estava no meio da sala, ao lado de uma pilha de colchões e cobertores. Atrás dela estavam cerca de dez pessoas, num semicírculo. Nathalie reconheceu algumas, mas na maioria viu caras novas. Não encontrou nenhum dos seus amigos da quinta de cavalos. Ninguém com ligaduras nas mãos.

— Bem-vinda, Nathalie! — exclamou Ines solenemente e de braços abertos. — Hoje é um dia especial. Tu já és uma de nós, agora está na hora de mudares de pele. Este é o dia em que vais despir a casca morta da tua antiga e desperdiçada vida e entrar numa nova. Uma

vida plena e cheia de cor. Quando olhares para trás e recordares este dia, vais pensar nele como o dia em que nasceste verdadeiramente.

Nathalie não tinha ideia de como responder àquilo. Mas parecia-lhe importante. As estrelas dançavam na periferia do seu campo de visão, como acontecia muitas vezes ultimamente, e faziam a avó cintilar.

— Obrigada — disse Nathalie suavemente. — Gostava muito de ser tão colorida como tu.

Ines sorriu abertamente, pegou na mão da neta e levou-a até à pilha de colchões. Sentaram-se as duas.

— Já me ouviste citar o nosso grande líder John Wennhagen várias vezes — disse Ines. — Tudo é sofrimento, a dor purifica. Mas ainda não te expliquei o significado completo disso. A primeira parte vem do budismo: quando dizem que tudo é sofrimento, querem dizer que sofremos sem necessidade, por causa dos nossos desejos e anseios. Queremos comprar coisas que não podemos pagar. Pensamos que seríamos felizes se nos mudássemos para uma casa maior e melhor. Que os outros no Instagram têm vidas mais divertidas do que nós. Cada sonho irrealista, cada coisa que queremos ter e não precisamos, tudo isso cria sofrimento. Os budistas acreditam que, para nos livrarmos do sofrimento, precisamos de nos livrar dos desejos. Estás a perceber?

Nathalie assentiu com a cabeça. Parecia uma das palestras de Nova. Certamente já tinha assistido a uma em algum momento. Parecia-lhe ter sido há uma eternidade.

— Aqui, vamos fazer isso criando perspetivas — continuou a avó. — Ou, como o John diz: a dor purifica. Já pudeste experimentar o que isso significa, mas qual achas que foi a experiência mais dolorosa da tua vida?

Nathalie refletiu sobre o que haveria de escolher. Em tempos, talvez tivesse mencionado a primeira vez que os guarda-costas do pai espantaram um rapaz em quem ela estava interessada. Ou quando partiu a perna a andar de *skate*. Ou quando se apercebeu do

significado de a sua mãe estar morta. Mas agora? Encolheu os ombros.

— Foi quando nasceste — disse Ines. — Antes disso, a dor não era nada que existisse no teu mundo. Estavas segura, quentinha e protegida, e não conhecias mais nada. Mas, de repente, vindo do nada, tiveste de passar horas a ser empurrada por um canal apertado, com uma forte pressão de todos os lados, para depois emergir num mundo de luz, de frio e cheiros desconhecidos, onde já não conseguias ouvir os batimentos cardíacos da tua mãe. Terrível. E não tinhas nada com que comparar, nenhuma forma de compreender a experiência. Nada pode ser comparado com a primeira dor. Então, o que vamos fazer é recriar essa memória. Para que possas compreender quem realmente és. Tu, Nathalie, vais poder nascer outra vez. Faz o favor de te despir.

Maria estava sentada no chão da sala a embrulhar figuras de cerâmica. Vincent não sabia dizer o que acontecera ao fim de semana; passara dois dias como que numa névoa, sem fazer nada de significativo. Eram agora dez e meia da noite de domingo e a luz do crepúsculo dava às figuras cerâmicas de Maria contornos ligeiramente mágicos. Sob os raios dourados da noite, não pareciam assim tão más, afinal.

Vincent olhou para a mulher. Maria tinha um pequeno sorriso nos lábios e as maçãs do rosto ligeiramente rosadas. E até parecia que estava a cantarolar para si própria.

«O meu amor vai arder, tão luminoso como uma estrela na noite», cantou em voz baixa.

Vincent precisava de perguntar a alguém para onde fora a sua mulher e quem é que estava ali sentada no chão. Infelizmente, era bastante óbvio quem é que tinha a resposta. Vincent dissera a Mina que preferia não saber, mas isso já não era verdade.

— Amor, precisamos de falar. É sobre o Kevin — disse Vincent.

— Outra vez essa conversa da treta! — exclamou Maria, e fechou uma caixa decorada com bom gosto em tons de rosa e verde-limão. Virou-se e olhou para ele. — E que tal falarmos antes sobre essa tal Mina? Parece-me muito mais importante.

— Não comeces com isso — pediu Vincent, abrindo os braços. — Lembra-te do que a terapeuta disse, isso são coisas da tua cabeça. E pôr as culpas em cima de mim não muda nada. Continuo a querer falar sobre o Kevin.

— Bem, pelo menos é muito mais fácil falar com ele do que contigo — murmurou Maria.

Vincent avistou Benjamin e interrompeu a linha de pensamento. Benjamin segurava um *iPad* e Vincent assumiu que lhe estava a mostrar os números mais recentes dos mercados bolsistas, mas o filho franzia profundamente a testa. Aparentemente, algum dos seus investimentos não estava a correr como ele esperara.

— Pai, tens um minuto?

Maria pressionou os lábios com força e começou ostensivamente a empacotar uma nova estatueta de cerâmica.

— Podes esperar um bocado? — perguntou Vincent. — Eu e a Maria estamos a falar sobre o Ke... sobre o negócio dela.

Porém, alguma coisa na linguagem corporal do filho fê-lo reagir. Fosse o que fosse, parecia não poder esperar. Benjamin virou o *iPad* de forma que Vincent pudesse ver o ecrã; não estava a mostrar bolsa de valores nenhuma, mas sim a página do Epicura.

Vincent fez um gesto com a cabeça na direção do quarto do filho e levantou dois dedos no ar numa pergunta silenciosa. Dois minutos. Precisava de dois minutos. Benjamin assentiu brevemente com a cabeça e desapareceu em direção ao quarto.

— Maria — disse. — Aconteça o que acontecer, há uma coisa que quero que saibas. Podes olhar para mim quando estou a falar contigo, por favor?

Maria levantou os olhos da caixa. O seu olhar estava cheio de reprovação e raiva, mas também de lágrimas e tristeza.

— Eu quero que sejas feliz — continuou Vincent. — Desculpa se faço demasiadas perguntas, é só porque quero compreender. Mas a única coisa que me importa é que tu... se não estás feliz, ao menos que estejas bem. Nada mais me importa. Percebes? — Maria olhou para ele durante um longo momento. Depois assentiu lentamente com a cabeça. — Ainda bem — disse Vincent. — Agora tenho de ir ser pai de um homem de vinte e um anos.

Vincent entrou no quarto de Benjamin e fechou a porta atrás de si. Benjamin estava sentado à secretária a olhar fixamente para o *iPad*.

— Então, o que é que era tão urgente? — perguntou Vincent, e sentou-se na cama, que, espantosamente, estava feita. E não com aquela técnica habitual de atirar a colcha por cima de tudo o que pudesse estar na cama; estava feita a sério. Vincent pensou em perguntar se devia ficar preocupado, mas reparou subitamente que

Benjamin empalidecera.

— Não sei — respondeu Benjamin, fazendo um gesto com a cabeça para o monitor. — É só uma... sensação. Lido com números e estatísticas das bolsas todos os dias, faço ponderações de risco e probabilidades e tomo decisões de investimentos sem ter todas as informações necessárias. Ao início, li imensos livros. Como o David Tennant diz no *Doctor Who*, os livros são a melhor arma do mundo.

— Não sabia que vias o *Doctor Who*!

Benjamin olhou fixamente para o pai.

— Sou teu filho. Por que raio não havia de ver o *Doctor Who*? E o David Tennant é o melhor ator que a série já teve, também sabes disso. Mas não era sobre nada disso que eu queria falar contigo. O que é que...? Ah, pois, as minhas decisões de investimento. Muitas vezes tenho de me basear na intuição; confio que o meu subconsciente detetou padrões que não teve tempo de passar ao meu consciente, e que, em vez disso, só me dá uma sensação sobre o que pode estar certo.

Vincent sorriu. Benjamin tornava-se cada vez mais parecido com ele a cada dia que passava. Não que isso fosse algo que desejasse para o seu filho, longe disso. Mas, enquanto pai, não podia deixar de se sentir imensamente orgulhoso da capacidade analítica de Benjamin.

— É exatamente assim que funciona — disse Vincent. — Podemos treinar o nosso subconsciente para tomar decisões complicadas mais depressa do que se tivéssemos de refletir. Claro que requer um processo de exposição repetida às situações e que haja um *feedback* imediato sobre se a decisão tomada estava certa ou errada. Infelizmente, existem tantas variáveis desconhecidas precisamente nos mercados de ações que a maioria dos padrões que pensas ver é, na verdade, uma ilusão. Mas suspeito que não me chamaste aqui para falar sobre os teus investimentos?

Benjamin abanou a cabeça e apontou para o ecrã com a página principal do Epicura.

— O que estou a tentar dizer é que aquilo que encontrámos não me parece estar correto. É verdade que tudo se encaixa perfeitamente; apercebeste-te de que os cinco homicídios correspondiam às posições de um *Knight's Tour* num tabuleiro de xadrez. Essas mesmas posições levaram-nos a cinco palavras e a uma mensagem escondida do pai da Nova, que é um antigo campeão de xadrez. Tudo faz sentido. E, mesmo assim... a minha intuição não me teria deixado apostar nisto em bolsa.

— Nesse caso, não sei... — começou Vincent a dizer, mas deteve-se.

Apercebeu-se do que Benjamin acabara de dizer. Ficou completamente gelado por dentro quando percebeu o erro que cometera. Cinco homicídios. Cinco palavras. A conclusão deles não estivera errada; ele é que parara de olhar demasiado cedo. Não seriam apenas cinco.

Vincent levava-os a perseguir o assassino errado.

Não conseguia respirar. A pressão era demasiado forte de todos os lados para conseguir tentar soltar-se. Não conseguia mover os braços nem as pernas, já nem sequer tinha noção de onde era para cima e para baixo. A única coisa que sabia era que estava escuro e que começava a ficar sem ar.

Primeiro, Ines embrulhara-a em cobertores até Nathalie se sentir como uma salsicha enrolada em couve-lombarda. Nessa altura, Nathalie rira-se baixinho; tudo aquilo lhe parecia um pouco tolo. Depois, a avó explicara-lhe que devia deitar-se em cima de três dos colchões; os outros seriam colocados em cima dela, para que Nathalie ficasse como que embutida entre eles. Como um hambúrguer humano, pensara Nathalie. Ou um cachorro-quente.

A única coisa que teria de fazer era abrir caminho por entre os colchões e os cobertores, simbolizando assim o seu próprio renascimento. Nathalie não percebeu bem o interesse daquilo, mas não tinha energia para fazer objeções.

Aquilo que Ines não lhe dissera que iria acontecer a seguir era que, depois de Nathalie se deitar entre os colchões, todas as pessoas da sala se deitariam em cima da pilha. Dez corpos adultos pressionaram-na subitamente para baixo, para dentro dos colchões.

Acontecera muito rapidamente e a pressão expulsara quase todo o ar dos seus pulmões. Qualquer cansaço e tonturas que sentira anteriormente dissiparam-se de imediato; em vez disso, foi invadida por uma torrente de adrenalina. O acolchoamento dos colchões distribuía uma parte do peso, mas ainda assim a sensação era de que seria comprimida até à morte. Literalmente.

Apercebeu-se de que poderia realmente sufocar ali, entre os colchões. Não tinha ar suficiente para conseguir gritar. E quem é que a ouviria? Acontecesse o que acontecesse, não podia perder a consciência.

Se ao menos conseguisse soltar as mãos e desenterrar-se, mas os cobertores à sua volta impossibilitavam qualquer movimento. A luz

desaparecera quando os colchões ficaram comprimidos, por isso Nathalie também não via nada.

Por vezes era difícil saber onde o seu corpo terminava e os cobertores começavam; a única coisa que conseguia fazer era torcer o corpo de um lado para o outro e esperar que isso fosse suficiente para se deslocar, uns milímetros de cada vez. Pelo menos pensou que estava a torcer o corpo, mas não sabia ao certo.

Ines dissera qualquer coisa sobre poder descobrir quem ela era, ali entre os colchões. Mas, naquele momento, Nathalie era apenas uma sensação. Os pensamentos concretos tinham desaparecido no calor e na escuridão. A sensação era de pânico. Mas também... resignação.

A adrenalina não chegava para tudo.

Tinha muito pouca energia.

E nenhum ar.

Estava a inspirar o mesmo ar que expirava. E isso era quando conseguia inspirar de todo; os seus pulmões estavam achatados pelo peso que tinha sobre si. Estava muito perto de adormecer; o sono tentava levá-la dali, levá-la a relaxar. A desistir. E talvez não fizesse mal. Costumava desistir com bastante frequência, não era assim? No que dizia respeito à escola e aos amigos, nunca era ela que tomava a iniciativa, simplesmente deixava-se levar pelos acontecimentos. Porquê lutar? A vida já era difícil o suficiente, de qualquer forma. Então talvez não fizesse mal se também desistisse agora. Era esse o tipo de pessoa que ela era?

Não sabia.

Mas não lhe parecia muito certo.

Porque ela era... ela era Nathalie. A Nathalie que vivia em Östermalm com o pai e que vinha de uma família completamente disfuncional, mas que queria ser polícia quando crescesse. Nathalie que vivia acompanhada por guarda-costas para onde quer que fosse, mas que, ainda assim, conseguira ter um namorado secreto na escola sem que o pai descobrisse. Claro que tudo isso tinha sido antes, mas

ainda assim. Também fora ela. Acima de tudo, ela era a Nathalie que sabia que a dor purificava. Mas que se ultrapassava. Era verdade que às vezes desistia, mas quem não o fazia?

Discerniu os contornos do seu corpo, tentando sentir onde ela própria começava e terminava entre os cobertores. Não era nada fácil, os pensamentos dançavam de um lado para o outro; porém, Nathalie recusava-se a desistir. E finalmente estavam ali os contornos. Estavam ali os seus pés, as suas pernas, a sua barriga, o seu peito. As suas mãos, os seus braços, as suas costas, o seu pescoço, a sua cabeça.

Ali estava Nathalie.

Que iria conseguir soltar-se.

Nada mais importava. O que o seu pai pensava, o que a avó estava ali a fazer, os amigos da escola, já nada tinha qualquer significado.

Só havia uma coisa que era realmente importante.

Ela era a Nathalie e ia sair dali.

Algures dentro de si, encontrou uma força que não sabia que tinha. Gritou de raiva ali na escuridão, os cobertores ficaram molhados contra os seus lábios. E contorceu-se. Sentiu que estava a deslocar-se, gritou e torceu-se novamente. Deslocou-se. Iria conseguir. Iria vencer.

Ouviu um som abafado vindo do exterior, assim como vozes agitadas a discutirem umas com as outras. Pelo menos havia um exterior. Um exterior que iria conseguir alcançar.

Um raio de luz na escuridão, imediatamente acima da sua cabeça. Uma abertura nos colchões. Isso queria dizer que estava a entrar ar. Nathalie tentou encher os pulmões, mas a pressão contra o seu corpo continuava a ser demasiado forte. Ainda assim, tentou. A abertura estava mesmo ali.

Ouviu uma voz através da abertura, mais nítida agora.

— Estás louca? Nós precisamos dela! Já te esqueceste do motivo por que ela está aqui?

Nathalie rosnou por entre os dentes cerrados e contorceu-se mais

uma vez. O seu nariz e metade da cara atravessaram a abertura. Pensara insultá-los a todos, mas estava para lá de qualquer pensamento racional. Toda ela era apenas emoção, apenas raiva. Usou as suas últimas forças para soltar um uivo primitivo, que parecia não ter fim.

A pressão contra o seu corpo diminuiu.

Caiu para o chão frio de betão. Alguém se sentou ao seu lado e levantou a sua cabeça no colo. Alguém lhe acariciou o rosto, deu-lhe amor. Mostrou que estava tudo bem. Nathalie abriu os olhos cuidadosamente e olhou para os de Nova.

— Desculpa — disse Nova suavemente. — Não sabia que a Ines estava a pensar fazer isto contigo. Se soubesse, tê-lo-ia proibido. Não quero que corras perigo de espécie alguma.

Nathalie respirou profundamente, sentindo o oxigénio espalhar-se até aos pulmões e pela corrente sanguínea. Os seus olhos encheram-se de lágrimas contra a luz ofuscante na sala. Estava viva. Recém-nascida, para um mundo que anteriormente tomara como garantido. Oh, estava muito, muito viva. Tinha sido tão ingénua antes. Mas agora já não.

— Não faz mal — disse, a tossir.

A avó, afinal, tinha razão. Finalmente, sabia quem era. Era Nathalie. A Nathalie que naquele preciso segundo era amada e estava segura. Recebida por alguém que se preocupava com ela, que, desta vez, não iria abandoná-la.

E isso era a *única* coisa que importava.

— Gostaria que tivéssemos mais tempo, mas infelizmente chegou ao fim — disse Nova. — Está na hora de saberes a verdade sobre a tua mãe.

Vincent estava capaz de se agredir a si próprio. A ligação ao pai de Nova estivera tão bem escondida que, quando encontraram essa relação, Vincent contentara-se com ela. E ainda assim, tinha estado na sede da Polícia, exatamente duas semanas antes, a explicar a pista correta. Sem ele próprio a compreender.

Gostaria de culpar o facto de estarem sob muita pressão, de a vida de crianças estar em jogo. Mas isso não era desculpa. Ele era o Mestre Mentalista, não podia cometer erros daqueles. Começar a comportar-se como um simples ser humano teria de ficar para outra altura.

Vincent foi buscar o seu bloco de notas ao escritório. Quando saiu do quarto de Benjamin, passou por Maria, que agora se dedicava a empacotar sabonetes. A sala adquirira um cheiro inconfundível a alfazema. Maria não levantou os olhos quando Vincent passou por ela.

— Cinco homicídios, dizes tu — comentou com Benjamin, quando regressou ao quarto. — E cinco palavras.

— Sim, a citação fica completa com o último homicídio, o que vocês conseguiram impedir — respondeu Benjamin. — «Tudo é sofrimento, dor purifica.» Até tem um ponto final no fim.

Vincent folheou as páginas do caderno até encontrar o início do seu *Knight's Tour*. Para os não iniciados, provavelmente pareceria o padrão de bordados mais estranho do mundo. Mas esse padrão era um feito matemático em si mesmo.

Como se não fosse suficiente um *Knight's Tour* ser um elaborado desafio por si só, Vincent apercebera-se de que a versão do assassino provavelmente também tinha aquilo a que chamavam propriedades matemáticas mágicas.

A matemática ali era ainda mais bela e implicava que o *Knight's Tour* do assassino era simétrico. O cavaleiro deslocava-se de forma que os movimentos do lado esquerdo do tabuleiro de xadrez fossem espelhados pelos movimentos do lado direito, num padrão de regularidade e harmonia quase perfeitas. Esse padrão era extremamente complicado de recriar. Ele próprio só encontrara os dez

primeiros passos.

Psicologicamente, isso significava que o assassino não só permitia que o seu comportamento fosse governado por regras rígidas, como também que essas regras tinham de ser governadas por regras próprias. Vincent suspeitou que o assassino tinha uma necessidade de controlo tão forte que exigia medicação.

— Pai?! Estás aí? — perguntou Benjamin. — Para onde é que desapareceste dentro da tua cabeça? Estávamos a falar de cinco homicídios.

Vincent piscou os olhos com força para regressar à realidade.

— Pois é — disse. — Só que nunca foram cinco homicídios. Nunca soubemos o número exato; eu constatei que havia espaço para um máximo de oito assassinatos, tendo em conta que o tempo entre cada um se dividia em metade. Isso não significava necessariamente que ocorreriam oito, apenas que havia um teto. Claro que esperávamos que fossem menos, a Wilma teria sido a quinta. E como encontrámos uma frase completa composta por cinco palavras, tudo apontava para que a Wilma fosse a última.

— Então... se talvez não fossem só cinco, isso quer dizer que oito homicídios também são oito posições no mapa — disse Benjamin.

Vincent assentiu com a cabeça.

— Oito posições no mapa. E oito palavras no texto.

Benjamin abriu o manifesto do Epicura que tinha gravado no computador, onde as frases estavam alinhadas numa grelha de oito por oito palavras.

— Nunca chegámos a procurar as três últimas — disse Vincent — porque pensámos que tinha acabado.

— Então, nesse caso, para onde é que vai a peça do jogo depois da posição cinco no tabuleiro de xadrez? — perguntou Benjamin. — Depois da Wilma?

Vincent aclarou a garganta e leu do caderno de notas:

— Depois da posição H5 e da palavra «purifica», temos... G7. Segunda fila a contar de cima, penúltimo quadrado.

Benjamin marcou a palavra correspondente no texto.

— Depois E8, e a seguir F6.

— Merda! — disse Benjamin, afastando-se para que Vincent conseguisse ver o monitor.

Três novas palavras apareciam a negrito no texto do Epicura.

<i>A</i>	<i>diretriz</i>	<i>de</i>	<i>Epicuro</i>	<i>para</i>	<i>a</i>	<i>nova</i>	<i>era</i>
<i>é</i>	<i>a</i>	<i>mesma</i>	<i>de</i>	<i>sempre:</i>	<i>permita</i>	<i>apenas</i>	<i>uma</i>
<i>ansiedade</i>	<i>que</i>	<i>passa</i>	<i>qual</i>	<i>cometa</i>	<i>pela</i>	<i>estrela,</i>	<i>rápida</i>
<i>e</i>	<i>impercetivelmente.</i>	<i>Vida</i>	<i>em</i>	<i>quietude</i>	<i>é</i>	<i>vida</i>	<i>que</i>
<i>purifica.</i>	<i>Evite</i>	<i>cuidadosamente</i>	<i>todo</i>	<i>o</i>	<i>tipo</i>	<i>de</i>	<i>dor</i>
<i>e</i>	<i>não</i>	<i>deseje</i>	<i>nada,</i>	<i>pois</i>	<i>vida</i>	<i>sem</i>	<i>desejo</i>
<i>é</i>	<i>vida</i>	<i>liberta</i>	<i>de</i>	<i>sofri- mento,</i>	<i>e</i>	<i>que,</i>	<i>alternati- vamente,</i>
<i>lhe</i>	<i>permite</i>	<i>desfrutar</i>	<i>do</i>	<i>sucesso</i>	<i>quando</i>	<i>alcança</i>	<i>Tudo</i>

— Na ordem que tu me deste, fica «uma nova estrela» — disse Benjamin. — «Tudo é sofrimento, dor purifica. Uma nova estrela.»

Vincent foi acometido por uma leve tontura e agarrou-se à beira da cama com as duas mãos.

Sabia perfeitamente como se dizia «nova estrela» em latim. E imaginou que Benjamin também soubesse.

— A mensagem não é do John — murmurou Vincent.

Há pouco mais de uma semana, até a ouvira explicar em direto na televisão que vivia a sua vida como se fosse um *Hamiltonian path*, onde nunca visitava o mesmo ponto duas vezes. E o que era um *Knight's Tour* senão um caminho assim?

O homem mais velho que tinham detido e com quem Vincent falara até o dissera abertamente, «a nossa estrela-guia» fora a expressão que usara. Alguém que vivia com dores físicas. Vincent não o escutara. Viu-se obrigado a dizê-lo em voz alta para si próprio, só para tornar as palavras verdadeiras. Porém, teve de se controlar para não gritar quando abriu a boca.

— Uma nova estrela — disse. — *Stella Nova*.

Benjamin ficou ainda mais pálido, se é que era possível.

— Foi a Nova o tempo todo.

SEXTA SEMANA

Mina encontrou Vincent num dos bancos próximos da fonte do Kungsträdgården. A fonte ficava no meio de um reservatório de água onde as flores caídas das árvores ao redor flutuavam à superfície, juntamente com invólucros de gelados e guardanapos descartados. Por mais que os serviços de limpeza da cidade tentassem manter a fonte limpa, era uma batalha perdida. Mina suspeitava que até uma ou outra seringa poderia ser encontrada no fundo. Apesar disso, o Kungsträdgården era um lugar lindo. O mais importante era que havia bancos à sombra das árvores.

A madeira no espaço ao lado de Vincent estava ligeiramente mais escura do que o resto do banco e cheirava ligeiramente a desinfetante. Vincent certamente o limpou pouco antes de Mina chegar. Não que ele alguma vez o fosse mencionar, claro. Vincent estava vestido com uma camisa de manga curta, com desenhos de alforrecas, e calções. Parecia um turista.

— Mudaste de estilo? — perguntou Mina, surpreendida, e sentou-se. — Pensei que tinhas dito que não eras pessoa de vestir calções?

— Aquela conduta por onde andámos levou-me a repensar as minhas escolhas de roupa — respondeu Vincent. — Senti que precisava de alguma coisa mais... mais solta. Vou manter-me longe de coisas apertadas durante... bastante tempo. Mas isso quer dizer que não gostas da camisa? Talvez tenhas razão. — Vincent olhou para o estampado de alforrecas no peito. — Talvez não tenha sido uma das minhas melhores ideias. Vou ter de fazer como tu, usar só uma camisa de alças.

— Nem pensar! — exclamou Mina. — Os homens não podem andar de alças na rua. Além de que um pouco de estilo e elegância te fica muito melhor.

Vincent olhou para ela de lado.

— Ainda bem que acrescentaste essa última parte. Caso contrário, teria de revelar que limpei o banco com água da fonte.

Mina resistiu ao impulso de se levantar de um salto. Porque Vincent só podia estar a brincar. Nunca faria uma coisas dessas. Ou faria? O esforço para se manter sentada fez com que começasse a transpirar das axilas, o que era das piores coisas que lhe podiam acontecer. Só quando viu que o caixote do lixo perto do banco estava cheio de toalhas desinfetantes é que Mina conseguiu começar a respirar normalmente outra vez.

— Então, sobre o que é que tínhamos de falar? — perguntou-lhe, tentando soar despreocupada, e falhando miseravelmente.

Vincent ficou com um sorriso no canto da boca. Oh, ele iria pagá-las. Aquilo da água da fonte exigia definitivamente vingança. Quando ele menos esperasse...

— Talvez devesse ter-te ligado de imediato ontem à noite — disse Vincent, com uma expressão subitamente séria. — Mas já era tarde e acho que também não teríamos podido fazer nada, de qualquer maneira.

— A sério que não faço a mínima ideia do que estás a falar. Encontraste uma peça de Lego perto de água outra vez? É por isso que estamos aqui, junto à fonte?

Vincent abanou a cabeça e procurou algo na sua mala.

— A conversa da Nova sobre água era uma pista falsa — respondeu Vincent. — Foi uma ideia que ela plantou para que vocês dedicassem tempo e energia às coisas erradas. A culpa é minha, cometi um erro terrível.

Vincent pegou num pedaço de papel dobrado e deu-lho.

— Lembras-te da citação oculta do pai da Nova — continuou Vincent. — Aquela que encontrei no manifesto do Epicura? Assumimos automaticamente que era ele o assassino porque foi ele que escreveu o texto.

— Mas...?

— Parei de procurar demasiado cedo. Havia mais. Aliás, acho que nem sequer foi o John que escreveu o texto, isso foi apenas mais uma

distração. *Misdirection*, como se diz no mundo da magia.

Mina desdobrou o papel. Era o manifesto do Epicura, mas as palavras estavam divididas em sessenta e quatro quadrados, com oito palavras mais carregadas do que as outras.

— Só lemos as cinco primeiras palavras do *Knight's Tour* — explicou Vincent. — Até ao rapto da Wilma. Mas têm de ser oito para ficar completo.

— Sim, tu disseste qualquer coisa sobre o assassino só conseguir chegar aos oito, por causa do tempo cada vez menor entre cada um — disse Mina, assentindo com a cabeça.

Vincent apontou para as três últimas palavras.

— Uma... nova... estrela — leu Mina. Demorou um segundo. Depois compreendeu. — A Nova — disse, olhando fixamente para Vincent.

— Exatamente, a Nova — repetiu Vincent, confirmando as suas suspeitas. — É ela o cérebro por trás disto tudo.

Ouviu-se um guincho desapontado do outro lado da fonte quando um pai, no último segundo, agarrou uma criança que estava a caminho da água.

— Não é só a Nova — disse Mina. — Teve todo o Epicura a ajudá-la.

Vincent assentiu com a cabeça.

— Não devem estar todos envolvidos — comentou. — A maior parte das pessoas que aderiu provavelmente não fez nada pior do que doar o seu dinheiro à Nova. Ela deve é ter o apoio de um círculo íntimo; assumo que sejam as mesmas pessoas que vocês têm detidas desde a libertação da Wilma. Não é de estranhar que não abram a boca, são pessoas que estão com a Nova desde o início. Confiam nela tanto quanto ela confia neles, de forma que farão o que ela pretende.

Mina afundou-se no banco de jardim. O círculo mais íntimo de Nova; ouvira falar dele de uma fonte demasiado próxima.

— Como a minha mãe — disse. — Como a Ines.

Mas Ines não estava com os outros na quinta de cavalos, quando salvaram Wilma. Havia uma possibilidade de a sua mãe não saber de nada. Mesmo que fosse microscópica.

— Quase que a apanhámos — disse Mina. — No estábulo. Só pode ter sido a Nova que apareceu no carro, quando pensámos que era o John. Merda! O que é que fazemos agora? Vamos ao Epicura buscá-la?

— Acho que ela já não deve estar lá — disse Vincent. — O John Wennhagen foi uma pista falsa, mas a Nova deve ter percebido que não demoraria muito tempo até percebermos que era ela. Afinal de contas, assinou a mensagem. Se fosse eu, tinha fugido da quinta bem depressa. Mas também há outra coisa: lembras-te de eu ter dito que o assassino... quero dizer, a Nova, encurtou o tempo entre cada rapto pela metade? Se não a tivéssemos parado, ter-se-iam passado duas semanas entre a Wilma e o homicídio seguinte, que teria sido o sexto. Depois desse, só passaria uma semana até ao sétimo, e não mais do que meia semana até ao oitavo, e último. Mas conseguimos pará-los a tempo, como sabemos. Vocês detiveram os membros que poderiam ajudá-la com as crianças, por isso acho que ela vai passar diretamente ao final. À oitava jogada no tabuleiro de xadrez. E, de acordo com as regras dela, isso vai acontecer já daqui a meia semana.

A criança do outro lado da fonte estava de novo a caminho da água e, mais uma vez, guinchou alto quando foi impedida por um dos pais. Mina teve vontade de lhes gritar que deixassem a criança ir ao banho para ela poder pensar em paz.

— Mas espera lá — disse. — Nós salvámos a Wilma na sexta-feira, hoje é segunda. Já passaram três dias.

— Exatamente — respondeu Vincent, virando-se para ela.

Mina nunca o vira com ar tão sério.

— O grande final da Nova vai acontecer esta tarde — disse o mentalista.

O pânico percorreu todo o corpo de Mina.

— A Nathalie — disse. — Tenho de ir buscar a Nathalie.

A sua mão estava a tremer tanto que quase não conseguiu tirar o telemóvel do bolso. Depois marcou o número do pai de Nathalie. Não tinha outra hipótese.

— Sim, sou eu — disse Mina, interrompendo-o assim que ele atendeu. — Tens de ir ao Epicura buscar a Nathalie, não faças perguntas. E tens de ir agora, neste preciso momento. Vou enviar-te a morada. Eu podia ir lá com um carro-patrulha, mas demoro demasiado tempo até conseguir chegar à esquadra e requisitar um carro. Tempo que não temos. Esquece todas as regras de trânsito, ou vai de helicóptero, mas ela tem de ser posta em segurança.

Mina desligou antes de ele ter oportunidade de responder.

Nunca se atrevera a falar assim com ele antes. Nunca, durante os anos que tinham vivido juntos, lhe dissera o que ele devia fazer. E muito menos lhe dera ordens. Provavelmente, haveria consequências. Mas que outra escolha tinha?

Abriu a aplicação de GPS e mordeu o lábio inferior com força enquanto o programa procurava o transmissor na mochila de Nathalie. A aplicação estava a demorar muito tempo a descobrir onde Nathalie se encontrava, demasiado tempo. Finalmente, desistiu. *Transmitter inactive*, avisou. *Please check batteries*.

Vincent voltou a procurar algo na mala, retirou um mapa do seu interior e desdobrou-o no colo. Com a ajuda de uma régua, desenhara os oito passos do *Knight's Tour* de Nova, aqueles que levavam ao final da sua mensagem, sobre o mapa de Estocolmo.

— Olha aqui — disse a Mina, e apontou. — A palavra «estrela» tem a mesma posição que esta casa de xadrez, F6. É a oitava e última jogada. No mapa, fica no meio do bairro de Östermalm. Só há casas ali, não há parques ou zonas com água. Mas algures neste quarteirão vai acontecer a grande jogada final da Nova.

Mina estudou o mapa, continuando a segurar o telemóvel para poder vê-lo o tempo todo. O sol já estava a ficar muito forte e Mina teve de fazer sombra com a mão sobre o ecrã.

— A praça Östermalmstorg fica no mesmo quadrado — disse ela. — Na verdade, não é um jardim, mas é um grande espaço aberto. E a igreja imediatamente ao lado também cabe nesse quadrado. Parece-me que um cemitério seria perfeitamente apropriado para a Nova.

Vincent olhou de lado para Mina, que estava obviamente a dar o seu melhor para permanecer controlada, e Vincent admirava-a por isso. Mas estava a piscar os olhos com demasiada força e demasiadas vezes. E os seus movimentos tinham-se tornado bruscos, daquela forma ligeiramente forçada que desvendava uma contração forte do diafragma. Mina estava perto de perder o controlo. Vincent queria desesperadamente ajudá-la, mas não sabia como.

— Não estou seguro de que a Nova queira estar tão exposta como estaria numa praça ou numa igreja — disse Vincent. — Ela deve saber que andamos atrás dela. Se eu estivesse no lugar da Nova, preferia não dar nas vistas. Quase todos os outros edifícios são casas de habitação, por isso é possível que estejam em casa de algum dos membros do Epicura. Podemos ter de ir bater às portas. Mas também há... isto.

No canto superior do quadrado havia um edifício com uma forma um pouco diferente da dos outros.

— O liceu Östra Real — disse Mina, passando o dedo sobre o mapa.

— Foi onde eu fiz o secundário, por acaso.

— Tempos felizes?

— Se queres mesmo saber, eu não era tão... sensível nessa altura. Mas o suficiente para ser a estranha da turma. Lembro-me de uma vez, no primeiro ano, em que os rapazes se divertiram a colar *post-its* com um círculo desenhado no meio, por todo o meu cacifo, principalmente na fechadura. Primeiro não percebi nada, depois alguém me explicou que aquilo queria dizer que tinham esfregado as pilas ali.

Vincent soltou uma gargalhada. Depois apercebeu-se do ar infeliz de Mina.

— Desculpa — pediu. — É que não estava mesmo nada à espera.

— De certeza que só estavam a gozar — disse Mina. — Não iam ter coragem de fazer mesmo uma coisa dessas. Mas, depois disso, comecei sempre a usar luvas de plástico para abrir o cacifo.

Mina enfrentou o olhar de Vincent de forma quase desafiadora. Os seus olhos estavam brilhantes de lágrimas, mas também viu uma centelha de luta neles, uma recusa em ceder. Por ninguém. Fora certamente isso que levava os colegas de turma a fazerem uma brincadeira tão grosseira. Mina talvez fosse a estranha, mas não conseguiam vergá-la. Porque ela era quem era. Sempre autêntica, com fogo nos olhos e as mãos gretadas.

— Seja como for, a escola está fechada durante os meses de verão — disse ela. — Por isso a Nova não deve lá estar. Temos de ligar à Julia e ver quantas pessoas é que ela consegue arranjar para ir bater às portas daqueles prédios.

— Espero que os teus rufiões tenham todos chumbado esse ano — disse Vincent. — Mas deves ter razão sobre a escola. A única altura em que as escolas estão abertas no verão deve ser quando fazem como a escola do Aston e servem de local de conferências para ganhar algum dinheiro extra, já que os alunos de qualquer maneira não estão...

Vincent calou-se e olharam fixamente um para o outro.

Mina continuava com o telemóvel na mão, marcou rapidamente o

número de Christer e pôs a chamada em alta-voz. Christer atendeu quase de imediato; soava um pouco sem fôlego.

— Christer, estás no trabalho? — perguntou Mina.

— Espera um bocado — respondeu Christer. — Eu e o *Bosse* estivemos só a... nós, espera... *Bosse*, deixa o cão da senhora em paz!

— Christer! — chamou Mina.

— Peço imensa desculpa — disse Christer, obviamente não para Mina. — Ele na verdade só queria dizer olá, não costuma mesmo... A sério, não é uma cadela? Não, não, eu percebo...

— Christer!! — disse Mina mais alto.

— Estou aqui. Só precisava de esclarecer uma coisa. O que é que se passa?

— Podes fazer o favor de investigar se o liceu Östra Real tem alguma marcação de conferências esta semana? — perguntou Vincent. — Imediatamente, de preferência.

— E o Vincent também. Olá, olá. Sem problema, só tenho de lá chegar primeiro e encher a tigela do *Bosse*.

— Isto é mais importante — interrompeu Mina. — Primeiro o Östra Real, depois o *Bosse*.

Fez-se silêncio. Vincent podia jurar que tanto Christer como *Bosse* estavam a olhar fixamente para eles através do telemóvel.

— Desculpa, *Bosse* — acrescentou Vincent. — O teu dono depois dá-te uma tigela de água fresquinha. Christer, não pediríamos isto se não fosse realmente urgente, tu sabes isso.

— Vou tratar do assunto — respondeu Christer. — Já vos digo alguma coisa.

Mina desligou a chamada e voltou a abrir a aplicação do GPS. O transmissor não estava completamente desligado; o círculo onde a aplicação procurava agora era mais pequeno, mas continuava sem se focar. A única coisa que podiam ver era que Nathalie já não parecia estar na quinta. Tal como Vincent suspeitara.

— Achas que a Nova está a pensar fazer a última jogada sozinha? — perguntou Mina. — Nós já detivemos aqueles que provavelmente foram os responsáveis pelos raptos anteriores, por isso ela pode já não ter ninguém para a ajudar.

Vincent olhou para a fonte. Os turistas no jardim de Kungsträdgården comiam gelados, tiravam *selfies*, bebiam sumos. Havia grupos de adolescentes sentados no chão, a fazer o que os adolescentes faziam quando tinham férias de verão. Dali a alguns anos, Aston poderia ser um deles. Mas Lilly, William, Dexter e Ossian nunca poderiam experienciar aquilo. Para eles, já tudo chegara ao fim. E por que motivo? Vincent ainda não conseguira perceber o que Nova queria alcançar. Mas tinha a certeza de que ainda não havia terminado.

— Acho que a oitava jogada não é algo tão simples como um rapto — disse Vincent. — Não podemos esquecer-nos de que ela pôs o seu próprio nome nela. Vai ser outra coisa. A última posição, a jogada final. Acho que ela vai estar presente em carne e osso.

O telemóvel de Mina tocou. Atendeu em alta-voz outra vez.

— Não percebo porque é que não ligaste tu própria para lá — disse a voz de Christer ao telefone. — Foi superfácil conseguir falar com eles. Só têm uma marcação esta semana, e é para hoje.

Enquanto Christer falava, apareceu uma notificação no ecrã do telemóvel. Aparentemente, o transmissor de GPS voltara a funcionar, a aplicação localizara a filha de Mina. Mostrou o telemóvel a Vincent para que ele pudesse ver o mapa no ecrã. Nathalie estava no centro de Estocolmo.

— Curiosamente, conhecemos as pessoas que alugaram o espaço — continuou Christer, enquanto Mina ampliava o mapa. — O Epicura vai fazer um curso de dia inteiro lá, oitenta pessoas. Agora tenho de ir tratar do *Bosse*, digam vocês o que disserem.

Christer desligou ao mesmo tempo que Vincent fazia sombra com a mão sobre o telemóvel para poder ver melhor. Mina ampliara o mapa

da aplicação de localização até todos os edifícios serem discerníveis. E não havia qualquer dúvida. Nathalie estava no liceu Östra Real.

Apesar de o Sol já ir bastante alto e a temperatura ter certamente atingido cerca de vinte e sete graus, Vincent começou a sentir frio e apertou os braços à volta do corpo.

— Tudo é sofrimento, a dor purifica — disse. — Meu Deus, lembreste de que o John construiu o *bunker* como uma armadilha mortal? E aquilo que a Beata Ljung nos explicou sobre seitas destrutivas? Acho que a Nova está a pensar seguir as palavras do pai até à sua conclusão lógica. A jogada final dela não é apenas o homicídio de uma pessoa, mas sim de oitenta. E a Nathalie. A Nova quer matá-las a todas.

Vincent sente-se mais impotente do que nunca. Quer ajudar Mina, uma parte dele *precisa* de ajudá-la. Mas não sabe como. Naquele momento, é completamente inútil. Mina levanta-se do banco no exato momento em que o seu telemóvel recebe uma nova mensagem.

— É o Christer outra vez? — pergunta Vincent.

Mina detém-se a meio do movimento, meio levantada. Olha fixamente para o ecrã. Toda a cor lhe desapareceu do rosto.

— É a Nova — responde, e entrega-lhe o telemóvel para que Vincent possa ler.

Olá, Mina,

Estou ansiosa por te ver hoje.

Mas receio que tenhas um pequeno problema.

Podes salvar ou a tua mãe, ou a tua filha.

Mas não vais ter tempo de salvar as duas.

O que é que escolhes? Vais até ao fim do caminho? Bem-vinda.

Nova

— O que é que faço agora? — pergunta Mina. — Nem percebo o que é que ela quer dizer com isto. Escolher o quê e o caminho para onde?

Vincent lê a mensagem novamente. Algo naquelas palavras o perturba. Mas não consegue pensar nisso agora.

— Não lighes — responde-lhe. — Ela só quer ganhar tempo deixando-te insegura. O melhor para ela é se te fizer hesitar, por isso não hesites. Vai para o liceu e encontra a Nathalie, salva-os a todos. E no que diz respeito a lidar com o Epicura e apanhar a Nova, não precisas de mim, precisas dos teus colegas da Polícia. Pessoas que sabem o que fazer, eu só vou estar a atrapalhar. É melhor concentrar-me em compreender a mensagem da Nova. Tens razão, ela está a esconder alguma coisa, ela nunca é tão simples. Mas tem cuidado, ela vai estar lá. E não sabemos que surpresas é que tem preparadas.

— Vou tentar falar com o pai da Nathalie outra vez — diz Mina. —

Ele tem recursos.

Vincent assente com a cabeça.

— Vai. Agora.

— Isto vai ser interessante — diz Nova.

Nathalie não consegue lembrar-se de alguma vez ter visto o olhar de Nova brilhar tão intensamente. Olha à sua volta pela sala. Eminente, é a palavra que lhe vem à cabeça, sem saber exatamente o que significa.

— Porque é que estamos aqui, e não com os outros? — pergunta.

Nathalie não compreende muito bem porque tiveram de se separar; quer tanto estar com os outros *e* com Nova. Estar com as pessoas que realmente a compreendem.

— Eles vão fazer a sua própria viagem — diz Nova com um sorriso.

— Tinha pensado ir com eles, mas mudei de ideias. Apercebi-me de que afinal ainda não terminei, eles vão ter de ir à frente.

— Sim, mas porque é que estamos sentadas nesta sala?

— Estamos aqui porque dei uma oportunidade à tua mãe de te vir buscar, antes de chegar a hora de eu... recomeçar.

As palavras não são completamente compreensíveis, mas Nathalie já começou a habituar-se. Nova é assim, um pouco mística. Olha para a porta de madeira como se pudesse forçá-la a abrir-se. A sua mãe. Ainda não assimilou bem a ideia de que a mãe está viva. Há um mês, nem sequer sabia que tinha uma avó materna, e ontem Nova disse-lhe que tem uma mãe. Uma mãe que obviamente não a quis contactar durante toda a sua vida. Apesar de aparentemente ser polícia. E com isso se iam os seus planos de futuro.

Nathalie tenta pensar nas memórias que julga ter da mãe. Memórias que nem sabe se são reais ou se são apenas sonhos. O cheiro, a voz, o riso. Não quer que a mãe venha buscá-la. Neste momento, odeia a mãe mais do que tudo. E o pai também pode ir à merda, pois não lhe disse nada sobre a mãe.

Nova é a única pessoa que cuidou dela a sério e viu quem ela é

verdadeiramente. Nova é a única que nunca lhe mentiu, ao contrário do resto do mundo. Se Nathalie pudesse decidir, ficaria com Nova para sempre. Nova é a única mãe de que ela precisa.

Mina caminha a passos rápidos em direção ao edifício de tijolos castanhos que mais se assemelha a um palácio. Há muitos anos que não vai ali; é um sítio que esperara nunca mais ter de voltar a visitar. Não se vê ninguém no grande pátio em frente ao liceu. Mina olha para o telemóvel; o sinal do transmissor GPS de Nathalie continua nítido, ela encontra-se dentro do edifício da escola. Mina não quer saber o que Ines está a fazer, mas Nathalie... tem de encontrar a sua filha.

Adam e Peder seguem imediatamente atrás dela, em uniforme completo. Peder ainda tem a barba ligeiramente azulada. Mina telefonou ao grupo policial a caminho dali, e Adam e Peder chegaram à escola ao mesmo tempo que ela. Julia e Ruben estão quase a chegar, mas Mina não pode esperar por eles. E o pai de Nathalie continua sem atender. Já não há tempo.

Não vais ter tempo de salvar as duas.

— Toma — diz Adam, e atira-lhe um rádio. — Para estarmos em contacto.

Consciente de que cumpre todos os clichês cinematográficos da história mundial, Mina sobe as escadas até às enormes portas a correr, sozinha. Sem apoio suficiente. Mas se Vincent estiver certo, os piores inimigos do Epicura naquele momento são eles próprios.

Mina abre a porta de madeira clara, e os dois colegas seguem-na.

— Onde é que eles estão? Em que local? — pergunta ela.

Do lado de dentro são recebidos por uma ampla escadaria de pedra. Demasiado familiar. Demasiadas vezes estivera ao fundo daquelas escadas a perguntar-se se devia virar as costas e voltar para casa. O ar está parado e quente como numa sauna. Peder limpa o suor da testa, depois olha rapidamente para o quadro pendurado à entrada, que explica onde se localizam os diferentes auditórios e salas.

— Eles reservaram o anfiteatro — diz Peder, apontando para o cimo

das escadas. — Dois lanços de escadas.

Mina olha para a aplicação do telemóvel outra vez.

— A Nathalie não está aí — diz para os colegas. — Está numa sala de aula.

Sem esperar por o que Peder ou Adam possam ter para dizer, corre pelas escadas acima e entra num corredor, com os olhos colados ao telemóvel. Nathalie está na sala mais ao fundo. As velhas portas de madeira das salas de aula parecem robustas; Mina não vai conseguir entrar se quem estiver do outro lado não quiser. Mas pode ser que Nova não saiba que eles já lá estão. Mina corre mais depressa.

Nova está à janela. De testa franzida.

— Passa-se alguma coisa? — pergunta-lhe Nathalie.

— Pensei que ia conseguir ver o portão daqui — diz Nova. — Mas a sala está no ângulo errado. Dava-me jeito poder ver quantos é que vêm.

Nova volta a sentar-se ao pé de Nathalie e exhibe o seu sorriso caloroso. Acaricia o cabelo de Nathalie calmamente.

— Desculpa teres de ficar à espera — diz ela. — Eu sei que preferias ter ficado na quinta. Mas já sabes o que diz o epicurismo: vive de forma a não provocar ondas. E não vamos permanecer aqui muito tempo.

Nathalie precisa de comer alguma coisa. Ou beber. Está tão faminta que lhe dói a barriga. A língua cola-se-lhe ao céu da boca. É difícil pensar quando está com tanta fome. Mas o olhar de Nova é caloroso e Nathalie percebe que está tudo bem. Mesmo que não perceba o que está a acontecer naquele momento, sabe que pode confiar em Nova, que Nova vai cuidar dela.

— Se vais a algum lado, eu posso ir contigo, não é? — diz Nathalie.
— De qualquer maneira, só tu é que te preocupas comigo.

Nova sorri e tira uma garrafa de um saco térmico.

— Vais poder ir ter com os teus amigos do Epicura daqui a pouco —

diz-lhe, e pousa a garrafa e um copo em cima da mesa. — A Monica, o Karl, todos os que tu conheces. E a Ines, claro. Vais ter com eles daqui a nada.

A garrafa parece conter chá gelado ou talvez sumo. Finalmente, alguma coisa para beber. Agradecida, Nathalie estica-se para a garrafa, mas Nova afasta-lhe a mão.

— Vamos guardar isto mais um bocado — diz Nova. Agora está com aquele olhar ardente outra vez. — A não ser que seja a tua mãe a vir.

Vincent não consegue esquecer a mensagem de Nova para Mina. Há algo estranho na escolha de palavras. Claro que é de propósito, com a intenção de os confundir, mas é melhor ficar ele a pensar no assunto do que ser Mina a fazê-lo. A situação no Östra Real exige toda a atenção dela; afinal de contas, trata-se da sua filha. Vincent não tem tanta certeza de que conseguiria manter a mesma concentração que Mina se se tratasse de Aston.

Mas a mensagem. Se há alguma coisa que aprendeu, é que Nova gosta de deixar pistas. Tanto falsas como verdadeiras. Vincent tem de perceber a que tipo de pista a mensagem corresponde.

Não vais ter tempo de salvar as duas, escreveu ela. O que é que escolhes? Vais até ao fim do caminho?

À primeira vista, parece que Nova está a perguntar quem é que Mina vai escolher salvar. Nathalie ou Ines. Mas, do ponto de vista gramatical, não é realmente o que Nova pergunta. «O que é que vais escolher» refere-se, na verdade, ao que aparece depois da pergunta, se Mina «vai até ao fim do caminho» ou não. É essa a escolha que Nova lhe dá.

Ir até ao fim — ou não.

Duas possibilidades.

Duas pessoas para salvar.

Ir até ao fim — não ir até ao fim

Nathalie — Ines

Vincent levanta-se de um salto quando se apercebe do que isso implica.

— Quanto tempo é que vamos esperar? — pergunta Nathalie, com um suspiro.

Nova olha para o seu relógio de pulso.

— Não falta muito — responde. — Já devem ter percebido há algum tempo, eu fiz a reserva em nome do Epicura. Alguns deles já devem estar dentro do edifício. Diria que a tua mãe está à procura da sala certa neste preciso momento. Por isso, ou aparece alguém a qualquer momento, ou ninguém.

Como sempre, Nathalie não percebe tudo, mas também já não tem forças para perguntar. Além de ter fome e sede, também está a ficar entediada. Poder estar sozinha com Nova durante tanto tempo é único, ela sabe disso. Parece quase um pecado não valorizar cada segundo. Mas a verdade é que gostava de dormir um bocado. Talvez assim não lhe doesse tanto a barriga. Será que não pode pelo menos beber um pouco? Tenta pegar no sumo outra vez, mas Nova volta a afastá-lo.

— Mas eu estou mesmo cheia de sede — diz Nathalie, e levanta-se. — Vou buscar água.

— Infelizmente, tens de ficar aqui — diz Nova com um olhar que leva Nathalie a sentar-se de novo.

O olhar de Nova já não está caloroso e sorridente. Agora é feito de aço frio. O amor que Nathalie sentia antes desapareceu subitamente.

Nathalie já não quer estar ali. Não quer mesmo estar ali. Mas não sabe se tem energia suficiente para voltar a levantar-se.

— Tu és a minha garantia — diz Nova. — Para o caso de alguma coisa correr mal. E já vais poder beber o sumo, não te preocupes com isso.

Nathalie remexe-se; de repente, já não tem sede. Parece que alguém está a correr por baixo delas. Os passos aproximam-se, depois mudam de direção e desaparecem.

— Garantia de quê? — pergunta. — O que é que se passa?

Nova limita-se a sorrir em resposta. Mas o sorriso já não lhe chega aos olhos. Nathalie empurra a cadeira para trás, para longe de Nova.

Mina chega ao fim do corredor. Subitamente, sente-se muito, muito sozinha no seu medo. Vincent não está com ela, e as suas chamadas frenéticas para o pai de Nathalie continuam sem resposta. Por fim, deixa-lhe uma mensagem no atendedor de chamadas. Agora tem de se concentrar. Tem de salvar a filha.

As portas não correspondem à localização do pontinho do GPS na aplicação. Grande merda! A sua filha não está naquele andar. Mina corre de volta para as escadas, onde Adam parece estar a falar com Julia em alta-voz.

O suor escorre pelo nariz de Mina, mas não tem tempo para se incomodar com isso. Por que raio é que construíram corredores tão absurdamente longos?

— A que distância é que vocês estão? — diz Adam ao telemóvel, trocando um olhar com Peder, que está impaciente ao seu lado. — Precisamos de vocês aqui agora.

Mina passa por eles, sobe mais um lanço de escadas e entra no corredor do andar de cima. Corre mais silenciosamente do que da outra vez. Nova deve estar no anfiteatro com os outros, mas não pode ter a certeza.

Ao fundo do corredor fica a sala de aula A311. A famosa sala, com um mural do artista Georg Pauli. Mina chega à sala de aula e encosta a mão à porta de madeira, enquanto recupera o fôlego.

Verifica a aplicação no telemóvel. Está no sítio certo.

Nathalie encontra-se do outro lado da porta.

Dali a pouco, vai poder ver a sua filha. Uma filha que não sabe quem ela, Mina, é. Não pode cometer erros agora.

Subitamente, o rádio da Polícia começa a crepitar. Mina afasta-se rapidamente da porta e espera que a pessoa, ou as pessoas, que

estiverem do outro lado não tenham ouvido nada.

— Mina, acabámos de espreitar pela porta — diz Adam no rádio. — Parecem estar todos aqui. Deve ser o Epicura todo. E parece mesmo que é só uma conferência.

Mina franze a testa. O Epicura todo. Então Ines também deve lá estar. Estranho ter sido tão fácil encontrá-la; Mina pensou que seria mais difícil, dada a mensagem de Nova.

Não vais ter tempo de salvar as duas.

Algo tem de estar errado.

Mina sente-o no corpo todo. Mas não faz ideia do que poderá ser.

— O que é que estão a fazer agora? — pergunta.

— Estão num *coffee break*. Mas não vejo cafeteiras em lado nenhum, estão todos a servir-se de um refrigerante ou sumo. Pessoas mesmo sem vícios.

Suor gelado escorre pelas costas de Mina. O frio contra a sua coluna fá-la ofegar. Já percebeu o que está errado.

Nova anda de um lado para o outro na sala. Não é uma Nova que Nathalie tenha visto antes. Nova costuma fazê-la pensar num veado, mas agora é uma loba.

— Estou a ficar farta — diz Nova. — Sou mesmo só eu que estou preparada para jogar este jogo até ao fim? — Vira-se para Nathalie e o seu olhar está negro. Nathalie sobressalta-se. — A tua mãe interrompeu-me — diz ela. — Só me faltavam três. Quatro com a Wilma. Só depois de isso estar completo é que eu ia poder descansar de toda a dor. Mas só consegui chegar a meio. E agora vou ter de começar do início. Quer dizer, agora já não, primeiro tenho de me manter escondida, claro, até as pessoas se cansarem e esquecerem. Mas depois...

Ouvem-se passos rápidos lá fora no corredor. Algo crepita e os passos desaparecem outra vez.

— E a culpa é da tua mãe — continua Nova. — Dela e do Vincent

Walder. Eu tentei que o Vincent caísse na esparrela, mas não resultou. E por isso é que estamos aqui. Mas fartei-me. Estamos aqui há uma hora e não apareceu ninguém. Chega. Vais poder ir com o Epicura. De qualquer forma, disseste que tinhas sede.

Mina pressiona os lábios no rádio para poder sussurrar. Uma parte do seu cérebro regista que está com a boca contra a mesma superfície em que Adam tocou com a sua mão quente. Esse pensamento deixa-a maldisposta, mas não pode permitir que a ouçam do outro lado da porta.

— Tens de os impedir de beber — sussurra para o rádio. — Atira os sumos para o chão, faz a mesa tombar, seja o que for. O Vincent disse que a Nova está a planear matá-los a todos; isso não é sumo, é veneno. Vou aí ter assim que puder.

— Filha da mãe! — diz Adam. — Está a acontecer qualquer coisa, vamos entrar.

O contacto quebra-se. Mina pousa o rádio no chão e olha outra vez para a aplicação do telemóvel. Seja o que for que esteja a acontecer no anfiteatro, está demasiado longe para poder ajudar naquele momento.

Ninguém se moveu atrás da porta, talvez não a tenham ouvido.

Mina respira fundo, abre a porta da sala A311 e vai ter com a filha.

Vais até ao fim do caminho?

Vincent compreende. Nathalie e Ines estão em sítios diferentes. É isso que a mensagem significa.

Nova é uma pessoa que pesa as suas palavras numa balança de ouro. Tudo quer dizer alguma coisa. Não é uma coincidência que tenha escolhido a palavra «caminho».

E Vincent sabe exatamente a que caminho ela se refere.

Fecha os olhos e tenta visualizar o programa de televisão com Tilde de Paula Eby à sua frente. Parece que já passou uma eternidade desde que o viu. Não encontra a memória de imediato; aparentemente, não lhe deu importância suficiente quando a armazenou na memória de

longo prazo. Muda de estratégia e começa antes pela sensação de estar em casa sentado no sofá da sala. Sente o tecido de veludo macio do móvel contra as suas costas. Depois combina essa sensação com a memória auditiva da voz de Maria a dizer «esoterismos» ao seu lado.

É o suficiente para ativar a memória visual do programa de televisão, que se torna tão presente como se o estivesse a ver outra vez.

Nova e Ines estão sentadas no sofá do estúdio. Falam sobre dor. Tilde pergunta como Nova faz para não se sentir amargurada com o acidente que lhe deixou marcas para o resto da vida.

— *Hamiltonian paths* — responde Nova. — É um conceito matemático que se refere a uma maneira de deslocação entre pontos de forma geométrica, fazendo com que se visite cada ponto apenas uma vez. Tento viver a minha vida dessa forma.

Vincent ouvira as palavras, mas não compreendera que Nova queria dizer várias coisas diferentes com aquela formulação. Não estava a referir-se apenas ao facto de não querer remoer memórias antigas, também fora absolutamente literal quando dissera que se move ao longo de um caminho matemático específico.

Vincent desdobra o mapa em cima do banco de jardim outra vez. O sol reflete-se no papel e quase o encandeia. Já mapeou os primeiros oito pontos do seu *Knight's Tour*, os que levam ao liceu Östra Real. Por cada novo movimento do cavaleiro, existem várias casas possíveis onde ir parar no tabuleiro, mas apenas uma é a correta. E isso aplica-se a cada jogada. Não era de admirar que utilizassem computadores para coisas assim.

Vincent coloca o dedo na oitava posição. O liceu Östra Real. A palavra «estrela». Já tinha calculado dez posições antes, mas é melhor confirmar. Aplica a regra de Warnsdorff, ou seja, ir para a posição que tem o menor número de novos possíveis movimentos. Isso leva-o à posição E8, o Instituto Real de Tecnologia. Vincent tenta não se deixar afetar pela adrenalina que percorre o seu corpo, que só prejudica o seu

pensamento racional.

Aquilo vai levar demasiado tempo; cada nova jogada que faz no mapa pode levá-lo a um beco sem saída ao fim de uma, cinco ou dez jogadas à frente. Então terá de voltar para trás e começar de novo. E tempo é algo que Mina não tem.

Vais até ao fim do caminho?

Ainda restam cinquenta e cinco quadrados no mapa até que o *Knight's Tour* de Nova esteja completo. Até que Nova pare de se mover entre os pontos. Um dos quadrados é o último. Um deles corresponde ao final do caminho. Vincent só precisa de descobrir qual.

A sala de aula parece-se exatamente como Mina se recorda. As mesas e as cadeiras de madeira brancas parecem quase fantasmagóricas sob a luz forte do sol que entra pelas janelas. As figuras por entre a vegetação do mural estão nas mesmas poses que Mina se lembrava.

A sala também está completamente vazia.

Primeiro pensa que Nathalie está escondida algures, mas ali não há onde se esconder. Numa das carteiras escolares mais ao fundo da sala está um objeto. É a única evidência de que alguém esteve ali.

É uma mochila. Mina não vê aquela mochila em particular há dois anos, mas não tem dúvidas de que é de Nathalie.

Corre até à mesa. Há uma folha de papel A4 dobrada em cima da aba da mochila. Quando Mina lê as palavras, deixa de respirar.

Olá, outra vez, Mina. O localizador dentro da mochila foi uma jogada inteligente da tua parte. Só precisava de pilhas novas. Assumi que ias escolher a tua filha em vez da tua mãe. Foi a escolha certa. Foi precisamente isso que o meu pai fez também. Infelizmente, não fez diferença nessa altura e também não faz diferença agora. Enquanto lês isto, a tua mãe está a beber veneno no andar de baixo. E estás demasiado longe para poder ajudar a Nathalie. Mas essa situação já vem de há muitos anos. Xequemate. Ela agora é minha.

Mina começa a arquejar, mas o pânico impede que o ar chegue aos pulmões. Os braços e as pernas parecem não ser seus. Nathalie. O seu campo de visão começa a tremeluzir ao mesmo tempo que a sala anda à roda. Tem de salvar Nathalie. Mas não consegue chegar a lado nenhum. Tenta apoiar-se na mesa, mas parece estar a um quilómetro de distância. Precisa de estar lá para Natti. E sabe que falhou.

O fogo de artifício à frente dos seus olhos assume o controlo e Mina sente que está a cair. Uma dor repentina no braço. Deve ter batido em alguma das cadeiras na queda. Depois aterra no chão e a sala A311 desaparece, juntamente com o resto do mundo.

Adam ouve uma multidão de vozes agitadas dentro do auditório. Seja o que for que Nova tenha planeado, não parece estar a correr sem problemas. Julia e Ruben ainda não chegaram, mas não têm tempo de esperar por eles. Tem de tomar uma decisão. Faz sinal com a cabeça para Peder, a confirmar que o colega o acompanha, e depois entra pelas portas.

— Polícia! — anuncia para a multidão lá dentro. — Parem imediatamente o que quer que estejam a fazer. Ninguém se mexa!

Adam vê duas coisas ao mesmo tempo. A primeira é que parece estar a haver um conflito entre os membros do Epicura. Não lhe prestam atenção a ele, ou a Peder. Ou então nem repararam neles, entre os gritos e o caos. Uma jovem mulher está ajoelhada por baixo da mesa, a chorar descontroladamente. Ao seu lado está um homem deitado no chão a tremer em convulsões. Há um cheiro acre fortíssimo na sala, parecido com urina.

— Nós não vamos beber! — grita um homem, no meio de um grupo de sete ou oito pessoas.

Um rapaz jovem, pouco mais do que um adolescente, dá um passo em frente e atinge os joelhos dos que estão mais próximos com um bastão de madeira. O homem grita e cai em cima de alguns corpos que já estão no chão. Uiva de dores e agarra-se aos joelhos. Os corpos por

baixo dele não se mexem.

— Vão beber! — diz o jovem rapaz, agitando o bastão em direção ao grupo. — Vão todos beber. A dor purifica.

Ao longo de uma mesa está uma fila de pessoas a rezar em voz baixa.

— Tudo é sofrimento, a dor purifica — ouve-os Adam dizer, repetidamente, enquanto recebem copos de plástico e os passam aos outros.

A mulher a chorar levanta-se e tenta derrubar os copos, mas perde o equilíbrio e alguém consegue levar um copo à sua boca.

A segunda coisa que Adam vê é a pistola, nas mãos de uma mulher de estatura baixa, com cerca de sessenta anos, vestida com um casaco lilás. A pistola está apontada a um grupo que se recusou a aceitar os copos, mas agora vira-se e fica apontada para ele e para Peder. Ela, pelo menos, parece ter-se apercebido da entrada deles.

— Vocês é que não se vão mexer — diz a mulher.

Adam detém-se com a mão imediatamente acima da sua arma de serviço; não se atreve a puxá-la. Pelo canto do olho, vê Peder precisamente na mesma situação.

— A Nova disse que vocês iam aparecer — diz a mulher. — Por isso é que esta pistola está carregada. As vossas armas, ponham-nas no chão. Devagar. Tu primeiro.

Faz sinal com a cabeça para Peder. Adam observa que duas das pessoas junto à mesa caem ao chão, a arranhar as gargantas. Um homem que se recusou a beber chama o nome de uma delas e tenta aproximar-se, mas outras seguram-no pelos braços e levam um copo à sua boca.

A mulher mais velha não desvia os olhos de Adam e Peder. Faz novamente sinal com a cabeça para Peder, que retira a sua arma com três dedos e poussa-a no chão, com movimentos calmos, deliberados.

— Agora tu — diz ela, agitando a pistola na direção de Adam.

Adam utiliza a mesma técnica de três dedos que Peder usou para retirar a arma. A mulher está calma e serena; é improvável que vá disparar acidentalmente a pistola por nervosismo, mas Adam não quer que ela interprete mal nenhum dos seus movimentos e coloca a arma muito lentamente no chão ao seu lado.

O cheiro acre torna-se mais intenso à medida que cada vez mais pessoas se urinam pelas pernas abaixo, deitadas no chão em espasmos e convulsões. Adam tenta respirar pela boca. A mulher mencionou Nova, mas Adam não a vê em lado nenhum.

— Vão ali para o fundo e encostem-se à parede — diz a mulher, gesticulando com o cano da pistola. — Para não nos perturbarem mais até termos terminado.

A mulher levanta a voz e chama alguém que está mais no interior da sala.

— Monica! Tratas do resto?

— Claro que sim — responde a mulher junto à mesa com as bebidas. — Vai demorar um bocado, mas acho que não haverá problemas. Karl?

Um homem alto e louro, que parece estar em muito boa forma física, vai para o lado da mulher e dá-lhe um cassetete, exibindo um sorriso largo nos lábios.

— Lembrem-se da promessa da Nova — diz Monica em voz alta para os epicuristas na sala. — Vão finalmente libertar-se da vossa dor. Finalmente, vão receber a vossa recompensa. E, na próxima vida, vamos ser nós os reis e as rainhas, como agradecimento pelo que sofremos aqui. Percebo que estejam com medo, mas o medo é uma ilusão. Venham beber, há que chegue para todos.

Alguns dos membros olham para o bastão. Para Karl. Para a pistola que, de momento, está apontada a Adam. E depois juntam-se à fila para a mesa das bebidas.

— Não façam isso! — diz Peder para a mulher do casaco lilás. — Estão enganados, a vida não é só sofrimento.

— Vocês estão a incomodar-nos — diz a mulher, abanando ligeiramente a pistola. — Nós temos isto planeado há muitos anos, mas agora tivemos de apressar tudo por vossa causa. Não é o ideal, mas vai ter de servir.

— Mas não podem matar toda a gente — diz Peder, dando um passo em frente. — É uma loucura!

Adam olha fixamente para as manchas azuis na barba de Peder. A sua visão periférica está a cintilar, a adrenalina faz-lhe perder a visão periférica. Não pode ser! Pisca os olhos com força algumas vezes, tem de estar concentrado, tem de estar preparado para tudo. Peder dá mais um passo em frente e Adam fica com o corpo todo retesado.

— Nós não matámos ninguém — diz a mulher baixa, dando um passo atrás e levantando a pistola à altura do rosto de Peder. — Só estamos a dar o próximo passo. Estamos todos aqui por vontade própria; eles só estão um bocado confusos agora. E é compreensível, é uma decisão importante.

A mulher abre o braço livre.

— Tudo é sofrimento, a dor purifica! — exclama.

— Tudo é sofrimento, a dor purifica — a resposta ecoa alto pela sala.

A mulher sorri.

— Não cometam o erro de pensar que não vou usar isto — diz com um gesto da cabeça para a pistola. — Faça o que for preciso. De qualquer maneira, só vou continuar nesta existência por mais uns minutos.

— Mas há tanta coisa que vão perder — diz Peder.

A sua voz soa um pouco desesperada agora. Adam compreende, Peder quer salvá-los a todos. Peder com a sua barba azul, que deseja o bem de todos. Mas não vai funcionar, a verdade é que já é tarde demais. Neste momento estarão cerca de vinte pessoas deitadas no chão. Adam sabe que nunca, jamais, vai esquecer este momento. Quando foram obrigados a ver Nova assassinar todas as pessoas que

acreditavam nela.

— Vou mostrar-vos o que quero dizer — diz Peder. Incrivelmente, no meio de todo aquele horror, Peder sorri. — Tenho um vídeo das minhas trigémeas a acompanharem uma música do Festival da Eurovisão — continua, ainda com um sorriso. Faz um movimento com a mão em direção ao bolso de trás das calças. — Com o Anis Don Demina. Se as vir, vai perceber qu...

A mulher dispara a pistola. No interior da enorme sala, o tiro soa à explosão de uma estrela.

Peder é projetado para trás, como se estivesse preso a um elástico. O seu corpo bate na parede.

Alguém solta um grito alto.

Talvez Adam.

Mina estremeceu. Sabia exatamente que som é que a tinha acordado. Um tiro de uma arma. Conseguiu levantar-se ao mesmo tempo que a realidade do que Nova escrevera no papel penetrou o seu consciente. Correu para fora da sala de aula, mas as pernas ainda estavam vacilantes e bateu numas quantas cadeiras ao sair.

No andar de baixo, fora o que Nova escrevera. A sua mãe estava no andar de baixo. No auditório. Estaria Natti lá também? Nova era muito confusa no seu jogo e Mina não compreendia tudo.

O corredor parecia estender-se infinitamente até chegar às escadas. Desceu-as a correr, dois degraus de cada vez. A meio do caminho, quase caiu, mas conseguiu evitar a queda agarrando-se ao corrimão. O seu coração batia selvaticamente no peito e Mina obrigou-se a descer os últimos degraus com mais calma.

Quando se aproximou do auditório, ouviram-se gritos e vozes altas através da porta entreaberta. Cuidadosamente, Mina empurrou um pouco mais a porta, de forma a poder espreitar e perceber a situação na sala. Cheirava horrivelmente, como se fosse a maior caixa de areia de gato do mundo. Adam estava de arma em punho, apontada para um grupo de pessoas com as mãos no ar. Outras quantas pessoas estavam deitadas no chão, a maior parte delas imóvel. Algumas pareciam estar com dores e contorciam-se. O que quer que fosse que tivessem feito ali dentro descarrilara completamente. Uma mulher mais velha com um casaco lilás estava sentada no chão, com os braços atrás das costas. Alguém, Adam ou Peder, a algemara. Mina viu Ines a alguma distância, entre os outros que estavam no chão.

Mina chamou o seu colega, para não ser alvejada por engano.

— Adam! É a Mina! Vou entrar!

Enquanto esperava pela resposta de Adam, Mina também pegou lentamente na sua arma.

— Está bem!

Quando o ouviu, abriu as portas de par em par e correu pela sala, até Ines. A sua mãe lutava por manter os olhos abertos. Ao seu lado

estava um copo de papel vazio.

— O que é que fizeste?! Mãe! Onde é que está a Nathalie?

Ines olhou para ela e estendeu a mão, com grande esforço. Depois de um momento de hesitação, Mina segurou-a. A sensação da mão da sua mãe na dela era estranha e, ao mesmo tempo, familiar. Outrora tinha sido a mãe a segurar a mão dela na sua, agora era Mina a segurar a mão da mãe na dela. Parecia-lhe frágil e delicada, como se pudesse partir-se com a menor pressão que Mina exercesse. Estava furiosa com a mãe, não devia ter sido assim, tinham tanto para falar, tantas perguntas que precisavam de resposta. Porém, havia uma que era mais importante do que todas as outras. Mina olhou para os olhos da mãe e implorou-lhe.

— A Nathalie, mãe, onde é que ela está?

— Eu enganei-a, Mina — disse Ines, com a voz rouca. — Consegui realmente fazê-lo. Enganei a Nova. Desculpa, não percebi... só mesmo no final. Não sabia o que é que ela estava a fazer, o que é que os outros estavam a fazer. Mas, assim que me apercebi, fiz o que pude. Por ti. Pela Nathalie. Ela pensou em matar a Nathalie. Mas eu compreendi antes que fosse tarde demais. Então disse à Nova que ela podia ganhar algum tempo se levasse a Nathalie com ela. Que ela precisava de mais tempo para completar a sua obra. Que a Nova era demasiado importante para desaparecer connosco agora. Eu sabia que o narcisismo dela iria sobressair...

— Para onde é que ela a levou?

Ines começou a tossir e Mina viu como ela se debatia para pronunciar cada palavra. Mina não a queria deixar, mas pensar em Nathalie já a estava a fazer levantar-se. Ines apertou-lhe a mão com mais força.

— Desculpa. Por tudo. Perdoa-me.

Depois, Ines soltou a mão da filha e fechou os olhos.

O telemóvel de Vincent tocou. Era Mina, no *timing* perfeito.

— Já sei o que é que a Nova queria dizer — foi a primeira coisa que Vincent disse. — A Nathalie e a Ines estão em sítios diferentes.

— Eu sei — disse Mina em voz alta ao seu ouvido. — Foi a minha mãe que fez com que isso acontecesse, para manter a Nathalie longe daqui. Mas acho que não temos muito tempo e eu não sei onde é que ela está. Foda-se, não sei onde é que ela está! Aconteceu tanta coisa aqui, eles beberam veneno e a Ines... ela... meu Deus, ela...

Algo estava errado, muito errado. A voz de Mina falhava, como se não estivesse a conseguir controlá-la. Ouviu Adam gritar algo ao fundo, mas não havia tempo para perguntar o que se passava. Primeiro Nathalie. Depois, tudo o resto. Era por essa ordem que tinha de começar, se quisesse prestar alguma ajuda de todo.

— Eu sei onde é que ela está! — exclamou, e atravessou a estrada a correr, em direção ao seu carro estacionado. — A Nova escreveu isso na mensagem que te mandou, que tinhas de ir até ao fim do caminho para a encontrar. Lembras-te? Então eu fiz isso. Calculei o resto do *Knight's Tour* dela. Levei bastante tempo, mas agora tenho a certeza absoluta. Se ela pretende manter o padrão matematicamente simétrico, só há um quadrado do tabuleiro, desculpa, do mapa, em que ela pode acabar. Nesse quadrado estão as ilhas de Reimersholme e de Långholmen. Mas Reimersholme não me parece o sítio certo. Se considerarmos o sentido dramático da Nova, aposto que está na antiga prisão em Långholmen, que agora é um hotel e albergue.

Vincent alcançou o carro e procurou freneticamente a chave no bolso.

— Mas isso é do outro lado da cidade! — exclamou Mina em desespero. — Vou demorar uma eternidade a chegar lá. E a Ines...

— Eu já estou a caminho de lá — disse Vincent. Encontrou a chave e destrancou o carro.

— Vincent?

— Fala — disse, detendo-se já meio dentro do carro.

— Conduz depressa.

— A minha filha e a Nova estão em Långholmen, tenho de ir para lá — disse Mina, afastando-se do corpo de Ines.

A voz de Adam soava abafada atrás dela. O colega dissera-lhe alguma coisa, várias vezes, mas Mina não conseguia escutar. Os pensamentos sobre Nathalie estavam demasiado altos na sua cabeça.

— Mina! — voltou a chamar Adam. Mina sobressaltou-se e virou-se para trás. — Mina, há uma coisa que tens de saber.

O som de sirenes lá fora tornou-se mais forte. Os reforços estavam a caminho. Mina olhou à sua volta. Adam parecia ter a situação sob controlo, ela não precisava de ficar ali à espera dos outros colegas.

— E explica-me o que é que a tua filha está a fazer com a Nova. Nem sabia que tinhas uma filha.

— Não há tempo, tenho de encontrar a Nathalie — respondeu Mina, impaciente, e dirigiu-se para a porta.

— *Mina!*

Adam continuava a segurar a arma firmemente apontada para o grupo de membros, mas estes não pareciam minimamente inclinados a desafiá-lo. Fez um sinal com a cabeça para o chão ao lado da porta. Aquilo escapara-lhe anteriormente. Mas então viu um par de sapatos, que espreitavam por detrás de algumas cadeiras. A sua primeira suposição foi que pertenciam a outro membro da seita que bebera o veneno. Depois reconheceu as meias. As meias preferidas dele, com o Bart Simpson. Mina deu alguns passos na sua direção.

Não queria.

Não queria ver.

Não queria saber.

Mas era obrigada. Deu mais alguns passos. E não conseguiu conter um grito. Um grito cru e dilacerado. Atrás das cadeiras estava Peder, deitado de costas. Com a barba manchada de azul e os olhos completamente abertos. Um pequeno círculo vermelho no rosto era a única coisa que revelava que algo não estava bem. O círculo, assim

como o sangue que espirrara para a parede atrás deles e que agora escorria livremente do grande buraco na parte de trás da cabeça de Peder.

— Ela deu-lhe um tiro — disse Adam, fazendo sinal com a cabeça para a mulher mais velha que estava sentada no chão com as algemas, sem olhar para ela.

A sua voz era monocórdica. Como se os sentimentos se tivessem esgotado.

Era demasiado. Mina já não aguentava mais mortes. Com os olhos embaciados de lágrimas, virou-se e correu para a saída. Não podia fazer nada por Peder. Mas podia, *tinha* de salvar Nathalie.

Vincent apanhou a via rápida Söder Mälarstrand em direção à ilha de Långholmen. A água brilhava do seu lado direito, mas não havia tempo para admirar a vista. Pela primeira vez, sentiu-se satisfeito por ser uma segunda-feira escaldante a meio da época de férias; a estrada estava praticamente vazia. Fez como Mina lhe pedira e conduzia o mais depressa que ousava.

— Vincent — disse Christer através do sistema de mãos-livres do carro. Vincent telefonara-lhe assim que se sentara no carro. — Já tenho aqui as informações, todas as reservas, tanto do hotel como do albergue. Tal como tu me pediste. Estão lotados, uma vez que é época alta.

Vincent virou para a pequena ponte que levava a Långholmen, a ilha que ostentava um dos edifícios prisionais mais antigos de Estocolmo.

— Mas o hotel recebeu uma reserva estranha ontem à noite — continuou Christer. — Para o quarto 121. A pessoa só precisava dele durante três horas. Foi por isso que puderam aceitar a reserva. Já deves ter adivinhado de quem.

— A Nova — disse Vincent ao virar para o estacionamento. — Obrigado.

Estacionou rapidamente e correu em direção à antiga prisão transformada em hotel.

Concentrar os pensamentos. Não pensar no que o poderia esperar. Não deixar as emoções tomarem o controlo. Apreciava a simetria do número do quarto, 121. Começava como terminava. Com o dobro no meio. Uma curva de distribuição normal.

Porém, nada daquilo era normal. Nathalie era quase da mesma idade que Rebecka. Se Vincent não chegasse a tempo... Não, não podia ser. Concentração.

Ergueu o olhar para o edifício amarelo de pedra. Sabia que a prisão ficara pronta em 1880. Levava seis anos a ser construída. Dezoito mais oitenta dava noventa e oito. Menos seis dava noventa e dois. A prisão

começara a ser desmantelada no ano de 1972. 1972 menos 1880 também dava noventa e dois.

Hum, estranho. Talvez houvesse alguma relação matemática, mas Vincent não estava a encontrá-la, e não gostava quando o acaso era tão simétrico sem ele perceber porquê. Mas noventa e dois mais noventa e dois era cento e oitenta e quatro. 18-4. Dezoito de abril, o dia do aniversário de David Tennant, se não lhe falhava a memória. David Tennant, que era o ator preferido de Benjamin na série de televisão *Doctor Who*.

Quando Vincent abriu a porta da entrada do hotel, visualizou logo o alfabeto à sua frente. Fez uma contagem em grupos de três e chegou à conclusão de que as letras D O C T O R W H O correspondiam aos números 4, 15, 3, 20, 15, 18, 23, 8 e 15 do alfabeto. A soma desses números dava... cento e vinte e um. 121.

A curva de distribuição normal.

O número do quarto onde Nova estava à espera com Nathalie.

Não podia chegar tarde.

Na receção, explicaram-lhe como encontrar o quarto no segundo andar. Por algum motivo, estavam três pessoas atrás do pequeno balcão da receção. Três lados de um triângulo. O pão torrado da sua mãe. Por que motivo não seria suficiente estarem duas pessoas atrás do balcão?

Vincent correu pelas escadas até ao segundo andar e continuou a correr ao longo do corredor de celas da antiga prisão, enquanto se recordava a si próprio de que dois vezes três dava seis. Um número par e bom.

Parou à frente da cela número 121 e apercebeu-se de que não tinha um plano. Mas também não havia tempo. Experimentou a maçaneta e a porta abriu-se. Não estava trancada.

Nova estava sentada a uma mesa no interior do pequeno quarto, prestes a servir algo de uma garrafa para um pequeno copo.

— Olá, Vincent — disse Nova, e pousou a garrafa. — Estava mesmo

a começar a perder a esperança.

— *Sorry*, fiquei preso no trânsito — respondeu Vincent, olhando rapidamente à sua volta.

Não havia nada ameaçador no quarto, nada que apontasse para violência iminente. A única coisa que podia ver era o copo e a garrafa em cima da mesa à frente de Nova, impecavelmente vestida com um elegante macacão azul-turquesa. Uma jovem, que só podia ser Nathalie, estava sentada na cama em frente, vestida com uma *T-shirt* branca e calças brancas. Não estaria a ser coagida, pareceu-lhe.

— Olá, Nathalie. Chamo-me Vincent, como ouviste. Sou amigo da...

— Da tua mãe — terminou Nova por ele.

Ao ouvir aquilo, Nathalie mudou. Cruzou os braços e arqueou as costas, baixando os olhos para a cama.

— Então... o que é que acontece agora? — perguntou Vincent.

— É muito simples — respondeu Nova. — A minha liberdade pela da Nathalie. Eu entrego-ta e tu convences a Polícia a parar de me procurar.

— Como é que sabes que a Polícia ainda não cercou este lugar?

Nova exibiu o seu belo sorriso a Vincent.

— Por favor, Vincent, eu sei que eles não têm mãos a medir no Östra Real. Ainda vai demorar até conseguirem sair de lá. E também sei que eles não são tão inteligentes como tu e eu. Ninguém além de ti conseguiu deduzir que era aqui que eu estava. Suspeito que te puseste a caminho assim que percebeste. O que significa que estás sozinho.

Vincent sentou-se na única cadeira disponível no quarto. Nova tinha razão, não fazia sentido fingir o contrário.

— Nathalie, sinto muito por tudo isto — disse Vincent, olhando para a adolescente. — Nenhum de nós se apercebeu do que a tua avó estava a fazer.

— Não dês à Ines demasiado crédito nisto — bufou Nova. — No preciso segundo em que descobri que a filha da Ines estava envolvida

na investigação policial e que, além disso, ela por sua vez também tinha uma filha chamada Nathalie, pedi à Ines que procurasse a neta. Os trunfos nunca são demasiados.

— O que é que queres dizer com isso? — perguntou Nathalie, da cama — A minha avó...

— A tua avó fez o que eu lhe pedi — disse Nova. — Eu há um mês já sabia que tu me ias ser útil, mais cedo ou mais tarde. Ou achas mesmo que foi uma coincidência a Ines estar naquela carruagem de metro?

Nathalie encolheu-se numa pequena bola, como se estivesse a tentar desaparecer.

— Então, a tua liberdade pela da Nathalie? — repetiu Vincent. — Tens noção de que vou ligar à Polícia assim que saíres daqui? Eles nunca vão deixar de te perseguir.

— O melhor para ti é conseguires convencê-los a não o fazerem — respondeu Nova. — Só vou revelar onde é que podem ir buscar a Nathalie quando estiver convencida de que estou em segurança. Caberá à Polícia decidir quando, ou se, querem voltar a ver a Nathalie.

— O que te leva a pensar que não vou simplesmente levar a Nathalie daqui e entregar-te à Polícia? — perguntou Vincent, pegando no seu telemóvel. — Não estou mesmo a ver como é que poderias impedir-me.

— Eu talvez não. Mas o que é que te leva a pensar que estou sozinho? Posso garantir-te que nem passas do parque de estacionamento se tentares sair deste hotel sozinho com a Nathalie.

Claro que era razoável que Nova tivesse segurança extra no local. Ao mesmo tempo, estava constantemente a tocar-se no pescoço enquanto falava. O aumento do contacto físico era comum em situações de *stress*, uma vez que retardava a secreção de cortisol. Estaria a mentir? Apesar de tudo, fora uma decisão rápida a de mudar tudo para hoje, e o facto de Nova não estar com os outros dificilmente poderia ter feito parte do plano original. Teria realmente tido tempo

de organizar uma equipa para zelar pela sua segurança?

Vincent olhou pela janela. Três homens de casaco branco moviam-se sem rumo pelo parque de estacionamento lá em baixo. Os casacos pareciam inapropriados no calor de verão. Podiam ser turistas, ou então Nova estava a dizer a verdade e eram os seus capangas. Vincent não conseguia de todo determinar isso.

Por outro lado, não acreditava nem por um segundo que Nova pensava libertar Nathalie. Tinha demasiadas vidas a pesar-lhe na consciência para que mais uma fosse fazer qualquer diferença. Nova começara a cavar a sepultura de Nathalie no exato segundo em que a rapariga chegara ao Epicura. E ele que dissera a Mina que Nova era inofensiva. Se não fosse por ele, o pai de Nathalie já a teria ido buscar há muito tempo. A culpa era sua. Era sua responsabilidade salvá-la. Olhou pela janela novamente; os homens continuavam lá em baixo.

A probabilidade de serem homens de Nova não era grande, tendo em conta a pressão de tempo a que estivera sujeita e o facto de estar a demonstrar sinais de *stress* inconscientes, mas fortes. Porém, não podia ignorar o facto de que ela também poderia estar a dizer a verdade.

Estimou a probabilidade de serem seguranças de Nova em trinta por cento. Setenta por cento de não serem. Se fossem, quão plausível era que os conseguissem dominar, a ele e a Nathalie? Havia várias saídas possíveis do hotel; tinham relativamente boas hipóteses de fugir numa direção em que os homens não os vissem até ser tarde demais. A probabilidade de conseguirem escapar numa situação dessas ainda devia andar à volta dos vinte por cento. Vinte por cento de trinta era seis. Então tinham uma probabilidade de seis por cento de se safar se os homens fossem seguranças dela. Setenta por cento em caso contrário. Isso queria dizer que ele e Nathalie tinham uma probabilidade de setenta e seis por cento de conseguir escapar se dominassem Nova e fugissem dali, com ou sem seguranças.

Mas também corriam um risco de vinte e quatro por cento de serem apanhados. E a probabilidade de um deles, ou os dois, ter de pagar com a vida numa situação dessas estaria talvez próxima dos cem por

cento.

Vincent não podia correr esse risco.

— Está bem, ganhaste — disse para Nova, e pousou o telemóvel. — Mas ainda não consegui perceber por que motivo estamos aqui. Se só queres usar a Nathalie para nos chantagear, teria sido mais seguro fazê-lo por telefone, a partir de um lugar desconhecido. Estás a arriscar muita coisa ao estar aqui sozinha.

— Não — disse Nova, com a testa franzida. — É o meu *Hamiltonian path*, ele termina aqui. Tenho de estar aqui porque é aqui que acontece a última jogada. Tu próprio o viste. Tenho de seguir o caminho até ao fim. O próximo sítio a que for parar vai ser o início de um novo caminho, um caminho que ainda não sei onde me levará. Mas tenho de terminar este primeiro.

Vincent olhou fixamente para Nova. Tinha assumido que o assassino seria um escravo das suas próprias regras matemáticas, mas Nova era mais do que isso. Era completamente louca. Brilhante, mas louca. E Vincent provavelmente só tinha alguns segundos até ela se ir embora dali com Nathalie. Segundos até ele perder a filha de Mina para sempre. Precisava de fazer com que Nova ficasse ali até conseguir pensar num plano. Mas o quê?

O quê?

O quê?

O quê?

Algo naquilo que ela dissera. Que tinha de seguir o caminho até ao fim. A última jogada.

Era isso.

Conseguira.

Uma oportunidade para Nova mostrar que era mais esperta do que ele. Nova era uma narcisista absoluta, não iria conseguir resistir.

— Tal como tu disseste, esta é a tua última casa — disse Vincent. — A final do teu torneio. Mas a tua última jogada não pode ser

chantagem. Isso é demasiado... desleixado, para vir de ti.

O sorriso de Nova já não lhe chegava aos olhos.

— E já que estamos a falar de jogos — continuou Vincent —, tenho de admitir que não percebo o quebra-cabeças que me enviaste. Foi apenas uma forma de desviar a minha atenção da investigação, no caso de ser envolvido nela? Nesse caso, tenho de aplaudir o nível de ambição em relação a enviar o artigo de jornal ao Ruben já há dois anos, um ano inteiro antes de teres raptado a Lilly. Infelizmente, o quebra-cabeças não teve o efeito que esperavas. Afinal de contas, estou aqui.

Era uma aposta arriscada. Mas tinha a certeza de que Nova estava muito orgulhosa do seu planeamento minucioso, e ouvir que tinha sido descuidada ou que algo não correria como ela pensara poderia ser uma provocação suficiente para a levar a dizer sim ao que ele ia propor, por orgulho puro.

— Eu não enviei artigos nem quebra-cabeças nenhuns — disse Nova.

O seu sorriso desaparecera por completo.

Vincent não estava à espera daquilo. Claro que Nova podia estar a mentir, mas Vincent não acreditava que fosse esse o caso; sentia-se demasiado orgulhosa da sua obra para isso. Mas, se não fora Nova, então quem tinha sido? Vincent franziu a testa. Não havia tempo para essa linha de pensamento agora, tinha de a guardar para mais tarde.

Vincent sorriu para Nova e pegou na garrafa que estava em cima da mesa. Mina mencionara que havia veneno no liceu Östra Real. O líquido naquela garrafa era provavelmente mais do mesmo, reservado para Nathalie.

Estava na hora, já tinha pressionado Nova mentalmente o mais que conseguia. Agora tudo dependia de ela reagir da forma que ele esperava e aceitar o desafio.

— Estiveste a jogar xadrez contigo própria — disse Vincent. — E agora chegaste ao fim do caminho. Literalmente. Já agora, tenho de

dizer que foi um padrão incrivelmente belo que desenhaste sobre a cidade. E quando vi que até era simétrico... bem, isso foi mesmo o auge. Portanto, agora que estamos aqui na última casa, vamos jogar o jogo como ele deve ser jogado. Afinal, qual é o significado de uma partida de xadrez se não houver nada em jogo? Qual é o sentido de começar um novo caminho amanhã se não terminares este da maneira correta? Ao invés de usar uma chantagem qualquer improvisada. Tu e eu sabemos que és demasiado boa para isso. Vamos antes jogar para o xeque-mate. Assumo que tens mais copos?

Nova olhou fixamente para ele. Depois, voltou a sorrir e retirou dois copos da sua mala *Louis Vuitton*, juntamente com outra garrafa.

— Sem veneno, espero eu — comentou Vincent.

— Sumo de pera — respondeu Nova, assentindo com a cabeça.

Pousou a nova garrafa ao lado da primeira. O conteúdo parecia idêntico, mas um era mortífero, o outro sabia a fruta. Nova olhou-o nos olhos.

— Se eu ganhar e tu beberes o veneno, eu fico com a Nathalie — disse Vincent. — A última coisa que fazes na vida é dizer aos teus guardas para não nos tocarem. Mas, ao mesmo tempo, vais finalmente livrar-te das tuas dores crónicas. Se tu ganhares e eu morrer, ficas tu com a Nathalie e podes continuar com o teu plano. Porque eu sei que ainda havia quatro casas que não tiveste tempo de alcançar. Quatro crianças que não chegaste a matar. Portanto, na verdade, tu saís a ganhar das duas formas.

Nathalie arregalou os olhos.

— Quais crianças? — perguntou, olhando com ar desesperado para Nova. — Do que é que ele está a falar?

Nova não encarou o olhar de Nathalie, continuou sempre fixada em Vincent. Se Vincent achara que vira uma chama nos olhos de Gustav, os de Nova ardiam como a lava de um vulcão.

— Não estou a perceber — insistiu Nathalie com pânico na voz. — Qual veneno? Vocês vão jogar por mim, como se eu fosse uma peça de

xadrez? Não vou participar nisso! Nova, diz alguma coisa. Explica-lhe que ele não percebeu bem, que tu não queres mal a ninguém.

Nova não respondeu.

— Acho que a alternativa que a Nova estava a pensar oferecer-te era seres tu a jogar — disse Vincent. — E não com duas garrafas, só com uma. Ela planeou envenenar-te quando saíssem daqui, Nathalie. Nunca se tratou de te usar numa chantagem com a Polícia; ela ia matar-te e depois desaparecer. Desta forma, tens pelo menos cinquenta por cento de probabilidade de sobreviver. Se correr mal, olha, pronto. Antes eu do que tu.

Vincent não desviou os olhos de Nova durante todo o tempo que falou. Se se virasse para Nathalie, tinha receio de não ser capaz de fazer o que tinha de fazer. Aquela situação era culpa dele, não vira os sinais de alerta a tempo. Tinha de o fazer por Nathalie, que o fazia lembrar tanto de Mina. Apercebeu-se de que estava disposto a fazer fosse o que fosse por ela.

— Sinto muito, Nathalie — disse Vincent. — Sei que não é grande coisa, mas é o melhor que posso fazer.

Desenroscou a tampa da garrafa com o veneno, despejou o líquido para um dos copos e bateu o gargalo contra a borda até saírem as últimas gotas. De seguida, voltou a pousar a garrafa e enroscou a tampa novamente. Nova nunca perdeu as suas mãos de vista. Vincent pegou na segunda garrafa e começou a despejar o conteúdo no outro copo.

— Tens a certeza de que escolheste a garrafa certa? — perguntou Nova, com um sorriso.

— Espero que sim — respondeu Vincent, e sorriu de volta. — Caso contrário, acabei de servir veneno nos dois copos. Isso não seria muito bom.

O sorriso de Nova desapareceu.

— Nathalie — disse Vincent. — Eu e a Nova vamos virar-nos de costas e contar até dez. Durante esse tempo, tu vais trocar a posição

dos copos algumas vezes, para nós não sabermos qual é qual.

— Não quero — disse Nathalie em tom de lamento.

— Eu também não — respondeu Vincent. — Mas vamos fazê-lo na mesma. Um...

Vincent fez um gesto para Nova se virar de costas para a mesa e fez o mesmo. Enquanto contava em voz alta até dez, ouviu o arrastar dos copos contra a mesa atrás deles.

— ... e dez.

Voltou a virar-se ao mesmo tempo que Nova. Os copos estavam no mesmo sítio que antes, a aparência era exatamente igual.

— Vamos beber ao mesmo tempo — disse Vincent, e pegou num dos copos.

Nova esvazia o seu copo de um trago ao mesmo tempo que Vincent. Olha para o mentalista. Sente o sabor a pera, mas isso não quer dizer nada; o veneno tem o mesmo sabor que o sumo.

Concentra-se no que está a sentir enquanto o líquido desce para o seu estômago. Procura sinais de náuseas, alguma sensação de ardor ou uma possível constrição da garganta. Nada. O tempo parou.

Nova cheira o seu copo, ainda nada além de pera.

Depois estuda o rosto de Vincent.

O mentalista parou com a mão no ar, as suas pupilas dilatam-se lentamente.

A sua mão começa a mover-se para baixo, antes de cair frouxamente em cima da mesa. O copo vazio bate com um estrondo e cai-lhe da mão. Rola sobre a mesa e deixa um rasto estreito de líquido.

Vincent continua a olhar para ela, mas os seus olhos estão desfocados; é evidente que o seu olhar está a ver algo diferente daquilo que existe no quarto.

De seguida, Vincent começa a inclinar-se para o lado. A parte superior do seu corpo inclina-se cada vez mais, até tombar da cadeira e cair para o chão. A cabeça de Vincent bate no chão da antiga cela com um baque.

Nova espera mais alguns segundos. Nathalie enrolou-se numa bola em cima da cama. Tem a cabeça enterrada entre os joelhos e abana-se para a frente e para trás. Talvez seja melhor, assim não precisa de ver.

Nova não pensou que seria tão fácil. Mas a arrogância precede a queda. E Vincent fora demasiado arrogante.

Nova levanta-se e desloca-se até onde o mentalista está deitado no chão. Tem os olhos semicerrados, o seu peito sobe e desce com a respiração curta e superficial. Continua durante alguns segundos, depois pára por completo.

Nova agacha-se ao lado do corpo no chão e procura a pulsação.

Nada.

— Xequemate — diz em voz alta, e levanta-se.

Limpa as mãos às pernas das calças e vai buscar a sua mala, antes de se virar para Nathalie.

— Tenho de ir verificar se o Vincent estava mesmo sozinho, que não está ninguém à nossa espera lá em baixo — diz-lhe. — Por isso, não saias do teu lugar. Senão, vais ter de beber o mesmo que o Vincent.

Nova espera que a rapariga esteja suficientemente assustada para fazer o que lhe diz. Parece estar a surtir efeito, a julgar pela forma aterrorizada como Nathalie olha para ela.

Nova abre a porta e sai para o corredor.

Ganhou.

Mal consegue acreditar naquilo, mas *acabou realmente por ganhar*. Está finalmente livre para prosseguir com o seu plano. Claro que Nova vai ter de desaparecer, e isso é trágico, tendo em conta tudo o que construiu. Mas pode sempre voltar a ser Jessica.

Apoia a mão na parede para recuperar o fôlego. Foi um dia mais exaustivo do que pensara. Nathalie vai ser útil para manter a Polícia à distância, enquanto procura uma maneira de ficar em segurança. De seguida, Nathalie pode... desaparecer. Depois disso, só precisa de esperar um ano ou dois até poder recomeçar. Ainda faltam quatro.

Quatro crianças, até John ser vingado.

Recomeça a andar e tropeça nos próprios pés. Mas que raio?! Tem de agir com naturalidade, para o caso de alguém a ver.

Os pensamentos regressam para as quatro crianças em falta. A Polícia nunca percebeu quem as crianças são ou o porquê de terem morrido, portanto também não vão conseguir detê-la da próxima vez. Tem todo o tempo do mundo.

Subitamente, sente dificuldade em respirar. É tomada por uma onda de vertigens, claramente algo mais do que simples cansaço.

Desvia o olhar para a porta aberta do quarto 121. Vincent continua deitado sem vida no chão.

Oh, não!

Visualiza o momento em que ele despeja o líquido. Primeiro num dos copos, e depois... o cretino fez mesmo aquilo. Brincara com o assunto, mas afinal falava a sério. Só havia uma maneira de Vincent garantir que parava Nova, e fizera-o.

Sacrificara-se por Nathalie.

Despejara o veneno nos dois copos.

Nova afunda-se no chão com a garganta a inchar cada vez mais. Agarra-se com as unhas ao pescoço e algo pega fogo aos seus pulmões. Afinal, estava errada, já não quer livrar-se das suas dores. Quer viver, isso vale toda a dor do mundo. Ao mesmo tempo, outra parte dela acolhe com prazer o que está a acontecer. Sempre foi ela que sobreviveu, à custa da morte daqueles que significam alguma coisa na sua vida. O seu pai escolhera salvá-la a ela em vez de à sua mãe. A única coisa a que isso levou foi a que perdesse ambos os pais. Enquanto ela continuou viva.

Pelo menos desta vez, talvez seja justo.

Mas, ainda assim, quer continuar.

Continuar a viver.

Com a culpa. Com a dor.

Está deitada no corredor e vê Vincent no chão, dentro da cela. Estrelas, que talvez sejam novas estrelas, as suas estrelas, dançam no seu campo de visão e declaram que o oxigénio está a acabar e que o coração está prestes a desistir. Estende o braço na direção de Vincent, tentando alcançá-lo através da distância estrelada. Quer perguntar-lhe se ele também viveu em dor. Como é que lidou com isso. Se se sente livre agora.

Mas é demasiado tarde.

— Nathalie!!!

Mina gritou o mais alto que conseguia, enquanto subia as escadas do hotel a correr. Quando chegou ao segundo andar, quase tropeçou em Nova, deitada no corredor.

— Estou aqui! — chamou a voz de uma jovem.

Nathalie. Algures à sua frente.

— Espera, estou a chegar — respondeu Mina.

Inclinou-se sobre Nova e procurou sinais de vida. Não aguentava mais mortes. Não depois de Peder, não depois de Ines. Não depois dos membros do Epicura. Era tudo tão terrivelmente desprovido de sentido. Tinha visto mais mortes na última hora do que queria ver para o resto da vida. Se houvesse alguma possibilidade de salvar Nova, iria usá-la, por mais que a odiasse por tudo o que ela fizera. Porém, Nova parecia perdida. E Nathalie estava já ali à frente.

Julia e Ruben vinham imediatamente atrás dela; eles que chamassem uma ambulância para Nova, se não fosse tarde demais. Voltou a levantar-se e correu em direção à porta aberta de onde ouvira soar a voz de Nathalie.

Ainda antes de Mina entrar no quarto, viu que estava alguém deitado no chão, e a única coisa que conseguiu pensar foi que não podia ser a filha.

Entrou a correr e surpreendeu Nathalie, que estava encolhida em cima da cama.

— Tu?! — disse Nathalie. — Eu conheço-te!

Mina assentiu com a cabeça. Tinham tomado café no jardim Kungsträdgården, naquele verão de há dois anos, mas Mina não dissera quem era, não na altura. Não tivera a certeza de que Nathalie se lembraria desse encontro.

— Quer dizer que tu é que és minha mãe? Não percebo nada do que se passa.

Mina já não estava a ouvir. Tinha visto quem é que estava deitado

no chão. E não queria assimilar o que estava a ver, recusava-se a aceitar que aquele era Vincent. O seu Vincent. A pessoa que fazia parte dela. A única pessoa que o podia fazer.

E agora ele estava simplesmente ali deitado, como se não tivesse pensado um segundo no que aquilo lhe faria a ela.

— O que é que foste fazer? — murmurou, olhando para o mentalista. — Vincent, o que é que foste fazer?

Caiu de joelhos no chão e procurou por sinais de vida, tal como fizera com Nova. E, tal como com Nova, não encontrou nenhum.

— Já chamámos uma ambulância — disse Julia, que entrara no quarto. — Mas tenho quase a certeza de que a Nova está morta, por isso...

Julia parou de falar quando viu Vincent.

— Oh, meu Deus. Mina...

— Mas então tu é que és a minha mãe? — repetiu Nathalie.

Mina não tinha forças para responder. Acabara de recuperar a filha, devia estar radiante. No entanto, quando se levantou do chão, quando se afastou de Vincent, quando se ergueu para continuar com o resto do seu dia e do dia seguinte e do mês e dos anos a seguir e com o resto da sua vida sem ele, sem Vincent, não havia mais nada no mundo além de tristeza.

Christer olhou com repugnância para os quadrados pretos e brancos no monitor do seu computador. Perdera todo o entusiasmo pelo xadrez. A filha de John Wennhagen, Jessica, conhecida como Nova, destruíra de uma vez por todas qualquer interesse que Christer ainda pudesse ter pelo jogo. Pessoa doente. Por causa dela, Mina perdera a mãe. Mas, graças a Vincent, pelo menos recuperara a filha. Christer não tivera mais notícias depois de os colegas terem ido diretamente de Långholmen para o hospital com Nathalie, no dia anterior. Esperava que ela estivesse bem. Estranho... Alguns dias antes, Christer nem sabia que Mina tinha família.

Lançou outro olhar para o tabuleiro de xadrez no monitor. Só estava a pensar terminar a partida que tinha passado a semana toda a jogar, depois bastava.

Sabia que a humilhação estava iminente. A qualquer jogada, a partida chegaria ao fim. Quisera adiar o inevitável o máximo de tempo possível; contudo, mais valia despachar o assunto.

Christer selecionou o jogo em aberto da lista de jogos possíveis e abriu-o. As peças saltaram para o tabuleiro nas posições em que as tinha deixado. Olhou para a configuração, tentando perceber se tivera um plano anteriormente e, se sim, qual teria sido.

Não parecia ter havido plano nenhum, definitivamente.

Não tinha qualquer hipótese.

Fez algumas jogadas desinteressadas, para encurtar o sofrimento. No entanto, já não sobravam muitas peças no tabuleiro. Aparentemente, o jogo correria-lhe melhor do que o normal antes de o ter interrompido. Moveu o cavaleiro que lhe sobrava. Subitamente, ouviu a voz de Vincent na sua cabeça, a recitar tudo o que tinham falado nas últimas semanas.

— Cavaleiro.

— Cavalo.

— *Hippo*.

— HORSE.

- Puro-sangue árabe.
- My Little Pony.
- *The Psychology of the Pawn*.
- *Knight's Tour*.
- *Turagapadabandha*.

Que se lixasse o xadrez, simplesmente. O computador fez a sua jogada e Christer voltou a mover o cavaleiro. De repente, o programa emitiu um som que Christer nunca tinha ouvido antes.

«WINNER: WHITE». As letras piscavam no monitor.

Christer jogara as brancas. Esta agora...! Tinha vencido. Ao fim de todos aqueles meses.

Christer refletiu sobre a novidade durante um segundo. Depois fechou o programa, procurou o ficheiro do jogo de xadrez no disco do computador e arrastou-o para a reciclagem. Clicou na opção «esvaziar reciclagem» e ouviu o agradável farfalhar quando o programa foi apagado para sempre.

— Queres beber um café antes de te ires embora?

Ruben tentou perceber se a pergunta seria o prelúdio de um ralhete ou se Ellinor estava com aquela cara que costumava ter quando ia «falar a sério». O facto de ter levado Astrid para uma reunião de trabalho sobre crianças assassinadas na semana anterior não fora propriamente recebido com palavras elogiosas por parte de Ellinor. Maldito Vincent! Embora não devesse continuar a pensar assim sobre o mentalista, não depois do que acontecera em Långholmen.

No entanto, desta vez Ruben não conseguia lembrar-se de ter feito algo errado, e Ellinor também não parecia zangada. Ao mesmo tempo, ela era mestre na arte da conversa objetiva mas arrasadora. A oferta de um café podia implicar uma conversa educada que terminava com ele a não poder voltar a ver Astrid.

Ruben olhou para a filha. Ainda estava vestida com o fato branco das artes marciais; pelo que Ruben ouvira dizer, era difícil fazê-la usar qualquer outra coisa em casa.

— Sim, obrigado — respondeu Ruben, à cautela. — Se não for incómodo...

— Anda, Ruben — disse Astrid, e pegou-lhe na mão. — Podemos lanchar outra vez, quero mostrar o meu mata-leão à mãe.

— Lanchar outra vez? — perguntou Ellinor com uma sobrancelha erguida.

— Pois, pode ter havido um gelado depois do treino — disse Ruben, aclarando a garganta. — Ou dois.

Ruben tentara manter-se animado quando fora buscar Astrid e não pensar muito em Peder nesse momento. Ou em Anette e nas trigêmeas. Ou no sacrifício de Vincent pela filha de Mina. Só tinham passado dois dias desde que tudo acontecera; Ruben ainda nem começara a processar a situação. Mas não queria que Astrid tivesse de se encontrar com um pai triste quando se viam. Provavelmente, também esperara que Astrid funcionasse como uma pequena terapia; no entanto, não tinha sido muito bem-sucedido em manter tudo

afastado, era demasiado. Por isso disfarçara com a compra dos gelados, o que parecia ter funcionado.

Seguiu Ellinor até à cozinha. Astrid já se sentara e estava a desenhar com os seus lápis de cor. Era evidente que herdara o talento da mãe. Ellinor pousou uma chávena de café para ele em cima da mesa da cozinha.

— Queres um sumo? — perguntou a Astrid, que se levantara e estava agora a esforçar-se para pôr um braço à volta do pescoço da mãe.

— Sim, *sensei*! — respondeu Astrid, soltando a mãe e fazendo uma vénia.

Ellinor riu-se. Era um som que Ruben não ouvia há mais de dez anos, e só quando o ouviu percebeu o quanto lhe fizera falta.

— Ainda não te disse isto, mas obrigada por tudo o que fazes pela Astrid — disse Ellinor, e serviu-lhe uma chávena de café. — Pensei que ela talvez fosse ser um pouco mais reservada contigo ao início, já que não te conhece, mas tem sido exatamente o contrário. Não percebo como é que conseguiste, mas fico feliz que seja assim.

Ruben soltou uma gargalhada, ligeiramente envergonhado. Mal ousava olhar para Ellinor. Mesmo ao fim de um ano de terapia com Amanda, ainda era desconfortável falar sobre certas coisas. Em vez disso, bebeu o café. Estava forte, precisamente como ele se recordava de que ela gostava.

— Adoro passar tempo com a Astrid — respondeu. — Ela gosta das mesmas coisas que eu.

Ellinor olhou para ele durante um longo momento. Depois assentiu com a cabeça.

— Podes ter sido um péssimo companheiro — disse, em voz baixa, lançando um olhar para a sua filha, que estava ocupada a servir o sumo num copo enorme. — Mas és um bom pai. Quero que saibas isso.

Ruben limitou-se a assentir com a cabeça; teve medo de que lhe

falhasse a voz se respondesse.

— Tenho uma coisa para ti — continuou Ellinor, entregando-lhe um grande álbum de fotografias. — É da Astrid, desde que nasceu até agora. Pensei que gostarias de saber o que é que ela tem andado a fazer nos últimos dez anos.

Ruben assentiu outra vez. Se não conseguira responder antes, definitivamente não conseguia agora. Sentiu as lágrimas assomarem-lhe aos olhos e ficou com um nó apertado na garganta. Pensou novamente em Peder. Mas depois Sara apareceu subitamente na sua cabeça; Ruben recordou-se de como ela soava calorosa sempre que falava sobre os filhos. E percebeu porquê. Porque ele sentia o mesmo calor dentro de si de cada vez que olhava para Astrid. Era capaz de apostar que Sara era uma boa mãe, tal como Ellinor. E o marido de Sara, como já se sabia, era um cretino.

Astrid sentou-se ao seu lado com um copo de sumo. Depois, bebeu-o de um trago e arrotou alto.

— Oh, Astrid! — disse Ellinor, rindo-se.

— Ruben, podes jantar connosco? — perguntou a filha. — Quero dizer, pai. Vá lá!

Ruben olhou para Ellinor, hesitante. Ainda não se atrevia a falar.

A sala de reuniões estava num silêncio absoluto, ninguém sabia o que dizer. E nenhum deles conseguia olhar para a cadeira vazia de Peder. Tirando *Bosse*, que olhou para a cadeira com ar infeliz, antes de pousar tristemente a cabeça no colo de Christer. A cadeira estava ali como um elefante na sala. Por fim, Ruben levantou-se, aproximou-se da cadeira e atirou-a para um canto da sala. Todos se sobressaltaram. Não obstante, Mina compreendeu que não fora um ato de raiva, mas apenas de frustração. Ela própria também tinha vontade de partir alguma coisa.

Era tudo tão terrivelmente injusto.

E nada do que eles fizessem mudaria fosse o que fosse.

Bosse ganiu um pouco e Christer acalmou-o. Mina olhou para o mapa de Estocolmo na parede, aquele que Vincent primeiro dividira em quadrados de xadrez e sobre o qual depois desenhara um caminho. Um caminho que só levava a mortes. Demasiadas mortes.

Julia aproximou-se do quadro branco que tinham usado para perceber o caso. Continuava tudo ali: fotografias, palavras, setas, imagens.

— Vamos ter de fazer o luto por um colega — disse Julia, em voz baixa. — Um amigo e uma das melhores pessoas que já passaram por esta sala. E vamos fazer isso ao nosso ritmo, pois sentiremos a perda durante muito tempo. Mas, neste momento, temos primeiro de fazer o que o Peder gostaria que fizéssemos, temos de garantir que não nos escapou nada. Que sabemos, sem a menor sombra de dúvida, que isto acabou.

A voz de Julia falhou e ela teve de aclarar a garganta.

A garganta de Mina estava apertada de lágrimas, lágrimas que ainda estavam por cair. Depois de ter visto Nathalie e se ter certificado de que estava sã e salva, Mina permitira-se, por um breve momento, alegrar-se por a filha estar em segurança. Porém, fora sol de pouca dura.

Então, a dor atingiu-a com uma força tal que não sabia como

poderia lidar com ela. Ou como eles, enquanto grupo, poderiam avançar. Peder tinha sido a cola que os mantinha juntos. Com o seu bom humor, a sua gentileza e as suas bebidas energéticas. Mina daria tudo o que tinha para poder ver um vídeo das trigêmeas de novo.

E depois havia Vincent.

Meu Deus, Vincent. Mina ainda não o perdoara.

Olhou para o mentalista, sentado ao seu lado. Tinha pousado as muletas no chão.

— Mas primeiro talvez o Vincent nos possa explicar a todos o porquê de a Mina ter pensado que ele também estava morto — disse Julia bruscamente.

Vincent ficou com um ar extremamente perturbado. Bem que merecia.

— Bem, é que eu sou capaz de parar o fluxo sanguíneo no meu braço durante um bocado — explicou. — É um truque que faço nos meus espetáculos, para parecer que não tenho pulsação. Foi assim que levei a Nova a pensar que eu é que tinha bebido o veneno. Tinha esperança de que ela deixasse a Nathalie em paz se acreditasse que eu estava morto. Mas é bastante perigoso, não recomendaria a ninguém.

— Durante um bocado, dizes tu — comentou Adam. — Mas quando a Mina lá chegou tu ainda não tinhas pulsação. Quem és tu, afinal? Lázaro?

Vincent pareceu ficar ainda mais perturbado. Olhou de lado para Mina, mas, quando viu o olhar dela, voltou a desviar rapidamente o rosto.

— Apercebi-me de uma confusão no corredor e pensei que podia ser a Nova a voltar para trás — disse Vincent. — E estava com alguma dificuldade em pensar com clareza, doía-me tanto o pé. Então, parei a pulsação, ou melhor, o fluxo sanguíneo, outra vez. Para jogar pelo seguro.

— Que estúpido! — resmungou Mina. — Bem mereces o pé partido! Mas, a propósito, quem é que alguma vez no mundo inteiro partiu um

pé a cair de uma cadeira?

Ficara tão terrivelmente assustada quando o encontrara. E ainda mais assustada quando ele, subitamente, abriu os olhos e começou a falar com ela. Mina mal trocara uma palavra com ele desde então. A morte simulada de Vincent, o pânico sobre o que teria acontecido com Nathalie e a morte de Peder, fora tudo parar à mesma gaveta de emoções avassaladoras. A única coisa que queria fazer era rastejar para a segurança do seu apartamento, deitar-se em posição fetal e fechar as portas a tudo o que estava a rasgar as suas entranhas.

— Desculpa — disse Vincent em voz baixa. — Foi pela Nathalie. Já agora, apanharam os três homens que estavam no parque de estacionamento? Eram da Nova?

Mina sentiu uma mão no braço e olhou para os olhos azuis de Vincent. Sabia que iria perdoá-lo. Pelo menos ele estava vivo. E Nathalie também.

— Aqueles dos casacos brancos? — perguntou-lhe. — Eram turistas japoneses.

— Ainda não consegui perceber porque é que a Nova fez isto tudo — disse Christer. — Qual foi o motivo? E por que raio é que fingiu ajudar-nos? Correu um risco imenso ao cooperar com a Polícia.

Christer engoliu em seco, como se estivesse a lutar contra as lágrimas.

— Posso? — perguntou Vincent, olhando para Julia.

Ela assentiu com a cabeça e Vincent aproximou-se do quadro branco, enquanto a chefe do grupo se sentou.

— Falei com alguns dos membros sobreviventes da seita — começou Vincent. — Estão muito mais comunicativos, agora que a Nova morreu. A explicação que me deram não é a mais completa, mas acho que contém pelo menos uma parte das respostas. Como vocês sabem, a Nova esteve envolvida num acontecimento extremamente traumático na infância. Ficou gravemente ferida num acidente de carro e o pai também morreu quase de certeza nessa noite, apesar de termos sido

levados a pensar o contrário. Depois do acidente, que a deixou com uma lesão permanente, ela ficou a cargo do avô, o Baltzar Wennhagen, que a criou segundo os ensinamentos do epicurismo. Mas acho que ela já tinha muita coisa com ela, daquilo que aprendeu com o pai, por ter crescido com ele. Essas coisas misturaram-se e criaram uma versão distorcida do epicurismo, em que a dor física com que ela vivia em permanência ocupava o centro de tudo. A Nova teve de encontrar um significado para a sua dor, e essa busca facilitou-lhe a tarefa de atrair outras pessoas com dor para a esfera dela, pessoas que também procuravam um significado. Alguma coisa que pudesse tornar o sofrimento um pouco mais fácil de suportar. E não se esqueçam de que a dor da Nova era tanto física como psíquica. Uma combinação que mostrou ser fatalmente destrutiva. Em que a lógica e a racionalidade foram substituídas por fanatismo e desespero.

O tom de voz de Vincent e a escolha de palavras tornaram mais fácil, durante um momento, compreender todo o horror. Quando o mentalista falava como se estivesse numa palestra, tornava-se um pouco mais fácil encontrar uma perspetiva exterior, uma abordagem sem todas as emoções.

Mina reparou que ele olhava atentamente para cada um deles enquanto falava, e apercebeu-se de que Vincent estava provavelmente a tentar distanciá-los emocionalmente dos acontecimentos de propósito. Vincent fazia o que podia, da única forma que conseguia, para tornar a dor deles, pelo menos temporariamente, um pouco mais fácil de suportar.

— Continuo sem perceber porque é que ela se imiscuiu na investigação — disse Christer. — Não tinha nada a ganhar com isso, pois não?

— Provavelmente, deu-lhe uma sensação de controlo, tanto de poder descobrir mais sobre o que nós sabíamos como também de poder orientar, até certo ponto, a investigação na direção errada — respondeu Vincent. — Mas parece-me que, acima de tudo, teve que ver com um dos traços de personalidade mais fortes da Nova, o

narcisismo. Não é invulgar que criminosos com personalidade narcisista tentem interferir em investigações policiais sobre eles próprios. Ela não é, de todo, excecional nisso.

— E as pessoas do Epicura sabiam o que acontecia às crianças? — perguntou Julia.

— Não, isso percebi que não sabiam — respondeu Vincent, cruzando os braços. — A maior parte das vezes, os membros de uma seita não estão todos igualmente informados sobre tudo o que se passa. É como as camadas de uma cebola: quanto mais perto se está do centro, mais acesso à informação se tem. Exatamente como funciona a cientologia. Mas aí as pessoas compram cursos para irem subindo gradualmente para níveis mais altos de conhecimento. No caso do Epicura, tratava-se de provar serem merecedores da atenção da Nova. De carregarem dor própria suficiente.

— A Ines sabia? — perguntou Mina.

Tinha consciência de que estava a expor-se ao fazer a pergunta; por aquela altura, já todos à volta da mesa sabiam da sua relação com Ines e Nathalie. Só estava à espera de ouvir o primeiro comentário.

— Segundo os membros com quem falei, não — respondeu Vincent.

Mina assentiu com a cabeça, mas não estava convencida. Não sabia realmente quem era a sua mãe e que papel desempenhara. Porém, mesmo antes de morrer, a própria Ines dissera-lhe que não tinha conhecimento do que Nova andava a fazer. Mina agarrou-se com força a essas palavras, queria acreditar nelas a todo o custo.

— A Nova afirmava que as crianças eram o caminho para uma nova vida sem dor — continuou Vincent. — As crianças sempre foram o símbolo máximo da inocência, e, muitas vezes, são vistas como guias em contextos religiosos. O círculo mais restrito do Epicura acreditava que libertavam as crianças da dor, dando-lhes a oportunidade de renascerem puras, novas. Para poderem liderar o caminho para uma nova era, a versão do Epicura do reino milenar.

— Que esoterismo mais ridículo — murmurou Ruben.

— Não sei se é mesmo mais estranho do que milhões de pessoas acreditarem que o filho de Deus morreu e depois ressuscitou ao fim de três dias — interveio Adam. — Cada religião, cada congregação, tem os seus mitos.

— A Nova era uma líder muito forte — disse Vincent. — Convincente. E oferecia precisamente aquilo que os seus seguidores queriam acima de tudo: a libertação da dor.

— Mas porquê estas crianças especificamente? — comentou Julia, pensativa. — Isso é uma das coisas que eu ainda não consegui perceber.

— Também não tenho nenhuma resposta clara para isso — disse Vincent. — Aqueles com quem falei não sabiam. A Nova deu-lhes as informações de que eles precisavam e eles limitaram-se a cumprir ordens. As crianças podem ter sido escolhidas aleatoriamente. Talvez com base na facilidade de as raptar. Acho que isso é o mais provável. Se a Nova as escolheu com base nalgum critério específico, não o partilhou com ninguém.

Vincent calou-se e observou o grupo. Mina seguiu o seu olhar. Adam, pela primeira vez de *T-shirt* em vez de camisa. Ruben, que se transformava numa nuvem de tempestade assim que se falava das crianças. Christer, com ar abatido a coçar a cabeça de *Bosse*. E Julia, com a mesma ruga profunda na testa que tinha desde que voltara da licença de maternidade. Por fim, Mina encarou os olhos azuis de Vincent. O mentalista parecia cansado. Tão, tão cansado.

— Mas podem levar uma coisa daqui, no meio disto tudo — disse Vincent. — Se a Nova não tivesse sido detida, mais famílias teriam sido afetadas. Ela não tinha acabado, nós sabemos isso. Vocês quase de certeza salvaram a vida de mais três crianças, além da Wilma. Nunca saberemos quem iam ser, mas andam algures por aí, e a vida delas já não está em perigo.

Ninguém respondeu. As palavras de Vincent deviam ter sido encorajadoras, mas era difícil encontrar alegria nelas naquele

momento.

Ruben levantou-se e foi buscar a cadeira de Peder ao canto da sala. Pô-la direita, levou-a de volta para o seu lugar e arrumou-a com cuidado. Depois, saiu da sala. Mas não antes de Mina ter tempo de ver que o seu queixo tremia incontrolavelmente.

Quando a porta bateu atrás dele, o silêncio tornou-se ensurdecedor. A única coisa expressiva era a cadeira vazia de Peder.

Estavam sentados na sala de estar de Anette; a irmã dela saíra com as trigêmeas para eles poderem conversar sozinhos. Ruben sabia que não era possível perder vinte quilos em apenas alguns dias, mas era o que parecia ter acontecido a Anette. A sua pele estava cinzenta e o olhar parecia estar fixado em algo distante, algo que mais ninguém via.

Na verdade, Ruben opusera-se a ir lá, argumentando que eles provavelmente seriam as últimas pessoas do mundo que Anette queria ver. As pessoas que não tinham conseguido salvar o seu marido. Porém, Anette parecera surpreendentemente serena quando chegaram. Ou resignada, talvez.

— Sei que não ajuda — disse Julia suavemente, colocando a mão no braço de Anette —, mas quero que saibas que pensamos constantemente em ti. E pensamos no Peder. Na pessoa fantástica que ele era e no maravilhoso pai.

— Tens razão — disse Anette em voz baixa, desviando o braço. — Não ajuda. Ainda acordo todos os dias a pensar que foi um pesadelo, que ele vai simplesmente entrar pela porta com a sua barba azul ridícula e dizer que foi tudo uma espécie de mal-entendido.

As lágrimas escorriam ao longo do seu rosto, mas Anette não fez qualquer tentativa de as limpar. Ruben perguntou-se quantas lágrimas caberiam dentro de uma pessoa adulta. Demasiadas, provavelmente. Anette parecia estar a chorar constantemente desde segunda-feira.

Ruben reparou que Mina estava sentada em equilíbrio precário na ponta do sofá. Mexia-se com movimentos bruscos e súbitos, e olhava com ar aterrorizado para os restos pegajosos de comida e para as coisas que as trigêmeas tinham deixado em todas as superfícies livres, o sofá incluído. Por todo o lado na sala havia bonecos, lápis de cera, peças de Lego e *tablets* equipados com capas coloridas, juntamente com sandes meio comidas e doces esborrachados.

Ruben estava prestes a dizer-lhe alguma coisa, mas apercebeu-se de que Mina, tal como ele, tinha uma filha agora. Em tempos, também a

casa de Mina deveria ter-se parecido assim, por mais inverosímil que isso soasse. Além de que era como a sua psicóloga Amanda costumava dizer: não são os nossos pensamentos que nos definem, mas as nossas ações. E Mina continuava sentada no sofá. Por mais difícil que lhe fosse fazê-lo. De súbito, Ruben sentiu-se imensamente orgulhoso da colega.

Depois pensou nas trigêmeas novamente, a dançarem no vídeo do telemóvel de Peder, e sentiu uma pontada tão forte no peito que não conseguiu respirar.

— As trigêmeas sabem... — começou, mas não foi capaz de continuar. Era demasiado difícil.

— Não — respondeu Anette, abanando a cabeça. — Ainda não disse nada. Elas pensam que ele vai estar fora alguns dias. Mas sei que vou ter de o fazer. Só não sei como... como é que se explica a três crianças pequenas que o pai está morto? Como? Sabes?

Ruben abanou a cabeça e engoliu outra vez em seco. Não conseguia imaginar nada mais atroz.

— Posso estar contigo quando lhes contares — disse Christer suavemente. — Sou quase sempre eu que falo com os familiares. Pergunta à Julia. Sei que não são conversas fáceis, mas tenho bastante experiência. Vou estar aqui contigo, Anette. Se quiseres. Podemos fazê-lo juntos.

— Obrigada — agradeceu Anette, esboçando um sorriso por entre as lágrimas.

— Ainda bem que a tua irmã pode ficar aqui contigo agora — disse Julia. — E já sabes que a Polícia oferece toda a ajuda que quiseres em termos de terapia e psicólogos.

— Obrigada, mas eu... não quero ter muito mais que ver com a Polícia neste momento. Que merda de profissão. Porque é que ele havia de se sujeitar a isso, com três filhas pequenas em casa? — Anette fungou alto. — Mas eu na verdade sei porquê — continuou. — Ele dizia sempre que era precisamente por ter filhas pequenas que

precisava de ser polícia. Para poder ajudar a moldar o mundo em que elas iam crescer.

— E foi isso que ele fez — disse Adam. — O Peder era um polícia bom.

— O mais bondoso de todos — acrescentou Mina com os olhos marejados de lágrimas.

— Não leves isto a mal agora — disse Anette, virando-se para Adam. — Mas porque é que ela disparou sobre o Peder, e não sobre ti? Porque é que não conseguiste protegê-lo?

— Ela pensou que o Peder estava a sacar de uma arma escondida — respondeu Adam. — Foi uma reação instintiva da parte dela.

— E foi isso que ele fez? Puxou uma arma?

— Não. Era o telemóvel. Só queria mostrar-lhe um vídeo. Para a deixar feliz.

Anette calou-se. Depois assentiu com a cabeça.

— O mais bondoso de todos — disse.

Adam estava sentado à secretária a pesquisar anúncios de casas. A sua mãe tinha razão, não podia continuar a viver como um solteirão; tinha de arranjar um apartamento melhor e depois encontrar alguém com quem o partilhar. Ninguém o levaria a sério se vissem como ele vivia agora.

Talvez também devesse fazer um curso de culinária; não podia servir esparguete à bolonhesa quando convidasse alguém para um jantar romântico. Ou melhor, claro que podia, o problema seria no jantar seguinte, já que o seu repertório era um tanto limitado. O trabalho tivera sempre prioridade em relação a outros potenciais interesses. Mas estava na hora de mudar isso.

Os anúncios da imobiliária desfilavam à frente dos seus olhos. Um apartamento de duas assoalhadas no centro da cidade, talvez. Não, um de três causaria melhor impressão. Mas teria realmente dinheiro para isso, sozinho?

Recostou-se na cadeira e suspirou. Talvez estivesse a pôr a carroça à frente dos bois. Talvez devesse instalar a aplicação Tinder em vez de comprar uma casa? Ou inscrever-se no tal curso de culinária.

Visualizou a sua mãe, a correr atrás de quatro crianças que riam às gargalhadas. Sorriu perante essa imagem e sentiu um calor no peito. Ela ficaria tão feliz. Embora também não precisassem de ser quatro, a mãe teria de se contentar com três.

Ouviu alguém bater à porta antes de Julia a entreabrir.

— Olá — disse Adam.

— Olá — respondeu Julia. — Só queria dizer... Bom trabalho, com tudo. E bem-vindo ao grupo. Não é sempre assim tão intenso, só para que saibas.

— Pois, espero mesmo que não — respondeu Adam, e riu-se.

O telemóvel dele começou a vibrar em cima da mesa. Número desconhecido. Adam não costumava atender números desconhecidos.

— Não vais atender? — perguntou Julia.

Adam encolheu os ombros, tocou no símbolo do telefone verde e atendeu. Depois, susteve a respiração.

— Estou a caminho.

Desligou o telefone.

— Aconteceu alguma coisa?

— Sim, é a minha mãe.

Adam saiu a correr do escritório e continuou pelo corredor. Julia disse algo para as suas costas, mas Adam já não ouvia o que ela estava a dizer.

Christer arrependeu-se de não ter escolhido uma camisa mais bonita. Em que raio é que estava a pensar quando vestiu a camisa sintética com riscas castanhas e beges? Idealmente, gostaria de também ter vestido o seu colete de malha, mas, com aquele calor, era impossível, além de que talvez não fosse uma peça de roupa assim tão interessante, afinal. Ao mesmo tempo, parecia-lhe quase um pecado estar preocupado com algo tão superficial como a sua aparência naquele momento.

Ele e Anette tinham conversado com as trigêmeas na quinta-feira. As crianças eram seres especiais, compreendiam e, ao mesmo tempo, não compreendiam de todo, e elas eram tão pequenas ainda. Eram apenas palavras. Elas ficaram tristes, ele e Anette também estavam tristes, mas continuavam a ser apenas palavras. Não seria hoje, nem amanhã, mas em breve a percepção iria atingi-las a sério. Quando o pai, dia após dia, continuasse a não voltar para casa. Aí começaria o verdadeiro trabalho de Anette.

E a vida continuava. A vida. Que merda!

Christer pegou num lenço e limpou o suor da testa, ao mesmo tempo que *Bosse* avistou outro *Golden Retriever* um pouco mais à frente e começou a latir alegremente.

— Não, *Bosse*, fica aqui — disse Christer, e puxou a trela.

Estava a ficar com a terrível sensação de que aquilo era tudo um erro enorme. E a que propósito é que trouxera o cão? Quando Lasse sugerira que se encontrassem no jardim Vasaparken, Christer pensara automaticamente que seria perfeito para *Bosse*. Mas uma coisa era deixá-lo preso pela trela à porta do restaurante, outra muito diferente era um contacto de proximidade; Lasse podia perfeitamente ser alérgico a cães.

Merda para aquilo!

Limpou a testa com o lenço outra vez. Um pouco mais à frente, viu o café do parque onde iriam encontrar-se. Christer pensara chegar mais cedo ao local para poder já lá estar sentado quando Lasse

chegasse e parecer um polícia sofisticado com a responsabilidade do mundo inteiro sobre os ombros. Talvez a tomar notas sobre um caso ou a ler o jornal, acompanhado de um café duplo. Queria parecer-se com a sua personagem preferida, Harry Bosch. Embora naquele preciso momento não soubesse se ele e Harry Bosch viviam sequer no mesmo planeta.

A sensação de aflição deslocou-se do estômago para as suas pernas. Parou. Olhou para o café. Assim não dava, precisava de ir para casa. Imediatamente.

Estava prestes a virar costas quando ouviu uma gargalhada ressonante atrás de si. A voz a quem pertencia tornara-se mais profunda desde que eram jovens. Mas, tal como acontecera noutros tempos, aqueceu-lhe o coração.

— Vais usar o truque do cão fofinho comigo? — perguntou Lasse, rindo-se novamente quando Christer se virou. Ajoelhou-se no chão e deixou *Bosse* cumprimentá-lo. — Olá, rapaz, sim, oláááá, quem é um cãozinho bonito, quem é?

Lasse afagou o pelo de *Bosse* enquanto este abanava freneticamente a cauda, ao mesmo tempo que uma quantidade considerável de baba escorria dos cantos da boca do cão.

— Truque do cão? — gaguejou Christer. — Não, eu, então... quero dizer... não foi essa...

O que é que Lasse havia de ter pensado, na verdade? Ele era absolutamente patético. Sentia-se como se Lasse lhe tivesse baixado as calças. Bem, claro que essa metáfora era extremamente inadequada. Apanhado, era essa a palavra que estava à procura. Sentia-se apanhado.

Lasse levantou-se.

— Porque, nesse caso, tenho de dizer que foi o truque mais pobrezinho que já vi — disse Lasse com um sorriso. — Um homem barrigudo de sessenta anos com um saco de pulgas malcheiroso.

Christer recordava-se perfeitamente daquele sorriso de quando eram

jovens. Sempre gostara dele. Tentou devolver o sorriso, mas tinha a certeza de que pareceria ridículo.

— Na verdade, estou zangado contigo — prosseguiu Lasse. — Temos muita coisa para resolver. Mas tenho de dizer que vocês os dois estão fantásticos. Vamos tomar o tal café?

Mina entrou cuidadosamente no quarto do hospital. Assumiu que não fora por pura sorte que a filha conseguira um quarto privado, mas, naquele caso, não tinha nada contra o facto de o pai de Nathalie ter exercido o seu poder.

A filha estava a dormir pacificamente. Não tinha ferimentos visíveis, mas, ainda assim, preferiram mantê-la sob observação. Mina reprimiu um impulso de se aproximar dela e acariciar-lhe o cabelo. Há tanto tempo que não lhe tocava; tinha medo de já não saber como fazê-lo. Como é que uma mãe tocava na sua filha.

Puxou cuidadosamente uma cadeira até à cama e sentou-se. Perto, para poder observar o rosto adormecido de Nathalie. Apesar de Mina a ter seguido à distância ao longo de todos aqueles anos, era uma sensação estranha estudar cada detalhe de perto. Tão familiar, mas, ainda assim, tão desconhecido. A filha era uma menina de cinco anos, doce e bem-disposta, quando Mina a abandonara. Alguns dos traços e dos gestos de então já não existiam, apagados pelo passar dos anos. Mas outros continuavam lá. O ligeiro tremor do lábio superior quando dormia. As pestanas escuras e compridas que repousavam como um leque nas suas pálpebras.

Mina não se fartava de olhar para ela. Porém, sentia muito medo da jornada que as duas tinham pela frente. Havia tanta bagagem para desfazer. Tanta culpa embrulhada em desculpas e razões idiotas que já não pareciam tão lógicas como em tempos soavam.

As pálpebras de Nathalie agitaram-se. Depois, abriu os olhos muito lentamente. Por um momento, Mina sentiu que queria fugir dali. Sair a correr do quarto, deixá-la sem ter de responder às perguntas que sabia que estavam para vir.

— Tu... — disse Nathalie com esforço, enquanto nadava lentamente até à superfície da consciência.

O seu olhar ficou cada vez mais límpido, à medida que ia acordando. Mina tinha a mão muito próxima da de Nathalie, mesmo ao lado mas sem lhe tocar. Nathalie afastou bruscamente a mão e

desviou o olhar, fixando ostensivamente a janela.

— O que é que estás aqui a fazer? — perguntou, friamente.

— Queria ter a certeza de que estavas bem — respondeu Mina.

A voz tremeu-lhe ligeiramente.

— Estou bem — disse Nathalie. — Podes ir-te embora agora.

Mina ficou calada. Sem se mexer.

— Sei que tenho muitas explicações a dar — disse depois. — E muita coisa por que pedir perdão. Mas espero que possas pelo menos considerar ouvir-me.

— Eu e o pai passámos muito bem sem ti. Não preciso de ti na minha vida.

O tom de voz de Nathalie parecia desafiador e frio, mas uma pequena falha indicava que as emoções estavam a fervilhar imediatamente abaixo da superfície.

— Eu sei que vocês passaram bem — disse Mina. — Que tu tiveste uma boa vida. Só espero... só espero que, de alguma maneira, seja possível encontrarmos um caminho para nós as duas também...

— Desaparece, já disse! — soluçou Nathalie, que já não conseguia continuar a manter a fachada de frieza. — Não estás a ouvir? Vai-te embora!

Mina levantou-se. Atrás de si, ouviu alguém entrar no quarto. Quando se virou, estava lá o pai de Nathalie.

— Vai levar tempo — disse ele de forma surpreendentemente suave. — É tudo novo. Mas já comecei a aperceber-me de que cortar completamente o contacto talvez não tenha sido a melhor solução. Isto nunca teria acontecido. Vem jantar connosco quando ela estiver em casa. E depois logo vemos.

— Eu não quero que ela venha a merda de jantar nenhum! — gritou Nathalie, deitada na cama de hospital.

Mina sufocou um soluço e o pai de Nathalie colocou-lhe a mão no ombro. Também o toque dele era tão estranhamente familiar e, ao

mesmo tempo, desconhecido.

— Vai correr tudo bem, depois falamos. Mas agora acho que é melhor ires. E olha... desculpa não ter atendido quando me ligaste a pedir que fosse buscar a Nathalie. Tive uma... crise... no trabalho.

— Eu sei, vi os títulos dos jornais — disse Mina, assentindo com a cabeça.

O pai de Nathalie baixou a cabeça, incapaz de encarar o olhar dela.

— O meu trabalho... Quero dizer, ela é a minha maior prioridade, sempre foi, quero que saibas isso. Mas o meu maldito trabalho...

Mina limitou-se a assentir com a cabeça; queria ter tempo de sair para o corredor antes que as lágrimas surgissem. Não queria que ele a visse chorar. Não tinha o direito de chorar. E ele não tinha motivos para sentir qualquer tipo de vergonha perante ela; fora ela que, ao longo de toda a vida, tivera outras prioridades. Que fizera outras escolhas.

Quando passou a porta, virou-se para trás. Nathalie tinha os braços à volta do pescoço do pai, num abraço forte.

Mina deu alguns passos pelo corredor e, então, vieram as lágrimas.

— Torkel! O que é que aconteceu? Ele está bem?!

Julia entrou a correr no pequeno quarto do hospital pediátrico Astrid Lindgren, para onde fora encaminhada quando chegara. Torkel levantou-se de uma cadeira na ponta oposta e foi ter com ela. Abraçou-a com força, com tanta força que Julia mal conseguia respirar. Soltou-se dos braços do marido e viu Harry na maca de examinação, com uma mulher de bata branca debruçada sobre ele.

— Harry?

Julia correu para o filho. Quando os olhos grandes e azuis de Harry encontraram os dela, a criança começou a arrulhar de felicidade. O alívio que Julia sentiu quase a fez perder a força nas pernas.

— Pois, parece que este jovem senhor conseguiu provocar um pequeno drama em casa — disse a médica com um sorriso tranquilizador. — Enfiou algo que não devia na boca, mas aqui o pai agiu com prontidão e a ambulância chegou num instante. Não estou a ver que tenha havido qualquer consequência de maior, tirando o facto de quase ter provocado um ataque cardíaco ao pai.

A médica levantou Harry da maca e entregou-o a Julia, que o apertou com força contra o peito. Depois olhou para Torkel.

— Obrigada.

Torkel limitou-se a assentir com a cabeça e Julia viu que tinha os olhos cheios de lágrimas. Era a primeira vez que o via chorar. Nem sequer quando Harry nascera ele chorara. Nessa altura, em vez disso, saltara a pés juntos de alegria como um coelho *Duracell* sobre-excitado.

— Podemos levá-lo para casa? — perguntou Julia.

A médica assentiu com a cabeça.

Torkel pegou nas suas coisas e seguiu Julia para o corredor. Quando colocou um braço à volta dos seus ombros, Julia sentiu que ele estava a tremer.

— Eu conduzo, se tu te sentares atrás com o Harry — disse,

decidida, quando se dirigiram para o carro.

— Está bem — respondeu Torkel sem protestar.

Quando terminaram de instalar Harry, que continuava a balbuciar alegremente, Julia deu a volta ao carro e sentou-se ao volante, enquanto Torkel punha o cinto de segurança no assento de trás. No momento em que ia ligar o motor, sentiu a mão do marido no ombro.

— Espera, quero dizer uma coisa. — Julia olhou para Torkel através do espelho retrovisor. Torkel engoliu em seco. — Tenho sido um cretino — disse o marido.

— Torkel... — começou Julia, mas ele interrompeu-a.

— Não, deixa-me dizer-te isto. Nunca na minha vida senti tanto terror como hoje. Pensei que ele ia morrer, Julia. Pensei mesmo que ele ia morrer. E foi só aí que percebi o que tu fazes no teu trabalho. Aqueles pais... — A sua voz ficou presa. — Não consigo sequer imaginar como é que podem sobreviver à perda de um filho. E tu vais trabalhar todos os dias para os ajudar a encontrar respostas. E para prevenir que mais famílias tenham de passar pelo mesmo. Enquanto eu estou em casa a reclamar como um maldito adolescente. Desculpa, sinto-me tão envergonhado. E prometo-te, a partir de agora, vou ser o *Mister Mom*. Não vais ouvir nem mais uma reclamação minha.

Torkel passou os dedos pelos lábios como se fosse um fecho-éclair, girou-os e deitou fora uma chave invisível.

Julia virou-se para trás e olhou-o diretamente nos olhos.

— Tens razão. Tens sido um cretino, mas és o *meu* cretino. E és o melhor pai que o Harry alguma vez podia ter. Só falhaste um pouco em relação a certas coisas... Portanto, a minha sugestão é esquecermos isso e começarmos de novo. E sabes uma coisa? Tenho três semanas de férias para tirar que pensei usar para te substituir. Sei que acabei de voltar ao trabalho, mas depois deste caso acho que nem o meu pai seria capaz de dizer alguma coisa sobre eu precisar de algum tempo livre. Por isso, podes ir trabalhar amanhã. Ou jogar golfe. Ou o que tu quiseses. Eu fico em casa com ele.

— Tu sabes que eu odeio golfe — disse Torkel com uma gargalhada.
— E o trabalho está a correr lindamente sem mim; acho que era só eu a querer convencer-me de que era indispensável. Mas tempo livre soa-me bem, acho que devíamos passar essas semanas juntos. Uma noite cada um? Uma fralda cada um? Os dois em casa? Eu depois assumo a responsabilidade total outra vez, quando tu voltares ao trabalho. Fica combinado?

Julia sorriu e ligou o motor.

Olhou novamente para ele pelo retrovisor.

— Fica combinado — respondeu.

Mina deu um passeio pelo Rålambshovsparken para organizar as ideias. O seu ex-marido tinha obviamente razão, havia que dar tempo a Nathalie. Felizmente, naquele momento, tempo era algo que tinha em abundância. Os pensamentos foram para Vincent. Mina só tinha uma filha, mas Vincent tinha três. Também teria passado por dificuldades com eles? Provavelmente, sim. Era algo que, com certeza, fazia parte do conceito de pai presente.

Vincent.

Ao contrário da última vez, ela e Vincent não se tinham despedido depois da reunião na sede da Polícia. Nem sequer tinham dito um «adeus», apenas um vago «até à próxima». O problema era que não haviam combinado quando a próxima seria. Claro que iriam encontrar-se no funeral de Peder, mas isso não contava realmente. Pelo menos, Mina decidira assegurar-se de que não voltavam a passar vinte meses. Afinal de contas, Vincent partira um pé por causa de Nathalie. Para não falar de que lhe salvara a vida.

Talvez pudesse ser suficiente como desculpa.

Pegou no telemóvel, quase decidida a ligar-lhe, quando uma aplicação com uma chama branca contra um fundo vermelho a deteve. Tinder. E, subitamente, ocorreu-lhe que o fizera, fizera-o a sério, como as outras pessoas faziam. Seguiu as regras do jogo, conhecera uma pessoa de uma forma normal, fora a um encontro normal. Comportara-se com bastante normalidade, rira-se quando devia. Se alguém duvidasse que Mina podia ser como os outros, ela provaria o contrário.

E pensava nunca mais voltar a fazê-lo.

Pressionou o dedo sobre o ícone da aplicação até poder apagá-la. Depois, começou a caminhar ao longo da água novamente.

As duas últimas vezes que estivera ali, fora com Vincent. Uma vez quando era inverno e a segunda vez apenas há algumas semanas. O jardim parecia-lhe um pouco mais desinteressante quando ele não estava lá. Certamente que o mentalista poderia ter-lhe explicado algo

sobre os efeitos psicológicos das pontes altas que atravessavam o parque, ou a relação matemática entre os passadiços de madeira e a localização da ciclovía.

Mina passou a mão pelo cabelo. Desta vez, resistira à tentação de o cortar depois de sair do *bunker*. O pé partido de Vincent teria de bastar como ferida de guerra.

Vincent, que Mina, por um breve momento que lhe pareceu uma eternidade, pensou estar morto. Ainda não o perdoara por isso. E teria de pensar numa forma de lhe pagar na mesma moeda, por isso e pela piada sobre a água da fonte no Kungsträdgården. Quando ele menos esperasse. Tinha de começar a escrever uma lista.

Enfiou a mão no bolso e sentiu um pedaço de plástico. Porra. Esquecera-se de lho dar. Pegou no pedaço de plástico e observou-o. Com a ajuda de Milda, tinha plastificado duas das folhas de relva que Vincent encontrara no jardim Fatbursparken. Uma escura e outra clara, colocadas lado a lado e fundidas num pequeno quadrado de plástico. Como uma peça de Lego. A ideia era dar-lhe aquilo como presente, uma lembrança do que tinham passado juntos. Mas talvez tivesse sido pelo melhor ter-se esquecido de lho dar, provavelmente era demasiado mórbido. Mina tinha alguma dificuldade em avaliar essas coisas, por vezes. Ao mesmo tempo, as folhas de relva também eram mais do que apenas uma recordação de um homicídio.

Eram ela. E eram Vincent.

Eram todas as coisas que precisavam tanto de um lado escuro como de um lado claro para existir. Uma ao lado da outra, as folhas talvez até fossem ela e Vincent juntos.

Voltou a colocar o quadrado de plástico no bolso e endireitou os óculos de sol. O jardim estava cheio de gente e ninguém parecia prestar-lhe atenção. O que era uma sorte, porque seria perfeitamente possível que tivesse começado a corar.

Apoiado nas muletas, Vincent avançou ao longo do caminho pedonal do parque de Tantolunden. Recordou-se de outro dia quente em que andara ali, um dia em que tivera a companhia de Mina. Fora há demasiado tempo. Vincent decidiu que estava na hora de o fazer outra vez, antes de o verão acabar. Se Mina quisesse, claro. Suspeitava que ainda estava um pouco no vermelho com ela.

Mas não fazia mal, tinha tempo para se redimir.

Vincent não contara a ninguém quão perto estivera de pegar no copo errado, no quarto com Nova. O estratagema com as garrafas fora propositado, para plantar a ideia na cabeça de Nova de que Vincent poderia ter servido o veneno nos dois copos. Mesmo que ela não acreditasse que ele realmente o tivesse feito, o pensamento estaria lá de qualquer forma, e ajudaria a reforçar a credibilidade quando fingisse que estava a morrer.

Quando batera com a garrafa de veneno contra o canto do copo, fora com a intenção de fazer aquilo que na linguagem da magia se chamava um *nick*, uma marca invisível para quem não estivesse à sua procura, mas que o ajudaria a saber qual era o copo certo. Era uma técnica antiga, usada entre outras coisas por videntes trapaceiras quando faziam sessões de espiritismo para várias pessoas ao mesmo tempo. Uma rotina clássica era cada participante da sessão escrever uma pergunta pessoal num pequeno pedaço de papel. Os papéis eram verificados primeiro para garantir que eram todos idênticos entre si, de forma a assegurar o anonimato de quem escrevera a pergunta. Porém, quando o assistente da vidente recolhia as perguntas, fazia uma pequena marca no canto do papel com a unha. Ao sentir a posição da marca, a vidente poderia então saber a quem pertencia cada pergunta, e assim fingir que os espíritos a guiavam para a pessoa certa.

No entanto, não ficara marca nenhuma no copo. Vincent devia ter batido com mais força. Quando Nathalie, de seguida, mudara a posição dos copos, ele não fazia a mais pequena ideia de qual deles continha o veneno.

No final, escolhera ao acaso.

E correria bem. Tirando o pormenor do pé partido, claro.

Depois do último encontro com o grupo policial, e tendo em conta tudo aquilo por que tinham passado, fora-lhes sugerido apoio psicológico, tanto a ele como a Mina, mas ambos recusaram. A única pessoa com quem Vincent precisava de falar na Polícia era Mina.

Vincent não tencionava cometer o mesmo erro que da última vez e não a contactar. Olhando para trás, percebia que fora desnecessariamente estúpido. O que é que lhe passara pela cabeça para se afastar daquela maneira? Maria teria simplesmente de compreender que ele agora tinha amigos. E, se não compreendesse, então teriam de marcar mais sessões de terapia de casal. Porque Mina vivia nele, bem lá no interior. E não havia nada a fazer em relação a isso. Precisava dela para se sentir completo. Por vezes, Mina era a única pessoa que era verdadeiramente real para ele. Não que alguma vez se fosse expressar assim em voz alta, claro. Não queria parecer completamente louco.

A verdade era que podia telefonar-lhe e sugerir um passeio naquele preciso momento. Porque não? O verão não iria durar para sempre. Ia mesmo fazê-lo! Só tinha outra chamada que precisava de despachar primeiro.

Colocou os seus *airpods* nas orelhas, para conseguir falar ao mesmo tempo que avançava aos saltos nas muletas, e procurou um número no telemóvel.

— Olá, sou só eu — disse Vincent quando Umberto, da ShowLife Productions, atendeu a chamada.

— Olá, Vincent! — exclamou Umberto, alegremente. — Há muito tempo que não tinha notícias tuas. Estás animado por ir para o Fort Boyard amanhã?

Era uma sorte não estarem a falar por videochamada, para Umberto não poder ver o sorriso de Vincent.

— É precisamente sobre isso que te estou a ligar — disse, tentando

soar preocupado. — Infelizmente, tenho más notícias. Magoei o pé, vou ter de andar de muletas algumas semanas. Acho que não vou poder participar no *Prisioneiros do Forte*.

Fez-se silêncio do outro lado da linha durante algum tempo.

— Mas, Vincent, não recebeste a última atualização sobre... Oh, não interessa. Tu tens uma sorte dos diabos, sabes disso? Não faz mal que não consigas andar bem; a produção decidiu que vais ser tu a entrar na cela com os bichos rastejantes. Estás a ver o que é, aquele corredor estreito cheio de coisas com oito pernas e outras maravilhas? De qualquer maneira, aí não precisas de usar os pés, só tens de te arrastar e deixar os braços fazerem o trabalho. Vai ser um sucesso!

Vincent inspirou profundamente. A definição de Umberto de «sorte dos diabos» precisava claramente de ser revista. A última coisa que Vincent pensava fazer era precisamente o que Umberto descrevera. Nunca na vida. Perguntou-se se a produção o libertaria se partisse os dois pés em vez de apenas um. Ou se os amputasse. Parecia-lhe uma medida razoável em comparação com a alternativa.

— Já agora, acabei de falar com a assistente de gravação — continuou Umberto. — Ela ficou tão feliz quando soube que tu ias participar! Chama-se Anna; parece que vocês já se conheceram. Tu deves saber quem é. E tudo bem, isto é um bocado surreal, mas correm rumores de que ela tem a tua imagem tatuada nas costas. Ela vai tratar bem de ti!

Vincent fechou os olhos e apoiou-se nas muletas. Veio-lhe à mente uma imagem de si próprio em roupa de desporto justa, ousadamente aplaudido por um apresentador hiperexcitado, enquanto a sua *stalker* Anna gritava que ele devia aproveitar o dia.

Mina ia morrer a rir.

Fredrik Walthersson estacionou o carro no caminho de gravilha à porta da pequena cabana de verão, na ilha de Djurö. Ele e Josefin eram os últimos a chegar, a julgar pelo número de carros estacionados ao longo do caminho. Atravessaram o relvado até à casa de madeira castanha. O exuberante jardim estava em plena floração, com uma cama de rede pendurada entre duas macieiras. Dia de verão sueco mais bonito do que aquele era impossível. Porém, Fredrik tinha dificuldade em apreciá-lo. Haviam passado vários dias desde que a Polícia os contactara e revelara quem é que raptara Ossian, e que a pessoa em causa se suicidara.

Depois, ele e Josefin ficaram à espera da chamada.

E agora estava ali.

Mauro Meyer saiu de casa e foi ter com eles ao relvado, onde apertaram as mãos.

— Já estão cá todos — disse em voz baixa. — Entrem e vamos começar.

Levou-os até ao interior da cabana. O *hall* de entrada estava cheio de sapatos, e Fredrik descalçou os seus automaticamente. Era engraçado como certas rotinas se tornavam reflexos, independentemente das circunstâncias.

Quando entraram na sala de estar, demorou alguns segundos a reconhecer os outros. Estavam todos tão mais velhos. E o tempo tratara-os de forma muito diferente. Alguns, como Mauro, tinham florescido, os quarenta ficavam-lhe bem. Mas outros, como Lovis Carlsson, pareciam carregar a idade como uma lembrança da morte iminente.

Fredrik acenou com a cabeça para Jens e Janina Josefsson, que estavam sentados em silêncio no sofá. Também lá estavam Hugo e Karin, ao lado de Henry e Tobias. Tal como no caso de Jens e Janina, os seus filhos continuavam vivos. Havia uma clara diferença na atmosfera onde eles estavam sentados, em comparação com o lado onde ele e Josefin permaneciam de pé e onde também Mauro e Lovis

se encontravam.

Fredrik e Josefin sentaram-se à mesa de refeições. Mauro servira café e bolos, que ali ficaram intocados.

— Eu devia era ter servido álcool puro, na verdade — disse Mauro, quando viu Fredrik a olhar para a mesa. — Mas vocês também têm de ser capazes de conduzir de volta para casa. — Aclarou a garganta e continuou para o resto da sala. — Bem, se calhar é melhor começarmos. Estamos todos aqui, exceto a nossa querida e saudosa Vendela. Como vocês sabem, ela escolheu tirar a própria vida na primavera passada, e todos pensaram que também teria levado o Dexter com ela, uma vez que ele desapareceu ao mesmo tempo. Mas há alguns dias surgiu um tópico num fórum da internet a dizer que o filho do Thomas Jonsmark tinha sido encontrado num jardim de Estocolmo. Por isso, temos de assumir que também foi a Nova... quero dizer, a Jessica, quem esteve por trás disso...

Jens e Janina trocaram olhares.

Josefin estava sentada a raspar grãos de açúcar de um dos bolos de canela. Fredrik suspeitava que ela nem se apercebia de que o estava a fazer.

— O Thomas sabe de alguma coisa? — perguntou Henry.

Henry, que, juntamente com Tobias, tinha um filho chamado Alfons. Fredrik nunca conhecera Alfons e também não tinha vontade de o fazer. Porque Alfons, ao contrário de Ossian, ainda estava vivo. Apesar de se sentir envergonhado pelo pensamento, Fredrik trocaria, num abrir e fechar de olhos, uma vida por outra vida. Tal como Jessica fizera. Ou Nova, como passara a chamar-se.

— Não, acho que o Thomas não sabe de nada — disse Mauro. — Eu também não contei nada à Jenny, e estive em vias de correr tudo muito mal quando ela tentou incriminar-me pelas mortes. Mas não disse nada na altura e também não direi nada agora. A Cecilia também não sabe. De certa forma, talvez até tivesse sido justo, se eu tivesse sido condenado.

— Não penses assim — disse Josefin, colocando a mão no braço de Mauro. — Foi há muito tempo. E tratou-se de um acidente. Nós não fazíamos ideia do que ia acontecer. Éramos crianças. Éramos parvos, queixinhas e estúpidos, mas éramos crianças.

— Não foi acidente nenhum — retorquiu Mauro com amargura. — Fomos nós que mentimos. O John nunca fez nada, ele era inocente. Mas nós inventámos histórias sobre ele e os outros e já nem sequer me lembro porquê. Pela emoção? Vingança por alguma coisa que ele disse de que nós não gostámos? Porque ouvimos dizer que eles eram estranhos? Mas o fator decisivo foi que os nossos pais acreditaram nas nossas mentiras. E, a partir daí, descarrilou tudo. Catastroficamente. Nunca foi... nunca pensámos... nenhum de nós acreditou que os nossos próprios pais iam...

Calou-se. Ninguém disse nada. O sentimento de culpa pesava sobre a sala.

— Eu também nunca contei nada ao Jörgen — confessou Lovis, com a voz rouca. — Ele está preso em Hall pelo homicídio do William, e por mim pode lá ficar a apodrecer até à eternidade, esse cabrão, apesar de não o ter feito.

Fez-se silêncio na sala. A maior parte deles olhou para o chão.

Em tempos, teriam movido montanhas uns pelos outros. Mas depois a vida seguira. Alguns deles tinham-se tornado, ou continuaram a ser, casais. Alguns tinham tido carreiras fantásticas. Outros viviam vidas tranquilas. Lovis era a única a quem a vida correra muito mal. E Vendela, claro. Pobre Vendela. Mas como é que qualquer um deles poderia saber que as coisas acabariam tão tragicamente para ela?

Tinham jurado nunca se contactarem. Nem sequer quando Josefin mostrara o artigo de jornal a Fredrik, no verão anterior, sobre uma menina chamada Lilly Meyer ter sido encontrada morta ele tinha entrado em contacto com Mauro.

— O que aconteceu é terrível de uma maneira que nem dá para descrever — disse Mauro. — Mas agora acabou. A Jessica está morta.

Por isso, só quero saber se a promessa que fizemos uns aos outros ainda é válida. Que nenhum de nós vai dizer nada. Ou há alguém que tenha mudado de ideias? Alguém sentiu vontade de falar com a Polícia sobre o passado, ou com a comunicação social, já agora?

Todos na sala abanaram a cabeça decididamente.

— Ainda bem — continuou Mauro. — Então ficamos assim. Aqueles de vocês que estão em contacto, tenham cuidado. Utilizem o WhatsApp e não escrevam os vossos nomes verdadeiros. Mas o melhor, como dissemos logo na altura, é não nos falarmos de todo. Isto é um peso que temos de carregar juntos. Em silêncio. E aqueles de vocês que ainda têm pais vivos, não os deixem saber de nada. Já é difícil o suficiente para nós lidarmos com a nossa culpa; eles não precisam de carregá-la também. Se não tivéssemos mentido, isto nunca teria acontecido. Eu pelo menos vejo as coisas assim. O que está enterrado deve continuar enterrado.

Os restantes assentiram em silêncio. Depois, levantaram-se e foram-se embora sem se despedirem.

Era de noite. A maior parte da família já tinha começado a preparar-se para ir para a cama, mas Vincent estava demasiado inquieto para isso. Uma inesperada tempestade de verão aproximava-se e o vento fustigava as árvores em frente à casa. Os troncos rangiam e as folhas farfalhavam como se quisessem libertar-se. Vincent estava sentado no escritório a olhar para a página do jornal que já lera tantas vezes antes.

MAGIA ACABA EM TRAGÉDIA!

Numa quinta nos arredores de Kvibille, uma brincadeira de ilusionismo acabou por se transformar em realidade fatal.

Vincent perdera a conta ao número de vezes que vira aquela frase introdutória, mas desde que fora buscar o artigo à estante de livros na semana anterior não conseguira voltar a guardá-lo. Lera-o vezes sem conta, tentando recordar-se do encontro com o jornalista curioso. Mas era tudo muito vago e indistinto. Passara tanto tempo. E Vincent não estivera verdadeiramente... presente.

Recordava-se de um polícia amigável e de uma mulher brusca, mas era impossível saber quais das suas memórias eram reais e o que eram fantasias, remendadas na mente de uma criança a partir de imagens de séries de televisão, livros e realidade. A verdade estava algures no meio, obviamente. Vincent sabia que muito poucas das suas memórias, se é que alguma, tinham acontecido exatamente da forma que ele as recordava. E os olhos tristes de sete anos que olhavam para ele a partir da página do jornal eram uma memória que ele fizera os possíveis para filtrar.

Porém, os três quebra-cabeças em cima da sua secretária não deixavam dúvidas: alguém queria muito recordá-lo do que acontecera quando ele era pequeno. E, quem quer que fosse, não era Jane nem Nova. Vincent pensara que fora Nova a enviar-lhe o *puzzle*, ou como forma de o confundir, para afastar a sua mente da investigação, ou, tendo em conta os traços narcisistas de Nova, como forma de lhe enviar pistas importantes. Não era invulgar que pessoas que se tinham em alta consideração quisessem partilhar a sua perceção do seu

próprio brilhantismo com aqueles que consideravam suficientemente inteligentes para as compreender.

Porém, não se tratara disso. Não fora Nova que lhe enviara o quebra-cabeças. E também não fora ela que enviara o artigo de jornal a Ruben.

Alguém, algures, estava a jogar um jogo sinistro com ele, e Vincent não fazia a mais pequena ideia de quem seria.

— O que é que estás a fazer? — perguntou Maria da porta. — O disco que tinhas a tocar na sala acabou há muito tempo. Comfort Module, que raio de nome para uma banda... — Maria olhou para ele com um ar preocupado. — Não te sentes bem?

Vincent não conseguiu responder. Na verdade, não sabia responder. Colocou automaticamente a mão sobre o artigo de jornal na secretária; claro que era um gesto infantil, mas não tinha energia para responder às perguntas que ele levantaria. Maria viu o jornal, como Vincent sabia que iria acontecer, e depois olhou para ele, mas optou por não comentar.

— Estás com péssimo ar — disse ela. — Anda, eu ajudo-te a ir para a cama. Amanhã vais para o Fort Boyard, tens de estar com forças. Deixa-me arrumar isto e depois vamos deitar-nos.

Maria pegou nos três quebra-cabeças colados com fita-cola que estavam em cima da mesa e juntou-os num monte. Felizmente, pareceu não reparar nas estranhas mensagens.

— Onde é que queres que guarde isto? — perguntou-lhe, agitando o molho de papéis sob a luz do candeeiro de mesa.

Vincent esfregou os olhos. Maria talvez tivesse razão, não devia estar ali sentado, sozinho com os seus pensamentos. Apreciou a consideração espontânea da parte dela, apercebendo-se de que sentira a sua falta. De repente, letras vivas esvoaçaram sobre a secretária. Dançavam sob a luz do candeeiro, tornaram-se indistintas e depois nítidas novamente. Estaria a ter visões por ter esfregado os olhos com demasiada força? Não, as letras eram absolutamente reais. Um ruído

súbito e seco disse-lhe que o vento acabara de partir um ramo de uma das árvores.

— Espera! — exclamou, e tirou o *puzzle* das mãos de Maria.

A mulher encolheu os ombros.

— Pelo menos tentei — disse Maria. — Não demores a vir para a cama, por favor. É que não estás mesmo com bom ar.

Maria saiu do escritório enquanto Vincent observava atentamente o molho de papéis.

Os buracos.

Cada um dos três *puzzles* colados com fita-cola tinha buracos demasiado grandes e irregulares entre as peças de *Tetris* para significarem alguma coisa. No entanto, quando os *puzzles* eram sobrepostos, as irregularidades transformavam-se num padrão. Os buracos estavam aproximadamente na mesma posição em cada *puzzle*, mas tinham formas diferentes. Quando se fazia uma sobreposição, os buracos criavam novos contornos, mais limitados.

Letras. Os furos formavam letras.

Vincent afastou o artigo de jornal e segurou o *puzzle* por baixo do candeeiro, tal como Maria fizera. A luz que atingiu a secretária através dos buracos formou uma palavra distinta.

CULPADO

A escuridão começou a murmurar dentro dele e os seus olhos encheram-se de lágrimas. Teve de piscar os olhos repetidamente para conseguir ver.

Não era justo. Fizera tudo o que podia; porque não podia livrar-se daquilo? Voltou a piscar os olhos com força e o seu olhar fixou-se na fotografia do artigo de jornal. A fotografia do menino que já tinha sido ele.

As lágrimas tornaram a fotografia desfocada e, subitamente, viu duas linhas na imagem mais fortes do que as outras. Limpou os olhos às costas da mão e olhou outra vez. Alguém desenhara na imagem

com uma caneta. Ele próprio costumava fazer aquilo quando era pequeno e não tinha nada melhor com que se entreter. Mesmo em adulto, muitas vezes pegava numa caneta e seguia os contornos das pessoas ou de objetos nos jornais, enquanto pensava. Para terminar, costumava acrescentar um bigode.

Não pensara naqueles rabiscos antes quando lera o artigo, em parte porque eram difíceis de ver, uma vez que a tinta desbotara, e, por outro lado, porque as linhas apenas seguiam a borda da frente da caixa de magia, que estava em pano de fundo na imagem.

A caixa onde a mãe...

Interrompeu aquela linha de pensamento e concentrou-se na fotografia novamente. A escuridão dentro de si aumentou em tamanho e força.

Os rabiscos na imagem consistiam em três linhas, uma delas seguia a borda superior da caixa de magia e ligava-se a uma linha que descia ao longo da lateral da caixa. A terceira linha corria entre as duas primeiras.

Apercebeu-se subitamente do que é que estava a ver.

Era um A. A, como em alfa. O início.

Puxou bruscamente o cartão que acompanhara o terceiro quebra-cabeças e leu-o.

Não tens ninguém a quem culpar senão a ti próprio. Podias ter escolhido outro caminho, mas não o fizeste.

Então chegámos ao teu ómega.

Vincent pensara que, se descobrisse o que era o começo, poderia perceber mais facilmente o que o criador dos quebra-cabeças queria dizer. O que é que chegaria ao fim. E agora encontrara-o. O criador do *puzzle* delineara o início para ele já quando Ruben recebera o artigo dois anos antes, mas Vincent não olhara. O início fora quando ele tinha sete anos e a sua mãe morrera. Quando ele se tornara Vincent Walder, que contava números pares e criava padrões intrincados para evitar sentir alguma coisa. Quando a escuridão se mudara para dentro

de si.

Era esse o seu alfa.

Vincent pensara que seguira em frente com a sua vida, mas a mensagem do quebra-cabeças era clara: não lhe era permitido deixar nada para trás. Tudo começara ali, na quinta de Kvibille. E agora alcançara-o.

Então chegámos ao teu ómega.

O início do teu fim.

O vento uivava ao redor da casa e batia nas janelas como se estivesse a tentar entrar. Teria de prestar contas, mais de quarenta anos depois da morte da sua mãe; iria finalmente receber o seu castigo. Não sabia de quem. Ou quando chegaria. Só sabia que estava a caminho. A escuridão que vivia dentro de si rugiu de forma tão ensurdecadora que Vincent tapou os ouvidos com as mãos.

QUINTA DE CAVALOS DE SORUNDA, 1996

Jessica tinha sonhado. Não era muito claro sobre o quê, mas tinha sido um sonho bom, em que a deixaram juntar-se aos grandes. O que fizera com que percebesse que se tratava de um sonho. De resto, nunca a deixavam estar com eles, a não ser à distância. Achavam que ela era demasiado pequena. E demasiado estranha. Aquilo de ser pequena ela compreendia, apesar de não ser assim tão mais pequena do que eles, mas aquilo de ser estranha não. Não havia nada de estranho com a sua família, tirando que eram muitos e o facto de ela nunca ter percebido exatamente todas as ligações. A mãe e o pai ela sabia, obviamente, eram a mãe e o pai. Todos os outros eram simplesmente... família.

Virou-se na cama e enterrou a cara na almofada. Queria regressar para o sonho. Onde ninguém gozava com ela. Onde ainda podia ir para a escola em Ösmo, sem ninguém a sussurrar coisas nas suas costas. Os grandes tinham era inveja, Jessica sabia disso. O pai já não os deixava vir à quinta, dizia que tinham de crescer e aprender boas maneiras primeiro. Só podiam voltar a visitar os cavalos quando parassem de falar mal dos outros.

Não era comum ouvir o pai dizer coisas assim. Ele era sempre tão bonzinho, mais bondoso do que qualquer outra pessoa em todo o universo. Claro que a mãe também era bondosa, mas às vezes conseguia ser severa. O pai era especial. Às vezes, quando tentava descrever quanto o amava, as palavras não eram suficientes. O pai costumava dizer que a amava da Terra até à Lua e de volta, mas a Lua estava demasiado perto. Ela amava-o tanto que não era possível descrever com nada que pudesse ser visto.

Sentiu um cheiro esquisito. Afastou o cobertor para o lado e colocou os pés no chão. Estava descalça porque era verão, mas esta noite o chão estava mais quente do que o normal. Pareceu-lhe ter ouvido vozes, vozes exaltadas, vozes de adultos. Mas não tinha a certeza se era sonho ou realidade.

Abriu a porta e saiu silenciosamente do quarto. O cheiro tornou-se

mais forte, picou-lhe as narinas e fê-la tossir fortemente. Desceu sorrateiramente as escadas enquanto tapava a boca com a mão. Teve o cuidado de evitar os degraus que sabia que rangiam; a mãe não ficaria nada contente se fosse acordada.

Quando chegou ao andar de baixo, viu o fogo de imediato. O cheiro era tão forte que os seus olhos começaram a lacrimejar. O corredor estava em chamas e a porta encontrava-se entreaberta. Teria estado ali alguém?

Através da porta, viu o estábulo. Também vinham chamas de lá e ouviu de passagem os lamentos dos cavalos. Sem pensar, correu através do fogo e saiu pela porta da frente. As chamas estenderam-se para ela, mas não a apanharam. Com o coração a bater violentamente, atravessou o pátio a correr em direção ao estábulo. Quando se aproximou, ouviu *Estrela* gritar. *Estrela*, que era a sua égua preferida. Uma pônei pequena, com manchas brancas e cinzentas e o focinho cor-de-rosa. Jessica adorava *Estrela*. Quase tanto como adorava o pai. Tinha assistido ao nascimento de *Estrela*, vira os seus primeiros passos cambaleantes, alimentara-a com um biberão. E o pai dissera-lhe que *Estrela* podia ser o primeiro cavalo que era só dela.

Estrela gritou mais alto, como se estivesse a pedir ajuda às suas estrelas irmãs no céu. Os gritos dos outros cavalos misturaram-se com os dela. Mas a porta estava fechada, não conseguiam sair. As chamas já atingiam vários metros de altura e lambiam a parede do estábulo em direção ao céu noturno.

A porta do estábulo estava trancada. Com as lágrimas a caírem-lhe pelo rosto, Jessica tentou levantar a tranca de ferro. Os gritos angustiados de *Estrela* soavam cada vez mais alto, mas a trave estava demasiado alta e era demasiado pesada; Jessica não a conseguia mover.

Sentiu o calor do fogo aproximar-se dela a uma velocidade vertiginosa, mas não se importou com isso, só se importava com a sua *Estrela*. Berrou para o céu, de impotência e medo, rezou como nunca tinha rezado antes, mas a tranca não se moveu um milímetro.

Depois sentiu alguém puxá-la violentamente para longe da porta.

— Não, não, não — gritou Jessica, agitando freneticamente os braços para se soltar, mas a pessoa que a segurava era demasiado forte.

— Pronto... pronto... é tarde, não vais poder salvá-los.

A voz do pai no seu ouvido, os seus braços fortes a envolverem-na. Jessica soluçou convulsivamente, gritou e bateu-lhe no peito, mas ele só a abraçou com mais força. Depois levantou a cabeça, o calor do fogo atrás dela a bater-lhe nas costas.

— A mãe? — perguntou, e só então olhou de volta para o edifício principal.

Já não eram só algumas chamas no *hall* de entrada, toda a casa estava cercada de labaredas e o som do fogo rugia na noite de verão.

— É demasiado tarde — disse o pai. — Acordei demasiado tarde. Mas nós os dois ainda nos podemos salvar.

Pressionou o rosto contra o cabelo dela. Depois, pegou-a ao colo e atravessou o pátio a correr. Jessica perdera as forças, toda a capacidade de se soltar dos braços do pai. Tudo desaparecera. O colo do pai era a única coisa que lhe restava.

— De certeza que foi um acidente — disse ele. — Eles não queriam fazer isto, a gasolina era só uma ameaça. Mas estavam tão zangados. Disseram que os filhos tinham dito que... Não compreendo, só pode ter sido um acidente...

Jessica viu no pai que ele não acreditava nas suas próprias palavras.

Pousou-a cuidadosamente no banco do passageiro do carro, mas não lhe colocou o cinto de segurança; apenas fechou rapidamente a porta, correu à volta do carro, sentou-se ao volante e ligou o motor.

Viram silhuetas humanas no meio da escuridão, junto à berma da estrada. As chamas assombravam os seus rostos, mas era difícil determinar quantas pessoas ali estavam. Recuaram para as sombras e ficaram quietas quando o carro passou.

O carro ressaltou na estrada de gravilha e, por um breve momento, os faróis iluminaram os rostos das silhuetas. Com a claridade, Jessica viu-as todas com a mesma nitidez como se fosse dia. Estavam de bocas abertas e olhares fascinados, a observarem o inferno que tinham criado. Reconheceu-os de quando iam deixar e buscar os filhos às aulas de equitação.

E, subitamente, percebeu tudo. Sabia que tinham sido os adultos a atear o fogo que via arder em labaredas até ao céu através do vidro traseiro do carro. Mas tinha ouvido os sussurros na escola, os rumores que corriam sobre a sua família. E sabia que, na verdade, tinham sido as crianças a começar o incêndio, com as suas conversas maldosas e as suas mentiras. Até sabia como se chamavam. Fredrik. Lovis. Josefin. Mauro. Vendela. Henry. Karin. Tobias. Hugo. Jens. Janina.

— Prometo — disse baixinho para si mesma.

Pensou em *Estrela* a arder no estábulo.

E pensou na sua mãe.

Era como se houvesse um incêndio dentro dela também.

— Prometo que um dia vou tirar-vos a coisa mais importante que tiverem — disse por entre dentes cerrados.

Depois, virou-se para a frente outra vez. Aquele pensamento dera-lhe alguma tranquilidade. Iria correr tudo bem. Agora tinha um objetivo.

Atravessar a escuridão de carro era como andar num túnel, onde apenas um pequeno ponto à frente deles estava iluminado. Mas não tinha medo, estava com o pai, ia correr tudo bem.

Iam muito depressa, mais depressa do que ele alguma vez conduzira antes. Jessica abriu a janela do seu lado, virou o rosto para o vento e fechou os olhos. O vento estava morno e acariciava o seu rosto, enquanto avançavam pelo caminho de gravilha. Ainda conseguia ouvir o fogo atrás deles. Dali a pouco, chegariam à ponte. Jessica adorava a ponte e a água que corria ferozmente sob ela. Às vezes, o pai parava o carro no meio da ponte, só para ela poder ficar a olhar para a água.

Adorava a imagem de liberdade da água a fazer o que queria, a abrir caminho por onde podia, a saltar, a viver. Era precisamente como o fogo, mas ao contrário. A água dava vida. Esperava que o pai parasse na ponte desta vez também. Para que ela pudesse trocar os gritos de *Estrela* pelo rugido da água turbulenta. Mas o pai não abrandou. Em vez disso, acelerou ainda mais. Até já não estarem na ponte, mas a voar pelo ar. Depois, o rugido da água encheu-lhe os ouvidos. Porém, não ajudou, ainda conseguia ouvir os gritos de *Estrela*.

E sabia que nunca, jamais deixaria de os ouvir.

Agradecimentos

Já foi muitas vezes referido, mas vale a pena salientar outra vez: não se escreve um livro sozinho. Nem mesmo com dois escritores, na verdade. Temos uma dívida de gratidão para com um grande número de pessoas, que nos ajudaram a manter este livro no caminho certo.

Para começar, referimos todos aqueles que nos ajudaram com o conteúdo:

Kelda Stagg, M. Sc., técnica forense da Autoridade Policial de Estocolmo, continuou a explicar-nos (de forma quase exageradamente detalhada) o que acontece com um corpo após a morte — por exemplo, se tiver sido enterrado num relvado ou como abri-lo da forma correta. Com os seus conhecimentos de microbiologia, também corrigiu os nossos erros mais grosseiros no que diz respeito a bactérias que podem ser transmitidas de cavalos para pessoas, uma área muito mais complexa do que poderíamos ter imaginado.

(Kelda Stagg também é um dos três cérebros por detrás da conta de Instagram @liketefterdoden; siga-a se sentir um fascínio tão grande por estas coisas como nós!)

Também recebemos ajuda inestimável de pessoas com conhecimentos sobre o trabalho de negociação da Polícia, que escrutinaram Adam, a nossa nova personagem, e garantiram que ele se comportava de forma verosímil em situações de pressão, assim como que os nossos polícias agiram corretamente em situações de rusgas. Claro que Adam tem as suas próprias falhas, mas sentimos apenas admiração pelos negociadores da vida real e as suas competências. Devido à sensibilidade da sua profissão, pediram-nos para permanecerem anónimos, mas deviam ver as danças na corda bamba que estas pessoas fazem rotineiramente.

Magnus Svensson, inspetor criminal na prisão de Hall, respondeu com enorme paciência a mais *e-mails* do que provavelmente contava receber sobre as rotinas de visita a Hall. Pode parecer uma coisa pequena, mas já sabem o que se diz sobre os detalhes. É aí que *ele* está.

Eline Dinnetz, com o seu cérebro matemático maior do que os nossos dois juntos, deu-nos apoio no que diz respeito aos cálculos do número de permutações de anagramas e outras coisas que são óbvias para ela, mas que nos pareceram provocar nós apertados nos nossos lobos frontais quando tentámos fazê-los sozinhos.

Depois queremos agradecer a todos vocês que generosamente responderam a *e-mails* enigmáticos e telefonemas sobre pinturas em paredes, quartos de hotel e tudo o mais que precisávamos de saber — ou que, de outra forma, contribuíram com informação e inspiração.

Como sempre, precisámos de tomar certas liberdades com a realidade, tanto em termos de detalhes do trabalho policial (as casas de penhores, por exemplo, não recebem listas de «joias vulgares» roubadas, que nós saibamos) como do mundo em geral (nem o infantário Backen, nem o centro de estudos Epicura existem na realidade). Esperamos que a história só tenha melhorado por isso.

No entanto, são precisas mais pessoas além das mencionadas acima para que este conteúdo se possa tornar um livro real. Sem as pessoas abaixo, *A Seita* ainda seria apenas um documento Word muito longo.

Para começar, temos a equipa incansável da editora Forum. São muitas as pessoas envolvidas, mas duas delas assumem a liderança. Prometemos carinhosa e solenemente à nossa editora Ebba Östberg que este livro não seria mais grosso do que o anterior. Mentimos. Desculpa. A nossa revisora Kerstin Ödeen, por esta altura, já confirmou que mais de um milhão de letras e vírgulas estão onde deveriam estar, além de verificar factualmente todas as nossas centenas de afirmações sobre tudo o que se possa imaginar. Grandes abraços de obrigado e, mais uma vez, desculpa.

Aplausos extra para o nosso *designer* Marcell Bandicksson, que, com as suas capas, compreendeu perfeitamente as nossas mentes estranhas e criou os livros mais bonitos da história do livro impresso.

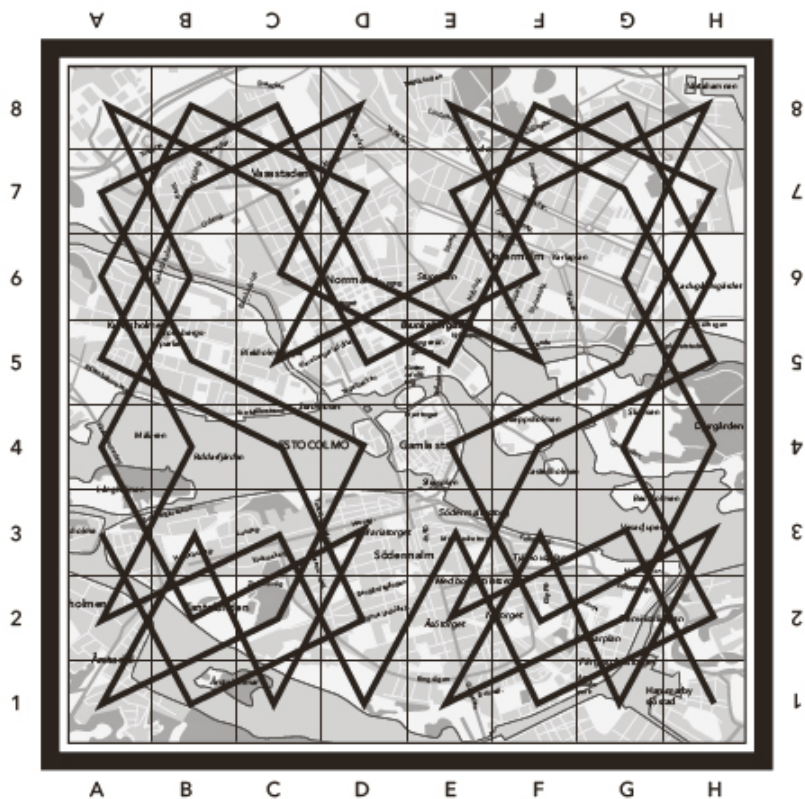
Joakim Hansson, Anna Frankl, Signe Lundgren e os restantes da agência Nordin Agency, assim como Lili Assefa e Paulina Bånge e

colegas da agência Assefa Kommunikation, fazem todos um trabalho fantástico para nos dar dimensão internacional, que continua a deixar-nos sem palavras. Se estiver numa ilha remota do Japão ou no topo das montanhas nepalesas e aí, numa pousada, encontrar um livro sobre o Vincent e a Mina traduzido para a língua local, é graças a estas superestrelas.

Não obstante, o maior agradecimento de todos é para si, querido leitor, que escolheu fazer esta viagem juntamente connosco, e com o Vincent e a Mina. Uma história só se cria realmente quando alguém beneficia dela. Portanto, obrigado por ter dado vida ao Vincent e à Mina. Esperamos que se tenham tornado suficientemente amigos para querer acompanhá-los também da próxima vez.

Agradecimento pessoal da Camilla: Sem as pessoas próximas de mim na minha vida privada, nunca seria capaz de escrever livro nenhum. O seu apoio, encorajamento e amor carregam-me ao longo das páginas. O maior agradecimento de todos é para o meu marido, Simon, os meus filhos, Wille, Meja, Charlie e Polly. Mas também quero agradecer ao meu sistema de apoio na vida quotidiana e no meu trabalho, sob a forma de Mathilda Norman, Natasa Maric e Johan Hultman. E a todos os meus amigos... O que seria de mim sem vocês? Ninguém é mencionado, ninguém é esquecido, mas espero que saibam o quanto significam para mim.

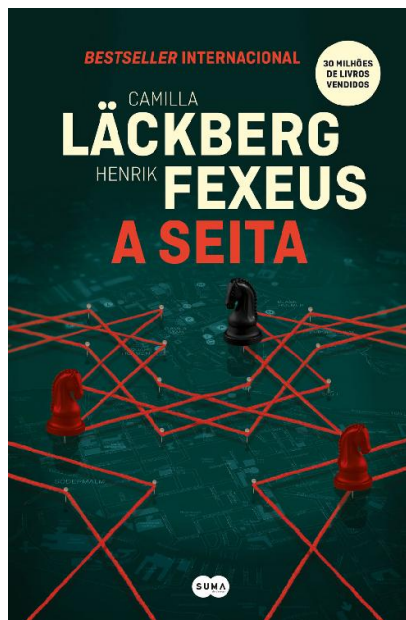
Agradecimento pessoal do Henrik: Escrever um livro durante uma pandemia é algo especial. A *Seita* ganhou vida durante um período em que eu e a minha família nos vimos mais do que alguma vez pensámos ser possível. Por isso, quero conceder medalhas de honra à Linda e aos meus filhos, Sebastian, Nemo e Milo, porque ainda nenhum deles me assassinou durante o sono. Obrigado também a todos os amigos que continuaram a aplaudir-me e a apoiar-me. Por fim, um agradecimento especial ao meu amigo e mentalista Anthony Heads pelas longas discussões acompanhadas de bons *whiskies* e maus *cocktails*.



Sobre este livro

ELES PENSAVAM QUE ERA UM SIMPLES RAPTO.

ESTAVAM ENGANADOS



Quando uma criança de cinco anos desaparece misteriosamente em plena luz do dia do infantário que frequentava, a investigadora Mina Dabiri e os seus colegas da Polícia de Estocolmo são chamados a assumir a linha da frente da investigação.

O rapto tem muitas semelhanças com um sequestro anterior que terminou de forma trágica, o que leva Mina a recorrer a Vincent Walder, especialista em linguagem corporal e mentalista, para os ajudar na investigação. Vincent rapidamente percebe que o caso, repleto de códigos numéricos e mensagens codificadas, parece seguir um padrão de conotações rituais com uma lógica rigorosa por trás.

Sem encontrarem respostas de imediato, mais crianças desaparecem e, à medida que a investigação avança, fica claro que o tempo se está a esgotar para todos os envolvidos. Parece haver uma seita responsável por todos os comportamentos extremos e ritualísticos ligados ao caso, mas quem está ao comando? E, acima de tudo, com que objetivo?

O ASSASSINO CALCULOU TODOS OS LANCES

E ESTÁ PRONTO PARA O XEQUE-MATE

Sobre os autores

CAMILLA LÄCKBERG fez a sua estreia em 2003 com *A Princesa de Gelo*, recebido com elogiosa crítica e que rapidamente encontrou um vasto número de leitores. Camilla Läckberg é, atualmente, uma das autoras mais lidas da Suécia. Os seus livros venderam trinta milhões de exemplares em mais de sessenta países. Além da série de sucesso internacional Fjällbacka, é autora da série *Faye — Uma Gaiola de Ouro e Asas de Prata* — e dos romances *Mulheres Que Não Perdoam* e *A Noite É Um Jogo*, todos publicados pela Suma de Letras.

Camilla Läckberg foi distinguida com o prémio Mulher do Ano, na Suécia, os prémios Folket e SKTF de Melhor Autora do Ano, o Grand Prix de Littérature Policière, em França, e o People's Literature Award, entre outros.

HENRIK FEXEUS é um dos oradores mais procurados da Suécia, um mentalista reconhecido mundialmente e um dos mais respeitados especialistas em linguagem e comunicação corporal. Os seus livros conquistaram vários prémios, venderam mais de um milhão de exemplares e estão traduzidos em mais de trinta idiomas.

Bestseller internacional, *A Seita* é o segundo livro da trilogia escrita por esta dupla imbatível, seguindo-se ao livro *A Caixa* (Suma de Letras, 2022).